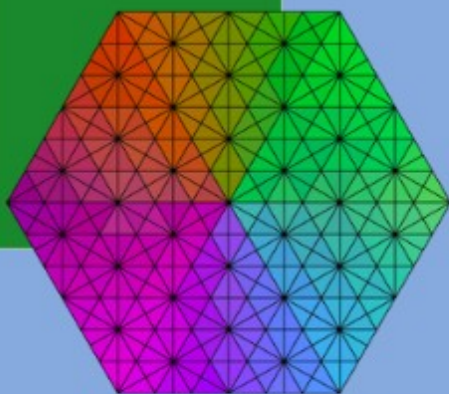


Os três biótipos terrestres: um exercício de *bricolagem* com a obra completa de Pietro Ubaldi



André René Barboni (Organizador)



Núcleo de Pesquisa e Extensão em Filosofia, Saúde, Educação e Espiritualidade

Ficha catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado - UEFS

T73 Os três biótipos terrestres: um exercício de bricolagem com a obra completa de Pietro Ubaldi [recurso eletrônico] / Pietro Ubaldi; André Renê Barboni (organizador). – Feira de Santana: NFSEE, 2021.
422 p.: il.
Ebook
Formato PDF
ISBN 978-65-00-31795-4
1. Filosofia evolucionária. 2. Espiritualidade. 3. Forte. 4. Astuto. 5. Justo. I. Pietro Ubaldi, 1886-1972. II. Barboni, André Renê, org. III. Núcleo de Pesquisa e Extensão em Filosofia, Saúde, Educação e Espiritualidade. IV. Universidade Estadual de Feira de Santana.

CDU: 13

Rejane Maria Rosa Ribeiro – Bibliotecária CRB-5/695

Núcleo de Pesquisa e Extensão em Filosofia, Saúde, Educação e Espiritualidade da UEFS
Av. Transnordestina, S/N – CRIS – Anexo do MT6
Novo Horizonte – CEP: 44.360-900
Feira de Santana – BA
Tel.: (75) 3161-8380 | E-mail: barboni@uefs.br
<http://fsee.uefs.br/>

André René Barboni

Os três Biótipos Terrestres: um
exercício de *bricolagem* com a obra
completa de Pietro Ubaldi

Núcleo de Pesquisa e Extensão em Filosofia, Saúde,
Educação e Espiritualidade da UEFS

Núcleo de Pesquisa e Extensão em Filosofia, Saúde, Educação e Espiritualidade da UEFS (NFSEE-UEFS)

1ª Edição – Copyright©2021 livre

Direitos de Edição Reservados ao Núcleo de Filosofia, Saúde, Educação e Espiritualidade da UEFS.

Nenhuma parte desta obra poderá ser utilizada indevidamente, sem estar de acordo com a Lei no 9.610/98. Se incorreções forem encontradas, serão de exclusiva responsabilidade de seus organizadores. Foi realizado o Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional, de acordo com as Leis nos 10.994, de 14/12/2004, e 12.192, de 14/01/2010.

FICHA TÉCNICA

REITOR	Evandro do Nascimento Silva
VICE-REITORA	Amali de Angelis Mussi
PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO	Rita de Cássia Brêda Mascarenhas Lima
PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO	Fabiana Cristina Bertoni
DIRETORA DO DSAU	Sílvia da Silva Santos Passos
COORDENADOR DO NFSEE-UEFS	André Renê Barboni
PRODUÇÃO EDITORIAL	André Renê Barboni
REVISÃO	André Renê Barboni
DIAGRAMAÇÃO	André Renê Barboni
CAPA	André Renê Barboni
PREFÁCIO	Suzi de Almeida Vasconcelos Barboni

Dedicatória

Para

Antônio Barboni

Agradecimentos

A Pietro Ubaldi.

Ao Instituto Pietro Ubaldi, em especial ao Marcus, que não colocaram qualquer objeção ao uso dos trechos da Obra do professor Pietro Ubaldi na construção deste trabalho que não visa ao auferimento de qualquer tipo de remuneração a não ser o imenso prazer de contribuir para a divulgação da Obra do nosso grande irmão e professor, Pietro Ubaldi.

Aos demais amigos e admiradores da Obra do professor Pietro Ubaldi. Que essa seja mais uma semente capaz de ampliar ainda mais a nossa fraternidade de luta em prol da nossa evolução rumo ao Sistema.

Em especial, agradeço a Maurício Crispim, a Jorge Damas, a Júlio Damasceno, a Gilson Freire e aos amigos do Núcleo Pietro Ubaldi de Feira de Santana por todo o trabalho em prol da divulgação da Obra do professor Pietro Ubaldi.

A todos vocês, Gratidão!

“E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.”

João 8:32

André René Barboni (Organizador)

Apresentação

Este é um trabalho de pesquisa envolvendo a obra do filósofo evolucionário, Pietro Ubaldi, por quem nutro profunda admiração e respeito. Um autor que expande o conceito de evolução trazendo-nos não só a sua dimensão material, mas também, a sua dimensão espiritual. Como bem identificou Carter Phipps no seu livro: “Evolucionários – revelando o potencial espiritual e cultural de uma das maiores ideias da ciência”, esse grupo especial de pensadores evolucionários, que inclui a figura de Pierre Teilhard de Chardin, consegue conciliar Bíblia e Evolução e mostrar que existe uma verdade mais profunda que uma visão curta e limitada dos campos religioso e científico, separados, não consegue alcançar.

Mas, para tratar de Pietro Ubaldi, preciso falar um pouco de mim, como cheguei a ele e por que escolhi esse recorte. Então, qual é o “meu lugar de fala”?

Sou brasileiro, branco, paulista, casado há 32 anos com Suzi, uma baiana, que como eu, nasceu em família espírita, também é professora da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e estudiosa das obras do professor Pietro Ubaldi. Minha primeira formação acadêmica foi em Engenharia Elétrica na Universidade de Brasília (UnB), onde conheci minha esposa quando ela cursava o mestrado em Biologia Molecular e eu era estudante do mestrado em Telecomunicações (Processamento Digital de Sinais). Para nós foi um reencontro de almas que estavam em uma longa jornada de um crescimento pessoal e coletivo, cheio de altos e baixos, tentando acertar e se manter no bom caminho da evolução rumo ao *Sistema*.

A nossa história envolveu uma aproximação minha da área da Saúde, ainda no mestrado, quando me encantei com a área da Engenharia Biomédica e apliquei os conhecimentos do Processamento Digital de Sinais no desenvolvimento de ferramentas para o estudo e análise dos sinais de eletrocardiografia e vectocardiografia. Segui por esse caminho e trabalhei no setor de informática do Hospital Universitário de Brasília, depois passei num concurso para trabalhar na Rede Sarah de Hospitais do Aparelho Locomotor, onde trabalhei no Laboratório de Movimento em Brasília e depois em Salvador.

Na segunda metade 1996, ingressei na carreira acadêmica como Professor Visitante da UEFS. Em março de 1997, fui aprovado no concurso para professor Assistente de Informática em Saúde, em 2002 eu e Suzi concluímos o doutorado pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP) e nesse mesmo ano fui aprovado no vestibular para Biologia na UEFS. Hoje, além de engenheiro (UnB), sou também bacharel em Biologia e em Filosofia, ambos pela UEFS.

Apresento esse breve resumo de uma jornada de estudo e trabalho de mais de cinquenta anos, pois aos cinco já estava na escola, não para me exaltar, mas para que quem leia essa obra compreenda que a minha jornada de autoconhecimento passou por esse caminho. Certamente ela é diferente da sua e de qualquer outra pessoa, mas sempre podemos aprender conhecendo um pouco da jornada dos outros e conhecendo um pouco da minha história, dá também, para perceber como certos elementos da trajetória de Pietro Ubaldi nos levam a conhecimentos que podem nos ajudar ainda mais.

Como eu disse, Pietro Ubaldi é um filósofo evolucionário, descobri isso depois de ter concluído o curso de Bacharelado em Filosofia pela UEFS, lendo a obra acima referida de Carter Phipps.

A defesa do meu trabalho de conclusão de curso (TCC)¹ foi um tanto conturbada, pois eu tinha ingressado nesse curso com a intenção de construir todo um referencial teórico, que eu pudesse utilizar em minhas aulas, para dizer ao meu aluno de enfermagem que: mais valia ele ter um único emprego, onde ele desse o melhor de si em prol dos seus pacientes, cuidando deles como se eles fossem a pessoa mais querida de suas famílias, do que seguir a lógica do ganhar dinheiro, tendo talvez até cinco empregos, mas sem poder, com isso, dar a atenção que os seus pacientes requeriam.

Já há um bom tempo, eu estava inconformado com as consequências desastrosas que as duplas, triplas, quadruplas, etc., jornadas de trabalho dos profissionais das áreas de Educação e Saúde tinham para a coletividade e via, na medida em que me aprofundava no estudo das obras de Pietro Ubaldi, uma possibilidade de trazer elementos importantes e fundamentais para incrementar essa reflexão.

O problema é que os cursos de Filosofia no Brasil, não estavam formando filósofos, mas historiadores da filosofia, pois as universidades brasileiras estão ainda seriamente comprometidas com um método *estruturalista* que inibe o pensar crítico e impõe uma camisa de força *dogmática* ao estudante de filosofia que tem que se submeter a estudar um filósofo/pensador que o seu orientador estuda/tem aproximação. Isso já é um fator limitante, mas a limitação não para por aí. O problema maior é que por esse método, ou pelo menos na forma como ele tem sido aplicado no Brasil, o estudante fica limitado às obras do “fã clube” desse filósofo/pensador que o seu orientador escolheu para ele. Há todo um processo de enquadramento que obriga o estudante a se ajustar ou “cair fora”.

Então, o primeiro problema que eu tive é que não tinha, na academia, um especialista na obra de Pietro Ubaldi que pudesse estar na minha banca. Ao escolher outro autor como René Descartes, por exemplo, não poderia construir um texto dialogando com as obras de Ubaldi sem incorrer em *anacronismos*. Isso era uma coisa que eu não podia aceitar, pois, em Ciência, fazemos exatamente isso: confrontamos as ideias de diferentes cientistas, comparamos os seus resultados. Pensar fora da caixa, não só é possível como desejável. Isso se dá mais facilmente, justamente, quando ampliamos o nosso círculo de leituras. Mas, em Filosofia, isso também não é diferente, pois todo filósofo/pensador hoje estudado na academia, fez exatamente isso que eu queria fazer e que me estava sendo proibido. Então, após um longo e sofrido processo, eu decidi que romperia com essa “tradição” e fiz exatamente aquilo a que eu me propus.

Realizando esse trabalho encontrei nas obras de Pietro Ubaldi a chave de conhecimento que precisava para dizer ao meu aluno que ele deve se esforçar para dar um salto quântico no seu trajeto evolutivo rumo à felicidade e esse salto quântico significa adotar o *referencial altruísta* do *justo* ao invés de seguir, como a maioria das pessoas, pelo caminho *egoísta* dos tipos involuídos: *forte* e *astuto*.

Estes três biótipos que eu acabei de mencionar, foram os bióticos que Pietro Ubaldi identificou e trabalhou em toda a sua obra de forma coerente e consistente em um admirável sistema filosófico evolucionário. Uma obra que eu tinha começado a estudar logo que terminei a minha primeira graduação, mas que me aprofundei e li toda antes de iniciar os meus estudos no bacharelado em Filosofia na UEFS.

1 BARBONI, A. R. **Filosofia Brasileira: um sonho ou uma possibilidade?** 2014. 360f. TCC (Bacharelado em Filosofia) – Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2014. Disponível em: http://cris.uefs.br/media/pdf/barboni_2014.pdf.

Autores como ele são excluídos de certas bibliotecas de acadêmicos que se dizem agnósticos. Para quem tiver a curiosidade, a leitura do meu TCC em filosofia, ajuda a compreender a posição destes acadêmicos que justamente se revoltam com os absurdos as hipocrisias, os abusos, as distorções e as atrocidades cometidas em nome de Deus pelas religiões, seus representantes e seguidores ao longo da história da humanidade.

Admito que, inegavelmente, eles têm razão quanto a isso. Até entendo que o desenvolvimento da Ciência quando se saiu do controle da Igreja foi admirável e que tudo o que aprendemos sobre a evolução e os seus mecanismos já nos permite compreender que organismos complexos como o homem e outros animais e plantas superiores, são o produto de um longo e penoso trabalho evolutivo a partir de elementos bem mais simples.

Isso até me faz entender porque eles admiram tanto a frase de Martin Heidegger: *Por que há simplesmente o ente e não antes o nada?* Que ele considera a questão fundamental da Filosofia. Mas, quando (re)leio as obras de Pietro Ubaldi, percebo que há muito mais sentido em se perguntar, nos dias de hoje: *Por que há simplesmente o nada e não antes o Ente?*

Certamente, para um ateu ou agnóstico, livre pensador, cético, *brighth*², ou qualquer outro termo se queira utilizar para se identificar uma pessoa que sinceramente não pauta a sua ética e as suas ações a partir de uma visão de mundo religiosa, a questão fundamental da Filosofia, proposta por Heidegger faz todo o sentido. No entanto, Pietro Ubaldi, quando nos fala de Deus e das coisas do espírito, o faz de forma que se possa analisar a questão racionalmente e, independentemente, do que veio primeiro: o *Ente* (o Criador, Deus...) ou o *nada*, podemos utilizar os três biótipos identificados por Pietro Ubaldi como chave de conhecimento para entender como esse *ente* animal que atingiu o nível racional que é o homem, ou *dasein*, como Heidegger o chamava, se comporta ao longo da sua trajetória evolutiva.

Podemos ver que, coletivamente, existe vantagem evolutiva para a humanidade produzir um biótipo *justo*, que se pauta por uma ética *altruísta*, do que continuar produzindo os biótipos *forte* e *astuto*, que *egoisticamente* privatizam os lucros socializando os prejuízos. A sua forma de ser e agir, como nos demonstra Pietro Ubaldi, produzem dor e sofrimento sem fim, num mundo onde o “homem é o lobo do próprio homem”, onde o mais *forte* e *astuto* tem que estar sempre alerta para não ser derrotado e substituído, pois se perder, fica excluído e é eliminado e abandonado por quem antes o apoiava.

Então, se vamos tratar do homem, não temos como fugir de estudar, também, a sua relação com o divino e o sagrado. Pietro Ubaldi é um autor singular que nascido no seio de uma família rica e católica, teve um longo período de aprendizado e amadurecimento antes de começar a escrever a sua obra abraçando os ideais franciscanos.

Uma obra que é espiritualista, mas que amplia a nossa visão de Deus e do Universo, que é reencarnacionista e evolucionista, mas que também, não deixa de ser criacionista. Uma obra condenada pela Igreja Católica ao *Index Librorum Prohibitorum*.

Como bem percebeu Pietro Ubaldi, a Igreja, para não ficar obsoleta e esquecida, para não dizer morta, precisa acompanhar o progresso do conhecimento humano e nesse processo rever e reabilitar o pensamento de Teilhard de Chardin, mais

2 Como Daniel Dennett e Richard Dawkins adeptos do movimento *brighth* iniciado por Paul Geisert e Mynga Futrell em 2003 que definem o *bright* como uma pessoa cuja visão do mundo é naturalista – livre de elementos místicos e sobrenaturais e pautam sua ética e ações nessa visão naturalista.

ainda, eu diria: reconhecer que também errou quando condenou ao *Index* as obras de Pietro Ubaldi, pois esses autores, seguindo o exemplo maior de Jesus de Nazaré, também trouxeram novas luzes para iluminar a nossa imensa jornada evolutiva rumo ao *Sistema*.

Sistema, aqui, é, podemos dizer assim, um conceito cunhado por Pietro Ubaldi, para se referir à criação primeira de Deus, mas não esse Deus apequenado das religiões tradicionais, mas um Deus maior, engrandecido por Jesus quando nos ensinou que ele não era só *Forte* e *Astuto*, mas também *Justo* e mais do que isso um Pai bom, amoroso e dedicado que nunca esquece e deixa de amparar qualquer de suas criações.

Um Deus que o povo judeu da época de Jesus acreditava ser Único, o Todo Poderoso, Criador dos Céus e da Terra e para quem ofereciam sacrifícios pedindo-Lhe para destruir seus inimigos: os romanos, pois Ele detinha tal poder e deveria utilizá-lo para libertar os seus filhos queridos de tão opressor julgo.

Para esse povo, Jesus veio e ensinou o absurdo de tal pedido, pois devemos amar a Deus com todas as nossas forças, honrar esse nosso Pai e nunca se deve pedir a um pai que destrua um filho seu. Todo bom pai deve amar igualmente os seus filhos e ele se dedica ainda mais em trazer para o seu aprisco àquele que se desviou do caminho reto. Então, Jesus nos ensinou que devemos amar aos nossos inimigos, pois eles são nossos irmãos, filhos do mesmo Pai, que também os ama e zela por eles. E o que deseja todo bom pai? Que seus filhos se amem, que se ajudem mutuamente, que os mais *fortes* e capazes auxiliem os mais fracos e atrasados a desenvolverem os seus potenciais, que compartilhem com eles as suas riquezas, que sejam seus amigos e que vivam em paz e harmonia.

Essa lição, tem mais de dois mil anos e o fato de que ainda resistimos a ela está em insistimos na velha receita separatista do método de ser e agir do *egoísta*, um tipo involuído que não consegue compreender a mensagem cristã, que a toma como mais um ardid usado hipocritamente pelas classes dominantes para pacificar os rebanhos dos tolos que se deixam pegar por essa armadilha. Para eles, o mundo é dos predadores, quem não come é comido. Esse, infelizmente, continua sendo o nosso nível evolutivo.

Pietro Ubaldi, como dissemos, amplia ainda mais os conceitos que temos de Deus, do Universo e da evolução. Para ele quando, podemos dizer assim, existia somente Deus, ele criou todo um Universo orgânico e completo, fora do tempo e do espaço, que o nosso autor chamou de *Sistema*. Um organismo pode adoecer, mas se ele é bem constituído, ele possui em si mesmo o seu próprio sistema imunológico para combater a doença e conquistar novamente a saúde. A base para a construção do *Sistema*, não foi outra, senão, a própria substância divina (Imanência de Deus), que constitui a sua criação: o *Sistema* (Transcendência de Deus). Neste *Sistema*, cada individualidade que compõe as partes hierárquicas do todo orgânico tem o seu livre-arbítrio e é, na sua essência, semelhante ao Criador. Conhecer um pouco destes outros aspectos da obra ubaldiana ajuda a compreender alguns trechos desse livro.

As visões que Pietro Ubaldi teve, no seu processo de ascese mística, onde pela via da intuição entrou em contato com as Noúres (correntes de pensamento dos planos superiores), lhe propiciaram, depois, com o uso da razão, trazer para o papel novos elementos que dialogam com outros conhecimentos religiosos e científicos que até, então, não possuíam uma ponte de ligação.

Na visão ubaldiana, o que era só uma possibilidade, se concretiza: parte das individualidades conscienciais do *Sistema*, se revolta e, utilizando o seu livre arbítrio, tenta

sair da sua função. Isso provoca como que uma reação do “sistema imunológico” do organismo maior e essa consciência revoltosa se contrai e cai vibracionalmente até o seu nível máximo de contração e depois explode num fenômeno que gera o dualismo do tempo e do espaço e que hoje a ciência conhece como “Big Bang”, mas que já era conhecido pelos estudiosos da Kabbalah. O que, para mim, já é uma justificativa para os *brighs* levarem em consideração o estudo sério deste assunto.

Então, Pietro Ubaldi, em sua obra, retoma a discussão sobre a teoria da queda dos anjos, traz novos elementos para se pensar os conceitos de: Deus; criação; involução; evolução; e *espírito, energia e matéria* (que já na sua obra principal: *A Grande Síntese*, são três formas de manifestação da *substância divina*). Nesta obra que eu acabei de citar, o nosso autor nos traz, como já se pode deduzir pelo próprio nome da obra, a síntese de uma visão grandiosa, que mostra que nós somos bem mais do que pensávamos que eramos, que o *Anti-Sistema*³, formado pelas consciências que caíram, segue Leis que estão inscritas na sua própria essência e que não há como fugir delas.

Ao processo de queda (involução) que se afasta do centro (Deus) se contrapõe o processo de ascensão (evolução) que nos aproxima novamente de Deus. A Lei maior que guia esse processo de evolução é a Lei do Amor e toda tentativa de se afastar desse reto caminho de retorno ao *Sistema*, gera dor e sofrimento, que nada mais é do que um mecanismo da Lei cumprindo a sua função de nos educar para o bem. Sempre que a lição é aprendida, a dor perde a sua função e a Lei, que não gasta energia inutilmente, suprime o elemento de correção.

A queda foi rápida e desigual, cada consciência cai até aonde vai o seu impulso de queda, algumas já retornaram ao *Sistema*, outras, ainda estão caindo. No patamar evolutivo que nos encontramos (um dos mais baixos do *Anti-Sistema*), mal atingimos o nível hominal, onde a lei deixa de ser tão determinística em respeito ao nosso livre-arbítrio que começa a ser cobrado nas suas responsabilidades. Portanto, faz todo o sentido tratar as questões éticas, pois elas tem a ver com os caminhos que escolhemos perante os desafios que a vida nos impõe. Para o ético (*justo*), atingir um objetivo é importante, mas não mais importante do que o caminho que se utiliza para se atingir tal objetivo. Para o aético (*forte/astuto*), os fins justificam os meios. Entendemos que as contribuições de Pietro Ubaldi são fundamentais para enriquecer esta discussão e temos tido bons resultados, com os nossos alunos e algumas produções acadêmicas iniciais, utilizando os três biótipos ubaldianos nas nossas análises.

Então, neste livro, nós, nos valendo dos termos: “forte”; “astuto”; e “justo”, buscamos nos 24 volumes da obra completa de Pietro Ubaldi os parágrafos onde esses termos eram utilizados para se referir aos biótipos ubaldianos. Isso produziu um texto com quase 400 páginas que compõem essa *bricolagem*. Os parágrafos foram organizados na ordem em que eles aparecem na obra. A princípio, pode-se pensar que este tipo de ação produza um texto sem sentido, um quebra cabeça com partes faltando e peças que não se encaixam direito, mas o resultado final se mostrou coerente. Em parte, talvez, pelo fato de que tal como outros autores da sua época, Pietro Ubaldi escrevia numa máquina de escrever mecânica e com isso existia uma tendência dos parágrafos ficarem grandes. Esses longos parágrafos ajudaram a manter a integridade do pensamento.

3 *Anti-Sistema*, então, na visão ubaldiana é tudo aquilo que caiu do *Sistema*, a parte que se revoltou. Se quisermos ter uma ideia do que isso significa é só contar os átomos do Universo e teremos uma vaga dimensão do *Anti-Sistema* que, com o processo de evolução, será reintegrada a sua parte maior, que não caiu e que trabalha ativamente para isso, o *Sistema*.

Você irá notar que as palavras: “forte”, “astuto” e “justo”, que aparecem ao longo do texto ubaldiano identificando esses biótipos foram destacadas em negrito, itálico e em vermelho. Os tipos *forte* e *astuto*, são referidos como involuídos por Pietro Ubaldi, enquanto que, o tipo *justo* é considerado por ele como evoluído. Mas, o tipo *justo* que é *altruísta* e já superou o *egoísmo* dos tipos involuídos, que se valem da *força* e da *astúcia* para impor o seu domínio e as suas leis aos mais fracos e menos inteligentes, tem para a sua defesa a *justiça*, mas nem por isso, deixa de ser *forte* e *astuto*, fazes evolutivas por ele já superadas. No entanto, essa *força* e essa *astúcia* do *justo* se pautam pelo caminho *altruísta*, que une, e não mais pelo caminho *egoísta*, que isola. Neste parágrafo está a convenção dos destaques que fizemos. Em verde destacamos a característica do involuído, presente no evoluído, mas que amadureceu e sofreu uma renovação ética. As palavras destacadas mas não em negrito, o foram para ajudar o leitor a compreender que elas representam *forças*, elementos que podem ser utilizados tanto *egoisticamente* como *altruisticamente*. Só depende de nós como fazê-lo.

Vale a pena mencionar que obra foi escrita após a renúncia franciscana de Pietro Ubaldi à sua fortuna, uma ação que se por um lado o ajudou a vivenciar o Evangelho de Jesus e assim, escrevê-la, por outro lado, dificultou a materialização dela em livros bem editorados. No entanto, como nos mostra a própria obra: a Lei não desampara os *justos* e nunca faltou nem apoio, nem amigos para que a obra chegasse até nós passando por inúmeras mãos, tal como o Evangelho de Jesus.

Há traduções diferentes para uma mesma obra e a versão que se encontra disponível na Internet tem certamente vários problemas de digitação. Partimos dela, pois isso facilitava a nossa busca por meio das ferramentas digitais e reduzia o trabalho de digitação, mas depois nos valíamos dos textos editados pela Fundação/Instituto Pietro Ubaldi, dando prioridade para aqueles volumes da edição mais nova que sofreu uma revisão. No entanto, mesmo nestas edições ainda achamos alguns problemas que estão presentes inclusive nas fichas catalográficas, como a falta da informação do ano ou do número da edição. Mas o grupo de admiradores das obras de Pietro Ubaldi está crescendo, inclusive com o nosso trabalho no meio acadêmico e, quem sabe, um dia não muito distante, possamos realizar uma revisão mais aprimorada e criteriosa da obra, numerando os parágrafos para facilitar a citação, garantindo que ela fique com a qualidade que Ubaldi tanto desejava e que possa, então, ser difundida também em outros idiomas.

O leitor mais atento das obras de Pietro Ubaldi, também notará que para efeito de uniformização e para facilitar o entendimento do leitor, substituímos as siglas S e AS que Ubaldi usa em algumas de suas obras por “Sistema” e “Anti-Sistema” e em alguns poucos parágrafos onde as novas edições quebravam em dois nós os agrupamos novamente para que o pensamento ubaldiano não se quebrasse por não se utilizar na *bricolagem* o trecho que não continha a chave de busca.

Também encontramos alguns problemas de uniformização e quando a palavra “terra” se referia ao nosso planeta, optamos pela grafia com a letra inicial em maiúscula. Também adequamos o texto ao novo acordo ortográfico, mas isso não quer dizer que quando a obra toda for revisada, que esse texto não terá que passar pelo mesmo processo.

Por fim, é importante ressaltar que quando utilizamos esses biótipos no estudo das obras de Platão, percebemos que Sócrates e Platão contrapunham à figura do *Filósofo* (*justo*) a figura do *Sofista* (*astuto*). Para o *sofista* **parecer** era uma vantagem, pois se gastava muito menos energia do que **ser**, mas para o *filósofo* não bastava **parecer** virtuoso, ele tinha que **ser** virtuoso.

Assim, as questões tratadas na antiguidade clássica por Sócrates e Platão permanecem atuais e o dilema é o mesmo que os meus alunos, que estão se preparando para assumirem uma atitude mais responsável na vida precisam enfrentar. Eles precisam escolher que caminho tomarão o do involuído (*forte/astuto*) ou o do evoluído (*justo*). A minha esperança é de que esse trabalho os ajude a compreender as vantagens de, no mundo atual, se pautar por uma via mais evoluída.

Não é difícil entender os biótipos apresentados, o que eles significam, e usar isso para compreender o comportamento humano, podemos fazer isso em poucas linhas, mas nesta *bricolagem* temos a oportunidade de empreender vários sobrevoos com o autor, que na sua trajetória de vida os trabalhou e expressou a sua percepção em sua obra.

A leitura deste trabalho, certamente, não substitui a leitura da obra, muito pelo contrário, eu espero que ela seja um estímulo para se empreender tal tarefa e mergulhar nos outros aspectos e conceitos que a obra de Ubaldi nos traz. Um autor que pela via intuitiva de um longo processo de preparação espiritual, empreendido por quem seriamente se comprometeu com o caminho evangélico de Jesus, soube captar nas Noúres (correntes de pensamento superior), as visões, os conceitos e as ideias para alavancar ainda mais o desenvolvimento da humanidade.

O trato que eu faço, em minhas aulas, com os meus alunos eu proponho também a você caro leitor: assumamos, aqui, uma posição *não-dogmática*, ou seja, suspendamos o nosso juízo, abramos o nosso entendimento para a possibilidade de avaliarmos proposições que possam estar em desacordo com as nossas convicções, mais ainda, nos abramos para a possibilidade de alguma dessas proposições estar certa e de que o nosso juízo anterior esteja equivocado. Por exemplo, o princípio inteligente que eu possuo e que me identifica como um ser racional, sobreviver à morte do meu corpo físico e poder voltar mais tarde numa outra forma de manifestação, como acreditavam os filósofos gregos: Sócrates e Platão. Se isso for verdade, o que eu perco? O que eu ganho? O que isso muda na minha vida?

Você não precisa se convencer de nada, não é esse o nosso objetivo. Mas se você se der ao trabalho de seriamente fazer essa reflexão, certamente, vai conseguir ter uma relação mais saudável com quem pensa diferente de você e esse é um passo essencial para nos tornarmos *justos*. E essa talvez seja uma necessidade de sobrevivência não só para a humanidade, mas também para o nosso planeta.

Boa Leitura!!!

Feira de Santana, 07 de julho de 2021.

André Renê Barboni
Professor Pleno da UEFS

Prefácio

Com profundo afeto e encantamento agradeço à André por me escolher para prefaciar seu livro que para mim é muito especial por tratar de um autor e um tema muito caros ao meu coração!

Quando lemos “A Grande Síntese” pela primeira vez, nos idos dos anos 80, cada um em sua cidade (André em Ribeirão Preto/Brasília, e eu aqui em Feira de Santana), na nossa juventude, ficamos assombrados com a revelação de uma criação única, com origem comum, perfeita e integrada com Deus, e que daí partiram todos os seres: átomos e galáxias se irmanavam num balé harmônico e de santificada beleza. Tudo e todos somos filhos de Deus e para Ele, de volta a Ele, evoluímos!

Essa descoberta reestruturou nossas vidas, forma de pensar e nossas caminhadas através de escolhas que se afinizavam com este princípio, e desenvolvemos em nós valores compatíveis: a defesa da vida, a empatia, a honestidade, a certeza na imortalidade, a justiça, a espiritualidade.

Em rápido tempo, o autor de “A Grande Síntese”, o Prof. Pietro Ubaldi, pensador italiano, tornou-se uma espécie de “tutor espiritual” nosso e isso se deve à natureza de seu pensamento: otimista, esperançoso, criativo, impulsionador. A partir disso, passamos a ler o mundo através de suas lentes, a compreender os fatos da vida desde os banais aos catastróficos, a perceber que só a Educação pautada em valores ético-morais pode (e deve!) formar um bom caráter.

Até nos encontrarmos e estabelecermos vínculos afetivos, foram muitas leituras e estudos em seus livros e outros autores afinizados com seu pensamento. Brasília foi o cenário escolhido pelos Planos Siderais para que eu e André nos aproximássemos e não à toa: cidade é tida como mística por diversas religiões, magos e visionários, e lá nos anos 60 eram realizados congressos para difusão do pensamento do Prof. Ubaldi ainda em vida.

O Prof. Ubaldi nos deu uma identidade e seu pensamento se enraizou entre nós, alguns membros de nossas famílias e vários amigos, nos dando fortaleza e sustentação.

Durante anos (agora caminhando juntos), dentro de nossas singularidades, continuamos perseguindo os mesmos ideais com as forças somadas e de forma articulada; e, como professores universitários as inúmeras tentativas, semestre a semestre, de levar a nossos alunos e alunas, a semente destes valores humanos aliada ao conhecimento científico preconizado pelo filósofo italiano.

Somos formados em áreas do conhecimento chamadas “duras”, muito competitivas academicamente alicerçadas no referencial cartesiano, materialista, o que não impediu de vermos para além da matéria física e adentrarmos as vias das energias sutis criando disciplinas que abrissem espaço para estudo do ser humano, da natureza e cosmos a partir de outras racionalidades. Um longo e exaustivo processo de construção, uma vez que, por compromisso pessoal, trabalhamos primeiro a nós mesmos – nosso

autoconhecimento em vivências corporais e espirituais, disposição para a autotransformação, e depois, os valores humanos na Educação que definiam nossas escolhas e posturas filosóficas, éticas e políticas. Na questão do autoconhecimento e da autotransformação demos grandes passos mas ainda insuficientes, considerando o tempo. Sim, as mudanças de profundidade são morosas mas somos persistentes.

Apesar de todo sofrimento e restrições que passamos a viver com a pandemia, o *home-office* que a Universidade teve que estabelecer foi nosso melhor momento para concretizarmos e expandirmos nossos conhecimentos e experiências no campo da Espiritualidade.

Passando pelo PLE (Período Letivo Extraordinário), depois pelos Ensino Remoto Especial (ERE 2020.1 e ERE 2021.2) tivemos oportunidade de trabalhar com cerca de quase três dezenas de alunos no formato remoto nas disciplinas criadas por nós e cujas ementas estavam ligadas ao contexto da Educação, da Saúde a partir dos referenciais da Espiritualidade e do pensamento Monista do Prof. Ubaldi, entre outros.

Uma grande satisfação pessoal e resultados pedagógicos excelentes foram alcançados nestas atividades acadêmicas remotas destacando, o interesse dos alunos nos temas e a experiência deles toda documentada em livros publicados no formato pdf sendo o primeiro “Bricolagem”, o segundo “Ateliê” e o outro volume “Roda da Vida” (a ser executado), completando assim o ciclo da vivência pedagógica em Espiritualidade durante o período pandêmico.

Mas algumas inquietações ainda nos incomodavam, entre elas, a que diz respeito às abordagens do pensamento ubaldiano: a falta de um material didático que desse a garantia de conceitos mínimos e com potencial transformador para os jovens alunos, de forma direta, acessível, conceitual.

A obra do Prof. Ubaldi é bastante extensa chegando a cerca de 10 mil páginas em 24 volumes, escrita até 1971, em linguagem com certa erudição nem sempre atrativa para os jovens da atualidade. Com tempo de aulas reduzido, grande profundidade e muita fragmentação dos temas, acreditávamos que a participação ativa dos alunos nas aulas (“Os biótipos humanos”, “A nova Psicanálise”, “Colaboracionismo”, por exemplo) e suas reflexões críticas poderiam ser melhores se reforçássemos de alguma forma o pensamento do Prof. Ubaldi, na essência dos temas trabalhados.

É desta inquietação que nasce este livro. André se dedicou por dias, noites e madrugadas; por sábados, domingos e feriados, para reunir num só volume todos os complexos escritos do Prof. Ubaldi sobre os biótipos humanos: o *forte*, o *astuto* e o *justo*. Separou didaticamente, livro a livro, com os recursos que a tecnologia favorece e adicionalmente comparando as diferentes traduções, chegando a este valioso resultado. Creio que desta forma, poderemos iniciar mais uma caminhada pedagógica numa práxis crítico-reflexiva e transformadora tendo em mãos um compêndio para uso nosso, dentro de nossa necessidade didática, mas que pode ser útil a qualquer pessoa que esteja em busca. É a nova civilização, a civilização ética do *justo* que atrai e une os que almejam e clamam por um mundo melhor.

Neste sentido, amplia-se sobremaneira nossa responsabilidade na disseminação do pensamento ubaldiano diante das cobranças sociais que devemos assumir enquanto educadores neste novo *referencial*: a qual biótipo estaremos mais inclinados?

Os três biótipos terrestres – um exercício de *bricolagem* com a obra completa de Pietro Ubaldi

Passa a ser agora nossa obrigação exemplificar em nosso falar, em nosso agir toda a potencialidade deste pensamento transformador, saindo da razão e adentrando o sentir. Agora é o momento da amorosidade. Laços que se reforçam. Olhares e braços que acolhem. Lábios que não julgam. Mãos que repartem e compartilham. Agora é a vez do *justo!*

Ubaldi convida: amar está na moda.

Feira de Santana, 20 de julho de 2021.

Suzi de Almeida Vasconcelos Barboni

Professora DCBio-UEFS
Coordenadora do Núcleo Pietro Ubaldi de Feira de Santana

SUMÁRIO

1.	GRANDES MENSAGENS.....	19
2.	A GRANDE SÍNTESE: Síntese e solução dos problemas da ciência e do espírito.....	21
3.	AS NOÚRES: Técnica e recepção das correntes de pensamento.....	33
4.	ASCESE MÍSTICA.....	34
5.	HISTÓRIA DE UM HOMEM.....	36
6.	FRAGMENTOS DE PENSAMENTO E DE PAIXÃO.....	54
7.	A NOVA CIVILIZAÇÃO DO TERCEIRO MILÊNIO.....	64
8.	PROBLEMAS DO FUTURO.....	110
9.	ASCENSÕES HUMANAS.....	135
10.	DEUS E UNIVERSO.....	147
11.	PROFECIAS: O futuro do mundo.....	151
12.	COMENTÁRIOS.....	167
13.	PROBLEMAS ATUAIS.....	170
14.	O SISTEMA.....	189
15.	A GRANDE BATALHA.....	200
16.	EVOLUÇÃO E EVANGELHO.....	236
17.	A LEI DE DEUS.....	254
18.	A TÉCNICA FUNCIONAL DA LEI DE DEUS.....	269
19.	QUEDA E SALVAÇÃO.....	285
20.	PRINCÍPIOS DE UMA NOVA ÉTICA.....	308
21.	A DESCIDA DOS IDEAIS.....	332
22.	UM DESTINO SEGUINDO CRISTO.....	357
23.	PENSAMENTOS.....	390
24.	CRISTO.....	403

1. GRANDES MENSAGENS

Mensagem de Natal

Falo hoje a todos os **justos** da Terra e os chamo de todas as partes do mundo, a fim de unificarem suas aspirações e preces numa oblata que se eleve ao Céu. Que nenhuma barreira de religião, de nacionalidade ou de raça os divida, porque não está longe o dia em que somente uma será a divisão entre os homens: **justos** e **injustos**.^{1 (p. 11)}

Mensagem da Ressurreição

Uma radical mudança verificar-se-á na sociedade humana, a fim de que a vida não seja um ato de conquista, onde triunfe o mais **forte** ou o mais **astuto**, mas, sim, um ato de bondade e de sabedoria em que seja vitorioso o mais **justo**. Investigando-as com vossa ciência, achareis no íntimo das coisas essa suprema Lei de equilíbrio que vos governa; aprendereis que a bravura da vida não está em violar essa Lei, semeando para vós mesmos reações de dor, porém, em segui-la, semeando efeitos de bem. Deveis também aprender que o vencedor não é o mais **forte** – esse é um violador – e sim quem segue conscientemente o curso das leis e sem violência se equilibra no seio das **forças** da vida. As religiões já o revelaram, entretanto, não acreditastes; a ciência o demonstrará, todavia não desejareis ver. O momento é decisivo. Ai de vós se, nesta vitória de civilização material em que viveis, desejardes ainda perseverar no nível do bruto.^{1 (p. 17-18)}

Mensagem aos homens de boa vontade

Não falo somente aos Cristãos, porém a todos os meus filhos, que são os **justos** da Terra, qualquer que seja sua raça ou fé. Falo a todos, não considerando vossas diferenciações humanas. Minha palavra é universal como a luz do sol. A Divindade não se pode isolar numa igreja particular. Eu vos digo o que é verdadeiro e **justo**, e o que vos falo perdura a quem quer que seja dito. A mentira que me desfigura passa: eu permaneço. Não importa

que a bondade seja explorada pelos maldosos; o Bem acaba triunfando. Eu amo a todos.^{1 (p. 35)}

Justos e injustos se encontram sobre a Terra, uns ao lado dos outros, para provações recíprocas; achá-los-ei juntos, usando todos o mesmo nome da verdade. Somente eu, que leio nos corações, os diferencio, como também pode fazê-lo a voz da vossa consciência, em que penetro e falo.^{1 (p. 36)}

Mensagem da Paz

Até junto de vós retorno, nesta Páscoa de 1943, após dez anos, na violenta constrição de uma dor que parecia impossível e, no entanto, se tornou realidade; venho trazer conforto aos homens e aos **justos**, àqueles que creem. Venho dizer, no seio tumultuoso da destruição universal, a equilibrada palavra de paz. É esta, por isso, a Mensagem da Paz.^{1 (p. 37)}

Assim, deixo-vos, para conforto dos **justos**, estas verdades: o vosso esforço, mesmo que não possa ser senão individual e isolado, quando é puro e sincero e se dirige ao supremo escopo da elevação espiritual, também se encontra na trajetória da vida. E, por isso, protegido e encorajado, porque essa é a trajetória ordenada pela lei de Deus. Por essa mesma lei, segundo a qual o universo está construído e regulando todo o seu funcionamento orgânico, as **forças** do mal – mesmo impondo todas as dificuldades e resistências – jamais poderão prevalecer sobre as **forças** do bem.^{1 (p. 39-40)}

2. A GRANDE SÍNTESE: Síntese e solução dos problemas da ciência e do espírito

Ciência e razão

Em outro lugar e de outra forma, falei especialmente ao coração, usando linguagem simples, adaptada aos humildes e aos **justos** que sabem chorar e crer. Aqui falo à inteligência, à razão cética, à ciência sem fé, a fim de vencê-la, superando-a com suas próprias armas. A palavra doce que atrai e arrasta, porque comove, foi dita. Indico-vos agora a mesma meta, mas por outros caminhos, feitos de ousadias e potência de pensamento, pois quem pede isso não saberia ver de outra forma, por faltar-lhe a fé ou incapacidade de orientação para compreender.^{2 (p. 17)}

Nossa meta – a nova lei

O conceito científico de evolução, base deste Tratado, despertar-nos-á para a visão de uma nova Lei, imensamente mais elevada que a lei que vos dirige e impera no mundo animal, a lei da luta pela vida e da vitória do mais **forte**. Diante desta **lei da força**, contraponho a mais alta **lei da justiça**. Presente na estrada da evolução, que ressoa em minhas palavras, em cada fenômeno e em cada criatura do universo, esta nova lei é o degrau sucessivo àquele em que vos encontrais e vos espera como iminente superação daquela animalidade, donde deveis destacar-vos para sempre.^{2 (p. 191)}

Eu vos digo: “Quando, com espírito puro, proferis: *Em nome de Deus*, a terra estremece porque as **forças** do universo movimentam-se. Quando sois verdadeiramente **justos** e quando, inocentes, sois atingidos pela violência, que usurpa a vitória de um momento, o infinito precipita-se a vossos pés para gritar-vos vitória e elevar-vos para o alto como triunfadores, na eternidade, fora do ínfimo átimo do tempo em que o inimigo venceu.”^{2 (p. 194)}

Evolução das leis da vida

Jamais vos perguntastes o significado do contraste tão evidente entre a lei sem piedade da luta e a lei humana mais doce, da compaixão, bondade e **altruísmo**? O próprio animal conhece a compaixão, mas só para si e para seus filhos. Afora esses casos, a luta é feroz, sem exceções. O esforço da evolução se

realiza mediante uma seleção implacável e o triunfo cabe, incondicionalmente, ao mais **forte**. No homem, os objetivos da seleção são alcançados por outros meios, pelo trabalho, pela inteligência, pelos sentimentos. *Só no homem surgem essas superações e a percepção do contraste com a lei mais baixa.*^{2 (p. 291-292)}

O animal ignora essas formas superiores e é atroz, sem piedade, indiferente à dor do vizinho, mas em perfeita inocência; não por maldade, mas em plena **justiça**, porque esse é seu nível e sua lei. O equilíbrio na consciência animal é mais mecânico, simples e primitivo; ressent-se mais fortemente das origens e ainda aparece como uma resultante de **forças**, sendo mais facilmente calculável em sua simplicidade do que na complexidade do espírito humano.^{2 (p. 292)}

Nas mesmas circunstâncias, o ser humano comporta-se com liberdade de escolha e independência pessoal, ignoradas no mundo animal, justamente porque em seu campo entram em função elementos desconhecidos nos níveis inferiores. Observai em que rede de **forças** e de princípios se movem as formas; observai que imensas criações pode produzir um mero desenvolvimento de princípios. Só o homem olha para trás *e pela primeira vez percebe a distância que o separa do passado*, dele se horroriza porque se encontra no limiar do mais alto psiquismo, representando a forma de transição entre a animalidade e a super-humanidade, entre a ferocidade e a bondade, entre a **força** e a **justiça**. Duas leis contíguas e, no entanto, *profundamente diferentes*. *O homem oscila entre dois mundos*: O mundo animal que diz: ou comer ou ser comido, agressão, **força** brutal, luta sem piedade, triunfo incondicional do mais **forte**, pois a **força** física sintetiza toda a vitória nesse nível; e o mundo superior, anunciado pelo Evangelho do Cristo, a Boa-Nova, *a primeira centelha da maior revolução biológica em vosso planeta.*^{2 (p. 292)}

Em meu conceito, fenômeno psíquico e social é fenômeno biológico, porque sempre reconduzido à sua substância, lei da vida. Neste novo mundo, *a força torna-se justiça*. *Somente o homem, finalmente amadurecido, pode compreender esta antecipação de realizações biológicas, reveladas pelo céu*. Jamais, desde o aparecimento da vida até o homem, fora iniciada mais profunda transformação, porque a vida animal é, apenas, uma vida vegetal mais acelerada e lhe conserva os princípios fundamentais. A lei do amor e do perdão constitui tamanha revolução substancial, que o animal não pode ficar excluído dela; diante de tão grande desenvolvimento dos princípios da vida, o ser inferior – em que tantas vezes o homem regride – para, como diante de muralha insuperável. Esses conceitos são verdadeiramente, nesse nível, um absurdo, uma impossibilidade; direi mais, são uma impotência biológica.^{2 (p. 292)}

Veremos como ocorre, por um sistema de reações naturais e de registros destas na consciência, *por progressiva aproximação e disciplina da*

força desordenada, a transformação da lei do mais *forte*, na lei do mais *justo*; da lei desapiedada da seleção, na lei do amor. *A lei do Evangelho não é um absurdo em vosso nível biológico*; não é aquilo que, visto de níveis mais baixos, pode parecer fraqueza e falência. Nesta fase mais alta de evolução, o vencido da vida animal *pode ser um vitorioso*, porque outras *forças*, ignoradas naquela vida, são atraídas e postas em ação. Aparece o mundo moral, que supera, vence e reprime o mundo orgânico, arrastando-o e dominando-o em esferas superiores. Em qualquer caso, a inconcebível fraqueza da bondade, a deposição de todas as armas – base da luta pela vida – o *altruísmo* para qualquer ser, sobretudo para com o inimigo, transforma se em novo *princípio de convivência e de colaboração*, a lei do homem que se eleva a outra unidade coletiva mais alta, que se organiza em nações, sociedades, humanidades. Os homens que praticam (não os que pregam) esses princípios, ainda são poucos e incompreendidos. Mas aumentarão e só a eles pertence o futuro.^{2 (p. 293)}

O homem

O materialismo fez do homem um ser mau, dedicado a oprimir o próprio semelhante, *homo homini lupus* (o homem é o lobo do homem). Dele, faremos um ser *justo* e bom, dedicado a beneficiar seus irmãos. A ciência o fez perverso, nós, *por meio da própria ciência*, fá-lo-emos melhor. O homem é o artífice de seu destino: *tem que arrostar o esforço de criar a si mesmo*; deve esculpir a grande obra do espírito, na tosca matéria da vida. Seu deve ser o esforço da superação biológica e da liberação da lei mais baixa do mundo animal, seu será o triunfo da ascensão espiritual no campo de todos os valores humanos. Cada prova, cada dor e cada vitória serão um golpe de cinzel que definirá e embelezará a obra divina ao sol.^{2 (p. 368-369)}

Minha palavra, eu disse, é verdadeira: realizou-se e se realizará. A semente está lançada e brotará. Ao mundo, indico a via do espírito, a única via das ascensões humanas na arte, na literatura, na ciência. Abri-vos esta porta para o infinito, que a razão e a ciência haviam fechado. Por esta estrada de conquistas, guiarei os *fortes* que me quiserem seguir^{2 (p. 369)}.

Falei-vos de ideais e de princípios, com palavras de paz, que podem fazer sorrir o sapiente ceticismo moderno. Em vosso mundo, ao invés de colocar no alto os princípios, por eles lutando, são colocados os interesses e sobre eles fabricam-se princípios fictícios. Existem os ideais e as crenças oficiais, mas no profundo da alma humana existe a mentira. Desprezais o vencido, mesmo se é um *justo*; estimais o vencedor, embora seja desonesto. Acreditais só na matéria; confiais apenas na riqueza e na *força*, mas estas vos trairão.^{2 (p. 370)}

Destino – o direito de punir

Assim as duas ferocidades, da culpa e do castigo, abrandam-se; aproximam-se os extremos, harmoniza-se seu choque. Melhor que investir contra uma alma que só sabe ser má, porque é involuída, é ajudá-la a evoluir, demolindo-se os focos de infecções morais onde nascem essas flores maléficas. Absurdo enfurecer-se contra os efeitos, se as causas forem deixadas intactas. Não se resolve o problema apenas com o *egoísmo* da autodefesa, com a repressão sem a prevenção. *Justo*, muitas vezes, é só o que protege a si mesmo; deve ampliar-se até proteger a todos. Na balança social há um tributo anual de expulsos, segundo uma lei expressa pelas estatísticas. É preciso compreender essa lei e cortá-la pela raiz. Há deserdados cujo crime é o de serem marcados no nascimento por uma tara hereditária. Outros são falidos na luta pela vida, com a mesma psicologia e valor moral dos vencedores. Indispensável saber ler e *trabalhar* na alma; saber fazer o cálculo das responsabilidades; ultrapassar a desastrosa psicologia materialista da antropologia criminal. Delinquência é fenômeno de involução. É necessário alimentar todos os fatores de evolução, demolir os opostos, se quiserdes que o decurso da doença melhore e a sociedade possa arriar o fardo. O trabalho deve ser de penetração de espírito, de educar, corrigir, ajudar e, sobretudo – pretende-se guiar e punir em nome de uma *justiça* divina – de recordar a máxima evangélica: “Quem esteja sem pecado, lance a primeira pedra”.² (p. 379-380)

A lei do trabalho

Se o trabalho, tal como o entendeis, transforma a terra, não modifica, porém, o homem. O homem é o valor máximo, o centro dinâmico que sempre retorna. É a fase de consciência alcançada, a matriz de todas as construções futuras. Não basta criar o ambiente, indispensável agir também no âmago e criar o homem. Vossa atividade humana ilumina-se, então, com luz interior; valoriza-se com significado imensamente mais alto. Vossa mentalidade utilitária fez do trabalho uma condenação, transformastes o dom divino de plasmar o mundo à vossa imagem num tormento insaciável de posse. A lei “*do ut des*” (Dou para que tu dê), que impera no mundo econômico, fez do trabalho uma forma de luta e uma tentativa de furto. É uma dor que pesa sobre vós, mas isso é *justo* e cabível, porque exprime exatamente o que sois e o que merecis. Todos os vossos males são devidos à vossa imperfeição social e à vossa impotência de saber fazer melhor.² (p. 387-388)

A divina providência

Nada mais falso que a identificação da providência com um estado de inércia e expectativa passiva. Isto é invenção de indolentes iludidos, é exploração dos princípios divinos. Ela está presente para reerguer o homem que, na luta, perde suas **forças**, como o está ao abater o rebelde, mesmo se gigante; ela está ativa sobretudo para o **justo** que quer o bem e com seu esforço o impõe. Então o inerme, sem **forças** humanas, sem apoio, sem meios, apertará no punho fechado as **forças** mais altas da vida; as tempestades do mundo se acalmarão e os grandes se dobrarão, porque ele personifica a Lei e sua ordem. Enquanto permanecemos sozinhos na luta, abandonados apenas às vossas pobres **forças**, situado na profunda organicidade do real, recolhe-as de todo o infinito. Se parece abandonado e derrotado, uma voz lhe grita: tu não estás sozinho. O inerme pode então dizer a grande palavra que ribomba em todo o universo: falo-vos em nome de Deus.^{2 (p. 435-436)}

Força e justiça – a gênese do direito

A **força** é tensão necessária de vida que domina soberana, fardo insuprimível. No entanto, em sua baixeza, é esforço de ascensão. Cada vida é imposição forçada a todas as outras; cada direito uma extorsão. *O mundo social é um choque caótico de forças, ainda em busca de equilíbrios superiores do direito.* Esta é a fase involuída das sociedades biológicas, em que os indivíduos ainda não estão organizados em simbiose. Estado de agressividade e violência, de incerteza e de luta, em que se prepara a ascensão sucessiva; em que a natureza, expandindo seus impulsos interiores, prepara o amadurecimento da unidade coletiva, de que a sociedade humana é apenas um caso. A lei universal de **justiça** nesses mundos inferiores, justamente pelo baixo nível dos seres, só pode alcançar o equilíbrio por meio da **força bruta**. Aí, o melhor é o mais **forte**, não o mais **justo**. A densidade dessa baixa atmosfera não permite à lei maiores transparências que essas; o princípio da **justiça** não pode realizar expressão mais elevada que essa forma de seleção natural. **Justiça** existe sempre, mas é proporcional, em sua manifestação, às capacidades de expressá-la no meio ambiente. O ser então denomina **justiça** ao equilíbrio transitório e relativo do seu nível, e injustiça cada *fase que tenha sido ultrapassada.*^{2 (p. 438)}

As **forças** postas em movimento partem do centro do indivíduo; a vida é uma expansão de **egoísmo** e só ao dilatá-lo, coordena-o com os **egoísmos** limítrofes para que possam fundir-se. Há um ciclo de ignorância, **egoísmo**, **força**, luta, dor, mal, do qual o indivíduo tenta sair. Em suas aspirações de ascensão individual, que vimos, cada um descobre objetivos cada vez mais altos, tenta alcançá-los melhor na coletividade e *esse ciclo tende a quebrar-se*. Gradualmente, pela lei do menor esforço e do maior rendimento, esse princípio rudimentar de **justiça**, representado pela lei do mais **forte** transforma-se,

atingindo-se com isso o *mundo humano*, em que desponta a consciência de uma lei moral. Um princípio utilitário de vantagem coletiva conduz a um abrandamento nas formas de luta, levando à supressão das guerras. Nesse nível, a *força*, que antes era de *justiça*, agora se torna *violação e injustiça*.^{2 (p. 438-439)}

Evolução do egoísmo

Essa consciência coletiva é uma *força*, a *força* do homem civilizado. Por isso, o selvagem, embora isoladamente mais *forte* e belicoso, torna-se inferior na luta, porque não sabe organizar-se, nem manter-se organizado em amplas unidades coletivas, que formam a potência de meios e de resistência do civilizado. Quanto mais o homem é evoluído, mais fortemente sente a Lei que lhe impõe olhar para trás e doar-se para auxiliar a caminhada dos menos evoluídos, para que a evolução caminhe compacta.^{2 (p. 446)}

A Lei guia a energia para inclinar-se sobre a matéria a fim de animá-la com seu impulso e elevá-la ao nível da vida e depois impor à vida, filha da energia, a elaboração da matéria até o psiquismo. Essa mesma lei de coesão, que obriga a uma retomada de movimentos inferiores para que revivam em oitavas mais altas, faz que o alto se volte para baixo, para que este seja sempre retomado no ciclo evolutivo, e nada fique abandonado fora do circuito e apodreça no fundo, fora da grande caminhada. Essa lei que assim quer, é a mesma que impõe ao super-homem (santo, herói, gênio) que se sacrifique pelos irmãos menores: é o móvel de seu instinto irresistível de *altruísmo* e de martírio. Incompreensíveis dedicações em vosso mundo, em que não se realiza um esforço sem que seja pago: o mais *forte* manda; o mal é evitado apenas por medo do castigo e o *egoísmo* triunfa. Pequeno círculo este, que não tem portas para a compreensão da grande Lei. No entanto, aqueles são *altruísmos* lógicos, verdades simples, *forças* racionalmente vinculadas de um extremo ao outro das fases de vosso universo e de vosso concebível.^{2 (p. 446)}

A guerra – a ética internacional

Como a dor e o mal contêm em si os impulsos para uma autoeliminação, assim a guerra existe para engolir a si mesma. O progressivo caráter mortífero dos meios bélicos, preparado pelo progresso científico, torná-los-á sempre mais desastrosos; seu maior poder destrutivo destruirá a guerra, porque a crescente sensibilidade humana e a consciência mais profunda sentirão cada vez mais horror e medo. Os organismos sociais obedecem sempre menos aos impulsos irrefletidos do momento e a ordem futura se prepara, com visão

distante e a longo prazo. Também existe a Lei que intervém, impondo como reação a dor, para cada violação. Coage assim o homem inapelavelmente para a via da justiça: “*Quem usar a espada morrerá pela espada*”. Acima da *força* dos exércitos, transparece cada vez mais evidente a outra, mais sutil dessa Vontade suprema, que leva à ordem e, assim, esmaga o mais *forte*. Há uma *força* mais alta à qual a outra obedece. Quando os exércitos mais aguerridos se precipitam, aparece a mão de Deus e as *forças* da vida se insurgem para dominar o rebelde. A história também está regulada por esses equilíbrios mais profundos, que se erguem e se impõem, *força* mais *forte* que todas as *forças* humanas. De nada vale o poder material se estiver maculado na base por essa fraqueza substancial; o arbítrio humano do mal é cerceado pela Lei dentro dos limites inexoráveis do bem. Mesmo na fase atual, para obter seu rendimento, a *força* tem de harmonizar-se com esses impulsos maiores de *justiça*; sua justificação só pode dar resultados estáveis como reconstrução da ordem.^{2 (p. 451-452)}

O homem pensa mandar e, no entanto, obedece sempre, constringido pelo instinto, à vontade da Lei. Instituições, leis, todas as manifestações sociais não são substância, são forma, são a veste exterior de *forças biológicas*. Os verdadeiros responsáveis, mais ou menos iludidos ou guiados, são os povos, com *justiça* carregam o peso da própria involução. Os chefes apenas transmitem um comando que não seria compreendido nem obedecido, se não correspondesse a uma ordem mais profunda que domina a todos. Eles são escolhidos e elevados a seus postos só enquanto sentem os instintos da coletividade, os exprimem e a eles obedecem. Os grandes caudilhos foram meramente expoentes que personificavam a verdade do momento e executavam essa função coletiva, porque a Lei não abandona jamais os destinos dos povos ao arbítrio de um homem. Não confundais a forma com a substância, habituai-vos a vê-la nos fenômenos históricos; em cada manifestação, pesquisai sempre a ação sutil e substancial dos impulsos biológicos, que fazem de povos e de chefes um organismo único, dirigido para metas idênticas.^{2 (p. 453)}

Entretanto, à proporção que a evolução ergue o homem para cada vez mais longe de suas origens animais, também se eleva a forma da luta. Aos três tipos de homens que estudamos, correspondem os três métodos de combater, que lembram os três níveis da substância: γ , β , α . Assim temos: *luta material*, ou seja, supremacia brutal do mais *forte*, embora ilícita e injusta. Luta nervosa e *volitiva*, supremacia do poder da vontade, dos meios mecânicos, econômicos, mesmo que isto não constitua convicção nem verdade. *Luta espiritual*, em que o dinamismo físico-muscular, como o volitivo-nervoso, é superado por uma supremacia espiritual e conceptual, propriedade do super-homem. Sua luta é fundamentada na *justiça* e mobiliza o dinamismo das *forças* cósmicas. Neste sentido ele é o mais poderoso, embora humanamente inerte. Lembrai-vos,

porém, que no alto o arbítrio se anula e a desordem é recalcada para baixo. Ah! Se soubésseis quanta harmonia reina nos planos mais elevados!² (p. 453-454)

O instinto das massas transformar-se-á em dinamismos igualmente viris, porém mais elevados; em produtividades mais benéficas e morais. Outras batalhas incruentas aguardam o homem: coalizões pela defesa das conquistas do espírito, contra quaisquer atentados de degradação da estrutura social; outras lutas, não de armas nem de povos, serão as do amanhã: lutas de ideias, a guerra santa do trabalho, a virilidade do dever, o esforço da construção de consciências. O grande inimigo será o desconhecido: as *forças* da natureza, os baixos instintos que têm de ser superados; o grande trabalho será a direção das leis da vida e a ascensão humana. Somente então, emergindo do desembaraço da desordem, o homem conquistará nova potencialidade na ordem. Aí os mais *fortes*, os melhores, serão os mais *justos*. Da soma de tantos impulsos produtivos, emergirão povos supremamente *fortes* e vitoriosos.² (p. 456)

A lei social do Evangelho

Vosso mundo é o que se vê da Terra; O evangelho é o mundo olhado do céu. O absurdo reside em vossa involução. No Evangelho movem-se as *forças* do infinito; a *justiça* é automática e perfeita, substancial, e a coordenação social é alcançada, o homem move-se em paz com a harmonia do universo. Não há mais necessidade de ser *forte*, basta ser *justo*. *Força*, luta, *egoísmo* se devoram a si mesmos, no diuturno esforço das ascensões humanas. Aí vos movereis, finalmente, no seio da grande Lei e as reações da dor serão reabsorvidas; o mal será ultrapassado. É o reino do homem transformado em anjo e santo.² (p. 458)

Então, é possível a lei do perdão, porque o espírito sente e movimenta outras *forças*, diferentes das de vossos pobres braços. Essas *forças* acodem em defesa do *justo*, mesmo se inerte. É a lei da *justiça*, que fala em vossa consciência, que se exprime mediante os movimentos da alma humana. Então, aquele que parece vencido pela vida, torna-se um gigante. Lei simples, mas substancial, que constrói o homem, governa-lhe os atos em suas motivações e resolve tudo, onde vossos sistemas confusos de controle e de sanções nada resolvem. No Evangelho, o caminho das virtudes está todo traçado; sua lógica sublime leva a uma seleção de super-homens, enquanto a lógica de sua luta cotidiana conduz a uma seleção de prepotentes. Os princípios do Evangelho organizam o mundo e criam as civilizações; os princípios que viveis desagregam tudo e desperdiçam-se em atritos inúteis; por onde passa o Evangelho e seu amor, nasce uma flor; por onde passais vós, morrem todas as flores e nasce um espinho. O Evangelho é lei paradisíaca transplantada no

inferno terrestre; só os anjos no exílio sabem viver, aí embaixo, a lei divina ditada pelo Cristo sobre a Cruz.² (p. 458)

O homem emudece e desorienta-se diante desse estranho ser, sem armas, proclama uma lei nova, espetacular, e parece ser de outro mundo. O homem sente que, se tem razão em seu ambiente, existe outro mundo, onde tudo se inverte: o vencido na Terra, lá pode ser um vencedor; e o vencedor na Terra, um vencido. Um abismo o separa desse ser superior; o homem agride e ele perdoa; é um *justo* e sabe sofrer. Está aí para mostrar-vos com sua própria vida o objetivo atingido, para indicar-vos o caminho, a fim de o acompanhardes à realização da mais alta e fecunda lei social: o amor evangélico.² (p. 459)

O problema econômico

Na direção desta renovação, o órgão máximo só pode ser a consciência coletiva: o Estado. O fenômeno econômico compete à autoridade central do Estado, como personificação integral da ética humana, das inoculações cada vez mais enérgicas de fator moral, restrições e correções que purificam a atividade econômica e a riqueza, e as canalizam para objetivos mais elevados. Compete ao Estado intervir e corrigir, introduzindo um mínimo ético cada vez mais alto, no fenômeno econômico, dirigindo de dentro e de fora, o árduo equilíbrio das permutas para um regime de colaboração, que não é apenas compensação, mas compressão de *egoísmos*; não apenas coordenação, mas fusão num organismo econômico universal. Uma ciência econômica diferente da atual que suporta a Lei, mas consciente dela, *não deve surgir de bases hedonísticas, mas colaboracionistas* porque, numa sociedade mais adiantada, a fase ética e utilitária é *cooperação*; esta é a revolução econômica fundamental que, neste campo, exprime vossa atual maturação biológica. Infelizmente, os sistemas que hodiernamente dominam no mundo levam a uma seleção às avessas, a do mais *astuto* e desonesto, enquanto o honesto é eliminado. A sociedade não exalta o homem que dá, porque esse fica pobre, mas o homem que apanha e acumula, porque esse fica rico. No entanto, o primeiro dá aos outros o que é seu, o segundo tira dos outros para si. Este só poderá justificar-se realizando sua função de conservar e fecundar a riqueza com seu trabalho.² (p. 463-464)

A distribuição da riqueza

Não invejeis os ricos, porque essa riqueza pode ser uma prova, uma condenação, uma condição de ruína. Observai como, por uma lei psicológica,

tudo o que foi ganho sem esforço, por isso mesmo é destinado à dispersão; não é apreciado, não é defendido, como o é aquilo que custou esforço. A hereditariedade da riqueza é uma fábrica de ineptos. É, na verdade, um processo de auto-eliminação. Tudo o que é herdado, mesmo se protegido pelas leis, tende *automaticamente à dissolução*, decadência da riqueza que nenhuma barreira social ou legal jamais pôde impedir. Só as leis da vida estão sempre ativas e são constantes, embora trabalhando subterraneamente e em silêncio. Por isso, quebram qualquer defesa social que seja peso morto, superposição inerte, não movidos por impulso íntimo que faz viver e agir, em todos os instantes, para fins determinados. Enquanto isso, em derredor debruçam-se outros esfaimados, muito mais bem treinados para o trabalho, sem as ilusões sobre a adulação que a riqueza atrai, não paralisados pela educação mais refinada, que o desejo jamais saciado tornou **astutos** e ativos, impulsionados com todas as **forças**, pela necessidade, a conquista e, portanto, destinados a vencer na luta desigual.^{2 (p. 469)}

Concepção biológica do poder

Quem assume, em qualquer campo e nível, uma função dirigente, sem a correspondente capacidade e responsabilidade, fraudava a lei e se expõe à sua reação, que armará contra ele os acontecimentos humanos. Assim Luís XV mereceu, para a monarquia francesa, a revolução. Luís XVI era um **justo**, mas nenhum exército nem habilidade política podia salvá-lo. Estava sozinho contra um destino de classe, sozinho entre **forças** que se lhe acumularam contra, durante um século. Nenhuma construção social pode resistir, por mais que seja baseada na legalidade, quando não estiver dirigida por um princípio mais alto, por um impulso da lei: ao contrário, é agredida por suas reações. Assim nasce Napoleão, mero instrumento da guerra difundidora das novas ideias, e é jogado fora como um trapo, logo que esgota sua função, justamente como o último rei da França, de quem rira. Assim a Lei domina soberana os acontecimentos humanos. Eis a história: um entrelaçamento de causas e **forças** em movimento, reação que estabelece o equilíbrio: Danton, sufocado pelo sangue do Terror, Robespierre, pelo sangue de Danton; a revolução que devora seus filhos.^{2 (p. 486)}

O Estado e sua evolução

Mais minuciosamente, temos, no princípio, um poder absoluto subdividido, como no feudalismo; depois, um poder absoluto, concentrado nas mãos do mais **forte** (monarquia), vencedor de uma classe inteira, mais tarde domesticada e convertida nas cortes (classe aristocrática). O centro ainda se ressentia das origens familiares, o cabeça era dominador de consanguíneos e o

poder hereditário. Isto demonstra que o poder nasceu na família, nas mãos do chefe, e *a família é o instituto basilar da sociedade humana*. Nesta fase, o poder é conquista, a função dirigente atravessa a fase de luta, própria das formações, correspondente à da *força*, ainda não elevada a direito e *justiça*. Estamos na perfeição da monarquia absoluta, do *Roi Soleil*, que dizia: “*L’État c’est moi*” (“Eu sou o Estado”). Meio século de abusos com Luís XV e, com Luís XVI, o sistema desaba. Como todos os fenômenos, também o político procede por amadurecimento de ciclos. A revolução reage com um poder absoluto confiado às maiorias. O rei era o povo. Foi chamado de poder representativo, democrático; passava do máximo de concentração ao máximo de descentralização.^{2 (p. 491)}

O Estado e suas funções

Nas leis da vida fundamenta-se a ascensão até a fusão e a solidariedade de todas as *forças* de produção, sem opressões nem supressões, dando lugar a todos para que todos deem sua contribuição. No colaboracionismo, todas as classes encontram reconhecimento e proteção, o trabalhador do pensamento e o lavrador da terra, o soldado e o operário. Colaboração, não luta de classe. *A propriedade é base natural do edifício econômico*, tal como a família o é do edifício social; como ela, é *lei da natureza, própria também do mundo animal. Destruir essas unidades primordiais insubstituíveis é demolir a natureza humana*. A instituição da propriedade, criada para própria defesa pelos vencedores da luta econômica, agredida pelos derrotados, sempre existiu e existirá, apesar de todas as tentativas de demolição, porque corresponde à necessidade fundamental de defender uma posição que *todos*, embora alternadamente, acabam ocupando. Isto significa elevar tudo, nada destruir e tudo criar. Às revoluções destruidoras sucede uma revolução construtiva, que enquadra todas as *forças* e delas faz uma unidade; às revoluções que saem debaixo para demolir, sucedem as que descem do Alto para construir; descida das aristocracias do pensamento, para elevar os humildes; subida dos humildes, para compreenderem. A tarefa das classes não é a de eliminar-se, mas codividir os frutos da mesma civilização, encaminhando-se para compreensão recíproca. A tarefa da classe dirigente não é dominar, mas educar a plebe tumultuada – velho instrumento de vinganças, chamariz dos *astutos*, muitas vezes vítima das repressões, sempre massa ignara, amorfa e cega – para transformá-la num povo que sobe para uma consciência coletiva mais alta.^{2 (p. 499)}

O chefe

No quadro de sua concepção, o chefe está organicamente colocado, como ideia e ação ao mesmo tempo. Situado no centro de seu Estado, ele é sua própria ideia, que em torno dele próprio palpita como uma auréola sua, como vida que emana da sua vida. Ele é um pensamento e uma vontade única, central, responsável, instantânea; não, como nas formas representativas, pensamento e vontade múltiplos, divididos, que lentamente se reencontram. O Estado é o organismo do qual o chefe é o cérebro e os cidadãos as inúmeras células, também elas investidas de funções menores, em harmônica coordenação de funções que convergem para o alto. Da periferia ao centro, dos membros ao cérebro, ao coração, existe uma contínua corrente solidária de permutas; uma descida do pensamento, de **força**, de consciência, de ajuda; uma ascensão de contribuições vitais para se reencontrarem no centro e de lá descerem fecundas. O Estado, assim, é também centro de irradiação moral, é alma, fé, religião. Cada célula aí se sente mais **forte**. Pela primeira vez na história, ao conceito de Estado absoluto ou representativo substituiu-se o de Estado biológico orgânico. Os valores morais, os produtos das civilizações do mundo realizam seu ingresso triunfal no Estado, não mais divididos em estéreis antagonismos de classes e de princípios, de ciência e de fé, de Estado e de Igreja, de rico e de pobre, mas fundidos numa unidade imposta pela nova civilização no campo do pensamento e da ação.² (p. 504-505)

Despedida

Não temam os **justos** e os aflitos que olham, tremendo, a algazarra humana que busca glória, riqueza e prazer, porque se esta, por um momento, vence e goza, a Lei está vigilante, “Felizes os que têm fome e sede de **justiça**, porque serão saciados”. Digo-vos: jamais agridais, não sejais vós os agentes de vossa **justiça**, mas a Divindade; *perdoai*. Fazei *sempre o bem e o fareis a vós mesmos*; deixai a reação à Lei, não vos prendais ao ofensor com a vingança. Não espalheis jamais pensamentos, palavras, atos de destruição; não movimenteis as **forças** negativas da demolição, pois, de retorno, elas cairão sobre vós mesmos. Sede sempre construtivos. Em qualquer campo, seja vossa preocupação em apenas *criar e jamais demolir*; nada possui tanta **força** demolidora quanto um organismo completo em função. O velho cai por si, sem lutas de reação, porque todas as correntes da vida se precipitam para as novas formas.² (p. 517)

3. AS NOÚRES:

Técnica e recepção das correntes de pensamento

O fenômeno

Este exame que aqui estou fazendo não tem somente a importância de um estudo sobre um particular tipo de mediunidade, mas é o estudo do grande problema da gênese do pensamento, de uma sua novíssima técnica, de um novo método de pesquisa filosófica e científica. Essa técnica e esse método eu os usei largamente e aqui apresento seu primeiro resultado. Denomino-o método da intuição e, como já o tenho adotado, proponho-o, por ser mais poderoso que o método indutivo-experimental. Este último, creio, já deu seu máximo rendimento; também creio necessário mudar de sistema, se a ciência deseja progredir em profundidade, se quer encontrar sua unidade (agora que está em perigo de pulverizar-se no particular e na especialização), se quer descobrir os princípios centrais e obter uma conclusão, após tantos anos de inúteis tentativas. Urge devolver à ciência, que descambou em utilitarismo, a dignidade que lhe é própria, levando-a a descobrir no campo do espírito, guiando-a ao caminho *justo* da verdade, que o mundo espera e pede há tanto tempo, em vão. Urge elevar a ciência ao nível da fé, para que se funda com esta e se unifique o pensamento humano. Também esse é o objetivo da obra que recentemente concluí.³ (p. 41-42)

Os grandes inspirados

As Vozes, porém, falavam com Joana e ela respondia a todos, simples e sublime. Esta é a grande *força* sem armas, a *força* do *justo* e do verdadeiro. Quando são iniciados certos caminhos, não mais se pode retroceder. Dois dramas se desenrolam nesta última fase: o drama exterior – que é o do processo em que a autoridade cega, cheia de ideias preconcebidas, de má-fé, se precipita de erro em erro, até bater a cabeça na fogueira, diante da qual um dos juízes ingleses gritará: “Nós nos enganamos! Queimamos uma santa!” O bispo Cauchon, juiz no processo e a quem Joana havia admoestado mais de uma vez, chorará. Ao lado de tudo isso se desenrola o drama interior de Joana, que resplandece sobre o fundo cinzento de tantas baixezas. Neste drama se agiganta a grandeza do céu e Joana, destruída, fulgura, repleta da potência do infinito. Está sozinha, mas suas Vozes estão com ela. Isso lhe basta. A unificação se completou em Vermont e não mais poderá romper-se, nem sequer na hora do Getsêmani e do Gólgota. São liames que não se desatam no tempo e permanecem além da morte.³ (p. 150-151)

4. ASCESE MÍSTICA

A expansão

Chega-se a unificação com Deus depois de se haver compreendido, numa síntese conceptual, o funcionamento orgânico do universo, fundindo-se e identificando-se com a alma universal. Este é o rumo do ser, a realização da maior felicidade porque, ao mesmo tempo, da mais vasta expansão. De outro modo, tudo será uma trabalhadeira inútil. O instinto insaciável da alma está manifesto, mas a porta de entrada está no céu e não na Terra. Aqui em baixo, no ambiente fechado, a expansão se reduz à violência recíproca, pela angústia de espaço. Aqui em baixo isto não se obtém senão roubando-o aos semelhantes, senão oprimindo e esmagando – mas não é assim no céu! A que extremos opostos estamos sobre a Terra, onde a afirmação do **eu** é a luta de todos contra todos, é a imposição, a extorsão e a coerção do mais **forte** para com o mais fraco! Que dissonâncias, que atritos, que dispersão de energias, que inferno! No entanto, o universo é ordem, é música, é amor e tal aparecerá, com esmagadora evidência, assim que a alma se curve às realidades mais profundas. Esta é a maravilha que nos espera, transposto o limiar. A verdadeira expansão está nas dimensões superiores do espírito. Só assim ele, o insaciável, poderá ficar saciado!^{4 (p. 155-156)}

A redenção

Grande e maravilhosa lei de equilíbrio e de **justiça** esta pela qual a dor, quando cumpriu sua função de levar a alma até a superação da animalidade – se afasta em silêncio! Quanto é sábia a lei de Deus, na qual o mal é confinado e submetido aos fins do bem; o sofrimento é **justo** e frutífero; a dor é condição de felicidade! Ela é uma **força** fechada no seu plano, da qual não se pode fugir; a liberdade só é possível subindo-se. A dor não pode atuar além do limite circunscrito pela Lei, onde se deve esgotar sua função de prova e formação da alma. Mais no alto não existe senão a dor do **justo**, que é coisa santa, livre, é missão, martírio, triunfo e sobretudo, amor.^{4 (p. 190)}

Profetismo

Ouçó um rufar profundo, cadenciado, incessante; ouço o passo do tempo, que avança com ritmo fatal, qual muralha imensa de lava que desce sem

pressa e tudo submerge. Onde estão os ombros para segurá-la, os peitos para enfrentá-la? Os tempos são graves e o céu luta ao lado da Terra. Não se vive, já, apenas de pão, de números, de riqueza, de poder humano. Poderão as *forças* do espírito não estar presentes apenas porque um século de materialismo as negou? As atitudes do pensamento humano não podem desordenar a lei de Deus. E sempre, cada vez que o homem violou os divinos equilíbrios do *justo* e do bom, a reação *justa* da Lei se fez sentir. Que levantem, portanto, a cabeça os que dormem. Já não estamos no momento de explicar e demonstrar. Aquele trabalho está pronto. É o momento do choque físico e tangível, que a todos abala e a todos arrasta.⁴ (p. 227-228)

5. HISTÓRIA DE UM HOMEM

Do seu diário

Homem e mulher, masculino e feminino, são os ministros desta lei, que no particular se bifurca em dualismo que é também complementação. Como tudo, também esta unidade humana é dada pela fusão de duas unidades, menores e inversas. Em posições e movimentos inversos e complementares, elas fecham o mesmo circuito. O homem diz: eu sou a vontade, a *força*, a conquista, a vitória. Eu sou o senhor. Não há outro senhor além de mim. Submeto a mulher para que me dê filhos *fortes* e vencedores, como eu. A mulher diz: eu sou a beleza, a bondade, o amor, a conservação. Eu sou a esposa e a mãe. Não há, nisto, outra mulher além de mim. Escolho o homem *forte* para que me dê filhos *fortes* e vencedores como ele.^{5 (p. 23)}

Nasce um homem e um destino

Mal nasce, começa, para a criança, a se desenrolar um fio, inicia-se a marcha que será batida, até a morte, pelo ritmo inexorável do tempo. Mas nem o fio se desenrola, nem a marcha avança ao acaso. A consciência da criança é semente que se desenvolve e se expande, mas é germe que traz em si todas as características fundamentais da futura personalidade. As notas centrais já estão dadas, e não se mudarão mais. Isso acontece com todos os germes vegetais e animais. Vem depois a educação a que a criança é submetida, e a que se adapta ou reage, segundo os casos. Intervêm depois as *forças* externas, as exigências dos outros seres, as imposições da convivência social, os freios morais do dever e da virtude, que se sobrepõem ao instinto. E o tipo originário, qual o construíra a sua história biológica, para se adaptar, mais ou menos, enfrenta todas as pressões, um pouco se transforma, um pouco aprende a mentir e a esconder o seu verdadeiro eu; algumas *forças* externas se dobram ante a sua vontade, por outras termina dobrado. Com o seu eu originário, com as qualidades boas e más, com os recursos e as deficiências, ele deve saber chegar até o fim, abrindo caminho num mar de *forças* que o circundam, e que de todos os lados fazem pressão para o invadir. Cada uma, à sua própria semelhança, lhe diz: “eu” e “quero”, e não encontra a paz enquanto não se realiza a si mesma. Assim começa a vida, que é luta, e, da maneira como está biologicamente implantada em nosso planeta, não pode ser senão luta sem tréguas para o *forte* e para o fraco, para o evoluído e para o involuído. Verdadeira escola, ai de quem a ela se exime. Ai dos jovens a quem os progenitores, por excessivo e muito prolongado afeto, que exagera as funções protetoras da criança além dos limites naturais,

entregam os meios fáceis de se eximirem à luta. Certas educações cômodas e fáceis são pagas, depois, duramente. Não é possível eximir-se: é necessário exercitar-se cada um no seu plano, no seu nível, segundo o tipo fundamental dado pelo nascimento. A luta não é violência e subjugação senão embaixo. E em todos sabem subir. Nem leis nem religiões puderam agir tão profundamente para civilizar o fundo bestial da natureza humana. Mas, para quem quer e sabe, há formas superiores de luta viril e generosa, que não são a condenação à animalidade, mas a afirmação da mais alta potência no espírito. Neste campo é necessário aprender a lutar. A luta é lei da natureza, necessária, e não está no poder humano evitá-la. Mas aquilo por que somos responsáveis é a forma de luta, forma que nos cabe escolher, segundo aquilo que somos, sobretudo segundo aquilo que queremos e sabemos nos tornar. “Diz-me como lutas e por que lutas, e eu te direi quem és”.^{5 (p. 43)}

Primeiras escolas e primeiros problemas

Vencida a primeira surpresa, da descoberta de uma realidade tão diversa, nos fatos, da que ele sentia nos espíritos, a ingênua credulidade caiu, e atirou-se seriamente ao estudo da verdadeira natureza humana. Encontrada a chave do sistema, quis aprofundar, pela observação, o conhecimento, para compreender a fundo a técnica deste método humano de luta, feito de *força* e de *astúcia*, ao invés de *justiça*, bondade e sinceridade, como havia acreditado. Surgiam-lhe então como que dois mundos diversos sobrepostos, dois planos de valores, um mais elevado, melhor, mas fictício, estendido como um nobre manto de aparências sobre outro mais baixo, pior, mas real. No de cima, postas bem em evidência, quase com pompa, em franco exibicionismo, estavam as verdades reconhecidas do bem, do dever, da virtude, do sacrifício, altamente proclamadas e professadas, um plano de ideias esplendente de grandeza, generosas e sonoras. No de baixo, pelo contrário, estava a necessidade férrea e desapiedada: ao invés da generosidade, a conveniência; ao invés do *altruísmo*, o *egoísmo*; ao invés da sinceridade, a mentira; ao invés da *justiça*, a *força*. Um mundo regido por moral diversa e oposta, mas não obstante tão orgânico e lógico, no seu nível, que se sentia autorizado a julgar o mundo mais alto como coisa de loucos, a ponto de nem sequer sonhar em tomá-lo a sério. No de baixo havia luta surda de rivalidades sem trégua, de traiçoeiras agressões, uma realidade falsa e feroz, que dava, porém, o seu rendimento imediato e concreto. Se as aparências eram doiradas, por baixo havia uma realidade indiscutivelmente infernal, para ele inaceitável e insuportável. Se as formas eram as de uma civilização cortês e refinada, a substância era a lei feroz do mais *forte*. Estes eram os fatos, estes os princípios em que o homem, com as suas ações, ao contrário de tudo quanto dizia, demonstrava acreditar. Por que esta

estrutura dúplice e contraditória? Por que este escandalizar-se em público justamente daquilo em que mais firmemente se acreditava em particular, por que estes fingimentos de uma vida fictícia, esta mistificação? Por que, se o homem é um vil, não tem a coragem de aparecer como é? O problema era certamente complexo.⁵ (p. 59-60)

Estudos universitários e explorações interiores

A absurdidade de tantos conceitos no campo jurídico, social, econômico, foi a única convicção que lhe restou daqueles estudos. Não o convenceu a base hedonística das ciências econômicas. Sorriu da ingênua pretensão de se poder construir conceitualmente sobre os desagregadores princípios do *egoísmo*, e rebelou-se contra todo o sistema. Não o convenceu a concepção do *jus* romano. Para ele, entre a *força* e a *justiça* havia um abismo. Tratava-se de dois contrários, inconciliavelmente adversos, feitos para se elidirem e não para se fundirem. Não se podia chegar ao verdadeiro direito, através da codificação das consequências da luta. Segundo pensava, não se podia chegar à *justiça* partindo desse indelével pecado original que é a *força*, nenhum aperfeiçoamento ou sapiência aparente podia sanar este insanável erro e vício de substância, podia conseguir transportar isso que pertence a um mundo inferior, onde manda o mais *forte*, até às alturas de um mundo superior, onde somente o mais *justo* deve reinar. Rebelava-se contra aquela axiomática aceitação, que se tornava reconhecimento e legalização do fato originário da *força*, que ele condenava completamente, como expressão de um plano biológico inferior, que jamais poderia considerar como seu. Voltava aqui o contraste entre as leis de dois diferentes planos de existência. Ele não podia tomar a sério senão a *justiça* integral do Evangelho, o código substancial, escrito apenas na alma e sem outros juízes além de Deus. Compreendia, entretanto, o esforço humano, e apreciava então a concepção romana, destinada a civilizar a *força*, impondo-lhe ordem, equilibrando os seus impulsos contraditórios e em luta. Sentia que mesmo ali se podia ser gênio. Compreendeu mais tarde que a *força* e *justiça* não eram mais do que os extremos da mesma lei em evolução, e admirou no homem o esforço desta fatigante transformação. O *jus*, a lei, é ordem, e toda criação de ordem é um passo do homem para Deus. Mas aquele era o lento caminho humano que chega à *justiça* através da disciplina, da organização, da codificação, era a longa estrada, embora necessária para o homem, da constrição exterior, enquanto ele preferia as vias interiores da convicção, simples mais substanciais, preferia chegar direta e prontamente ao centro da consciência, no campo das motivações, à raiz dos atos humanos. Questão de maturidade e de temperamento. Ao contrário dos seus semelhantes, voltado antes para o divino do que para o humano, ele sentia mais

substância na cruz do perseguido e humilde Galileu, do que na águia do domínio romano. Vagando por Roma, onde se encontrava estudando, sentia que as catacumbas subterrâneas desafiavam o Coliseu, e em certo sentido o haviam vencido. Acrescente-se que na escola, na imprensa, na conduta humana, ele via então dominar uma ideia de Estado tão convencional e retórica (estava-se em pleno parlamentarismo), que não podia, na sua sinceridade, admirar muito. Depois os tempos mudaram, dando razão à sua repugnância. Muitas concepções jurídicas, políticas e sociais do seu tempo foram depois corrigidas, no sentido que o seu instinto lhe indicava. Ele também, amadurecendo nestes aspectos menores, reviu e corrigiu os seus valores, compreendendo melhor a função da Águia, mas de uma Águia que não iria além das suas funções específicas, na obra humana e terrena. O seu instinto, a sua função e missão estavam e permaneciam no campo da Cruz, mas também esta não iria além da sua função específica, referente ao campo divino do espírito. Águia e Cruz, Estado e Igreja, foram para ele os expoentes, as expressões concretas das duas leis, humana e sobre-humana, em que vira o mundo dividido. Considerada cada lei no seu plano, compreendeu-as e respeitou-as, na *justa* posição que lhes cabia. Mas na sua congênita inconciliabilidade com o ambiente humano não lhe permitia estar plenamente presente e ativo, senão nos terrenos tendentes a superá-lo. Por instinto era levado antes a procurar evadir-se, do que mergulhar nele para o trabalho. O seu terreno foi, portanto, não a vida política, mas a aplicação do Evangelho. Não expomos aqui princípios universais e absolutos, mas somente os relacionados com a personalidade do nosso personagem, narrando a sua história. Assim lhe pareciam as coisas, na sua posição evolutiva. De outras posições, a visão pode, sem dúvida, ser muito diversa.⁵ (p. 62-64)

Os três caminhos da vida

Liberto do esforço dos estudos oficiais, e conseguido com eles o resultado prático do diploma, encontrou-se diante de três grandes problemas a resolver, de três graves provas a superar, de três poderosos inimigos a vencer, pois que o seu destino já então amadurecia, e os seus impulsos, favoráveis ou contrários, deviam manifestar-se com plena eficiência. Esse período de vinte anos, que vai dos vinte e cinco aos quarenta e cinco anos, é o mais obscuro da sua vida, exteriormente insignificante, interiormente tempestuoso e trágico. Foi esse o período da mais dura expiação. Ele, que quase não havia conhecido o estouvamento da juventude, nem gozado aquela instintiva alegria de viver, que se afina mais facilmente com a inércia espiritual do que com uma laboriosa maturação, por vinte anos não teve mais tréguas. Mas quem tem qualidades deve sofrer-lhes o peso e pagar-lhes o preço. Quem traz *forças* dentro de si deve aprender a manejá-las e dominá-las, porque elas se desencadeiam irrefreáveis e

querem manifestar-se e agir. Quem se traçou uma rota deve apressar-se sem ócios ou repousos em tomá-la e realizá-la, porque a vida é breve e o destino tem pressa. Quem mais tem, mais deve. Quanto mais se é **forte**, mais se é agredido. Quanto mais longe se deve chegar, mais se tem de correr.^{5 (p. 68)}

A dor na lógica do destino

O mais ativo agente que o levou a encontrar-se a si mesmo, o estímulo mais enérgico que o forçou a compreender o próprio eu e a operar a sua formação e ascensão, foi a dor. Esta foi a primeira e mais intensa realidade que se lhe apresentou na vida, a **força** que mais profundamente agiu sobre o seu espírito, o choque que o feriu, o abalou, despertando-lhe as mais **fortes** reações e os mais íntimos recursos.^{5 (p. 74)}

Interessa depois conhecer a lógica com que agem estes impulsos da dor, o modo por que se apresentam, os pontos que golpeiam, o método pelo qual se sucedem, a meta a que se dirigem. O destino é sem dúvida um desenvolvimento de **forças**, não casual, mas dirigido segundo um princípio e uma lei, adaptados a cada caso. Se não fossem assim, a dor seria um crime e uma loucura do Criador e todos os fatos nos demonstram o absurdo de tal hipótese. Diante disso, interessa conhecer o sistema segundo o qual o fenômeno se desenvolve. Todos os organismos, seja no plano físico ou no espiritual, isto é, tanto o nosso corpo como a nossa alma, têm um ponto de menor resistência (*locus minoris resistentiae*). Ora, parece que a natureza escolhe justamente este ponto de maior fraqueza, de maior vulnerabilidade, para convergir sobre ele os seus mais veementes golpes. Este ponto, de preferência, ela fere nas doenças físicas como nas imperfeições morais. A natureza não gosta de pontos fracos, lança-se contra eles, seja para provar-lhes a resistência, e, se esta é pouca, abrir-lhes prontamente uma brecha e resolver o caso, matando o indivíduo, seja para estimular as suas reações e com isso impulsioná-lo a se reforçar, a reativar as suas defesas, e ensinar-lhe a salvação, obrigando-o a vencer, a aprender a ser **forte**, para sempre saber vencer. A resposta depende do indivíduo, e será vida ou morte, libertação ou dor. Assim, cada pena é uma doença e cada doença uma prova. Em cada caso a dor tem um significado, um escopo útil, e nos atinge para o nosso bem. É uma tentativa salutar de correção de algum erro, para restabelecer o equilíbrio, a ordem divina das coisas, na qual só existe felicidade. A natureza, ao infligir-nos as provas, parece desapiedada. Mas com elas se completa a grande escola da vida, na qual se aprende, cada um por si mesmo, a corrigir os impulsos mal dirigidos do próprio destino. De fato, somos nós mesmos que, nascendo com uma dada constituição física e moral, trazemos já em nós, definidos e localizados, os pontos de menor resistência, a nossa **força** ou a nossa fraqueza, já implicitamente assinalando a nossa vitória ou a nossa

condenação. O ambiente prova indistintamente todas as pessoas: a nossa resposta é que é diversa, as causas da dor estão em nós. A natureza é imparcial, é *justa*. Se fosse piedosa, não seria *justa* e trairia a maior finalidade da vida, que é o evolver, que nos faz progredir e aperfeiçoar.⁵ (p. 76-77)

Pobreza e trabalho

Assim ele, como cristão, não quis fugir ao cumprimento de seu dever, nem acomodar-se na passiva solidão contemplativa, onde há excesso de tempo e de paz, ou em ociosa pobreza de resignada e inerte aquiescência, indiferente às fadigas e às dores do mundo. Mas abriu, como cristão, os braços às fadigas e às dores alheias, fazendo-as suas, e quis, como cristão, o seu posto de luta na vida. Sentiu que nenhuma espécie de penitência pode justificar o imponderável pecado do isolamento, que nos afasta da fraternidade na luta e na dor, ou o pecado capital do ócio, que nos afasta do grande dever individual e social do trabalho. Não é acaso suficiente matéria de penitência a dor do mundo, para que se deva artificialmente buscá-la de outra forma? Fixada a sua posição, preparou-se para agir. Quem verdadeiramente crê numa coisa, ao invés de pregá-la, começa a praticá-la. Amava a fé criadora, as virtudes dinâmicas e operosas, e se lançou à obra. Até que as suas intenções não se manifestaram em fatos concretos e não se tornaram claramente visíveis no exterior, as coisas andaram discretamente. O mal-entendido o defendia; os seus atos podiam ser interpretados de maneira diversa. Deixaram-no viver. Mas quando, pouco a pouco, começaram a compreender o que ele, de fato, queria fazer, os seus dependentes, que receavam perder as suas posições e ser despojados das suas utopias, ocultamente se congraçaram para tomar conta de tudo, antes que qualquer outro o fizesse, e começaram o cerco. Quando principiaram a compreender as suas verdadeiras intenções, deram início às apreciações, aos juízos, e com estes à condenação. Começava assim, econômica e moralmente, o trabalho de sua demolição. Eram essas as leis normais e naturais; devia suportá-las. Agem inexoráveis no seu plano, seguindo a própria *justiça*. Não importa se se trata de um mártir ou de um santo. As suas reações pertencem a outros mundos, que a natureza terrena ignora e dos quais não se dá conta. As compensações surgirão depois, noutro lugar, não aqui na Terra, onde reina contra lei, a do mais *forte*. Ele encontrava-se entre os vencidos; aqui em baixo não importa que um destes se destine a elevar-se mais tarde. Tinha de sofrer, portanto, a sorte impiedosa dos vencidos. Suportar todas as torpezas do aniquilamento.⁵ (p. 89)

Não pediu ajuda a ninguém, porque sabia que este era o seu caminho e queria segui-lo até o fim, para não renegar o Evangelho. E, além disso, sabia muito bem, que quem sabe negociar gosta de fazê-lo apenas em benefício

próprio. Assim superou a tentação de recorrer a parentes e amigos, e o cerco continuou. Enquanto os interessados no caso o atacavam e espoliavam, o mundo o julgava. Os primeiros o assaltaram com trapaças e traições, o segundo o cercou de uma atmosfera surda de desprezo. Desprezo, porque não sabia vencer no plano humano dos valores comuns; desprezo, porque perdia o poder que já possuía e tinha de cair entre os pobres, os deserdados, os mendigos. Devia, pois, sofrer a mesma sorte destes, ser considerado um falido na vida, como estes eram considerados: coisas sem dono, carne feita de miséria, que se pode pisar impunemente, feita mesmo para ser pisada. Sentia a injustiça do julgamento, mas se confortava na tranquilidade e na satisfação da sua consciência. Restava-lhe, porém, a humilhação, e esta queimava. Não como humilhação, porque o seu interesse ele o colocava em coisas bem diversas, e sabia que o juízo do próximo não o podia elevar, nem abater, mas queimava porque o isolamento é doloroso para todos, mormente para os espíritos mais retos e sensíveis, que sentem de maneira mais viva a necessidade da fraternidade humana. Foi julgado sem piedade como inepto, pois só assim se podia explicar e admitir o empobrecimento. Reprovaram a sua inaptidão, suspeitaram da sua má-fé; quanto mais ignorante era o seu próximo, mais se apressava a julgá-lo, da maneira mais inexorável. Perdeu todo o respeito da parte dos outros. Compreendeu amargamente que a estima e a atenção dependiam da sua posição social. Tornou-se o imbecil, o alvo preferido dos críticos fáceis, triunfantes, sempre heroicos diante de um vencido, mais animaizinhos tímidos e obsequiosos diante de um **forte**. Aprendeu a conhecer toda a vileza humana. A experiência da verdadeira imitação de Cristo começava a se tornar trágica. Que seria feito dele? Atrás da sua posição social, teria naufragado também a sua alma? Que horas de desespero o aguardavam, a ele, o louco?^{5 (p. 89-90)}

A divina providência

Quem preparara e desejava de forma tão adaptada às necessidades, medidas com tanta precisão pela **força** e capacidade do interessado? Quem, em lugar dele, fizera isso por ele? O resultado ali estava, e tinha de existir uma causa. Agradeceu a Deus e concluiu que a Providência não abandona os **justos** e que, ao menos até agora, o Evangelho não o traía.^{5 (p. 100)}

Libertado por **justiça** de seus bens hereditários, em poucos meses encontrou-se numa posição social verdadeiramente **justa** – porque exclusivamente dependente de seu trabalho. E eis que não sofreria a falta do necessário, como reudara e como, em consequência de sua conduta, do ponto de vista humano, se podia logicamente esperar. E agora, esse lucro era seu. Podia viver, agora, também economicamente, como era **justo**.^{5 (p. 100)}

Os caminhos do mundo

Se se observarem as opiniões e teorias que em cada grupo cada um defende, ver-se-á que, não obstante a grande diferença, elas são invariavelmente iguais no fato de que as suas conclusões e a moral que trazem são tais que se dá razão a quem as professa, colocando-o em posição de superioridade em relação aos demais. Assim, o **forte** sustentará a filosofia dos **fortes** porque é **forte**; o **astuto**, a do **astuto**, porque o é. O mesmo com os fracos e com todos os tipos humanos. Nos fatos cada um sustenta a filosofia em que triunfa, jamais a em que permanece fraco e derrotado. Portanto, a verdade, praticamente, está na defesa de cada um contra todos os outros; cada opinião e filosofia em cada campo não é mais que um ato de afirmação egocêntrica, ditada pela exaltação do eu e pelo menosprezo dos outros. Neste nível, cada verdade mais alta se vê reduzida ao mínimo. É por isso que os grandes princípios, as grandes leis, as grandes metas não são alcançadas pela maioria. O homem comum limita-se ao trabalho de conservação individual e coletiva. Ele não é a célula social de exceção, especializada na função de órgão nervoso de seleção, de antena que antecipa a evolução. Este tipo de exceção, que sente o universal, supera os grupos particulares e professa verdades mais vastas situadas acima dos interesses próprios e do grupo, não tem defesa contra nenhum dos outros, porque está fora do seu **egoísmo**. Ao contrário, é agredido por todos. Mais tarde, se um grupo se apoderar dele, usa-lo-á como estandarte. E assim se progride, mesmo que a divulgação e a assimilação não se possam atingir senão através do desfrute. O ponto de partida humano para o universal é o particular; para o **altruísmo** é o **egoísmo**; para o absoluto é o relativo; para o progresso coletivo é o progresso individual. Para sobreviver, e fazer-se entender, é necessário entrar no grupo, no particular, no relativo, no **egoísmo** individual; é necessário que o ideal (para não ficar letra morta, se os tempos não têm **força** para se elevarem até ele) desça, se avilte até ao nível dos tempos.^{5 (p. 134)}

Condenado

Que distância da filosofia fácil e feliz dos que tão facilmente se atiram à solução de seus problemas, afogando-os em qualquer gozo material! Diante do mundo unicamente ávido de prazeres, até parecia que ter uma alma, um ideal, era uma anormalidade. A sinceridade, a fé no superamento de todas as misérias terrestres – uma anomalia patológica! Rebelde à vida animal da Terra, fora inexoravelmente isolado. As leis biológicas impeliam o homem ignorante à destruição da exceção, da emersão do pântano da mediocridade. O encontro era sempre entre ele e o homem, entre o espírito e a matéria. Sempre o mesmo desafio dele contra o mundo, não importa sob qual aspecto isso se apresentasse. Ele perdoava. Repetia aquele sublime, mas tremendo: “Perdoa-lhes, que eles

não sabem o que fazem”. Olhava os homens e perguntava: “Serão eles realmente culpáveis de não saberem emergir do plano animal, de que saberem superar as leis da realidade biológica?” E de sua parte, da parte do espírito, encontrava Cristo e a Cristo, desesperadamente, se agarrava. Esta união era toda a sua razão, justificativa e *força*. O mundo, imerso na luta pela vida, atentava também contra seu refúgio vital. Ele não condenava o homem, cego executor, através dos instintos, das leis da sua vida. Observava a batalha apocalíptica, que se travava entre o bem e o mal, como se fosse não espectador, mas ator. E perguntava a si mesmo: “Por que o encarniçamento da matéria contra o espírito? E por que tem de sofrer a sua hora de trevas e sentir o peso da derrota? Por que aqueles que se elevam mais alto devem atravessar a prova de ser atirados à lama como Cristo sob a cruz; devem ser expostos, inermes, ao assalto do que existe de mais baixo e devem saber resistir às mais ferozes tentativas da demolição? Por que Deus os permite, que significam na sua harmonia os atentados e este dever de resistência dos que estão mais avançados no caminho que vai até Ele? Por que o bem, em vez de ser encorajado, é perseguido? Por que o tormento do *justo*; por que a condenação justamente de quem é reconhecido entre todos o melhor; por que a impotência da bondade diante da *força*, a debilidade do evoluído diante da bestialidade do involuído; por que a luta de todos contra todos? Por que a falência do ideal, a rebelião contra ele da parte do mundo que justamente o proclama e venera; por que o terrível trabalho do homem para subir, a luta dentro dele próprio para fugir do inferno e a necessidade de ficar e demorar? Por que o instinto do homem de fazer-se teoricamente um modelo superior para si mesmo e por que a sua impotência prática de realizá-lo?”⁵ (p. 142)

No inferno terrestre

No entanto, aquele tipo de homem comum que ele tanto condenara, era perfeitamente equilibrado no seu ambiente terrestre, ao passo que ele não o era. Via que a natureza premiava com o sucesso a prepotência e a *astúcia*, garantia a vida aos que sabem usar a *força* para vencer. Via que, na prática, o triunfo pertence àqueles que destroem o inimigo; os que não sabem se defender e oferecem a outra face têm um fim brutal. Agora via o que o mundo é, não o que será e deveria ser. A lei que os fatos lhe mostravam não mandava ser bom e *altruísta*, mas *forte* e *egoísta*. Via uma natureza desapiedada que não socorre os fracos, antes os condena, e persegue-os para liquidá-los. O tipo que o mundo exaltava, o modelo que se apresentava como ideal a se imitar, é completamente diferente do modelo evangélico que adotara, para imitar Cristo.⁵ (p. 147-148)

Via que a lei *altruísta* do Evangelho não era nesse mundo sentida como verdade senão pelos fracos, os quais, procurando proteção no *altruísmo*, dele esperam tudo. Não era sentida senão como mentira pelos *fortes*, para os

quais o *altruísmo* dá prejuízos. Em suma, a Terra não era lugar de paz, de segurança paradisíaca, como o Evangelho pregava, mas de grande miséria, onde urge a defesa e impera sem tréguas a lei desapiadada da luta de todos contra todos. Um ambiente em que se procura, se exalta, se adora a *força*. Bondade e *justiça* são refinamentos dos grandes senhores, são luxos criados para os anjos que estão no céu, não para os demônios que vivem na Terra. Aqueles que dispõem de *força* usam-na para si mesmo; apenas os fracos em busca de auxílio se refugiam no Evangelho. E o Evangelho, feito para a ascensão humana em direção ao espírito, redundava em refúgio de inaptidões. O exército que o segue não passa de multidão à procura de acomodatamentos parasitários e de evasão da inexorável e desapiadada *justiça* das leis biológicas. Se essa *justiça* é salutar para arrancar do refúgio todos os retardatários da evolução, todos os refratários ao trabalho que o progresso impõe, todos os preguiçosos e ineptos que resistem à lei de seleção do mais *forte*, ele se perguntava que resultados antibiológicos, que seleção às avessas a lei evangélica acabaria por produzir, de tal modo alterada em sua aplicação, e de tal modo transplantada para o ambiente terrestre. Não era esta adaptação uma terrível vingança da Terra contra o céu, não era a demonstração do absurdo da prática do ideal, uma traição contínua ao martírio de Cristo? E, se sobre a Terra o Evangelho não podia existir senão assim alterado, de que servia havê-lo proclamado? Se estes eram os resultados práticos, não era uma aberração insistir nesse caminho? No entanto, não se podia negar que sobre a Terra também havia uma lógica, embora terrível. Mas as duas lógicas – do céu e da Terra – não podiam se encontrar senão fatalmente se invertendo, traindo-se e destruindo-se mutuamente.⁵ (p. 148-149)

Revolta

Assim via os homens e a vida – não mais colocando-se no alto dos céus, mas da própria Terra e, naturalmente, tudo lhe parecia diferente. No profundo de sua nova miséria, compreendeu que ia precisar de terrível coragem para viver assim sem Deus, sem a doce música espiritual do Evangelho, sem esperança, sem poder pedir auxílio, no meio de uma realidade impiedosa. Certamente, a figura de Lúcifer tinha sua grandeza e sua beleza, um Lúcifer revoltado que ousa, sozinho, desafiar o universo. Já não era o tempo dos doces sonhos. Era preciso dar-se aquela coragem amarga e terrível, de saber viver por si, entre cegos perdidos no universo. Não era homem para apiedar-se de si mesmo e pedir socorro. Preferia ir até o fundo, enfrentando o problema sem acomodatamentos. Precisava fazer, com urgência, para si mesmo, uma filosofia objetivamente sólida que o orientasse na realidade. Precisava fundar outras bases objetivas para nova verdade que explicasse este mundo, uma verdade mais resistente e concreta que a outra destruída, uma verdade que pudesse,

afinal, não mais desmoronar. Fora desiludido; queria agora coisa segura, sólida – uma realidade de ferro, materializada em fatos, indiscutível, universal e sempre presente, sempre válida e aceita pelos seguidores de todas as verdades. E onde encontrá-la senão no mundo dos fatos, na realidade da vida? Só a verdade biológica representava, ao menos na Terra, a linguagem universal, entendida por todos, permitindo entender-se, mesmo com os animais; uma verdade finalmente aceita por todos, verdadeira, sempre aplicada aos seres, vivida por todos, mesmo pelos que a ignoram, ou não creem nela, ou a negam. Esta era, finalmente, a verdade do consenso unânime imposto pelas leis da vida. Era a indiscutível. Era preciso fazê-la contar pela voz dos fenômenos que a exprimem no ambiente terrestre. Só essa podia ter a solidez que apenas a aderência experimental à realidade pode dar. Só com esse método mais universal poderia medir tudo e explicar a conduta dos homens, religiosos ou ateus, de todos os homens, fossem quais fossem suas afirmações teóricas. Desejava compreender por quais razões biologicamente verdadeira tinha o homem, que ele agora observava, agido assim. As delicadas construções espirituais do céu não resistiram. E desta derrocada queria compensar-se com a conquista de solidez sobre a Terra. Já que tinha de limitar seu campo, queria, ao menos, resultados seguros. E a Terra tinha a ciência materialista, já orientada neste sentido, objetiva, experimental, concreta, utilitária. Sem mais imersões no imponderável, já agora negadas à sua cegueira, como à de seus semelhantes, a sua verdade não podia já ir além dos resultados oferecidos pela percepção dos sentidos. Tinha de se limitar a ouvir a voz dos fenômenos, para que estes lhe revelassem o próprio significado e com ele a verdade terrestre que continham, porque neles ela devia estar sempre presente. Devia agarrar-se às manifestações dos fenômenos e da vida, porque certamente elas exprimiam as suas leis. Podem existir, também, outras leis, mas esta é, sem dúvida, a lei do ambiente terrestre, a sua verdade. E encontrou a realidade biológica, impiedosa, bestial, lei de luta pela vida, de seleção dos mais **fortes**; encontrou-se diante dos instintos primordiais da animalidade, os motores elementares da existência: a fome, o amor, a evolução para a conservação individual, como para a conservação da espécie. Era uma verdade bem magra, esquematicamente animalesca, mas indiscutível. Certamente, era triste esta mutilação de quem reduz todo o seu ser à sua própria estrutura animal. Mas, não era esta a realidade da vida? Não era vão tentar a superestrutura do ideal? Não era essa a hora da degradação involutiva? Ele poderia ter-se retraído e permanecer no centro morto de seu espírito, ali se deixando extinguir sem reagir, em triste depressão e renúncia à vida. E em verdade, foi esta a primeira tendência de seu espírito, logo depois dos casos descritos. Viveu, depois dos golpes recebidos, um período de anulação que o teria levado à morte se não tivesse sobrevivido um irresistível instinto de vida. Tinha de reviver, senão mais no céu, ao menos sobre a Terra, não importa se diferente. E seguir um período de renovação, mesmo em sentido inverso. Ao abatimento da morte seguiu-se, então, a reação da vida; à

resignação do vencido, a revolta de Lúcifer. Tudo era lícito, menos renunciar à vida. Não era hora das virtudes passivas da paciência, mas das virtudes ativas da *força*. “Quero viver!” gritou ele. E sua vida foi um grito de revolta. Aliás, não tinha escolha. Se desejava sobreviver, não lhe restava outro caminho. Não era esta a hora das trevas? Portanto, coragem! Precisava suportar até o fim a prova da animalização. Quem iniciara este suicídio espiritual? Quem o provocara? Ele procurara-o, ou desejava-o? Tudo estava disperso, condenado, repellido – tudo o que era o melhor de sua alma e que ele dera pelo bem.⁵ (p. 152-153)

Uma dúvida o atormentava sobretudo, natural consequência do seu novo ponto de vista: a sublime utopia do Evangelho é aplicável na Terra, ou ter-se-ia enganado, sacrificado inutilmente a sua vida e teria, talvez, de recomeçar do princípio? O problema não interessava a ele somente, mas tinha um âmbito muito mais vasto. Por que o irreduzível contraste entre o Evangelho e os instintos animais do homem, expresso nas leis biológicas? Será o Evangelho antibiológico? Como se poderá pretender que a lei do céu seja aplicável na Terra, onde existe a matéria humana e não o espírito angélico, onde os instintos, o corpo, as exigências do ambiente, as leis da vida, tudo é tão diverso? O mundo guiava-se por outra tábua de valores, por cima da qual está a *força*, ante a qual todos se prostram e que tem o seu decálogo, no qual é condenada a resignação, a miséria dos fracos e é exaltada a revolta, virtude dos *fortes*. Condena-se a fraqueza, pecado capital e condena-se o Evangelho, refúgio dos vencidos... A paciência e o perdão são tolices supremas... Os dois mundos tinham cada um o seu sistema completo, que se contradizem. Ele perguntava se os ideais espirituais não seriam antibiológicos, antivitais, um verdadeiro suicídio no plano animal; se seria absurda e impossível a pretensão de os realizar no ambiente terrestre e se não seria suprema utopia a tentativa de transplantar a ordem de valores, construídos para o céu, a um ambiente criado para a Terra. Não falava claro a inconciliabilidade congênita, a revolta da matéria contra o espírito? Não lhe mostrava a realidade prática que, em lugar de se compreenderem e fundirem, os dois princípios lutavam para excluírem-se? Tudo lhe dizia que o Evangelho é uma linda, mas irrealizável utopia.⁵ (p. 155)

Colocado no mundo, olhava agora todas as coisas com um senso diverso e tornava a fazer, de um ponto de vista prático, a pergunta: Seria o Evangelho antibiológico? A ação das religiões, julgadas através da realidade biológica, parecia-lhe desastrosa. A realidade biológica deseja a seleção do mais inteligente, ativo e *forte* em todos os campos. Ora, o princípio religioso da bondade, que na origem tinha uma sadia função biológica, criadora de coesão social, transformara-se, à *força* de desvios, acomodações e, digamos mesmo, traições humanas, num sistema protetor que, possibilitava o pacífico crescimento dos ineptos, dos fracos, dos parasitas. Olhava tristemente o lânguido exército, a tépida corte de seguidores que a chama original dos

mártires, por eles também imolados, não conseguia mais agitar nem inflamar. Praticado na Terra, qual melancólico sonho, esse reino dos céus foi falsificado para enquadramento de débeis acomodados. Repugnava-lhe a virtude mutilada da ação e reduzida ao negativo; a bondade abastardada; a indolência; a religião transformada em sinecura hereditária. À sombra protetora daquela bondade se conseguira suprimir o trabalho da luta, que é a base do progresso da vida, e se pudera operar uma seleção inversa. Assim modificadas, as religiões invertiam suas funções e resultados. E ele perguntava a que criação do estranho tipo biológico se chegaria depois de algum tempo, se se continuasse nesse caminho. Afligia-se ao ver tão poderosas *forças* espirituais, assim falseadas, falirem e deformarem-se até se tornarem o oposto do que deveriam ser. Só a salutar reação das leis biológicas, inferiores e condenadas, poderia sustar esse adormecimento, desalojar os parasitas, agitar o lodo, para evitar a putrefação.^{5 (p. 156-157)}

Ao lado do triunfo do vencedor está a miséria do vencido. É natural, por isso, o parasitismo e a busca das posições protetoras. É natural a presença dos fracos e é natural que, na luta sem tréguas de todos contra todos sobre a Terra, a miséria se refugie onde puder, inclusive nas religiões. Como se poderá pretender aplicar a tais seres a lei dos santos, dos super-homens heroicos? Que se poderá conseguir de uma tal aplicação, senão adaptações, seres híbridos, naturezas contorcidas, mentiras? Como poderá a massa fornecer certos heroicos superamentos, como se poderão pedir certos sacrifícios supremos a quem não é *forte* e maduro? Como pretender que num mundo onde tudo é ataque e defesa, a piedade não venha a ser utilizada como elemento de defesa.^{5 (p. 158)}

Algo aprendia agora, abrindo os olhos para a realidade humana do mundo. Aprendia que, onde tudo é luta, é natural que a *força* tome para si todas as coisas, e que o Evangelho seja considerado como verdade pelos fracos que nele se amparam e como mentira pelos *fortes* que o repudiam. Aprendia que o tão condenado *egoísmo* é necessário e que o *altruísmo*, tão exaltado, é individualmente uma utopia e um prejuízo. Compreendia que as virtudes são coisas para serem recomendadas e exigidas do próximo, pois constituem um ótimo meio de submetê-lo e explorá-lo, mas não são as coisas que se pratiquem, porque só trazem sofrimento e limitação. Compreendia a utilidade da *astúcia*, do apego aos bens, da elasticidade de consciência, do ataque e da defesa. Aprendia que aquilo que se exalta em público é apenas uma atitude, a qual, como o louvor, procura-se compensar e mesmo incitar, enquanto traz utilidade. Compreendia agora muitos embustes, o jogo dos bastidores e muito do mecanismo secreto da vida social, tão agradável, vista de fora, com sua distinta aparência. Persuadira-se também que é idiotice iludir-se com esta realidade infernal. Que em verdade, aqui em baixo, Deus está longe, tão longe que não se pode ver. Sua ação custa tanto para se mostrar no fundo destas trevas que,

praticamente, é como se Deus não existisse e assim se explica como tantos podem viver como se Deus nada fosse. A cada passo, neste mundo a matéria nega o espírito, a Terra é vitoriosa sobre o céu, a experiência é contra a fé, a realidade esmaga o ideal. Que lhe pedia o mundo? Além da mentira das palavras, que coisa, realmente, lhe pediam todos? Que ganhasse riquezas e as acumulasse, porque só o rico é respeitável. Ser besta de carga, ávida e impiedosa; ser máquina de fabricar dinheiro. A gente só compreende e admite o triunfo sobre a Terra. Os triunfos do céu não se veem, não se compreendem, nem se admitem. São sonhos de exaltados. Enquanto ele se consumia em tais afirmações, era um ocioso; enquanto não dava provas de saber vencer no mundo, obtendo o sucesso por qualquer meio, era um imbecil. No fundo, diziam-lhe que atirasse fora do supérfluo, demolisse o espírito, se tornasse normal, entrasse na fila, se tornasse homem do tipo em série, como os outros que vivem na Terra e não no céu. Enquanto ele não tivesse adquirido todos os defeitos, as culpas, as fraquezas, as baixezas humanas – seria visto como suspeito. A tentativa de evasão, não se podia admitir e gerava desconfiança. Isso não era fraternidade na miséria, mas declaração de superioridade e desafio. Era pretensão de estar subordinado a outra lei, para se eximir da lei de todos, era soberba imperdoável e ofensiva soberba. Para ser compreendido, admitido e tolerado no mundo, tinha que fazer suas as leis da Terra, onde a revolta é virtude; devia operar um processo inverso àquele já realizado na ascensão mística: o processo de bestialização.^{5 (p. 158-159)}

A traição de Judas

Por um ano viveu este drama, fazendo seu drama do mundo. Tentara a arriscada aventura por uma questão de lógica excessiva, mas em plena consciência. Recordava o passado e sentia que ele não podia estar completamente destruído. Não compreendia ainda como poderia ressurgir. Sentia que agora, com respeito ao céu, estava cego e que seu espírito se dirigia para outros pontos. Compreendia e perdoava ao mundo muitas coisas. Trocara de posição; pretendia, porém, arar mais fundo no sulco da vida. Sofria e trabalhava com o espírito. Seu sofrimento era mais fundo e mais maduro. A descida aos estratos inferiores da evolução, de onde sempre emerge a vida que ascende, se o embrutecia, também o fortalecia, alimentava o seu ideal, robustecia-o na escola da luta, reforçava-o ao contato com a *força*, muitas de suas ingenuidades e de suas simplicidades caíam. Achava que o homem nem sempre era mau e nunca o era pelo prazer de fazer o mal pelo mal. O mundo dera-lhe respostas rudes, impiedosas, mas razoáveis e honestas. Havendo necessidade e dever de viver, ao que se pode agarrar a conservação individual senão ao próprio *egoísmo*, desde que o *altruísmo* não passa de retórica?

Portanto, o *egoísmo* é necessário para completar o dever de viver, logo, não é culpa – é dever. Inicial no mundo a aplicação individual e integral do Evangelho é caminhar para a morte certa. Como se pode viver em oposição ao ambiente e em contínua revolta à lei dominante? A ferocidade dos outros impõe a ferocidade própria. O reino do Evangelho não pode ser senão uma conquista coletiva. Os pioneiros isolados não podem fazer mais que ficar despedaçados. Com isto justificava-se a si mesmo por sua queda, mas procurava também justificar o mundo pelo delito de não ter, depois de vinte séculos, aplicado quase nada do programa de Cristo. Assim compreendia como o belo sonho do céu tivesse permanecido estéril para a massa, justamente porque, dado o estado de coisas humanas, aquele sonho seria integralmente irrealizável. O homem normal não é, certamente, o herói possuidor de *força* sobre-humana, em especial se tomado isoladamente, para erguer a pesada lei da matéria até os rarefeitos planos do espírito; a lei da *justiça* biológica, que é a do mais *forte*, para a transformar na lei da *justiça* evangélica, que é o Bem comum. E estas leis, naturalmente *fortes* na ação, não se deixam anular. Onde a conservação individual está presa ao *egoísmo*, o *altruísmo* é absurdo e impraticável. É bem árduo querer fazer um acordo entre o Evangelho antibiológico e a vida terrestre antievangélica. Se o Evangelho for a lei do futuro, isso não impede as condições irreconciliáveis do presente. Por isso, Renan, em sua Vida de Cristo, pôde dizer que “o ideal, bem no fundo, é sempre uma utopia”. E Platão disse: “Sem loucura não haveria nada de belo e de grande no mundo”.^{5 (p. 160-161)}

Mentiras e justificações

Seguir o Evangelho significa rebelar-se a essa vontade e expor-se à vingança daquelas leis, que na Terra dominam e imolam quem as viola. Ai de quem não as respeita! Será triturado. Todos as suportam e aplicam, inclusive os teóricos que pretendem dominá-las e superá-las. Não é culpa nossa se o Evangelho e o mundo são inconciliáveis. Não podemos, para cumprir o dever de aplicar integralmente o Evangelho, eliminar o dever de viver. Não temos direito ao suicídio. Para se realizar qualquer coisa sobre a Terra é preciso, primeiro a *força*, depois a *astúcia*; a bondade vem por último. A bondade é o meio mais inadequado em um ambiente onde se trata de agir e não de amar e sonhar e com ela aqui na Terra nada se faz. Temos que nos realizar primeiro na Terra e depois no céu. O contrário é absurdo, nem há margem para semelhantes experiências. Temos que nos ater ao positivo: fugir à dor, procurar a alegria e nesta conseguir, rapidamente, o prêmio da luta. É preciso que o bem seja útil. Os resultados longínquos e hipotéticos não interessam. Aqui é preciso viver, não cair. Os que caem são arrastados. A luta é árdua e não sobram energias para ajudar aquele irmão que caiu, porque ele é sempre um rival e a piedade por ele

rouba-nos a vitória. Na Terra não há lugar para o Evangelho, não há possibilidade de fraternidade nem de *altruísmo*. O que surge é uma só coisa; lutar e vencer. Sob todas as máscaras e sob todas as modas do tempo, esta é a única substância estável, que jamais muda. O que nos vindes contar? Não. Não nos metais nos vossos ideais *altruísticos*. Desejais destruir e enganar a natureza? Ela não pode admitir a piedade onde se desenvolve a luta pela seleção. A *justiça*, então, se obtém não pela piedade dos superiores, mas pela rebelião *egoísta* dos inferiores ou seja, não por amorosa conduta evangélica, mas por extorsão, porque a luta é contínua e apenas os mais *fortes* conseguem vitória. A realidade biológica não tem interesse algum no prolongamento da piedade maternal além de suas funções protetoras da maternidade. Proteger além destes limites é anti-seletivo. A vossa lei é fraca e só produz ineptos. A nossa *justiça* é férrea, inexorável e cria *fortes*. A lei biológica não pode aceitar o Evangelho. Em nosso mundo, a piedade e a bondade não funcionam, ninguém paga o sacrifício e não há espaço para os ideais. A lei suprema é: agir por si mesmo, sabendo bem que não se deve pedir auxílio, que não se encontrará piedade, porque o nosso vizinho está, mais empenhado do que nós. Não nos resta senão negar todo o auxílio e não ter piedade. Esta é a nossa *justiça*. O nosso mundo é um vórtice que nos impele e a todos arrasta. Isolar-se, rebelar-se, é impossível. E nos agarramos desesperadamente ao vórtice, com todos os meios e alegrias, repelindo a dor como podemos. Por que faríamos esforços por resultados longínquos, quando temos que lutar pelas necessidades imediatas? Pelos caminhos do Evangelho, o cansaço é próximo e o resultado hipotético e longínquo, e por isso é natural que a natureza evite tais caminhos. Ela é positiva, utilitária, econômica, prudente. Não admite riscos; se alguns loucos dependem energias perseguindo ideais e resultados incertos ela não tolera o cansaço que deixará o homem extenuado aos pés de um sonho.^{5 (p. 171-173)}

O Evangelho e o mundo

E o mundo responde: “[...] Desgraçados os que choram. Os vencidos merecem desprezo. Não há piedade para os fracos. A vida deseja os *fortes*. O mundo pereceria se, graças à piedade, fosse reduzido a um asilo de ineptos. Aqueles que têm fome e sede de *justiça* nada conseguirão esperando-a de braços cruzados; devem procurá-la à *força*. Sobre a Terra reina a *justiça* férrea e feroz, que se curva ao mais *forte*, ao que soube merecer sua posição pela coragem, arriscando e trabalhando; reina uma *justiça* que não deixa lugar aos fracos, aos sonhadores, aos idealistas inconsequentes. [...] A vida pertence aos *fortes* e não aos puros. Aos que vencem nada se pergunta, porque eles têm razão; aos que perdem pergunta-se tudo, porque eles estão errados. [...] Sobre a Terra, a *justiça* é o triunfo do mais *forte*. Os perseguidos, enquanto não se

revoltam e vencem, estão sempre errados. Na Terra não existe respeito pelo céu. Não se respeita aquilo que está fora de nossa experiência e da possibilidade da nossa ação”.^{5 (p. 176-177)}

A luta pelo ideal

Seja qual for o caminho escolhido, não há uma saída gratuita que nos livre do trabalhoso dever de evoluir. É inútil procurar animalizar-se. Há na alma humana uma necessidade instintiva de melhoramento, um irresistível sentido de insaciabilidade que fatalmente estimula e impele. E os caminhos terrestres são cansativos e inseguros. E então valerá a pena sacrificar a consciência e tanto trabalho por um resultado tão incerto? Sim! A moral biológica do mais **forte**, sempre vencedor, é viril e grandiosa; mas quantas tristezas, quantas traições, quanta miséria atrás da cena; que vis explorações, que instabilidade implica o sistema da **força**! Isso se reduz a uma luta sem tréguas.^{5 (p. 188-189)}

Ressurreição

Assim ele experimentou o funcionamento da lei do equilíbrio que é **justiça** para os que estão esgotados, indiretamente destruídos, tanto mais quanto menos reagira. Ele compreendeu então o mecanismo da falsificação evangélica pelas leis do mundo que faz a derrota se transformar em triunfo. Compreendeu que além do simplicismo brutal da lei biológica havia outras **forças** que, mesmo agindo plenamente num mundo mais alto, irrompem também sobre a Terra, impondo-se, invisíveis e imponderáveis. Assim, depois de ter sentido o sabor amargo da injustiça do mundo, pode saborear a **justiça** do céu e compreender a superior potência e a maior estabilidade do equilíbrio das leis do céu ante as leis do mundo. Para os **astutos** da Terra as leis parecem ingênuas; para os **fortes** são fraquezas. Alguma coisa, nos mais elevados planos da evolução, sentira e registrara o fato de sua queda. Dir-se-ia que, além das aparências, pesara a substância, tendo encontrado, além da forma condenável, uma realidade de sacrifício, um organismo de **forças** conscientes – interviu em defesa do inviolável princípio da divina ordem da **justiça** e agira na Terra transformando a derrota, a queda, a mutilação – numa ressurreição.^{5 (p. 197)}

Ama o teu próximo

Como viver o Evangelho em meio a uma moral que, com os fatos, constantemente o desvirtua? Como resistir com as leis de bondade num mundo

onde dia e noite se preocupa explorar os simples e destruir os débeis? E se procuras te libertar para sobreviver e gritas no martírio por não teres mais *forças* para o suportar, vê que os outros, bem acomodados, não querem renunciar e se escandalizam com a tua fraqueza, com a tua pouca solicitude em servi-los. Com santo zelo, atiram mais lenha ao fogo onde tu te queimas e te consumes; e te animam, para que a tua bela figura moral não se desmereça e continues admirável e edificante para as suas almas. Que magnífico ideal o sacrifício dos outros! Como resistir onde todos te atiram em rosto o *egoísmo* dos *fortes*, como a falsa virtude dos fracos, dos ajuizados, onde todos se agrupam em torno daquele que conseguiu, com tanto trabalho, subir um pouco, para agarrá-lo e atirá-lo ao lado de todos.^{5 (p. 206)}

Acensões humanas

Apesar de tudo, o mundo possui o vago e incerto instinto das coisas superiores; nascido no fundo da alma, há o sentido do bem. Isso sugere uma íntima insatisfação, um desajuste espiritual que o estimula a melhorar-se. O mundo nada mais pode obter da mentira, da luta, da *força*, da destruição, de tão fatigante sistema de vida sem repouso, de engrenagem tão pouco ágil que, para funcionar, exige o consumo de tamanhas quantidades de energia. No fundo, o mundo detesta a horrenda realidade biológica em que vive, a realidade do “*Homo homini lupus*”. Tem necessidade e ânsia de bondade e de *justiça* entre tanta malvadez e injustiça! É como se não se conseguisse nada de belo senão no sonho do ideal, irrealizável, mas ao menos não tão sufocante. A onda do mal que se submerge gera em nós uma reação desesperada para o bem. Há no mundo tal miséria gerada pelo abuso, pela traição, pela injustiça, que a fuga para o ideal é irresistível, embora se saiba que ele é impossível aqui. Proclama-se o seu absurdo e a sua inconsciência com fatos, repetindo-se: “Sede *fortes*, para vencer”. E já não há mais repouso. Invoca-se e procura-se algo diferente deste inferno humano, mesmo que seja o impossível, qualquer coisa a qualquer preço por uma hora de paz. Há um processo de saturação no qual até a Terra se cansa de sua própria lei e se rebela, ousando arriscar-se em formas de vida mais evoluídas. E então, a Terra odeia o seu ódio, revolta-se contra a sua rebelião, renega-se a si mesma e decide-se a enfrentar o esforço necessário para mudar e obedecer o instinto de subir. Então, o homem da terceira lei é chamado a cumprir a sua missão, já que a lei da vida não é ódio, mas amor, não mentira, mas verdade, não o mal, mas o bem.^{5 (p. 209-210)}

6. FRAGMENTOS DE PENSAMENTO E DE PAIXÃO

Programa (“Ama a teu próximo como a ti mesmo”) (1934)

É esta, pois, uma cruzada de homens honestos, simplesmente honestos. Não importa ciência, nem riqueza, nem poderio. Disso não temos necessidade. Atrás do **justo**, existe uma **força** tremenda a Lei Divina, que o protege. Não vos preocupeis se não perceberdes essa Lei. Ela é a mais profunda realidade da vida. Não temais se esta realidade permanecer sufocada em vosso baixo mundo de dor, encoberta pela vossa densa atmosfera de culpa. Cada homem a sente no profundo de sua consciência com um instinto incoercível. Mas, o **justo**, logo haja alcançado os mais altos níveis de vida, de imediato a encontra e a sente com absoluta confiança e por ela se reconhece seguramente amparado.^{6 (p. 18)}

E eu vos digo: Quando vós, com ânimo puro, disserdes – *Em nome de Deus* – então, tremerá a Terra porque as **forças** do Universo se moverão; quando fordes verdadeiramente **justos**, quando inocentes, se a violência vos ferir, triunfando momentaneamente, o Infinito precipitar-se-á aos vossos pés para dar-vos a vitória e levantar-vos ao Alto, na condição de triunfadores na Eternidade, bem longe do átimo de tempo em que a violência venceu.^{6 (p. 20)}

Princípios (1952)

“Falo hoje a todos os **justos** da Terra e os chamo de todas as partes do mundo a fim de unificarem suas aspirações e preces numa oblata que se eleve ao céu. Que nenhuma barreira de religião, de nacionalidade ou de raça os divida, porque não está longe o dia em que somente uma será a divisão entre os homens: **justos** e **injustos**... Minha palavra é universal... Uma grande transformação se aproxima para a vida do mundo...”^{6 (p. 24)}

Assim, por evolução, do conceito de um Deus todo **força**, o senhor com o azorrague, como era o homem com seus escravos, árbitro absoluto de tudo conforme seu capricho, passa-se ao Deus **justo** que respeita completamente a Lei que Ele estabeleceu, como o homem moderno que deve respeitar as leis que ele cria para si mesmo no Estado.^{6 (p. 25)}

Desse modo, por evolução, passa-se agora ao conceito de um Deus não só **justo**, mas também bom, que nos ama para a nossa felicidade, como o homem civilizado e compreensivo de amanhã amará seu próximo, nas grandes unidades sociais do futuro. Assim, por lento transformismo, o terror, na

progressiva reabsorção do mal, operada pela evolução, desfaz-se na *justiça* e esta se aperfeiçoa e se enriquece no amor.^{6 (p. 25)}

A verdadeira religião (1952)

A verdadeira distinção, nesse caso, não é a atualmente vigente em nosso mundo católicos, protestantes, espiritistas, teosofistas, maçons, maometanos, budistas etc. – mas, sim, o *justo* e o *injusto*. Esta é a distinção substancial, a que tem valor diante de Deus, muito mais importante que a outra, que pode ser apenas formal. Na segunda se pode mentir e ela, então, é fictícia; nunca na primeira, que é real.^{6 (p. 28)}

Na “Mensagem de Natal” de 1931, diz Sua Voz: “(...) *não está longe o dia em que somente uma será a divisão entre os homens: justos e injustos.*” Na Terra, em todos os campos, existem sempre dois tipos humanos: o evoluído e o involuído. Encontram-se em todas as filosofias, governos, religiões, hierarquias e povos.^{6 (p. 29)}

O homem está evoluindo e a religião dos *justos* será a religião unitária que a todos entrelaçará. O estado vigente até hoje corresponde à fase caótica do mundo. Ele caminha, porém, para a fase orgânica na qual, em todos os campos, os relativos pontos de vista se coordenarão numa verdade universal.^{6 (p. 30)}

A evolução espiritual na ciência e nas religiões (1932)

No fundo, Buda e Cristo partiram da observação desta lei atroz e própria da animalidade, da qual não está isento o homem, e que foi definida por Darwin “a luta pela seleção do mais *forte*”; luta que não conhece piedade, necessidade inevitável no nível das formas inferiores de vida, e que engendra, como mal irreparável, a dor. Buda, movido por uma imensa piedade, foi o primeiro que expôs o problema de sua supressão e buscou um sistema que cortaria o mal pela raiz, no afogamento do desejo na aniquilação da vida. Por último, numa renúncia completa que culmina no Nirvana, na paz absoluta da libertação. Uma fuga da vida, para libertar-se dos males que lhe são próprios; uma negação global das dores e prazeres, no estacionamento sublime da imobilidade.^{6 (p. 44-45)}

O Cristianismo, mesmo quando segue e completa o mesmo conceito, chega muito mais longe: o problema é exposto e resolvido em forma distinta e mais radical. Se o Budismo, para destruir a causa da dor, se conforma – mediante a supressão do desejo – com o aniquilar a natureza inferior no homem, o Cristianismo – conduzindo-o de todo a outro nível biológico – fá-lo ressurgir em um mundo novo onde a lei atroz da luta pela seleção do mais *forte* – lei

bestial da injustiça e da *força* – é superada, e com esta a dor acaba definitivamente vencida. Se o Budismo se limita a explicá-la, e justificá-la, chegando, através da introspecção, aos conceitos de *reencarnação* e *carma*, e ensina, pela renúncia, o modo de evitá-la, o Cristianismo, dizendo *paixão*, *redenção* e *ressurreição*, ensina a utilizá-la e amá-la como um precioso instrumento que serve de alavanca para evoluir e edificar-se em uma vida mais elevada.^{6 (p. 45)}

Os caminhos da libertação (1932)

Existe na Terra sem ir buscá-lo em outras partes – um inferno constituído pelo mundo animal e subumano no qual tomam parte a besta, o homem de raça inferior e amiúde também o chamado civilizado. Este mundo possui a sua lei e os instintos ferozes destes seres são os artigos escritos nas formas de vida daquela lei. Aí reina, como valor supremo, a *força*. Cada ser é uma arma, um assalto contínuo, ameaça incessante para todos os demais seres. Cada vida não pode aí existir se não se impõe a todas as demais pela *força*, como uma extorsão. O indivíduo, para afirmar-se, deve semear a destruição ao seu redor. Para viver, deve matar. Resulta disso um estado de agressividade e violência, de incerteza e de luta sem descanso. É a fase involuída na história da vida, na qual as distintas formas, todavia, não se organizaram em simbiose, e lançam-se desordenadamente à conquista do domínio. Se o homem mesmo, desde há muito tempo, empreendeu esta luta, vencendo-a, como vencedor, corresponde-lhe organizar em nosso planeta uma forma de vida diferente, sobre a base de coordenação e não de agressão. Contudo, é muito recente a recordação e ainda muito *fortes* os baixos instintos, de modo que ele vive, geralmente, naquele mundo selvagem que desejaria apagar. Submerso em seu próprio *egoísmo*, não enxerga mais além do que o espaço que ocupa e sua miopia psíquica o faz crer possível a separação do bem-estar próprio do bem-estar coletivo. Tão-somente o interesse desperte seu desejo, dispõe-se à ação; a miragem do lucro o impulsiona, lançando-o à conquista. Deste modo ele projeta, ensaia, exercita e tempera suas *forças*, progredindo, se vence, e sucumbindo, se perde. E o sistema da seleção que premia o mais *forte*, graduando a recompensa em proporção à *força*. Existe uma *justiça* também nos mundos inferiores e, mesmo quando seja por meios ferozes, dignos por certo de quem os escolhe – também os ínfimos podem realizar um progresso.^{6 (p. 53-54)}

Normalmente, de acordo com a lei da *força* que domina a Terra, o sistema de *altruísmo*, bondade e *justiça* vale menos do que um escrúpulo inútil. É verdadeira passividade, é gravame que trava, e – pior ainda – é sinal de debilidade que preludia a derrota. Aquele que renuncia agredir e defender-se, aquele que oferece a outra face as ofensas – como quer o Evangelho – aquele

que se recusa a afundar suas garras na carne alheia para alcançar uma vantagem e, por princípio, não quer obter pela *força* todos os infinitos prazeres da vida, é derrotado, reduzindo-se a uma existência de dor por expansão ilimitada, é um vencido à margem da lei, um desterrado do mundo, uma nulidade que se destrói. Aquele que segue os ideais superiores, observado pelo reino da *força* e com a psicologia da *força*, parece inerte, indefeso, ridículo. Aquela o assalta facilmente, aniquila-o sem esforço, quase por gracejo. E, entretanto, o vencedor, nesse mesmo instante, assim como os que crucificaram Cristo, sente naquela derrota, naquela debilidade, o mistério de uma *força* maior, que surge de longe como um estrondo de trovão, despertando um eco terrível nas profundidades do espírito. Um relâmpago arroja um fecho de luz em sua alma cheia de trevas, revelando o ignoto, e ele pressente a realização de vidas mais vastas, intui o que é *justo*. Assim, o vencedor, no mesmo instante de sua vitória, experimenta a sensação da derrota. Então, num calafrio de espanto, treme e foge, ou melhor, permanece e venera. O vencido olha do alto como um vencedor, e tal o é, pois descobriu e revelou uma forma de vida mais elevada e nela triunfa. ^{6 (p. 54-55)}

É mister um jogo mais complexo para suprimir a dor e conquistar a felicidade. É necessário subir com Cristo à cruz e refazer sobre outras bases a vida individual e coletiva. É preciso encontrar na dor uma *força* amiga cuja função se compreenda e se utilize para a sua própria ascensão. O que interessa não é acumular poderes, mas fazer o homem. É inútil predicar, ou pretender forçar a história e a evolução; é inútil pedir à alma coletiva uma consciência imediata e provisória, que somente poderá fazer amadurecer as largas provas e as grandes dores. Isto acontece quando este nosso sistema nervoso, substrato do organismo mais profundo – a alma – desenvolver-se tanto que a máquina animal, para cujo serviço se lhe converta em cárcere, a tal ponto que terá franqueado as suas barreiras, somente então o homem “perceberá” também as leis morais, assim como hoje, com suas descobertas, começa a vislumbrar as leis da matéria. As leis morais existem, mas estão ainda a espera de seu Newton que as demonstre. Um dia a vida do *justo* será uma necessidade universal, porque consequência de uma lei demonstrada e palpável, com suas sanções comprovadas, com seus efeitos insuprimíveis, e que, como tal, governará na realidade a vida imposta como uma obrigação a todo ser racional. Então, ter-se-á completado a educação da besta humana. Não será mais necessário este pobre e único meio de que hoje se dispõe para domar o homem inferior, que é o terror do sobrenatural e do mistério, a ideia de uma divindade que se vinga e castiga, divindade que os *fortes* se atrevem a desafiar e a que os débeis se curvam por medo, enganando-a com os subterfúgios de uma consciência acomodatória. Então se verá claramente a lei sábia e terrível, mais inexorável porque despojada dos véus e do mistério; um Deus novo, mais próximo e real, porque estará dentro de nós mesmos, em todas as causas, contra o qual não é possível a rebelião e nem a felonía. ^{6 (p. 67-68)}

Experiências espirituais (1932)

Eis aqui, pois, como este tipo de homem também pode entrar em combinação com o mundo humano, não porque este o admita, mas pela imposição de uma *força* superior. Aqui intervém um fator novo. O homem verdadeiramente *justo* e honradamente espiritual, qualquer que seja a sua fé, dispõe para a sua ajuda de *forças* muito poderosas que pertencem ao mundo invisível, e que invisivelmente penetram e governam tudo. Estas *forças* podem realizar o milagre de fazer vitoriosa uma vida que é baseada também sobre a luta; mas luta que se utiliza das energias dos indivíduos que não agem humanamente, pois tais energias possuem outro endereço. Tal é o homem *justo*. Para ele não existem margens, nem atalhos. Estaria destinado frequentemente ao fracasso, se aquelas *forças* não intervissem em seu auxílio.^{6 (p. 103)}

Sei bem que é difícil aceitar uma luta tão áspera. A lei pode parecer, no princípio, um peso oneroso, mas logo será uma *força* imensa à nossa disposição. A lei de *justiça* nos ata as mãos, impondo-nos comedimento na vitória, manutenção em equilíbrio constante, que não devemos alterar, animados pela vantagem imediata, mas fazer sempre o melhor uso possível das nossas *forças*. É uma atadura, uma passividade. Por isso o homem *justo*, que jamais agride ou atraiçoa, aparece em nosso mundo como um ingênuo, um inerte, destinado a ser rapidamente vencido. O *justo* é um desarmado, enquanto que o *forte* sem escrúpulos, aguerrido e agressivo, chega mais rapidamente à meta. Mas este, por abusar da sua liberdade, tende continuamente a ultrapassar os limites da grande lei de equilíbrio; mesmo quando goze das vantagens imediatas está usurpando, porque lança mão, antecipadamente, de seu futuro. Os adiantamentos somam-se no *Deve* que cada dia vai aumentando, mas que inexoravelmente terá que ser saldado. Ante a lei de *justiça*, o mal é um peso moral que gravita sobre a personalidade, dificultando a ascensão do espírito para o Alto, onde se encontram a libertação e a paz. Em compensação, o *justo* sustenta, tolera, sofre. Praticando o bem todos os dias, vai acumulando em seu *Haver*, atraindo para si as *forças* do bem que irresistivelmente o elevarão, assim como retrogradará aquele que é dominado pelo mal. Por uma lei inviolável e fatal, o bem recai sempre como chuva de bênçãos sobre aquele que o praticou, enquanto que o mal cai sobre o seu autor como chuva de maldições. São créditos e débitos que a grande lei de *justiça*, que é Deus, não pode deixar de conferir. E *deve* fazê-lo para não se contradizer a si mesma: não violar o equilíbrio que é a sua essência, nem desviar a corrente, de acordo com a qual, todo o Universo se move. “*Humilha-te e serás exaltado*”. “*Os primeiros serão os últimos*”. Cristo mesmo enunciou a lei de equilíbrio. Praticai o bem! Isto será o único seguro, a melhor inversão dos nossos capitais humanos. A *força* tremenda do *justo* inofensivo será somente esta, a sua *justiça*. Sutil na sua elevadíssima potencialidade, que esmagará um Napoleão e fará de Cristo um

deus nos séculos. Esta é a *força* que pode realizar o inacreditável, o absurdo social, em nosso mundo de violências e abusos, ou melhor, que vencerá aquele que não luta no sentido humano. Esta é a *força* que nos pode auxiliar a realizar o milagre da supressão da luta brutal, ou seja o milagre do superamento da animalidade, o milagre da redenção. Se o homem pudesse compreender que peso tremendo exercem sobre a realização dos acontecimentos humanos estes impulsos que vêm do invisível, ao que em geral não leva em conta, por certo tremeria. Impulsos invisíveis, mas tão poderosos que, irresistivelmente, dobram indivíduos e forçam acontecimentos. Podem penetrar, porque são invisíveis; fazem curvar, como se fossem palhas, os chamados “*fortes*” da vida.⁶ (p. 107-108)

O problema da educação (1939)

Domina uma espécie de instinto para marchar contra a cátedra, atingi-la, pisá-la e destruí-la, num ímpeto, a fim de permitir ao *eu* maior gritar lá de cima. É a eterna história do homem. Sobre aquele pequeno mar de almas se destacam estas notas dominantes da psicologia coletiva como *leitmotiv* que emergem da confusão dos menores motivos individuais. Naquela idade o instinto de subir é dominante, como é também o crescimento físico. A natureza estabelece logo uma graduação de valores entre os jovens, seja mesmo com critérios elementares que, segundo as leis primordiais da seleção, dão a supremacia, com qualquer meio, ao mais *forte*. Se os escolares, como um povo, podem representar a explosão das *forças* elementares da natureza, compete ao educador, como ao chefe, enxertar naquele campo os estímulos de ordem superior. Educador e classe, como chefe e povo, representam os dois extremos dos valores sociais, o máximo e o mínimo. O ato educativo consiste no aproximar e fundir estes dois extremos, estes dois polos da vida moral, que são complementares, feitos para unirem-se.⁶ (p. 131)

Cada aglomeração de seres humanos se comporta, por fenômeno de psicologia coletiva, como um ser único, possuindo uma personalidade diferente daquela dos seres componentes, uma personalidade própria com muitos olhos observadores, que sente as consequências daquilo que acontece em cada ponto seu. Ela tende a nivelar-se no plano dos menos evoluídos, os quais, mais prepotentes, tentam tomar as diretrizes porque existe na coletividade como que uma tendência ao relaxamento de controle e um abandono de responsabilidade. Contudo, aquela psicologia coletiva tende também a fazer-se arrastar pelo educador ou pelo chefe se ele é o mais *forte*, o melhor e sabe se fazer sentir substancialmente como tal. A verdadeira luta inicia-se então entre ele e os piores. A maioria flutua incerta para aderir ao vencedor. Estamos ainda numa fase biológica tão atrasada que a *justiça* não se pode fazer valer senão pela *força*. Culpa dos homens e não dos chefes. Uma classe como um povo,

compreende primeiramente a **força** e somente depois, em segunda ordem, a **justiça**. O progresso da civilização é dado pela mudança das relações entre **força** e **justiça**, isto é, por uma progressiva extinção do primeiro valor e por um proporcional fortalecimento do segundo.^{6 (p. 131-132)}

Urbanismo e raça (1939)

Parece que a civilização do urbanismo deseja realizar uma seleção às avessas, destruindo com os seus sistemas protetores os poderes defensivos com os quais a natureza arma o organismo para lutar e vencer sozinho. Desta maneira, o homem se enfraquecerá e acabará por ter que viver numa campânula de vidro. “Os débeis”, diz Carrel no seu livro *O Homem, Esse Desconhecido*: “são conservados, como os **fortes**, e a seleção natural não serve mais. Ninguém poderá prever qual será o futuro de uma raça assim protegida pelas defesas médicas”. Prefiro, como treinamento físico, o frio natural, suportado com resistência e com paciência, o frio que Deus nos manda em harmonia com as leis da vida. Prefiro a fadiga física, que nos ensina a lição da necessidade.^{6 (p. 165)}

A evolução e a delinquência (1939)

Os mesmos atos que, para o homem civilizado, entram no campo da delinquência, eram, na fase de vida do homem primitivo, atos normais, lícitos, segundo as leis da natureza. Roubar e matar ainda são para os selvagens a espontânea expressão das leis fundamentais da luta pela vida e da seleção do mais **forte**. O valor do indivíduo, naquele plano da evolução, somava-se no teor de capacidade para o mal. O inepto – o menos mau – era inexoravelmente repudiado. A natureza, que procura alcançar contínua e impiedosamente, as posições ocupadas pelos valores intrínsecos, não sabia se exprimir, naquela fase involuída, numa forma de **justiça** mais completa.^{6 (p. 167)}

Destarte, ação e reação tendem ambas a se deslocarem no campo psíquico. O encontro de dois antagonistas em luta se dá em zonas sempre mais profundas. O choque tende a perder a sua nota de brutalidade à proporção que a vida se torne menos física e mais psíquica. O criminoso torna-se **astuto** para se evadir; a norma punitiva toca uma sensibilidade mais excitada que exige tratamento diverso. Compreende-se, então, a inutilidade das penas cruéis; aprende-se que a ferocidade dos sistemas punitivos é mais efeito dos tempos do que meio apropriado ao objetivo de suprimir a criminalidade. As formas mais violentas como as torturas, pena de morte, supressões cruéis, caem por terra em desuso ao longo da via do progresso, como folhas mortas, escórias abandonadas ao passado. As normas do direito tornam-se então fatores ativos na construção dos instintos humanos, os quais se adaptam a novos hábitos. E o hábito é

transmissão ao subconsciente, reação de automatismo, de novas qualidades da natureza humana. Donde se conclui que a verdadeira e a mais substancial função de um direito penal inteligente é a de educar o homem, função mais importante e elevada do que o mal – mal necessário – que é a legítima defesa da coletividade. Função preventiva e criativa que não é sendo uma fase do mais vasto processo em que se desenvolvem todas as instituições de um povo, a transformação da *força* em *justiça* no processo evolutivo da harmonização geral. Trata-se, em resumo, de um sistema de domesticação da fera humana, de um imenso trabalho educativo que se opera por coação pedagógica, inteligentemente aplicada, do pensamento das células sociais mais evoluídas às camadas mais baixas da sociedade.^{6 (p. 170-171)}

Os ideais franciscanos diante da psicologia moderna (1927)

Não mais a *força*, mas a *justiça* como irresistível necessidade da alma humana. Não nos damos conta da negação cotidiana que a realidade opõe ao ideal. O ideal existe e vive da forma no espírito, potente e indestrutível. Não nos preocupamos se a prática desvirtua o significado da virtude. Onde domina a amarga lei do mais *forte* e as aspirações são muito vãs, cada um exige virtude no próximo, porque a negação e a renúncia constituem nele um estado de debilidade, que é para o mal um estado útil à sua expansão. No mundo triste da realidade humana o bem é útil; faz-se da virtude do próximo um alvo para agredi-lo com o melhor proveito, e não como meio de ascensão espiritual. Conforta-nos a esperança ao transformismo do bruto presente. A divina *justiça*, mesmo no mundo inferior, reina em perfeito equilíbrio; a despeito de tudo, o esforço individual para evoluir é sempre possível, e isto basta.^{6 (p. 194)}

As virtudes franciscanas são três: pobreza, castidade e obediência. São um transbordamento de todos os valores humanos; a renúncia completa, que antes de ser redenção e reconstrução do super-homem, é a negação absoluta do homem. Fazem um vácuo pavoroso lá onde se move toda a psicologia humana e se agitam os mais profundos instintos. O santo pode não sentir a vertigem desse vácuo, mas o que sentirá o homem comum? Este utiliza-se, como a raça animal, dos instintos da fome e do sexo, e, como animal luta pela nutrição (continuação da vida individual) e pelo amor (continuação da espécie). A sua escola é a psicologia do *egoísmo*; a sua lei, a feroz e desapiadada luta pela seleção do mais *forte*, em nível de vida baixo, que não imagina sequer poder superar. O homem neste estado é extremamente lento na evolução. O pendor pelas coisas baixas e a ignorância das altas o tornam indiferente diante dos problemas mais substanciais. Eis que aparece o santo e sulca o céu como um meteoro luminoso, deixando atrás de si um rasto de luz. Mas quem observa, quem compreende, quem jamais pode imaginar uma fuga da Terra? O homem observa

indiferentemente e volve a olhar para baixo a fim de acariciar a matéria. O prato que a pastagem oferece é, para a ovelha, todo o universo.^{6 (p. 194-195)}

Eis a importância individual e o significado de cada uma das virtudes franciscanas. Individualmente, elas significam progresso espiritual. O superamento da matéria, a libertação das formas de vida inferior, a emancipação do homem da animalidade e das suas leis cruéis e ferozes de luta pela seleção do mais **forte**. A atividade, num campo mais alto, a conquista de uma forma superior de vida mais completa, mais livre e mais intensa. Os ideais franciscanos auxiliam a alma humana a sair da sua crisálida de animalidade, onde se encontra presa, debatendo-se dolorosamente, e guiam-na para o único e real progresso que tende para aquela felicidade superior dada somente pelo domínio das **forças** inferiores. Uso e gozo de uma consciência vasta e de uma paz mais profunda.^{6 (p. 198)}

Tudo o que age no indivíduo não deixa também de produzir suas repercussões no caráter coletivo. O benefício dos ideais franciscanos é grande até mesmo no campo social. As verdadeiras revoluções são as que partem do coração de cada um; as que atingem a substância e deslocam a posição da alma individual; as que representam a soma da mudança íntima, individual. Para reedificar a coletividade é preciso antes reedificar o homem. Que sociedade maravilhosa aquela em que o indivíduo fosse moralmente bem mais **forte**.^{6 (p. 198)}

Verdadeiro amor

Diante daquela infeliz, sentiu vergonha de seu sexo **forte**, que usa a **força** para desfrutar o ser débil que se lhe entrega. Suga-lhe o fruto, para depois jogar fora a casca. Nesta casca permanece uma alma desprezada e despedaçada, que o homem tinha o dever de elevar ao alto, através do amor. Ao invés, prostituiu-a com o seu **egoísmo**. Rugiu no coração daquele homem o sentimento de revolta contra um mundo tão vil, despertando nele outra virilidade bem diferente da que apenas fecunda a fêmea e depois a abandona. Olhou para o céu, dilatou o peito, sentiu-se homem **forte**, potente no espírito, macho integral, aquele que se aproxima da mulher para protegê-la e não para desfrutá-la como instrumento de prazer, para elevá-la e enobrecê-la e não para afligi-la. O verdadeiro macho fecunda sobretudo o espírito. Decidiu-se. Devia fazer o bem. Devia salvar aquela mulher.^{6 (p. 223-224)}

Ela despertou do sonho. Intuíva vagamente, sem poder precisar a situação. Nada daquilo que via era para ela, pobre verme indefeso no meio da estrada onde todos pisam. Fumegava à sua frente um prato suculento, de apetitoso perfume, que lhe avivou a fome. Começou a refeição. Comia lentamente, procurando multiplicar o sabor com todos os acessórios ao alcance

de suas mãos, condimentos, legumes, para que a ceia se desdobrasse. Saciava o estômago habituado ao jejum. O amanhã era incerto. seu companheiro não a perturbava, evitando conversar; parecia imerso, não nas sensações elementares da jovem, mas num sonho diverso. Também ele observava aquele mundo elegante, mas sem inveja e com piedade. Sabia qual triste realidade se ocultava atrás daqueles esplendores. Verificava que reina na Terra a lei do mais **forte** e que não existe piedade para os fracos. Entre aquelas damas respeitáveis e a jovem que ele havia recolhido na rua existia uma única diferença: as damas pertenciam à classe dos vencedores; a jovem, à dos vencidos. Somente por este motivo ela não era respeitada: vendia-se porque tinha fome. As outras eram respeitáveis; não se vendiam porque não tinham fome. Permitiam-se o luxo até de pregar a virtude Como é fácil proclamá-la, exigindo-a aos outros! Mas como é dura a virtude exigida de nós mesmos! Pregadores fáceis pululam pelo mundo. Em nome da virtude, podem satisfazer aos seus instintos de agressividade contra o próximo; da condenação deste fazem o pedestal para o próprio orgulho. Desta forma se conduz sobre o terreno da moral a luta cotidiana pela vida, procurando colocar-se em posição de superioridade, como juízes, diante do pecador, para esmagar o rival. Uma mulher poderá esperar bem pouco de outra mulher.^{6 (p. 224-225)}

Do homem vil é que se espera o dever da redenção. Para ele, o amor é um incidente. Para a mulher, a vida. É ele que educa a mulher adaptando-a a si mesmo. É a mulher que, por sua natureza, obedece e adapta-se ao homem. As leis, antes de perseguir a prostituta, que é o efeito, deveriam atingir o homem, que é a causa. É a procura que cria a oferta. Todavia nenhum legislador fará jamais uma lei contra a vileza do seu sexo. Pelo fato de estar junto do homem, se este é um delinquente, a mulher tentará descer até à sua delinquência. Se é um santo, ela procurará subir até à sua santidade. A mulher é sempre a companheira menor do homem, fazendo tudo por ele, para que se sinta satisfeito. É capaz do sacrifício de uma vida de desprezo e de abjeção. O grande **egoísta** esquece os seus deveres: o mais **forte** deve ajudar o mais fraco e não roubá-lo. Desta forma, o homem educa para si a mulher, feita de **astúcia** e traição, armas necessárias para a sua defesa. O verdadeiro amor, do verdadeiro macho, não explora a mulher para o seu gozo, mas protege-a, educa-a, fazendo-a sua colaboradora no mais viril e potente trabalho da vida, que é o da ascensão no bem para Deus.^{6 (p. 225)}

7. A NOVA CIVILIZAÇÃO DO TERCEIRO MILÊNIO

A verdadeira civilização

Enquanto, pois, a natural maturação biológica, presente nas leis da vida, possibilita ao homem na atual plenitude dos tempos a capacidade de compreender e fazer atuar novos critérios de vida e novas formas de relações sociais, sucedem-se grandes acontecimentos históricos, com a função precisa de elaborar novos conceitos e acompanhá-los até a sua aplicação. O mundo agita-se em guerras destruidoras e cruentas para aprender a assimilar esses conceitos que, se não assumissem corpo tangível sob a forma de destruição e de dor, não seriam percebidos pelo homem surdo e indiferente dos nossos dias, vivo só na carne, mais ainda adormecido no que diz respeito ao espírito. Chegou a hora de compreender essa profunda sabedoria da História, esse sentido criador que possuem os acontecimentos que elaboramos e seguimos, esse significado divino presente em todos os fenômenos. O homem, em milenar ascensão, vai despertando formas mais sutis de sensibilidade e de consciência mais perfeita. Já se percebem no horizonte os clarões da vida nova do espírito. Lá, no futuro, há verdadeiro incêndio de esplêndidas afirmações e criações novas; e a divina lei de evolução que o homem, embora lhe resista e se atrase, fatalmente ali chega. Chegou a hora de dizer ao homem: Levante-se, filho de Deus, sob forma de consciência mais esclarecida, em estada social mais orgânico e completo, supere a ferocidade atual e civilize-se finalmente, mas a sério. Chegou a hora de compreender que a nossa assim chamada civilização atual não é civilização, mas barbárie, e no fundo o homem moderno é primitivo e inconsciente, pobre fantoche completamente ignorante, presunçoso e prepotente quase sempre, cego e rebelde, e, apesar disso, sem o saber e querer, obediente à lei que o guia, e que tudo sabe, tudo faz por ele, o manobra como autômato e, sem que ele o saiba, lhe traça a história, prepara os acontecimentos, entrosa os choques, apresenta as soluções, impõe as conclusões, elevando os líderes, edificando e destruindo, exaltando e abatendo, de acordo com sabedoria desconhecida pelo homem. Chegou a hora de compreender o significado das ações que indivíduos e povos todos os dias realizam, sem que lhes conheçam o verdadeiro significado e as consequências. Chegou a hora de tornarmo-nos conscientes colaboradores de Deus no plano construtivo da Sua criação, em nosso plano terreno, ao invés de estúpidos servidores de Satanás, em absurda obra de rebelião. Chegou a hora de compreender, como mais inteligentes; de confraternizar, como mais honestos e **justos**; de colaborar, como mais conscientes.^{7 (p. 10)}

O involuído e a propriedade

Face à propriedade, primeira disciplina na aquisição dos bens esse tipo biológico revela-se o involuído que é. Está sempre pronto a roubar, apenas a reação protetora e defensiva da lei possa ser evitada, de modo a não produzi-lhe dano. Tal tipo deve ser muito comum, pois a lei e o costume humano foram constrangidos a partir da presunção de má-fé, até prova em contrário. Não tem senso de propriedade senão da própria e só o temor de uma punição o induz ao respeito alheio. E a ameaça defensiva pode tornar-se até mesmo educativa, enquanto este pouco a pouco aprende, através dos séculos, mais elevadas formas de vida. E, paralelamente, a defesa da propriedade pode assim tornar-se cada vez menos férrea, brutal, material e cada vez mais pacífica, simbólica e imaterial. Essa defesa será cada vez menos feita por muros, por grades, por armas, por sanções materiais e cada vez mais reduzida a simples sinal indicador, a reações menos violentas, a sanções puramente morais; mas embora a defesa se desmaterialize, isto é, tenda à própria anulação no entendimento pacífico, é sempre o temor da pena que inibe esse tipo biológico e isso o revela como involuído. Mas, involuído que talvez já tenha o pressentimento de formas sociais mais elevadas, nas quais não domina já a usurpação e a *força*, mas o direito e a *justiça*. Tem o senso da superioridade do sistema bem diverso do evoluído e nesse sistema procura mimetizar-se para melhor esconder-se, justificando-se. Por isso eles gostam tanto de recobrir-se com o manto da *justiça* e eternizar-se no poder, para fazerem da autoridade, que é dever e missão, base de direitos e arma de ataque e defesa. Como o assalta a preocupação de justificar-se com encenação de legalidade! Com que cuidado procurava o Sinédrio dar forma legal de juízo à supressão de Cristo; com que trabalho procuravam os assassinos de Luiz XVI aparecer como juizes e não como assassinos comuns! E que satisfação para os homens poder, em todas as revoltas, roubar e matar legalmente, isto é, seguramente, sem temor de sanções punitivas, único obstáculo para eles, e fazê-lo como autoridade alta e tranquila e não mais com a incerteza e o perigo de ladrões! E se a coisa dá certo o resultado da *força* e do furto assim se estabiliza e se regulariza depois sob o manto de legalidade humana que, como se crê, basta para tornar *justo* o *injusto*. Pobre autoridade e pobre propriedade! Que triste gênese, que posição ao nível do involuído e que grande caminho para purgar e resgatar aquele pecado original! Mas, apenas em qualquer convulsão social o exercício da sanção jurídica diminua de intensidade, já vemos o involuído, mal possa fazê-lo sem perigo, tirar a máscara e revelar-se o que é, dando-se abertamente ao furto, a forma primitiva de aquisição da posse, forma própria do involuído. Esse é caminho mais breve do que o trabalho, forma própria do evoluído, que o revela e presume estado orgânico coletivo ignorado na fase inferior do outro. Todavia, embora seguro da impunidade, o involuído, em, defesa, para justificar-se perante a própria consciência e a consciência alheia e a si mesmo dar, ao menos

a ilusão de ter as mãos limpas, gosta sempre de assumir posição de justiceiro como agressor do rico e protetor do pobre; enfim, de camuflar-se de evoluído para fazer mais bela figura e não passar, coisa que mais o desagrada, pelo ladrão que ele percebe ser; e, afinal, para melhor servir-se, mais cômoda e seguramente, no banquete – seu supremo objetivo, assim vestido de juiz. Por mais **astuto**, porém, que o involuído possa revelar-se diante de tudo isso, todos compreendem que realidade se esconde debaixo da mentira, reveladora de toda a miséria moral do primitivo. Inútil camuflar-se. Roubando, não se pratica o bem; não tem valor a esmola que se faz com as coisas alheias. Embora se disfarce, o ladrão bem sabe que, enquanto ladrão, não está, não pode estar do lado da **justiça**. Mesmo que o rico tenha sido ladrão, não é lícito roubar, nem mesmo aos ladrões. É inútil que o ladrão procure tornar **justo** seu furto, acusando de furto quem roubou antes dele. É vã sua desesperada tentativa; belo e bom pretexto para enriquecer comodamente; simples **astúcia** que pretende dar a entender se possa roubar honestamente. O involuído chega até à **astúcia**, mas não pode subir mais, isto é, até à honestidade. O método que ele escolheu, embora camuflado, o revela, em flagrante, tal qual é: involuído, primitivo, ignorante. Não conhece as consequências e ilude-se. Esses justiceiros fingidos, que pululam, apenas a ordem social enfraqueça a reação defensiva, não sabem que, embora tenham conseguido, por meio da **astúcia**, fraudar a lei humana e apareçam cobertos pelo belo manto da **justiça**, deverão todavia, por lei biológica, mais cedo ou mais tarde, pagar com os próprios bens.^{7 (p. 23-24)}

Subiremos neste volume, pouco a pouco, até às mais altas formas de vida do evoluído. Mas, na base da humanidade, o involuído, em número predominante, se acha presente; a observação do fenômeno social não nos oferece de importante senão o espetáculo da sua psicologia. Nossa humanidade é primitiva, riquíssima de energia mas pobre de sabedoria; extremamente dinâmica e extremamente ignorante. É fato conhecido. O homem é o que é e está bem onde está. As dores que o gravam lhe são proporcionais à sensibilidade e à ignorância. As provas que encontra e deve superar são as da sua classe, do seu nível evolutivo, adaptadas a suas capacidades. Para sermos práticos e compreensíveis devemos permanecer ainda nessa atmosfera, com o objetivo preciso, porém, de levar-lhe a luz que lhe falta. Insistamos, pois, no fenômeno basilar da propriedade, iluminando-lhe, porém, o conceito. O conceito jurídico e moral não basta. Nesse campo, estamos cheios de ilusões. O lado imponderável, que afinal pesa tanto ao ponto de revelar-se e impressionar o ponderável, nos foge, quase completamente, também nesse caso. Os princípios jurídicos fazem crer ao involuído que para tornar estável e segura a propriedade bastam as garantias sociais e jurídicas. Eis, contudo, o que de fato acontece muitas vezes. Procura-se adquirir a propriedade através de qualquer meio, aí compreendido, se necessário, o furto. Será descarado e às claras em períodos de desordem; velado, **astuto**, nos períodos de ordem, legalizado na forma, para poder evitar a

relativa sanção jurídico-social. Debaxo das aparências da legalidade trabalhará, imperturbável, o instinto de ladrão, característico do involuído. Embora atingida a posse, que é o objeto, através de furto mais ou menos evidente (não é fácil acumular riqueza, rapidamente, apenas com o trabalho honesto), o primeiro instinto do ladrão é consolidar a posição, procurando segurança na legalidade que o proteja. Ninguém, mais do que ele, tem necessidade, para esse fim, do instituto da propriedade porque ninguém, mais do que ele, está em posição precária e tem urgência de garanti-la e estabilizá-la. Justamente o filho da desordem tem maior necessidade da ordem, necessária para gozar em paz os frutos da desordem. Assim, ninguém mais do que o revolucionário sente a necessidade de, enquadrando-se na legalidade, justificar essa posição, de, transformando-a em autoridade, garantir a atitude de violência. Atingido o objetivo, o involuído procura tirar vantagem das formas de vida mais evoluídas, das conquistas superiores feitas no ordenamento social, não por tipos do próprio plano, mas por mais adiantados. O ladrão e o violento apressam-se, então, a limpar de novo as mãos e assumir a atitude de pessoas de bem, naturalmente merecedoras do respeito de que necessitam para gozá-la em paz. Com que ansia procuram, então, esconder as origens obscuras e o passado desonesto, cobrindo-se de títulos, benemerência, relações conspícuas, envernizando-se de incorruptibilidade e senhorilidade! É a sua evolução. Serão, daí por diante, os mais encarniçados conservadores, os homens da ordem, porque só agora dela fazem parte. Mas esqueceram quem ficou para trás e, na miséria, espera a oportunidade, enquanto se civilizam e debilitam no bem-estar, de fazer nas suas costas o mesmo jogo por eles feito contra os que chegaram antes deles. O resultado final é interminável subir e descer de indivíduos em constante regime de engano e de furto, todos em luta entre si; todos igualmente ladrões e violentos, à caça de conquistas efêmeras, ladrões de miragens. Levando-se-lhe em consideração a psicologia e ignorância das leis da vida, é natural esse modo de agir. Mas, através de tantas fadigas e *astúcias*, conseguem eles o objetivo a que se propuseram? A propriedade significa tentativa de estabilização de fase desse ciclo, mas a tentativa falha. O instituto da propriedade se reduz, desse modo, por parte da sociedade, ao reconhecimento oficial do furto consumado, à homenagem que a vida presta ao vencedor só porque é vencedor. A Revolução Francesa, camuflada de justiceira, não acabou em nova aristocracia napoleônica? Vale a pena fazer esse jogo de riqueza a turno? É certo que, com essas alternâncias, a vida atinge uma espécie de *justiça* distributiva, mas também é fato reduzir-se a propriedade, entendida como instituto jurídico protetor e coordenador, a tentativa falha, porque na realidade não atinge seu objetivo, não constituindo sólida garantia. A construção humana falha, pois. Vistas assim as coisas, além da aparência, na substância, podemos concluir que apenas a lei biológica não falha e atinge seu objetivo, a *justiça*, seja embora apenas a tornada possível pela ignorância humana. O escopo da vida não é o enriquecimento de ninguém, mas a existência garantida para todos, como meio

para atingir fins mais elevados. Ela nos deixa a fadiga da luta, como prova para aprender e evoluir.⁷ (p. 25-26)

Poder-se-ia contudo objetar: não faltam exemplos de ladrões que conservam e gozam as suas riquezas. Para responder é preciso dar o significado correto da palavra mérito. Sem dúvida o furto é a forma original de aquisição de bens. Em sociedade ainda não civilizada o problema é tirar do mundo externo tudo o que nos serve, seja qual for o meio. Não se fazem, pois, distinções nos métodos de aquisição; é indiferente atingir o objetivo com o furto ou com o trabalho. Estes, em fase caótica de formação então se confundem. Todo meio é bom desde que atinja o objetivo: viver. Em mundo assim não surgiu ainda a ideia do respeito à propriedade alheia, ideia que é produto de longa elaboração social na convivência. Se com o progresso a coexistência dos impulsos leva pouco a pouco a seu coordenamento, o homem todavia aprende a executar o esforço de aquisição e, aplicando nele múltiplas atividades, forma os instintos que a convivência disciplinará em formas mais evoluídas e pacíficas transformando-os em atitudes de produção, em qualidades técnicas, em hábito de trabalho. A fase primitiva de formação é, em seu tempo e lugar, necessária, embora em sociedade civilizada revele o involuído. De fato, é através do furto que se formam as capacidades porque estimula a inteligência e a atividade. Se em fase primitiva as leis da vida premiam, o ladrão com a posse, isso mostra que ao nível dos selvagens o sistema pode ser *justo* e servir a determinada função. Começa-se assim, por este modo, a formar no indivíduo essas qualidades que mais tarde constituirão o mérito, isto é, o trabalho, habilidade, primeiros dos elementos constitutivos do direito de posse e, de fato, adaptados a manter os bens nas mãos do possuidor, protegendo-lhes e mantendo-lhes a posse. O processo evolutivo que parte do furto vai em direção ao instinto e à capacidade de fazer, representativos do método de aquisição em plano mais evoluído. A propriedade não deriva de momento único, mas é formação contínua: é economia de caminho. Não basta conquistá-la; é preciso saber mantê-la. Pode acontecer então ter o desonesto, que conquista a propriedade através do furto, adquirido aquelas qualidades de operosidade e de habilidade que lhe formam a base e lhe permitem a conservação em sociedade civilizada. Sendo sadio e equilibrado, isto é, correspondente ao mérito, este segundo momento do processo pode, segundo o seu valor, sanar e equilibrar o primeiro. Assim, produtos da injustiça podem transformar-se gradativamente em produtos de *justiça*; e desse modo se explica por que se mantêm eles de pé, quer dizer, como alguns ladrões possam gozar em paz riquezas roubadas. Nestes casos, o pecado original da aquisição ilícita vai pouco a pouco sendo absolvido e neutralizado por aquela dose de trabalho e habilidade que o sujeito possui e desenvolve. Essas qualidades ele as conquistou com suas canseiras; constituem-lhe, pois, o mérito, o direito; representam a porcentagem de *justiça* com que pode compensar a injustiça. Não podemos parar no momento apenas de

aquisição da propriedade, pois nas trocas e na administração ela se reconstitui a cada momento. Pode até acontecer o caso oposto: a honestidade, na aquisição, ser depois corrompida por dose tão grande de preguiça e de inaptidão, isto é, de demérito que fique neutralizada em sentido oposto e se chegue à perda de propriedade honestamente adquirida; isso também é *justo*. Assim, a posição do *justo* pode passar a ser a do *injusto*; e a do *injusto*, a do *justo*. Como na fase mais baixa o objetivo era roubar para viver, hoje o objetivo é produzir, e a lei do mérito tende a atribuir a propriedade a quem melhor saiba trabalhá-la e fazê-la dar frutos para o bem de todos. Esta higienização retificadora pode funcionar mais ou menos, mas a propriedade permanece sempre na dependência da lei do mérito, isto é, em estrita relação com a porcentagem de mérito contida no fenômeno, porque essa porcentagem é que lhe estabelece o grau de *justiça* e de equilíbrio. Simples caso de relação. Pode-se assim prolongar a vida de posse viciosa até ao caso-limite do resgate que se verifica quando todo o débito originário esteja pago com trabalho e rendimento sociais, como, de outro lado, se pode perder posse justamente conquistada, usando-a, injustamente. Todo caso depende dos elementos constitutivos particulares e por isso se desenvolve diversamente. Mas o princípio segundo o qual se desenvolve é único e imutável: o da *justiça* e do mérito.^{7 (p. 28-29)}

Erros e ascensões humanos

As massas humanas, vastas como o oceano, vão à deriva, na ignorância dessas verdades elementares, e caem vítimas das próprias ilusões. A realidade é bem diferente da que comumente se imagina; Quem rouba crê enriquecer, mas empobrece; quem mata não prolonga sua vida, morre; quem engana se engana; quem odeia se odeia. Quem foi injustamente roubado receberá compensação; quem foi morto injustamente ressuscitará em alegria; quem é honesto e de boa fé verá a verdade, embora tenha sido enganado; quem ama será amado, apesar de hoje ser odiado. A chave da felicidade não está na *força* ou na *astúcia*, mas na *justiça* e no mérito. No mundo reina a dor porque o homem não segue a ordem divina; é rebelde seguidor de Satanás. A causa não está em Deus e, sim, no homem. Bem diferente, a falada seleção do mais *forte*! Se isto aparece na superfície, na profundidade existe lei biológica muito diferente, que diz: quem transgredir paga. E a humanidade paga, porque é filha de seus erros milenares. Se olharmos, porém, a outra face da dor, revelar-se-nos-á seu poder criador e curativo, seu outro aspecto escondido, onde está escrito: alegria. A Lei é boa e ajuda-nos a pagar e sanar tudo, se o merecermos; auxilia-nos, tornando-nos possível transformar o mal em bem, a perda em ganho, a dor em felicidade. A bondade de Deus permite-nos a redenção, quer dizer, subir de novo através de provas a escada da evolução, que havíamos descido. Mas se

transformam, ainda, outras concepções de que habitualmente se vive. A posse dos bens, a propriedade referida acima, pela qual tanto se luta já não é meio de gozo, mas instrumento de trabalho. O princípio de função e missão substitui o de *egoísmo*. Nascemos e morremos nus. Durante a viagem da vida os bens vão e vêm, a riqueza circula de mão em mão, pertence a todos; as trocas servem para que ela não diminua. Não há posse, estabilidade garantida. Tudo não passa de usufruto, empréstimo temporário que uma crise, um furto ou a morte podem a qualquer momento tirar; empréstimo concedido a título de instrumento de experimentação e trabalho na Terra, de aquisição de qualidade na arena da vida, administrado pelo homem como meio de construir-se a si mesmo e não para seu gozo. De fato, como estabilidade, do ponto de vista hedonístico, a riqueza é mal e, do ponto de vista jurídico, impotência. É, pois, erro biológico conceber *egoisticamente* a riqueza, como faz o homem moderno, não obstante todos os coletivismos em moda. Não somente a propriedade, mas a própria autoridade e toda atividade social, não devem, *egoisticamente*, ser concebidas como meios individuais, e, sim, coletivamente entendidas como função social; todo exercício, atividade, posse e domínio deve encarar-se como missão. Por mais que procuremos isolar-nos para fruição dos bens, a vida é unitária; não podemos impedir que sejamos irmãos, pois nela tudo é intercomunicante e comum, apesar de todas as nossas barreiras protetoras e divisórias. Os bens não passam de ferramenta. E nada mais. Aprendido o ofício, são entregues a outros aprendizes. Não se encontra no caminho certo quem procura enriquecer só para si e seu gozo. Tornar-se-á incansável escravo do tesouro e condenado ao terror de perdê-lo. A verdadeira conquista não se dirige às coisas, mas às *forças* que as geram e movem. Pobres ladrões, arrivistas, pobres invejados por fácil e rápido sucesso! Como vocês empobreceram, ao invés de ficarem ricos; como foram derrotados, vocês que assim triunfaram; como perderam, os que desse modo venceram!^{7 (p. 40-41)}

A lei da honestidade e do mérito

Comecemos então a observar o que o homem deve e pode ser, precisando cada vez mais o como e o porquê. Comecemos a demolir racionalmente a psicologia do involuído para substituí-la pela de tipo biológico mais evoluído: a demonstrar como de fato a vida é bem diferente daquilo que geralmente se pensa; a destrinçar a meada das falsas aparências a fim de chegarmos a compreender o engano das ilusões psíquicas que tantas vezes vitimam o homem. Só se a observação incidir-lhes, além das aparências dos fenômenos, na íntima estrutura de organismo de *forças* em ação, poderemos atingir seriamente e sem desilusão o objetivo instintivo e *justo* da vida: a felicidade. Como todos os jogos têm regras próprias, cada dinamismo, técnicas,

e cada fenômeno, leis, então, neste caso também, se compreende a necessidade de disciplina reguladora e diretriz da atividade humana, se quisermos vê-la atingir o fim a que tende. Todos compreendem que para se tornarem possíveis o melhoramento e a renovação sociais se necessita de tornar comum o tipo humano excepcional em nossos dias, no qual predominam as características de honestidade. Trata-se de revolução biológica, por esta razão: o princípio separatista do *egoísmo* agressivo para seleção do mais *forte* é substituído pelo elevado princípio coordenador e harmônico do enquadramento do indivíduo no funcionamento orgânico da humanidade. O involuído não sabe decidir-se a essa transformação que implica o abandono das armas de ataque e defesa, pois teme ficar desarmado, sem proteção, e, pensa ele, isso significa seu fim inevitável. Se olharmos bem o íntimo das coisas, veremos que só o desconhecedor das leis da vida pode crê-lo e quem pratica o Evangelho não é pessoa iludida, enganando-se ao seguir utopias, mas homem que descobriu outras leis mais profundas, mais sólidas e perfeitas e utiliza na própria defesa, princípio protetor completamente diverso. Como se vê, o indivíduo assim não renuncia precisamente às próprias defesas e, como pode parecer, não se abandona à mercê de todos os assaltos. Ao contrário, obtém outra segurança bem diferente, pois movimenta mecanismo de *forças* muito mais perfeito e resistente que a violência ou *astúcia* do involuído, mecanismo não compreendido por este, na ignorância inerente a seu grau.^{7 (p. 60)}

Atualmente, a honestidade é considerada pelo involuído, muitas vezes, como debilidade, peso moral que embaraça a luta, posição de inferioridade, forma antivital de inconsciência, desequilíbrio, moléstia do espírito. Essa a perspectiva das coisas, do ponto de vista em que o involuído se coloca. Mas o ponto de vista pode mudar e então, obtemos perspectiva completamente diversa. Isso parece impossível até o momento da efetiva mudança do ponto de vista. Mas quando tal acontece, a perspectiva muda automaticamente. Como a retidão, a inocência e a obediência à Lei podem constituir instrumento de defesa melhor que a *força*, o *egoísmo* e a *astúcia*? Simplesmente absurdo, dirá o involuído. Não. É absurdo apenas para quem não possui o sentido orgânico da vida. E esta organicidade da vida é qualidade essencial sua, estado universal e acessível a todos, em qualquer tempo e lugar, porque depende da própria maturidade e não da compreensão alheia e do grau de organização social. Essa organicidade acha-se pronta a receber no seio todo indivíduo que saiba pensar e agir organicamente, não como arbítrio individual, mas como função coordenada no funcionamento universal. O indivíduo, ao contrário, pensa e age desorganizadamente. Crê ser *forte* e dominador; no entanto, não passa de caótico e destruidor. Seu *egoísmo*, que acredita ser-lhe necessário, é o princípio de sua desagregação; seu hábito de impor-se, para ele meio de poder, não passa de excitante de reações dolorosas da Lei; o imediatismo da vantagem obtida nos resultados próximos é apenas a imprevisão do dano que inevitavelmente os resultados longínquos lhe trarão. Observado à luz da mais profunda realidade

das coisas, o involuído não nos aparece como apanhador de conquistas e de alegria, mas semeador de erros e dores, míope enredado nas particularidades das coisas próximas e ignorante das que, embora afastadas, também lhe dizem respeito, louco que em organismo harmônico, equilibrado e perfeito se debate na falta de compreensão, chocando-se com *forças* que, para ele invisíveis, o ferem de morte. O mundo dirigido pela bondade e pelo amor estaria pronto para acolhê-lo em atmosfera de felicidade, se o involuído soubesse comportar-se como Deus quer, em harmonia e cooperação. Pelo contrário, não compreende coisa alguma de tamanha bondade e beleza e agita-se em atmosfera de revolta e destruição, para acabar encarcerando-se em férrea gaiola de dolorosas sanções. Então, ainda se debate, debate-se cada vez mais e os nós vão-se apertando; aí, rebela-se mais ainda, maldiz, vai de vingança em vingança e, assim, agrava sempre mais sua autocondenação.⁷ (p. 60-61)

Como funciona, pois, essa lei do merecimento? Como podemos ter-lhe tão profunda fé a ponto de, até mesmo na defesa e na luta pela vida, fazê-la substituir a lei da *força*? Se tudo isso é incrível para o involuído, torna-se verdade e real tão logo escape à rede de reações que ele pôs em jogo e agora o envolve. O involuído julga absurdo e inoperante tudo quanto, simplesmente, está fora de seu campo de compreensão e de atividade. Basta mudar-lhe a posição evolutiva para que também se lhe mude a técnica da vida. Quando, por evolução, se passa do plano da *força*, lei do involuído, ao da *justiça*, lei do evoluído, o sistema do merecimento substitui automaticamente o da violência e *astúcia*. Já agora não precisamos mais de armas, mas de qualidade, não encontramos mais extorsões e constrangimentos, mas equilíbrios. Então, a melhor defesa consiste na consciência tranquila. Isso é lógico no regime harmônico de Lei feita de ordem. O problema todo se resume em sermos adiantados o suficiente para ver e compreender, em possuímos a inteligência e a sensibilidade necessárias para manipular *forças* tão sutis. Eis porque fogem à psique grosseira do involuído. Trata-se de princípio protetor de qualidade, grau e potência diferentes do normal e cujo funcionamento não se pode verificar senão como forma de vida própria de plano biológico mais elevado. Para o evoluído que aí vive o verdadeiro sistema defensivo não consiste em acumular obstáculos protetores, mas em não merecer o golpe. A luta seletiva é substituída, agora, pela consciência da Lei, pelo princípio de ordem e de harmonia, em que não se trata de aprender a defender-se, como *fortes*, mas a merecer, como *justos*. O involuído nada sabe disso tudo, não sente esses equilíbrios, não vê esses jogos de *forças*, é material e materialista, tem no sangue instintos de revolta e, com esse modo de ser e de sentir, constrói seu próprio mundo inferior. Crê só no corpo; fora dele não concebe a vida; crê que com a morte dele tudo acaba, apenas porque, além da morte, sem meios físicos sensórios, não é capaz de conservar-se consciente como o evoluído, para quem a morte não significa interrupção da vida. Em última análise, em que posição de fraqueza vem a

encontrar-se o homem que aplica a lei de seleção do mais **forte**! Julga-se merecedor da vida e não passa de retardatário no caminho da evolução!^{7 (p. 63)}

O homem é livre, mas a Lei é inalterável. Livre para atrair sobre si todas as dores que quiser, não pode, porém, impedir o funcionamento da Lei. Livre para confundir liberdade e arbítrio, nele acreditar e julgar-se senhor absoluto, nem por isso pode impedir que liberdade, nesse regime de ordem, implique responsabilidade, quer dizer, sanção punitiva do erro. O involuído, assim como luta contra todas as pessoas e coisas, também luta contra a Lei, quase considerando-a obstáculo à própria expansão. Nela, ao invés, o evoluído, coordenado, não encontra inimigo, mas amigo, auxiliar, protetor. Sua **força** não lhe reside no **egoísmo**, mas em Deus. Tudo depende da posição em que o homem prefere colocar-se. Chegamos assim a este ponto: o inerme, que segue o Evangelho e perdoa, pode vencer, materialmente desarmado, em melhores condições que o involuído, **forte** e armado até aos dentes. Parece utopia, subversão, milagre o que não passa de lógica entranhada no desenvolvimento das **forças** da Lei, imponderáveis e no entanto mais potentes do que o pesado armamento das defesas humanas. Tudo isso confere outro valor e significado à conhecida lei biológica da luta para seleção do mais **forte**, reduzindo-lhe a importância a limites bem estreitos. Outra lei se lhe contrapõe e anula. Ei-la: “Quem com ferro fere com ferro será ferido”.^{7 (p. 64)}

Quando se compreende o universo como construção orgânica, compreende-se também ser mais lógico o equilíbrio do **justo** manter-se nele mais estavelmente que o esforço do rebelde. Tratando-se de organismo, aí prevalece logicamente a posição espontânea e harmônica em detrimento da irregular e contrafeita. No conjunto o universo apresenta-se como perfeito e completo mecanismo, ordenado e harmônico. Nas exceções e casos particulares residem as perturbações, previstas, porém compensadas, enquadradas na ordem. Para homens inconscientes e, todavia, livres, o ambiente humano representa um desses campos de desordem a título experimental. A Terra representa, por isso, um inferno aos evoluídos e, talvez, um paraíso aos involuídos adequados a esse ambiente. A opinião emitida a respeito deste mundo nos revela o tipo biológico a que pertence o opinante. Só a raça vale e justifica distinções. O homem, se quer alcançar determinado objetivo, compreende a necessidade de coordenar as fases da ação necessária e, assim, reconhece a ordem presente em todas as coisas; percebe, até mesmo no furto, no delito e na guerra, o rendimento utilitário da disciplina, do método e da estratégia, pois tudo isso pertence a seu plano. O que dissemos nos períodos imediatamente anteriores explica por que o homem, por imaturidade, não chega jamais, também no campo moral e nas diretrizes da própria vida, a sentir a falta e a utilidade dessa ordem. A ignorância e a inconsciência de plano mais alto explica-lhe a ação desordenada, baseada em violações e, por isso, em reações contínuas; mostra como o involuído pode

crer na obtenção de resultado no campo do imponderável, sem coordenamento de ações, sem subordinação funcional, sem necessidade de seguir a Lei, sem harmonizar-se na organicidade universal Exatamente a natureza de involuído é que estabelece o funcionamento de lei de *força* em lugar de lei de *justiça*. A baixeza do ambiente terrestre resulta precisamente das qualidades do tipo biológico que o habita e, cada vez mais satisfeito consigo mesmo, se julga ente superior. E, até mesmo, culto e erudito; mas o entendimento não depende de estudo e erudição. Trata-se de maturação biológica natural e inaplicável ao exterior, como acontece com tantos produtos de nossa civilização. O que induz o homem de hoje a engano é a miopia psíquica e o imediatismo do resultado; a psicologia do jogo rápido e a ignorância dos fenômenos de longa duração; a suposição de tudo quanto fica distante nada se pode aprender com segurança; a própria mentalidade caótica que apenas não desorienta e desarticula a fé por nós depositada no que já nos caiu sob as mãos. Sobra-lhe apenas uma vida defeituosa e truncada, resumida ao dia de hoje e indiferente ao longínquo amanhã. Sabe que a *justiça* de Deus às vezes tarda; não falha, seguramente; por isso, não julga apenas com os poucos elementos de uma só vida, mas com os fornecidos por vida muito mais longa, – aquela que, num longo caminho de vida e de morte, se estende na eternidade.⁷ (p. 64-65)

Outro fato capaz de induzi-lo a engano é a valoração, apenas sob o aspecto formal, do prazer e da dor, estados relativos e interiores. Sua posição sujeita-o naturalmente a muitas ilusões psíquicas que ele toma por verdade. Supondo-os, erradamente, iguais a si próprio, para avaliar os outros aplica-lhes as mesmas medidas com que mede a si mesmo. Ao contrário, as reações dolorosas impostas pela Lei variam justamente conforme a diferente posição moral de cada indivíduo, face aos equilíbrios da *justiça*, quer dizer, segundo o mérito ou demérito. As próprias dores podem, de acordo com a natureza dos ânimos, impressioná-los deste ou daquele modo e causar-lhes as sensações mais diferentes. O evoluído, em grande parte liberto, já não possui tesouros no mundo e torna-se intimamente muito menos vulnerável que o involuído que se atreve a julgá-lo. O *justo* sempre se sente mais tranquilo do que o culpado. A realidade não constitui o golpe em si mesmo, como vemos por fora, mas reside na sensação interior com que o recebemos, no modo diverso de propagar-se na personalidade a repercussão do golpe, proporcionalmente às diversas qualidades individuais. Eis realizada a lei do merecimento. O estado moral interior não pode modificar o exterior determinismo da matéria. Essa verificação engana o involuído. O plano físico subordina-se a diferente espécie de leis e os fenômenos físicos seguem caminhos diferentes daqueles do mundo moral. O merecimento, observa-se, não nos distingue na fuga ao perigo. *Justos* e malvados, os *justos* às vezes muito mais, todos sem exceção recebem golpes. Isso mesmo. Não deixa, todavia, de também ser verdade que a posição moral muda o estado espiritual e as condições de nosso **eu** e, por isso, as repercussões,

a receptividade, enfim, a sensação dolorosa. Assim, se o fato exterior não varia, mudam as posições internas de defesa, as qualidades de resistência, o estado de equilíbrio, de juízo, de orientação, de continuidade. Se o mundo exterior, o único que o involuído vê, não se altera, o mundo interior, – a outra metade do fenômeno, – mostra-se igualmente poderoso; e se, ao iniciar-se, esse poder nada pode deslocar, tudo pode fazê-lo à chegada. O involuído não compreende como o estado moral, invisível para ele, possa mudar as condições do fenômeno na segunda fase conclusiva interior. Desse modo, divergem muitíssimo as íntimas realidades pessoais, os campos das sensações finais. A dor é estado interior sobre a qual muitos elementos influem; entre eles, porém, não ocupa o primeiro lugar o choque proveniente do mundo físico, dado pelo determinismo físico. Tudo seria tão diferente, se víssemos as coisas por dentro, ao invés de vê-las por fora! Ver-se-ia a possibilidade de gozarmos em plena miséria e sofrermos no fastígio da riqueza. O mártir na cruz pode sentir-se mais feliz do que o rei no trono! Tamanho poder tem esse mundo interior, ligado tão-somente ao merecimento. O estado de prazer ou dor não se mostra como fato objetivo igual para todos, mas relativo e dependente das condições interiores individuais. Prazer e dor, imponderável resultante do embate de *forças* e não do determinismo do mundo físico, fundem-se na intimidade do **eu**. O invisível escapa às vistas do involuído, crente de que tudo se desenvolva no plano concreto em que vive e nada mais possa existir além dele. O evoluído, que em parte superou o mundo material, também em parte lhe superou o determinismo (cf. **A Grande Síntese** – Cap. LXVI) e recebe muito do próprio mundo interior, independente desse determinismo. Por isso sua vida não fica tão sujeita às sanções das leis do plano físico como às sanções das leis do plano espiritual e moral, bem diversas. Eis como este princípio mais elevado, o do merecimento, pode entrar em atividade e tornar-se distribuidor e regulador. Apreciações e julgamentos dependem das diversas perspectivas, mutáveis com as diversas posições. Daí nascem os desacordos, as valorações opostas. O mesmo fato pode assumir significado e valor oposto, ser compreendido como dano ou vantagem. A posição do materialista ou do espiritualista pode subverter o senso das coisas. Para o primeiro a morte significa o fim; para o segundo, o princípio de outra vida; para um a vida terrena é tudo; para outro, mero episódio; para um, a meta que deve conter todas as alegrias e realizações; para outro, meio de expiação, exílio, missão. Uns ganham, outros perdem com a dor; estes morrem na morte, aqueles na morte ressuscitam.^{7 (p. 65-67)}

Ao invés, o involuído acredita na lei do mais *forte* e na seleção à base de *força*. O evoluído por sua parte ouve a lei *justa* da honestidade e do merecimento. O sistema do primeiro, de conquista através de imposição, reduz-se a contrair dívidas e miséria. Face aos equilíbrios da Lei, isso constitui erro que se deve pagar e, se domina o mundo, transforma-o em lugar de sofrimento. Aqui em baixo todos procuram fora as causas que residem em si mesmos.

Pertencem-nos. O problema consiste em saber fazê-las funcionar e não em saber evitar-lhes os efeitos. A causa é livre; o efeito, fatal. Posta em movimento a causa, a Lei se apodera dela, o impulso deixa de ser livre e não nos pertence mais. Nem *força* nem *astúcia* podem-nos livrar da obrigação de suportar os efeitos. Se semeamos o mal, colhemos o mal; se semeamos o bem, colhemos o bem. Mais adiante desenvolveremos esses conceitos (cap. XXIV e XXV). É *justo* que, em última análise, apenas a nós mesmos possamos fazer bem ou mal. Terminado, nosso ato torna-se inexorável desenvolvimento de *forças*. O destino é livre na fase inicial da formação, da determinação das correntes e do início da trajetória; fatal, porém, na fase de desenvolvimento das correntes e, especialmente, na fase final de eleito e conclusão da trajetória. Eis a *justiça* histórica. Geralmente consideramos o destino apenas nesse segundo aspecto determinista e ignoramos-lhe o momento mais importante da formação.^{7 (p. 69)}

Rumo a novo mundo

A harmonização constitui o método de construção da felicidade; a revolta, o de construção da dor. O problema, para que possamos resolvê-lo, deve ser proposto de modo oposto ao seguido até agora. Não se trata de abundância de bens, mas de sabedoria na conduta; nem de possuir mais ou menos, mas de possuir bens conforme à *Justiça*. Vitória injusta é inutilizável; riqueza de origens poluídas dão-nos aborrecimentos apenas. Tudo quanto dissemos em relação à propriedade vale para toda aquisição, tanto para os indivíduos como para as classes sociais e as nações. Tudo quanto não é equitativo sofre do mal da desarmonia, se consumirá no próprio veneno, se queimará em fogo violento e morrerá, reduzindo-se a cinzas. De fato, o problema do verdadeiro bem-estar não é, como se acredita, exclusivamente econômico, mas moral, de compreensão e de comportamento. Na Terra não faltam bens. Falta é homem que saiba usá-los. A grande conquista a fazer-se não é tanto a conquista material das *forças* do planeta, mas da sabedoria humana. Sem a segunda, a primeira não constitui vantagem, mas dano. Toda aquisição realizada na desordem realmente representa perda; toda vitória injusta não passa de derrota. A felicidade é equilíbrio. A dor aparece tão logo saímos da harmonia. O sistema de *forças* se distorce e o fenômeno se degrada assim que abandonamos a medida do *justo*. Todo pecado por falta ou por excesso significa erro a ser pago. De fato, tanto os povos como os homens mais ricos são os mais infelizes. Dadas a estrutura do sistema universal e a conduta humana hoje em voga, que felicidade podemos encontrar na Terra?^{7 (p. 79)}

Entendimento, reconstrução, progresso

Assim, enfrentamos e resolvemos o mais controvertido e importante problema da vida, sem condenar quem está em baixo, sem protestar contra a Lei, reconduzindo a dor às causas que são suas, mas estão em nós. Embora verificando o caráter infernal que o ambiente terrestre pode assumir para o involuído, sempre na dor reconhecemos a *justiça* e a infinita sabedoria de Deus e os equilíbrios da Lei que deixam cada qual no posto merecido, adequando a violência das provas à sensibilidade do indivíduo. O natural terror que o reino humano do involuído pode inspirar aos seres refinados não tira coisa alguma à perfeição do plano divino do universo, à liberdade individual de redimir-se e progredir, ao otimismo do *justo*, à fé em Deus, aos auxílios por Ele concedidos a quem os merece. Deus continua presente e ativo mesmo em plena desordem do inferno terrestre. Tanto basta ao evoluído para sofrer com alegria. Sua dor torna-se ato de reordenamento do caos, de aniquilamento do mal. O evoluído é condenado e expia, mas pode com as próprias mãos criar as condições necessárias para libertar-se e construir a própria felicidade. A ordem sempre está presente na desordem; Deus e Sua Lei não se separam jamais. Isso basta para o evoluído possuir, no mais profundo da alma aquela harmonia chamada felicidade. Desse modo a dor vai sendo cada vez mais empurrada para o exterior, para a superfície.^{7 (p. 81-82)}

Que tortuoso e cansativo caminho deve o homem percorrer antes de atingir o objetivo colocado no último período! Tanta dor e destruição para conseguirmos compreender e, em consequência, podermos reconstruir e progredir. Apenas no caso de já termos compreendido é que o objetivo seria logo atingido e não deveríamos percorrer tão longo e doloroso caminho. O grande problema resume-se em compreender. Compreender para em seguida aplicar a Lei, desse modo evitar a dor e, evoluindo, conquistar a felicidade. Ciência, filosofia, religião, literatura, arte, sociologia, tudo isso deveria facilitar o entendimento e a aplicação dessa Lei e a substituição do espírito de rebelião e desordem pelo de obediência e ordem. A atitude de revolta constitui nosso pecado capital. Constrange-nos a viver debaixo do açoite da reação. Quanto mais nos rebelamos mais açoites recebemos. A revolta, que nos parece o caminho da fuga, é o caminho da condenação. Seguimos a Lei às avessas, por isso conseguimos o avesso de sua harmonia e felicidade; praticamos a seleção às avessas, involutivamente ao invés de evolutivamente. Mas a inteligência humana há de substituir a lei animal de seleção do mais *forte* por sistema de luta mais nobre, destinada, ao contrário, à formação do mais consciente e do mais *justo*. Torna-se necessário mudar o tipo-modelo, não aquele oficialmente elogiado, mas o que intimamente e de fato admiramos. Necessitamos de seguir outros métodos de conquistar vitória, propor-nos outros objetivos e lutar em plano mais elevado. Ao contrário, o esforço humano parece hoje dirigido à

canseira de trocar o bem pelo mal, a ordem pela desordem, a felicidade pela dor.⁷ (p. 86-87)

Está hoje estabelecido o método humano com que tratamos todos os problemas, isto é, aplica-se em todos os casos a psicologia de inconsciência e violência própria de nossa época. Em nossos dias exaltamos e adoramos o sistema do sucesso rápido, a qualquer preço. Quantas ruínas, porém, não semeia ele no caminho tanto para quem perde como para quem ganha! Hoje o método da luta e da vitória do mais **forte** já atingiu o campo da arte e do pensamento, desse modo transformado em ganha-pão, mercado, campo de competições. O espírito criativo morreu e as mais elevadas nascentes da vida estão secando. A Lei fechou-se em rigoroso silêncio e recusa beneficiar os indignos. Deus abandonou-nos à prova que desejamos, as formas superiores da vida retiram-se da Terra e o homem, querendo tudo conquistar, perdeu as maiores alegrias e os maiores valores e destruiu a beleza. A psicologia do mais **forte** transforma a Terra em infernal campo de luta onde apenas duas posições podem existir, a de opressor ou a de oprimido, e onde tudo se concede ao primeiro e nada ao segundo. Os melhores acabam sendo eliminados, com dano geral. O espírito de revolta acaba na auto-destruição. Coisa alguma nasce nas ruínas e, se a **força** obriga à obediência, nada produzem os homens, oprimidos e não convencidos. O vencedor não cria no vencido senão a indiferença passiva da resignação. A vida negativa se retrai. Só a **força** não basta para alimentá-la. Sem dúvida, tornam-se também necessárias as tempestades das guerras e das revoluções para o trabalho de renovação. Um mundo tempestuoso, porém, se convulsiona e desagrega. A vida também necessita de bondade e ordem, de amor e fé; se não tivermos semeado tudo isso, quando os homens pedirem trabalho, segurança e bem-estar, a Terra, saturada de ódio, de revolta e desordem, apenas poderá dar-nos o fruto resultante da semente nela atirada; o ar, por sua vez, estará saturado de ódio, revolta e desordem; e toda a construção desabarará fatalmente.⁷ (p. 88)

Até o involuído desempenha, pois, função social e, no que diz respeito aos equilíbrios da vida, está colocado no lugar que lhe compete. E deve também ter sua oportunidade. Ele naturalmente defende, como qualquer defenderia, os princípios do próprio plano, onde se sente **forte** e por isso está sempre com a razão. Como acontece com todos, irrita-o a afirmação das verdades de outros planos, porque aí se sente fraco e, em consequência, nunca tem razão. Por instinto vital e porque a compreende melhor, todos sustentam a verdade do próprio nível e do próprio tipo biológico. Afirmamos o que somos, o que melhor compreendemos, o lugar onde melhor vivemos e vencemos. O próprio involuído quer afirmar-se e escolhe sua arma: a **força**. Sente-se fraco no plano da **justiça**, arma escolhida pelo evoluído que apenas aí se sente **forte**. O primeiro, portanto, naturalmente repele essa defesa que não o defende, essa arma que não lhe dá razão; antepõe-lhe a **força**, que ele defende porque a

compreende mais, porque é o método de seu nível evolutivo e o único meio a oferecer-lhe possibilidade de estar com a razão, embora momentaneamente. Foge, por isso, dos caminhos da ordem e da Lei e prefere os da revolta, mais trabalhosos e inseguros. Em presença da *justiça* compreende muito bem que está enterrado de dívidas e não pode valer-se da lei que apenas lhe aplica sanções dolorosas. Onde o evoluído goza de crédito, o involuído está até ao pescoço de dívidas; onde o primeiro encontra ajuda, o segundo acha apenas desvantagem e condenação. Então, renega Deus e a Sua Lei. E renega-os exatamente porque percebe que existem e lhe dirigem exprobrações. Rebelar-se, portanto, e como defesa lhe resta apenas a *força*. Este é o seu ponto de vista. O evoluído ama a Deus e à Sua Lei, que lhe garantem alegria e proteção. Sua economia não se baseia, como para o involuído, na *força* e no furto, mas na Divina Providência, que, se não se exerce em favor do outro, funciona plenamente em relação a ele que preenche as condições necessárias à verificação do fenômeno. Todos confirmam e exaltam o que são e possuem; e negam o que não são e não têm.^{7 (p. 89)}

Das trevas à luz

Confrontemos os dois tipos. O involuído é *forte*, mas insensível e obtuso; verdadeiro rio de energias, mas de qualidade má, indisciplinada e grosseira. O involuído desperdiça-as de maneira ilógica, pois lhe falta a consciência diretriz, que para ser conquistada requer exatamente, através da experimentação, esse dispêndio de energia. O mundo de nossos dias é assim. Ao evoluído aparece como caos infernal, estúpido e doloroso. O evoluído vive em plano físico menos *forte*, mas sensível, de inteligência aguda e penetrante. Representa corrente dinâmica mais limitada como quantidade, porém de qualidade imensamente superior, refinada, disciplinada. Com a elevação de potencial essa forma de energia tornou-se mais poderosa, mais apta a vencer resistências, como acontece na eletricidade (ohm) quando aumentamos a voltagem. Se a corrente dinâmica é de quantidade mais limitada, suas qualidades de maior potência e a ordem e a disciplina com que a manipulam, o modo mais consciente como a empregam dão-lhe muito maior rendimento. A transformação da quantidade em qualidade, embora a massa se torne mais sutil, traduz-se em maior poder de penetração; a sabedoria de consciência diretriz já conquistada, significa a poupança de imensos desperdícios de energia impostos, em experiências, pelas tentativas e incertezas. Por isso, não apenas a natureza mais sutil do novo dinamismo permite transpor mais facilmente os obstáculos, como também o conhecimento que o dirige elimina as dispersões inúteis, os erros e, em consequência, as dores e lhes permite maior aproveitamento em sentido evolutivo, isto é, na direção evolutiva de harmonia e felicidade e não na

involutiva de erro e dor. Nesse plano atingiu-se o objetivo da luta do involuído, a conquista de consciência; os atritos e os choques de seu modo de lutar foram superados e eliminados, são agora inúteis; tudo se tornou orgânico, harmônico, lógico, consciente, sábio. Não apenas a massa se tornou potência, como também a utilização dessa potência é cada vez maior, quer dizer, consegue-se, em termos de felicidade, cada vez maior rendimento. Não só a matéria se tornou energia vibrante e o dinamismo, conquistando mais *forte* capacidade de penetração, significa *força* mais ativa e por isso mais potente, como também se firmou a arte, antes ignorada, de saber usar tudo isso com inteligência, o que dá a todos os atos, inclusive aos mínimos, valor e resultado muito maiores.^{7 (p. 92-93)}

O problema do mal

Esses conceitos podem, enfim, mostrar-nos racionalmente o significado lógico desse tão raramente aplicado método evangélico de não-reação: “Ouvistes que foi dito: Olho por olho e dente por dente. Eu vos digo, porém, que não resistais ao mal (**ao maligno**); mas, se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra”, (Mateus, 5:38-39). Assim falou Cristo no Sermão da Montanha. Não se trata, apenas de ato de amor, mas de método de vida logicamente colocado no sistema universal, em que a defesa do *justo* é fato automático. Para quem não conhece a lei isso é absurdo. Não obstante, nossa miopia nos torna vítima de ilusão, quando nos faz acreditar que reação significa defesa. Agora estamos em condições de compreender que reação não quer dizer isso; não fecha, mas abre as portas ao mal, que acaba sendo bloqueado por outros meios; no seu próprio campo de *forças* introduz o mal, quando recebe e devolve a violência. O sistema da Lei já é de si mesmo *justo*; não precisa de intervenções humanas para tornar-se tal. Só a Deus compete julgar e distribuir *justiça*. O *justo* é automaticamente protegido pela Lei. Quando somos *injustos* e merecemos ser prejudicados, a defesa que promovermos de nada nos valerá sem a de Deus. O evoluído, que compreendeu a Lei, segue o método de não-reação preconizado por Cristo. O involuído segue o do mundo animal: olho por olho e dente por dente. O primeiro, confiando-se à *justiça* de Deus, defende-se com o merecimento. O segundo tem a seu favor apenas a *força*. Por isso, é mais débil e inseguro. O método do evoluído, contudo, lhe parece forma de debilidade e vileza, quando o evoluído é, isso sim, indivíduo consciente. Mas na atuação dos dois métodos há esta grande diferença o primeiro importa na necessidade de sermos honestos.^{7 (p. 102-103)}

A economia do evoluído

Continuemos a subir, devagar, do mundo do involuído para o do evoluído. O próprio Sermão da Montanha, há pouco citado, continua a mostrar ao evoluído o caminho, seu método, até mesmo no campo econômico: “... e, ao que te houver tirado a capa, nem a túnica recuses; e dá a qualquer que te pedir; e, ao que tomar o que é teu, não lho tornes a pedir”. (Lucas, 6:29-30). Economia vã e aparentemente desastrosa. O mundo moderno toma o cuidado de não levar a sério semelhantes preceitos, profundamente convencido do sublime absurdo que eles constituem. E, no entanto, como, para quem compreendeu a Lei, são lógicos e naturais! Trata-se do princípio mesmo de não-reação aplicado não mais à defesa da própria pessoa, mas a de seus haveres. Aí reencontraremos, por isso, igual método de defesa: a *justiça* confiada a Deus, a honestidade, o merecimento. E a conclusão é a mesma, tanto na defesa dos bens de fortuna como na da pessoa: o *justo* é automaticamente protegido pela Lei. Se não somos *justos* e merecemos ser prejudicados, de nada nos vale, sem a de Deus, a defesa que promovemos. Voltamos desse modo ao conceito já explicado isto é o de que a propriedade, só se for honesta, resiste aos ataques. E também nesse caso observamos como a honestidade, à semelhança de não-reação, é considerada pelo mundo como forma de debilidade ou imbecilidade, quando a honestidade, isso sim, é ser consciente. Tal o método do evoluído no campo econômico. O estudo dos princípios e das *forças* da Lei permite-nos, ao contrário do mundo, levar muito a sério esse método, que aliás é o mesmo indicado por Cristo. Os raciocínios por nós desenvolvidos provam cada vez mais que esse método não é o dos débeis e imbecis, mas o dos sábios. Por isso quisemos ver para além das aparências enganosas em que, todavia, tanta gente acredita.^{7 (p. 104)}

Pobreza e riqueza

Tudo isso pode causar espanto ao homem do nosso mundo, que não percebe o valor das coisas do espírito com, a mesma intensidade com que a sente o evoluído. Para este último, porém, a vida assume significado bem diferente. Sente, sem sombra de dúvida, o perfume da pobreza a impregnar todas as coisas em que toca. Percebe a beleza moral dessa pobreza, simples, honesta, laboriosa, confiante e tranquila, não dessa pobreza colérica e envenenada do mau, mas dessa agradecida pobreza do *justo*. Em suas mãos ela espiritualiza-se e aureola-se de bondade e fé, que a transformam em instrumento de ascensão. Desse modo a pobreza quase se santifica e chama para junto de si a presença de Deus. Então, quem perdeu tudo percebe que, de fato, ganhou tudo e o paraíso desce até si. E quanto mais se dá mais se recebe, a pobreza torna-se, então, meio de enriquecimento; do mesmo modo, nas mãos do involuído a riqueza pode tornar-se meio de empobrecimento. E agora, aquela que para o

mundo significa miséria, pode tornar-se beatitude, como o era para São Francisco. Não nos podemos doutro modo explicar-lhe a psicologia. Poder-se-ia objetar que é censurável deixar de lado a administração da riqueza, que no entanto, como produtora de bens, tanto poderia frutificar. Não. Cada um em seu nível. A esse trabalho já se destinam os honestos administradores da Terra (o homem do 2º tipo) e esse trabalho lhes toca. Têm a função de reordenar o ambiente terrestre e exatamente por isso é que são organizadores de coisas humanas. O paraíso na Terra constitui-lhes a meta e procuram laboriosamente prepará-lo. Mas o evoluído (o homem do 3º tipo) deve desempenhar função mais alta: dar a esse trabalho a orientação necessária. É precursor que intui, dá as grandes diretrizes do espírito e indica-lhe objetivos sobre-humanos. Os olhos dos primeiros são analíticos e míopes, aptos a verem as coisas próximas da Terra; os dos últimos são sintéticos, enxergam longe e podem ver as longínquas coisas celestes. O objetivo final dos primeiros está na Terra e aqui o alcançarão, transformando-a de inferno em paraíso. O objetivo final dos últimos está colocado no céu e o conquistarão, afastando-se da Terra para caminhar em direção a humanidades mais evoluídas, a pessoas de sua raça.^{7 (p. 117)}

Esse conceito e essa posição da vida finalmente nos aparece sob o aspecto utilitário. Desse modo, a vida adquire alcance imenso, que toca as fronteiras da eternidade, torna-se interminável sucessão de conquistas, de felicidade crescente, de contínua ascensão em resposta ao chamamento divino. Mas, querendo limitar a vantagem às necessidades materiais, eis a Divina Providência pronta a ajudar, desde que haja merecimento e necessidade. São essas as duas condições fundamentais de seu funcionamento. O evoluído, que compreendeu a lei do fenômeno, não lhe deposita confiança inutilmente, porque tudo obtém com segurança. Sabe que, em face do merecimento e da necessidade, o homem faz jus ao auxílio, ato da *justiça* divina com que o *justo* pode e deve contar. Por isso, obtém por direito e por *justiça* e não a título de esmola imerecida. Por isso não é a pobreza, mas apenas a baixeza, que arranca do homem a dignidade de filho do Pai. A generosidade da Providência, mesmo assumindo a forma de esmola, sempre constitui comunhão da alma com Deus e, por meio dela, o benfeitor humano eleva-se ao papel honroso de instrumento de Deus.^{7 (p. 119)}

Problemas últimos

Pelo contrário, quem se lançou e fundiu na corrente oposta será temporariamente atormentado pelo mal, mas o caminho por ele escolhido o leva natural e fatalmente em direção à felicidade; enquanto isso, o malvado poderá ser feliz por algum tempo, mas seu caminho desemboca natural e fatalmente na dor. As duas posições são inversas. Para o bom, a dor constitui a exceção

transitória, a alegria é a meta e a regra geral. Para o malvado, a alegria significa exceção transitória e a dor representa a meta e a regra geral. O **justo**, embora à custa de fadigas, constrói para si feliz destino; embora sofrendo, eleva-se rumo ao bem, constrói no seio de Deus. Está preso às fontes da vida e, quanto mais progride, mais se lhes avizinha, nelas se nutre e assim vive de modo cada vez mais intenso. Como as **forças** do sistema fecham as portas e expulsam o rebelde, assim também as abrem para quem colabora com elas; admitem-no em seu seio, confiam-lhe funções e poderes, põem-lhe à disposição os seus próprios tesouros e acumulam-no de bens. O primeiro é abandonado; o segundo, nutrido; o primeiro é expulso; o segundo, admitido naquela comunhão, chamada Divina Providência, em que se encontram as fontes da vida e a economia da natureza. Tudo isso até que ele vença o mal, a dor, a morte. Assim, enquanto o malvado se precipita na autodestruição, o bom ascende para a imortalidade. Então, o homem se anula, mas em outro abismo; o anulamento se verifica da mesma forma, porém em sentido inverso, isto é, não mais como morte, mas como vida, não por autodestruição, mas por fusão na divindade. Os dois anulamentos se verificam nos dois extremos opostos do ser, nos antípodas do binômio do universo. Assim, todas as **forças** do mal serão autodestruídas e todas as **forças** do bem haverão retornado a Deus. Todos terão atingido a meta que desejaram e, os impulsos, livremente desencadeados pelos seres, terão concluído a sua trajetória. E, uma vez que os princípios estabelecidos por Deus produziram efeito, o imenso oceano do dinamismo universal repousará tranquilo, até que, com novo desequilíbrio gerador (como a luta entre o bem e o mal), depois da fase de repouso e paz, isto é, de dinamismo em repouso ou latente (o mal absorvido pelo bem), até que o **motor-não-movido** inicie nova fase de atividade e luta, quer dizer, de dinamismo atual.⁷ (p. 123-124)

Consequências e aplicações

Daí se vê não ser o homem, mas a Lei, quem dirige a história e a vida. O homem agiu loucamente, transportando desordem, mas a Lei sabiamente o reconduz à ordem. Hoje a realidade da vida grita aos ouvidos do indivíduo, como aos dos povos, esta necessidade inelutável e suprema: maceração na dor. A distinção humana entre vencedores e vencidos não tem, quanto a isso, importância alguma. A ciência encarou o problema do mundo material, mas ignora o do mundo espiritual; escapa-lhe o cálculo dessas poderosas **forças** do imponderável que hoje golpeiam o homem. A erudição contemporânea não basta para compreender o que está acontecendo ao mundo de nossos dias. Descobrimos leis da natureza e dominamos algumas de suas **forças**, mas fizemo-lo **egoisticamente**, estupidamente, contra a Lei, isto é, contra nós mesmos. Quanto bem obteríamos, se houvéssemos sabido dirigi-las com

inteligência! Acima da loucura humana se coloca a sabedoria divina e agora nos impõe a reconstrução do equilíbrio perturbado, imergindo-nos em ganho de penitência. Na passagem se encontra a dor amiga para salvar-nos. Mas o homem não lhe compreende a função e ainda se revolta, cada vez mais. Com essa ilusória forma mental, sem preparo algum para a vida áspera das horas apocalípticas, o homem está absolutamente fora do caminho. Colocou-se fora das fontes espirituais do ser e falta-lhe o poder que sustenta os que sabem atingi-las. Em última análise, estamos no ponto mais baixo da onda histórica e precisamos de percorrê-lo antes de podermos ascender novamente. Para o homem, a verdade e a sabedoria estão além desse trajeto. É duro, mas devemos percorrê-lo; chorando e sangrando, necessitamos chegar. O mundo acreditava que, com seus métodos conceituais e materiais, podia organizar a felicidade em série, em máquinas, e estava a ponto de atingi-la; no entanto, encontra-se em face de realidade cruel e bem diferente: o poder de criar que a dor tem. Alguns, todavia, compreendem, aceitam e ascendem. Constituem minoria sábia e silenciosa, abafada pelas vozes dominantes. Muitos, porém, não compreendem, continuam a rebelar-se, maldizem, reagem à dor por meio de novo mal e assim, ao invés de se afastarem do redemoinho da regressão, cada vez mais afundam e lhe aumentam o poder. Assim, os bons tornam-se melhores e os maus, piores; a distância entre os dois aumenta, até se separarem completamente. Formarão dois turbilhões de *forças*, um voltado para cima e outro para baixo. Este último agarra o outro, procura prender-se-lhe para arrastá-lo ao fundo consigo, busca despedaçá-lo a fim de aniquilá-lo; mas todo sistema contém em sua própria natureza o termo final de sua trajetória. O princípio da ascensão, a amizade com a Lei levarão os *justos* cada vez mais para cima, até à salvação, mesmo através de obstáculos e provações; e farão os rebeldes se precipitarem cada vez mais para baixo, até à autodestruição. O atual espírito de destruição parece universal e poderá atingir a todos nós; mas, finalmente, terminará prejudicando apenas quem o pôs em ação, acredita nele e o merece. Hoje Os homens podem escolher: sobrevivência ou destruição. A dor impõe a solução da crise e o superamento da fase. Os sábios transformam-na em instrumento de vida para si mesmos, os estultos rebeldes transformam-na em instrumento de morte.^{7 (p. 131-132)}

Deus tira os bens das mãos de quem os conquistou e não sabe usá-los, tanto assim que de seu emprego só lhe resultam danos e nenhuma vantagem. E concede-os novamente apenas quando houver aprendido a utilizá-los. O homem, então, deve reconquistá-los com ânimo novo, de modo a transformar o dano em vantagem. Assim, a pobreza sucede à riqueza. É lógico, e até mesmo constitui benefício quem faz mau uso de determinado **meio** adorando-o como se fosse um **fim**, perdê-lo e ser reconduzido à ascensão, único e verdadeiro objetivo da posse. É também lógico e *justo* que apenas os dignos possam dispor dos bens e só os amadurecidos possam mandar e dirigir. Quem a Deus antepõe os ídolos acaba sendo expulso da vida. Todavia, quem está com a Lei está com a

vida. Pois bem. Aproxima-se a hora da transformação do mundo. O super-homem pode nascer apenas de lutas e dores assim titânicas. Será a transformação do herói da matéria, do super-homem nietzscheano. Mostrar-se-á valoroso na prática do bem, na capacidade de dar, de amar, ao invés de mostrar-se endurecido no mal, na agressão, no ódio. A bestial virilidade do homem, no plano físico asfixiante da guerra, se refinará e aumentará de poder na virilidade mais apurada do homem no plano espiritual. A luta não se travará mais por causa da seleção animal do mais **forte**, seleção em que ainda alguém crê, mas em favor da seleção do mais **justo** e consciente; as guerras e as vitórias serão diferentes, baseadas em princípios diferentes e conduzidas também com métodos diferentes. As batalhas do homem futuro serão bem diversas. Esse homem será o soldado da paz que substituirá a guerra do ódio pela guerra do amor, muito mais difícil e profícua. Que consciência, organicidade e poder espiritual deverá ele possuir para saber vencer sem ódio, e sem armas, perdendo e dando! Espiritualmente falando, nossa sociedade assemelha-se a campo inculto, a bosque intrincado e selvagem. Torna-se necessário transformá-lo em plantação racional e de rendimento intensivo. Precisamos em todo o campo, onde existe o caos, de introduzir a ordem e fazê-la substituir a desordem; isso, porém, com métodos diferentes dos de domínio, nos quais todas as diversificadas tendências humanas se igualam. É preciso fazer que os outros compreendam e sintam, por livre convencimento e paixão. Para todos nós a dor atual constitui grande escola de maturidade. Manifestam-se sistemas substanciais, e não sistemas formais; agimos mais por vias internas e espontâneas do que por vias coativas e externamente enquadradas. Não adianta mudar nomes e programas. Importa, isso sim, o senso da vida e a motivação diretora; importa operar na substância e fazer o homem. A **consciência coletiva** não passa de frase sonora, mas sob ela se esconde quase sempre apenas a inconsciência coletiva. O tufão limpou o terreno. Vamos, agora, ará-lo, semear, tratar, fazê-lo produzir. O ódio destrói. O amor deve reconstruir. Essa é a linha de desenvolvimento de nossa época. Primeiro, a paixão; depois, a ressurreição. O involuído esgotou sua missão. Agora chegou a vez do evoluído. Os amadurecidos são chamados para o trabalho e, mais do que nunca, agora sua vida se transforma em missão. Esgotaram-se as vãs tentativas dos experimentos materiais e verificou-se que os expedientes atuais não resolvem o problema. Nada mais lógico; pois, que agora, a título de reação e compensação, e por meio de expedientes de tipo oposto, inicie-se outra qualidade de experimento, o do espírito.⁷ (p. 133-134)

Apenas começamos a caminhar rumo ao bem e à sua realização na Terra, assalta-nos o pensamento de que talvez se trate de utopia. Isso naturalmente acontece porque nos afastamos da dura realidade da Terra e sabemos consistir o objetivo da evolução justamente nesse afastamento. Vimos que o mal pode constituir grande obstáculo, terrível resistência e, no entanto, o

bem é o verdadeiro e definitivo senhor. A realidade quotidiana do mal desmente a aparente utopia do bem; esconde, como véu, a verdade mais profunda, esconde-a dos violentos e até mesmo dos *astutos*; não a esconde, porém, dos *justos*. A estrada é longa; mas a ascensão, fatal; e o mal não prevalecerá. Nem a insipiência, nem a traição, nem o erro, nem o abuso, nada pode deter a maré montante do progresso. No sistema se prevê que toda queda e todo mal tem remédio. As multidões são certamente ignorantes e cegas e sujeitas àquilo a que pode reduzir-se qualquer governo inepto, isto é, a serem esmagadas pela *força* e exploradas pela *astúcia*. Mas os povos se iludem quando creem que a orientação necessária possa ser-lhes dada pela liberdade dos chefes, ao invés de provir de consciência coletiva; e esta os povos podem conquistar apenas à custa do próprio esforço e através de duras provações. Os povos, como os indivíduos, devem aprender por si mesmos, por meio de seus erros e dores. Toda nova experiência política apenas serve para passarmos cada vez mais de estado de inconsciência a estado de consciência coletiva. Todavia, no fundo da atual inconsciência se percebe o sentido da vida e obscuro instinto que, embora confusamente, indica às massas o caminho certo e lhes confere a capacidade de responder às vozes da verdade; mas isto, se forem verdadeiramente sinceras; e o evoluído, que vive cumprindo missão na Terra, mesmo à custa do próprio sacrifício souber gritar bem alto essa verdade. A iniciativa da ascensão pode ser sua apenas. Todos os valores humanos vão sendo continuamente explorados e subvertidos em favor de vantagens pessoais. À custa do próprio sacrifício deve o evoluído repô-los no lugar certo, restituir ao homem tudo quanto lhe roubaram, opor-se, com o poder do vidente, à *força* bruta e, com a honestidade, lutar contra a exploração.^{7 (p. 134)}

O tipo biológico do futuro

O fenômeno de renovação já mencionado neste livro não deve ser entendido isoladamente sob um só de seus numerosos aspectos, seja social, político, religioso, econômico intelectual, moral, artístico etc. Devemos entendê-lo, isso sim, no vastíssimo sentido de fenômeno biológico. Quer dizer, trata-se de maturação evolutiva do tipo humano, a qual lhe permitirá a exata apreciação do imponderável, que agora lhe escapa e produz a falência do espírito no trato das coisas humanas. Não se torna necessário criar mais coisíssima alguma. Os elementos já existem entre nós. Trata-se apenas de orientá-los, de saber dirigi-los com a lógica hoje inexistente, isto é, de reordenar a desordem. Sabe-se que o método e a organicidade permitem muito maior rendimento a qualquer trabalho, poupando-o a tantas dispersões e a atritos. Atualmente estes custam dinheiro, fadigas, dores imensas. A compreensão mútua, quer dizer, o desarmamento mental que nos permita olharmo-nos

sinceramente nos olhos, não para enganarmo-nos mas para compreendermos, essa compreensão significaria a maior liberação jamais conhecida pela humanidade. Quando o ser superou determinada fase evolutiva, a lei relativa a essa fase torna-se-lhe como prisão de que necessita liberar-se, fugindo-lhe. Nessa prisão vai-se transformando cada vez mais a moderna concepção social do homem, que está fazendo esforços titânicos para escapar. A lei de seleção do mais **forte** não lhe foi inútil no passado e, de fato, permitiu à raça humana o domínio material do planeta, através do método bestial da subjugação violenta. A lei permitiu que o homem adotasse esse método. Esse fato demonstra como em certo período tal método se tornou útil e necessário. Hoje, porém, a posição do homem mudou. Tornou-se senhor do planeta e agora luta mais contra os semelhantes do que contra os elementos e as feras. Atingiram-se os objetivos da seleção animal; por isso, esse método não corresponde mais às finalidades da vida, agora diferentes e mais nobres. A evolução elevou-os bem mais alto, diz respeito a outros objetivos, empreende outras construções e não pode retardar-se no caminho já superado. Hoje caminhamos para a organicidade; este, o fim que a Lei pretende fazer-nos atingir. Ora, o método de luta para seleção do mais **forte** é anti-orgânico por excelência e realmente não corresponde mais ao objetivo: representa regime de desordem justamente aí onde deve com toda a urgência impor ordem. Trata-se de fenômeno natural de retificação e ordenamento que, conforme verificamos, se processou até mesmo no mundo astronômico e geológico, depois do período caótico da formação. O mesmo fenômeno deverá processar-se também no mundo social. A lei da luta para seleção do mais **forte** serviu até agora para o animal e para o homem-animal; não servirá para o novo tipo biológico em preparo. No atual plano em que está entrando esse novo tipo, tal seleção, ao invés de beneficiar, prejudica, visto como não representa progresso, mas regressão a tipo superado ou em vias de superamento e que hoje não significa ascensão, mas queda. Torna-se, pois, necessário novo princípio e novo método seletivo, adequado aos novos objetivos a atingir, isto é, diferente forma de luta para novo modo de seleção, não dos melhores, unicamente sob o ponto de vista da **força**, mas dos melhores em inteligência, sensibilidade, consciência, bondade e sabedoria. Se esses elementos não se faziam necessários para o tipo vencedor-destrutivo, imperador de escravos, são indispensáveis ao novo tipo biológico, o do homem orgânico e, por isso, consciente. Os princípios que orientam a luta e a seleção pertencem à lei de evolução e não podemos destruí-los. Mas, se o homem quiser libertar-se da animalidade, deve assumir agora conteúdo diferente, quer dizer, formas e objetivos diferentes.^{7 (p. 137-138)}

Visão (primeiro tempo)

“O velho mundo da *força* bruta encontra-se lá fora, com poderosas armas homicidas. Aqui dentro, o novo mundo com a dinamite do pensamento, o poder do exemplo, a superioridade do espírito. O bem e o mal, o espírito e a matéria, hoje vão travar batalha decisiva. Deus é o bem. Satanás, o mal; porém, não prevalecerá. Não passa de instrumento de Deus e, esgotada sua função, se destruirá nas mãos Dele. Eu grito: Venceremos. Deus está conosco. Eis que o espírito sai dos recintos fechados das igrejas do mundo, impregna todas as coisas, invade e conquista todas as expressões da vida. Finalmente, o ciclo da matéria encerrou-se. A matéria cansou-se de tanta destruição. De acordo com sua própria lógica, percebe que os desastrosos resultados obtidos a colocam do lado do erro. Já percebe, embora confusamente, a própria debilidade e sente a reação iminente. Percebe o desejo que a vida manifesta de reequilibrar-se, atingindo de novo as fontes do espírito, e agarra-se às suas máquinas de guerra, ao ouro, aos mais baixos sentimentos humanos. Tudo isso, porém, completa e impiedosamente trairá aqueles que impiedosamente não creem senão no direito do mais *forte*. Quem semeou loucura colherá loucura. Esta é a hora apocalíptica de sua destruição. A alma do mundo está despertando. A lei de Deus hoje diz: Basta! E prende de novo a besta em seu inferno. Vamos. Com o espírito venceremos”.⁷ (p. 153-154)

Visão (segundo tempo)

“Irmãos! Antes de separar-me de vós, quero deixar-vos estas três ideias: 1º) Minha missão está cumprida. Deixai-me desaparecer na sombra. Da sombra saí e para a sombra retorno. Não penseis em mim, que não passei de miserável instrumento. O importante é apenas que a semente atirada ao solo germine e frutifique. 2º) Respeitai a autoridade, como superior principio orgânico e, por isso, elemento de vida e de evolução; dai exemplo dessa ordem em que consiste o futuro do mundo. Respeitai, também, por isso, a autoridade da Igreja. Não julgueis. Deixai a Deus o encargo de julgar os homens. Não penseis neles, meros instrumentos, mas em Deus que tudo dirige, nem naquilo que dizem ou fazem, mas naquilo que Deus diz ou faz, por meio deles como por meio de toda a humanidade. 3º) Ide pelo mundo, ó voluntários do sacrifício, homens da primeira hora, fundadores da nova civilização do III Milênio. Fostes escolhidos porque enfrentastes a prova e a vencestes. Sede sacerdotes do espírito. Não busqueis a *força*. O poder da *justiça* é poder que a supera; não há fraqueza maior do que a injustiça. Se fordes *justos* a *força* irá ao vosso encontro; caso contrário, trair-vos-á. Vossas armas de conquista devem ser: retidão, bondade, sacrifício, amor. Os imponderáveis do espírito tornar-se-ão verdadeira potência dentro de vós, se, ao invés de pregá-las apenas com

palavras, viverem em vosso exemplo, se seguides Cristo, vibrando apaixonadamente na vida ativa. Semeai com entusiasmo e não com incerteza e desânimo. Antes de dar torna-se necessário possuir e para possuir é preciso já ter conquistado vitórias dentro de si mesmo e através de esforço pessoal. Vivei no mundo, mas seguindo a Cristo. Falai como Ele, isto é, pelo exemplo. Hoje vencestes a matéria, pois desarmados enfrentastes a morte. Começastes pelo exemplo; continuai dando o exemplo. Não adianta parecer; é preciso ser. Se a consciência nos condena, de nada nos vale haver conquistado os aplausos do mundo. Não sejais ricos por fora e pobres por dentro; sede, isso sim, ricos por dentro e pobres por fora. O objetivo da vida é ascender. Conquistai qualidades, que constituem tesouros inalienáveis, e não bens materiais, que se perdem. Ascendei e ajudai a ascensão alheia. Sede sempre construtores, afirmando, e jamais destruidores, negando. Não é com máquinas de guerra nem com as armas da lógica e da polêmica que vencemos o inimigo, mas compreendendo-o e abraçando-o. Antes de exigir dos demais, exigei de vós mesmos a fadiga, o dever e a prática das virtudes. Primeiro, reformai-vos; depois, isso, sim, podeis pensar na reforma de vossos semelhantes. Seja esse o segredo de vosso poder. Mantende-vos ágeis, ligeiros, vivos no espírito, bem próximos das fontes; temei as incrustações, as cristalizações, as deformações, os acomodamentos, o farisaísmo que é moléstia psicológica de todos os tempos, a fossilização senil de todas as religiões. A forma não deixa de ser necessária, mas acomoda e adormece. Primeiro, buscai a substância, que é a alma de todas as coisas. Do contrário, sereis apenas cadáver, foco de infecção que propagará a morte. Só o espírito é vida. Lembrai-vos disto: jamais mentir; manter-se vigilante; jamais pactuar com o mal; jamais acomodar-se. Quem mais possui mais sabe e mais autoridade tem e, em consequência, não tem mais direitos do que os outros, e sim mais deveres. O mundo tem fome de verdade: deveis nutri-lo, vivendo a verdade. Sede instrumentos da criação, operários de Deus, seus colaboradores na construção e no progresso. Semeai e a semente germinará, produzirá novas sementes e através delas nascerá de novo. Ide pelo mundo e semeai no tempo a nova civilização do espírito”.⁷ (p. 160-161)

Comentários e previsões

Reportemo-nos agora a **A Grande Síntese**, primeiramente publicada, em capítulos, na coleção de revistas de janeiro de 1933 a setembro de 1937. Cap. V: “A mente humana procura um conceito que a impressione vivamente, conceito elevado e mais profundamente sentido, capaz de orientá-la rumo à iminente nova civilização do 3º milênio...” – Cap. X: “Conseguireis produzir a energia necessária para a desintegração atômica, isto é, a transformar a matéria em energia. Vossa vontade conseguirá penetrar na individualidade atômica,

alterando-lhe o sistema”. – Cap. XLII: “A nova civilização do 3º milênio está iminente; urge, por isso, lançar-lhe as bases conceituais...” – idem: “Há um superamento imposto pela evolução da humanidade neste momento histórico de que está para nascer a nova civilização do 3º milênio...” – Cap. XCVII: “As leis da vida, adormecida em ritmo igual durante milênios, receberam repentino choque e estão hoje despertas para lançar-vos rumo à nova civilização do 3º milênio...” – Cap. “Despedida”: “Este é desesperado apelo à sabedoria do mundo... A civilização moderna lança a semente com vertiginosa velocidade e espera a fabricação intensiva de sua futura dor. Será a dor de todos. Poderá tornar-se maré montante que destruirá a civilização. Os meios estão prontos para que, hoje um incêndio se torne mundial... Se um princípio coordenador não organizar a sociedade humana, esta se desagregará no choque de *egoísmos*. Falei em momento crítico, numa curva da história, na aurora de nova civilização... Enquanto na Terra existir um só bárbaro, tentará rebaixar a civilização até ao seu próprio nível, invadir e destruir para aprender. As raças inferiores logo não se impressionarão mais com a superioridade técnica europeia e se apossarão dela para, em seguida, agarrar o velho patrão pelo pescoço... Que os *justos* não temam...”^{7 (p. 166-167)}

O sermão da montanha

O dia em que se compreender o Evangelho, se compreenderá também que o amor do próximo não constitui utopia ou sentimentalismo, mas é sólida e prática lei de vida, o modo mais lógico e utilitário relações humanas. É natural que, semeando desordem, apenas se possa colher desordem e para obtermos *justiça* tenhamos necessidade de ser *justos*.^{7 (p. 172)}

Cristo não é apenas fenômeno religioso, moral ou social. É fenômeno biológico. Entrosa-se com a vida, sua ação penetra-a profundamente. Inclui-se em seu dinamismo como *força* central, funde-se na expressão fundamental da Lei, quer dizer, do pensamento de Deus que nos manda evoluir e civilizar-nos. Quanto o Sermão da Montanha através dos séculos caminhou ao lado do homem! Embora ainda não se tenha transformado em realidade, todas as suas frases se tornaram proverbiais, todas as suas palavras constituem pedras angulares. Na Idade Média encontrou eco no sermão de S. Francisco a respeito da verdadeira alegria. Ora, a humanidade, ao findar-se o segundo milênio, atingiu um ponto em que o motivo de Cristo se apresenta de novo para novamente ser meditado. Estamos vivendo novo episódio da grande batalha do espírito para conquista do progresso. O atual momento histórico, apocalíptico e doloroso, não tem outro significado. Guardadas as proporções, o problema é substancialmente o mesmo, quer no tempo de Cristo, como hoje em dia: civilizar-se. Trata-se de dar ainda mais um passo no sentido do superamento da

ferocidade e no abrandamento dos costumes. O progresso caminha em direção a Deus, cujas manifestações mais elevadas são a bondade e a *justiça*. Esse é o caminho do Cristianismo e o de toda a civilização. A lei dos homens deve aderir cada vez mais à lei de Deus, deve deixar transparecer sempre mais essa íntima substância. Ao mesmo tempo que, evoluindo, torna-se mais fino e sensível e, desse modo, passa para fase mais adiantada; o homem percebe quão bárbara e feroz era a fase anterior, na qual no começo vivia satisfeito, nota dissonâncias irritantes e imperfeições inaceitáveis justamente onde tudo lhe parecia perfeito e aceitável. Quando nova compreensão desponta no homem, por *força* do processo evolutivo, nele também nasce nova insatisfação, que o constrange a procurar formas mais civilizadas e harmônicas da vida. Dizer quais são essas formas constitui a tarefa do Evangelho. E é exatamente a isso que também **A Grande Síntese** se propõe. O quadro da velha estrutura biológica está se tornando muito estreito para os espíritos renovadores, nele o homem se sente angustiado e se agita em meio de numerosas indagações, ao mesmo tempo que o passado transborda de seus velhos limites. Começaremos a compreender a utilidade e a alegria que podem advir-nos de maior liberdade, impossível de obter senão à custa de maior sinceridade, resultante por sua vez de consciência mais profunda. O impulso dos acontecimentos de nossa época consiste exatamente em conduzir o homem à compreensão da conveniência de executar esse esforço de bondade, sem o qual não se concebe o melhoramento da convivência social. Trata-se de tornar mais completa e espontânea a inclusão da lei de Deus na luta pela vida, isto é, da bondade na bestialidade, do livre conhecimento na coação. Na prática, inclusive a lei do bem tinha de, no passado, revestir-se de sanções e utilizar a vingança (**o Deus dos exércitos e das vinganças**), pois o hábito da violência lhe era necessário para impor-se e ter eficácia. O progresso obriga essas duras necessidades a se civilizarem e a isso chegamos apenas a maturidade, uma vez atingida, possa permiti-lo sem prejuízo para o homem, isto é, quando este se civilizou ao ponto de a *força* não precisar mais obrigá-lo ao cumprimento da própria Lei. Só então pode a Lei abrir-nos os braços e o Deus da vingança tornar-se o Deus do amor. Isso aconteceu primeiro com Cristo e se repete agora. A Lei, achando-se praticamente na necessidade de enfrentar a luta, teve de tomar necessariamente formas adaptadas a esse grau de desenvolvimento, formas que, todavia, depois se foram tornando cada vez menos adequadas a graus mais elevados e atingidos pela consciência humana. Em face desse desenvolvimento, essas formas da Lei, para seres psiquicamente mais adiantados, acabava transformando-se em escola de *astúcia* para evitar-lhes as insídias, em velado ensino da arte de fugir-lhes. A Lei então, deixava pois de constituir auxílio para a vida e se tornava uma prisão a evitar, mais um inimigo contra quem devíamos aprender a lutar. Essa Lei, quando posta em prática, se absorvia na luta humana, reduzida a instrumento desta; assim, acabava sendo modificada. Isso significava inverter-se-lhe a função lógica, reduzindo-a a recrudescimento da luta pela vida, já de si dura. Porém, apenas

em determinada fase de maturação se compreende que nos tornamos cruéis em nome de Deus, muitos males se cometeram por causa do bem e muitos crimes se praticaram em nome da verdade. Compreende-se, então, que no passado, sob o pretexto de aplicação da *justiça*, o povo assistia a exemplos de vingança e, assim, iludido pelo exemplo, se familiarizava com o espetáculo do ato sanguinário e educava-se. Compreende-se como a lei de seleção do mais *forte* diz respeito a um plano biológico inferior de que nos é lícito sair e como não constitui a única nem a última expressão das leis da vida. E, além disso: quando estas apenas sabem manifestar-se sob a forma do primitivo equilíbrio-*justiça* da lei de Talião e da *força*, então no indivíduo débil fazem desabrochar o *astuto*, o traidor, o cínico, isto é, o maligno em que a *força* se sub-roga. Está soando a hora de a Lei vir ao nosso encontro, dotada de maior bondade; de fato, a vida pertence a todos e o princípio da seleção do mais *forte* refere-se a fases evolutivas inferiores e está destinado a ser superado. Cada um de nós representa uma *força* e, em ordenamento social mais consciente, até mesmo uma utilidade. Ninguém, pois, deve ser esmagado, suprimido, eliminado, mas compreendido e valorizado. Eis-nos em pleno conceito cristão. Eis o conteúdo da Boa-Nova de Cristo. Porém, essa nova distribuição de bondade, liberdade e felicidade só será feita na Terra, se o permitir a consciência mais desenvolvida, porque justamente essa consciência é que lhes traça o limite e estabelece a proporção.^{7 (p. 176-177)}

O que não se pode perdoar ao nosso mundo racional e a irracionalidade de sua conduta, é esse erro basilar em seu cálculo utilitário, que todavia, lhe constitui o núcleo de todos os pensamentos. Contudo, verifica-se que, realmente, a construção levantada por Cristo, usando como *força* a simples verdade desarmada, supera em tamanho e duração muitas construções. Como assim? Sabedoria do engenheiro que traçou o plano bem equilibrado da construção. Sozinha, a *força* não pode fazer o mesmo, pois não possui essas qualidades. Apenas o que se edifica sobre a verdade consegue crescer em extensão e profundidade, pois está solidamente plantado no campo de *forças* da vida. Mas observemos o fenômeno mais um pouco. Apenas no dinamismo universal se caracteriza uma corrente, isto é, uma *força*, isolando-se e individuando-se, se manifesta, logo se determina no próprio dinamismo universal, por *força* da lei de equilíbrio, uma corrente contrária; esta, embora isolando-se e individuando-se, torna-se evidente como *força* oposta a contrabalançar a primeira. (Eis o atrativo especial das coisas proibidas, exatamente porque proibidas). De acordo com esse princípio, nenhum fenômeno foge aos limites preestabelecidos e, embora sendo contínuo movimento de evolução, não se desenvolve senão de acordo com plano traçado pela Lei. Proíbe-se desse modo todo desenvolvimento hipertrófico e unilateral, todo excesso de desarmonia e desproporção no conjunto. Assim, toda manifestação pode processar-se apenas se enquadrada nos limites assinalados pelos princípios diretores. O desenvolvimento é, pois, dirigido harmonicamente,

protegido contra a catástrofe de desproporção insuportável e permitido apenas na forma e na medida úteis às finalidades evolutivas da vida e do bem. A lei do dualismo, explicada em **A Grande Síntese** e por nós mais adiante esmiuçada (cf. cap. XXV: “O dualismo fenomênico universal”), se em todas as coisas vê binômios, unidades compostas de duas metades inversas e complementares, mostra-nos também como todas as coisas têm o seu contrário. Como o contraste condiciona a percepção, assim a contradição temida pelos lógicos constitui, pelo contrário, a base da vida e até mesmo do pensamento. O termo oposto representa o controle necessário, o freio inibitório, o contraimpulso probante. A reação reforça a resistência, a oposição garante a verdade. Quem conquista autoridade cria inimigos, é certo, mas apenas no campo em que a exerce e na medida em que a possui. Trata-se de compensações automáticas verificáveis em qualquer campo, apenas uma *força* se manifesta, exatamente porque toda unidade se constitui de uma dupla de contrários. O *forte* é *forte*; mas, quanto mais *forte* mais inimigo atrai. O fraco é fraco; porém não cria inimigos, o inerme é benquisto. O homem desarmado atrai, o homem armado causa repulsa.⁷

(p. 182-183)

O pensamento social de Cristo

Cristo não diz aos pobres: rebelai-vos. O sistema é radicalmente diferente do sistema do mundo. Todavia, a este, que não compreende coisa alguma senão à luz crepuscular da vitória-derrota, Ele dá a entender que não vê no pobre um derrotado. Se não diz: “rebelai-vos”, muito menos: “sofrei passivamente”. Diz, pelo contrário: “Vós, vítimas da injustiça, tolerai, tende paciência”. Por que isso? É o que nos perguntamos. Como sempre, a filosofia de Cristo se completa num mundo ultraterreno, na íntima realidade das coisas em que se completa e justifica toda aparência percebida por nós. A razão, diz-nos Ele, reside em que a injustiça que vos oprime é apenas humana e, por isso, temporária presa tão-somente a esta vida na Terra, não passa de pequena injustiça secundária, incapaz de violar, como de fato não viola, a bem maior *justiça* divina, a que transforma o oprimido em credor. Ficai, pois, tranquilos, se ainda hoje sofreis, injustamente como pode parecer-vos. Deus é *justo* e a injustiça do momento será compensada, reequilibrada; vosso direito é verdadeiramente *justo*, vossa consciência não se engana e será ouvida. O sistema do universo é perfeito, lógico, equilibrado, absolutamente estável. Mas o tipo normal, isto é, o involuído não sabe enxergar tão longe e leva essas promessas em brincadeira. Culpa de sua miopia.⁷ (p. 186-187)

O problema resolve-se através das beatitudes. Quer dizer: os pobres, os famintos, os atribulados, além de fraternalmente lastimados e reconfortados como o reconhecer-se-lhes o direito a serem compensados, são considerados

incontestavelmente bem-aventurados, isto é, vencedores, afortunados; por outro lado os que o mundo inveja como vencedores são tidos na conta de vencidos, de desgraçados. Esse é o juízo de Deus, que se coloca no lugar do juízo humano. É assim que Deus julga. Por isso, ó pobres, não vos arrogueis o direito, que só a Ele pertence, de fazer *justiça*. E *justiça* já vos foi feita. Querendo alcançá-la por vós mesmos, violentamente, perturbais o equilíbrio já existente. Tendes razão e ides colocar-vos ao lado do erro, das culminâncias dos vencedores vos precipitais na miséria dos vencidos, da harmonia dos planos divinos ides mergulhar no marasmo das baixas competições humanas. Perante Deus já tendes razão. Bem-aventurados sois. Que mais podeis desejar? Se não esperardes que a *justiça* venha de Deus, mas de vossa violência e de vossa revolta, então passareis da parte dos credores para o lado dos devedores. Não tenteis legitimar vosso roubo, dizendo que a propriedade é um roubo. De acordo com esses argumentos, que coisa seria vossa propriedade atual? Não vedes, porém, que exatamente o vosso furto presente legitima o furto passado e estais no mesmo plano e imitais exatamente aqueles a quem acusais? Por que razão apenas o vosso furto se justificaria e o dos outros não? E vós, improvisados distribuidores da *justiça*, é essa a *justiça* que distribuís? Não. A filosofia do interesse falta lógica; quando pretendes passar por *justos*, mentis. Não. Jamais é lícito roubar, nem mesmo dos ladrões, como facilmente acreditamos. Então, ao invés de justiceiros, também sois ladrões e pagareis por isso. A culpa é mal infinitamente maior do que a, pobreza. Antes de mais nada, mereci, pois, sem merecerdes, nada podereis possuir com segurança e, por isso, gozar (cf. cap. VI deste volume: “A lei da honestidade e do mérito”).⁷ (p. 187-188)

Cristo perante Roma

Contudo, o vício originário de que resultava toda a estrutura do sistema, embora justificado e até mesmo enobrecido, constituía permanente acusação movida à Romanidade, comparado com os métodos mais evoluídos enunciados pelo Evangelho. O fato de Roma, máxima potência jurídica, ter sido a mãe do Direito, jamais pôde impedir que suas raízes se embebessem no espírito de dominação e nas violentas conquistas da guerra. A mancha era mais tarde considerar-se plena e legítima a propriedade filha do furto, obtida apenas com o emprego da *força*. Esse reconhecimento oficial do direito do mais *forte*, essa adesão incondicional a esse principio moralmente inferior revelam o baixo nível espiritual daquele povo e constituem acusação contra ele. Acusação de *egoísmo* que, num mundo de civilização mais adiantada, não lhe daria o direito de tornar-se nação senhora das gentes. A *força* transformada em *justiça*, eis as bases do Império Romano. O estudo que fizemos do valor da *força* do dinamismo dos fenômenos sociais nos mostra as razões da queda daquele

Império e de sua substituição pelo Cristianismo. Isto é, mostra-nos que a violência gera contra seu autor reações inimigas e destrutivas e, como o Cristianismo representava princípio mais elevado, tinha o direito de viver no lugar do antigo princípio, sepultado nas próprias ruínas por ele buscadas e cujas funções já se encontravam esgotadas. Conceitos esses incompreensíveis para os romanos. O Evangelho estava acima de sua compreensão.^{7 (p. 193)}

A *força* constituía a base do império. Cristo substituiu-a pela *justiça*. O *egoísmo* e o interesse dominavam em Roma; Cristo substituiu-os pelo amor fraterno. Há vinte séculos já se anunciou e teve início a atuação desses novos ordenamentos sociais, de que hoje o mundo tenta aproximar-se de novo. E, enquanto Roma fazia funcionar o plano da organicidade social, Cristo iniciava o da *justiça* social, que ainda hoje provoca tanta luta. Perante exército fundado na *força*, Ele vence com exército de pacíficos mártires. O sistema desarmado, porém mais elevado, vence ao sistema armado, porém menos evoluído. A estupefaciente e incrível subversão dos valores torna-se realidade. A Lei de Deus substitui a dos homens e os vencedores deixam de ser os mais *fortes*, juridicamente organizados, para serem os *justos*, os oprimidos, os vencidos, isto é, os credores, segundo o entendimento da Lei. Cristo proclama outras vitórias e exalta outro tipo de vencedor. O cidadão romano não podia entender nada disso. A solidariedade social não é garantida mais nem pelo direito, pela disciplina da *força*, nem pelos institutos jurídicos coordenadores, e sim pela reciprocidade do dever e do amor, a que livremente aderimos. Para o cidadão romano, essa nova e convicta liberdade era anarquia; o superamento, absenteísmo; a paciência, vileza; a obediência, debilidade; o sofrimento, derrota. Tão grande diferença impossibilitava a compreensão. A conceituação do direito é atingida em cheio e abalada em seus próprios fundamentos. O direito não é mais filho da *força*, o resultado de conquista, concessão ou pacto. O novo direito prescinde da *força* e, por constituir-se essencialmente de *justiça*, é até mesmo contrário à própria *força*. Baseia-se em princípio completamente diverso do jurídico romano, participa de outro sistema e de outro mundo. Não se trata mais do direito humano da *força*, mas do superdireito do merecimento. Não é mais o homem quem, como nos mercados, toma da balança e pesa o “deve” e o “haver” dos direitos e obrigações; as *forças* íntimas da vida é que, de acordo com o critério da Lei de Deus, distribuem ou não os bens, premiam ou castigam. Perante esse superdireito substancial, o velho conceito romano torna-se valor formal, relativo, de referência, coisa miserável e mais digna de piedade que de ser combatido. Os líderes e os imperadores são derrubados do trono e, se nele permanecem, isso acontece apenas enquanto são instrumentos de Deus.^{7 (p. 195-196)}

Para lutar é necessário ter afinidade e compreensão, ter algo em comum que una e divida. Cristo e Pilatos representam dois mundos diferentes. Estranhos um ao outro, senhores de dois campos diversos, encontram-se por

acaso, sem se haverem procurado; cada qual raciocina com todo rigor lógico, mas o raciocínio de um e de outro são reciprocamente absurdos. Cristo compreende perfeitamente ao outro e por isso se cala. Mas, ao contrário, a forma não compreende a substância, a *força* não compreende a *justiça*, mostra-se cega, apenas capaz de golpear e, assim mesmo, de golpear às cegas, sem compreensão, dando-se a espetáculo tão escandaloso que demolirá sutilmente, durante séculos e séculos, o princípio de autoridade baseado na *força*. O poder humano condena e assim, em virtude de poder mais alto, atrai sobre si a condenação do mundo. A *força*, quando não guiada pelo espírito, comete enganos e fracassa; e a *justiça* mais perfeita do espírito triunfará apesar da injustiça humana. A batalha, sintetizada naquele primeiro encontro de Cristo e Pilatos, continuará a travar-se durante milênios, seguindo o desenvolvimento dos impulsos que ela representa. Se no drama Cristo e o Sinédrio estão frontalmente opostos, como verdadeiros antagonistas, no campo moral do bem e do mal, que lutam, porém, não se entendem; ao poder civil nem mesmo essa honra se concede. Judas e o Sinédrio vão direito aos seus objetivos. Pilatos é uma série de contradições, incertezas, mal-entendidos. A própria inscrição indicativa do título da condenação “Jesus Nazareno, rei dos judeus” não passa de mal-entendido. A mente de Pilatos girava em redor de centro totalmente diverso. Assim, para se esquivarem, procuram ridicularizar. Para livrar-se de Cristo, manda-o a Herodes. Declara duas vezes: “não acho nele crime algum”. (João, 19:4) e: “nenhum crime acho nele”. (João, 19:6). E pergunta: “Pois que mal fez este?” (Lucas, 23:22). Portanto, nenhuma culpa acha no acusado, reconhece-lhe a inocência e deixa executar-se uma condenação que podia e devia anular. Torna-se, desse modo, cúmplice do Sinédrio que, ao invés de promover um julgamento, tramava a morte já preconcebida e preordenada com propósito deliberado. “Então”, diz Mateus (27:24-25): “Pilatos, (...), lavou as mãos diante da multidão, dizendo: Estou inocente do sangue deste *justo*: considerai-o vós. E, respondendo todo o povo, disse: O seu sangue seja sobre nós e sobre nossos filhos”. Eis a figura “daquele que por vileza foi o autor da grande recusa”. A recusa foi grande e vil. Pilatos se convencera da inocência de Cristo, pois o chama *justo*. Pergunta: “Pois que mal fez?” porque percebeu a falsidade da acusação, movida apenas pelo ódio. “Porque ele bem sabia que por inveja os principais dos sacerdotes o tinham entregado”. (Marcos, 15: 10, 14). Repete: “Não acho culpa alguma neste homem” (Lucas, 23: 4, 22) e procura libertá-lo; no entanto, deixa-o caminhar para a morte. Poderia e, mesmo, deveria ser juiz e administrar *justiça*; porém, não soube nem mesmo resistir à injustiça e transformou-se-lhe em instrumento e em escravo. Todavia, percebeu a injustiça e tentou evitá-la, mas só enquanto pôde fazê-lo sem muito trabalho e sem dano.⁷

(p. 198-199)

Assim a História julga os juízes e processa a autoridade processante. Esse foi o exemplo do representante do poder civil, do procurador Pilatos,

modelo da *justiça* humana baseada no sistema da *força*, símbolo do involuído amoral, expressão do espírito daqueles tempos, do homem que cede às pressões humanas e permanece indiferente às superiores realidades do espírito. Permaneceu ainda por vários anos no seu ofício e não pagou por seu crime. Mas a *justiça* humana ficou manchada e há vinte séculos não sai da berlinda. Sua posição em fato histórico de tamanha importância será como um ferrete que ainda a seguirá através dos tempos. A *justiça* humana desonrou-se. A injustiça do Gólgota constituiu injustiça da *justiça* e descrédito permanente do resultado dos julgamentos humanos. Esse caso tornou-se o símbolo de todas as condenações do *justo*, tornou-se exemplo clássico que inaugurou uma tradição, o hábito quase, de erros judiciários providencialmente destinados à glória das vítimas e a transformar-se em instrumento de seu triunfo. Propagou-se desse modo o conceito de uma *justiça* superior, seguida por mártires e heróis, que devem pagar tributo à formal *justiça* humana, simples e honesta aplicação da lei do tempo. E, assim, começou a notar-se na História a presença desse fenômeno necessário de contínuo superamento das ideias e das leis; compreender a função e a dar o devido valor aos revoltados contra o antigo estado de coisas, revolta manifestada na luta em prol de novo e mais elevado ordenamento. Em face dessa inexorável necessidade de evoluir, o respeito pela ordem existente caía do plano dos valores absolutos no dos relativos. E os habituais rebelados contra qualquer ordem, os habituais e interesseiros homens de partido; tomaram da nobre auréola dos mártires inovadores para com ela fingirem-se mártires também e, assim protegidos, satisfazerem-se com mais facilidade. Na Terra tudo se utiliza. Porém, no coração humano permanece sempre inapagável o vestígio da iniquidade sofrida pelo grande afirmador da verdade e do fundador de novo reino na Terra, que é promessa ainda viva e vital, mesmo depois de vinte séculos, e que constitui a única esperança no futuro.^{7 (p. 200)}

Não podemos, sem dúvida, dizer que Pilatos seja Roma, isto é, toda a Romanidade. Mas podemos afirmar que naquele momento e por causa de sua conduta, outro tribunal se ergueu diante do tribunal humano e lhe aplicou a indelével marca da infâmia; tudo isso se passou por obra e com os recursos da paz e da mansidão. Por isso, este é também um encontro de sistemas, em que o da *força* leva a pior e permanece condenado através dos séculos. A *força*, embora juridicamente organizada, demonstrou ser instrumento capaz, abandonado a si mesmo, sem o concurso e a orientação do espírito de constituir não auxílio, mas obstáculo ao progresso, não um meio para estabelecimento de ordem, mas de desordem. Naquele dia se fez ao mundo esta advertência: Cuidado, essa concepção é insuficiente, falta-lhe algo de essencial. Completai-a. Ela tem sua razão de ser, mas deve progredir ainda. A legalidade não basta, se representa traição, se em alguns casos, ao invés de função que impulsiona para a frente a evolução, pode transformar-se no freio que a detém. Ao homem não satisfaz mais *justiça* que torna possível, embora nem sempre aconteça, condenar

inocente e benfeitor e libertar malfeitor. Algo protesta no fundo da alma humana, aí onde a Lei clama por *justiça*. A consciência sabe distinguir; por isso, condena o poder e a autoridade capazes de trabalhar pelo que não deveriam e de causar dano ao bem e à vida, ao invés de defendê-los. Pilatos não é Roma toda, mas sem dúvida significa um sistema jurídico que lhe revela as insuficiências, um estado humano involuído que lhe demonstra a cegueira. Quando o ponto de partida é a *força*, então a dura necessidade de defesa individual e social pesa sempre sobre a função judicante, que pode até tornar-se seu instrumento, transformando-se em injustiça. Apenas Cristo atingiu a essência do problema, dizendo: “Não julgueis”. Quem, como o homem, está empenhado na luta, não pode conservar-se imparcial e, por isso, não pode julgar. Onde pode encontrar-se um juiz sem mácula? Só em Deus e é em Deus que o homem, insatisfeito com todos os demais, procura o verdadeiro juiz. Nas mãos da *justiça* humana, baseada na *força*, a espada é mais poderosa do que a balança e prevalece contra ela. A espada pesa e faz a balança pender do lado de quem a maneja, conquistou para si e a conserva para si. Não há outra solução; evoluir, evoluir, evoluir, para tornar cada vez mais leve o peso da espada, que sobre nossos ombros a involução atual coloca. Evoluir ao longo do caminho traçado por Cristo. A espada é a desordem pertencente ao passado, a balança constitui a ordem pertencente ao futuro. Trata-se de reequilibrar as *forças* desequilibradas durante a luta. A evolução caminha da espada para a balança. Do dilema não saímos: ou melhoramos nesse sentido e, por meio da bondade e da lógica, alcançamos a verdadeira *justiça*, superando a *força* e pacificando-nos com a não-reação ou, então, continuamos a sofrer, quem sabe quanto, as consequências do sistema em vigor. No primeiro momento, sem dúvida, todos se aproveitaram do *justo* e pacífico seguidor do Evangelho. Se, porém, a *força* dá vantagem imediata, a lei de *justiça* está inscrita no coração do homem que, por instinto, condena a *força* e se sente obrigado a eliminá-la. Inaugurar o novo método no mundo feroz de nossos dias é, por certo, trabalho de mártires; mas a verdade é que, sem martírio, não se inicia civilização nova.⁷ (p. 201-202)

Tempestade

Em geral, na defesa da vida e na luta pela vitória, a inteligência humana não vai além das causas e acontecimentos próximos. Em geral, as verdades humanas condicionam-se ao tempo e ao espaço, são verdades de interesse e de partido. Trata-se de verdades que apenas interessam ao indivíduo ou ao grupo e, por isso, mutáveis e passageiras. Estamos procurando a verdade verdadeira que, longe de ser relativa e facciosa, tem de ser universal, interessar a todos os homens, estar acima do caso individual e do interesse particular. Acima da verdade superficial, procuramos a verdade profunda, superior a

simples opinião, independente do espaço e do tempo, permanente, capaz de interessar a todos os homens indistintamente e válida para todos, **fortes** e fracos, poderosos e humildes, vencedores e vencidos, pois, nos maravilhosos equilíbrios da Lei de Deus e no funcionamento orgânico do universo, todo ser tem lugar certo e razão de ser.^{7 (p. 209-210)}

Para quem compreendeu essa verdade, a concepção das coisas muda inteiramente. Quem compreendeu que a **força** humana não pode impedir a ação das **forças** cósmicas, senão momentaneamente e assumindo a responsabilidade pelos danos, não diz mais: “Ai dos fracos e dos vencidos”, mas afirma: “Ai dos culpados, embora vencedores”. O que tem valor permanente não é a posição material, e sim a posição moral. Exime-nos da responsabilidade a inocência e não a **força**, que na melhor das hipóteses poderá retardar, mas nunca impedir a reação primitiva da lei de **justiça**. De acordo com a lei de evolução, o futuro caminha em direção ao reino de Deus, que pertence somente aos **justos**. O poder militar, a superioridade técnica, o dinheiro e a **astúcia** não podem destruir a Lei de Deus, que participa essencialmente das coisas. Quem acredita que para vencer baste a **força**, representada por grande exército, grandes recursos e organização e dotada de férrea tenacidade, não compreendeu como, no funcionamento das leis da vida, exatamente nesse apelo à **força** e à conquista violenta, como na guerra reside o ponto fraco do sistema que, precisamente por isso, traz em si mesmo o germe da própria destruição. Então, o gigante de pés de barro desaba, seja qual for; o fato é verdadeiro para quem está em situação adequada de aplicação dessas leis e para quem se encontra nessas condições. Não estamos expondo mera opinião, mas simplesmente verificando a existência de algumas leis da vida. O preceito evangélico “Quem com ferro fere com ferro será ferido” exprime racional e inviolável lei biológica. Não fizemos outra coisa senão estender a bem mais vasto campo o princípio da inocência acima exposto, mas tendo sempre em vista a guerra. Em face da agitação da atividade humana, a sabedoria dessas leis íntimas, colocadas nas raízes dos acontecimentos, é que rege todas as coisas. Por isso, a **força** mais poderosa, a que vence finalmente, é a **justiça**. As exceções não passam de momentâneos desvios, concessões mínimas à liberdade humana que, para aprender, deve experimentar o erro. Mas, cedo ou tarde, são retificadas e reconquistadas através do áspero caminho da dor. Para que o homem aprenda, a Lei deixa-se fraudar, mas depois os iludidos devedores caem em si e reconhecem nela o único árbitro da vida. Explicam-se desse modo as oscilações da História. Com isso, neste capítulo demos novos desenvolvimentos e aplicações aos conceitos por nós já considerados quando estudamos a lei do merecimento.^{7 (p. 210)}

Observemos o encontro entre as duas **forças** contrárias. Trata-se de dois princípios diversos, de dois métodos de luta, de dois mundos opostos. Espírito e matéria, bem e mal, se defrontam e desafiam, cada qual com suas

armas. Quem vencerá? O homem isolado, inerte, mas *justo* e, por isso, ajudado por Deus? Ou o militar armado, sustentado pelo número, mas assistido apenas por um organismo defensivo humano? Os mesmos conceitos e as mesmas posições, aqui considerados em seu aspecto individualista, vimo-los na “Visão” (aspecto coletivo) referida neste volume (cap. XVI e XVII) e no encontro entre Cristo e Pilatos (cap. XXI). Também no **Quo Vadis** de Sienkiewicz vemos S. Pedro e Nero olharem-se por um instante frente a frente. Em **Os Miseráveis**, de Vítor Hugo, Mons. Myriel permanece calmo diante da ameaça de Jean Valjean, deixando que apenas sua inocência o defenda e na noite do furto, vemo-lo permanecer ileso, invulnerável, nas mãos do assassino, que se torna impotente para feri-lo. A veracidade dessa lei do merecimento e o poder dessa *força da justiça* e da inocência foram, embora não demonstradas, percebidas pelos outros.^{7 (p. 214)}

Defrontavam-se os modelos de duas civilizações diferentes. O oficial era o produto de pseudo-civilização científico-mecânica, chegada às suas últimas consequências, civilização rica, armada, *astuciosa*, e potente, e, no entanto, pronta a desabar. Do outro lado estava o representante de nova civilização, no momento apenas embrionária, a única possível civilização verdadeira: um indivíduo desacompanhado, pobre, desarmado, sincero, *justo*. O oficial não podia, com os olhos da carne, ver através da matéria e penetrar no segredo, que o perturbava, daquele homem enigmático, embora possuidor de outras armas, não iria matá-lo. O militar representava princípio diferente e tinha coragem de matar. Aquele homem representava princípio mais sublime e poderoso: o espírito. E o militar, embora sem compreender, a si mesmo perguntava: por que essa invencível resistência chegando do imponderável? Qual o mecanismo dessa energia desconcertante e capaz de inibi-lo? Nosso personagem fechou de novo os olhos, esperando o estampido do tiro: a morte. Silêncio. Quando os reabriu, o oficial desaparecera.^{7 (p. 215-216)}

Vingança ou perdão

Eis em que consiste e para que serve o civilizar-se. Não se trata apenas de idealismo ou de sentimento ou de bondade. Trata-se de atingir a fase do homem que já compreendeu. Este diz: “Perdôo-te, ó inimigo, porque só assim me livro do mal que quiseste lançar sobre mim. Não; conheço a Lei e não faço como muitos iludidos que caem na armadilha. Sei que sou livre. Não aceito ligar-me a ti por laços de ódio ou de vingança; não aceito, porque sou livre, o mal que quiseste infligir-me. Perdôo-te. Esse mal te pertence; tu o geraste, não eu. Perdoando-te, deixo-o recair sobre ti, não sobre mim. Se eu caísse na corriqueira ilusão do mais *forte* e reagisse, ofendendo-te também, e te causasse um mal que em mim se gerara contra ti, tornar-me-ia devedor e não mais credor

teu e terias o direito de reter-me como escravo enquanto eu não te pagasse meu débito, de acordo com a divina lei de *justiça*. Com o meu perdão, tu continuas nessa triste posição, tu, pobre iludido que te ries de mim porque pensas ter-me vencido. Muitos preferem comprometer-se cada vez, disputam corrida em direção ao aumento da dívida. Quanto a mim, prefiro libertar-me por meio do perdão. Liga-te, isso sim, com quem responder aos teus ataques. Eu por meio do perdão me liberto. Nada podes contra mim, sem que eu o queira. Não tens o poder de infligir-me a dor que quiseses. Isso depende apenas de mim e de minhas culpas. E se eu tiver de sofrê-la, não a aceito de ti, que ignoras o porquê das coisas e ages como cego; aceito-a apenas das mãos de Deus, a título de expiação merecida, de salutar purificação e, por isso, de benefício para minha redenção. Não és mais do que instrumento inconsciente guiado pela Lei, ser ignorante do que faz, merecedor de piedade e por quem devo orar. És pobre irmão ainda ignaro, que devo esclarecer e ajudar, irmão que está ferindo a sua própria vida e ligando-se, sem sabê-lo, a nova dor, porque, acreditando golpear-me, está golpeando a si mesmo. Irmão! Devo socorrer-te no perigo por que estás passando. Mais tarde, depois de espontaneamente teres querido ligar-te, por mais que eu sofra e te perdoe, nada poderei fazer por ti contra as consequências fatais de tua conduta; assim, deverás pagar inexoravelmente e na proporção de teu erro. Tu, não eu, rompestes o equilíbrio. Tu, não eu, deverás, pensando, reconstruí-lo. A redenção é demorada, complexa e se processa átomo por átomo. Meu perdão me interessa mais do que a ti. Cairás debaixo da *força* que tu mesmo libertaste. Ai de ti, se venceres. Tanto mais pagarás quanto mais injustamente houveres vencido. Acreditas trabalhar fora de ti, em mim, e, no entanto, trabalhas dentro de ti mesmo, em ti, para teu benefício. Tudo quanto fizeres recairá sobre ti, porque tu o fizeste; não recairá sobre mim, senão na proporção em que eu o houver feito”.⁷ (p. 223-224)

Já vimos alhures, a propósito da lei do merecimento e da Divina Providência, quem na luta pela vida defenderá ao homem que confiou sua defesa à Lei, às mãos de Deus. Não acreditem vá esse homem, segundo muita gente pensa, deixar de ser vingado. Renunciando a fazer *justiça* pelas próprias mãos, ele se confia a juiz muito mais poderoso; quem perdoa entrega o culpado à Lei de Deus que, invisível e paciente, é também inflexível e inviolável e muito mais temível do que as sanções humanas. Os resultados do jogo da *força*, embora efêmeros, iludem porque são imediatos. Esse jogo não se realiza a longo prazo. Com o andar do tempo o *justo* se revela o mais *forte* e é quem vence por último. Há, sem dúvida, conveniência imediata na exploração imediata das posições cuja honestidade lhes conquistou confiança. Quanto mais a retidão de uma verdade ou de uma instituição lhe houver conquistado a estima pública, tanto maior atração exerce sobre homens inescrupulosos que procuram apropriar-se dela em busca de vantagens pessoais. Quem mais fama tem de honesto esse é o ladrão. Mas a posição é instável e não se mantém. Cedo ou

tarde tudo desaba. Para civilizar-se a sério o homem do futuro teria apenas de fazer este pequeno esforço de inteligência: compreender a vantagem utilitária de ser honesto, vantagem considerada apenas do ponto de vista do *egoísmo* (nem pretendemos mais do que isso); compreender que tudo quanto podemos obter, empregando a *astúcia* ou a violência, não passa de adiantamento, que mais tarde devemos devolver, e pagando muito caro; pretender fraudar lei invisível e onipresente é ilusão própria de ignorantes; entender que o mais *forte* não é o prepotente, mas o mais *justo* e que o caminho do sucesso verdadeiro, permanente e durável não é o dos arrivismos tão admirados e seguidos, mas o do próprio dever. Evoluindo, o homem atravessou, na arte de conquistar os bens necessários à vida, a fase representada pelo método da *força* e, em seguida, a fase do método de *astúcia*. Agora, se não quiser, com grande desvantagem para si, continuar na situação de involuído, deverá entrar na fase representada pelo método da honestidade. Sem essa premissa, todos os sistemas coletivos que buscam *justiça* social mais completa contêm apenas ilusão, mentira e pretexto para injustiças cada vez maiores. Sem esse fundamental progresso individual, é inútil acreditar em qualquer tentativa de progresso coletivo.^{7 (p. 224-225)}

Nosso livre destino

Logo, com a constante germinação de novas ações, a liberdade aguarda-nos, intacta e permanentemente nova, e na fase de sua maturação um fardo de fatalidade sempre nos acompanha. Envolve-nos como a atmosfera, formando uma espécie de casca dinâmica que nos aprisiona a personalidade. É a **nênese** da vida. Pode aniquilar-nos ou exaltar-nos, exatamente como ontem queríamos que acontecesse hoje. Assim como os filhos refletem as qualidades dos pais, essas criaturas testemunham o passado, querem viver, mostrar-se e agir tais quais são; e não podemos destruí-las nem fazê-las calar. Gritam e querem como as queremos. Podem afirmar: **este é inocente** ou, então: **este é culpado**. Podem bendizer e maldizer, premiar ou exigir punição. Se foram acionadas pelo bem, tenderão a salvar-nos; se foram acionadas pelo mal, não se deterão enquanto não houverem conseguido nossa desgraça. Isso acontece porque representam causa que exige o correspondente efeito, impulso desejoso de esgotar-se na direção em que o lançaram. Seja qual for a sua natureza, boa ou má, tenderão sempre a seguir seu caminho até o fim e sossegarão apenas quando houverem consumido todo o impulso recebido. Na realidade, o bem e o mal existem personificados nessas *forças*. As do mal nos perseguirão como Fúrias enfurecidas, gritando aos quatro ventos as nossas culpas e pedindo vingança se atirarão contra nós, mordendo e dilacerando. A tragédia humana está repleta de exemplos disso. Como poderemos defender-nos de inimigo que está dentro de nós mesmos? Impossível fugir-lhe, impossível fazê-lo calar-se.

Não há barreira de *força* ou de *astúcia* capaz de detê-lo. Eis que o armadíssimo involuído agora está desarmado, o lutador não sabe mais lutar, o *forte* está intimamente minado e gasto; eis que, através das vias sutis do imponderável, o involuído é vencido pelo fato. Amedrontado pelo impalpável inimigo que ele não consegue entender, sofre e, examinando-se, procura entender. Essas *forças* são inexoráveis, são o destino, representam a lei de Deus, a inviolável *justiça* que tentamos violar e fatalmente põe as coisas de novo em seu lugar. Os recursos humanos clamam contra esses poderes silenciosos do fato, que aniquilam toda defesa, transpõem qualquer porta, seja do rico, seja do pobre, ou do poderoso ou do humilde. Apenas uma coisa detém esses poderes, uma coisa inofensiva como o dedo de uma criança, leve como a asa de um anjo, imponderável e suave como uma prece: a inocência. Ser inocente! Essa coisa tão pequena se ergue diante do esmagador poder da *força* e o *detém*, porque isto é o que a Lei quer: que o honesto encontre defesa e a *justiça* triunfe.⁷ (p. 229-230)

A característica principal desse mecanismo de *forças* consiste na possibilidade de isolarmos nosso destino do destino alheio. Ao lado de cada um de nós falamos e agimos nossas próprias obras e não as obras alheias. Cada qual pode semear no seu terreno o que quiser; e ninguém pode semear por nós. A semeadura é livre, mas a colheita é obrigatória. Portanto, livres, mas responsáveis. Absoluta independência quanto a semear o bem ou o mal; absoluta obrigatoriedade de colher o fruto da semente que se lançou ao solo. Por isso, o sábio procura, em causas profundas e remotas, as raízes de sua situação atual e prepara, com grande antecedência, o seu futuro. Não tem importância que os outros ignorem essas leis. Quem erra paga na mesma moeda e pagando aprende. Mas a maravilhosa *justiça* da lei divina consiste em cada um de nós permanecer livre e, seja qual for o ambiente em que viva, com o direito de perder-se ou salvar-se. A beleza de tudo isso consiste no fato de que essa liberdade permanece sempre garantida e o indivíduo independente, senhor absoluto, *sempre*, do próprio destino para construí-lo a seu modo, em qualquer tempo e lugar. Assim, num mundo em que o ignorante involuído através de seus sistemas, impera e triunfa, ninguém pode impedir ao evoluído, que não é ignorante, de escolher seu caminho, segui-lo, e colher frutos copiosos. Conforme a ação praticada, assim a Lei dá a cada um a resposta adequada e funciona ao mesmo tempo, mas de modo diferente, em planos e formas diversos. Desse modo, a liberdade fundamental do indivíduo é tão respeitada, sem lesar o princípio de responsabilidade, que ele pode sempre separar seu destino do destino alheio, pode conservar completa autonomia de trajetória em meio do mais complexo entrelaçamento de *forças*, pode atingir os objetivos desejados e gozar da liberdade de perder-se em meio à salvação geral ou de salvar-se em meio da perdição universal. O resultado é garantido, quer o do bem, quer o do mal. O *justo* pode, portanto, avançar com seu binário, mesmo se

for colocado num mundo de demônios. Perante Deus o que vale é o seu passado, suas obras, seu merecimento. A Lei responde no mesmo tom em que a chamarmos e é rica ao ponto de possuir qualquer tom. Ao **justo** se torna, assim, possível apelar não mais para a **força** ou a **astúcia**, sistemas de luta por ele superados, mas para a **justiça divina** e dela receber a resposta adequada, isolada em meio a vasto oceano de respostas diferentes; é-lhe possível receber tratamento de bondade e de salvação em meio de cataclismo universal. Assim, o evoluído pode caminhar de acordo com destino todo seu, independente do de seus semelhantes, independente até mesmo da sua própria humanidade. Enquanto os demais, considerados os seus métodos de luta, se destroem mutuamente, arrastados pelo turbilhão da **força**, pelo ódio recíproco ligados à própria destruição, o evoluído, isento das culpas do mundo, poderá seguir um destino todo seu, de alegria e de paz. As **forças** do imponderável terão formado em torno dele uma camada protetora, uma defesa salvadora, que o tornará invulnerável, porque inocente, em meio dos mais graves perigos que arrastam os outros.⁷ (p. 231-232)

Consideremos agora outro fato. Seu utilitarismo é a longo prazo; o do involuído, pelo contrário, quer compensações próximas, imediatas. Por exemplo, observemo-lo em função de problema já tratado alhures, o problema da autoridade. O evoluído, orientando sua atividade segundo o plano orgânico do universo, concebe a autoridade como dever e como missão. O involuído, inorgânico, rebelde e **egoísta**, concebe-a tão-somente como prêmio concedido ao mais **forte**, ao vencedor na luta pela vida. Parece-lhe natural o desfrutamento de toda posição de comando, como também natural lhe parece o esmagamento do vencido. Na luta pela vida no plano do involuído, a autoridade constitui atributo do vencedor, como a submissão é atributo do vencido. Ainda desconhece o conceito de **justiça**. O dependente é inferior, escravo, que deve ser calcado aos pés e explorado, e não pode ser considerado como indivíduo irmanado no mesmo organismo e que deve, por isso, receber educação e auxílio. Assim é que, através de compensação de equilíbrios, a autoridade raramente se apoia no amor de pai, mas se regula pelo temor; e o dependente, por isso, tem-na como inimiga natural. De fato, autoridade e subordinado, governo e súdito, são duas **forças** contrárias e complementares que reciprocamente se influenciam, se educam, se plasmam. Sem direitos, como o consideram, ao vencido não lhe resta senão sofrer e esperar a ocasião propícia para rebelar-se, rechaçar a autoridade, por-se em seu lugar, não para cumprir-lhe as obrigações, mas apenas desfrutar-lhe as vantagens. E assim por diante, cada um por sua vez. O evoluído não pensa desse modo. A sua psicologia, esses métodos e o desfrutamento dessas posições repugnam extremamente. Seu utilitarismo é bem mais amplo e consciente e paira sobre esses resultados efêmeros, imorais e imediatos. Para ele, todo encargo social não constitui afirmação e ampliação do **eu**, mas uma função, serviço. Manzoni demonstrou havê-lo entendido muito

bem, quando escreveu: “Não é *justa* a autoridade de um homem sobre os demais, senão quando se exercita no interesse deles”. Quando o evoluído respeita a autoridade, sem considerar-lhe o mérito, é porque a abrange em sua concepção de **autoridade**, embora ela não corresponda à realidade dos fatos e isso signifique, da parte dele, apreciação moral superior a que essa autoridade merece. O evoluído não julga, respeita; não discute, obedece. Em face de autoridade exercida com espírito involuído, o máximo que o evoluído faz é manter-se em respeitoso absentéismo, pois a isso o constringem. Ao contrário, o involuído subestima a autoridade, discute-a, julga-a, tenta condená-la e, ao primeiro sinal de fraqueza, agride-a a fim de apossar-se de suas vantagens. Estamos bem longe ainda do plano superior de estima e fé, de compreensão e *justiça*, do plano em que os dois termos (autoridade e súdito) não se encontram na posição de rivais, mas na de colaboradores. Essa atitude de obediência e respeito (aí onde seria necessário, isso sim, defender-se por causa da existência palpável de agressão e defesa) constitui no plano social um dos gravames da vida do evoluído. O poder humano possui recursos; o evoluído não. Todos aspiram ao comando; o evoluído obedece. Os outros se julgam cheios de direitos; o evoluído só tem obrigações. Os demais homens trabalham em grandes grupos, compensando-se com riquezas e honrarias; o evoluído trabalha em silêncio ignorado e pobre. Num mundo assim o evoluído não pode ser senão mártir.⁷ (p. 235-236)

Na sua vida, porém, há bem mais profunda e substancial causa de sofrimento que não esses desacordos de relações e essas incompreensões. E também essa causa é inerente à sua posição. Pelo menos neste mundo a dor constitui, sem dúvida, a nota fundamental da gênese. No pomar da vida os frutos mais nutrientes ficam ao lado da sombra, mas entendamos: sombra segundo a matéria, luz segundo o espírito. A alegria não alimenta; a dor, sim. Só ela corta, escava, plasma e torna maduro, transforma e renova. Em resumo: revela e cria. A alegria dura muito pouco, nos rouba as energias e nos deixa completamente vazios e adormentados. A alegria é dissipadora; a dor leva-nos de novo às fontes vitais, nos concentra e refaz as energias, eleva-nos o poder espiritual. A dor pode piorar os maus, mas sem dúvida, melhora os bons. Nalgumas vidas, a dor é incidental, episódica, fenômeno. Trata-se de primitivos. Noutras, a dor apresenta-se como plano fundamental que lhes dá sentido e valor, é estável, é fenômeno em profundidade. Trata-se, agora, de indivíduos maduros. A alegria constituiu a experimentação dos inexperientes na vida, e primeira experimentação elementar e juvenil. É ingênua, cheia de simplicidade, espontânea. Quando, porém, a taça da alegria está cheia até as bordas, agora a lei de evolução nos proporciona experimentação bem mais profunda a fim de fazer-nos descobrir verdades mais recônditas e remotas, que ainda não podem ser reveladas aos primitivos. Quando o destino do evoluído se destaca da Terra e dos destinos dos demais homens, então a dor aparece, como experiência dos

maduros, senil, complexa e profunda, dos **fortes** e dos **justos**, como verdadeiro campo de ação do evoluído. A alegria é atmosfera natural dos que há pouco começaram a viver, dos recém-chegados de graus inferiores de evolução. A dor é, por sua vez, o ambiente normal dos velhos que exauriram toda as experiências desta Terra e, por isso, partem para mundos melhores. Os primeiros são inexperitos; os outros, sábios. Estes aprendem a lição, terminam o aprendizado. As posições inverteram-se; para aquele significa sujeição; para estes, desinteresse. Quem parte e quem chega, quem deve viver nesta fase e quem já viveu nela, o involuído e o evoluído, dois estilos de vida. Cada qual tem sua tarefa a cumprir.^{7 (p. 236)}

Estamos agora em condições de compreender que a diferença de raça entre involuído e evoluído não passa, em última análise, de diferença de idade. E também se nos torna fácil compreender a razão de o involuído preferir o método de luta e o evoluído inclinar-se para o da **justiça**. O método da **força** revela o primitivo, que se a ele recorre é porque é exuberante e inexperto ou, melhor, rico de energia e pobre de sabedoria. O evoluído, por sua vez, já chegou ao fim da estrada, que o primitivo mal começa a percorrer. Já está cansado, gasto; esgotou-se-lhe a carga dinâmica, agora transformada em experiência. Pobre de energia, rico de sabedoria. Permanece conscientemente sintonizado com os princípios da Lei. Noutros termos: no físico-dinamo-psiquismo, isto é, na evolução trifásica do universo, o involuído representa a fase dinâmica e o evoluído a fase psíquica ou espiritual. A vida da humanidade percorre o trajeto necessário à passagem de uma posição a outra, quer dizer, à transformação da **força** em consciência. O evoluído já transpôs a passagem; o involuído ainda não, pois não sabe pensar senão agindo, não concebe a ideia senão como fato, isto é, formalmente concreta. Trata-se de elaborar matéria, matéria-prima rude, fornecida pelo impulso, ou seja, pela carga dinâmica necessária para levar a efeito a experimentação, em que essas **forças** paulatinamente se esgotam. O evoluído, por sua vez, apresenta-se com material já elaborado; quanto a ele, esse impulso já atingiu o objetivo desejado, superando a sua fase de transformismo. Nada se perde, nada se destrói. Os jovens valem tanto como os velhos e os velhos tanto como os jovens. Acontece apenas que as posições são diferentes e os valores de qualidade diversa. A quantidade transformou-se em qualidade: a obtusa e rude exuberância, em sabedoria consciente e refinada. Se o dinamismo biológico se degrada e esgota, vai mais tarde ressurgir, sob forma diversa, como poder espiritual. Apesar da equivalência substancial, os dois extremos são diferentes e não conseguem harmonizar-se. Cada um dos dois condena aquilo que não possui, exalta aquilo que possui, dá valor a tudo de que necessita e despreza tudo quanto não lhe serve. O sábio percorreu o ciclo, pois exatamente para isso é que a **força** existe, serve e lhe foi dada. O sábio elaborou dentro de si um sucedâneo que, para quem como ele está desse modo transformado, a substitui com vantagem. Para o primitivo, **forte** mas ignorante, se reservam os

duros golpes consequentes aos erros praticados durante a experimentação, golpes a que o sábio nenhum medo tem mais porque já aprendeu a evitar a prática desses erros. Que imenso dispêndio de energia para assimilar apenas algumas ideias! Isso nos mostra a importância e o poder da ideia. Não tivemos, para conquistá-la, de empregar e consumir tanto dinamismo, de que a ideia é o equivalente. Isso nos demonstra a necessidade da compreensão sobre que tanto insistimos. No plano do universo, portanto, a *força* reduz-se a instrumento de experimentações, a reserva de energias de cujo consumo depende a compreensão, isto é, a construção da consciência. De um lado, a *força* dos jovens; doutro, a experiência dos velhos. No organismo universal cada coisa tem função bem determinada e está no lugar exato. Os jovens valem pela posição que ocupam e os velhos também. A vida obriga-os a trabalho alternado e que mutuamente se compense; durante o período em que suas qualidades encontram campo para manifestar-se, eles trabalham ativamente de modo a imprimir um cunho especial à História e a impulsionar de algum modo o progresso. Todo ser pode sempre dar algo de útil. E o jovem audaz e batalhador, mas inexerto e inconsciente, vive para tornar-se o velho cansado e pacífico, mas sábio, às vezes por ele desprezado.^{7 (p. 236-238)}

Dá-se com a *força* e a sabedoria o que se dá com a alegria e a dor. Estão ligadas estreitamente. A alegria juvenil, que nos vem de sermos *fortes*, leva-nos, através da ilusão da vitória, à realidade dolorosa de que nasce a sabedoria. Para o involuído espontaneamente desejoso de alegria e senhor natural da Terra, que é o seu mundo, a dor terrena é sufocação, asfixia, mutilação da vida material que constitui para ele todo o bem desejável. E para o evoluído, que já se considera um desterrado na Terra, essa dor constitui a última experiência amarga num mundo superado, experiência que lhe abre as portas para a expansão da vida em outros mundos mais adiantados, únicos em que doravante lhe é possível viver. Essa dor representa o meio de romper grilhões já por demais pesados e preparar futuro melhor. No céu o evoluído encontra alegria, a que o involuído procura e encontra na Terra. A festa da vida está sempre no amanhã, nesse futuro melhor que, pelo menos relativamente, está na posição por nós ocupada. O involuído amaldiçoa e teme a dor. O evoluído, porém, ama-a e abençoa. O involuído tem a dor na conta de destrutiva, o evoluído considera-a construtiva. Tudo depende do sujeito. O sábio, que viveu e, portanto, sabe, não incide mais nas ilusões humanas e recebe a dor, utilizando-a na função criadora; ri-se dos primitivos e de suas alegrias, que não lhes deixam na consciência senão saciedade, cinzas do cansaço e náusea.^{7 (p. 238)}

A personalidade humana (primeira parte)

As correntes vibratórias que nos percorrem a personalidade, fluem, portanto, de quatro fontes, representantes de quatro mundos, quatro sínteses, fruto de longo passado. São: 1) o eterno **eu** espiritual; 2) o ambiente terrestre; 3) o elemento paterno; 4) o elemento materno. Se grafarmos a reta da bipolaridade vertical sobre a reta da bipolaridade horizontal, obteremos o desenho de uma cruz, em que os quatro termos correspondem aos quatro braços. No alto da cruz teremos o espírito, em baixo o ambiente-matéria, no braço esquerdo o elemento paterno e no direito o materno. As experiências ambientais, se quiserem atingir o espírito, devem atravessar o organismo físico. As correntes vibratórias oscilam de cima para baixo e de baixo para cima, da direita para a esquerda e da esquerda para a direita; em todas as direções se trava luta. A personalidade representa o resultado dessa luta, a síntese desses elementos; por isso, pode ser múltipla, como se oscilasse entre os diferentes polos extremos. No plano orgânico-psíquico (já vimos que o espírito não reside no cérebro) a luta se trava entre a personalidade paterna e a materna e explode na puberdade. Uma das duas personalidades vence, firma-se e constitui a dominante, em que prevalece o tipo de um dos dois progenitores. Como acontece na co-existência, o mais fraco cede o passo no ponto em que o mais **forte** conquista e, desse modo, se estabelece a harmonia. Vencida, nem por isso a personalidade morre; continua, modestamente como **força** subordinada, a gravitar em torno da principal, como os planetas em torno do sol do sistema a que pertencem. A natureza não a abandona nem despreza; utiliza-a, porém, confiando-lhe funções mais modestas, mas necessárias, como, por exemplo: o controle representado pela oposição, pelas minorias; a tarefa de equilibrar, refreando-o, o domínio exclusivo e a manifestação repentina e irrefletida da personalidade dominante. Reflexão significa controle recíproco entre duas tendências; quando elas entram em conflito, a hesitação aparece. Daí as diferenças de vontade, a tragédia dos impulsos opostos da consciência. Quando uma das **forças** vence, a vencida se retira para a sombra, contentando-se em viver uma vida apagada, à espera da desforra, mas assumindo, enquanto isso não acontece, a direção de funções modestas, a fim de assumir a direção geral, apenas a **força** vencedora se canse e baqueie.⁷ (p. 280-281)

S. Francisco no monte Alverne (segunda parte)

O ritmo da vida é duplo e inverso, diurno e noturno, material e espiritual. Já vimos suas características. As primeiras horas da noite, trazem consigo os últimos e mais profundos ecos das horas do dia, ressentindo-se de sua proximidade, retardando-se, enquanto à meia noite o ritmo se inverte até a manhã, cuja espiritualidade, por sua vez, se retarda nas primeiras horas do dia.

Tal ritmo acha-se deslocado em relação ao ritmo da luz. As primeiras horas da tarde parecem carregar o peso de toda a escória da vida física diurna, dos encontros e asperezas da luta material. O mundo diurno é de expansão exterior, de sintonização solar, vermelha, sensual e sensória, material e animal, de ondas longas, baixa frequência, notas profundas, e baixo potencial em face do espírito. É o mundo do involuído, **forte** na carne, débil no espírito. Também aqui este momento do ritmo vital presume e espera seu momento oposto dado pelo poder do espírito.^{7 (p. 324)}

Conclusão (da II trilogia)

Nossos tempos lembram os em que Ele viveu. Enquanto o mundo romano, em pleno fastígio da **força**, se desfazia no ceticismo, o suave e humilde mundo cristão, amparado no poder da fé, construía em silêncio. A História parece divertir-se com seus personagens, destruindo os mais poderosos, exaltando os mais humildes, demonstrando-nos obedecer a desígnios que não se identificam com os dos homens. Muitas vezes até mesmo os mais espertos e **astutos** denotam grande cegueira em face dos acontecimentos futuros e a História conduz governantes e governados a situações inesperadas. Acontece que os **fortes** tombam e os humildes triunfam, o mínimo se torna máximo e vice-versa, as mais sólidas construções desabam e as mais débeis continuam de pé. Enquanto o homem arquiteta planos, a História, instável e repleta de surpresas, faz os acontecimentos se desenvolverem de acordo com o plano diretivo por ela elaborado e bem diferente do formulado pela razão humana. Não poderemos compreender esse plano interior, sem antes entender o funcionamento orgânico do universo. Nenhuma orientação política, nenhuma filosofia e nenhuma interpretação da História atuam apenas em função desse conhecimento mais amplo.^{7 (p. 331)}

Portanto, o evoluído não deixa a seu irmão primitivo que quer prejudicá-lo e espoliá-lo, senão seu invólucro vazio, os tesouros humanos, isto é, os excrementos da vida. O involuído, que crê tê-lo subjugado, roubou-lhe apenas as pedras do cárcere para com elas construir sua prisão; é um ludibriado, vítima de sua própria ignorância. O evoluído dando-lhe os excrementos de sua vida, com tanto esforço roubados, vai para mundos melhores, possuidor de bem diferentes riquezas. A distância percorrida já é enorme e o abismo que divide os dois tipos não pode mais ser eliminado. Porque existe a **justiça** divina, se há gozo para o pecador, haverá felicidade para o **justo**. Lázaro e o rico avarento estarão eternamente distantes: “Abraão disse:(...) há entre nós e vós um grande abismo, de maneira que os que querem passar daqui para vós não podem, nem os dai passar para cá.” (Lucas, 16:26).^{7 (p. 334-335)}

8. PROBLEMAS DO FUTURO

Introdução

A nova aristocracia não poderá ser, por certo, a da *força* ou a da riqueza, porque de tais aristocracias, até hoje, o mundo já teve superabundância. Tais formas têm exaurido a sua experiência e dado o seu rendimento biológico. A vida não alimenta senão aquelas formas que têm uma função e um objetivo definidos; liquidará, por isto, esses tipos de classes dirigentes. Ela tem necessidade de outras formas para outro trabalho. O tipo dos novos condutores não será o bélico, político ou econômico, mas um tipo completo, que além de religioso, seja sábio e *justo*. Depois da falência dos chefes armados, o advento dos chefes espirituais, o dos profetas desarmados. A vida tem necessidade também dos valores hoje mais desprezados, que são os da vida interior. Deles tem necessidade para reequilibrar-se, justamente porque deles hoje há extrema carência. O homem tem fome deles. As novas classes dirigentes não poderão, pois, formar-se segundo o nascimento, o poder, ou apenas inteligência, mas deverão basear-se nos valores espirituais, naqueles que superam a animalidade, nos valores da sensibilidade psíquica e moral, da sabedoria, da sensatez, do *altruísmo*, da caridade e do amor, da bondade, do desprendimento das riquezas, da renúncia a toda forma de excesso. A vida pede ao homem muitas vitórias, principalmente sobre o ódio e a cobiça que hoje envenenam a vida. Deve aparecer um novo tipo de lutador, o evangélico, desprendido e desarmado, mas inteligente e consciente, muito mais poderoso que o rude e violento de hoje. Há bem maiores revoluções para fazer do que aquelas que o homem atual concebe.⁸

(p. 23-24)

A verdade

Não! Nada é verdade! Com este brado de desespero, abre-se este volume. O ideal, que dos escritos precedentes perseguimos até aqui, é uma ilusão, a verdade sonhada é utopia, as nobres afirmações são falsas e, já que não correspondem, por nada, à realidade da vida, constituem uma traição. O leitor foi enganado. É preciso ter a coragem de confessá-lo e mudar de rota a tempo! Os fatos desmentem em cheio as conclusões destiladas pelos trabalhosos raciocínios! Esses fatos se repetem a cada passo, em quotidiana evidência, que não é o bem, mas o mal que vence e domina em nosso mundo, que o mais *forte* e o mais *astuto* é que triunfam e não o mais *justo*; e quem crê de outro modo é um néscio que sonha e pagará caro o seu sonho, porque será subjugado e eliminado. Mas é preciso ser cego para não ver que a realidade biológica zomba

de todos os ideais e de todos os idealistas, para não compreender que, enquanto estes últimos tentam construir com palavras as suas belas teorias, a vida os circunda e assalta com os fatos para os esmagar e suprimir! Mas quem é que não sabe que enquanto eles sonham bondade e *justiça*, na prática a realidade biológica premia com alegrias imediatas o mais ousado e *egoísta* que, livre dos liames do dever, sabe procurá-las com todos os meios? Mas o próprio instinto da vida, que fala e se revela na mulher, naquele momento decisivo para a seleção e para a raça, da escolha sexual, ri-se do homem honesto e sábio, escravo do dever, aplaudindo o audacioso para o qual tudo se faz licito quando demonstre saber vencer. Isto prova que a vida marcha para a bestialidade e não para a espiritualidade.^{8 (p. 34)}

Mas que evolução! Na Terra há que pensar em não se deixar subjugar. E quem esquece, morre. A vida nos quer *fortes*, audazes, *egoístas*, sem escrúpulos, sem moral, e pune como fracos os que não o são. O ideal biológico terrestre, que a mulher adora e o homem respeita, é o delinquente, naturalmente aquele *astuto*, esperto, que vence, não aquele que perde. Hoje caiu também a medieval tentativa da Cavalaria, que procurava disciplinar e nobilitar o furto e o assassinio; aqueles que saibam perpetrá-los legalmente, e com êxito, são admirados, dando prova de engenho. Estes são os valores da vida real: os outros, aqueles tão declamados do espírito, são falsos. De fato, na prática, quem neles crê, quem os usa? São usados como uma bela mentira com a qual os *astutos*, que são aqueles que mais valem, sabem cobrir o seu jogo para sua vantagem e para dano dos que neles acreditam. Mas que ideal! Enquanto sonhas bondade e *justiça*, o próximo te espia e estuda como te possa despedaçar e, apenas te distraias da luta para seguir o ideal, salta sobre ti para acabar contigo. O mundo não está sob um controle moral de sabedoria, mas sob um controle brutal de *força*. O Evangelho se apresenta inerme. E quem hoje pode tomar a sério quem está sem armas? A vida é de ferro e quem não é *forte* deve perecer. É inútil querer dar-nos a entender outras verdades. Esta é a única verdadeira. As outras são *astúcias* para esconder a luta pela vida, são uma das tantas armas sutis para subjugar e vencer os ingênuos e os fracos.^{8 (p. 34-35)}

A realidade é que o indivíduo quer *egoisticamente* viver e crescer, que a fêmea é prêmio ao esforço do macho que a quer possuir para gozá-la e multiplicar-se, que as alegrias da vida se exaurem na Terra e que só aqui hão de ser procuradas, que as superações, as evasões, o céu são utopias para loucos, que o homem sadio se lança pelo mundo contra todos para robustecer-se na luta e colher, com qualquer meio, todas as alegrias desejadas. Não importa se o herói é um semeador de carnificinas, basta que vença. Não importa quantos vêm a ser prejudicados por ele. A grandeza humana consiste justamente em saber pisar nos outros e elevar-se sobre as ruínas, ela deve ser fabricada sobre o sangue. Oh! a ingenuidade de proceder por persuasão e por fé em um mundo onde não

existem senão vencedores e vencidos! Para o **forte**, tudo. Para o honesto não restam senão belas e estéreis palavras que lhe são jogadas pelo filantropo por compaixão simulada, extremo insulto da hipocrisia humana. Assim, o **justo** é defendido com belas palavras por todos os paladinos do bem, que se regozijam do seu ato magnânimo, distribuído gratuitamente. Isto chega a dar-lhes ótima aparência, não oferece perigo, porque quem o recebe não sabe e não se pode defender, e enfim, fornece-lhes a ilusão de ter feito alguma coisa em desagravo da própria consciência. Como renunciar a tantas vantagens? Florescem, assim, os teóricos do amor fraterno e os idealismos confortantes que hipotecam o futuro e o outro lado da vida, a compensação à derrota e escravidão terrena para os outros e, no entanto, aproveitam-se e gozam. Para melhor e mais longamente aproveitar-se das vantagens, adormecem-se as vítimas com o narcótico do ideal. Assim, os bons são preciosos, porque mais desfrutáveis; os sinceros são preferidos e amados porque, com **astúcia**, são enganados, tornando-se úteis e poupados à fadiga da luta. A exploração do honesto organiza-se, então, como uma indústria. Este tipo é procurado, caça ao simplório; querer-se-ia criá-lo em uma cultura intensiva se a própria exploração não tivesse, ao contrário, a tendência de eliminá-lo; chegar-se-ia a curá-lo e a protegê-lo como se faz com os animais domésticos, para melhor utilizá-lo. Desse modo é que se formam as religiões e as respectivas castas sacerdotais; dessa maneira se formam o estado, os governos e respectivos grupos dominantes, bem como o poder, a autoridade, as instituições, as leis, tudo. E todas essas coisas para dominar, sempre a expensas de alguém, um ente mais fraco a ser dominado. Cada um desses grupos tem o seu tipo-modelo e outros tantos campeões que se exploram, tornando-os estandartes e tudo isto para manter e multiplicar o tipo do simplório que acredita neles, e, assim, obedece e serve. Mas o povo-rebanho começa a despertar e a inquirir das razões mais verdadeiras que lhe impunham obediência, que não aquelas que até hoje bastaram para dominar; mas os dominadores não as sabem dar. Novas **astúcias** eles terão que estudar para que não se descubra o seu jogo.^{8 (p. 35-36)}

Assim é a vida. Cada um há de trazer a sua máscara de mentira. O vencido mais que o vencedor. Este, quando triunfa, joga-a e mostra-se à admiração de todos como o belo campeão que a luta pela seleção criou. Mas o vencido nunca a joga. Sob a máscara o seu rosto está em chagas. Na Terra, ai dos vencidos e ai deles se se exibem! A máscara lhes é imposta; a dor é uma derrota e deve pudicamente ser escondida. A dor não é conhecida como um instrumento de redenção, isto é, como uma **força** e uma glória; não. Ela é uma derrota. Ai, pois, de quem a descobre. O vizinho a goza e está pronto para dela aproveitar-se; se percebe que é um vencido, salta-lhe ao pescoço, imediatamente. A verdadeira face, quanto mais chagada está e sangrenta, tanto mais há de ser cuidadosamente coberta com sorrisos floridos. Quantas máscaras macabras andam assim desconsoladas pelo mundo! A dor que não pode

expandir-se escava sempre mais por dentro. Tudo isto para o triunfo do tipo biológico do vencedor, para fazê-lo grande, para que a vida seja sua, toda sua e de nenhum outro. Mas sabe ela sobre quais ruínas avança esse macho triunfador? Parece que nada lhe importa mais do que ele. Os vencidos sofrem e morrem; eles não pesam na balança. A grande aventura da vida está aberta para todos; se tantos não conseguem vencer, pior para eles! Se ao menos morressem! Ao contrário, a luta pela vida, ao lado de poucos selecionados, a quantos não deixa quase como mortos, estropiados fisicamente e, ainda mais, moralmente! É que nem no vencido a vida quer morrer, e a tudo se adapta e deforma-se até à monstruosidade e, assim estropiada, continua, seja mesmo na sombra, à traição, por despeito, nutrindo-se de ódio e de veneno, mas continua, subterrânea e em espasmos, para vingar-se um dia, quem sabe quando, do vencedor. Assim a vida oculta a reação por séculos, adiando-a por gerações à espera da desforra; assim o impulso do mal fixa-se no sangue e nos corações e torna-se instinto, um automatismo do subconsciente. Tudo grava-se em nós e a nós retorna, até que os longínquos descendentes do vencedor sejam um dia esganados pelos descendentes do vencido. Na realidade, não se chega, desse modo, à seleção do melhor, mas a uma multiplicação de adaptados, de mutilados, de feridos, de malvados, de monstros. O resultado não é um número de selecionados, mas de estropiados na luta. E o vencedor mesmo não é o mais **forte**, porém o mais **astuto** e traidor. A vida, pois, segue para o mal e não para o bem. Abala-se o edifício da evolução. Essa luta não é, então, instrumento de seleção, mas, um atentado à vida, um esforço para subjugar-la, deformá-la, pelo que ela se dirige para o pior, em vez de para o melhor. Os poucos vencedores triunfam enquanto há uma multidão de vencidos que os sustêm no alto, de cuja derrota eles se fazem grandes; o herói é sempre, mais ou menos, um carrasco; cada alegria é extorquida de um desgraçado, que paga o seu quinhão por conhecê-lo; é um carro triunfal que avança por cima de todos os outros que ficam abatidos ao longo de um caminho de dores. A luta não representa mais que um assalto das forças negativas da vida, a que ela própria frequentemente fica submissa; representa a sua negação culminante na morte. A vida assim decai e não se eleva. Isto prova como todo ideal de ascensão humana seja falso e absurdo.^{8 (p. 36-37)}

Dizeis vós, idealistas, que possuíis a verdade e a anunciais ao mundo. Mas que verdade? Ela é bem diversa nos fatos. O mundo possui uma verdade sua, e bem diversa. Na Terra ela é simplíssima: destrói-se quem a contraria e dela discorda. A verdade está em que o vencedor tem razão e quem perde está errado; possui a razão só pelo fato de ter sabido com a **força** fazer calar o mais fraco. Este não tem mais voz, não pode mais falar, é inútil, enfim, que ele tenha um pensamento próprio. A vida discute, despedaçando; faz calar, estrangulando. Lógica estridente. As proposições do raciocínio constituem outros tantos golpes e se alcançam as conclusões esmagando o antagonista. Método persuasivo. O

direito de ditar lei e fazer as normas compete ao vencedor; dele é o direito de fazer a verdade a seu modo e a vantagem de impô-la. A única verdade dominante na Terra é a do vencedor. Não existem verdades absolutas e universais, mas só particulares, relativas aos interesses de quem possui os meios para impô-las, são feitas por ele e para ele. Será esta a lógica da besta, mas o vencedor com qualquer meio, aquele que há demonstrado ser o mais **forte**, é o que verdadeiramente tem razão na vida. Ele representa a verdade, e por quê? Somente porque venceu. A obediência lhe é devida, pertence-lhe de direito. Segundo a lógica animal do plano biológico humano, compete-lhe a fixação dos valores. A vida procura o vencedor e tudo lhe concede porque dele espera tudo. Biologicamente a verdade é a afirmação **egoísta** do próprio eu. Por que se deve condenar e combater o **egoísmo** num universo egocêntrico por sua própria natureza, no qual tudo vai ter a Deus? Não é o homem feito à Sua imagem e semelhança? Pois bem, na sua pequenez, ele o imita. O homem que, com qualquer meio, triunfar sobre todos, será o herói e virá a ser deificado. Os vencidos beijarão seus pés. Esta é a lei da Terra. A ele pertence o direito de ter razão e de fazer a verdade, de modo **egoísta** e exclusivista, deus da luta e da vitória, intransigente e ciumento como o antigo Deus da Bíblia. Uma vez, também, o Deus único era feito assim. Pois bem, igualmente o homem pode ser feito assim, conforme as mesmas leis. Diante dele a vida prostra-se e adora pelo mesmo princípio único do mais **forte**; princípio que na fase involuída o homem aplicou a si como a Deus, a quem o homem faz à própria imagem e semelhança. Os mais fracos, os vencidos, ficam verdadeiramente persuadidos, nesse mundo, que o mais **forte**, o vencedor, é o melhor e possa, enfim, representar a verdade. E ainda em nossos tempos, igualmente involuídos, o vencedor com o poder da imprensa, do rádio e de todos os meios de divulgação do pensamento, tem razão pelo simples fato de ter sabido fazer a coisa e por ter demonstrado, assim, ser o mais **forte** e o mais esperto. Basta isto para que ele adquira o direito de lançar as ideias que mais lhe convêm, não importa que tenham ou não qualquer valor ou significação, e de incutir nas massas as verdades que quer, não importando redundem em proveito ou em malefício. As massas não possuem ideias próprias, não compreendem por si mesmas, nem distinguem qualquer verdade, estão indiferentemente prontas a aceitar tudo; aceitar enquanto debaixo delas haja a do vencedor, a real, aquela que as massas bem compreendem por instinto e pelo que lhe dão razão, aquela que está debaixo de todas as verdades e que as sustenta, isto é, o fato de que aquela é a voz do mais **forte**, daquele que venceu. Eis a verdade.⁸ (p. 41-42)

Esse é o mundo real, sólido e resistente e o querer refazê-lo constitui verdadeira loucura. Se está feito assim, é sinal que assim deve ser feito. Uma das provas está em que não se deixa mudar. Não pode dar-nos **altruísmo**, porque está construído sobre o **egoísmo**; paz, porque se baseia na luta; verdade, porque é feito de mentira. Não peçamos a esse mundo **justiça**, porque nele reina a

força, nem uma economia de *justiça*, porque nele os bens vão naturalmente às mãos dos maiores ladrões. Como pretender ordem e disciplina se nesse lugar o maior merecimento está em rebelar-se e estar na oposição? Esse poderá ser o reino do mal. Mas onde está o reino do bem? Sim! Consumir-se-á o *justo* no caminho do dever; não obstante, tudo acabará em destruição. Inútil. Tenta-se o voo para recair na terra. Procuram-se vitórias, libertação, quer-se sair da prisão da vida e sempre se cai nela. A vida é esta. Inútil debater-se. Além dos seus limites não se pode ir. Ela é tudo para nós. Não se sabe viver senão dela. Idealismos piedosos e ridículos! As grandes verdades não servem para nada. A vida esconde o seu mistério. Age sem falar, sem nos dar explicações. E quando quer, fere como quer, sem nos dizer o porquê. É inútil pensar, não se subtrai nada. O pensamento é uma doença do espírito, o psiquismo do evoluído é uma hipertrofia patológica, um desequilíbrio. É preciso matar o espírito, suprimir o olho da consciência que nos enfada com as exigências morais e investiga tantos males humanos, tão-só para assim torná-los mais sensíveis, sem, porém, saber oferecer remédio. É inútil pretender poder e saber intervir num mundo de leis fatais. Tem razão a nossa civilização que tende a nos estupidificar com a mecanização da vida e a nos barbarizar completamente, cientificamente, com todos os meios da técnica e da razão. O pensamento desenvolve-se para acabar providencialmente suicida. A inteligência superior que nos conduz para fora da realidade terrestre não só não serve, mas é um perigo para a vida. É preciso vencer no plano material onde hoje está toda a vida. Vencer de maneira mais elevada não tem sentido; é inútil para quem deve viver na Terra. Importa resolver primeiramente os nossos problemas imediatos e depois os do universo, que estão longe. Este deve estar em função nossa e não nós em função dele. Melhor, pois, é não pensar, não revelar, não descobrir. Tanto assim é que os resultados da ciência não servem senão para destruir. Melhor é gozar. Tudo o que existe vale tão-só enquanto serve ao nosso prazer. As grandes coisas do espírito estão afastadas e as pequenas coisas da Terra estão perto. Na prática, estas são as maiores, porque estão vizinhas. E preciso nutrir-se, viver e gozar. Há tantos meios para gozar e olvidar! Quando tu, que queres subir, tiveres gasto todas as tuas energias pelo ideal e ficares abatido na terra, o ideal abandonar-te-á, a vida rir-se-á de ti, como é natural para com os vencidos, e esmagar-te-á. Besta és e a besta torna à terra. O brado da tua alma é vão. A vida escarnece das tuas explosões. E na luta entre a besta e o anjo, pode acontecer que, em vez de o anjo matar a besta, a besta mate o anjo.^{8 (p. 42-43)}

Assim se prega fé, honestidade, ordem, confiança, sacrifício, *altruísmo*, porque são úteis para o domínio. O ideal verdadeiro é o rebanho a mugir, rebanho passivo que se comanda com menor esforço. O próximo não é um irmão, mas um inimigo. O próximo que mais se ama é o mais imbecil, é aquele que é mais facilmente vencido. Qual fraternidade e amor! A vida é rivalidade desapiedada. Para alcançarmos um posto devemos tirá-lo do vizinho.

Ao menos confessamo-lo, não mentimos, temos a coragem de jogar com cartas descobertas. Se Deus existe, Ele está no céu; por certo que não está na Terra. A sua ordem, harmonia e bondade não estão aqui embaixo Ele está longe de nós e nós Dele. É preciso saber viver sem Ele. Chamai-nos de involuídos? Pois bem, este é o nosso orgulho. Somos feras, mas **fortes** e audazes como as feras. É com a **força** que o homem conquistou o mundo e não com a piedade. Seremos demônios, mas também é grande a nossa **força** e belo este nosso poder selvagem. Esta é a vida do nosso nível e como tal a aceitamos. E, com alegria, pomos o calcanhar sobre a cabeça do idealista que, traído por seus sonhos, cai na terra desfalecido... Temos esse direito, porque no nosso mundo onde vive, ele é um vencido. Esta é a verdade. Hoje estamos na época da liquidação dos idealistas, liquidação dos que creem em qualquer coisa que não seja o próprio desapiedado **egoísmo**. É inútil ser **forte** no espírito. Quem é fraco no plano animal na Terra onde está a vida, há de ser esmagado e suprimido. A destruição material, pela guerra, nada é comparável à destruição maior, que é a das almas. Se há loucos que seguem em sentido contrário, pior para eles; tão logo estejam cansados, acabaremos com eles. Quem pretende sair dos limites assinalados biologicamente, do ataque e da defesa para sua vantagem, para se gravar, então, com o peso inútil do ideal, biologicamente passivo, luxo inadmissível, vai contra a vida e **justo** é que esta o elimine.^{8 (p. 44)}

A economia supernormal

A passagem da economia normal à supernormal torna-se possível e compreensível, quando se chegou a sentir que a essência da vida e do criado é Amor. Ele é a maior **força** do universo, que o rege e, no fim, tudo vence. Por isto é lógico que o Amor abra todas as portas e, ao contrário, o **egoísmo** as feche. E uma verificação de fato, para quem vê, que essa é a mecânica do sistema. Para poder, pois, atingir as infinitas riquezas das quais o criado extravasa, é necessário passar pelo caminho do Amor. Eis que o Evangelho pode ser também o mais seguro método para enriquecer e com que riquezas! Não se quer com isto dizer que num mundo de **justos** todos estariam bem como consequência da honestidade de todos. O fenômeno é pessoal e os resultados são acessíveis em qualquer mundo. A riqueza não nos vem, somente, pelos efeitos que o sistema produziria se coletivamente aplicado, mas nos vem porque o indivíduo põe então em movimento algumas recônditas **forças** da vida que o compensam e o premiam, porque ele caminha conforme a Lei, que é Amor. Em suma, o cálculo econômico não é o resultado de trocas de meios entre homens, mas de **forças** entre o indivíduo e a vida. O próprio semelhante aqui não tem entrada, e se aparece é como meio, frequentemente inconsciente, manobrado

pelas *forças* referidas. A conversa não se faz com o homem, mas com Deus, com base nas próprias ações e no real mérito próprio.^{8 (p. 85-86)}

Luta e seleção

Na biologia, o materialismo de Darwin viu a evolução das formas físicas ou efeito, sem imaginar a presença de uma evolução do espírito ou causa das formas. Acima, falamos dessa tendência à inversão de tudo em nossa fase atual. Assim, justamente, viu-se às avessas: a causa no que é somente o efeito, isto é, na forma. Segundo essa orientação, a evolução se processa através da técnica da luta pela vida e a seleção do mais *forte*; o mais *forte*, que em filosofia vemos reaparecer no super-homem de Nietzsche. Tudo isto é verdade, mas somente no plano biológico animal, num mundo inferior ao qual ninguém pode impedir que o homem pertença. Mas, isto não é mais verdadeiro logo que, evolutivamente, se haja subido. Em suma, quando se fala dessa coisa imensa que é a vida, é preciso distinguir e precisar a que biologia nos referimos, porque todo plano evolutivo tem uma sua própria, com leis próprias, que não são as dos outros planos. Ora, a biologia normal humana, se olhada do ponto de vista de uma biologia supernormal, pode aparecer toda como um erro de perspectiva e ao contrário. E aqui podemos aplicar o conceito das verdades relativas, pelas quais as teorias do materialismo servem e valem para a sua biologia e não além. Não se pode compreender o pensamento diretivo da vida, observando-a num só de seus momentos, relativo a uma só fase, tanto mais que aquela evolutivamente superior nos aguarda, é o nosso amanhã e nós justamente percorremos a atual para nos preparar à sucessiva.^{8 (p. 89)}

O primeiro passo é a reprodução dos seres, o segundo é a luta, o terceiro é a seleção. Resultado final é a evolução; finalidade é a elevação para o bem e a felicidade. É uma sucessão de finalidades, de proposições num raciocínio. Eis porque, como título deste capítulo, ligamos as duas palavras: luta e seleção. A primeira é condição da segunda. Sendo pacífico que a vida trabalha sempre com inteligência e com um fim a atingir, ela oferece logo a esses seres, para o fim evolutivo a que tende porque este leva ao seu bem, um trabalho proporcionado à sua capacidade e sensibilidade; gênero de trabalho que seria inútil, absurdo, destruidor e insuportável em planos de vida superiores. A vida dá, pois, imediatamente, a esses seres do plano animal e humano, uma ocupação digna de si, manobrando-os através de seus instintos, a que eles obedecem, crendo obedecer a si mesmos. A vida nos faz sempre trabalhar para nos fazer subir. A quem está mais alto aquela seleção animal pode parecer um trabalho bestial. Mas, uma atividade mais refinada e complexa, o ser daquele plano não a saberia cumprir e não seria proporcional à sua capacidade. Trata-se verdadeiramente da seleção do mais *forte*, como é hoje compreendida, uma

seleção animal em que é preciso, todavia, usar e desenvolver os sentidos e a inteligência. Naquele plano o trabalho coletivo orgânico e as conquistas espirituais são inconcebíveis. Porém, em nosso mundo, a luta já se está transformando de muscular e física em nervosa, conquanto esta ainda seja feroz. O progresso já é visível. A forma de luta é índice do próprio plano evolutivo. Diz-me como e por que coisa lutas e te direi quem és. A luta, condição de conquista, não se extingue nunca na vida. Mas por ela mudam, com o evoluir, a forma, os fins e as realizações.^{8 (p. 90)}

Procuremos compreender o verdadeiro significado desse método para nos fazermos evoluir, usado pela vida com a luta e seleção. A que tende verdadeiramente esse triunfo do mais **forte**? Trata-se aqui, mais que de uma lei de todas as fases biológicas, somente daquela limitada a um dado plano inferior? Quais são os fins da maior biologia universal? Propõe-se ela, verdadeiramente, fazer triunfar esse tipo do mais **forte**, que pode ser, ainda, o mais prepotente ou **injusto**, ou é esta uma fase de transição admissível somente em planos inferiores, enquanto a finalidade da vida é de criar um tipo biológico completamente diverso?^{8 (p. 91)}

A vida não se propõe, pois, por nada, como último desígnio, o triunfo dos mais baixos campeões da raça. Somente o materialismo e a sua filosofia podem pensar assim. O triunfo do mais **forte** neste sentido pode ser sobre os primeiros degraus da estrada ascensional, mas a via dos triunfos é longa e vai longe. A luta no alto assume outras formas e outros fins, isto é, a formação de um ser, não mais **forte** porque dominador e mais violento, porém mais potente porque mais inteligente, sábio, enfim, **justo** e bom. Ele, então, como veremos, penetrará no funcionamento da Lei, como conhecimento e como atividade, pondo em movimento novas **forças** e podendo atingir riquezas imensas, antes ignoradas. Ele é potente, bem diferente de um fraco e falido, como o julga o homem inferior que toma sempre a bondade por fraqueza. Sua luta e experimentação assumem um caráter de todo diverso. A forma de luta dos planos inferiores, aquela do tormento da fome, da ofensa e da defesa, lhe é poupada, porque é superada. Então a vida se harmoniza e a própria Lei pensa em defender o homem que a ela adere, poupando-lhe esse duro trabalho, para ele já inútil, e que, no entanto, é fundamental e necessária ocupação para os inferiores. É lógico que o trabalho útil, imposto a tipos biológicos tão diversos, deva ser diferente. É lógico que, quando se há superado o nível de vida visto pelo materialismo, o campeão visto por Nietzsche no seu super-homem torna-se um delinquente, um selvagem rei de selvagens, um ser antissocial, destruidor da unidade, desagregador e antivital.^{8 (p. 92)}

O Evangelho, que é construtivo, nos indica, ao contrário, bem outro tipo biológico. A sua inversão de valores não significa mais que a passagem de um plano inferior a um superior nível biológico. Nisto consiste a grande boa

nova, isto é, o anúncio que para o mundo hoje chegou a hora da grande transformação evolutiva, que o levará para uma nova civilização, a de um novo tipo humano. O Evangelho enfrentou diretamente a lei do plano animal, contrapondo-lhe uma outra lei, de um plano superior, em que pela evolução a primeira deverá fatalmente inverter-se. Isto, com o Discurso da Montanha, que é a inversão dos valores humanos em outros opostos e os vencidos aparecem vencedores e os fracos, *fortes*. Eis a maior biologia que o materialismo não viu. Assim, da fase onde o arbítrio da absoluta vontade do vencedor, que tudo se pode permitir, porque é vencedor, porque como tal lhe cabe fazer a lei, chega-se lá onde isto, ao contrário, é injustiça condenada pela Lei, única senhora, em cuja harmonia somente é lícito viver. No primeiro caso o ser é deixado às suas *forças* somente para sofrer os erros que perpetrará e dessa forma chegar a compreender e aprender. Mas, conquistada, com esse trabalho, a consciência, ele percebe que vive em um todo orgânico, bom e sábio, e que a violência não serve mais para nada, não para vencer, mas para perder. Então a vida, localizada na ordem divina, torna-se outra coisa: de inferno a paraíso.^{8 (p. 92-93)}

Interroguemos ainda o pensamento diretivo da vida, como funciona na realidade biológica. É um fato que a natureza não se opõe à geração dos fracos e doentes. Procura remediar os seus defeitos para salvá-los, reforçando-os como pode, mas não se opõe ao seu nascimento. Deixa assim vir ao mundo uma quantidade de infelizes, doentes da mente e do corpo. Ela os deixa lutar e sofrer. Por que? Se a finalidade principal da vida fosse a seleção do mais *forte*, nesses casos aquele desígnio seria completamente frustrado e a natureza seria a própria contradição. Entretanto, vemos quanto ela é sábia e benévola protetora. Por que os deixa, então, se debaterem na dor? Se, pois, a vida se comporta assim, dado que nunca age loucamente e não está acostumada a errar, isto significa que o seu objetivo é bem outro, que não é a seleção do mais *forte*, com o abandono dos outros. A natureza não é partidária e não abandona nunca ninguém. A finalidade é a formação da consciência, enriquecendo-a de todas as possíveis qualidades, através de todas as possíveis experiências. O insucesso do fraco e do doente, dos vencidos da vida, não pode então ser interpretado como uma derrota, mas sim, como uma útil posição de trabalho para a aquisição de preciosas qualidades novas, das quais o vencedor, ao contrário, dada a sua diversa posição, está excluído. A finalidade da vida não é, pois, senão em casos particulares, a da formação de um mais *forte* e prepotente. Nas grandes linhas a vida quer criar um ser sempre mais ativo, mais complexo, mais orgânico, mais sábio e tudo isto, mesmo através da fraqueza, da derrota, da dor. Eles não constituem por isto, uma falência e uma perda da vida, como crê o materialismo, mas uma das tantas vias de experimentação e um meio de conquista. Se não fosse assim, a vida, que é mesmo tão *forte*, sábia e boa, seria vencida, estulta e cruel no permitir a geração dos fracassados. Ela, ao contrário, não se opõe completamente e são muitos os que deixa nascer. Somos nós, portanto, que não

compreendemos a natureza e não é a natureza que não alcança os seus fins. Quanto mais formos capazes de compreender, tanto mais encontraremos no universo um organismo perfeito. Dizer o contrário significa nada haver compreendido.^{8 (p. 93-94)}

Todo plano de existência tem as suas leis e não se pode compreender e julgar o plano superior permanecendo no inferior, enquanto, nos planos mais altos, os mais baixos são compreendidos e julgados ferozes e selvagens. Temos assim, uma série de níveis evolutivos, dos quais cada um possui uma sua verdade relativa, que com eles evolui sempre mais para o alto. Planos, pois, e verdades em evolução. Esse é o movimento das formas e do concebível no relativo para ascender, sempre mais se acercando do absoluto. O mais pode compreender e julgar o menos, mas não o contrário. Sobre todos os planos impera a Lei única através dos infinitos aspectos da verdade, relativa a cada determinado grau de desenvolvimento ou fase evolutiva em contínua transformação progressiva. Todos os meios são usados sempre em proporção à natureza do ser. O método da seleção do mais **forte** não representa senão um caso, um grau, uma lei, uma verdade relativa. Depois a fase é superada e se passa a uma ordem de formações e aquisições diversas, com outros métodos mais evoluídos, de diversa característica, proporcionais a um diverso tipo de vida. Os experimentos são os mais disparatados. A natureza não tem limites de meios e de ambientes, a aquisição de qualidades no desenvolvimento da consciência deve ser infinitamente múltipla.^{8 (p. 94)}

O mais forte

Se, mais no alto, há leis superiores, isto não tolhe que a luta pela seleção do mais **forte** seja a lei verdadeira, a vigente no plano animal-humano. Limitada a esse campo inferior e relativamente a ele, a formação desse tipo biológico pode ali representar a finalidade da vida, porque nada de melhor se pode pretender de um ser que está imaturo para mais altas expressões. Para poder melhor passar à ascensão para planos mais elevados, procuramos pôr em foco a nossa observação sobre o animal-humano, que está mais perto de nós. Podemos assim delinear o fenômeno da ascensão espiritual, também de um ponto de vista biológico e ver a que tipo diversamente **forte** a vida quer chegar nos níveis mais altos. Todo plano evolutivo produz o seu modelo, ou obra-prima. O reino mineral produz os cristais geometricamente perfeitos, o reino vegetal produz a flor maravilhosa e a árvore soberba, o reino animal produz a besta ágil e **forte**, o reino humano produz o herói condutor de povos, o reino super-humano produz o gênio e o santo. Assim, cada fase alcança a sua finalidade, ingressando, depois, na sucessiva, para alcançar outra mais elevada, subindo, assim, aos poucos, os degraus da evolução, que não representa senão a

gradual, exterior manifestação de Deus, a progressiva realização do Seu pensamento no Seu universo. Todo novo impulso ascensional só se pode tomar da base que antes se haja alcançado e onde estejamos consolidados. Toda forma é o resultado do passado e das conquistas precedentes que resume, e não se pode subir para a sucessiva sem ter cumprido, elaborado e assimilado as precedentes. Dessa maneira a construção continua além do gênio e do santo, limites máximos da nossa atual concepção e perfeição. É sempre a vida que se enriquece através de miríades de experiências nas individuações que a personificam. O que é da vida é nosso e somos feitos de tudo aquilo que vivemos. Como de outro modo se pode conquistar consciência, senão através das próprias experiências?^{8 (p. 97)}

Em que fica, diante de uma visão assim tão vasta, a nossa pequena biologia, com os seus fins limitados à sua fase e relativos modelos? Em que fica, na biologia universal, o nosso “mais **forte**”, obtido por luta e seleção? O mais **forte** nessa biologia o é em sentido todo diverso, e aquele tipo se forma através de uma luta e uma seleção bem diversas. A maior luta não é contra o semelhante para o submeter a servidão, pobre emersão de uni bruto entre brutos, mas é para a conquista de qualidades superiores de sabedoria, decisiva emersão fora da animalidade e da ignorância. O mais **forte** nessa biologia universal é o mais evoluído, que é verdadeiramente melhor dotado, porque é mais rico em qualidades, para vencer as batalhas da luta pela vida. Ele vence sempre melhor que o involuído, de mente obtusa, embora materialmente **forte**. Os grandes monstros paleontológicos, quais os brontossauros etc., bem gigantescos, pereceram por sua estupidez, enquanto sobreviveram animais menores e menos **fortes**, porém mais inteligentes. O homem os está chefiando. É lógico que a vida dê a vitória ao mais evoluído, que representa o seu produto melhor. E ele merece, porque há mais tempo provou o seu valor e sofreu e, como tal, é o mais rico de experiências e qualidades. A vida é sempre econômica e **justa**. Mais no alto vence não o homem de corpo mais **forte**, mas aquele de espírito mais potente. Defronte ao seu dinamismo de alto potencial, a brutalidade é somente estúpida destruição. Que pode a ferocidade contra um explosivo? É belo observar a luta apocalíptica entre o anjo e o bruto. Ela não é senão um momento da maior luta entre a luz e a treva, entre Deus e Satanás. E Deus e a Luz vencem.^{8 (p. 98-99)}

Em qualquer nível a vida exalta e faz triunfar aquele que é o melhor em relação ao seu ambiente. Assim ela obedece ao seu campeão, vencedor do próprio plano. Dessa maneira, nos limites deste e relativamente às próprias capacidades, ele é admitido à colaboração na Lei com a direção de fenômenos, porque como campeão ele merece confiança. O tipo físico domina só a matéria, o dinâmico domina a energia, o tipo espiritual domina o espírito. Hierarquia de potencialidade e de domínio; pois que, no fundo, o mais **forte** é quem está mais

no alto na evolução, porque é aquele que mais manda. Ele opera nas causas profundas de que, depois, tudo deriva, opera com o espírito que dirige a energia e através desta, termina na matéria e sobre ela atua. O primitivo que crê somente na *força* não pode compreender que a *justiça*, se vence mais tarde, vence mais profundamente do que a *astúcia*; que inteligência e bondade vencem afinal toda violência; que uma ideia, quando responde a uma função biológica, é mais potente do que um explosivo. O mais *forte* no sentido materialista deve compreender ser como é somente no seu campo animal-humano, além dele, é um fraco e inepto. Passando de um plano a outro, as posições se invertem. O Evangelho demonstra ser, também, uma escola de *fortes*, mas de uma *força* diversa. Por isto os vencedores pela violência a esta se apegam desesperadamente. Eles sabem que estão perdidos, porque os evoluídos, despojados de tais meios, não têm necessidade de lutar. De mártires, transformam-se em juizes. Em um plano mais alto, os inferiores tremem ao aventurar-se porque se sentem desarmados. E então se desafogam sobre os mais evoluídos, golpeando-os pelo lado material. Mas estes são invulneráveis no seu plano espiritual, onde triunfam. Esta é a história de todos os mártires, até ao maior, o Cristo.^{8 (p. 99)}

Tudo isto obedece às leis que permanecem iguais à distância de milênios e de uma ponta a outra do mundo. Elas tornam a aplicar-se todas as vezes que o ser se encontra em um dado grau de evolução. A ascensão apresenta-se livre para todos, mas quando se quer percorrê-la, a rota é inalterável. Toda nossa atitude, seja qual for prende-nos sempre a um sistema do qual precisa, depois, exaurir e absorver todos os elementos componentes, até à ultima consequência. Desse modo, quem se empenha no plano da *força*, é verdade, tem no começo a vantagem de ver tudo permitido: o lícito e o ilícito, o *justo* e o *injusto*. E assim ele pode escarnecer de todas as leis morais do plano evolutivo superior. E tudo vai bem enquanto ele tem na *força* seu único apoio. Porém, uma vez colocado sobre este terreno, se perde este seu único apoio, para ele não pode existir piedade. Então, a *justiça* que ele violou lhe fará pagar tudo aquilo que com a *força* ele tomou injustamente. A queda de tantos grandes da Terra nos mostra quão seja perigoso usar esse método, que está sempre pronto a nos trair. A *astúcia* é *força* de caráter psíquico, e igualmente tenta subjugar, por isto está sujeita às mesmas leis. Quando, após muito tempo, a mentira se descobre, para o *astuto* não há mais piedade e então ele paga por tudo. Cada um está ligado ao seu sistema. Porém, o mais sólido é o da sinceridade e da bondade, único para construir estavelmente, sem antecipações e débitos, que depois se hão de pagar. Então se suporta violência e *astúcia*, e simplesmente se deixa que o mundo saiba. Este então vê no *justo* condenado, o mártir, pois que a Lei está escrita na alma humana que, queiram ou não, tem o senso do bem e do mal. Princípios verdadeiros em ponto pequeno e grande, do indivíduo mais humilde aos povos e nações.^{8 (p. 99-100)}

As finalidades da vida estão acima das teorias humanas. Elas querem levar a humanidade para o espírito, onde há maior poder e felicidade, e não fazer dela um rebanho de animais que pastam. Todas as leis humanas, em qualquer campo, devem existir somente em função dos escopos da vida. É preciso compreender os seus planos e segui-los, se não se quer ficar derrotado. Enquanto, na Terra, os homens lutam para monopolizar *egoisticamente* tudo, a vida é sempre universal. Nenhuma classe ou indivíduo pode vencer isoladamente. A vida é já coletivista, há muito tempo. Se os mais evoluídos podem tirar da fonte, é porque devem irradiar para os outros. A *justiça* social que, hoje, tanto se procura, já existe na vida. Tudo nela está proporcionado; fadiga, méritos, poderes. Quem não é digno, usurpa ou abusa, recai nos planos inferiores, onde mais se serve e é excluído dos planos superiores onde mais se comanda. O vencedor deve pagar a sua vitória em favor do vencido, que deve ser pago pela sua derrota. Depois de ter cumprido a *justiça* (naquele plano) de fazer triunfar o mais *forte*, a vida cumpre a *justiça* de ajudar o mais fraco. Tudo é harmonia no conjunto, tudo é equilibrado com *justiça*. As derrotas são compensadas, como as vitórias são utilizadas, a *força* é apertada e a fraqueza excitada, e cada um é exposto conforme a posição dada pela sua natureza, pois que é esta que estabelece e atrai os assaltos. A natureza, nunca madrasta, compensará o servo à custa do patrão e o débil à custa do *forte*. Este, mais dotado, crendo dominar, prestará ao outro o serviço de guiá-lo; e o fraco servirá o senhor, e este será o educador do servo. As barreiras sociais são artifícios humanos passageiros, já que a vida tende à unidade e, além dos antagonismos, tende à simbiose. Na realidade o senhor não comanda e o servo não depende senão formalmente, mas eles convivem, influenciando-se reciprocamente, adaptando-se um ao outro; vencedor e vencido nada mais fazem senão executar funções complementares das quais cada uma tem a sua compensação. O dominador, com o bem-estar, se desfaz, e o servo, na sua dura posição, torna-se *astuto* e aprende a traí-lo. Assim, alguns povos são mais inteligentes porque se tornaram *astutos* em milênios de servidão. Dessa maneira, em qualquer posição em que estejamos, a vida nos faz mestres e alunos um do outro. No fundo de todas as dissensões e competições sociais, a vida já estabeleceu as suas harmonias, as faz funcionar e as põe em atividade. Cada um acaba por dar ao outro o que tem de si. Quem crê comandar serve aos servos, e quem crê servir se faz servir pelos senhores. O mais *forte* não pode deixar de irradiar e de se expandir nos outros; o mais fraco, porque é mais pobre, absorve. Assim o mais *forte*, ligando-se ao mais fraco, lhe permite viver. Tudo se reduz a uma universal convivência na qual cada um, conforme sua natureza, atende a fins diversos, com objetivos complementares, formando a única grande orquestração da vida. Não há posição que não se compense, de qualquer modo do peso que a grava. Assim o explorado explora como pode o explorador, numa rede de desforras, e tudo se reduz a trocas fraternais. A vida utiliza todas as suas células,

e, quer queiramos, quer não queiramos, a convivência no mesmo ambiente torna irmãos todos os seres.^{8 (p. 102-103)}

Qual é a sorte e a função dos fracos na sua economia? O número é a sua **força**. Assim a natureza os protege. Por isto eles se reúnem em grupos para se apoiarem uns aos outros. Sentem-se seguros somente entre as filas dos iguais, isolados, estão perdidos. Não sabem pensar e agir sozinhos mas pensam e agem coletivamente, como se fossem construídos em série, vibram em paralelo. Desprovidos de qualquer autonomia, eles não sabem funcionar senão por imitação. Para saber pensar e agir por si próprio, é preciso ter uma personalidade. As massas vão assim, como rebanhos, à procura de pastores. E a sociedade já tem os seus homens-guias e normas-guias: instituições e chefes, leis e costumes, civis, religiosos, em todo campo. O **forte** não vive na grei; ele emerge e se isola. A massa dos fracos é necessária para fornecer ao **forte** o material com que trabalhar; mas um trabalho que serve para todos, que se adaptam aos fins da vida. Tudo se reduz a uma distribuição de funções. Assim o povo tem necessidade de chefes, como os chefes do povo, os inteligentes têm necessidade dos ignorantes a quem ensinar e estes dos de quem possam aprender, os bons dos malvados para os ajudar e estes daqueles, para evoluir.^{8 (p. 103)}

Esses seres se combatem e entretanto não podem viver sozinhos; lutam para se conhecerem, chocam-se para se combinarem, para encontrar uma fórmula de sua simbiose. E se não é possível encontrá-la, a adaptação sabe, em geral, alcançá-la, então o mais **forte** destrói o mais fraco e o substitui na vida. Se isto parece cruel e desapiedado, é a esse sistema que a natureza deve a sua **força** nos planos inferiores. Assim cada ser tem o seu natural inimigo, segundo sua natureza, e nele o seu contínuo exame de prova. “Diz-me com quem lutas e te direi quem és”. Os grandes são solitários. Não aceitam a luta pelas pequenas coisas terrenas e não é com esta que se ligam aos seus semelhantes, mas somente por missão de bem. Eles não agridem os fracos, mas deles sentem piedade. O fraco tem sempre a vantagem de ser menos odiado, pois não se odeia o inferior, que se pode dominar, ele obedece e não oferece obstáculos. Odeia-se, ao contrário, quem, sendo mais **forte**, representa uma ameaça e por isto é temido. Cada assalto, na natureza, é, no fundo, uma defesa. Todo ser é levado a agredir quem para ele representa um perigo. Quando a simbiose não é possível, então um dos dois deve perecer, isto é, o menos dotado. Dessa maneira a vida alcança os seus fins seletivos no plano animal-humano. Ela elimina os ineptos. Se isto parece ferocidade nos planos mais altos, não o é em relação àquele em quem se verifica e à sensibilidade dos seres que toca. O que justifica a vida é a função. Se cai esta, aquela é inútil. As células imperfeitas dos grandes organismos são sacrificadas para vantagem e perfeição das outras. Esta é a condição do triunfo final.^{8 (p. 103-104)}

Assim é a sabedoria da vida. O que é destrutivo, no fundo é criador, e o que é negativo, assume um valor positivo. E a harmonia do conjunto, no caso particular, o indivíduo inepto não é destruído senão na forma, enquanto o princípio espiritual reencontra a vida em uma forma mais adaptada; ele é eliminado do ambiente que lhe é menos profícuo. A vida segue aqui um seu método geral e lógico para a eliminação dos valores fictícios e das passividades. Permite que na desordem das revoluções, na decomposição dos enquadramentos sociais, aflorem os extratos inferiores. Então a história, momento da biologia social, está em crise. A vida procura, pois, superá-la para dela sair mais **forte** e imunizada como acontece nas doenças. São esses os momentos em que os micróbios patogênicos, que em patologia orgânica como na social são os envolvidos dos planos inferiores, prosperam, só porque encontram o ambiente adaptado, da demolição. Micróbios sociais que não afloram senão nas horas patológicas das revoluções. Depois eles são repelidos para os planos biológicos inferiores, seu ambiente natural, porque é no próprio plano de vida que cada ser acaba sempre recaindo, por peso específico, equilíbrio e sintonia. Assim os filhos da desordem são depois retornados no ciclo de **forças** do seu mundo, pois que ninguém pode resistir longamente fora do seu elemento. As posições fictícias, não correspondentes aos valores reais, logo caem. Desse modo os vencedores das revoluções raramente são os que as fizeram e depois se restabelece uma ordem diversa da qual eles são expulsos. Se, em princípio, as revoluções são destrutivas, e então a vida mobiliza a ralé incumbida dessa destruição; exaurida, porém, essa sua função, a vida se desembaraça desses elementos agora inúteis, para chamar à ação os mais evoluídos. Dá-se, assim, um como que processo de decantação ou depósito, pelo qual as unidades mais grosseiras e de maior peso específico, gravitando para baixo, aí retornam para se encarregarem de funções inferiores.^{8 (p. 104)}

Semelhantemente, a guerra é o grande catalisador, isto é, representa a ação decisiva, na química dos povos. Tudo isto a vida faz para voltar aos valores efetivos e para se garantir com a eficiente função de cada um. Exame periódico de tudo – indivíduos, castas, povos, leis, instituições, religiões – para reformar, desfolhar, liquidar, deixando somente o útil e o bom. Com esses meios a vida trabalha para se livrar das escórias, das incrustações, das superestruturas que lhe impedem o caminho. Poda-se a árvore social, obra essa em que todos colaboram a seu turno. O pensador lança a ideia, o homem de ação a apanha e a aplica, as massas a fixam. Eles sentem, não analítica e racionalmente, mas intuem por instinto, em cujo fundo é a vida que fala; são guiadas pela psique de seu núcleo vital. Os fracos, reunidos em grupo, sentem qual é a verdade que pode executar a função biológica de ajudar e salvar e a ela se apegam. Tal é, por exemplo, a materna e protetora função biológica das religiões à qual mais do que todos, se agarram os fracos à procura de ajuda, os deserdados, os vencidos para superar a dor, esperando e crendo. Eis o rebanho reunido e sectário. Poucos

são os **fortes** capazes de dar, em vez de pedir. Os demais procuram apoio, uma defesa da vida, e os meios que os auxiliam cumprem uma função biológica.⁸ (p. 104-105)

A técnica da evolução

Iniciamos este volume partindo da psicologia do involuído. Desse ponto é que se iniciou a nossa ascensão, estudada anteriormente a um simples caso vivido, experimentalmente observado. Depois, para tomar o impulso a uma ascensão mais vasta, dilatamos a observação a todo o plano inferior da animalidade, para ver suas leis de luta e seleção para a produção do seu tipo mais **forte**, de acordo com a biologia daquele plano. Enfim, no precedente capítulo, para passar ao plano mais alto e à sua biologia, pusemos em foco a observação do fenômeno da metamorfose do humano ao super-humano, mas não mais, como antes, numa particularidade, mas estendendo o estudo até à visão das leis gerais do fenômeno que o regulam para todos. Alcançado esse ponto, podemos estender o nosso exame à mais íntima técnica do mais vasto fenômeno de toda a evolução. É maravilhoso observar o método pelo qual funciona e se cumpre, pois que ele exprime a técnica do processo da criação, o sistema com o qual se realiza a perene ação criadora de Deus. Este, pois, além de transcendente, é também imanente e presente, qual pensamento que sempre mais perfeitamente se exprime na forma evolvente, em que ele se manifesta. Também este fato é aqui relatado por meio de visões percebidas por intuição. Elas assim se fazem sempre mais vastas e profundas, à medida que o argumento se desenvolve, fazendo-nos ascender de plano em plano, que nos levará a compreender o espírito e a sua estrutura. Do fato que tais concepções são obtidas, não por análises com método racional objetivo, mas por síntese com o método da intuição, deriva a sua **força**, segundo a qual elas são aqui apresentadas. Enquanto a mente moderna se demora na investigação do particular e na infinita casuística, aqui se concebe por grandes linhas de orientação, indo diretamente às soluções dos problemas e às raízes dos fenômenos, mostrando, assim, seu funcionamento substancial. Então, a nossa exposição não pode assumir, conforme a hodierna forma mental objetiva, a forma periférica aderente aos efeitos, mas é central, aderente às causas. As deduções, as aplicações ao caso particular, o íntimo e incomunicável controle experimental que o autor fez por si mesmo, depois qualquer um poderá fazê-lo em si e por si.⁸ (p. 119-120)

Equilíbrios

Vê-se, pois, como temos em casa, antes em nosso próprio corpo, aqueles longínquos equilíbrios cósmicos pelos quais não nos interessamos, porque nos parecem muito afastados. Temos, ao contrário, em nós, e nos revelamos, como tudo, o mesmo esquema do universo. E a ordem está em nós e em todas as coisas e a essa ordem devemos nós, e tudo deve, a existência. Na admirável distribuição de funções da economia da natureza, é ao princípio masculino que cabe a ação de precipitar, neutralizar e expelir tóxicos, toxinas, qualquer inimigo orgânico e seus efeitos remanescentes. A ele é confiada a luta para a defesa orgânica. Por isto os temperamentos nervosamente *fortes*, de mais alto potencial nervoso, tem maior resistência orgânica. Mas aí, se a sua função não fosse freada e equilibrada pelo princípio oposto! Vimos o que sucede logo que os dois processos celulares de síntese e redução não se equilibram. Também o nosso metabolismo orgânico é uma luta, mas uma luta equilibrada. O princípio de dualidade e o esquema desse sistema de *forças* centrais e periféricas são uma lei universal. É esta universalidade que dá a toda manifestação do ser a forma de luta. Compreende-se assim como o próprio homem não possa fazer nada senão em forma de luta e como toda atividade assuma e não possa assumir senão essa forma. Ela nos indica a impossibilidade e o absurdo de querer eximir-se do esforço de medir-se com o próprio antagonista e como cada ser tem, naturalmente, conforme sua natureza, o seu próprio. Assim se explica como sem luta a vida se extingue. A gênese das defesas e da *força* que nos robustece está na luta. Conforme o que cada um é tem o seu paralelo e proporcionado antagonista, que o atrai e se deve medir com ele, para que se forme logo a hierarquia de quem manda e de quem obedece, segundo o seu valor, porque sempre e em qualquer parte as *forças* se dispõem naturalmente segundo o mencionado esquema sideral atômico. Essa é a lei do cosmo. Não há, portanto, outro recurso senão sermos *fortes* e premunidos, como nos quer a própria luta. Ou lutar e lutando ficar *forte* e vencer; ou servir e suportar, adaptar-se e, no caso extremo, morrer.⁸ (p. 148-149)

A coletividade tem a sua forma de vida masculina e feminina. Nos períodos de grande esforço inovador e evolutivo, tudo se dinamiza e se torna macho. E assim a fêmea. Nos períodos de estagnação no bem-estar, em que se colhe o fruto do esforço precedente, se assimilam e fixam os resultados, tudo se harmoniza, embeleza e refina e se torna fêmea; e assim o macho. Enquanto antes tudo era *forte*, mas rude, depois tudo se aperfeiçoa, torna-se gentil, mas também se debilita. Primeiro, a guerra e as revoluções, a vontade e a conquista, depois na paz as artes, a beleza e o amor. Assim se alternam, como o dia e a noite, fadiga e repouso, criação e assimilação, e com alternado trabalho, cada um repousando enquanto o outro se cansa, avançam espírito e matéria. O contínuo alternar-se dos dois períodos históricos, clássico e romântico, responde

precisamente à lei do dualismo universal que reencontramos nos dois sexos. Trata-se de desequilíbrios sucessivos, necessários para o movimento evolutivo, que, porém, se compensando, sempre se equilibram. O mundo está hoje dividido neste sentido. De um lado um totalitarismo tirânico, revolucionário, guerreiro, pobre e conquistador, do outro lado as livres democracias, pacíficas, fartas e acumuladoras. De um lado o princípio comunista para tomar, de outro o princípio capitalista para conservar.^{8 (p. 150)}

Ora, considerada em posição de equilíbrio e não como fase de transição, a vida da mulher, por sua natureza, reflexa, procura todos os seus motivos no macho em função do qual, como verdadeiro satélite, vive e funciona. Essa é a sua posição natural, o seu equilíbrio a que ela, naturalmente, sempre tem tendência para retornar. Somente ao macho a natureza dá a iniciativa. Ao satélite-fêmea cabe a obediência. E se, transitoriamente, arrastados pelo prevalecer do impulso oposto, o macho se adapta a funcionar como fêmea e ao contrário, isto sempre se dá por substituição. O deslocamento é acidental e transitório. A verdadeira mulher ama, o verdadeiro homem conquista. Na evolução, à frente está o macho e, atrás, seguem os satélites. Na frente do trem está a máquina e não os vagões que, ao contrário, se deixam arrastar. Já que há tantas formas de evolução e tantas diversas altitudes, o progresso depende do que esse macho compreende. Se ele é ainda um involuído, fará a luta animalesca para a seleção do mais *forte*, tipo animal. Se for evoluído, fará uma luta mais inteligente e civil, para a seleção de um tipo biológico mais elevado. Mas, em cada caso, a mulher não pode senão inserir-se no sistema do macho, senão seguir passivamente o elemento ativo. Quando quer se tornar ativa, fica naturalmente fora de fase e, não sendo munida pela natureza para essa função e luta, vem a encontrar-se em condições de inferioridade e naturalmente fica em desvantagem. Se é mulher, não pode funcionar como núcleo. Isto é inato nela até nas profundezas celulares do seu organismo. O fato de ser escasso o poder oxidante da sua célula e, pois, reduzido o volume de energia que dela brota, constitui uma carência natural, insuprimível, até às suas últimas consequências, também nos planos superiores da psique. Por isto a mulher, essencialmente protoplásmica, tem necessidade de se completar, pedindo o poder dinamizante ao princípio nuclear masculino.^{8 (p. 150-151)}

Façamos uma última aplicação no campo espiritual. Todo chefe, em qualquer campo em que opere, é sempre um núcleo em torno do qual gravitam discípulos, súditos, exércitos, imitadores, clientes. Em toda manifestação coletiva, social, política, religiosa, econômica, intelectual, também as *forças* espirituais se distribuem metodicamente, segundo o esquema habitual de núcleo central e elétrons periféricos, rodando em torno à guisa de sistema planetário. O chefe, à semelhança de sol, sempre arrasta atrás de si a sua corte de satélites. O esquema de distribuição de *forças* no sistema do átomo, da célula, como no

solar, é o mesmo, também nos sistemas políticos nos quais se ordena a sociedade humana. Os povos giram em torno de seu governo. Os dois são opostos e complementares, no âmbito da nação, eles lutam entre si, mas formam a nação que é uma unidade. Para que o sistema de *forças* se possa formar, é necessário que os dois termos sejam reciprocamente proporcionais e qualitativamente afins, de outro modo o equilíbrio e a simbiose não se formam ou se desmancham. Por isso os povos têm os governos que merecem e ao contrário. No grande organismo coletivo, nova unidade biológica do porvir, hoje em formação, o povo representa o protoplasma, a massa demográfica acumuladora de carne e de bens. O chefe é o núcleo que tudo move e dinamiza, mas que está, também, pronto a tudo queimar, para o progresso, nas guerras e revoluções. Dessa forma os dois termos se condicionam, se freiam, se equilibram reciprocamente. Depois de um esforço bélico ou revolucionário, os povos se recusam ao movimento inovador e se concentram, exaurido o esforço expansionista, na função de acumular. Chefes e massas funcionam subordinados e, como macho e fêmea, não se sabe quem mais comanda. Algumas vezes os povos mandam e os chefes obedecem. Quem guia a história não são, pois, nem uns nem outros, mas as leis da vida que guiam todos. Não há vontade humana que nos possa fazer sair desses equilíbrios e ordem. No interior de cada unidade há sempre luta e contraste, cada Eu (núcleo) está abraçado à sua contradição, e quanto mais ele é *forte*, tanto maior é a sua atração e tanto mais numerosa é a corte dos seus satélites, que são seus sequazes e também inimigos. Ao vencedor, todos rendem o obséquio da fêmea ao macho. É a homenagem da vida ao seu mais válido princípio, positivo, dinamizante, aquele a quem é confiada a evolução. Quem vence, é rei. Esta é a lei em todo campo.^{8 (p. 152-153)}

Inferno e paraíso

Estabelecida a relatividade da nossa biologia, mesmo admitindo que ela esteja conexas por analogia com a biologia universal, devemos admitir que as suas leis dizem respeito só e particularmente ao nosso ambiente terrestre. Neste sentido devemos entender a lei que aqui vigora da luta pela seleção do mais *forte*, não devemos dar a este princípio um valor universal, mas somente relativo ao ambiente humano que ainda é de prevalência animal. Se aqui esta lei pode ter função evolutiva, e isto em proporção ao baixo grau do ser ao qual se aplica, em planos superiores tudo isto pode parecer, ao contrário, uma atividade destrutiva e infernal, ilógica e bestial, tendente ao retrocesso e não ao progresso. E assim para todas as expressões da nossa vida, como as formas de amor, de reprodução, de nutrição, a atividade regida, não pelo conhecimento mas pelos instintos etc.^{8 (p. 167-168)}

Como se vê, não havemos de ir muito longe para procurar os motivos dominantes no ambiente infernal, que eles nos são postos sob as vistas pelo reino humano do involuído. A dor é a nota dominante desses mundos inferiores. Ela está em relação direta com o grau involutivo, periférico e caótico do ambiente. Se observamos bem, no inferno, a dor é causada pelos próprios sofredores. Nesses mundos distanciados do centro, a divina potência central não intervém enviando agentes próprios. A Sua ação, nesses ambientes de treva e tristeza, é de todo negativa e consiste no retrain-se, no negar-se, deixando o ser na atmosfera que ele faz. Para subir ao Paraíso, é necessário que o ser, evoluindo, crie uma atmosfera melhor para si. Deixai os involuídos sozinhos e eles farão logo um inferno. Deixai os evoluídos sozinhos e eles farão logo um paraíso. Nos primeiros, a distância do centro faz com que a unidade do todo se despedace no *egoísmo*, a ordem se decomponha na desordem, de modo que as relações coletivas são, sobretudo, de agressão e de ódio. Lá onde Deus está, longe como está o sol do planeta Netuno, é natural que a Sua luz chegue apenas sensível e Sua luz significa inteligência consciência, amor ordem, harmonia, felicidade. Então todo ser torna-se um demônio. Longe de sua fonte a vida se contrai. Em vez de se expandir, fértil, ela se faz magra, hostil, feroz, qual é a dos abrolhos na rocha. Estes não produzem senão espinhos. Toda doçura e beleza desaparece. O mal triunfa e é conduzido pela Lei à sua autopunição, é levado a infligir na própria carne os agulhões da ofensa para sua redenção. A tendência periférica do universo é, no mal, uma dor sempre mais intensa até à autodestruição. Eis a gênese e o significado daquilo que em nosso planeta se chama luta pela vida e seleção do mais *forte*. Este conceito, desenvolvido ainda em direção involutiva, nos leva ao super-homem de Nietzsche, que é o verdadeiro tipo biológico do superbruto, o rei campeão de um mundo de demônios. É assim que a rainha Isabel da Inglaterra, ligada ao sistema do seu mundo é “obrigada” a fazer matar a sua real irmã Maria Stuart, e exclama: “Aut fer aut feri; ne feriare feri”. (É preciso ferir para não ser ferido; se não ferires, serás ferido). Toda vida e posição é dominada pelo seu sistema. Todo jogo tem as suas regras e com elas é preciso jogar até o fim.^{8 (p. 172-173)}

A vida tem necessidade, não somente da fecundação da carne, mas também do espírito. A primeira forma a massa, a segunda lhe dá a alma. Corpo e espírito, involuído e evoluído são, como a fêmea e o macho, complementares. Por isso se atraem. No caminho da evolução o crescimento da carne é um meio para crescer no espírito. A carne tem os seus limites e somente o espírito a pode ajudar a superá-los. O espírito, é o seu raio vivificante. A carne é fraca, o espírito é potente. Assim a fecundação espiritual se sobrepõe, por outros caminhos, à fecundação orgânica, a eleva e a completa. Os dois termos da fecundação espiritual não são macho e fêmea, mas involuído e evoluído. Este é o fecundador, de sinal positivo. Aquele é o fecundado, de sinal negativo. Como a semente e a terra, eles têm necessidade um do outro. Um é rico, porque está

mais perto de Deus e então dá, o outro é pobre, porque está mais distante, e recebe, seja embora massacrando o seu benfeitor. Esta é a sua forma de chegar-se ao próximo. Ele recebe, com reserva, assimila para tornar a brotar conforme a semente fecundadora. Explicam-se assim tantas frases do Evangelho. Eis algum outro elemento de biologia transcendental. Os dois termos opostos, portanto, se atraem. Os inferiores são atraídos pelos superiores e naturalmente com a própria forma negativa de destruição. O involuído mata os seus profetas para venerá-los depois. Por outro lado, os superiores são atraídos pelos inferiores e, naturalmente, com a própria forma positiva de construção. O evoluído sacrifica-se pelos homens para os melhorar. Uns e outros se exprimem em formas de bem ou de mal, quais são. Eis o mistério do amor que mantém o universo, por infinitos liames entre os seres, seja quando ele se manifesta, pelo lado positivo, como amor, seja quando pelo lado negativo, como ódio. Assim o martírio é lei de amor para os mais evoluídos, cuja superioridade na divina economia do universo não é ociosa, é antes por *justiça* repleta de deveres. Somente assim se pode compreender Cristo. Abre-se diante dos nossos olhos a visão da ordem divina, que se torna hino de amor e de bondade também nos reinos inferiores da treva e do mal. Eis a procura afanosa da ovelhinha desgarrada, à procura do pecador em vez da dos *justos*, que já estão salvos. Que orquestração de amplexos para o universo em todas as direções e alturas! Que real fraternização opera o amor de Deus, ainda lá onde parece não reinar senão ódio! Que contínua descida de anjos para os mundos inferiores, em procura das obscuras criaturas irmãs a serem iluminadas. E que alegria no desempenho dessas missões, também no martírio, que regozijo para os anjos de Deus ao se tornarem mensageiros do Seu Amor! Em nosso baixo mundo se admira e se exalta o dinamismo do macho atual – dinamismo involuído, cego e destruidor –, semeador de dores. Saberá ele quanto sacrifício de seres mais evoluídos será necessário para educar e elevar este seu dinamismo, para torná-lo construtivo, isto é, semeador de alegria? Que encontro angustioso, mas que centelhas emanam dele! O inferior goza da dor dos outros como de uma vitória e a procura com indiferença. O superior toma a seu cargo a dor dos outros como coisa própria e a sofre. Que importa? Ele sofre na luz do amor divino. Quanto são diversas, a dor do mártir que vê o seu fruto e é confortado na comunhão com Deus, que lhe vem desse martírio; quanto são diversas a dor cega e desesperada, que nasce, não da proximidade das fontes da vida, mas do afastamento delas! Quanta distância entre uma dor bendita, carregada de amor, e uma maldita, carregada de ódio! O homem mais evoluído de amanhã compreenderá que inferno o homem involuído de hoje faz da sua Terra. É necessário avizinhar-se do paraíso. Estamos no limiar de uma nova civilização. A luta é apocalíptica, mas raios potentes se projetam sobre nós. Dos mundos superiores, infinitos seres nos olham.⁸ (p. 175-176)

Deus e universo (I parte)

Estabelecidas, pois, as relações entre Deus e o Universo, perguntamos por que Deus quis exprimir-se nessa sua manifestação e os seus significados e finalidades (admitido o universal princípio de causalidade)? Encontramo-nos aqui em face de uma primeira, mas só aparente, contradição. Se de um lado, somente o conceito de um Deus perfeito, absolutamente **justo** e bom, sacia o instinto de nossa alma que não pode admitir outra coisa, na realidade dos fatos, em nosso mundo o vemos imperfeito, muitas vezes **injusto** e mau. Por que haverá este efeito, tão dissemelhante da sua causa? Repugna totalmente à nossa alma transferir para a causa essas qualidades dos seus efeitos. E então, como uma tão maravilhosa fonte se há depois corrompido na dor e no mal, na sua manifestação? O espírito humano se encontrou desde Os primórdios da civilização em face desse problema e tentou resolvê-lo com o mito da queda dos anjos e, pois, do pecado original. Conforme essas soluções, o nosso atual universo não seria senão uma degeneração de um outro universo perfeito que ruiu por obra da criatura que quis trair o criador. O ser seria um decaído em poder da dor e capitaneado por Satanás, um antideus, rei supremo do mal. Diante de Deus ter-se-ia assim formado, na sua própria manifestação, um universo inimigo. Daqui nasce um dualismo antagônico, irresolúvel, em guerra, bem diverso do dualismo harmônico e unitário que acima havemos descrito. As duas partes formam uma cisão, uma insanável fratura dissolvedora e não um equilíbrio compensado que contrapõe os opostos, tão-só para os unificar construtivamente. Aqui ao contrário estamos defronte ao naufrágio da obra de Deus. Como podia Ele, com as qualidades que lhe devemos atribuir, falir tão miseravelmente; como podia não haver sabido prever e, enfim, ficar vencido e subjugado pela vontade da sua criatura? Isto implica algum grave defeito de origem para chegar a tão desastrosos efeitos; e, como podia, tudo isto, estar em Deus? E eis que a criatura superou o criador e o substituiu na direção e, justamente, em sentido contrário, como um segundo deus invertido. Então o primeiro Deus deve modificar os seus planos imperfeitos e mal executados, com diretrizes diferentes, e socorrer o ser caído, com a Sua redenção. Disto resulta uma série de consequências bem conhecidas.^{8 (p. 184-185)}

Não há um antideus, não existem atritos, erros a sanar, Deus não tem inimigos, Satanás é o Seu servo e, neste sentido lhe está sujeito, logo é seu instrumento para os fins do bem que é a única lei de um Deus só, senhor de tudo, verdadeiramente bom, **justo** e perfeito como o instinto da alma nos diz e exige. Há assim funcionamento orgânico unitário e não uma cisão entre o bem e o mal.^{8 (p. 186)}

Observemos, porem, sempre mais de perto, esta visão monística do universo. Se Deus, pois, aparece perfeito, absolutamente bom e **justo**, por que

existem na sua obra essas sombras que são o mal e a dor e qual é a sua função? Como podem essas *forças* negativas funcionar afirmativamente, esses ímpetos destruidores fazer parte do mecanismo criador? A perfeição de Deus não importa em que Ele haja criado um universo já perfeito como é Ele próprio. Ele pode ter construído um universo perfectível, isto é, que evolui sempre mais para a Sua perfeição, um universo que, no tornar-se, é ascensão para esta, e que no entanto, nesse progressivo caminho de conquista, exprima uma perfeição de meios e de método. Isto corresponde à observação de realidade e explica o dualismo transcendência-imanência, bem-mal, Deus-Satanás, porque o universo é uma projeção de Deus para o polo oposto a Ele, do imóvel para o tornar-se, do absoluto para o relativo, do perfeito para o imperfeito. E aqui surge a grande pergunta: por que essa projeção? Eis o nó da questão. Deus era perfeito, completo em si, causa sem causas. E eis que Ele se lança na concatenação sem trégua da causa e efeito, no laborioso trabalho de um tornar-se evolutivo, lança-se na imperfeição para criar fora de si uma perfeição semelhante a Ele. Por que isto? Há aqui, verdadeiramente, uma ruptura em dois da unidade divina, pelo que Deus se projeta e vem a existir não mais somente na substância, mas também na forma; assim se encerra na limitação, submete-se ao esforço de uma ascensão, pulveriza-se no particular e se sujeita a atravessar os oceanos do mal e da dor. Que há no fundo desse caminho, no fim de todo o processo? Há um universo de seres que conquistaram a consciência, isto é, a verdadeira existência, retornando a Deus por quem foram gerados. A cisão, assim, no fim se anula e a unidade é reconstituída. Cisão, pois, transitória e puro meio, condição de uma unidade nova e mais ampla, na qual Deus terá realizado uma criação nova, de inumeráveis falanges de humanidade que Nele reencontram a sua unificação.⁸ (p. 188)

À medida que vamos observando esta visão, aparece-nos mais claro o conceito de Deus. Se no Seu aspecto transcendente Ele é separável, independente da criação, imensamente distante de nós, no seu aspecto imanente, Ele está fundido e presente na criação, imensamente perto de nós. Então se compreende como cada fragmento do criado possa refletir a estrutura do todo. É este repetir-se do universal esquema único nos infinitos esquemas menores, todos do mesmo tipo, que justifica o princípio da analogia, que usamos. Podemos muito bem, pois, ver Deus refletido em todas as coisas. O absoluto se repete ao infinito, no relativo. Deus nos aparece como a atmosfera em que o universo está imerso, tudo nos fala Dele, nos faz sentir a Sua presença. Mas não é só. A manifestação de Deus é progressiva, proporcionada ao grau de evolução alcançado. E a toda nova aproximação do ser no Seu conhecimento, Deus se manifesta sempre melhor, *justo*, perfeito. Assim se compreende o conceito de evolução, qual retomo do ser à fonte que o gerou, qual lei de ascensão continua e fatal para esse divino centro que tudo atrai. Vemos fechar-se o circuito do movimento dualístico, antes centrífugo ou projeção da causa para a periferia ou

forma, sua expressão, e depois na atual fase, centrípeta, de reabsorção na causa do centro-Deus, fase na qual a forma se adelgaça, ficando sempre mais visível o espírito animador. Eis o significado da ascensão moral, da elaboração e formação progressiva da consciência, da catarse, dos conceitos de dever e de virtude. Eis como, com a evolução, a forma deixa mais transparente a animadora presença de Deus.^{8 (p. 189-190)}

O drama de quem crê

Disse que Deus desaparece da nossa mente quando O desantropomorfizamos. E, no entanto, Ele ressurgem em nosso pensamento e diz a cada um de nós: “Olha em torno: em toda parte, Eu estou”. E tudo volta a falar-nos Dele que volta a olhar-nos de uma miríade de rostos diversos. E nós, que julgávamos havê-Lo perdido, por não O vímos mais localizado numa forma, vemo-Lo ressurgir diante de nós em todas as formas. Verdadeiramente para tantos pode essa imanência tornar-se amedrontadora e, então, eles se afanam em enclausurar Deus nas igrejas e em distanciá-Lo no transcendente, para ficarem mais livres de Sua presença, que os preocupa em seus negócios quotidianos. Mas quem sofre e tem ânimo puro, o **justo**, goza dessa imanência e se lhe agarra com todas as suas **forças**, como única defesa, e não há condenação espiritual que o possa destacar dessa sua fé.^{8 (p. 266)}

9. ASCENSÕES HUMANAS

O princípio de unidade

Neste plano de vida dominam princípios bem diferentes. Ao invés do *egoísmo*, o *altruísmo*, ao invés da lei do mais *forte*, a lei do sacrifício e do amor. No evoluído o involuído é transtornado nos seus instintos e métodos. Se no segundo a vida do espírito cede em favor da vida do corpo, no primeiro é a do corpo que cede em favor da vida do espírito. Então a Terra, antes campo de realização e de conquista, torna-se teatro de sacrifício e de missão, porque a realização e a conquista se transferiram inteiramente para o plano mais elevado do espírito. E a vida terrena, em vez de enriquecer, espolia, porque para o evoluído ela se tornou sinal negativo, dado que o positivo é representado por uma nova vida que apareceu, ignorada ao involuído, a vida do espírito. Quem freme por dominar e enriquecer-se, não se iluda: está no caminho da descida em direção que conduz a pulverização. Só quem gosta de dar e sacrificar-se pelos outros esta no caminho da ascensão, em demanda da unificação. Poderá parecer utopista, mas só ele está habilitado a transformar um mundo de ladrões e assassinos, em um mundo de civilizada colaboração fraterna. O elemento coesivo de unidades maiores só se pode encontrar em quem concebe a vida como um encargo *altruístico*. Só uma massa de semelhantes indivíduos pode formar um organismo social. Querer organizar um coletivismo real com o tipo biológico involuído é mera utopia.^{9 (p. 20)}

Capitalismo e comunismo

Ninguém nega a bondade e a verdade do Comunismo como *justiça* social. Mas para que uma ideia seja aplicável em toda parte, é necessário que seja universal e não o produto apenas de um dado povo ou regime. Ora, somente o Evangelho, que não é filho de nenhum governo e que, nascido de um povo dele se destacou, possui não só as características de universalidade, como se apresenta completo no campo espiritual, que é necessário à vida. A história nos mostra que quando o catolicismo se nacionalizou em um povo e em um governo temporal, originou a reação nórdica e antilatina do protestantismo. Assim sendo, para evitar cismas em um Comunismo universal, não restaria outro caminho que o de um imperialismo tirano e escravagista, o que também significaria chegar-se a pior injustiça social por meio da teoria da *justiça* social. E assim um processo tão deformado não estaria de acordo com a atual tendência evolutiva da vida, mas contra e, portanto, destinado por esta que é mais *forte*, a ser destruído, uma vez que o Comunismo não se universalize e não se

espiritualize, isto é, se não conseguir aproximar-se em tudo, mesmo como método, do Evangelho. A acusação movida pela Democracia ao Comunismo é a de que ele não é Comunismo mas capitalismo de Estado, não é *justiça*, mas uma forma de injustiça social pior do que aquela que ele aponta e pretende corrigir. De fato, o Comunismo se implantou como luta de classes, pelo que não pode concluir senão como imposição de classe, velha lei biológica do mais *forte*, que ele aplica como a vida sempre fez desde que o homem existe. Em escala mais ampla, luta de classe significa luta de povos e domínio de povos, imperialismo e imposição pela guerra. Onde está a *justiça* social? Pode-se alcançar a *justiça* pela *força*? Ou então a ideologia é pura forma e aparência, por trás da qual vigora a velha realidade biológica peculiar ao involuído que não sabe afirmar-se senão pela *força*? Então a novidade consiste apenas em acobertar o velho sistema da lei elaborada e imposta pelo mais *forte* em sua vantagem, com um manto de teórica *justiça* social? Então é preciso confessar que a vida, dado o que é o homem atual, não pode empregar outros sistemas para alcançar esta *justiça*, que, entretanto, representa a conquista a ser feita nesta nova atual fase de evolução.^{9 (p. 36-37)}

Em face destas mais profundas realidades da vida, todos os nossos nomes de partido e de governo passam para a segunda linha e parece até inútil amofinar-se com distinções atrás das quais, sob a forma especiosa de palavras novas, esconde-se o velho homem de sempre. Então se desce ao terreno da luta, em que é baldado procurar a verdade. Esta situa-se alhures, nas leis da vida. E por esta, as diferenças individuais existem e persistem e como tais voltarão a manifestar-se. Nenhum nivelamento econômico poderá impedir ao mais inteligente e voluntarioso de aparecer, e ao mais obtuso e preguiçoso, de ter que se submeter a ele. A distância entre servos e senhores corresponde a uma realidade biológica e está sempre pronta a reconstituir-se, mesmo na sua manifestação exterior de posições sociais diferentes. Nenhuma disciplina de estado pode alterar estas posições substanciais. Nos indivíduos como nos grupos, o mais *forte* se torna sempre centro em torno do qual, como planetas, gravitam os mais fracos, e seguem a lei e a ordem que ele lhes quiser impor.^{9 (p. 45)}

A unidade política

A mentalidade moderna, especialmente depois das últimas experiências bélicas, é impelida a fazer a crítica do velho conceito de nacionalidade, que dividiu e prejudicou o mundo por milênios. Então interroga: que interessa a qualquer um, matar, por motivos de estratégia política, homens que não conhece? Em face de qualquer afirmativa o espírito crítico moderno vai espiar por trás dos cenários, originando-se então a dúvida de que as exaltações

heroicas, as honorificências bélicas podem ser criações artificiais dos governos ou classes sociais, a serviço dos seus objetivos *egoísticos*, e que efetivamente não interessa aos povos assim conduzidos ao massacre, para vantagem de alguns. O racionalismo moderno abalou a confiança simples de antanho. Os últimos desmoronamentos de grandes potências e os rápidos transtornos que sofreram as pregações e os ideais, puseram à mostra o desgaste de muitos políticos que em geral antes se mantinham ocultos. O lamentável aspecto dos governos desnudados desacreditava a ideia de Estado. A proclamação feita aos quatro ventos do abusos praticados pelos dirigentes soou aos ouvidos do cidadão, inimigo natural de seu patrão estatal, não mais como uma reivindicação de *justiça*, mas como uma simples acusação pública contra toda autoridade, razão e justificativa de desordem e conseqüente incentivo à rebelião. Degringolou assim o prestígio da autoridade em si mesmo, personificada em quem quer que fosse. O homem, tornado o mais *astuto* e suspicaz pela constatação de tantos enganamentos, começa a compreender os truques de todos os governos, de todos os programas, de todos os partidos e sabe agora por que método a imprensa fabrica a opinião pública, e em meio a tantos mestres, aprendeu a desconfiar de todos. O homem de vida privada quer os seus negócios, a sua paz. Os povos estão cansados de guerra. Eles não admitem hoje senão uma guerra: a guerra contra aqueles que pretendessem desencadear novas guerras. Por este motivo, quem deseja fazer a guerra, antes desempenha o papel inocente do agredido, proclamando ao mesmo tempo que é o defensor da paz.⁹ (p. 51-52)

A unidade religiosa

No campo religioso ocidental esta dilatação não é exequível, pela segregação dos dissidentes, mas pela expansão além das formas atuais. É necessário encontrar, para lá do Cristo, chefe de uma única religião, o Cristo universal, conexo a todos, no qual, pois, pode concentrar-se o consenso de todos os *justos* que seguem os princípios do Evangelho, ainda que formalmente se filiem a outros ritos e hierarquias. Uma verdadeira expansão não pode verificar-se a não ser neste sentido, porque é o único que não gera reações de defesas naturais. Os obstáculos nascem do que é material e terreno. As cisões religiosas nasceram, com frequência, das rivalidades nacionais e raciais. Quando a ideia assume forma concreta de homens, hierarquias e interesses terrenos, entra-se no campo biológico, com seus absolutos antagonismos. Quanto mais a religião assumir forma material, tanto mais ressentir-se-á das lutas que dominam a vida terrena e delas dependerá. Se esta pode ter sido uma dura necessidade do passado, pela qual a religião, o poder temporal, a *força* e a guerra tiveram que misturar-se, é também verdade que tudo evolui e que, com o tempo, tudo se espiritualiza. Quanto menos a ideia penetrar no árduo terreno biológico, tanto

mais independente ela se torna de todas as limitações que daí derivam e tanto mais possível se lhe torna a expansão e a conseqüente unificação. Estas estão a serviço da espiritualização.⁹ (p. 57-58)

Hoje vivemos ainda em um mundo de cisões. Não se pode dar um passo sem tropeçar numa parede divisória. Nenhuma fé verdadeira pode existir com o espírito sectário de domínio e entretanto é este que se encontra em todo campo. É o mesmo espírito humano de luta e exclusivismo que impera. Deus, o bem, o **justo**, estão sempre desse lado; Satanás, o mal, a culpa estão sempre no lado oposto. É sempre o homem que age por si e não o homem que se faz instrumento de Deus. Os métodos de Deus são opostos: aqueles que o seguem, antes de pregar, praticam; convencem com o amor e com o exemplo antes de constringer com as argumentações, ameaças de sanções e de condenações morais. A guerra santa é uma contradição. Matar é sempre um delito, mesmo que se cumpra em nome de Deus. A guerra religiosa não se faz com a espada, mas com o exemplo e o martírio. Jamais puderam as perseguições sufocar a verdade, tornando-se, pelo contrário, instrumento de divulgação. Para cada crente, morto pela sua fé, formam-se centenas de novos crentes. É uma estratégia de guerra esta também, ainda que oposta á estratégia bélica humana.⁹ (p. 59)

Os caminhos da salvação

Só a universal religião do espírito nas pegadas de Cristo vivendo o Evangelho, reunindo todos os **justos** da Terra, de qualquer religião, pode dar ao mundo uma unidade religiosa que não se pode obter por imperialismos e imposições morais, mas apenas por compreensão e confraternização.⁹ (p. 65)

Fazer a vontade de Deus

Esta é a economia da criação. Bem-aventurado é o que sabe amoldar-se a ela. Nessa economia o trabalho é remunerado com **justiça** e o parcimonioso pode depositar o fruto desse trabalho em caixas seguras, que lhe proporcionarão uma renda garantida para a hora da necessidade, em proporção ao mérito que adquirir. Só assim se pode encontrar uma forma de investimento seguro, que assim é, porque depende apenas de Deus, que é **justo**, e não dos homens, nos quais não se pode depositar confiança alguma. Consegue-se dessa maneira um pecúlio tranquilo e pacífico, porque é harmônico, e harmônico porque está contido na sua verdadeira função, que é a de ser um meio aos fins da vida. O homem, universalmente, coloca a riqueza fora do lugar, fazendo dela um fim e

não um meio. E assim se torna ambicioso e ansioso pelo dia de amanhã, e, em meio à abundância acaba por debater-se em tormentos. Deus não nos quer ávidos e ansiosos, mas confiantes Nele. “Para cada dia baste a sua pena”. Por que haveremos nós de pretender dominar o amanhã, se dele nada sabemos? Não é pelo vontade que poderemos nos impor a ele, mas pelo obediência à Lei, merecendo. Poderemos assim formar em nós um oásis de paz, não importa qual seja o inferno que nos circunde na Terra. Não é o mundo que no-lo poderá dar, com as suas fascinantes mentiras, mas somente a adesão á vontade de Deus. Obedecemos á Lei e o auxílio está garantido, porque a vida foi querida por Deus e com ela ganhamos o direito aos meios para vivê-la. Todos temos direito à vida perfeita, mas somente quando tivermos antes cumprido os nossos deveres para com Deus. Se não fizemos isto, este direito deixa de existir ou existirá apenas na medida pela qual tivermos atentado para os deveres. O mundo não quer compreender tudo isto, está destorcido e fora dos trilhos. É lógico que sofra e caminhe para a ruína.^{9 (p. 73-74)}

Como orar

A atitude fundamental da prece deve ser de obediência, de adesão à vontade de Deus, de harmonização entre nós e a Sua Lei, que é perfeita. E no entanto mesmo na prece, recaímos na primeira culpa do homem, que foi também a de Lúcifer: erigir o próprio eu em lei da vida e antepor essa lei, em que o eu é centro, àquela em que o centro é Deus. Desta maneira ora-se às avessas, com um impulso de afastamento, ao invés de aproximação a Deus. Nós nos erigimos em juízes de nós mesmos, de nossos semelhantes, do mundo, da própria ação de Deus e pretendemos indicar-lhe o caminho a seguir para o nosso bem. Pretendemos salvar tudo e não sabemos nada. Justamente nos dirigimos a Deus, mostrando-Lhe todo o nosso orgulho e a nossa presunção. Exatamente na oração provamos desconhecer a Sua bondade e o Seu amor por nós. Tomamo-lo, universalmente, por um chefe caprichoso, que podemos propiciar com ofertas, por um Deus de vingança, capaz de ser aplacado com sacrifícios. Imaginamo-lo um senhor despótico e O respeitamos porque apenas é o mais **forte**. O insensato chega mesmo a manifestar na blasfêmia com que O desafia, uma prova da própria **força**. E muitos oram apenas porque não podem mandar. Desejariam poder mandar e não o podendo, entregam-se a uma total sujeição. Tornamo-nos, às vezes, petulantes no pedir e insistir em vantagens imediatas e materiais que, se coincidem com o nosso prazer, nem sempre representam o nosso bem. Por que esta atitude de mendigos enfadonhos, que pretendem impor-se mais com a insistência de que com a humildade com a longa repetição vocal, mais de que com a expectativa confiante? Mas Deus tudo sabe a nosso respeito, sabe de que necessitamos, sabe melhor de que nós aquilo que é benéfico ou

maléfico para nós. Devemos compreender que Ele é Pai que nos ama e que, por conseguinte, antecipa-se em oferecer-nos todo o bem que não seja para nós um dano, antes que nós mesmos saibamos ou pensemos. Como podemos presumir que possamos ensinar-Lhe o que é melhor para nós e corramos a oferecer-Lhe esse belo aspecto de soberba atitude, justamente na oração?⁹ (p. 78-79)

Sinais dos tempos

Não se aflijam os bons, porque são os mais **fortes**. Carlyle dizia no *Sintomas dos Tempos*: “A verdade é que aquele que possui uma sabedoria imensa uma verdade espiritual ainda desconhecida, é mais **forte**, não do que dez mil homens, porém, mais do que todos os homens que não a possuem. Ele os supera com uma **força** eterna, Angélica, como que empunhando uma espada forjada na harmonia dos céus, uma espada à qual não poderá eficazmente resistir uma couraça ou uma torre de bronze”.⁹ (p. 126)

O atual momento histórico

Trata-se agora de saber como se conseguirá essa nova civilização. Naturalmente porque é nova, por razões de equilíbrio e compensação ela deve estar nos antípodas do que hoje denominados a nossa civilização. Trata-se, não de retoques do que é velho, de novas ordenações políticas, com a habitual substituição, com vantagem para novas figuras ou classes, não se trata de continuar, mas se trata de iniciar, com princípios diferentes. Expô-los aqui é tarefa muito grande para um capítulo. Bastam-nos alguns acenos. Os valores atuais, os que se projetam acima do nível comum, pertencem mais ao plano animal do que ao plano que deveria ser humano. O homem atual é involuído, é mais animal do que homem. Hoje vale a **força** e a **astúcia**. A honestidade e o mérito, valores superiores, têm importância mínima. A bondade e a inteligência voltadas para o bem são as qualidades menos úteis na vida social de hoje e chegam a ser mesmo nocivas. Hoje o preço é medido pela capacidade de prejudicar e pela utilidade extraída, não propriamente do valor. Isto acontece justamente porque a balança dos juízos humanos é a do animal, mais que a de um ser superior. Hoje o poder não é compreendido como uma função biológica, como missão a serviço do povo, mas é conquistado como qualquer meio com objetivos de vantagem individual. A seleção biológica de um tal tipo tido como o mais **forte**, corresponde a estados primitivos, involuídos. A evolução impõe a passagem para formas de luta e de seleção biológica mais elevadas, dirigidas a formação de um tipo menos inconsciente, menos **egoisticamente** isolado. A vida caminha para a formação de grandes unidades coletivas humanas, em que é

necessário compreensão e colaboração, e não mais subjugação e proveito. A época do senhor e do escravo já passou. Marcha-se para novas formas de liberdade que, porém, não significam como acredita o homem de hoje, abuso e licença, mas significam uma nova disciplina, mais elevada, uma ordem mais férrea e uma consciência que compreenda a utilidade disto e lhe obedeça, ainda que seja por espírito utilitário.^{9 (p. 131-132)}

Hoje se crê no número. Basta uma maioria, não importa de que elementos, para formar uma verdade, um direito, para estabelecer uma norma de vida, uma lei. Ora, como pode a quantidade fazer a qualidade? Nós não podemos formar nem ao menos uma única unidade reunindo um número de zeros que seja mesmo infinito. Isto é elementar. Hoje a matéria é tudo. Ela é apenas meio e se arvorou em fim. A riqueza é o objetivo da vida. Troca-se o continente pelo conteúdo. O trabalho material vale mais do que o intelectual. O que decide na difusão de uma ideia não é o seu valor, mas a posse de meios materiais que podem difundi-la. As opiniões fabricam-se mecanicamente. Basta possuir a imprensa, o rádio e a televisão. A grande floração de meios de que se enriquece a nossa pseudocivilização mecânica e utilitária, nos fez esquecer o melhor. Eles absorveram toda a nossa atenção, sujeitaram o nosso espírito, invadiram tudo, substituindo-se a tudo e pretendendo bastar a tudo. Mas já sentimos o vazio terrível que está em nós, a carência de diretivas, porque sentimos cada vez mais que somos incapazes de dirigir esses meios sempre mais poderosos. E o perigo é grave, porque se não soubermos dirigi-los com sabedoria, eles se constituirão em nossas mãos um instrumento de destruição universal. Isto o mundo já viu e fez nestes anos. Basta continuar um pouco ainda nesta loucura e a humanidade será destruída, ou pelo menos, reduzida ao estado de barbárie. Mas dir-se-á: para alcançar isto, urge um homem novo, consciente, **justo**, o que foi e será sempre uma utopia. Ora, a história nos mostra com frequência que é justamente a utopia que será a verdade de amanhã. Um exemplo disso é o Cristianismo. Além do mais, há um fato positivo: a evolução. É necessário evoluir. Essa é a lei da vida, que sempre fez pressão no íntimo das coisas, não só para manifestar-se, mas também para subir a manifestações sempre mais perfeitas. Mas se luta tanto, sofre-se, experimenta-se, e tudo por esse motivo? O amanhã deve, por lei, superar o hoje. Ademais, o homem atual alcançou um ponto crítico em que não é possível continuar com os velhos sistemas, impondo-se uma mudança de rota. Os poderes de hoje em suas mãos são muito superiores àqueles que ele possuía no passado. Isto implica a necessidade de uma proporcional sabedoria, para saber como empregá-los bem. O homem que possui a bomba atômica não pode agir com a mesma inconsciência e psicologia de ferocidade com que agia o guerreiro medieval, que não dispunha senão de uma lança ou pouco mais. Com essa psicologia, o homem moderno destruiria a humanidade.^{9 (p. 132-133)}

Como se vê, a utopia de uma nova civilização não se apoia em sentimentos de bondade e de *altruísmo*. Conhecemos o homem e sabemos o que se pode obter dele e quais são as molas que o movem. Faz-se, pois, apelo ao terror que lhe inspirará a perspectiva certa da autodestruição. Faz-se depois apelo ao seu senso utilitário. Pede-se somente que o novo homem seja suficientemente inteligente para poder compreender a enorme vantagem que pode advir para todos, da valorização do fator moral e espiritual na vida social, porque só assim se pode obter paz, confiança e aquela segurança que é a única garantia de qualquer fruímento do fruto das próprias fadigas. Se não se compreender isto, é inútil reconstruir. Com a psicologia do *homo homini lupus*, com o sistema do revólver em punho pode-se também fazer um inferno para os demônios e para os danados que vivem na Terra e um purgatório para os *justos*, que assim se apressarão para procurar mundos melhores. Mas para a terra, para quem nela trabalha, nela possui e prolifera, só haverá desesperação. É necessário compreender verdades elementares como estas: se se semear violência e mal, não se pode senão recolher violência e mal, e a reconstrução não se pode operar senão recorrendo-se ao trabalho, que é o ato criador pelo qual o homem se torna operário colaborador de Deus; não convém jamais fazer mal aos outros, porque quem faz o mal, nunca o faz aos outros como parece, mas o faz realmente a si mesmo.⁹ (p. 133-134)

O erro de Satanás e as causas da dor

Uma das graves consequências do pecado mortal dos nossos tempos – o orgulho, é a incompreensão do problema da dor, do seu porquê e dos seus fins. Em nossa Terra hoje uma parte está tendente a infligi-lo a uma outra parte, que vive sob a angústia dele. Assim os piores, os involuídos, mais ferozes, não se cansam de organizar aquilo que pode fazer sofrer tantos outros, que formam a outra parte da humanidade, os quais ainda, quando não cheguem a sofrer, vivem sob a psicose do terror de vir a sofrer. Tudo isto acreditou-se que poderia ser justificado por meio da teoria da seleção do mais *forte*. Mas esta é a *força* do bruto, que se sobrepõe a todos pelo próprio *egoísmo*. Não se pode compreender que proveito de um tal *forte* possa tirar a vida em virtude da base social já atingida no nosso planeta!⁹ (p. 149)

Respondamos à pergunta: como é possível existir uma semelhante condenação de dor em um mundo regido por uma lei divina que é perfeita, boa e *justa*? Certamente nada poderemos compreender, se não houvermos concluído por aquilo que todos os fenômenos revelam, isto é, que uma lei regula tudo, e se não estabelecermos uma conexão do nosso estado presente com a série de fatos precedentes que se ocultam em nosso passado. Se antes não deciframos o enigma do nosso destino individual e coletivo, não poderemos decifrar o

enigma da nossa dor. O princípio de seleção do mais *forte* abandona o vencido à dor, sem nada explicar das causas e finalidades do seu sofrimento. Mas, para quem compreendeu não é possível acreditar que isto não possua uma razão e um objetivo. Nasce assim a dúvida de que, em um regime de ordem, como é indubitavelmente o universo, o fraco esmagado, o vencido na luta pela vida, não seja na realidade um inferior derrotado, de modo a ser eliminado, porque efetivamente é um indivíduo que paga o seu débito à *justiça* divina, enquanto que o vencedor o é apenas momentaneamente, visto que, se não fizer bom uso da sua passageira posição, pode suceder-lhe que venha por isso a endividar-se, tendo de pagar caro amanhã, uma vitória de que abusou. Qual nada a seleção dos mais *fortes*! Vê-se por aí a que aberração pode conduzir a concepção materialista hodierna que regula o mundo.^{9 (p. 149-150)}

O conceito de poder em biologia social

Qualquer que seja o sistema político e o período histórico escolhido para exame, o comando cabe ao mais *forte*. Esta é a base do poder na atual fase biológica da humanidade, em que a seleção é dirigida não para o triunfo do elemento moralmente melhor, mas do tipo mais capaz de se impor *egoisticamente*. Uma humanidade assim involuída não pode polarizar-se senão em torno de um indivíduo ou de uma classe que a sobrepuje e vença e que possa, por conseguinte, dominá-la segundo o próprio tipo de *forças* que nelas prevalecem. É lógico, pois, que cada povo tenha o governo que merece e cada governo tenha os súditos que lhe correspondam. Em toda a manifestação da vida, apenas um indivíduo ou grupos de indivíduos, por vontade e inteligência sobressaem um pouco da massa, mas não o bastante para distanciar-se completamente. Então ele se erige, segundo, o esquema universal dos fenômenos em central dinâmica autônoma, isto é, em sol ou núcleo em torno do qual, como os satélites ou os elétrons, começam a girar as unidades dinâmicas menores, de nível negativo com respeito ao dinamismo central que é positivo. Esta é uma lei própria de qualquer manifestação biológica, que se manifesta também nas relações sociais, logo que estas devam ser disciplinadas em virtude da convivência de muitos indivíduos. O conceito de autoridade se baseia assim em um princípio de dinâmica biológica, que neste caso particular é social. Em política sucede o que observamos com o galo no galinheiro, com o homem na família, na célula entre o núcleo e o protoplasma e, mais longe, na intimidade do átomo e no sistema solar etc. Formado o poder central, em seu redor começa a rotação dos elementos satélites. Da substancial natureza e valor biológico do núcleo deriva o direito de comandar e o dever de obediência.^{9 (p. 179-180)}

Se as massas são involuídas, esses poderes serão exercitados de forma proporcionalmente involuída, isto é, pela *força* que atinge às raias de ferocidade. Mas a função, não importa qual seja a forma que ela deva assumir de acordo com o grau evolutivo dos povos – deve estar sempre presente. Assim se explica como alguns *fortes*, que polarizam em torno de si os povos, tenham sido eliminados por outros mais poderosos, quando, por opressão ou abuso, tenham através da tirania traído a sua missão, não hajam por uma razão qualquer cumprido a função que lhes confiara a vida, de dirigir e proteger. Como se vê, trata-se de reações biológicas automáticas, que todas as afirmações históricas de poder por direito divino não podem conter, mal a missão e a função cessem. No dia em que um governo e uma classe dirigente comecem a viver só para si próprios e não mais para a nação, iniciam o próprio suicídio.⁹ (p. 181-182)

A primeira afirmação de todo novo governo é dizer: eu represento a nação. E isto é verdade até que apareça um outro mais *forte* e mais adaptado que diga o mesmo. Desta forma os homens e as classes sociais vão ocupando na história uma posição de autoridade que eles afirmam por si mesmos, mas que na realidade se despersonaliza e só subsiste e tem valor como função. Mudam assim as várias verdades políticas conexas em cadeia no caminho evolutivo da sociedade humana. Elas vão e vêm, contradizem-se e se combatem, transmudam-se no oposto a cada momento e no entanto não constituem na história senão o desenvolvimento de um único pensamento, o da vida que o guia. Todo governo se declara insubstituível representante do bem público e, apesar disso, cedo ou tarde vem a ser substituído. A verdade, feita para uso e consumo de cada um deles, se inverte. E assim por ação e reação compensam-se os excessos e os erros de cada um e se desenvolve, por superações um pensamento único, continuamente progressivo, o que a história e não os homens pensa e quer. Mudam os servidores da vida escolhidos para o bem público e, através de tantas formas e indivíduos, que acreditam combater-se e que ao invés se equilibram, o bem público é e vem a ser por todos diversamente servido. Por isso se vê como na história reina a lógica e equilíbrio não obstante as aparências opostas e que tudo nela, desde um incidente momentâneo até o grande evento da maturação e queda da civilização, é regulado inteligentemente por uma lei. A essa lei se deve que a história caminhe, não loucamente como os interesses individuais desejariam, mas para suas metas.⁹ (p. 182-183)

A vida é sábia e *justa*. Faz sempre o melhor possível com o mínimo esforço, segundo os elementos de que dispõe, dados pelo grau evolutivo de cada povo. Ela não pode dar-lhe uma forma de governo superior ao que este pode compreender. Como pode o cérebro evoluir por si só, em formas superiores, se paralelamente não evolui todo o corpo? Tudo é conexo e interdependente em uma nação. Méritos e culpas não constituem jamais um fato isolado. Só um

povo de santos poderia pretender um governo de santo. A involução é de todas as partes e quem acusa usa os métodos do acusado. O *egoísmo* está presente em todos. Dirigentes e dependentes estão habituados a considerar-se falsos e inimigos. Todos são adestrados para combater uns contra os outros. As nações não se fabricam com poucos homens dirigentes, mas com as *forças* espirituais das massas. O que se pode pretender se tudo se baseia na *força*, no direito de conquistar e não na compreensão, disciplina e colaboração? Que admira, pois, que em um tal mundo, que haja conseguido, só Deus sabe com que esforço, conquistar um poder ou um posto qualquer de autoridade, não seja levado a pôr em primeiro plano o gozo do prêmio das próprias fadigas? A defesa de Infinitos rivais custa não pouco trabalho. A empresa é arriscada, a posição incerta. Como se pode, ao invés de procurar aproveitar-se logo, pensar no bem do povo e no exercício de uma função-missão? Isto exigiria uma estabilidade, um respeito, uma compreensão, uma consciência que o homem atual nem mesmo imagina ainda. Ao contrário só a *força* comanda. Se existe um poder *forte*, então há ordem, mas ela se chama tirania e sujeição. Se ele se desagrega todos se sentem livres e então surge a desordem, a luta, o caos. Como se pode pretender que uma disciplina social possa agir, nesta fase evolutiva, sem um absolutismo que se imponha pela *força*? Bela seria realmente uma ordem de seres livres!^{9 (p. 185-186)}

Crise e civilização

É inútil repetir hoje estas coisas em nosso mundo. A maioria que é involuída, não pode compreendê-las. Já se fizeram muitas pregações a este respeito e pouca atenção se lhes dá agora. A palavra cabe, neste momento, à irmã e mesma dor, de modo que, azorragando a adorada carne, ela consiga desatar o espírito e induzi-lo a refletir e compreender. Esta é a dura realidade. De nenhum resultado valerá ao pretender passar sobre ela com mil *astutos* expedientes à procura de evasão, porque ela depende das leis da vida, que ao homem não é dado alterar. Elas sabem a meta benéfica que se deve atingir e, quando o homem não quer compreender, certos desastres são necessários.^{9 (p. 187-188)}

Por que amor é alegria

Eis, pois, porque Amor é alegria Isto é verdade em qualquer nível, mas será tanto mais, quanto mais elevado ele for. Porque ele é superação de *egoísmo* separatista, é fraterna unificação com o todo através da unificação com o próprio semelhante, é a essência daquela evolução que nos aproxima de Deus. Amor, alegria suprema do ser, porém continuamente negada e contrastada pela

dor que se origina do esfrangalhamento do nosso *egoísmo*. O universo está divinamente invadido e transbordante dessa alegria pela qual todos anseiam. Ela está sempre pronta a nos alcançar com a mesma ânsia com que nós queremos alcançá-la. Mas este é exatamente o grande drama da vida: uma barreira de dor nos separa dela e esta mesma barreira é dada pelo despedaçamento de nosso *egoísmo*. Daqui a trágica ilusão do mundo e o seu erro na procura da alegria. A verdadeira felicidade não está no prazer, mas além da dor, que é necessário atravessar e superar. Este é o significado da inversão evangélica dos valores do mundo, da conseqüente e fatal necessidade de que a redenção de Cristo só poderá ser cumprida através da dor. Para se transpor o fatal linde além do qual está a felicidade, é necessário inverter o *egoísmo*, desfazê-lo no amor, dilatá-lo e expandi-lo no *altruísmo* pelas criaturas, até Deus. Isto pode parecer uma perda, mas não o é, pois que não é destruição, mas sim dilatação e evolução do *egoísmo*. O universo, que é egocêntrico em Deus, é, segundo um mesmo e único esquema, fundamentalmente *egoísta* em qualquer das suas formas e criaturas. Esta é a lei pela qual tudo se conserva e se protege. Quando o *egoísmo* evolve nós o chamamos *altruísmo*, mas aquele nada mais fez que dilatar o seu círculo. O *egoísmo* permanece sempre. Só que agora ele é um *egoísmo* mais amplo que se dilatou até abraçar um maior número de seres. É a evolução que leva o *egoísmo* a expandir-se em seu *egoísmo* relativamente mais extenso e que em relação ao primeiro chama-se *altruísmo*. Esta expansão toma o nome de amor e ela nos faz subir. Evolver é, pois, dilatar o nesse eu, progressivamente, cada vez mais próximo de Deus. Quanto mais nos avizinhamos dEle, tanto maior será a unidade coletiva em cujo seio saberemos harmonizar-nos, tanto mais vasto e profundo será o irmanamento que saberemos realizar. É necessário, em suma, sacrificar o eu ao Amor, não importando o que isto possa custar-nos. E sempre nos custa! Mas só são verdadeiras as alegrias determinadas pela fadiga da ascensão. As comodidades de descida constituem uma miragem... E é lógico que o seja. Deus, que é *justo*, não pode conceder felicidade não merecida. O homem desejaria a via mais fácil. Mas, queira ou não, não existe outro caminho que a vereda estreita e difícil, para alcançar a verdadeira alegria.⁹ (p. 226-227)

10. DEUS E UNIVERSO

Como fala a vida

E a voz da vida, respondeu: “Mas, compreenderão, porventura, os outros a minha? Somos inimigos, rivais. O lugar ao sol existe para os vencedores. A vida certamente se defende, mas através do meu trabalho, pois devo aprender a vencer por mim mesma. Essa é a lição que a vida me impõe. Não existem em meu mundo o que chamas piedade e bondade. Há somente a férrea *justiça* do mais *forte*. Este é o melhor entre os de seu nível, sendo *justo* que ele vença. Se me transportares para um ambiente protegido, então eu me domesticarei e perderei os espinhos. Mas, assim civilizada, eu me enfraqueço e, se me abandonares, morrerei. Desta forma, vê que a minha rudeza é necessária e obrigatória, pelo menos enquanto eu estiver entregue a mim mesma. Cabe a ti, que te encontras em nível superior e possúis meios para melhor compreensão, e não a mim, fazer com que existam no mundo piedade e bondade. Executo honestamente a minha parte de trabalho no organismo universal, produzindo a síntese química da vida do mundo inorgânico. O resto exorbita ao meu labor. Cumpro assim a minha função na ordem das coisas, evidentemente no meu nível. Não me podes pedir mais.”^{10 (p. 24)}

A teoria do desmoronamento e suas provas

Mas, então, poder-se-á objetar – por que Deus, se é sempre o mais *forte*, o Senhor do sistema, não sana de vez o mal, anulando-o? Não basta que uma coisa se nos torne lógica e *justa*, por ser cômoda. Há necessidade de que, quem errou, compreenda. Nenhuma *força* pode ser destruída, mas apenas corrigida. Subsiste a lei de equilíbrio e *justiça*, em que se baseia o sistema, que exige a sua reconstrução. Não é com a psicologia da própria vantagem imediata, relativa e utilitária, que se podem resolver tais problemas. Recordemos que nós não somos punidos pelas nossas culpas por um Deus vingativo, mas sim, automaticamente, por essas mesmas culpas, isto é, pelas *forças* por nós movidas e pelas posições que quisermos assumir no sistema. O mal não se pode extinguir por um ato arbitrário, pois que a Onipotência divina não é jamais arbitrária, mas segundo a Sua própria Lei. O mal só se pode extinguir por reabsorção, isto é, por retificação, pela reconstrução daquilo que ruiu. Só assim se explica como a dor pode redimir. Trata-se de um processo de cura. Eis por que a luta contra o mal é virtude, ou seja, é qualidade reconstrutora de bem. Se o nosso universo fosse, no estado atual, consequência pura do primeiro ato criador de Deus, ele deveria ser perfeito. Não o é porque a criatura nele introduziu outras *forças*. É

da lógica, *justiça* e equilíbrio do sistema que a correção seja operada nas próprias criaturas que representam tais *forças*. É *justo* que o labor da reconstrução lhes caiba, como delas foi a revolta à ordem. Somente assim elas poderão verdadeiramente aprender a conhecer a Lei cuja compreensão já revelaram não ter desejado. Como se vê tudo se desenvolve com cabal lógica. Muitos desejariam Deus como seu servo, e se lamentam porque Ele não lhes poupa o incômodo de trabalhar, lutar, sofrer e por isso O acusam. Mas é fácil compreender quanto é absurdo colocar as nossas pobres comodidades como centro do sistema. Não é com tais medidas que se pode medir, nem com semelhante psicologia que se pode compreender.^{10 (p. 113-114)}

Tudo isto evidencia a necessidade de aceitar a teoria do desmoronamento. Só ela pode explicar o dualismo dá árvore do bem e do mal, o pecado original – continuação da revolta dos anjos e queda conseqüente, pecado cometido por Caim contra Abel, primeira personificação da cisão e da luta. Só assim podemos compreender Cristo e a Sua obra de redenção, destinada a sanar este dualismo, compreender a inversão operada pelo Evangelho, que é uma retificação dos valores. Assim podemos explicar por que a Terra é o reino em que o mal triunfa e os bons sofrem, porque a seleção é nela operada pelo critério selvagem do mais *forte*. Sem a teoria do desmoronamento nada se explica, tudo é caos e mistério.^{10 (p. 116)}

Assim falávamos naqueles dois capítulos. Esta é uma primeira e elementar forma de plantar a questão. Mas já ali se viam as conclusões, absurdas como eram, visto que se voltavam contra Deus. Isto é um assalto á lógica, que o evoluído não pode aceitar. Mas a maioria dos homens é presa de ilusões de ótica psíquica e de perspectiva mental, porque neles, mais do que a lógica e o raciocínio, impera o instinto de auto defesa na luta pela vida. Ora, na procura do responsável pelo mal, pela causa da dor, repugna a este tipo biológico admitir e confessar a própria culpa porque sua vida gira, por completo, em derredor à seleção animal do mais *forte*, que é aquele que sabe vencer, não importando os meios. E então, confessar-se culpável é perder; defender-se se é necessidade, ainda que em plano mais elevado semelhante modo de proceder se reduza a absurdo. Assim, para não acusar a si próprio, chega-se até mesmo a acusar a Deus. E somente a falta de capacidade de raciocínio que permite imaginar um absurdo tão incrível, como o erro e a culpabilidade de Deus.^{10 (p. 125-126)}

A caminho da sublimação

A luta pela vida sempre foi, mesmo na feroz fase animalesca da seleção do mais *forte*, uma luta por subir. Ainda agora é assim. É a grande

batalha da libertação da involução para o retorno a Deus. Se nos mais baixos níveis biológicos essa batalha pela ascensão é imposta pela necessidade de viver em um mundo em que vigora o lema: “comer ou ser comido”, nos mais elevados níveis da Lei, onde o ser se faz mais consciente, ela pode suavizar-se e, assim, realizar-se pelas vias da compreensão. É a evolução que nos liberta de tão duras necessidades e sanções. Nós vivemos explorando todas as vias da libertação, que na sublimação mística se escancaram para o céu. A luta é um meio de despertar a consciência. O ser, submetido a uma vida de permanente ameaça, aguça a inteligência; as provas e os insucessos o adestram e o preparam para maiores conquistas, aquelas que nascem da experiência e se fixam no espírito. Quer embaixo, quer no alto, a existência é sempre uma elaboração evolutiva, seja revestindo formas mais ou menos ferozes, seja assumindo aspectos mais ou menos espiritualizados. Elaboração evolutiva é o trabalho da matéria, desfeita no caos e integrada nos fenômenos cósmicos, como também, no extremo oposto, é a atividade espiritual do gênio e do místico que, desvinculando-se dos instintos da carne, transforma-lhes a potencialidade em manifestações espirituais. Todo o universo está empenhado neste esforço penoso da própria maturação evolutiva, que o deve reconduzir a Deus.^{10 (p. 149)}

A essência do Cristo

O fato de Cristo nos ter trazido Amor, demonstra que Ele provém do Centro e que é um reconstrutor. O Amor na periferia, em que nos encontramos, se despedaçou em ódio, fragmentou-se nas rivalidades *egoístas* que Cristo nos ensinou a reconstituir em unidade, amando-nos uns aos outros. Com este Seu mandamento fundamental, Cristo quer fundir os fragmentos do Uno, assim desmoronado com a queda do ser. Com o Evangelho, a Boa-Nova anunciada aos homens de boa-vontade, Cristo representa para a humanidade o toque de pôr mãos à obra, sob a Sua direção, na reconstrução de um novo e mais elevado plano do edifício desmoronado do sistema. Fenômeno biológico, pois, que diz respeito a toda a vida, em marcha evolutiva! Cristo veio, assim; revelar-nos uma vida nova, veio manifestar-nos um mais profundo e, conseqüentemente; um mais real aspecto de Deus – o do Amor – verdade antes ignorada pelo homem que não sabia conceber a não ser o feroz, ainda, que *justo*, Deus dos exércitos da Bíblia. Na época da vinda de Cristo a humanidade começava a evoluir um pouco ou se preparava para tanto. Estava, assim, à altura de receber princípios mais amplos, inacessíveis antes à sua inconsciência demasiado involuída. Logo que o terreno ficou preparado, uma nova semente foi lançada para fecundá-lo. Faz dois milênios que ela jaz sepulta, dois grandes dias da história. E está próximo o despontar do terceiro dia, o da ressurreição, em que a semente, maturada sob a terra na elaboração das almas, deverá germinar e em que o

Evangelho, apenas pregado, deverá ser vivido. E assim o templo será realmente reconstruído em três dias.^{10 (p. 178-179)}

A prece

Então resta um só sentimento: amar-se. Perdidamente se ama a Deus, em Si mesmo e na Sua expressão: as Suas criaturas. Esta pequena palavra, Deus, que tantos pronunciam com indiferença, mesclando-a a tudo, que tantos chegam mesmo a insultar e blasfemar, esta pequena palavra revela tão poderosamente o seu profundo significado às almas sensibilizadas pela evolução, que as convulsiona, como fazem a tempestade e o turbilhão para a pobre árvore só e indefesa. E a alma está só e indefesa porque Deus é o mais **forte**, e na luta entre o “eu” **egoísta** que desejaria defender-se na forma, isolando-se, e Deus, Que quer fazer Sua a criatura, vence o mais **forte**. **Forte** de bondade infinita, que deseja apenas desfazer a onerosa bainha isolante, a prisão do “eu”, para tomá-lo por completo, permeá-lo e saturá-lo com a divina linfa vital do Seu Amor. É o bem que quer triunfar e que, para benefício da criatura, usa da violência, sacode-a e a convulsiona, a fim de que o divino, oculto nas suas profundezas, desperte nela sob a forma de consciência, e assim a alma reencontra Deus.^{10 (p. 198)}

A alma e Deus

Quem chegar a compreender tudo isto, sabe que é uma eterna, indestrutível centelha de Deus. E sabe também que, no Seu aspecto imanente, Deus está presente em nosso universo, até em nossas menores coisas e que nós não só podemos senti-Lo espiritualmente, mas igualmente vê-Lo. Se não nos é dado conceber o Deus transcendente, podemos, no entanto, ver o semblante do Deus imanente, pois que toda forma de existência é uma expressão do pensamento e da vontade Dele, é uma manifestação do Seu ser. Certamente sendo Ele um infinito, nós não podemos limitá-Lo no relativo de uma forma particular. Ele permanece um infinito, tem, pois, infinitos rostos e o veremos expresso em tudo o que é beleza, bondade, floração de vida e de alegria. Esta é, efetivamente, a manifestação do Sistema no lado positivo do ser. Esse Sistema, apenas floresce, é minado pelo Anti-Sistema, negador e destruidor de beleza, de bondade, de vida, de alegria. É assim que tudo se estiola, corrompe-se e morre. Mas o Deus imanente, sendo a alma das coisas, do íntimo delas continua a manifestar-se numa incessante floração e, assim, embora tudo feneça, corrompa-se e morra, tudo de novo refloresce e revive. Desta forma, o Sistema, não obstante os contínuos assaltos do Anti-Sistema, venceu, vence e vencerá sempre, sendo o mais **forte**.^{10 (p. 234)}

11. PROFECIAS: O futuro do mundo

Gênese da II obra

É indispensável inteligência para compreender a delicadeza do instrumento, a fim de não o prejudicar. Todavia, tal poder de intuição não se encontra no selvagem plano biológico da luta pela seleção e vitória do mais **forte**. Daí ser fatal o choque e assim tem acontecido todas as vezes que um ideal desce à Terra para nela ser implantado. E no entanto, ele representa o maior estímulo à evolução.^{11 (p. 41-42)}

Vemos, desse modo, funcionar na Terra a lei de planos mais altos, segundo a qual triunfa não o mais **forte** ou mais **astucioso**, porém, o mais **justo**. Noutros termos, a lei segundo a qual vence o mais prepotente **egoísta**, na desordem, é substituída pela lei que concede vitória ao homem orgânico e reto, dentro da harmonia da ordem. Em lugar da lei da **força** é estabelecida a lei do mérito.^{11 (p. 54)}

Para persuadir essas almas, acostumadas a respeitar somente o vencedor – porque este deu provas de ser o mais **forte** – que mais pode ajudá-las senão um exemplo vivo de triunfo? Era necessário, pois, para atingir esse escopo, que as **forças** espirituais do bem descessem, produzindo efeitos até no campo dos problemas materiais, pois somente assim sua presença seria percebida e sua importância valorizada.^{11 (p. 54-55)}

Num mundo onde só se estima a **força**, era preciso que o Evangelho desse uma prova de **força**. Para fazer-se entender, deveria usar a linguagem da vitória no terreno das coisas materiais, que todos compreendem.^{11 (p. 55)}

Importava vencer honestamente, sem as armas e as sagacidades humanas, para depois utilizar a vitória como fator de ajuda e educação. Antes, porém, de ser generoso e bom, era preciso haver dado provas de ser **forte**, vencendo, porque coisa alguma é muito respeitada no mundo, nem mesmo a virtude, quando diz respeito aos vencidos ou aos fracos. Estes – é o que se pensa – naturalmente devem ser bons para o próximo, pois não têm **força** para fazer o mal; e os vencidos devem curvar-se diante de todos.^{11 (p. 55)}

Ver, entretanto, um **forte**, um vencedor, que não se aproveita dessa sua primazia para esmagar o semelhante, isto é realmente uma admirável exceção? Só a bondade do homem poderoso é considerada virtude digna de apreço, pois a do fraco é tida como fruto da necessidade e do cálculo. Na atual forma mental humana, resultado de seu passado e filha do atual nível evolutivo, a base do valor está sempre na **força**.^{11 (p. 55)}

O mundo acha natural que alguém, inerme, como quer o Evangelho, se ponha a rastejar aos pés dos **fortes** e, por isso, o despreza qual um fraco. Mas, quando vê este outro, que, apesar de não possuir nem usar armas humanas, não apenas vence, mas, depois não abusa da vitória, como é costume, então percebe a evidente diferença. E todos perguntam como foi possível isso ter acontecido, qual é a chave desse mistério, quais são os novos e insuspeitos princípios e **forças** que possibilitaram tal prodígio.^{11 (p. 56)}

Começa-se, então, a compreender a possibilidade de existir um outro biótipo **forte** que, embora humanamente desarmado, tem mais **força** do que os **fortes** do atual plano evolutivo humano: um **forte** que o é, embora pessoalmente frágil, por ser uma célula de unidades orgânicas mais complexas e mais vastas, de que o tipo humano comum se acha excluído pelo seu **egoísmo**.^{11 (p. 56)}

O homem comum, tipo predominante da maioria, haverá de apreciar nele, não o **forte** que vence e oprime, fazendo-se temer como inimigo, porém, é o que mais o atrai, o **forte** que ajuda, não esmaga, sustenta, não usufrui malignamente a vitória, antes, põe-na a produzir bons frutos e, por isso, faz-se amar como um amigo.^{11 (p. 57)}

A vida chegará, desta maneira, através do labor da evolução, a produzir outro biótipo de **forte** vencedor, o **forte** generoso e orgânico, que usa sua vitória para o bem de todos, vendo na coletividade seus próprios irmãos.^{11 (p. 57-58)}

A **força** de repetir-se por milênios esta palavra – fraternidade –, à **força** da pregação do Evangelho e, sobretudo, à **força** de sofrer todos os prejuízos da **egoística** vitória dos **fortes**, essa ideia mais humana acabará por fixar-se no seio da humanidade. E o homem encontrará **forças** para rebelar-se contra as formas inferiores da existência, abandonando-as, depois de as haver sofrido por tantos milênios.^{11 (p. 58)}

A sociedade humana deixará de ser dirigida por uma ordem baseada na disciplina da **força** e do medo, passando a uma ordenação assentada em convicta disciplina de amor. Então, como foi mudada a concepção de Deus, que passou da ideia mosaica de um chefe **forte**, desapiedado e vingativo à atual, de um Deus amigo, que nos ama com **justiça**, também, paralelamente, se modificará a concepção das relações humanas. Não mais a que se alicerça sobre o **egoísmo** separatista do mais **forte**, mas a que se firma num **altruísmo** em que todos se compreendem, coordenando-se organicamente para maior proveito coletivo.^{11 (p. 58)}

O vencedor mais **forte**, nesse caso, não será temido, mas amado, e sua vitória será estável, porque não se fundamenta na opressão, que está sempre a

oscilar ante as reações de revolta, mas na colaboração que concilia em utilidade geral as atividades e os interesses de todos.^{11 (p. 58)}

Ainda outra consequência prática, repetimos: a Lei defende quem a segue, de modo que, em conclusão – ninguém é tão bem defendido quanto o **justo**.^{11 (p. 61)}

O porvir do mundo

Este é apenas um exemplo, em que vemos, sob teorias e aparências formais, uma realidade totalmente diversa; a vida é prática, tem um utilitarismo imediato; e as ideologias, mesmo sendo utilitárias, são-nos a longo prazo e de forma vaga e incerta. Por trás das ideologias, há a luta de classes, há o espírito gregário, há a concepção **egoística** do poder – pura exploração em benefício próprio, em dano do povo explorado, e com razão, ao menos neste nosso plano animal, porque aqui esta é a lei para os ignorantes e ineptos, a favor dos mais hábeis e **fortes**.^{11 (p. 65)}

Eis o que nos diz a lógica, em que está preso o desencadear-se dos acontecimentos. Contradições, se olharmos superficialmente, mas profunda lógica, da História em seu desenvolvimento. O que os homens dizem e fazem, corresponde a outras exigências, como a da luta de classes e de raças, o da experiência para aprender, corresponde a interesses pequenos, pessoais e imediatos, que ignoram os grandes objetivos da História. É natural, então, que tudo tenda a deformar a lógica do plano substancial da História, e que, no particular, só apareça um círculo vicioso de contradições. Não é pois neste terreno de fatos exteriores que poderemos achar a lógica, e dessa forma compreendemos porque aí tudo pareça ilógico. E então, eis o que achamos nos fatos. Eis as revoluções, quase todas feitas em nome da liberdade, a resolver-se mais tarde num regime mais duro, porque mais jovem, e portanto mais **forte** que o precedente, mais velho e cansado. Eis uma revolução como a russa, feita para a realização da **justiça** social, que recorda e continua os princípios da revolução francesa e que se torna, como naquela época, invasão bélica como submissão de outros povos, imperialismo, e enfim, pan-eslavismo. Substitui-se ao velho capitalismo privado, outro capitalismo, o do Estado, de que se aproveita, como sempre, a classe que manda, só porque venceu na luta pelo poder. Substitui-se à velha classe aristocrática, outra aristocracia de burocratas, e é entre ela que se seleciona e emerge o ditador supremo, como emergira das massas populares, lutando, aquela mesma classe. Falta a forma pessoal napoleônica, a aventura bonapartista, mas a ditadura, o imperialismo, o pan-eslavismo, já estão em ato.^{11 (p. 71-72)}

Falta-nos agora apenas completar o quadro com algumas observações particulares e práticas, especialmente em relação ao futuro desdobrar-se dos acontecimentos. Todos os povos que aspiram ao domínio proclamam a paz, mas a paz própria, sob seu comando. E para conseguir essa paz, eles fazem a guerra. Defendem uma nova ordem, mas uma ordem em que eles mandam e os outros servem, e para obtê-la subvertem e assaltam para destruir a ordem precedente, que não é a deles. Apresentam-se sempre como libertadores, ainda que os povos invadidos não desejem absolutamente ser libertados. Mas, dessa forma, os invasores, camuflando-se de libertadores, podem libertar-se melhor do próprio inimigo, vencer e sujeitar o povo invadido. É divertido observar esse jogo de contradições entre o que se diz e o que se faz, jogo de ilusões psíquicas, cujas razões já vimos. Tudo isso porque, por trás do que se diz, está agindo a dura realidade biológica, que fala e age muito diferentemente. Por aí se vê quanto podem valer as bandeiras humanas, e quanta luta feroz pela vida se realiza atrás delas. Na prática, pela realidade biológica, no plano de evolução animal do homem, cada ordem só pode estabelecer-se e manter-se com a *força*, imposta por um dominador, já que se não formou ainda uma consciência capaz de compreendê-lo e mantê-lo por convicção espontânea. Na prática há uma só verdade político-social: a do vencedor. Não é a ideia que vale, vale apenas a ideia que vence. Hoje todos olham para o Comunismo porque a Rússia venceu e é *forte*. Por isso a França teve que ser *forte* e vencer no período napoleônico, porque, sem *força* nem vitória, as ideias da revolução não teriam interessado a ninguém. Se a Rússia perder, o comunismo se despedaçará nos fragmentos que sobram nos vários Estados em que penetrou. O que conta é vencer. Se Hitler tivesse vencido, sua ideia seria hoje a verdade na Europa, e a verdade política alemã seria a única verdadeira. E vencer é problema de meios bélicos. Mas os vitoriosos foram a Rússia e os Estados Unidos, e hoje, no mundo, só existem essas duas verdades, porque foram eles os vencedores. Desse modo, através dos séculos, tivemos várias verdades, a Romana, a Francesa, a Inglesa, etc., de acordo com quem triunfava. Quando um povo vence, estabelece e impõe sua verdade, feita por ele em benefício próprio. Ele faz tudo o que fazem todos os grupos humanos, ou seja, declarar-se da parte de Deus e do direito, condenando todos os outros. Qualquer homem, só ou em grupo, diz sempre: só eu tenho razão. Temos assim tantas verdades políticas, religiosas, filosóficas, sociais etc. Se cada um tivesse a sua verdade sem condenar as outras, tudo iria bem. Mas cada um é dogmático e absolutista e combate todos os outros, e justifica-se disso, porque, para ele, as outras são o erro. Segundo ele, só ele é o bem, todos os outros são o mal.¹¹ (p. 79-80)

Se o campo de batalha será a Europa ou a Ásia, é só questão de estratégia. É fato, porém, que a Europa perdeu seu poder e autonomia. Suas colônias chegam à maioridade e com isso se tornam independentes. A Europa precisa hoje apoiar-se em Estados mais *fortes* e mais armados, já que seus

exércitos e sua preparação bélica estão inadequados a resistir, hoje, sozinhos, a um assalto de nações mais poderosas. Iniciou-se assim a liquidação das várias nações da Europa como potência mundial, estando dessa forma reduzida a uma posição subordinada à defesa que lhe é oferecida por outras nações. A Europa se está tornando domínio alheio. Ela é disputada pelas duas grandes potências que buscam apoderar-se dela e, com métodos diversos, já a invadiram e a possuem em parte, uma ajudando-a e protegendo-a, outra penetrando-a como partido político.^{11 (p. 85)}

O pensamento e a vontade da História

O homem constrói edifícios sociais em ordens sucessivas, que ruem um após outro e ressurgem em outro mais evoluído e perfeito. Se a ordem precedente fosse perfeita e *justa*, não haveria necessidade de revoluções para destruí-la e sobrepujá-la com outra nova. São elas assim necessárias, e têm um valor negativo enquanto destroem, varrem o terreno, e ao mesmo tempo um valor positivo, enquanto semeiam o novo, que nascerá depois. Quando, na vida dos povos, se apresenta a necessidade dessa renovação, a sociedade entra num estado febril, e o pensamento e a vontade diretivas da História realizam a operação cirúrgica. Entram em ação numerosas *forças*, muitas vezes em conflito. Os instrumentos são os mesmos homens que, inimigos entre si, se castigam mutuamente. Se a lógica da História exige uma revolução, ela lhe abre as portas e a convida a entrar no corpo do velho regime. Da mesma forma que os micróbios patogênicos do corpo humano, assim a revolução experimenta a resistência e o valor dele, de tal modo que, se ele está ainda *forte*, resiste e vive; e se está fraco, perece e é destruído. A vida não quer os fracos, e submete ao assalto tanto os indivíduos como os povos, para que só os mais *fortes* sobrevivam. Nos alicerces da política, estão as leis fundamentais da vida. É assim que esta, da mesma forma que oferece a fraqueza orgânica de um indivíduo como um convite aos assaltos dos micróbios patogênicos, assim também oferece a fraqueza de um organismo social-político, como convite aos assaltos das revoluções.^{11 (p. 99-100)}

Nascem as revoluções de um punhado de aventureiros, situados fora da lei, que assaltam o colosso da ordem já constituída. Quem ajuda e determina uma tão inexplicável vitória numa luta tão desigual? Poder-se-ia objetar que é a fraqueza do chefe ou do regime que determina uma revolução. Mas houve muitos reis e governos fracos, sem que por isso tenham surgido revoluções. Para havê-las, é necessário não somente essa fraqueza da velha ordem, como também a *força* nascente da nova. Para que haja renovação é indispensável esse encontro de posições opostas. Podem existir governos fraquíssimos, que por ninguém são assaltados, porque a História, nessa ocasião, nada tem que renovar. Podem

aparecer ideias novas, que, no entanto, se chocam contra um governo *forte* que as sufoca. E nestes dois casos, a revolução não nasce. Mas, quando a hora renovadora de uma revolução soou e a História quer e está pronta para fazer um passo adiante, para subir mais um degrau da evolução, surge a revolução. Quem proporciona a fraqueza decrépita do velho regime, a inaptidão do chefe, de um lado; e do outro, o juvenil poder das ideias, as *forças* renovadoras e a capacidade revolucionária dos assaltantes? Quem nessas horas trágicas em que se renova a vida dos povos, dá um impulso, de um lado; e do outro, paralisa as resistências que poderiam detê-lo? E, no entanto, o velho regime tem em mãos todas as rédeas do comando. Como, naquelas mãos, elas não funcionam mais? Que nova *força* sutil é essa que em verdade, a imprensa paga não pode criar, que mina tudo interiormente, pela qual a velha máquina não funciona mais, o exército não obedece, o dinheiro não serve, tudo se rebela e a opinião pública se orienta por si mesma?¹¹ (p. 101-102)

Quem governa os povos deveria conhecer esses imponderáveis, que sem dúvida são leis inteligentes, *forças* vivas. Falam por meio do subconsciente das massas e as constroem a agir. Os chefes deveriam compreender, quando elas se põem em ação e, ao invés de impor sua personalidade, deveriam antes procurar compreender o momento histórico, para obedecer à vontade da História, em lugar de querer impor-se a ela. Isso porque ela é a mais *forte* e quem não se conforma com ela, seguindo sua correnteza, soçobra. Deveriam os chefes procurar compreender, antes de tudo, se a vontade da História está com eles; deveriam evitar engajar-se numa luta contra a vontade da História, pois jamais poderão vencer essa batalha, dado que o inimigo é infinitamente mais poderoso e inteligente que qualquer homem. E quando uma revolução é necessária, e portanto decretada pela vontade da História, os chefes da velha ordem deveriam compreendê-lo e retirar-se espontaneamente, sem opor inúteis resistências, que só podem levá-los a epílogos de sangue. Quantas dores e quantos danos poderiam evitar-se para todos, nas vidas dos indivíduos como nas das sociedades, se a conduta humana fosse guiada com mais inteligência! E aqui também temos que concluir como acima: o homem é um decaído. E as razões teológicas do volume **Deus e Universo** dão-nos a explicação da ignorância humana e da necessidade de reconquistar a sabedoria, tornando a subir, no erro e na dor, o caminho da perfeição.¹¹ (p. 102-103)

Cada coisa está em seu lugar. Não desprezemos o progresso técnico. É uma conquista, não só porque nos liberta das necessidades materiais, como também porque desenvolve algumas qualidades do espírito, como a inteligência. Veem alguns na máquina o instrumento de uma nova escravidão. Mas o homem teve sempre que lutar pela vida e esta é uma forma de luta muito menos pesada que as primitivas. Viver numa oficina, amarrado a uma máquina, ou num escritório, preso a um trabalho monótono, é muito menos duro que lutar contra

as feras e os agentes naturais, nossos inimigos. Entretanto, pode parecer que isso atrofie as qualidades de iniciativa e livre criação individual. Mas isto transforma o indivíduo de um ser isolado contra todos, numa célula social, que aprende a viver num organismo coletivo. Além disso, lutar com uma máquina, requer muito mais qualidades de raciocínio e inteligência e muito menos prepotência e ferocidade, do que lutar contra o homem para assaltá-lo ou contra um animal para domesticá-lo. A máquina é honesta, dá-nos o que lhe dermos e não tem uma vontade *egoística*, rebelde à nossa. Ela obedece, não ao mais prepotente, mas ao mais inteligente. A máquina fará desaparecer o dominador pela *força*, e levará o homem a uma forma diferente de seleção, não a do mais *forte* ou do mais *astuto*, mas do mais inteligente. O progresso técnico imporá a necessidade de desenvolver essa qualidade superior, dado que na luta pela vida já se poderá vencer por esse novo caminho. Em outros termos, poder-se-á resolver o problema de vencer e viver, não pelos caminhos da *força* ou da *astúcia*, mas pelos caminhos da inteligência, que dará ao homem o domínio sobre as *forças* da natureza que, sujeitas a ele, poderão garantir-lhe a vida.^{11 (p. 106-107)}

Não nos alarmemos. É assim o mundo. Guerras e revoluções representam seu impulso vital, que na destruição não perde nada. Nada pode perder, porque suas raízes prendem-se em Deus, inexaurível e indestrutível. Na destruição, parece a vida tornar-se mais viva, porque, logo que se verifica uma falha, ela corre a tapá-la. Isto no terreno social, tal como acontece com as células no terreno orgânico. As carnificinas das guerras, com efeito, reativam a fecundidade genética dos povos. Há conexão entre vida e morte, dois fenômenos de compensação. Assim, existe uma afinidade entre amor e revolução. Ambos são uma luta para vencer, um meio para criar, uma manifestação de juventude e virilidade e, no estado natural, ocorrem numa atmosfera de violência e destruição. São duas manifestações de potência renovadora e todos lhe saem ao encontro, porque isso interessa sumamente à vida, que nelas se reaviva e dinamiza. Os povos que despertam, fazem revoluções e guerras. Os povos fracos e cansados as sofrem de seus vizinhos. Para os indivíduos, como para os povos, a lei é a mesma. O povo, ou a classe social mais fraca, tal como a mulher, ficam vencidos e fecundados, recebem e assimilam. É pois lei de vida, que ocorram revoluções e guerras, as desordens para construir uma nova ordem das ruínas da antiga. É lei de vida, um periódico despertar para executar o esforço de fazer um novo passo à frente na evolução. É lei de vida o contraste entre tempestade e bonança, e a expansão vital dos povos *fortes*.^{11 (p. 110-111)}

Na verdade, isso tudo poderia e deveria realizar-se sem violência, e assim ocorrerá numa humanidade mais civilizada. Se a atual ainda não o é, está ela justamente lutando e sofrendo para tornar-se tal. A História que guia tudo,

confia, vez por vez, aos povos mais aptos essas funções renovadoras. Primeiro deixa os povos num sono aparente, em que ocorre a subterrânea maturação. Um dia eles explodem, para depois voltar ao repouso. A natureza, em sua sábia economia, poupa suas *forças* e não repete um impulso inútil. Coube a primeira ao povo francês, agora é a vez do povo russo. Realizado o esforço readormecerá este também, como aquele o fez. O fenômeno atual da Rússia Comunista representa o despertar de um povo primitivo, rico de energias elementares e poderosas, aptas sobretudo à função da destruição, para comprovar a resistência da civilização europeia. Pode comparar-se isto a um assalto de micróbios patogênicos contra o velho organismo desta civilização. Funções mais complexas não podem ser confiadas a povos primitivos, mais próximos ainda ao estado caótico primordial, rico de imensas energias, mas ainda não disciplinado pelo poder da inteligência, que é fruto de longa e laboriosa evolução. Por isso, na lógica do pensamento de Deus – que a nova Rússia ignora – não lhe podem ser confiadas senão funções destrutivas, próprias das explosões do caos, poderosa de um poder involuído e satânico. Tanto mais que essa dolorosa intervenção cirúrgica foi atraída pelas culpas da Europa e também da América do Norte, que, com suas próprias mãos, quiseram construir uma Rússia *forte* e inimiga, como uma vergasta para seu próprio castigo. Há nisto uma trágica e cega obediência a um destino de *justiça*, que todos têm que aceitar, porque está no pensamento de Deus e na vontade da História, não importando se os homens queiram ou não queiram admiti-lo e sabê-lo. A tão *astuta* política sempre esqueceu o peso enorme que tem o fator moral, mesmo no campo social, e ainda não sabe que, quem não liga importância a isso, pode cometer erros gravíssimos, que depois indivíduos e povos devem pagar duramente.^{11 (p. 111-112)}

As três revoluções e a terceira ideia

A incondicional supremacia do mais *forte* e, portanto, os governos absolutos, a organização social, filha da guerra e baseada no domínio e exploração dos povos vencidos, até a instituição da escravidão, foram, nos primeiros tempos, uma necessidade biológica, proporcionada ao grau de involução da humanidade, da qual nada mais se podia pretender. E a História nada mais pedia. Por isso, deixou funcionar essas formas de vida, as quais, entretanto, com a evolução, se tornavam cada vez menos adequadas e aceitáveis. Havia no âmago um trabalho intenso de amadurecimento, escondido e silencioso, que a História oficial vê e registra só quando ele aparece visível, do lado de fora, no momento de suas explosões. É a esse trabalho intenso que se deve a ascensão contínua das classes inferiores que querem evoluir, tomando o lugar das superiores, logo que estas tenham esgotado sua função de vanguarda do progresso. Isto pertence a todos e todos têm direito a isso, e nisso tomam

parte, cada um com sua função particular, por meio de sua realização pessoal. O verdadeiro fio condutor do longo caminho da História é um irrefreável e instintivo anelo à liberdade, a que todos aspiram e os governos prometem; a humanidade concorda e espera, porque exprime a superação da inferioridade e a libertação da prisão em que caiu o homem, como vimos.¹¹ (p. 115-116)

O problema da expansão ideológica de uma doutrina é muito árduo, porque deve considerar a história e a psicologia de cada um dos povos, no âmago dos quais queira penetrar. E isso constitui uma barreira à expansão do Comunismo soviético, tal qual ele é hoje, pois não pode evitar de ser russo. Então, precisa contar com as diferenças, e logicamente com as resistências étnicas. Observemos o fenômeno particularmente em relação à raça latina, que tem uma história e qualidades tão diferentes das dos povos nórdicos. O sistema da *força* bruta e do terrorismo não poderia resistir por muito tempo em contato com a inteligência e o espírito individualístico de independência dos latinos, frutos de milênios de elaboração, que os povos nórdicos não viveram. Enquanto estes constituem de imediato um chefe, ao qual depois obedecem cegamente, os latinos possuem uma autonomia de julgamento que os torna rebeldes à obediência. Por isso os nórdicos, sobretudo os alemães, parecem-nos organizados e disciplinados, e os latinos desorganizados e indisciplinados. Consideremos um exemplo clássico. Um alemão, antes de agir, reflete muito e organiza um plano estudado em todos os pormenores, mas depois o executa teimosamente até o fim, mesmo se, mudadas as circunstâncias de ambiente, ele se torna suicida e absurdo. Pode chamar-se a isso coerência, tenacidade, fidelidade. O italiano, entretanto, não faz plano algum, mas estabelece um a cada passo, de acordo com as circunstâncias, e o abandona logo que este não lhe seja mais útil, para então organizar outro melhor. Pode chamar-se a isso incoerência, volubilidade, infidelidade. Mas, para a mentalidade italiana, o primeiro sistema parece simplesmente estúpido. E o é especialmente na guerra que, partindo do princípio de que o mais *forte* tem o direito de esmagar o mais fraco, não pode pretender dar-nos lições de moral.¹¹ (p. 126-127)

A grande palavra das Democracias, que as opõem à da *justiça* econômica, proclamada pelo Comunismo, é: Liberdade. Estamos nos antípodas da concepção totalitária. Mas, ambos os sistemas têm seus defeitos. Deixemos de lado os programas teóricos de *justiça* econômica ou de liberdade, e olhemos a substância, que está por baixo deles. Os sistemas totalitários de um lado, filhos, embora degenerados dos sistemas de comando por investidura divina – ainda que agora Deus seja eliminado deles – exercem um poder absoluto, a mais antiga e primitiva forma de poder, partindo do pressuposto de que o chefe possui uma verdade indiscutível, porque ele é superior e não erra. Na realidade, isto é apenas uma tentativa de justificação teórica, para cobrir a crua realidade, que é o domínio do mais *forte* que venceu. Segue-se daí que os princípios

proclamados são obrigatórios para todos, todas as consciências estão amarradas a eles e têm que aceitá-los pela imposição. Sistema primitivo, o mesmo das teocracias, necessário nas primeiras fases mais involuídas da humanidade, quando o indivíduo ainda não tinha nem uma personalidade autônoma, nem capacidade de *justiça*. Sistema ótimo, se o chefe e a classe dirigente fossem verdadeiramente perfeitos. Mas o são eles na prática? Sem dúvida a verdade deveria descer do Alto, mas existirá de fato uma aristocracia superior, uma elite biológica, capaz de personificar esta função de captar e representar uma verdade que desce do Alto? Ou tudo isso, na realidade é apenas uma pretensão teórica?¹¹
(p. 133-134)

Os tempos são chegados

(...) Falo hoje a todos os *justos* da Terra e os chamo de todas as partes do mundo, a fim de unificarem suas aspirações e preces numa oblata que se eleve ao céu. Que nenhuma barreira de religião, de nacionalidade ou de raça os divida, porque não está longe o dia em que somente uma será a divisão entre os homens: *justos* e *injustos*.¹¹ (p. 155)

Cristo ainda está esperando ser tomado a sério depois de dois mil anos. Os santos hoje são poucos, e as multidões seguem outro caminho. E o homem, na sua ignorância, acredita erroneamente que a paciência misericordiosa de Deus seja a sua própria vitória. Neste ponto a humanidade se encontra no caminho da descida. A multidão é ignorante e obstinada, e se faz *forte* pelo número. Tendo ela tomado demasiada velocidade na descida, sempre mais difícil se torna retomar o caminho da subida. Agora somos chegados a um ponto que nem mesmo com uma explicação racional apoiada na lógica e na ciência, se poderá obter a verdadeira compreensão. A destruição, então, se faz necessária, visto que aquele que quer parar o progresso da vida, por esta mesma vida será destruído, pois a lei quer que ele avance, e por isso, ela afasta todos os obstáculos.¹¹ (p. 157-158)

O fenômeno deve de qualquer maneira ser resolvido. As *forças* progridem e devem de qualquer modo realizar-se. Não há outro caminho que não seja o do aceleração. Que os maus, como fala o Apocalipse, tornem-se cada vez piores, e os bons cada vez melhores, de modo que eles sempre mais possam se separar uns dos outros, e a *justiça* se cumpra. Neste ponto, a solução não mais se pode encontrar voltando para trás, mas somente no choque violento entre as *forças* do mal e as do bem, pelo fato de que já estamos na guerra, e não podemos chegar ao fim senão como vencedores ou como vencidos. Chegou a hora do grande julgamento, no qual se terá de fazer a prestação de contas. Aqueles que mais dificilmente poderão ser salvos são os *astutos*, os poderosos,

que são os maiores responsáveis, por terem eles nas mãos os meios de direção da riqueza e do poder.¹¹ (p. 158)

Tudo isso acontece automaticamente. Isto porque a concórdia e a organização são condições dos evoluídos, enquanto que o separatismo, a luta e a desorganização são qualidades dos involuídos. De modo que estes são guiados pela sua própria natureza e sistema, para serem eliminados, exterminando-se uns aos outros. Não é um fato de que o mundo continua se armando, porque não mais acredita nas armas? O que pode acontecer neste mundo assim feito, senão destruição, quando com o sistema vigente de *força*, os problemas não podem mais ser resolvidos senão pela *força*; quando nenhum outro modo tenha, para sobreviver, senão se constituindo como os mais *fortes*, porque ao primeiro sinal de fraqueza de uma das partes, a outra estará pronta ao assalto para destruir? Não é esta a lei de muitos de nossos atos? Hoje o mundo é uma gigantesca corrida de lutadores *egoístas*, cada um procurando aproveitar o máximo possível do seu próximo. A melhor habilidade nos negócios e na política é, muitas vezes, julgada ser aquela de saber enganar e espoliar o próximo. Os métodos modernos são muitas vezes uma sobrevivência dos antigos modos de pilhagem, de rapinas, da destruição dos fracos.¹¹ (p. 159-160)

O homem atual muitas vezes acredita ser inteligente quando consegue defraudar a lei de Deus. Mas, como pode acreditar seja possível defraudar as leis da vida? Isso é loucura! Mas, o homem é míope e ignorante. Ele fica satisfeito com o sucesso imediato. E depois? Para a grande maioria isto é uma neblina de mistério. O sucesso imediato deixa-o acreditar ter conseguido enganar o próximo e a Lei; entretanto ele somente conseguiu enganar a si mesmo. E olhando para os outros somente por fora, ele acredita não haver *justiça* no mundo, por ver os maus triunfarem e os *justos* serem esmagados. Mas, ignora que a vida continua e que não se pode julgar somente pelo breve espaço de uma vida terrena.¹¹ (p. 161)

Mas no Alto há uma lei de *justiça* inexorável: os débitos devem ser pagos; quem faz o mal, o mal receberá, quem faz o bem, a ele fará jus. Podemos semear livremente! Mas depois o fruto será fatalmente nosso. Então, para que serve o triunfo efêmero do mais *forte* contra o mais fraco? Que ficou de definitivo de todos os triunfos registrados pela História?¹¹ (p. 162)

É loucura procurar enriquecer e vencer sem critério de *justiça*. Assim, construímos o nosso próprio destino, de pobreza ou de vencidos, com o qual tudo pagaremos. Deste modo, o mundo segue um método irracional, contraproducente, antiutilitário. Quem sabe com que desprezo nos julgarão nossos futuros descendentes civilizados! Enriquecer sem dar o valor correspondente do próprio trabalho, significa empobrecer. Num mundo mais inteligente se procuraria o próprio bem-estar ganhando legitimamente, sem

endividar-se com o ganho ilegítimo. Ao contrário, dever-se-iam procurar créditos, pagando do seu próprio patrimônio, ao próximo, tornando-se úteis à sociedade. Em cada caso, nunca adquirir sem dar um valor equivalente. Direito de todos à vida, mas a todos o dever do trabalho! Deste, pedir somente a **justa** recompensa, que é obrigação da parte de quem tem nas mãos o capital e a direção. Este é verdadeiro fundamento das leis econômicas, e não a luta. E os vencedores, porque são mais **fortes** e inteligentes, têm o dever de educar e ajudar os mais fracos, e não o direito de esmagá-los e explorá-los.^{11 (p. 162-163)}

No plano onde reina a lei da seleção do mais **forte**, é impossível evitar o choque entre esses dois mais poderosos do mundo, porque este choque é que resolverá quem é o mais **forte**, isto é, aquele a quem, conforme a lei vigente da animalidade, pertence a vitória. Não se pode escapar a esta lei, do tipo biológico atual. Mas se este choque, com as armas atômicas modernas, significa destruição, esta também é inevitável para ambos, os mais poderosos. Mas, isso tanto mais terá que se realizar, por ser este o único meio do expurgo, que é necessário, para que o progresso, que é fatal, possa verificar-se, e uma nova civilização possa surgir, agora que os tempos estão amadurecidos. Não se pode quebrar o encadeamento lógico destes termos sucessivos! Dada a natureza do homem atual, e as suas **forças** dum poder sem precedentes, que neste momento histórico estão nas mãos desse tipo biológico, não podem ser atingidos outros resultados. Não se pode alterar o desenvolvimento de um encadeamento lógico, do mesmo modo que não se pode torcer o de um processo matemático.^{11 (p. 166)}

Tempo chegará no qual ter dinheiro de nada adiantará, porque no desfazimento do conjunto social, acabará toda confiança em qualquer pessoa e não será possível ficar **forte** como poder político, porque ninguém obedecerá mais a ninguém.^{11 (p. 167)}

Perante tão terríveis perspectivas, o homem prefere continuar com seus ridículos e velhos jogos: aturdir-se nos gozos para esquecer, amontoar dinheiro, tornar-se politicamente poderoso, fabricar armas. Velhos expedientes que não salvaram a humanidade, que não impediram o desencadeamento da tempestade nas horas trágicas das grandes voltas da História. Tudo será inútil. Ficará somente uma defesa: ser conforme à Lei, isto é, ser **justo**.^{11 (p. 172)}

Isto porque, como fala a citada Mensagem: “não está longe o dia em que somente uma será a divisão entre os homens: **justos e injustos**”.^{11 (p. 172-173)}

A maioria humana, atea na substância, está misturada com uma minoria de crentes. Aparentemente, entretanto, os homens estão agrupados de outro modo, isto é, por religiões, seitas, crenças, fés etc. Em nosso mundo, repara-se muito nestas distinções exteriores, porque elas encerram interesses humanos e pouco se dá atenção à sobredita distinção de substância, isto é, em

serem **justos** ou não. A muitos interessa declarar-se membros dum dado grupo, porque aí acham defesa e vantagens. A poucos interessa conhecer a verdade e vivê-la honestamente.^{11 (p. 173)}

Mas, somente quem conhece a Lei, a hora histórica e os imponderáveis, agora em ação, conhecerá como salvar-se, porque só ele saberá como operar inteligentemente e oportunamente. É **justo** que, em virtude da incapacidade de compreender, fiquem os rebeldes sujeitos à ordem divina e que assim eles, como merecem, não sejam salvos. Por outro lado, Deus iluminará os **justos** que lutaram e sofreram por Ele, para que nele sejam salvos.^{11 (p. 174-175)}

Prepara-se hoje, dessarte, fatalmente, a seleção, anunciada em 1931 na primeira mensagem de Sua Voz. Assim, os **justos** de qualquer religião ou raça estarão de um lado, e os **injustos**, do outro. Isto porque a hora chegou em que os involuídos serão expulsos para ambientes extraterrestres para eles proporcionados e adaptados, onde eles possam viver de acordo com seu baixo nível de vida, e assim libertar o planeta de sua imunda presença, porque este deve, de agora em diante, progredir para tornar-se a pátria duma humanidade mais evoluída.^{11 (p. 175)}

Depois de termos esclarecido estes princípios gerais, o problema agora é o da sua atuação prática. Que deveríamos, então, fazer? Constituímo-nos representantes do Alto, quer dizer, tomar sobre nós mesmos, poder e autoridade que podem ser entendidos como conquista de domínio pessoal, no regime humano da luta pela vida, a provocar no instinto dos excluídos a rebeldia. Abrese, então, o caminho das rivalidades e inimizades, sobretudo para quem já possui este domínio, conquistado e mantido através de muitas lutas, e que não quer perdê-lo. Assim aconteceu quando o Cristo afrontou os sacerdotes do seu tempo. Nunca se pode esquecer que vivemos na Terra, num nível biológico perto da animalidade, onde predomina a Lei da luta pela seleção do mais **forte**, e que esta Lei fala poderosamente nos instintos fundamentais da nossa vida e por conseguinte invade tudo, reaparecendo, mais ou menos oculta, não só no fundo de todas as nossas comuns manifestações humanas, como também, nas religiosas e espirituais. Por isso, para não provocar esta luta de autodefesa, é preciso respeitar todas as autoridades terrenas e nunca procurar conquistar poder humano algum, que neste caso não interessa.^{11 (p. 175-176)}

A salvação não se baseia sobre nenhuma **força** terrena, nem sobre algum dos meios de agressão e defesa atualmente usados e mais compreensíveis pelo homem. As armas devem ser interiores, as da bondade e da **justiça**. No caminho desta salvação será o primeiro, e, neste exército, será o melhor armado, aquele que tem mais bondade e menos da **astúcia** humana; aquele que for o mais **justo**, o menos **egoísta**; o que possuir as bem-aventuranças do Discurso da Montanha, que afinal deverá tornar-se realidade vivida.^{11 (p. 176)}

O primeiro trabalho a fazer é o de ajudarem-se uns aos outros, ajudar os **justos** a reconhecerem-se, encontrarem-se, a reunir-se, sem discriminar raças ou religiões. Isto para constituir um primeiro núcleo de **justos**, prontos não somente a pregar, mas também a praticar o Evangelho; para formar um primeiro grupo daqueles que poderão ser salvos por haver merecido com uma vida exemplar; para estabelecer um primeiro centro de atração para a constituição da nova civilização do III milênio. Tratar-se-ia, em outras palavras, de preparar, ante o quadro apocalíptico duma próxima destruição mundial, uma arca de salvação, para os tipos biológicos que, pelo índice certo de inteligência, bondade e retidão, demonstrem ser mais evoluídos, e por isso adaptados para representar a elite de hoje e a semente dum futuro melhor.^{11 (p. 176)}

Hoje este tipo biológico parece, no nosso mundo social, estar condenado a ser eliminado. Talvez, as novas gerações olharão com vergonha o homem atual, este antepassado deles que subjugava os bons, julgando-os fracos, e que somente respeitava a **força**, desprezando o homem de bem e **justo**. A vida quer subir a formas mais civilizadas e, para progredir, favorece, quem luta para subir, contra o obstáculo oferecido pelos involuídos que querem permanecer atrasados. E na vida está escrita a lei da evolução, que está na vontade e no pensamento de Deus. É preciso superar a fase atual de estupidez, pela qual raciocina-se, entre os povos, matando-se, e o homem quer fazer do seu planeta um inferno. Ao velho mundo da animalidade deve-se contrapor um mundo mais refinado de espiritualidade; à **força** bruta deve-se contrapor a mais poderosa força da inteligência e da bondade, sustentada pelos recursos do mundo espiritual que, para quem os conhece e sabe aplicá-los, não são utopia.^{11 (p. 179)}

Chegou a hora de cumprir esta grande obra. Ela é demasiado gigantesca para que um homem sozinho possa cumpri-la. Mas poderão realizá-la, unidos, os bons, com a ajuda de Deus. Terá direito à salvação quem quiser trabalhar neste sentido, colaborando com a vida, no seu esforço para construir um homem mais evoluído; ajudando-o a superar a sua atávica ferocidade e a estupidez da lei animal da luta e seleção do mais prepotente, para chegar a uma lei mais alta na qual o melhor, que se deve selecionar, é o mais **justo**, o homem da unidade orgânica da humanidade, e não o individualista **egoísta**, desagregador de toda a sociedade.^{11 (p. 180)}

A função histórica do Brasil no mundo

O poderio bélico e o econômico, por mais que queiram evolver, partem de uma semente de natureza muito diversa, e jamais poderão transformar-se em amor evangélico. Os senhores do ouro e do poder bélico poderão sorrir de tudo isto. Mas a vida é feita de tal forma, que não pode ser

construída apenas com estes dois meios. Assim como cada corpo humano precisa, não apenas do ventre para digerir, da inteligência para dirigir-se, dos braços para trabalhar e defender-se, mas também do coração para amar e proteger, como cada família necessita não só do pai, que luta, ganha e ordena, mas também do amor da mãe, que gera, e cria no amor; assim da mesma forma a humanidade necessita de povos que representem, em seu grande organismo, esta nobre função da bondade e do amor, da proteção e da conservação. Na humanidade são necessários os povos, como o Brasil, encarregados da função da coesão e unificação. A vida, que tem de ser completa, precisa de tudo isso. Portanto ela confia a essas nações, o desempenho de funções biológicas, que são verdadeiras missões históricas. Estas adquirem hoje uma importância muito maior, porque a seleção biológica se apresta a tomar formas mais evoluídas, que já não são mais aquelas tradicionais do mundo animal, aquelas que levam à vitória do mais **forte** no plano material; isto é, a seleção tende, ao contrário, a produzir o biótipo do mais inteligente e do mais adequado, por qualidades de sentimento, a confraternizar, ou seja, a saber viver socialmente. A inteligência é o caminho para chegar a compreender a utilidade individual e coletiva de ser bons e honestos; e o sentimento é a estrada mestra para alcançar essa fusão de almas, sem o que não poderão surgir os futuros organismos das grandes coletividades sociais.^{11 (p. 193-194)}

O Apocalipse (1ª Parte)

Confortem-se, pois, os bons, porque, se hoje vivemos nos duros tempos apocalípticos, eles têm consigo este grande livro, hoje, como nunca, atual, que os sustentará nas provas, com a visão das grandes metas que devem ser alcançadas. E constitui uma maravilha da ordem que tudo rege, que o mesmo cataclismo, enviado por Deus à Terra, possa servir para sanar e reorganizar tudo ou seja, como agente de depuração do mundo, dos maus que assim são eliminados do terreno que eles infectavam e ao mesmo tempo, como uma prova para maior purificação dos bons, para que mais cedo e melhor possam eles tornar-se aptos a ascender aos planos mais felizes da vida. A Terra, com o homem de hoje, não pode ser lugar de paraíso, tão involuído é seu ambiente, é tão somente um lugar de prova e sofrimento. Felizes os que o consideram apenas como um purgatório, para purificar-se e subir! Os bons, portanto, nada têm que temer dos tremendos presságios do Apocalipse, porque estes não lhes dizem respeito, mas só os maus. Embora estejam todos misturados, juntos, Deus saberá executar a delicada operação cirúrgica de separar os maus, salvando os bons. Estes, até exultem, porque o Apocalipse lhes recorda que, por mais que na Terra reine o mal e pareça vencer, o bem é rei do universo; que por mais cruenta que seja a luta entre Deus e Satanás, Deus é o

mais **forte** e os bons vencerão com Ele; recorda-lhes que o dia da destruição dos maus será o dia da ressurreição para os bons; que por mais que domine na Terra a injustiça e a desordem, há planos de vida muito mais altos, a que os bons, purificando-se na dor, chegarão, e nos quais reina **justiça** e ordem. Recorda-lhes que, no fim, cada um receberá segundo seu merecimento e não de acordo com sua prepotência; que o verdadeiro senhor não é o homem, mas Deus; que, por trás da História, está Sua sabedoria, que salva tudo do **egoísmo** humano. Recorda-lhes que virá a **justiça** tão invocada, que reparará todos os erros. Virá a verdade tão procurada, que varrerá para sempre todas as mentiras.¹¹ (p. 227-228)

O Apocalipse (2ª Parte)

Antes de ouvirmos o Apocalipse, orientemo-nos. O caminho da evolução do pensamento religioso humano pode dividir-se em três etapas ou idades: 1.ª idade, de Deus como Senhor. É a idade anterior a Cristo. Temos um Deus **forte**, terrível, guerreiro, vingativo, ciumento, protetor apenas de seu povo. É o Deus dos exércitos. Deve-se-Lhe obediência servil, só pelo medo que inspira, sem compreensão nem amor, por desapiadada lei de talião. Época violenta e feroz, em que o homem, em seu estado involuído de egocentrismo estreito e de dura insensibilidade, não podia responder senão pelo **egoísmo**, interesse ou temor de seu prejuízo, seguindo seus instintos de guerra, nem sabia obedecer, só compreendendo a **força** e o comando absoluto do mais **forte**. Só por isso Deus é respeitado, só porque é o mais **forte** e, como tal, tem o poder de punir. Não fora o mais **forte**, todos se revoltariam contra Ele. Amor e compreensão ainda não nasceram na alma humana. Os povos não podem compreender senão por obediência cega, pela **força** e pelo terror.¹¹ (p. 231-232)

Poderão mudar e ser incertos os pormenores das previsões políticas, mas o certo é que o povo, grupo ou instituição, que tiver pecado, terá que pagar. Esta é a lei certa. Cada um poderá deleitar-se em fazer exame de consciência de outrem, antes que de si mesmo. A lei permanece a mesma. É inútil ter poder terreno, se há injustiça no espírito. Esse poder não poderá defender-nos e ruirá diante da Lei que quer **justiça**. Assim conclui o Apocalipse, no cap. XVIII: “Ai, ai da grande cidade, Babilônia, a cidade **forte**! Num momento chegou o teu juízo! (...). Num momento, sua magnificência ficou reduzida a um deserto! Alegrai-vos sobre ela, ó céus, e vós santos e apóstolos e profetas, porque Deus vos fez **justiça**, com Sua condenação!”¹¹ (p. 252)

12. COMENTÁRIOS

História de um caso vivido

“Em outro lugar e de outra forma (v. *Grandes Mensagens*), falei especialmente ao coração, usando linguagem simples, adaptada aos humildes e aos **justos** que sabem chorar e crer. Aqui falo à inteligência, à razão cética, à ciência sem fé, a fim de vencê-la, superando-a com suas próprias armas. Foi proferida a palavra doce que prende e arrasta para si, porque comove. Indico-vos agora a mesma meta, mas por outros caminhos, feitos de ousadias e potência de pensamento, pois quem pede isso não saberia ver de outra forma, por faltar-lhe a fé ou por incapacidade de orientação para compreender”.^{12 (p. 29)}

Mensagens mediúnicas dirigidas a Pietro Ubaldi

Pergunta de P. Ubaldi – “Mas eu não me sinto digno”.

Resposta: – “Por que queres repeti-lo ainda? Sabes que o Eterno vai e procura a ovelha transviada: os **justos** já estão salvos. E o pecador que o Eterno procura, é o doente que precisa de médico, é para ti que vem o Seu amor”.^{12 (p. 39)}

Um caso de biologia supranormal

E no entanto, estes são os tempos em que triunfam os assassinos, os prepotentes, os ladrões, os hipócritas, os **astutos**, os desonestos de todas as formas e cores, em que se troca por dinheiro tudo o que é sagrado, em que parece nada mais ser respeitado. Mas este, como dissemos, é um fenômeno visível de superfície: a realidade profunda é diferente. Do atual espasmo surgirá a reação e a última palavra será dita pela alma coletiva. Os maus serão destruídos por seus próprios delitos. O ódio, a maldade, geram ódio e maldade, que se destroem mutuamente; a bondade e o amor são por sua vez a gênese de mais elevado amor e de mais generosa e iluminada bondade. Pode-se dizer perfeitamente que o mal tem uma função biológica negativa e destruidora, e que o bem tem uma função biológica positiva e criadora. É por isso que estamos persuadidos de que o trabalho da evolução conservará as qualidades biológicas do santo e destruirá as opostas. Concluamos, portanto, que nosso estudado pode considerar-se um pioneiro da evolução.^{12 (p. 84)}

A Grande Síntese – apreciação de *Fermi*

Mas a Providência não justifica uma espera inerte e passiva: age sobretudo no **justo** que quer o bem e que, lutando, o impõe com seu esforço.¹² (p. 173)

Quando passamos ao campo social, apresenta-se o problema da **força**, que a história parece identificar com a **justiça**. A primeira é necessária tensão da vida, imperial e tirana, mas degrau de ascensão. O caótico choque das **forças**, ainda à procura dos equilíbrios superiores do direito, expandindo seus impulsos interiores, prepara o amadurecimento da unidade coletiva. Enquanto reina a **força** bruta, o melhor é o mais **forte** (Aries = Marte, donde Aristos). É uma **justiça** proporcional à baixeza do nível e não pode ir além da seleção natural. A vida é uma expansão de **egoísmo** e só dilatando é que o coordena com os **egoísmos** limítrofes, para que possam fundir-se. O indivíduo, impelido a elevar-se pelo impulso biológico, descobre metas cada vez mais altas, trata de alcançá-las melhor na coletividade, e então o ciclo infeliz, que se chama ignorância, **egoísmo**, **força**, luta, dor, mal, tende a despedaçar-se. É a gênese da guerra. Dadas as condições atuais (não futuras) a guerra é necessária. No entanto, esse mal de transição já se inverte num reflorescimento de bem, porque ensinou ao homem feroz a matar também por uma ideia, a dilatar o próprio **egoísmo** até a coletividade, a sacrificar-se pela pátria.¹² (p. 173)

Misticismo moderno

E qual é dos leitores das *Mensagens Espirituais*, de *A Grande Síntese*, de *As Noúres* e de *Ascese Mística*, que sinta poder afirmá-lo? E então, vem espontânea a pergunta: é possível que um ser humano possa atingir alturas espirituais tão inefáveis, ou talvez tenhamos de considerar esses místicos como fatos patológicos, como iludidos, que pensam ter alcançado certos níveis espirituais, que são apenas produto de sua emotividade? Para mim a resposta é clara e nítida: sim, é possível. Nossa incredulidade é função de nossa ignorância das leis que governam a vida e que um ensinamento filosófico religioso, falseado desde as raízes, não nos permite penetrar. Se todos os homens nascem em condições de perfeita igualdade moral, intelectual e espiritual, como explicar que em idênticas condições de tempo, de lugar e de ambiente, se desenvolvam de modo tão desigual que produzam o culto e o ignorante, o **forte** e o fraco, o ladrão e o filantropo, o violento e o santo? Isto deve levar-nos à reflexão. E os que creem num Ente Supremo que é **Justiça**, Harmonia, Amor, como podem admitir que a **justiça**, a harmonia e o amor possam gerar ódio, desarmonia, injustiça? Aqui está o ponto. Se a árvore boa dá bom fruto, e não pode dar mau fruto, quer dizer que nossos conhecimentos na matéria estão

errados. E o estão mesmo. A antiga sabedoria, à qual viramos as costas com muita desenvoltura, ao afirmar a preexistência das almas e a pluralidade das existências, esclarecia luminosamente o mistério da vida humana e seu desenvolvimento natural.¹² (p. 215-216)

13. PROBLEMAS ATUAIS

Os guias do mundo

Esses homens de exceção personificam, no vértice, o drama das deslocções evolutivas ou revoluções biológicas. Passam no ciclo da vida como um raio que ilumina dum extremo a outro a Terra escura, dinamizando a massa inerte da carne do vulgo humano. São eles a centelha do espírito que vivifica as formas da matéria. São os maiores vencedores, porque realizam e vencem a luta mais alta, a que impulsiona a humanidade a progredir. São os grandes da vida, que os fez mais *fortes* e lhes confia trabalhos de gigante. O seu trabalho é resultado de atitudes superiores, de vontade de ferro, de fadiga ardentemente desejada, tenaz e convergente, de irresistível paixão do bem. O homem normal, imerso nas batalhas do contingente cotidiano, ignora essas lutas apocalípticas realizadas no terreno da evolução para subir a Deus. Tremenda coragem é necessária para aventurar-se contra as *forças* biológicas, para arrancar o ser de um plano inferior e arrastá-lo a um superior. Mas só assim podem superar-se as barreiras que atrasam a ascensão e arrombar as portas de um mundo mais elevado, para entrar por elas.^{13 (p. 9)}

O chefe – crítica de Maquiavel

Apresenta-nos Maquiavel em seu Príncipe, uma figura que está nos antípodas da que acima traçamos, um tipo diabólico, de *astuto* e prepotente, de falso e traidor, aproveitador de tudo e desprovido de qualquer moral. Aproximemos as duas concepções situadas nos antípodas. Certamente não pode negar-se que se Maquiavel escandalizou o mundo, foi só porque mostrou desnudado o verdadeiro rosto de muitos chefes e a baixeza e verdadeira natureza dos meios que eles usam para guiar a vida social. Maquiavel não quis dar-nos um tipo ideal para ser imitado, porque nobre e belo, mas apenas quis verificar e mostrar-nos a dura realidade. Como homem positivo, limitou-se o que esta lhe oferecia nos fatos. Os governantes da Terra, desde que existem governos, sabiam bem as doutrinas de Maquiavel e bem o demonstra o fato de que muitas vezes as aplicaram. Mas eles tinham uma moral, que consistia em ocultar os seus verdadeiros princípios, para dominar melhor os súditos, escondendo seu rosto verdadeiro de lobos sob a máscara de cordeiro. E eles só se insurgiram contra Maquiavel porque este lhes violara essa moral, expondo sinceramente a triste realidade qual ela é. Em última análise, em seu livro O Príncipe, realiza Maquiavel um ato de grande, mas de incômoda franqueza, descobrindo os segredos que movem o homem que permaneceu lobo, que ainda

funciona em cheio com as leis do plano animal, mesmo quando sobe aos mais elevados planos de comando e às honras da glória de vencedor e de chefe. Esse livro foi um ato de grande bom senso e um corajoso reconhecimento da dura realidade dos fatos. E foi também uma grande bofetada no gênero humano, descoberto em sua vergonha e ferocidade, tanto considerado na hipocrisia dos governantes, quanto na imbecilidade das massas.^{13 (p. 24)}

Não queremos com isso justificar nem Nietzsche nem Maquiavel. Apenas queremos explicá-los. O seu erro consiste em ter aceito sem rebelião, e até confirmando, essa dura realidade. A sua culpa é não ter procurado opor-se e libertar-se desse mal, superando-o, em vez de havê-lo justificado como uma lei natural da vida. E isto é um consentimento tácito, uma aceitação. Pois o homem não deve, não pode, permanecer sempre no plano animal. Esse reconhecimento deles é quase uma confirmação ou autorização à baixeza. Nietzsche chega até a idealizar o inferior tipo biológico apenas da *força*, e vai até fazê-lo tipo ideal, propondo-o como modelo. Tudo isto é exaltação do involuído, é reviravolta de valores, é monumento erguido ao animal. Eis em que reside o erro e a culpa desses escritores. Pararam na realidade de superfície, sem compreender que há outra realidade, mais profunda, a do espírito, da vontade da Lei, dos impulsos da evolução, da imanência de Deus. O pensamento humano representa uma *força* superior à matéria, deve dominá-la, plasmá-la, fazê-la evoluir, e não aceitá-la tal qual é a suportá-la como seu escravo. Sente-se que a esses escritores e a seus afins falta algo que eles não viram, falta o sentido para perceber o poder do imponderável, que todavia pesa muito mesmo na realidade histórica e social observada por eles. O seu erro é o mesmo do materialismo, que parou à superfície e que, agora que a ciência começa a penetrar mais profundamente tem que repudiar muitas de sua dogmáticas afirmações. Há um mundo superior que os mais evoluídos sentem por intuição, e que escapa completamente a esses homens práticos de ação, ainda quando chegam a ser homens de estado ou filósofos famosos. Diante dessas superiores realidades do espírito, que eles negam porque não vêm, tornam-se eles crianças, ineptos, incompetentes. Creem, em seu ceticismo, que são mais *astutos* e que estão mais próximos da verdade em seu sentido prático e dirigindo-se à ação acreditam atingir a realidade. No entanto, são incompletos, e em certas zonas da vida, totalmente cegos. Por isso lhes escapam de todo, como ao materialismo, os sutis valores do espírito e não podem compreender nenhuma religião senão a da violência. Seu metro não pode medir as distancias astronômicas do sublime, que é então repudiado e liquidado como inexistente. Sem dúvida que a luz para os cegos, não existe, mas assim não ocorre ao que vê. Para eles a tábua de valores é diferente, assim como a virtude e os meios, porque diferentes são as finalidades da vida. Savonarola, entendido friamente por Maquiavel, bem diversamente reagiu às mesmas condições de seu tempo.^{13 (p. 25-26)}

Biologicamente, os governantes são os pastores dum rebanho que deles espera e exige guia e proteção. Despojados de todas as formas exteriores, as relações entre governantes e governados, e vice-versa, são muito simples. São estabelecidas pelas exigências da luta pela vida. Reduzida a política a esta mais simples expressão, os sistemas de escolha (seja mediante revolução ou eleição) e os sistemas de governo (sejam totalitários ou representativos) embora diversos na forma se equivalem na substância. De qualquer modo, o condutor deve ter sempre as mesmas qualidades, isto é, a do mais hábil, do mais **forte**, do que melhor dê garantias de defesa, de prosperidade, de progresso. Isto é o que exigem os povos de seus governantes, ou seja, o cumprimento da função biológica de que se incumbem. Mas, no fundo, é a vida que, através do instinto dos povos, exige que cada um cumpra a tarefa que lhe cabe. Hoje o mundo discute muito os métodos pelos quais se pode chegar ao poder, quer por eleição ou revolução, pela chamada escolha livre nas democracias, ou pela imposição e por eliminação dos rivais. Mas são apenas dois métodos diversos, em substância, fundamentados igualmente na **força** e na **astúcia**. No caso da democracia será a **força** do dinheiro, mais requintada que a **força** bruta, que elimina os pretendentes inimigos, e a **astúcia** será menos policial e feroz. De fato, porém, esses dois métodos, embora diferentemente evoluídos, reduzem-se no fundo à mesma luta pela vida, ainda que se manifestem em duas formas diversas.¹³ (p. 28-29)

A luta é a condição primordial da evolução, que é uma longa escada que temos de subir com esforço nosso. Daí o contínuo esforço para emergir das condições inferiores da vida, vencendo a despeito do ambiente e a despeito de todos. Em nosso plano, significa essa luta o esmagamento de qualquer rival de nossa vida. Se ao seu evoluir amanhã, tornará a seleção uma forma mais apurada, tendente à produção de um tipo mais consciente e espiritual, hoje serve a luta para a seleção do mais **forte** quase que somente em sentido animal, porque é este agora o tipo biológico dominante na Terra. Em vista disso, a primeira coisa que os povos exigem de seus verdadeiros chefes é a **força**. Para realizar o grande esforço da evolução, o mundo procura sempre a **força**. Por isso, a mulher adora o homem, os pobres invejam os ricos, os inferiores na escala social obedecem a seus superiores. O chefe de um povo é, em última análise, o homem, pai de uma grande família. Mais que bondade e amor, qualidades femininas, pedem-se lhe as qualidades viris do poder e da capacidade de domínio, únicas que o autorizam ao mando. A vida, exige no chefe que guia, o tipo melhor da raça, mas melhor em relação e em proporção a ela. É assim que cada povo, segundo seu grau de evolução, precisa como chefe, de um tipo biológico evoluído em proporção a ele, portanto, nem muito involuído, para que não seja desprezado por estar muito baixo, nem demais evoluído, que seja incompreendido porque muito alto. Por isso se diz que os povos têm o governo que merecem. Mas pode dizer-se também que os chefes

têm o povo que merecem. Entre governantes e povos, se deve haver certa distância evolutiva para estabelecer a superioridade do condutor, também deve haver certa afinidade que permita a comunicação, embora isso implique defeito, mas é necessário para estabelecer a sintonização.^{13 (p. 29-30)}

Se ao invés, o chefe perde, é a vida que nos instintos do povo, se sente derrotada. Ela então, através desse instinto, revolta-se contra o chefe que teve a pretensão de saber desempenhar uma função e a não desempenhou. Não se brinca com a vida. Esta é sua linguagem concreta. A vida reprova nos exames, matando seus alunos. Rebelam-se então os povos, e matam ou depõe seu chefe, chamando-o de traidor. Traidor de quem? Da vida, que realmente se sente traída por quem assumiu um empenho vital sem sabê-lo depois manter. Esse sistema de liquidação poderá desaparecer com a evolução, mas é normal e considerado legítimo em nosso plano involuído, ainda no nível animal. Esteja atento, pois, quem se entrega ao poder da *força*, porque lhe não será deixado outro poder. Quem ingressa nesse terreno, se acaso perder, não poderá esperar piedade, bondade, *justiça*, pois ele mesmo, ao penetrar no terreno bélico, por mais que queira e possa justificar-se, se colocou fora do campo dessas *forças*, que o não mais sustentarão. Mas, se vencer, demonstrando com isso ser verdadeiramente mais *forte*, então tudo está para ele: glória, poder e até a bênção de Deus. Ele escreverá a história a seu modo, estabelecerá sua verdade, e a fixará numa nova ordem, em que todos os vencidos estarão a ele sujeitos. Poderá até revestir-se de justiceiro, e assim camuflado, criar tribunais, encenar processos e emanar sentenças em nome da *justiça* contra seus inimigos, chamando-os de criminosos de guerra ou coisa semelhante. E ele não pensa que, se ao contrário tivesse perdido, ele teria sido julgado e condenado com o mesmo sistema de *justiça*. E não é novo que nas alternativas vicissitudes da vida, sejam vencidos os vencedores e depurados os depuradores.^{13 (p. 31)}

Continua Maquiavel: “Todos veem o que pareces, poucos sentem o que és. E esses não ousam opor-se à opinião dos muitos”. Esquece-se, no entanto, que esse sistema, se é um hino a imbecilidade humana, realiza, à *força* de ferir os mais ingênuos durante séculos, uma seleção que faz sobreviver apenas os mais *astutos* e se reduz a uma escola de velhacaria. Assim a imbecilidade diminui e vai desaparecendo e o sistema automaticamente, se torna cada vez mais difícil de pôr em prática e menos rendoso. É a lei do progresso. Acrescenta Maquiavel: “Nas ações de todos os homens e máxime dos príncipes, olhe-se o fim: vencer e manter o Estado. Os meios serão sempre julgados honrados”. Eis que vem à tona, nua e crua, a realidade biológica. O mundo ético é ainda uma sobreposição instável ao mundo do animal. Existem os princípios afirmados com gritos, mas não existe sua aplicação. Não estão ainda eles incorporados, assimilados à realidade biológica, que está no fundo e espera, e de cujo fundo sobe a lama. Transições na evolução.^{13 (p. 38-39)}

Se os chefes são assim, em grande parte a culpa é também dos povos. Em uns e outros, há uma corrente psicológica involuída que arrasta todos. Bem quereriam as massas, em seu chefe, aquelas perfeições morais de bondade, que lhes seria cômodo achar nele, para melhor aproveitá-lo, perfeições que é absurdo que ele tenha porque, se as tivesse, ele como chefe, seria logo liquidado. Todos desejam os bons, mas para aproveitar-se deles. Assim se explicam as verdades enunciadas por Maquiavel. O chefe deve parecer bom, mas ai dele se o for de verdade. Só um chefe **forte**, que não se deixa esmagar pelo assalto de outrem ao poder, é respeitado. Dado o atual grau de evolução humana, é inútil apelar para a compreensão, bondade e inteligência, mas, como diz Maquiavel, só se pode contar com o temor. Neste mundo, só o mais **forte** é respeitado.^{13 (p. 39)}

Quem está de fora, fica a olhar de estômago vazio. Quem pertence a planos biológicos mais evoluídos se surpreende de ver que, diante de um poder exercido como exploração e esmagamento e não como missão, não se rebelam os povos. Mas se é isto injustiça feroz nos planos superiores da vida, é coisa normal nos inferiores. Nestes, é **justo** que os povos escravos, que não têm **força**, não se rebelam contra os dominadores. As massas dominadas sabem que os fracos não têm direitos contra os mais **fortes**, e que por isso têm de calar. Sabem que não merecem a vitória, porque não conseguem impor com a sua própria prepotência, e que por isso têm de suportar. Sabem que, segundo a lei de seu plano, os fracos serão justamente esmagados até aprenderem a ser mais **fortes**. Com efeito, só agora, quando as massas, por sua organização, aprenderam a fazer-se valer, é que os dirigentes as tomam em consideração. Assim os deserdados sofrem, não porque aceitem, mas porque esperam uma ocasião para fazer pior, pois a lei dos vencedores e dos vencidos é a mesma: a do mais **forte**. O problema é um só para todos: vencer esmagando.^{13 (p. 40-41)}

Ao povo agrada o belo sonho utilitário do ser servido gratuitamente pelos dirigentes. Mas, em sua ingenuidade, não sabe que a vida nada oferece de graça. Ignora que seu mundo é o da **força** e que o povo não será servido enquanto não tiver aprendido a ser uma **força** e representar um valor. Quem nada vale, nada obtém da vida. Os governantes levarão em conta o povo, quando este souber fazer-se valer pela inteligência, consciência de si mesmo e vontade, quando representar algo no destino coletivo, quando souber até ser temível e impor-se aos chefes, se necessário. Mas, nos férreos equilíbrios que balanceiam os valores da vida, que pode pretender hoje uma massa amorfa, instintiva, inconsciente, se não for guiada e explorada por quem é mais **forte** biologicamente, mais **astuto**, mais dinâmico? Que pode pretender um rebanho de ovelhas, se não a erva dos campos e ser tosquiado? E que sabe fazer esse rebanho, quando se revolta, senão passar das mãos de um patrão para as de

outro? Como pode acreditar-se que o consigam aguentar-se as posições da vida, se, atrás delas, não existem valores reais?^{13 (p. 43)}

No plano de vida que Maquiavel descreve, o que ele indica é a lei, a regra, a *justiça*. Em seu orgulho, o homem se autodeclara ser superior, última finalidade da criação, a mais bela flor da vida no planeta. Mas devia tudo isso ao ter sabido triunfar a despeito de tudo e de todos, exterminando os inimigos sem bondade nem piedade. Os idílicos pensadores do ideal afirmaram que Deus criara todas as coisas apenas para prazer do homem. Na realidade, o homem só conseguiu possuir aquilo que pôde arrancar à vontade inimiga; usando todos os meios. A vida só se inclina e oferece regalias diante do homem *forte*, violento, vencedor. Nada é gratuito diante dela. Nenhum escrúpulo ou piedade a impediu de condenar à extinção raças mais fracas. E tê-lo-ia também feito com o homem, fora ele menos *forte* e violento.^{13 (p. 46)}

Tudo é lógico, claro, em seu lugar *justo*. A luta é um exercício com finalidade seletiva; o esforço para evoluir é o pagamento devido pelo homem, dívida que ele contraiu com a queda (veja o volume “*Deus e Universo*”), que é o preço de seu resgate. A dor é uma escola salutar para aprender a eliminar o erro. E quanto mais se sofre, mais se aprende; e quanto mais erros se eliminam, mais a dor diminui. Ao invés de colher escândalo e pessimismo da leitura de Maquiavel nasce aqui um hino a evolução e à sabedoria da vida. O homem não está ainda maduro para conceber e exercitar o poder como função social, para o bem coletivo. Governantes e governados têm todos conceitos diferentes. Exercita o poder quem venceu na luta e o exerce para sua vantagem, dominando o povo. Só essa vantagem *egoística* e imediata explica a luta de tantos para atingir os postos de mando. De fato, o poder não gera colaboradores, como deveria, e como aconteceria num plano superior, mas inimigos e rivais; requer *força*, e é o prêmio *egoísta* para o mais *forte* e não um serviço reconhecido pelos governados que o aceitam com gratidão.^{13 (p. 50)}

O novo homem

Começa então a espoliação do homem evangélico. Aproxima-se o primeiro lobo, dá uma dentada e arranca um pedaço de carne. Visto que a cobiçada festa foi iniciada impunemente, apressa-se um segundo a imitar o primeiro, e com outra dentada abocanha outro naco de carne. E assim por diante. Encorajados pelo êxito dos mais *fortes*, adiantam-se então os fracos mascarados de *fortes* e com armas ocultas. E enganam o homem evangélico com suas *astúcias* e mentiras, todos fascinados pela grande miragem: poder tirar tudo, “impunemente” do próximo, ou seja, escapando à sua reação punitiva, única coisa que eles temem e que os pode deter. É por isso que só se pode

conseguir ordem num povo pela imposição da lei e a paz entre as nações pela imposição da mais **forte**. Nessa impunidade reside o sonho e voluptuosidade do macho: poder, sem esforço nem perigo, superar o obstáculo que o impede de obter a vitória sobre o próximo. Consiste a satisfação em achar, nesse caso, o caminho mais rápido e mais fácil a seu instinto de conquistar e dominar, para evoluir. Mas, para obedecer ao que a vida ordena ao macho, satisfazer a vitória é de pouca valia, porque ela é fruto mais da fraqueza do vencido do que da superioridade do vencedor. As leis sociais, como o equilíbrio dos povos e seu assalto nas guerras, baseiam-se neste princípio: obter o máximo arriscando o mínimo, e apoderar-se de tudo. Se, no plano humano, isto significa vitória, mesmo não o sendo num plano mais alto, explica-se quando se pensa que o espírito de **egoísmo** e de domínio, que hoje se procura corrigir com as virtudes do **altruísmo** e obediência, se formou no homem justamente porque só os indivíduos que o possuíam conseguiram sobreviver melhor na luta universal pela vida.^{13 (p. 54-55)}

Os homens da Terra, pelo instinto de progredir, têm mais ou menos a intuição de que, nesses casos, existe um ser superior. Mas eles continuam a ser práticos, no terreno positivo: limitam-se a usá-lo. Imitá-lo é muito difícil. Bem sabem eles que assim é, e pouco pensam nisso. A santidade não é comida para todos os dentes. Mas alardeá-la é vantajoso. O homem prega e faz muitas coisas bonitas, mas se quisermos compreender por que as diz e as faz, acharemos que a verdadeira e última razão quase sempre é apenas uma utilidade sua. Só os ingênuos podem acreditar no que dizem os **astutos**: isto é, que se possa fazer algo sem tirar vantagem. Todos têm o alvo “útil”. E isto não constitui culpa: é a lei da vida. É erro pensar que isto, como princípio, seja uma culpa. O defeito reside na baixeza da utilidade que queremos alcançar, e por isso desaparece no ser superior, que põe a sua utilidade no amor ao próximo, no amor de Deus.^{13 (p. 59)}

Eleve-mo-nos, ou então cairemos no mundo de Maquiavel, que é um mundo de traições. Ele também nos oferece estima e respeito mas só invejando-nos e odiando-nos, e enquanto formos **fortes**. Nesse mundo, o vencido e o fraco nem sequer são odiados, mas lançados fora com desprezo devido ao vencido. Mundo em que a morte de um é vida do outro; mundo em que o amor luta para procriar e o ódio para matar. Mundo em que cada momento de vida deve ser conquistado contra todos, numa luta sem tréguas, em cada pensamento e ato. Estamos tão permeados de luta, que mesmo quando oramos a Deus, lutamos para cavar favores. A batalha atinge até o terreno moral que é o mais alto e próprio das religiões. Desse modo faz-se a guerra ao próximo até em nome da virtude. Os próprios princípios dos planos superiores mais livres têm que assumir, para subsistir na Terra, a forma de imposição moral sustentada por sanções correspondentes. Há luta, não só entre homens, mas entre planos de

vida. E é interessante observar como ocorre o embate entre *forças* do Evangelho e as da animalidade humana, e ver que contorções têm que sofrer esses princípios superiores, quando descem em contato com a dura realidade da vida terrena, a fim de conseguir adaptar-se a ela. Maquiavel dá-nos uma ideia disso. E veremos então que o Evangelho, na Terra, toma forma de utopia, e a virtude, de mentira. Desfralda-se então a bandeira do amor fraterno, do *altruísmo*, do espírito de sacrifício, ocultando por baixo a vantagem material, explorando tudo no interesse próprio. Tudo isso é um fenômeno biológico que pertence a todas as manifestações da vida neste mundo, em qualquer lugar, tempo e religião. Não estamos, pois, julgando ninguém, mas apenas fazemos constatações biológicas objetivas e com absoluta imparcialidade.^{13 (p. 63)}

Tudo é *justo* e se explica. Num plano de vida involuída, a virtude não é sentida, nem espontânea, nem compreendida. Só pode ser imposta pelo mais *forte* e aceita pelo mais fraco com repugnância, pois a vontade de viver só existe em forma animal. Nesse nível, a virtude é um peso, uma perseguição. E o indivíduo que aceita essas cadeias, sente-se no direito, de acordo com a psicologia de seu plano, de ter ciúmes de quem não está acorrentado como ele às mesmas virtudes, e portanto pode gozar de liberdade. Assim, de fato, a liberdade na prática não é mais do que abuso. Ele sente-se autorizado, em nome da própria virtude, a desviar os seus sofrimentos contra os que não estão presos a estes, ou seja, os não virtuosos. Nasce assim o santo zelo agressivo e a procura da satisfação ao próprio rancor – filho do instinto de conservação na luta pela vida – exigindo-se que o próximo fique amarrado à mesma virtude a que ele se encontra ligado. Dizem: “ao menos, já que devo fazer sacrifícios e renúncias, que as faça também o próximo”. E é assim que alguns pregam e impõem a virtude. No plano animal, nada além disso se pode obter. Mas qualquer pessoa vê quanto tudo isso está longe do princípio do Evangelho, do “ama teu próximo”.^{13 (p. 64)}

O espírito de *egoísmo* e de revolta, a desordem dominante em seu modo de viver, provam que o homem atual é involuído. Os índices da evolução são o *altruísmo*, a disciplina, a ordem. Quanto mais se sobe, mais o indivíduo se harmoniza. Quanto mais se desce, mais ele é rebelde, indisciplinado, desarmônico, caótico. Tal é o mundo atual. O homem ainda mata. As próprias religiões que pregam o mandamento não matar admitem e abençoam as guerras, realizaram mesmo as guerras santas, reconhecem, no grupo dominante, o direito de matar em nome da *justiça*, que, em última análise, é apenas autodefesa. Quanto mais se desce na escala evolutiva, e menos são defendidas a propriedade e a vida, mais áspera é a luta, maiores os perigos e as dores. Quanto mais se desce, mais a morte de um é a vida do outro. Quanto mais se sobe, mais a vida de um é a vida de outro. É assim que se explica, nos involuídos, a alegria de matar. Desse modo, quanto mais se desce, maior é o instinto de agressividade,

mais *forte* o *egoísmo*, mais caótica e insegura a vida. Mas, é lógico que, quanto mais se desce, maior é o separativismo individualista que ignora o vizinho, maior a mortandade e maior a dor, porque a vida é mais quebrada, por motivo de um ritmo mais acelerado de vida-morte, que exprime o estado de cisão que, como consequência da queda, aumenta com a descida.^{13 (p. 70)}

Num plano mais alto, desaparece tudo isso. Cessa a agressividade e o desejo de matar, tudo se arruma e harmoniza, o indivíduo é protegido na vida e nos haveres, as dores são menores e os direitos maiores, e ele não está mais isolado no caos, mas é uma célula da grande organização social. Isto, porém, pertence ao futuro. Muitos perguntam ingenuamente, porque até hoje esta triste necessidade de fazer guerras. Mas a razão é o estado involuído das maiorias humanas, são seus instintos. Esse duro destino é causado pela própria natureza do homem atual, por sua psicologia que revela seu plano biológico, em que só o mais *forte* vale e tem direito à vida. Não são esses princípios aplicados diariamente nas competições da nossa vida chamada civil? Como pode o homem tornar-se outro, logo que entre no campo das competições internacionais?^{13 (p. 70-71)}

Em vista da forma mental desse biótipo, o embate entre os dois grandes contendores, que hoje ficaram em pé no mundo, é fatal que ocorra mais cedo ou mais tarde. Tudo isso está já em embrião, e não pode deixar de desenvolver-se. Não pode ocorrer diferentemente num mundo em que vingam esses princípios. A guerra é inevitável, onde é preciso decidir quem é o mais *forte*, pois só a ele compete a viver. A fim de terminar com as guerras, é indispensável uma psicologia completamente diferente e, para que o mundo possa chegar a ela são necessárias destruições e dores imensas, experiências apocalípticas, proporcionadas à grandeza da transformação que deve realizar-se no homem. Estão abertas as portas do progresso. E quando a gangrena chega ao coração, o cirurgião que quer salvar o doente louco, o arrasta e o amarra à mesa de operação e, para salvá-lo o esquarteja. Essa é a operação cirúrgica que Deus se prepara para fazer na humanidade a fim de salvá-la.^{13 (p. 71)}

Esse é o mundo de hoje. Isso não é culpa, é apenas ignorância. Mas isso não impede que se deva pagar da mesma forma. E a humanidade está pagando, e tanto pagará que será obrigada a aprender. A dor é uma grande mestra. A vida hodierna é um erro psicológico, baseia-se em ilusões mentais. Compete ao homem entrar num terreno de utilitarismo superior, substituindo, ao antigo método de seleção do mais *forte*, isto é, do mais prepotente, ao método de seleção do mais inteligente e, por fim, do mais honesto. A solução do problema do bem-estar não se situa só na *justiça* econômica, mas em se reconhecerem todos os direitos do próximo, e esse são de muitos gêneros, e não apenas econômicos: consiste em deixar espaço vital suficiente para todos, sem

sufocar ninguém. Os povos e a humanidade só poderão refazer-se com o progresso do indivíduo, levando primeiro à frente seus componentes um a um. O progresso coletivo não pode ser alcançado senão com o progresso de cada um. É mister respeitar o princípio utilitário fundamental da vida, pelo qual só se faz algo em vista de uma vantagem a ser obtida. Mas se todos precisam obter algo, não há dúvida também de que todos têm algo a dar; assim há para todos uma possibilidade de troca. É a lei do “do ut des”, do mundo econômico. Ela foi condenada na “Grande Síntese”, porque aí foi olhada dum ponto de vista mais elevado. Mas, nos planos inferiores, é preciso reconhecer que cada concessão *altruística* do *egoísmo* humano que dá, só é obtida em presença de uma contra-doação da parte do *egoísmo* oposto do outro, nosso semelhante. Isto é o máximo de *justiça* que se obtém no plano humano. Esse é o máximo de fraternidade possível neste nível, em que o estado mais involuído implica maior separativismo *egoísta*. Nas o “do ut des” já é um equilíbrio e, na troca, uma tomada de contato, o maior abraço que permite o *egoísmo* dominante nesse nível. Esse já é um primeiro início de ligação entre os indivíduos, na estrada que leva aos grandes organismos das futuras coletividades sociais.^{13 (p. 71-72)}

É difícil dar normas particulares para a aplicação dos princípios em cada caso prático. É necessário ver, caso por caso, levando em conta sobretudo o tipo biológico a que tudo isso se aplica. A maioria involuída precisa da virtude imposta e do terror do inferno, porque, sem o império de uma autoridade, e sem o medo da própria condenação, nada de bom faria. Mas, para os mais evoluídos, esses métodos são inaceitáveis e produzem o afastamento da fé. Tudo o que se faz na Terra, é feito em relação e proporção às qualidades dominantes da maioria. Às minorias compete apenas adaptar-se, num mundo que não é feito para as suas medidas. Ainda aqui é o mais *forte* que vence, sendo a *força*, neste caso, representada pelo número.^{13 (p. 72-73)}

Tudo é luta pela vida, de todos contra todos. Tudo na Terra pode ser transformado de bem em mal. Assim, a defesa dos princípios pode, ao invés, constituir de fato uma busca de prosélitos, sobre os quais mais tarde se possa elevar o próprio trono, e transformar-se desse modo na caça aos mais sugestionáveis e fracos. Estes, por sua vez, aceitam os princípios para achar um refúgio, um pão, uma defesa. Quantos vezes uma profissão de fé pode servir para resolver o tão difícil problema da vida! Esse problema é o que todos bem compreendem, e que a realidade impõe que compreendam. Mas ter uma fé, crer, é talvez uma ato em que poucos estão em grau de compreender totalmente, e que, para eles, tem valor relativo ao passo que aquela realidade tem, para eles, um valor muito mais real e tangível. Tal é a vida, que é uma luta muito dura para todos, para que posam permitir-se o luxo de uma fé que pese. Aceita-se uma fé que ajude, mas não há margem para uma fé que onere. As necessidades materiais são espicacantes, as grandes verdades estão longe, os céus são difíceis

de escalar, só os **fortes**, os inteligentes, os bem dotados e afortunados, pode permitir-se ter uma personalidade própria e impô-la. Muitas vezes, à miséria material soma-se a miséria espiritual, incapaz de qualquer coisa.^{13 (p. 74-75)}

Procuramos observar tudo objetivamente, sem preconceitos nem preferências, para compreender e também para desculpar todos. Para o fraco, a luta pela vida é coisa terrível. Querem-se aplicar grandes princípios a todos, mesmo aos que nada disso compreendem; exigem renúncias, virtudes, sacrifícios a quem não tem a **força** de suportá-los. É preciso nivelar tudo no plano baixo das maiorias. Dos chefes e ministros do espírito pretendem-se qualidades raras, duras em conquistar-se e que eles não têm. Pretende-se uma vida exemplar num mundo corrompido, pede-se o sacrifício, que é um tormento para a vida. E se falta o material humano por toda a parte, como improvisá-lo? Os fracos que são tantos, procuram defesa. Por isso, lançam-se nos braços do mais **forte**, do que venceu, para serem defendidos. Em meio a uma luta tão áspera para viver, o desejo de proteção torna-se agudo. Forma-se, assim, entre os chefes **fortes** e vencedores, e os fracos, em todos os campos, um contrato tácito, pelo qual os primeiros, para obter uma base de poder, oferecem defesa e vantagens, e os outros, para obter tudo isso adaptam-se e aceitam tudo. Que confiança podem ter tais chefes em tais prosélitos, logo se vê: assim que um chefe cai, quase todos o renegam, desprezando-o e abandonando-o. O próprio S. Pedro não foi induzido a renegar Cristo três vezes, porque temeu por sua vida? Naquele momento, o ataque foi medonhamente concreto, e isso é o que persuade a maioria, que vale menos que S. Pedro.^{13 (p. 75)}

Desse modo de comportar-se não queremos dar uma justificação, mas uma explicação. Não fora o homem colocado em tão duras condições, pelas necessidades da vida, quais a fome, a defesa etc., nada disso aconteceria. E nem sequer aconteceria, se ele tivesse a **força** que o ideal requer dele, de desafiar as leis da vida que o ameaçam, para vencê-las. Dom Abbondio⁴ dizia: “mas coragem, ninguém pode dá-la”. E se tanto admiramos Cristo, é também porque Ele foi vencedor, demonstrando ter uma **força** que nem um homem possui. Mas, quando Ele pereceu na Cruz como vencido, quase todos o abandonaram. Não é sempre a vitória e o poder o que admiramos? Com isto queremos explicar não só o comportamento humano, mas também o comportamento da vida, que é **justa**. Ela é utilitária, mas quer que as condições de fato expressem a realidade e deem, em posições positivas e concretas, a medida exata do valor de cada um. Apesar das defesas do momento, sem dúvida necessárias (é essa a compaixão da natureza), ainda quando se prolongam um estado de injustiça ou um erro, tudo tende a exprimir a verdade, ou seja, a verdadeira natureza das condições individuais. Assim o **forte** e inteligente é premiado com o triunfo, e o fraco é batido, para que se desperte e fortaleça. Mas a todos dá a vida um ponto de

4 Personagem do romance “Os Noivos”, de Manzoni N.d.T.

desforra ou compensação. Para manter seus equilíbrios, a quem ela muito dá de um lado, tira do outro, aos muito dotados de certa qualidade, dá carência ou miséria correspondente. Ao mesmo tempo, aos deserdados dá a habilidade de apoiar-se no séquito dos mais **fortes** e, dessas diversidades, que procuram a estrutura social. Essa, se existe, é porque também a posição coletiva corresponde ao utilitarismo da vida, produzindo vantagens para todos. Nas velhas cidades medievais, todos eram inimigos entre si, mas todos estavam apertados pelos mesmos muros, para a defesa comum. Só por esse princípio pôde nascer a unidade europeia. Assim, por mais diversa que seja, cada posição é útil para todos, pois a derrota ensina, o triunfo recompensa, a esperança dele encoraja, as adversidades estimulam a reação, a fraqueza acha apoio dobrando-se diante dos **fortes**, que dessa forma utilizam os fracos para governar, vencer e progredir.^{13 (p. 75-76)}

Nossas verificações precedentes podem parecer bem tristes. Mas, se o mundo, visto de um plano superior, parece uma estrumeira, onde só pode viver os vermes, e vivem felizes, isto não é pessimismo, porque também das estrumeiras a vida sabe fazer nascer as flores. Com um exame mais profundo, as correntes morais, aquelas que são vividas, revelam sua direta filiação à grande lei da luta, e por vezes se reduzem a um mundo fictício, com o qual, em nome de muitas coisas elevadas e belas, se cobrem os vários grupos humanos só para assim, mais bem protegidos, realizarem a luta pela vida. Por isso, na Terra, os ideais subsistem enquanto são utilizados nesse sentido. Na realidade biológica, cada grupo aproveitando-se de tudo, constrói uma moral para seu uso e defesa e procura impô-la a todos os outros grupos, que por sua vez fazem o mesmo, retorquindo ao assalto. O grupo mais **forte**, vencedor de todos os outros, cria a moral dominante que é lei para todos, à qual as minorias têm de submeter-se porque estão em inferioridade numérica e portanto, são mais fracas. Morais humanas, relativas, de combate, com finalidade de ataque e defesa, mutáveis no tempo e de país para país. A moral de Deus não pode ser essa, nem mesmo a moral biológica que a vida nos manifesta em seu funcionamento, e que só pode ser a manifestação do pensamento de Deus em cada determinado plano.^{13 (p. 78)}

Eis o que deve fazer o novo homem, eis como deve conceber a vida. Colocou-nos Deus os olhos à frente para ir adiante e não para retroceder. O problema é refazer o homem, e a hora soou. Não se pode chegar à renovação da sociedade, já o dissemos, senão através da renovação de cada indivíduo. É inútil gritar que é utopia. Os tempos estão maduros. Para quem não queira renovar-se, há a possibilidade de ser definitivamente eliminado da vida. O novo mundo veloz não pode caminhar na estrada dos velhos métodos e conceitos. Quem compreendeu que a lei da luta e da seleção do mais **forte** impera na Terra, sabe que o choque entre as duas grandes potências que hoje sobraram é inevitável, e que, portanto, não se pode escapar a uma destruição gigantesca. Dada a

estrutura psicológica humana atual e os meios bélicos hoje já preparados, é uma fatalidade de que se tenha que concluir desse modo. Isto está implícito no sistema social-político hoje vigente no mundo. Este, então, se encaminha para ter que compreender à *força* e através da dor, que tem que renovar-se. Então, a humanidade melhorará, porque os piores terão se destruído mutuamente, e a dor terá aberto a inteligência dos sobreviventes. Nada desenvolve tanto a inteligência como a dor. Estamos às portas de grandes transformações. Renovam-se os tempos e já passou a hora da aceitação passiva e da cega repetição por inércia, dos tradicionais conceitos do passado. Quem em primeiro lugar se encaminhar para a renovação, quem souber caminhar mais rapidamente pela novas estradas da vida, este é que estará mais pronto para entrar no novo mundo que nos espera, esse é que terá mais probabilidades de ser salvo, porque ele representará o novo tipo biológico selecionado pela vida, com o qual esta, por lei de evolução, quererá construir a mais adiantada humanidade do porvir.¹³
(p. 80)

O problema da estabilidade monetária

O primeiro fenômeno que nos aparece na economia política é o da oferta e da procura. É ele regido pela lei do mínimo meio. Assim como, pela lei da gravidade, o que menos pesa sobrenada, e o que pesa mais afunda-se, assim por esta lei, o que escasseia é valorizado, procurado, e sobressai e flutua sobre as outras coisas; ao passo que o que é abundante e exuberante, é pouco valorizado e afunda-se. Mas o fenômeno é também regido pelo princípio geral vigente em nosso plano evolutivo, da luta pela seleção do mais *forte*, o qual assume em seu aspecto demográfico e bélico a forma de luta armada (guerra) pela conquista do espaço vital, e em seu aspecto econômico a forma da oferta e da procura. Mas só em aparência elas se apresentam com roupagem pacífica. Se os economistas no-las representam em equilíbrio, como uma balança, na realidade eles são o resultado de uma luta baseada num *egoísmo* desencadeado. Na prática, a oferta é o ato com que se busca satisfazer a uma necessidade ou procura, quando, no mundo civilizado, não é mais preciso recorrer à forma primitiva de agressão a mão armada ou ao furto. É forma mais evoluída que as outras, imposta, num estado de ordem, para aquisição dos bens, em que somos constringidos a reconhecer um direito igual em nosso próximo (inimigo, porque rival na procura dos bens). A procura é a busca declarada e direta da satisfação do desejo ou necessidade própria, tentando combinar essa procura com a oferta, mas também tentando aproveitar para vantagem própria todas as fraquezas e necessidades do ofertante.¹³ (p. 81-82)

Embora apresentem os economistas o problema em forma de equilíbrio, em que se contrabalançam os dois impulsos, por trás de suas

fórmulas há sempre a mesma realidade biológica que observamos em todos os fenômenos. Revela-nos ela a dura face da luta desapiedada entre *egoísmos* opostos, na qual cada um deles procura desfrutar, espremer e esmagar o outro para vantagem sua. Permanece a luta no terreno da posse dos bens, a fim de se poder adquirir o máximo em quantidade e qualidade ou valor, dando em troca o mínimo. A balança da procura não é igual à da oferta e ao contrário: mas para cada uma das duas partes, a medida “*justa*” pretende ser esta: tudo para mim, nada para o outro. Na luta, constrangidas pela necessidade de chegar à troca, a fim de satisfazer às próprias necessidades, devem, sem dúvida, as duas partes encontrar-se num ponto intermédio; mas este não é o da *justiça* equitativa: é apenas o resultante do encontro de duas *forças* opostas, das quais a mais *forte* vence a outra, fazendo a balança pender para seu lado.^{13 (p. 82)}

Esta é a *justiça* econômica, que vale tanto quanto a *justiça* bélica ou a política, e assim por diante, em que o mais *forte* tem razão e estabelece e impõe a *justiça* para sua vantagem. Assim, a procura põe a mão no prato da balança da oferta e ao contrário. Por isso, quando a oferta abunda em relação à procura, desvaloriza-se o produto oferecido, porque a procura oferece uma compensação sempre menor correspondente ao crescimento da oferta, aproveitando a abundância do produto e a necessidade que tem o inimigo de dar-lhe saída, para obter a mercadoria a um preço de troca sempre menor. Por isso, quando aumenta a procura, a oferta aproveita a necessidade e a carência do requisitante, para pedir um preço sempre mais alto, e então o produto oferecido se valoriza. Por isso, também no caso mais simples de troca direta de mercadorias, sem intermediário da moeda, temos para essa luta uma instabilidade de valores ou preços, isto é, o germe das crises econômicas e monetárias, dependendo tudo da estrutura psicológica do animal-humano. É precisamente esse regime de luta, derivado de tal estrutura, a primeira fonte das crises econômicas e da instabilidade monetária. Equilíbrios instáveis. Mas não pode obter-se melhor resultado de uma máquina baseada sobre o *egoísmo*, e portanto sobre o encontro de *egoísmo*, do qual só pode sair vencedor o mais *forte*.^{13 (p. 82-83)}

Baseia-se no nosso atual mundo, na falta de reconhecimento das necessidades e direitos do próximo. Não se apoia a sociedade humana numa colaboração harmônica, como deveria ocorrer entre células de um mesmo organismo, mas fundamenta-se na luta entre células, atentas a suprimir-se, para que a mais *forte* esmague a mais fraca. Isto ocasiona um atrito que a coletividade deve pagar à sua custa. Assim, querendo cada um vencer para si, age de modo a que todos concordemente percam em parte, ou seja, devam pagar uma taxa comum, uma percentagem de perdas ou consumo para a luta comum de todos contra todos. E isto é absurdo. Mas, no grau atual da evolução, o homem não consegue proceder com mais inteligência.^{13 (p. 83)}

Tanto nos países livres como nas ditaduras, a realidade biológica, feita de luta desapiadada de todos contra todos, é sempre a mesma. Em qualquer parte o peixe maior come o menor, o mais **forte** esmaga o mais fraco. A mesma coisa é feita em nome dos princípios e ideais mais diferentes. Por vezes pode reduzir-se a liberdade para os mais fracos, os vencidos, apenas à liberdade de morrer de fome. São gigantescas e tremendas coligações de interesses que regem o mundo. Acusa-se justamente o comunismo de explorar os instintos rapaces das massas, mas isto prova que as massas já tem esses instintos em sua alma. Eis uma qualidade em que, tanto no alto como em baixo, muitos homens são verdadeiramente iguais. Eis onde está a igualdade humana para todas as raças: ilimitada cobiça. E no entanto, é possível, no mundo econômico, morrer não de fome, mas também de indigestão. Quando caminhamos com tais métodos, o próprio aumento da produção deveria produzir abundância e bem estar, oferecendo tudo a menor preço, aumentando o consumo e elevando o nível de vida. Mas então a mercadoria se desvaloriza, valoriza-se e desaparece a moeda, e os produtores, para salvar-se da queda dos preços, não produzem mais. Então, para elevar os preços, eles chegam a queimar a mercadoria. E assim, com o sistema do **egoísmo** e da avidez, chega-se ao absurdo, isto é, que enriquecer com maiores bens mediante o trabalho não é uma vantagem, mas um prejuízo. Não se chega então ao bem estar, mas à crise. E, no entanto, não nos damos conta de quanto isto seja providencial. Se as leis da vida tendem a nivelar o homem mais num plano de miséria que de riquezas, acontece isto como consequência automática da psicologia de abuso que rege o mundo econômico; e é um bem, porque esse homem não deve possuir o poder econômico, dado que só saberia fazer dele péssimo uso, em seu prejuízo.^{13 (p. 85)}

As nações vizinhas, pelas mesmas razões, transformar-se-ão em outros tantos navios de guerra semelhantes àquele, e todas esperarão uma oportunidade de guerrear-se, pela mesma razão pela qual cada uma se transformou de navio civil em navio de guerra. A ordem entre todos os navios de guerra, ou nações, só podendo obter-se por imposição de uma ditadura superior a todas, não pode alcançar-se; e assim permanece o campo à mercê apenas do livre sistema de ataques e defesas, para a seleção do mais **forte**. Cada navio ou nação representará apenas uma unidade coletiva, baseada no mesmo princípio de **egoísmo**, próprio a cada um dos componentes. Cada um deles procurará sua vantagem exclusiva, e o prejuízo da outra nação, procurando nela exportação, emigração e tudo o que lhe serve. Mas, infelizmente, a outra nação buscará fazer o mesmo, em sua vantagem exclusiva. Assim um dia reventará a guerra e será destruído todo o superavit de riqueza e bem estar que conseguira. Isto podia servir-lhe para elevar o nível de vida. Mas, na sabedoria das leis da vida, tudo é merecido; tudo deve ser proporcional ao grau de inteligência e consciência atingido. Assim, tudo torna a nivelar-se mais em baixo, no nível em que o homem automaticamente se encontra por seu peso específico, na escala da

evolução. Assim aparecem em rodízio crises, ditaduras, guerras e de novo crises e assim por diante. É triste. Mas o homem atual não consegue fazer coisa melhor.¹³ (p. 92-93)

Orientações terapêuticas e patogênese do câncer

Representa assim o homem atual a célula anárquica que, tal qual a do câncer, se reproduz sem disciplina nem freio. Esse é o estado das unidades primitivas, muito mais prolíficas que evoluídas, a fim de que um grande número possa ser sacrificado, sem dano para a vida, em tentativas à procura de formas melhores. Quantas existências são sacrificadas com essa finalidade, desapiedadamente ceifadas pela seleção! O mais idôneo, só ele é que sobrevive. Por isso, nesta fase, proliferar é fácil e abundante, proporcionado a inconsciência do homem que não percebe que, de acordo com a sabedoria da Lei, está gerando para a dor e a morte. E isto é um bem, senão quem o levaria a procriar para atingir tão duro sacrifício e fadiga, embora tudo isto seja necessário para que se cumpra a evolução? Mas, no futuro, deverá ocorrer ao organismo social o que hoje sucede no organismo humano, e mesmo na sociedade de alguns animais (abelhas, formigas), onde os nascimentos são controlados em relação aos meios de subsistência e às possibilidades de educação. A moral evolui com a vida e justifica-se com as exigências supremas desta. Hoje é imoral o controle dos nascimentos, porque contrário aos interesses da vida na fase atual, como vimos agora mesmo. Nem podia isso ser concedido a um homem desprovido de consciência coletiva, de consciência eugenética, cego diante dos remotos fins da vida, um homem que ainda não transformou em automatismos, isto é, em instinto natural, mediante longa repetição, o estado de absoluta adesão à Lei e à obediência a ordem. Só a esse tipo biológico pode conceder-se tais liberdades. Hoje seriam usadas apenas para fins de abuso, para fraudar a natureza, buscar gozos, fugindo aos sagrados deveres impostos pela prole. E hoje, a vida quer que se procrie em abundância, para que haja bastante gente para sacrificar, a fim de resistir às guerras e às suas grandes destruições, à miséria, a tantas doenças novas criadas pela civilização, sobretudo à seleção dos mais débeis e à feroz luta corpo a corpo de todos contra todos, na qual tantos perecem sem derramamento de sangue. Enquanto não se passar desta atual fase caótica a uma fase de ordem, o sistema de colaboração e disciplina que se realiza em nosso organismo não poderá ser alcançado pelo organismo coletivo. Mas, atingida uma fase de ordem, em que a atual dispersão da vida não mais for requisitada pelas formas caóticas de existência, não permitirá mais a natureza um desperdício que então será inútil, e disciplinará o esforço genético em proporção as suas novas condições. O homem evoluído, civilizado e consciente não procriará mais apenas para seu gozo *egoístico*, para abandonar os filhos à

lei feroz da seleção do mais **forte**; mas procriará apenas quando souber que a vida é garantida e assegurado um mínimo indispensável de bem-estar.¹³ (p. 114-115)

A teoria da reencarnação (1ª parte)

Se a crítica, por vezes parecer um pouco áspera, não foi para condenar do alto da cátedra, nem tão pouco para ofender; mas apenas para, fraternalmente, explicar que num sistema, guiado pela perfeição e sabedoria de Deus, a causa de tantas dores nossas só pode estar em nós mesmos, e são até poucas, em relação ao que merecemos. Se o homem, com o seu espírito rebelde, fosse dado o poder, ele tentaria destruir o universo; e sem a providência de Deus que tudo guia, quiçá conseguiria destruir seu planeta. O fato é que estamos ainda em baixo, muito em baixo, na escala evolutiva. E baixo quer dizer, mais próximo do polo negativo, representado por Satanás e pelo caos, do que do polo positivo constituído por Deus e pela ordem. O fato de que, na Terra, domina a lei de seleção do mais **forte**, isto é, da ascensão por esmagamento, demonstra quanto ainda estamos vizinhos do polo negativo, ou seja, do princípio satânico da revolta, pela qual só vence quem é mais **forte**, nesta posição às avessas, da rebelião. É natural que esse mundo, visto dos planos mais altos, como quisemos fazer neste volume, pareça infernal, ou seja, um lugar a que almas baixas sejam condenadas a viver aí por expiação. Não é possível aqui a felicidade senão do modo precário e como uma forma de inconsciência. A felicidade consciente, causada pela chegada do ser à plenitude do conhecimento da própria harmonização na ordem divina, só pode aparecer nos mundos superiores.¹³ (p. 123-124)

Assim, o paraíso é o reino da ordem, da harmonia, da paz. O inferno é o reino do caos, da dissonância, da guerra. Quem vive em estado paradisíaco, ama o próximo. Quem vive em posição de inferno, odeia e mata o próximo. Isto porque, no paraíso, a vida de um aumenta a vida do outro, ao passo que no inferno, a vida de um sufoca e ameaça a do outro. Por isso o Evangelho, a fim de guiar-nos ao paraíso, diz-nos: “Ama teu próximo”, enquanto no mundo, infelizmente, com frequência, se odeia o próximo, o que significa inferno. E como poderia ser diferente, um lugar em que o próximo é um rival natural, às vezes um perigo e um inimigo a destruir? Como podia ser diferente um mundo em que reina o princípio da luta pela vida e da vitória do mais **forte**, onde a lei é: devorar ou ser devorado? No paraíso, cada ser é nosso amigo, para ajudar-nos, e por isso a vida é fácil. No inferno, cada ser é nosso inimigo, de tal forma que a vida é bem dura. Mas isto é lógico, porque, sendo o inferno uma posição de negação de Deus, não pode isto ser senão a negação da vida e da felicidade que Deus representa.¹³ (p. 124-125)

Pouco basta para compreendermos a qual dos reinos pertence nosso mundo. Permaneceremos todos amarrados por uma cadeia de rivalidades, luta e terror, é bem infernal. E ninguém poderá negar que isto seja o resultado da lei vigente no mundo animal e humano, a da luta pela vida e da seleção do mais **forte**, nem que esta seja a lei vivida pelo homem de hoje. O indivíduo, que consiga apenas superar sozinho essa fase animal, fica aterrorizado por tão completa ausência de senso coletivo, necessário para poder compreender e dar valor a utilitarismos mais vastos e de tão grande vantagem; fica aterrorizado pela estupidez deste contínuo agredir-se um a outro; aterrorizado fica também, pela tão grande ignorância das mais elementares leis da vida, razão pela qual se chega a acreditar no absurdo: que seja possível colher flores semeando veneno. As gerações mais civilizadas do futuro compreenderão o significado destas palavras.^{13 (p. 125)}

É evidente que a alma que se encontra na Terra demonstra, por suas atitudes, que provém de uma experiência terrestre e não celeste. Os meninos, guiados por um instinto de luta, são turbulentos, audaciosos, levados a brincar com armas (conquista violenta). As meninas, levadas pelo instinto materno, são tranquilas, afetuosas, inclinadas a brincar com bonecas (cuidado dos filhos). E estas são qualidades da personalidade, não do corpo físico. As almas são diferenciadas segundo tipos diversos, e demonstram conhecer e saber aplicar as fundamentais leis biológicas, isto é, a luta pela seleção do mais **forte** e a reprodução e defesa da vida. A alma aparece na Terra como uma entidade fundida com a realidade biológica, e não como um produto abstrato metafísico. Dizem que as almas não tem sexo, e isto é verdadeiro no sentido terreno, mas possuem as qualidades que depois, na Terra, formam o substrato próprio ao biótipo de um sexo ou do outro. Assim, no espírito macho dominará o instinto de domínio, a inteligência, a vontade; no espírito feminino a obediência, a intuição, o amor. As qualidades fundamentais que depois formarão o biótipo masculino ou feminino, estão antes de tudo na alma que, embora não tenha sexo, dele possui os elementos basilares. Vemos assim na Terra almas do tipo masculino encarnadas em corpos sexualmente masculinos, da mesma forma que em corpos sexualmente femininos: e ao contrário, almas do tipo feminino, encarnadas em corpos sexualmente femininos, como também em corpos sexualmente masculinos. E tudo isto, permanecendo na normalidade, sem que implique de modo algum inversão sexual; mostra-nos isto que a personalidade espiritual é independente da veste orgânica que vem assumir no corpo. Um espírito dotado de qualidades viris assim permanece, qualquer que seja o tipo de corpo que para si escolha, e assim para um espírito dotado de qualidades femininas, mesmo mantendo-se eles no âmbito da normalidade sexual, de acordo com o tipo masculino ou feminino de seu corpo. Tudo isto é explicável e compreensível, porque a evolução tende à unificação da unidade quebrada no dualismo universal, e neste caso à formação de um biótipo completo, em que se

refundam as duas metades, macho e fêmea. Para atingir essa reunificação, ambos os biótipos espirituais, com as qualidades masculinas e femininas precisam atravessar todas as experiências, tanto do próprio tipo sexual como do oposto, pois só assim, somando-se e completando mutuamente suas complementações. Podem fundir-se e assim formar o biótipo completo, em que coexistem todas as qualidades do ser, e daí a cisão, devida à queda do sistema, pode resultar sanada.^{13 (p. 143-144)}

A teoria da reencarnação (2ª parte)

Não se pode negar que existe neste pequeno ser uma vontade precisa e uma inteligência que dirige sua ação. Demonstra ele, no trabalho em que está todo empenhado, que sabe superar não poucas dificuldades que lhe armam ciladas, pondo obstáculos ao seu êxito. Os espermatozoides que vencem as varias centenas de milhões de irmãos, deve tê-las superadas todas. Aqui também está em vigor a lei da seleção do mais **forte**, como nos animais e no homem, demonstrando-nos que essa é uma lei geral. Quando enfim o espermatozoide alcança o óvulo, perfura a barreira externa dele para penetrá-lo. Para consegui-lo melhor, trouxe consigo pequena quantidade de uma substancia que tem a propriedade de dissolver esse invólucro protetor.^{13 (p. 167)}

14. O SISTEMA

Orientação

O sistema de querer vencer polemizando, ou seja, usando as palavras e os argumentos como armas e projéteis, para esmagar o inimigo, é o sistema do homem primitivo, que instintivamente ainda adota os métodos da guerra, para ter razão contra os outros. Nos planos mais elevados, não é o vencedor, o mais **forte** em dialética mas o que, usando da mais simples sinceridade, convence porque demonstra que descobriu desapaixonadamente maiores verdades e sabe dar as provas necessárias. Ora, a descoberta da verdade pertence a quem vive nesses planos mais altos e usa seus métodos. Os involuídos sabem fazer bem as guerras e vencê-las, sendo muito **fortes** no terreno da luta pela vida, mas são impotentes diante do problema da busca da verdade.^{14 (p. 65)}

Deus Criador

Então, tal como exige a nossa mente, Deus deve possuir todas as qualidades no grau da mais absoluta perfeição, e ser absolutamente perfeito em tudo, onipotente, onisciente, absolutamente livre, bom, **justo**, lógico, uno.^{14 (p. 78)}

Aqui não estão de acordo causa e efeito. Ambas devem ser da mesma natureza e ter os mesmos caracteres. Se entre causa e efeito há essa discordância, isto demonstra ter sobrevivido outro fato, alterando a ação da causa pela introdução de novos impulsos estranhos. De outra forma não se pode explicar essa injustiça num Deus que deve ser absolutamente **justo**, esta ilogicidade num Deus que deve ser absolutamente lógico.^{14 (p. 79)}

Deus deve ser **justo**, isto é, imparcial, sem favoritismos e dádivas não razoáveis e injustas, porque não merecidas. Surge, assim, a ideia de uma ordem e de uma lei que a dirija. Um Chefe, com o direito de comandar e para com o qual se tenha o dever de obediência, não podendo ser um déspota caprichoso que abuse do poder em suas mãos. Compete, em primeiro lugar, a quem personifica a lei, representar a sua perfeita atuação na ordem e na disciplina. Só quem jamais transgredir pode ter o direito de exigir a obediência. E se esta Lei representa apenas o próprio pensamento e vontade de Deus, com isto Ele obedece apenas a Si mesmo em perfeita liberdade. E se a criatura tem de reconhecer em Deus o direito de comando, isto implica, de seu lado, o dever de obediência; e se esta não for respeitada, por causa da revolta, implica a merecida reação da **justiça** de Deus. É assim que, só pela simples observação

das qualidades que devemos atribuir à Divindade, vemos, já presentes, todos os elementos dos quais poderá, mais tarde, desenvolver-se lógica e fatalmente, o drama da queda.^{14 (p. 79)}

A Revolta

Cada elemento ocupava no Sistema o seu devido lugar quanto a conhecimento e poder. A onisciência e a onipotência só podiam pertencer ao Chefe, elemento máximo e centro do Sistema. Cada ser havia recebido todo o necessário, de acordo com a sua posição e função. Além do mais, se não quisermos cair no absurdo, temos de admitir Deus como **justo**. Ora, não se pode negar o fato concreto, por todos conhecido, da presença do mal e da dor em nosso mundo e o fato do quanto custa emergir deles com a evolução. Se Deus é **justo**, tudo isso deve ser merecido. Termos sido criados, sem permissão nossa, para sermos condenados a achar a felicidade através de um caminho tão duro, sem termos merecido essa condenação, não é obra de **justiça** que possa ser atribuída a Deus.^{14 (p. 94-95)}

Aí está, pois, o que ocorreu na revolta e na queda. Dessa forma, indiretamente respondemos a muitas dificuldades que apareciam contra a teoria da queda. Então, as posições hierárquicas se emborcaram, e quem estava mais no alto caiu mais em baixo, ou seja, quem estava mais próximo de Deus foi projetado mais longe até o maior de todos os rebeldes, que devia estar mais próximo de Deus e se tornou o chefe do Anti-Sistema. Este último, porquanto entre os maiores, era sempre menor que Deus, e necessariamente maior deve ter ficado também na queda. Isto significa existir entre os dois chefes, Deus – do Sistema, e Lúcifer – do Anti-Sistema, uma diferença de grau em tudo, significando ser o bem mais **forte** do que o mal, e, na luta entre os dois, a vitória final só pode ser do primeiro.^{14 (p. 96)}

Assim, o Sistema permaneceu de pé, representando a possibilidade de recuperação e o ponto de apoio da redenção, que de outra forma seria uma palavra sem explicação e um esforço sem meta. E o Sistema ficou em pé, como o mais **forte**, como era indispensável para poder reabsorver, em seu seio, o Anti-Sistema. Um desmoronamento absoluto, ao invés de desmoronamento parcial, não teria oferecido nenhuma possibilidade de recuperação.^{14 (p. 96)}

Sistema e Anti-Sistema

Em nosso mundo, as unificações não são feitas por livre convicção, mas pela **força**, material ou moral. Os impérios são forjados com a guerra. A

disciplina interna das nações é imposta pela polícia ou pelo exército. Não é o povo que escolhe, elegendo um chefe (os sistemas eletivos não o são em absoluto), mas é o chefe que, por ser o mais poderoso, conseguiu vencer todos os outros pretendentes, fazendo-se livremente escolher pelo povo, em grande parte sugestionado e inconsciente. O governo não serve o país, mas em muitos casos se serve do país para manter-se no poder. Eis aparecer, plenamente, no exercício do poder o egocentrismo separatista do Anti-Sistema. Na prática, não se tem concebido o poder como função social, em benefício da coletividade, como deveria ocorrer de acordo com os princípios do Sistema; ao contrário, tem sido concebido antes de tudo como utilidade própria, pessoal, no sentido separatista e não colaboracionista. Assim, seguindo os princípios do Anti-Sistema, o homem tende, em todas as funções sociais, a fazer prevalecer o próprio interesse *egoísta* sobre o do próximo. As religiões tendem ao sectarismo, a formar o próprio grupo para condenar os que estiverem de fora. Na Terra, tudo toma a forma de “partido”. Domina a psicologia do Anti-Sistema, pela qual só lutando, excluindo e dominando se atinge a unidade. Como no Anti-Sistema, existe na Terra o motivo da unificação, mas às avessas. Encontramos, então, uma unificação, para agredir, para dividir, e não para unir. É um irmanar-se, para fazer guerra; um abraçar-se, para lutar contra os outros. Com o proselitismo, procura construir-se uma unidade cada vez mais *forte*, para que, quanto mais *forte*, tanto mais inimigos podem ser destruídos e tanto mais indivíduos podem ser dominados. Quanto mais bela e grande for esta unidade, mais prosélitos tiver feito, mais gente se conquistou, mais inimigos foram vencidos, tanto mais se consegue dominar sobre todos e tudo. Esse é o método de construção às avessas, do Anti-Sistema.^{14 (p. 103)}

A psicologia corrente do homem atual só pode ser compreendida se considerarmos o Anti-Sistema. As objeções mesmas que estamos resolvendo, explicam-se como seu produto. O homem acha-se ainda imerso nele, até o pescoço. O resto pertence mais aos ideais, considerados utopia pelos homens práticos, à vida vivida; pertence às intuições antecipadas das realizações futuras. Entre estas se encontra o Evangelho. Os dois extremos do ser, Sistema e Anti-Sistema, continuam frente a frente mesmo em nosso mundo. Mas o segundo é *forte*, dono de seu terreno – a matéria – ao passo que o primeiro é ainda uma luz fraca que desce do céu, e que só os mártires e santos transformam em vida. Os dois sistemas se opõem, cada um com suas características. Em baixo, no nível humano, perdeu-se o sentido orgânico do Sistema. Neste, cada um existe em função do todo; no Anti-Sistema todos existem em função do vencedor mais *forte*. O princípio da revolta obrigou, como consequência lógica, a hierarquia do Sistema a inverter-se na anarquia do Anti-Sistema. O homem que está situado ao longo da estrada, acha-se no meio do choque entre os dois impulsos opostos: a matéria quer sufocar o espírito e o espírito quer libertar-se da matéria. Esses dois elementos são verdadeiramente opostos e inimigos, dois extremos

irreconciliáveis. Não podem coexistir em absoluto plenamente. Vida de um significa a morte do outro. E o homem deve realizar em si mesmo, através da evolução, o esforço de transformar a matéria, para levá-la novamente ao espírito. Dessa forma, o próprio trabalho que agora estamos realizando nestes livros, enquadra-se na concepção cósmica que vamos aos poucos neles explicando, enquanto procura ajudar esse processo de espiritualização. Uma coisa nos conforta: ver o que está acontecendo é uma novidade, ou seja, no mundo, hoje, se torna cada vez maior o número dos que conseguem perceber fazer parte de uma humanidade nada civilizada, antes, substancialmente feroz e bem primitiva. Deste fato, a humanidade dos séculos precedentes se apercebia muito menos, tal como o animal e o selvagem não percebem ser. Perceber significa começar a afastar-se, notando uma diferença antes não notada; significa chegar a compreender, como concebível, o que antes escapava irremediavelmente ao inconcebível. Isto significa estar o homem começando a pressentir uma vida sua diferente, a sua vida mais evoluída de amanhã.^{14 (p. 105-106)}

Objecções e esclarecimentos

A objeção procura demolir a divindade em seus primeiros atributos: a perfeição, a onisciência e a onipotência. Partindo do fato positivo de o mal e a dor existirem em nosso mundo, procura-se jogar a culpa de tudo isso sobre a Divindade, que poderia ter feito melhor as coisas. E o “melhor” para o homem que julga é apenas o seu *egoístico* bem-estar. Este foi lesado, e então, aplicando ainda hoje o princípio do egocentrismo revoltado e os métodos de divisionismo do Anti-Sistema onde caiu, o homem vai imediatamente lançar a culpa nos outros, em todos, mas nunca em si mesmo, sem pensar que Deus deve ser também *justo*. Embora sendo uma criatura situada no relativo, o homem pretende julgar Deus e o absoluto.^{14 (p. 108)}

A visão diante da biologia

Com isso mudamos os princípios que regem a vida do homem. Nasce assim uma nova ética para guiar atividades humanas, porque os objetivos utilitários que a vida tem de alcançar são agora muito mais vastos. O homem atual debate-se na “*jungle*” darwiniana da “luta pela vida”, onde ainda está imerso até o pescoço, sendo tão árduo sair dali que a maior tentativa feita para libertá-lo, que é o Cristianismo, conseguiu modificá-lo muito pouco. Ao invés de vencer a animalidade humana, parece que esta foi mais *forte* do que ele adaptando-o a si, procurando engoli-lo ao invés de ser engolida. E no entanto, não há derrota que possa sufocar o impulso evolutivo da vida; a cada falência,

aparece uma tentativa nova, por mais que isso possa parecer logicamente absurdo. Parece um trabalho desesperado, e, no entanto, é a fé que nos arrasta que no-lo faz realizar aqui, nestes livros, neste momento mesmo. É inevitável que o homem atinja o plano do Cristo, ou seja, que o homem reconheça em seu semelhante, a si mesmo, e o ame como a si mesmo, desistindo finalmente de agredi-lo, ao invés de amá-lo, sempre o agredindo, até mesmo em nome de Deus. No pensamento que dirige a vida para o telefinalismo de sua espiritualização, o que corresponde fatalmente a seus planos preestabelecidos, está determinado que a seleção evolua, oferecendo enfim o triunfo ao mais inteligente e ao melhor, e não ao mais **forte** ou ao mais **astuto**.¹⁴ (p. 136-137)

Teoria cinética da queda

A revolta representa a vontade dos elementos rebeldes de fechar-se sobre si mesmos, separando-se do movimento dos outros elementos do Sistema que funcionam em relação ao centro Deus. Esta vontade contrária constitui o primeiro impulso da separação e, portanto, da expulsão do Sistema, daí ocorrendo o desmoronamento. O Anti-Sistema, **forte** pelo impulso que tomou, procura reconstituir-se na posição invertida (emborcada) de Sistema desmoronado, ou seja, de Anti-Sistema. As **forças** do mal resistem. A matéria, seu reino, desejaria ser eterna como o espírito. Mas, em determinado ponto aparece a fraqueza congênita do Anti-Sistema, o impulso separatista se esgota, e a nova construção dos rebeldes desmorona por sua vez. A ruína do destrucionismo porém, só pode ser reconstrução; a ruína do divisionismo só pode ser unificação; o contrário da contração só pode ser expansão e libertação. O caminho da descida só pode ser invertido tornando-se o caminho da subida. Na sucessão desses momentos há uma consequência lógica da qual se pode escapar.¹⁴ (p. 156)

Desse modo, é gradativamente corrigida a curvatura cinética reabsorvida a oscilação lateral da onda e, com ela, a vibração genética da forma que, por sua vez, tende cada vez mais a desaparecer, desaparecendo o nosso mundo de aparências e ilusões. Assim, a fraqueza causada pela pulverização no separatismo é reabsorvida pelo poder da unificação. Quando dissemos que a ordem é reconstituída, quisemos significar com isso que o desvio lateral no movimento do Sistema é reconduzido ao seu *binário*, onde se encontra a Lei. Vimos que a revolta, em termos de cinética, significa, na ordem do movimento do Sistema, os elementos rebeldes formadores de uma espécie de núcleos, centros de turbilhões autônomos, visando crescer sempre mais em direção egocêntrica, contrária ao divino egocentrismo do Sistema, também este tendendo à própria autonomia. Daí a luta entre as duas autonomias, os dois egocentrismos; esta a razão da existência do dualismo, qualidade fundamental

de nosso universo, filho do Anti-Sistema e constituído ao mesmo tempo do desmoronamento e da sua salvação. Vivemos do choque dessas duas *forças* opostas e nos amadurecemos, desgastando nossa materialidade no atrito doloroso entre os dois impulsos, o impulso da revolta e o da Lei de Deus. Cada um disputa com o outro a criatura, para apossar-se dela. A nossa fase atual é de transição de um plano a outro da evolução. O fenômeno não pode permanecer existindo sempre nesta forma. O próprio fato de ele ser constituído por um “tornar-se”, impele-o, fatalmente, para a sua solução. Um dos dois impulsos tem de vencer, finalmente. Do estudo da estrutura cinética do processo, deduz-se como a lógica e necessária conclusão que só o impulso de Deus, por ser o mais *forte*, pode vencer. Da fatalidade desse fato é impossível escapar. A positividade do Sistema não pode deixar de acabar demolindo e reabsorvendo toda a negatividade do Anti-Sistema.^{14 (p. 156-157)}

O problema da perfeição, onisciência e onipotência

E podemos continuar a perguntar-nos: qual é o mais perfeito, o organismo que só conhece as leis da saúde, não podendo sair desse estado fixo, ou o organismo que também conhece as leis da doença, sendo livre de ceder a ela, mas tão sabiamente construído que, através da experiência do mal e da dor, enriquecendo com novas experiências, consegue reconstruir-se em perfeita saúde? Qual sistema é mais perfeito: o que só conhece a perfeição, ou o que abraça também a imperfeição e sabe reconduzi-la, até a perfeição? Quem é mais *forte*: quem permanece soberano porque não encontra batalhas, ou o que se embrenha nelas e as sabe vencer? Qual dos dois construtores é mais sábio: o que fez um edifício tão perfeito, que não necessita ser estudado a possibilidade de um desmoronamento; ou aquele que fez um edifício onde essa possibilidade é tão bem prevista e estudada que, se ocorresse o desmoronamento, tudo se reconstruiria automaticamente até ao estado perfeito do edifício não desmoronado? Então, como se pode condenar Deus por não ter impedido o desmoronamento, mas respeitado a liberdade do ser e a necessidade de, por si, convencer-se, do erro; por isso, previu e providenciou tudo tão bem, que anulou todo o prejuízo? Quanto mais o homem tenda a fazer de Deus uma ideia antropomórfica, degrandando-O ao nível de um ser *egoísta*, que cria para fazer-se adorar, a fim de mostrar seu poderio e punir os rebeldes, como poderemos culpar Deus dos males do Anti-Sistema, se estes são um meio para reconstruir o Sistema, com o qual ficarão anulados?^{14 (p. 170)}

Quanto mais de perto observamos o fenômeno, procurando a imperfeição, tanto mais acharemos a perfeição. O maravilhoso é que o Sistema permaneceu com as suas divinas perfeições no mais profundo do Anti-Sistema, em última análise, representando apenas uma corrupção exterior do Sistema de

Deus. A queda reduz-se a uma doença em convalescença, a um estado transitório e excepcional de uma parte do Sistema. A desordem não é geral, não mata a ordem, mas permanece circunscrita e enquadrada. O Anti-Sistema continua a ser dirigido pelo Sistema, isto é, por Deus. A ordem permanece sempre a mais **forte** e domina a desordem, a dor, o mal, deixando-os subsistir só enquanto e até quando estiverem realizando o trabalho da cura. Assim, a punição reduz-se ao esforço de reconquistar a felicidade e a imperfeição serve para achar a perfeição.^{14 (p. 170-171)}

A psicologia da revolta. Satanás e o Anti-Sistema

Observe-se um fato importante, que pode agora ser explicado. Apesar do freio imposto pela atração satânica à evolução; esta, mesmo retrocedendo, periodicamente, avança em seu conjunto. Se a cada três passos à frente se dão dois para trás, isto significa ser o centro do Anti-Sistema, Satanás, por ser invertido no negativo, menos poderoso que o centro do sistema, Deus, todo positivo. Esta é a razão profunda do fenômeno, provando ser o bem mais **forte** que o mal e assegurando-nos, no fim, a vitória do primeiro em tudo, não prevalecendo verdadeiramente, as **forças** do mal. Também assim se explica por que a vida não progride em movimento uniforme, o seu ímpeto na subida se cansa e termina logo, esgotando-se na velhice e na morte. E explica-nos como, para poder continuar a evoluir, a vida deve sempre ser recomeçada no início, com os renascimentos. Isto acontece também no desenvolvimento das aristocracias, das classes dominantes e das civilizações.^{14 (p. 183)}

Assim existe também no Anti-Sistema algo que quer reproduzir a ordem do Sistema. Mas reproduz às avessas, gerando apenas uma pseudo-ordem. Não se trata de uma fusão permanente e espontânea, porque formada por convicção, mas de uma união forçada só sustentada enquanto a **força** a mantiver unida. Pertencem a esse tipo as unificações políticas terrenas, baseadas na **força** dos exércitos; acabada esta, tudo desmorona. Apenas se afaste o mais **forte** dominador de todos, explodem imediatamente as rivalidades dos **egoísmos** separatistas e o princípio da desorganização prevalece. E ele está sempre pronto a aparecer, como não podia deixar de ser, num regime substancialmente negativo. Construir seriamente, de forma estável, representa para o Anti-Sistema uma contradição consigo mesmo. Seria como querer confiar a defesa da ordem pública a uma sociedade de criminosos.^{14 (p. 184-185)}

Outras provas e esclarecimentos – O futuro da personalidade humana

Então, para conseguir ver a posição correta do Sistema, basta endireitar a posição invertida do Anti-Sistema, existente sob nossos olhos, contrapondo, ao processo de decomposição ocorrido na queda, o processo de recomposição que agora ocorre na evolução, unindo o ponto de partida da descida com o ponto de chegada da subida. Um polo fala-nos do polo oposto, inverso e complementar. Assim, o Anti-Sistema nos mostra o Sistema. Podemos ver o segundo espelhado no primeiro, que é o nosso mundo, às avessas, da mesma forma como se vê um edifício espelhado num lago. Na imagem refletida, os primeiros planos aparecem como últimos e vice-versa. Em nosso mundo os valores mais apreciados são os menos valiosos, os fictícios da matéria, e não os reais e eternos do espírito; quem é premiado na luta pela vida é o mais **forte**, que vence submetendo o próximo, e não o mais honesto, que trabalha a favor do próximo. Assim, os valores do Sistema aparecem na Terra, mas frequentemente invertidos, na forma de ficção, para enganar melhor; exalta-se a bondade, mas de fato os bons são considerados como simplórios a serem explorados; faz-se muita questão de todas as virtudes, mas para os outros; defende-se o amor ao bem reparando os efeitos e o mal, mas no próximo, porque custa muito menos corrigir os outros do que a si mesmo. Louva-se a honestidade, mas, na verdade, a sociedade castiga severamente os honestos. O móvel de toda essa humanidade é o **egoísmo** separatista, principal qualidade do Anti-Sistema, que nos indica a oposta, o **altruísmo** unificador, qualidade principal do Sistema. A primeira coisa que fazem os involuídos, como todos os seres inferiores do Anti-Sistema, é agredir, para impedir a expansão vital e a própria vida. Para estes, como para todos, a vida é o máximo dom e, por sua posição de **egoísmo** separatista, procuram agredi-la para infligir o máximo prejuízo. Para os que vivem só no plano físico, esse é o maior prejuízo, mas para o evoluído que vive no plano espiritual, a perda da vida física pode ser, ao invés, uma libertação, para entrar numa forma de vida muito maior.¹⁴ (p. 188-189)

Desse modo, todos os elementos, tanto no Sistema quanto depois, já decaídos no Anti-Sistema, permaneceram sempre individuados. Que diferença se verificou, então, entre seu estado de origem e o estado após a queda? Esta não representou uma destruição de cada uma das individuações, mas a destruição de seu estado orgânico de Sistema em seu estado desorganizado de Anti-Sistema. Já explicamos ter sido o resultado da primeira criação, o estado orgânico do Sistema, e foi esse estado orgânico e a ordem por ele representada que se desfizeram com a queda. (Veja capítulo XI, “A Visão Diante da Biologia”). Portanto, as individuações permaneceram, mas mudaram as relações entre elas; estas, ao invés de colaborar com funções coordenadas no mesmo organismo, isolaram os seus egocentrismos, antes fundidos numa só ordem, em tantos **egoísmos** separados e rivais, buscando destruir-se mutuamente ao invés

de ajudar-se, e desfazendo assim em caos toda a organicidade do Sistema. A queda produziu essa posição das individuações em estado de antagonismos contrastantes, que é o estado de animalidade e da humanidade atual, explicando-nos, dessa forma, porque em nosso mundo ainda esteja em vigor a lei da luta pela vida e da seleção do mais **forte**. A biologia comprova a presença dessa lei, mas só a teoria da queda nos explica a sua causa primeira e as razões profundas.^{14 (p. 192)}

Que transformações sofrerá então, no futuro, com a evolução, a personalidade humana? Como já dissemos, no capítulo XI. “A Visão Diante da Biologia”, esse processo de reunificação não é estéril. A cada unificação se acrescenta um valor, maior do que a soma de todos os componentes. Mas há mais. O estado orgânico, como tal, não só valoriza, por sua organicidade, a unificação além do seu peso real, como também valoriza cada um dos elementos componentes além de seu peso natural. Outrossim, cada um deles se acha potencializado pelo fato de fazer parte de um grupo muito mais poderoso, do que quando estava só. Um homem é mais **forte** e seguro quando em seu grupo ou exército, ou nação. Explica-se dessa maneira o espírito gregário, comum também nos animais.^{14 (p. 195)}

As consequências de tudo isso são importantes. Renunciar ao próprio **egoísmo** para colaborar com o seu semelhante, não é, apenas, uma regra evangélica, mas também de progresso social: é uma lei de evolução da vida para todos, sejam de qualquer religião ou filosofia. Outra consequência é a seguinte: o homem que não colabora fraternalmente, mas agride para explorar, é um involuído, um atraso na evolução, mais próximo do animal. As leis biológicas dão a vitória ao mais **forte**, tanto em nosso mundo social como no mundo animal. Esses métodos de seleção, ainda em vigor também em nosso ambiente humano, demonstram o estado ainda involuído, animalesco, do homem. Quem esmaga e explora o próximo acreditando com isso vencer e ter valor, é um selvagem a ser expulso de uma sociedade civilizada, no futuro, porque representará o que representa, na atual, o criminoso. Serão assim consideradas todas as organizações baseadas na **força**, pois este é o método do Anti-Sistema e não do Sistema, para o qual devemos caminhar.^{14 (p. 198)}

Reconstrução orgânica do Sistema e desenvolvimento da consciência

Grande parte da humanidade ainda está dominada pelos princípios do **egoísmo** separatista do Anti-Sistema. Por esta razão ainda vige no plano humano a lei da luta pela vida e da seleção do mais **forte**. Lei tipicamente animal, que, na prática, continua a resistir aos princípios diferentes da moral e dos ideais que, mesmo pregado aos quatro ventos, permanecem apenas como

teoria. Estamos ainda mais próximos do Anti-Sistema, no entanto, esta luta no plano humano é mais viva do que nos planos inferiores, porque tanto mais se sobe, tanto mais o Sistema, ao aproximarmo-nos dele, se mostra mais poderoso, enquanto nos níveis mais baixos o Anti-Sistema domina sem contrastes sensíveis. Pertence-lhe o domínio das zonas mais involuídas, enquanto nas evoluídas, quanto mais se sobe, tanto mais se tornam domínio exclusivo do Sistema.^{14 (p. 208)}

Para os primeiros, mais próximos da matéria, a velhice representa um desfazimento real de todo o seu ser. As suas próprias funções psíquicas, constituem mais uma atividade cerebral que espiritual, enfraquecendo-se com o enfraquecimento do órgão físico do pensamento, o cérebro. Para eles a velhice significa fim e morte de todo o seu ser, tanto o material como espiritual. Para os evoluídos, mais *fortes* no espírito, a velhice significa fim e morte apenas da própria forma exterior, material, fato que não mata, mas liberta a parte espiritual do seu ser, cuja vida assim se intensifica com a velhice, ao invés de decair. Sendo as funções espirituais, para estes, muito mais desenvolvidas e poderosas, e por isso mais independente do órgão físico do pensamento, o enfraquecimento deste, quase não consegue lesá-las. Sendo o órgão cerebral, para os evoluídos, apenas um meio secundário de existência, um instrumento transitório de expressão, o seu envelhecimento não consegue arrastar em sua ruína, a inteligência e o pensamento deles.^{14 (p. 215)}

Por isso, quanto mais o ser conquistou, com a evolução, um grau mais *forte* de consciência, tanto menos morrerá ao atravessar a morte. Isso porque, quem evolui sobe para o Sistema, onde não existe morte. A substância da vida é expressa pela consciência de existir. A substância da morte é dada pela perda dessa consciência. E evolução significa conquista de vida, porque constitui conquista dessa consciência. Ao descer, tudo tende a morrer na inconsciência, propriedade do Anti-Sistema. Subindo, tudo tende a reviver na consciência, propriedade do Sistema. Por isso, a evolução representa não apenas conquista de liberdade e de consciência, mas também de vida; representa não só a libertação de todas as qualidades negativas do Anti-Sistema, ou seja, escravidão no determinismo, ignorância, morte, mas também conquista de todas as qualidades positivas do Sistema, isto é, liberdade, conhecimento, vida, até o ponto quando, tendo o ser atingido o Sistema, a morte desaparece definitivamente.^{14 (p. 216)}

Outros fatos e explicações

O amor é criador, porque representa o princípio positivo, construtor, vital, próprio do Sistema, ou seja, de Deus. O ódio representa o princípio

negativo, destruidor, mortal, próprio do Anti-Sistema, ou seja, de Satanás. Quanto mais o amor se liberta de sua materialidade, tanto mais perde as qualidades do Anti-Sistema; quanto mais conquista espiritualidade, tanto mais adquire as qualidades do Sistema. Isso até que o amor, limitado, em princípio, apenas às funções animais da reprodução sexual, transforme-se no amor evangélico, elevando-se ao poder de cimentar não apenas duas criaturas para formar uma família, mas de fundir todo o gênero humano, dele fazendo uma unidade orgânica. Está confiada ao poder do amor, princípio do Sistema, a função de retirar a criatura, pouco a pouco, do plano biológico onde impera a dura lei da luta pela vida, para fazê-la subir ao plano da colaboração fraterna. E como o Sistema, onde está Deus, é o mais **forte**, destinado a vencer o Anti-Sistema, assim o amor é o mais **forte**, destinado a vencer o **egoísmo** e o separatismo dos planos inferiores.^{14 (p. 243)}

15. A GRANDE BATALHA

Prefácio

O mundo observava e precisava de um exemplo concreto, realizado nos fatos, em que as teorias encontrassem aplicação num teste, saindo vencedoras. Dentro do próprio ambiente humano, onde só vale o mais *forte*, o vencedor, era necessário demonstrar, na prática, ser o Cristo o mais poderoso. Era preciso um exemplo, mas um exemplo de vitória, porque o homem aceita como verdade só o que haja dado prova de saber vencer, por isso o segue De outro modo o despreza. Explica-se, assim, como o cristianismo precisou de um triunfo material com o imperador Constantino, para se fixar na Terra e conseguir trazer o Evangelho até nós.^{15 (p. 10)}

Evoluído e involuído

Para tornar mais evidente o nosso estudo, colocaremos em confronto dois tipos biológicos nitidamente individuáveis. De um lado o biótipo mais adiantado, que vive em planos de evolução mais elevados que a média, é o homem guiado pelo conhecimento, que lhe vem da inteligência e da espiritualidade, e vive na ordem por ter alcançado a consciência da lei de Deus: biótipo não-comum, mas que já tem aparecido muitas vezes na Terra, onde não é totalmente desconhecido: este tipo é o evoluído. De outro lado colocaremos o biótipo comum, menos adiantado, o homem que, não obstante envernizado de civilização, vive ainda no plano animal, do qual vemos aflorar seus instintos, que continuam a formar a base da sua personalidade; está submetido à lei animal da luta pela seleção do mais *forte*, dirigido, acima de tudo, pelos instintos da fome e do amor, individualista egocêntrico, ainda inepto ao enquadramento numa ordem coletiva, não viveria em forma de sociedade orgânica; homem regido, em substância, além das aparências, pela moral formada, em sua realidade, por interesses *egoístas* e de uma tábua de valores em cujo ápice encontra-se o vencedor, a quem pertencem todos os direitos, enquanto ao vencido cabem todos os deveres. Este tipo biológico, regido pelos seus instintos, filhos do passado, e não pelo conhecimento que a grande massa humana ainda não possui, é o involuído. Verificamos isto, apenas para, distinguir um tipo do outro.^{15 (p. 15)}

Por outro lado, aquele homem que agia com honestidade e bondade, não agredia ninguém e perdoava, se encontrava louvores, porque, desse modo, podia ser melhor utilizado para os próprios interesses dos louvadores. Há maior

vantagem, para quem mais procura receber do que dar, fazer isto com quem procura mais dar do que receber. Mas, quando ele chegara ao ponto de não defender-se do agressor e de oferecer a outra face, ao ponto de ajudar o seu inimigo, então, ainda que veladamente, julgaram-no com desprezo, um débil e um covarde, um inepto que os mais **fortes** têm direito e quase o dever de eliminar. O que se pode fazer, na vida prática, de um homem constituído assim, ao inverso? Desse modo, o mundo o considerava como um doente mental e o tolerava, compadecido, na melhor das hipóteses, como se olhasse para quem nasceu estropiado. Era perdoado porque não fazia dano a ninguém; chegaram, até, a exaltá-lo quando podia ser explorado. Sentia não ser possível prostituir sua inteligência em lutas mesquinhas; era seu dever usá-la para o bem do próximo e para as coisas superiores do espírito, em lugar de usá-la para seu **egoístico** interesse. Não conseguia encerrar-se no seu próprio **egoísmo**, sem incluir e abraçar todos os seus semelhantes.^{15 (p. 19-20)}

Por isto, o choque era inevitável, no encontro entre instintos, completamente diversos, no embate entre duas fases de evolução e suas respectivas leis. Trabalho duro, de combate difícil, porque, pelo menos de um lado, devia ser mantido sem armas. Quem, então, defenderia esse homem contra o mundo? Este lhe opunha os próprios métodos e dizia-lhe: quem esperas que venha em sua defesa se não sabes defender-te por ti mesmo? Pior para ti se, por amor ao Evangelho, renuncias à guerra! De certo, os gênios, os heróis, e os santos já fizeram tudo isto e o mundo os admira. Mas admira-os hoje porque, de alguma forma, deram prova de haver sabido vencer, e o mundo respeita o vencedor em qualquer campo, porque vencer significa ser o mais **forte**. Por isso, agora, são aclamados. Mas, antes que os grandes conseguissem afirmar-se e serem admirados, foram desprezados e condenados.^{15 (p. 22)}

Alcançamos o ponto crucial da questão. Delineia-se o conteúdo de **A Grande Batalha**. Os dois tipos biológicos que se defrontam e se empenham na luta com armas desiguais. De um lado, o mundo com a sua prepotência e **astúcia**; de outro o inerme homem do Evangelho. Estudaremos a estrutura das duas armas tão diferentes, os métodos com os quais são usadas, a estratégia oposta e a técnica com que são aplicadas. Veremos a vida funcionar nos seus dois aspectos diferentes, segundo a lei do seu plano de evolução. Veremos, assim, aparecer e funcionar outras **forças** mais sutis e potentes que as do mundo e que este não conhece.^{15 (p. 22)}

Eis pois, frente a frente, involuído e evoluído. Quem vencerá? Eles representam dois mundos. Qual o mais **forte**, para poder triunfar? É o que deveremos ver neste volume. A batalha desenvolve-se em diferentes dimensões entre os dois sobrepostos planos de evolução. É a batalha que conduz o homem a um plano biológico superior, da animalidade à espiritualidade, batalha da

superação, do verdadeiro progresso. Atrás da luta que personificamos, para maior clareza, em dois tipos biológicos, há uma luta mais profunda de princípios e de métodos. Antepusemos, aqui, dois tipos de homens; mas, no correr do caminho, a exposição despersonalizar-se-á cada vez mais, até tornar-se encontro de duas ideias. Deixaremos, então, falar a vida, para nos revelar os segredos dos seus planos superiores. A evolução revelar-nos-á a sua técnica ascensional, a escada com a qual o homem pode alcançar o céu. Adquirir o conhecimento e possuí-lo significa ser mais **forte**, para triunfar. Eis o que vamos fazer agora: aprender a conhecer os mais elevados, dignos e poderosos métodos de luta, para vencer.¹⁵ (p. 22-23)

O homem atual acredita estar mandando. Mas como pode fazê-lo quem ainda não conhece a máquina que deve dirigir? Quando o homem acredita mandar, na verdade, obedece aos próprios instintos; quando grita quero liberdade, sem saber, pede a liberdade de obedecer àqueles instintos. Representando estes impulsos a continuação da vida: a fome, para a conservação individual, o amor, para a conservação da espécie, o instinto de expansão e progresso, para a evolução do ser. Tudo vivido conforme a lei biológica da luta tendente a seleção do mais **forte**, representante do tipo que a evolução quer produzir naquele plano; por isso, é o melhor, o ótimo, entre seus valores; mesmo se, depois, com o deslocamento da escala evolutiva, em outros planos de vida, ele possa representar um involuído retrógrado, considerado um pior. Aqui prevalece, ainda, o plano animal em que predominam os instintos. Se nele aparecem, por vezes, elementos éticos superiores, o terreno é sempre o dos instintos, onde religiões e leis procuram disciplinar, canalizando-os, mas, respeitando-os porque constituem a sua base nesses planos de vida.¹⁵ (p. 23-24)

Estudando, a seguir, o desenvolvimento ascensional humano, verificaremos o corresponde desenvolvimento dos planos evolutivos da vida, por **força** dos fins supremos aos quais se propõe alcançar, um ingresso do atual tipo biológico numa zona de sempre maior e intensa espiritualização, entendida não só como desenvolvimento de sensibilidade e de inteligência, mas, também, de consciência ética, indispensável para quem se destina a conviver no grande organismo futuro da humanidade. A lei que, em sua nova fase de evolução, regerá o mundo biológico, não será a de hoje, reconhecida pela ciência, mas a do Evangelho. Dessa forma, com uma completa subversão de valores, passar-se-á do reino do involuído ao do evolvido. Podemos, desse modo, começar a imaginar qual será a nova biologia do porvir, aquela que compreenderá a significação positivamente construtora dos ideais, a que alcançará entre seus valores também a ética das religiões e que marchará para a seleção de um tipo biológico diverso, propondo-se alcançar a formação do mais **justo** e do melhor; não mais, como agora, do mais **forte** ou do mais esperto. Biologia nova, diversamente orientada, que formará como modelo próprio um ser regido por

uma forma mental diversa, por uma inteligência mais aguçada, não desperdiçada em inúteis competições contra o seu semelhante, mas utilizada para as conquistas da ciência, para o domínio sobre as *forças* da natureza, alcançando o conhecimento das leis da vida e, com isto, a consciência de cidadãos do universo.^{15 (p. 25-26)}

Achando-se em fase de transição, é natural que o homem, no âmbito de sua vida, encontre os princípios de duas leis diferentes: os da animalidade e os da espiritualidade. É exatamente no terreno humano, onde estes princípios se chocam, disputando o domínio do homem. Há a lei da animalidade *forte* de um passado que não quer morrer, e a da espiritualidade, representativa do porvir, ao qual pertence a vida. A evolução arrasta o homem do primeiro ao segundo mundo. E é para chegar até lá que ele vive, luta, sofre, experimenta e aprende. A grande massa da humanidade está a caminho; todos os indivíduos, embora estejam uns mais adiante e outros mais atrás, estão na mesma senda. Oscilam entre os dois planos de vida e entre as duas leis que os regem. Ora se lançam num, ora no outro; ora ouvem e escutam a voz do bem e efetuam o esforço da subida, ora se abandonam às *forças* inferiores e retrocedem. Às vezes propendem para o Anti-Sistema, outras vezes para o Sistema, isto até que consigam emergir da animalidade, tornando-se verdadeiros homens, ingressando no reino do evolvido. Aí, as religiões são vividas espontaneamente, dispensando condenações ao inferno; obedece-se às leis sem necessidade de, sanções, vive-se, enfim, como viveram os seres superiores descidos na Terra para iluminá-la. A atual fase de transição estará superada e o homem poderá situar-se definitivamente num plano superior da evolução.^{15 (p. 28-29)}

O involuído representa a matéria prima da vida, ainda no seu estado bruto. Não é possível negar seja o primitivo um *forte*. A primeira lei de seu plano é a seleção do mais *forte*, ser *forte* é tudo para ele. Esta sua prepotência que alcança a ferocidade, constitui aquela matéria-prima a ser refinada através da experiência, até transformar-se em inteligência e bondade. Aquela *força*, para refinar-se, deve ser forjada na bigorna da dor; efeito da ignorância e do erro. O primitivo é *forte* mas é ignorante e procura suprir a falta de inteligência com a brutalidade; é tão ingênuo que acredita seja possível vencer com a *força*. E quando usa a *astúcia*, a sua vista míope e insensível só alcança poucos metros de distância. É simplista e alia à muita *força* poucas ideias. Parece que uma coisa esteja em relação inversa à outra.^{15 (p. 30-31)}

No evolvido encontramos o contrário, mas é natural que na luta cada um se manifeste como é e ponha em ação as qualidades que possui: o involuído, a *força* e o evoluído, a inteligência. O primeiro, seguindo um impulso elementar, arremessa-se a abrir caminho com a violência, e não se dá conta das inevitáveis reações, embora longínquas e lentas, das suas ações, nem da

complexidade da rede de *forças* da vida em que se movimenta. Este, com toda a sua *força*, pratica uma série de erros, dos quais não poderá eximir-se de sofrer as reações. Isto depende de sua ignorância que o faz acreditar ser lícito e possível praticar tudo, conquanto a *força* lho permita. Deve aprender ainda que se está movendo dentro de um organismo de leis e de *forças* poderosíssimas, a serem seguidas com inteligência e obediência, é absurdo aquele seu sistema de querer impor-se a tudo e a todos. Assim, bate continuamente a testa contra a parede para derrubá-la, como acredita ser possível; no entanto, vai quebrar a cabeça, porque entre os dois – a sua vontade e a lei – a mais *forte* é sempre esta última. O resultado de tudo isto é que o involuído há de pagar e, como verificamos em nosso mundo, está sempre pagando. Como pode ultimar o pagamento se não para de semear erros e não alcança a compreensão da constituição e funcionamento do universo? Assim é que o homem sofre e paga. Isto, entretanto, não significa que tudo esteja fora do seu próprio lugar. O homem sofre e paga, pagando aprende; este é, precisamente, o processo da evolução humana. Quem está rico de *força*, mas pobre de inteligência, como o é o primitivo, possui a *força* e a utiliza para chegar à conquista da inteligência. Com o viver se transforma a quantidade em qualidade, a rude energia vital em pensamento, readquire-se no espírito o que se perde no corpo e em poder espiritual o que se perde de força material.^{15 (p. 31)}

O encontro de leis e planos de vida

O embate não é, por nada, pacífico e se desenvolve no terreno de uma luta desapiedada, de todos contra todos, como ocorre, embora de outra forma, entre as feras da floresta. Em nosso mundo prevalece a lei do involuído, por *força* da qual o modelo ideal, tem mais valor o mais *forte*. Não se trata exatamente de uma mais *forte* de musculatura, presas ou garras, como na floresta. A *força* aqui se refina na *astúcia*, a ferocidade pode esconder-se sob uma veste hipócrita de bondade, o princípio é o mesmo, tornando a vida ainda mais desapiedada e difícil, sob uma enganosa aparência que esconde a verdadeira natureza da realidade.^{15 (p. 33)}

Poder-se-á dizer, com isto, que a vida é dura, mas não ilógica. É sempre coerente e *justa*. Como poderia deixar de ser dura, se se trata de planos inferiores de vida, cuja finalidade é de colocar solidamente as suas bases? Antes de ser boa e sábia, deve ser *forte*. Na fase do involuído devem ser plantados os alicerces do edifício biológico e nesta não é possível cuidar dos embelezamentos e refinamentos das superelevações posteriores. Na fase elementar de evolução, a vida não cuida de construir o homem orgânico das grandes unidades coletivas, função a ele reservada para a futura humanidade, disciplinada e pacífica. Este trabalho dar-se-á depois, na fase do evolvido, nesta,

do involuído, a vida busca alcançar outras finalidades e produzir outros frutos. Quer o indivíduo **forte**, matéria-prima para as criações posteriores, mais complexas. O indivíduo representa o bloco de pedra, com a sua multiplicidade poder-se-á, mais tarde, elevar o futuro edifício.^{15 (p. 33-34)}

No seu trabalho de reconstrução, a vida deve enfrentar uma infinidade de problemas e os vai resolvendo sucessivamente. O trabalho a ser executado num plano de existência, não pode ser efetuado em outro. O ser que começa a existir num ambiente hostil, em primeiro lugar, deve aprender a manter-se nele, impondo-se com a **força**. Neste plano, a bondade, qualidade preciosa quando se trata de conviver socialmente, constitui uma verdadeira fraqueza, um defeito, um valor negativo, danoso e contra produtor. Há, pois, razão **justa**, quando, nos planos inferiores, a vida deixa que o fraco seja desprezado, em lugar de ser ajudado, deixa que o instinto do mais **forte** seja o de esmagá-lo para eliminá-lo. Esta é a lógica daquele plano de evolução, ainda que a dos outros planos seja diversa. Também a floresta possui as suas leis e os selvagens, como as feras, obedecem-lhes. Se isto toma formas ferozes, esta é a sua **justiça**; se, para quem se encontra mais no alto, parece anarquia e caos, aquela é a sua ordem.^{15 (p. 34)}

Até chegar esse dia, o evolvido será minoria, só excepcionalmente respeitado, em geral, só depois da morte, quando houver dado prova de tanta **força**, de haver superado todos os obstáculos opostos a quem queira criar o novo. Estamos no terreno do involuído, onde impera o mais **forte** e manda aquele que, por possuir maior poder, haja provado saber vencer. Nesse terreno, seja ele gênio, herói ou santo, somente é exaltado se demonstrar ser o vencedor. Deixado cair pelas sábias leis da vida no mundo dos involuídos para civilizá-los, o evolvido é constrangido; entretanto, a suportar suas leis e totalmente seu deve ser o esforço de enfrentá-las para modificá-las, uma vez que é esta exatamente a tarefa, dada a ele pela vida. Compete-lhe arrastar para diante a massa inerte da maioria, a qual, de seu lado, limita-se a deixar arrastar, extraindo do seu esforço, muitas vezes de seu martírio, o que lhe serve para o progresso e isto, frequentemente, depois de havê-lo condenado, pisado, atormentado. Triste é a sua sorte na Terra. Raramente lhe chega ajuda de seus semelhantes. Sorte tanto mais dura quando, depois de combatido e perseguido em vida, o mundo o exalta e o glorifica nos monumentos, muitas vezes tão só para fazer insígnia de seus próprios grupos ou partidos e poder praticar melhor suas obras de exploração à sombra de tais bandeiras.^{15 (p. 37-38)}

O fato de nosso mundo ser regido pela lei da luta pela seleção do mais **forte**, prova que está situado ainda no plano animal-humano do involuído. Esse mundo baseia-se no princípio do egocentrismo individualista que conduz do estado inorgânico, funcionando com o método da rebelião. Isto não é um erro da vida, mas uma qualidade deste seu nível de evolução. A vida quer, antes de mais

nada, viver, em qualquer nível, mesmo no plano de desenvolvimento alcançado. Buscar esta sua finalidade é fundamental, porque não poderia, diversamente, alcançar nenhuma outra de todos os seus fins; alcança aquela com os recursos que possui o plano do involuído. Para alcançar a vida em planos mais elevados, deve utilizar os meios mais aperfeiçoados e conquistados pelo ser naqueles planos mais altos. A vida, desse modo, alcança a sua primeira finalidade, a de viver, com garras e presas no plano animal, com a *força* e a *astúcia* no plano humano, com a coordenação dos indivíduos num organismo coletivo, no plano do evolvido. Os métodos: e os resultados são proporcionais ao estado de evolução, isto é, de compreensão e inteligência alcançada.^{15 (p. 39)}

Para o involuído as coisas são diversas. Se ele abandona por um momento a luta contra o seu semelhante; este o esmaga e o elimina. No seu plano a ordem não existe, ninguém garante a sua vida e ele tem que a garantir por si mesmo. Se não sabe defender-se, ninguém o defende, cada um tem a sua luta e não pode pôr sobre os seus ombros a luta dos outros. A inteligência e as energias devem ser canalizadas para esse fim, o mais urgente; quando alguém as utiliza para outras finalidades é julgado um sonhador, vivente fora da realidade. O enquadramento na ordem, como método de defesa, adotado pelo evolvido, no plano do involuído não tem sentido; neste, a ordem verdadeira não existe, aparecendo apenas algumas tentativas de esboço. O mundo possui apenas alguns grupos egocêntricos e imperialistas, formados em torno dos mais *fortes*, que os usam, antes de mais nada, para si, ou em função de seus interesses. Tudo isto não serve para garantir a vida, mas para organizar a luta em maior escala. Aceitar essa ordem, significa tornar-se servos de um determinado chefe, que, por ser o mais *forte*, construiu-a para si. Nesse plano de evolução, o poder, em geral, é suportado como um peso, enquanto exercido como vantagem para quem o possui. De fato, na Terra, com o sistema representativo, as massas procuram defender-se contra a opressão naturalmente existente no poder absoluto. Assim, o cidadão moderno, começando a evolver, procura defender-se contra um poder que tem sua origem histórica no estado de opressão, onde o mais *forte* acreditava ser seu o direito exercê-lo sobre os mais débeis que havia conseguido subjugar. Estamos no plano do involuído e, enquanto aí ficarmos, toda forma de vida não poderá deixar de manifestar-se a não ser com o sistema da luta, característica deste plano.^{15 (p. 40-41)}

Na oposição entre os dois diversos mundos, podem formar-se julgamentos diferentes, conforme se trate do involuído que, de baixo para cima, julga o mundo do evolvido, ou trate-se do evolvido que julga, do alto, o mundo baixo do involuído. Para o involuído, submeter-se à ordem e à disciplina, não é um virtude, mas covardia porque aceita a servidão, só merece desprezo. Teórica e oficialmente a palavra ordem é de natureza diversa, mas isto não impede que substancialmente os instintos humanos sejam os mesmos. Para estes o que conta é o homem *forte*, capaz de rebelar-se, impor-se, dominar, vencer. Alcançar

sucesso é o apreciado. Quem vence tem razão pelo fato de haver demonstrado que sabe vencer.^{15 (p. 41)}

Na história, a vitória legitima tudo, o vencedor é o construtor da verdade, naturalmente, sempre para sua vantagem e glória. Quando estes são os instintos e os métodos, todos endereçados à exaltação do mais *forte* e à aniquilação do sincero e honesto, o que é possível esperar desse mundo, senão um estado de insegurança e de luta contínua? E não depende tudo, como havíamos dito, da forma mental dominante? Isso decorre de nossos instintos e de nossa atuação, conforme a psicologia a ela correlata.^{15 (p. 41)}

Assim, desde que apareceu pela primeira vez a lei ética, deve-se levar em conta a realidade do mundo. A primeira coisa que Moisés teve de demonstrar, na prática, ao descer do Sinai, foi a inaplicabilidade imediata da lei que proclamara. Para fazê-la descer ao plano humano, para depois educar o homem ensinando-lhe a aplicá-la, Moisés teve, inicialmente, de cair numa contradição, que permanecerá através dos séculos: a de que para poder aplicar a lei que proíbe a *força*, se usa a *força*. Para aplicar a lei, se faz justamente o que ela proíbe. Não, é o legislador moralista que mostra a aplicabilidade da lei seguindo-a, ele mesmo em primeiro lugar, e educando com o exemplo. É ele próprio, inicialmente, que prova a inaplicabilidade por não aplicá-la a si quando, ao exigir obediência, afirma, com os fatos, o princípio oposto ao da obediência determinada por ela, o princípio que fere o próprio mandamento. Eis aquilo que a ética deve tornar-se, quando desce em um mundo onde o problema fundamental sempre presente é de ser o mais *forte* e de, assim, impor-se para não ser devorado. Desse modo é que encontramos na Terra uma ética de contradições, pela qual a lei parece valer só para os sujeitos que devem ser educados, e não para os educadores, que não ficam obrigados a aplicá-la, embora devessem ser os primeiros a fazê-lo. É uma ética de contradição, porquanto, determinando obediência, pratica a dominação. É uma ética de coação, que impõe a ordem pela *força* das sanções, isto é, faz a paz usando a guerra, quer atingir a não-reação usando a reação.^{15 (p. 45)}

É assim que a ética ensina a não matar, matando; a renunciar, mantendo a posse; a obedecer mandando. O próprio moralista, imerso no plano humano, não consegue colocar-se acima de seus dependentes e com estes, mesmo em nome de altos princípios éticos, desce para a luta no mesmo nível. Somente Cristo permaneceu em Seu plano mais alto. Somente Cristo praticou a não-reação pregada pela ética e não desceu para pactuar com o mundo, estabelecendo compromissos. Por isto, Ele não quis usar a *força* e o mundo, usando-a, matou-O. Se puderam sobreviver as outras autoridades que se dizem baseadas na ética, foi porque, diante da moral pura de Cristo, elas representam uma posição híbrida de comprometimento. Assim, assistimos na Terra ao

estranhíssimo espetáculo, através do qual, em nome da ética, proíbe-se a reação punitiva individual, permitindo-se somente a da autoridade. Esta diz ao indivíduo: “Não usarás mais a violência para defender teus interesses; só eu posso usá-la para defender os meus. Eu sou o chefe, venci como mais **forte**, nego a ti o direito de matar por teus próprios objetivos, usá-lo-ei somente para meus fins”. Na verdade, o que cada governo faz, logo de início, é desarmar o cidadão, reprimindo-lhe a violência, para armá-lo, em seguida, contra os próprios inimigos, premiando-lhe, com honras, a mesma violência.^{15 (p. 45-46)}

Na realidade prática, a substância do incidente relatado pela Bíblia é que, na ausência de Moisés, uma outra casta sacerdotal se havia apossado do poder, então político e religioso ao mesmo tempo. O problema tornara-se um só: destruir os rivais com energia implacável, ao contrário, teriam destruído Moisés. Naquele plano de vida, quem possui o poder não tem outra alternativa: se não quer ser morto, deve matar ou, como dizia a rainha Elizabeth da Inglaterra com referência a sua rival Maria Stuart da Escócia:, se não se mata, se é morto. É preciso, pois, matar. Estamos no reino da **força**, onde não há coisa que não seja regida pelo princípio da **força**, onde também as religiões, a moral, as metas ideais, a própria ação de Deus, estão baseadas na **força**. Não se obedece aos homens, nem a Deus, faz-se o contrário quando se está em face de alguém mais **forte**, capaz de fazer pagar caro a desobediência. Nesse reino, a primeira preocupação de quem está no poder, seja o Deus das religiões ou qualquer chefe humano, é a de eliminar todos os rivais, exatamente aqueles que constituem a maior ameaça ao próprio poder. Isto significa quase um medo contínuo de perdê-lo tão logo aquela **força**, base de tudo, venha a faltar, porque, seja no terreno político ou no religioso, presume-se o instinto da revolta pronto a explodir nos súditos e nos fiéis, tão logo aquela **força** não os mantenha submissos. Estamos no plano de vida do involuído, onde não há manifestação que possa sair desta atmosfera e possa tomar outra cor, compreendidas as mais elevadas manifestações da ideia de Deus, sempre interpretações humanas do absoluto. Cada plano biológico não pode superar o grau de aproximação. Assim, em nosso nível humano, dificilmente se consegue superar a psicologia da luta, lei dominante na seleção do mais **forte**.^{15 (p. 46-47)}

O primeiro artigo do código do mundo poderá ser enunciado desse modo: “A culpa maior é a de ser débeis, pobres, honestos. Maior virtude, é a de ser poderosos, ricos, **astutos**. Perdão poderá haver para as outras culpas, mas não para aquela. A vida, na Terra, pertence aos **fortes** e não aos fracos; estes devem ser eliminados. Bondade e retidão refreiam a **força**, paralisam a luta, devem, pois, ser evitadas e condenadas por serem danosas e antivitais. Os indivíduos afetados por esta moléstia devem ser segregados e expulsos, não tendo o direito de permanecer no terreno da vida que é campo de batalha”.^{15 (p. 48)}

Então, as velhas pedras exauriram a sua função, são lançadas fora e caem à margem da estrada da evolução para aí morrerem de velhice. Representam uma casca vazia recusada pela vida, por já ser-lhe inútil. Lutaram até então, **fortes** somente pela forma, desesperadamente, para sobreviver; mas, o espírito, uma vez desenvolvido, fugiu da velha casa, tornada insuficiente para contê-lo, e fez para si outra morada mais adaptada. Em todo este movimento, o que permanece estável é o espírito, fio condutor da evolução. Explicam-se, assim, e compreendem-se as diversas posições e as variadas exigências de cada momento relativo na história da evolução do pensamento humano.^{15 (p. 51)}

Os fins que a vida se propõe alcançar nos dois diversos planos de evolução são completamente diversos. No nível do involuído, ela tende ao individualismo. A construção biológica que quer levar a efeito, é o homem **forte**, rebelde contra todos, o homem que vence subjugando o mundo. Do trabalho criador da evolução no plano do involuído não pode surgir senão um ser prepotente, **forte** e bem construído, apto ao domínio, mas isolado de tudo que está fora do seu eu.^{15 (p. 51-52)}

No nível do evolvido, a vida tende ao coletivismo. A construção biológica a ser valorizada é o estado orgânico que abraça todos e funde em colaboração numa única unidade, na qual o indivíduo funciona disciplinadamente, numa ordem útil para todos. Do trabalho criador da evolução no plano do evolvido, nasce uma humanidade **forte** e bem construída, feita de “eus” unidos no mesmo organismo, apta a um domínio mais amplo, não mais vencedora de um indivíduo contra os outros, mas alcançando a vitória de toda a coletividade sobre as **forças** naturais do planeta.^{15 (p. 52)}

Presentemente, em nossa humanidade, os dois mundos vivem, morrendo um e nascendo outro, num atrito demonstrativo de sua transformação. Nesta posição estão em vigor duas, opostas tábuas de valores, uma em via de extinção e outra em processo de formação. Assim, os ideais (em virtude de virem a ser adaptados, na prática, à oposta realidade da vida) aparecem numa retorcida forma de mentira. Logo, as mesmas palavras podem tomar significações e valores diversos. Para o evolvido a lei representa a ordem, sendo vantagem de todos o segui-la. Significa a disciplina necessária para o funcionamento do organismo que é a vida de cada um e de todos. Para o involuído, a lei representa o comando do mais **forte** que, por ter vencido, sente-se no direito de ser obedecido por todos, não para ser útil coletivamente, mas, apenas, para os fins do próprio **egoísmo**. Se, no mundo do involuído a lei significa somente o interesse do vencedor, interesse que não é o do vencido, a posição para a qual a vida impele o indivíduo não é a da obediência disciplinada, mas a da revolta. Não é possível impedir a vida de ser utilitária e de procurar, em primeiro lugar, a própria defesa.^{15 (p. 53)}

Entre os dois há um contínuo mal entendido a respeito da significação das palavras. O involuído, dada a sua forma mental entende a autoridade como vantagem daquele que conseguiu alcançá-la, como uma posição que representa o prêmio legítimo pelo esforço e os riscos sofridos para alcançar a vitória. Assim, o poder toma a significação, não de função coletiva e missão, mas de vitória pessoal na luta para a seleção do mais **forte**. E os dependentes não obedecem a autoridade como colaboradores no sentido do bem comum, mas lhe obedecem por ser a expressão da vitória do mais **forte**, merecedor de respeito por haver dado prova de saber vencer. Outros resultados não se podem obter num sistema alicerçado sobre o princípio do **egoísmo** e da exploração recíproca.^{15 (p. 55)}

Enquanto se proclamam em altas vozes os nobres ideais, subterraneamente ferve a luta feroz para a vida. A realidade está em que o engano, continuamente praticado com dano para o próximo, constitui uma escola permanente para acordar a inteligência, mesmo nos graus mais inferiores, mesmo porque quem não aprende é eliminado. O saber defender-se é a primeira coisa que todos devem conhecer, sob pena de vida. Estamos ainda bem pouco acima da esperteza do animal, inteligência primária a serviço da vida material, distanciada mil milhas da inteligência especulativa, dirigida ao conhecimento das causas primárias e da formação da espiritualidade. Esses produtos rarefeitos não são ainda percebidos e não têm serventia no plano do involuído, em que a ciência mais importante é a do ataque e da defesa. Nesse plano, até não haver aprendido a ser **fortes** para mandar, é preciso servir. De certo que isto serve para desenvolver a inteligência, mas que qualidade de inteligência? Quanto caminho há ainda a ser feito, antes de chegar a inteligência consciente do funcionamento do universo! Todavia, no plano do involuído é necessário começar pela inteligência elementar, eis que a outra não pode ser compreendida. Naquele plano, antes de olhar para o céu, é preciso lutar na Terra. Que condenação dura é ser involuído!^{15 (p. 56)}

Também o conceito de **justiça** é diferente, se visto de um plano ou do outro. No plano animal é **justiça**, é legítimo direito do mais **forte**, estraçalhar o mais débil, que pela mesma **justiça** deve ser esmagado. O próprio Cristo, descido à Terra para lançar um mais elevado ideal de vida, teve que submeter-se a esta lei e foi sacrificado depois de julgado por diversos tribunais, legitimamente constituídos. Quando foi pregado na cruz, os seus crucificadores lhe pediram com desprezo, desse prova de Sua **força** salvando-Se. E isto porque o valor de um homem esta em dar prova de **força** e não de bondade, para salvar a si mesmo e não aos outros.^{15 (p. 57)}

Se em nosso mundo tudo é dominado por uma realidade biológica de plano evolutivo inferior, todavia, vai subindo lentamente para um plano da vida

superior. Observemos a evolução do instinto da família, primeiro núcleo da sociedade humana. Retrocedendo para os estados mais primitivos verificamos ser mais dura a luta e com isto mais feroz a vida. A mulher é a escrava que deve trabalhar, obedecer, servir. A evolução conduz a uma cada vez maior proteção dos fracos, exatamente porque leva o ser fora do plano do involuído onde vigora a lei do mais **forte**. O libertar-se, com a ascensão da vida, desta lei de prepotência, conduz cada vez mais da fase de **força** a de **justiça**, onde há sempre mais lugar para os fracos que antes eram inexoravelmente condenados. Paralelamente torna-se cada vez mais importante o problema da defesa e educação dos filhos, problema antes inexistentes. No estado mais primitivo, a natureza deixa gerar com toda prodigalidade, submetendo depois os filhos à seleção natural, de maneira que somente os mais **fortes** sobrevivem e os outros perecem. Mulher escrava e filhos largados as suas próprias **forças**, esta era a condição primitiva.^{15 (p. 61)}

Uma das maiores obras da evolução humana é a redenção da mulher. Atualmente, o matrimônio lhe garante a proteção e a posição social do marido. Antes, todos os direitos eram do macho, porque era o mais **forte** conforme a lei que imperava nos planos de vida inferiores. Passando do reino da **força** ao da **justiça**, os pesos, como é **justo**, começam a transferir-se dos ombros dos mais fracos aos dos mais **fortes**. Eis, então, que ao macho não pertence mais somente o direito de ser servido, mas também, o dever de proteger, de trabalhar para prover o necessário, A mulher não é mais a escrava mas a companheira. Os filhos não são abandonados, largados à seleção natural, mas devem ser criados, educados, e acompanhados até que atinjam uma posição própria na sociedade. A família passa a tomar um aspecto ético superior, representa uma função social, toma-se uma missão a ser cumprida. Neste processo tocamos na transformação a que o ser é submetido com a passagem, por evolução, do plano do involuído ao do evolvido. O estado de **egoísmo** separatista é reabsorvido, cada vez mais, num estado de amplexo fraterno, o caos torna-se ordem, a **força justiça**, a revolta transforma-se em disciplina. Inicia-se, assim, começando do primeiro núcleo que é a família, aquele processo de reconstrução que conduz do estado caótico do individualismo separatista, ao estado orgânico, que, como já dissemos, o das mais evolvidas sociedades futuras.^{15 (p. 61-62)}

O verdadeiro triunfo

Retomaremos mais adiante a narrativa do nosso protagonista, que deixamos momentaneamente em suspenso, para enquadrá-la na amplitude dos problemas maiores, dos quais faz parte. Eram necessárias estas explicações para justificar sua conduta, condenada por um mundo ignaro, de acordo com uma ou outra psicologia. Somente assim, estudando-lhe as razões profundas, podemos

explicar a significação e a lógica do seu comportamento, aparentemente estranho. Em face da luta própria do plano humano, decorre um estado contínuo de ataque e de defesa, a sua reação foi a do perdão. Num mundo, onde o mais **forte** é quem vale, este sistema é a maior tolice, desprezada como impotência dos fracos. Nestas páginas, entretanto, iremos estudando cada vez melhor a técnica desta estratégia para demonstrar que não representa uma tolice, impotência dos fracos, mas a maior sabedoria, poder dos **fortes**. De fato, com este método, o nosso protagonista, sem usar as armas humanas sem as quais o tipo comum se sente desarmado e perdido, conseguiu vencer plenamente, evitando todos os danos implícitos nas vitórias humanas. Explicamos e continuamos a explicar as suas razões.^{15 (p. 64-65)}

Estamos no mundo humano, predominantemente do involuído, dirigido não pela Inteligência, bondade, **justiça**; mas pelos instintos da animalidade. Baseado na princípio do triunfo do mais **forte**, nele se toma natural, é contínua a luta para o seu triunfo. O estágio normal é, pois, o de guerra, de todos contra todos, visando o sobrepujamento recíproco e a vitória do mais poderoso; um estado armado, em que a paz é condição excepcional e a agressão se torna possível a todo momento. A paz, de fato, não é senão a trégua entre duas guerras, um descanso para a preparação de outra. Isto é verdadeiro tanto para as nações como para os indivíduos.^{15 (p. 65)}

O que acontece, em face de uma agressão? Como se comportam os dois tipos diversos? O involuído aponta todas as suas armas e se apresta para a batalha. É o momento de desenvolver ao máximo todo o seu poder destrutivo, para aniquilar fisicamente a parte adversa. Do **egoísmo** separatista só pode nascer a revolta contra a vida, continuação da primeira revolta, causa da queda. A batalha cria uma atmosfera da destruição, de onde emerge o grande vencedor, pronto a continuar o lance sobre outros menos **fortes**, para destruí-los. Aí, o bonito jogo continua ao infinito, nesse plano de vida. O sistema da luta não resolve a luta, vencer não significa afirmação de paz. O mundo sempre acabou uma guerra para recomeçar outra.^{15 (p. 65-66)}

Dir-se-á, entretanto, como é possível que este último, sendo na Terra uma exígua minoria, seja organicamente unitário, como é afirmado constantemente? Onde se encontra esta unidade orgânica, que é inexistente na Terra? Precisamos recordar que a Terra não é todo o universo e que as formas terrestres de vida não são todas as formas de vida, ora, o evolvido é um exilado aqui e pertence a outros grupos étnicos, situados em outros planos, com outra forma de vida. Nascendo, traz consigo os métodos de sua raça, métodos que não são os de nosso mundo. Se neste mundo aqueles métodos não vigoram e são mal recebidos, isto não exclui que alhures eles não funcionem plenamente. Devem existir, pois, mundos de maior progresso em que o Evangelho, com os

seus princípios de convivência fraterna, seja uma posição já alcançada, uma realidade vivida e não uma meta longínqua a alcançar, no futuro. Os companheiros do evolvido estão nesses ambientes e a distancia espacial não pode impedir que eles permaneçam espiritualmente seus vizinhos. Ele se mantém em comunhão com estas grandes coletividades espirituais, em plano mais elevado de onde descem as *forças* para defendê-lo. O evolvido se fez inerte por haver deitado fora todas as armas. O mundo se ri dele, como fizeram os crucificadores de Cristo ao pé da cruz. O mundo se ri dele por vê-lo desarmado e fraco, mas não sabe que ele é o mais armado de todos, a quem, depois de pequenas vitórias (dos involuídos) destinadas à eliminação recíproca, pertence a grande e última vitória. A ignorância do involuído é tamanha que acredita ser o homem evangélico um débil, quando, ao contrário, é um *forte*, o único vencedor. Também supõe-se que a vida é tão pobre de meios e de inteligência tão reduzida, que deixa os seus pontos mais vitais desprotegidos, ao dispor da prepotência dos menos evolvidos.^{15 (p. 67-68)}

Desse modo, as massas seguem á homem superior, a quem a natureza confere uma fascinação que lhe é indispensável para executar o trabalho a ele confiado, como confere fascinação à mulher por lhe ser esta indispensável para cumprir a sua função, a de gerar. Assim as massas seguem o evolvido. São dois termos opostos, como o macho e a fêmea, são, por isto, conduzidos ao abraço. A massa humana representa a fêmea, elemento negativo, que se curva, dobrando-se, por ser mais débil, diante do outro elemento, mais poderoso. Então, na última fase do desenvolvimento do fenômeno, assim como o macho submete a fêmea, o ser superior imprime o seu sinete de fogo nas almas de seus seguidores; Como se deu com Cristo e o Cristianismo, as massas, depois, rebelar-se-ão, procurarão evadir-se, com *astúcias* inumeráveis. O abraço inicial, todavia, continua, mesmo em forma de luta, Cristo, para vencer o mundo e o mundo para destruir Cristo, os dois estão ligados. O elemento negativo oferecerá todas as resistências, mas está nas leis da vida que ele seja dominado e fecundado pelo elemento positivo, o mais *forte*. A luta continua e continuará, mas a semente foi imergida no terreno que havia de recebê-la. Continuará a luta, mas o germe fecundador aí está ativo, gerador do feto que é a alma do homem novo e representa o biótipo do evoluído; e o processo não poderá parar enquanto não nascer o novo ser.^{15 (p. 71-72)}

Cada coisa está em seu lugar na ordem universal. Quando o evolvido anunciou a sua verdade, deu o exemplo, completou o seu sacrifício, basta. A sua tarefa esta cumprida. A cada qual pertence o esforço da própria evolução e não se pode explorar a dos outros para que efetuem a sua, em seu lugar. Se o involuído quer subir, deve pôr-se em movimento com as próprias pernas. Na *justiça* da Lei, a cada um o próprio trabalho e tarefa. Ao evolvido pertence redobrar-se em missão de sacrifício aos mais atrasados, ensinando-os e guiando-

os, depois, cabe a eles o esforço à mudança, seguindo as pegadas do mestre. Se o involuído não quiser fazê-lo, o dano será todo seu e o martírio dos evolvidos que se sacrificaram será inútil para ele, porque não quis colher o fruto oferecido. Os involuídos poderão martirizar os evolvidos que descem à Terra em missão, a Lei assim permite por ser esta a forma para que os primitivos tomem conhecimento de outras verdades. Se não aceitarem e não seguirem este conhecimento, ninguém poderá constrangê-los a isto ou fazer o trabalho em seu lugar, trabalho necessário para alcançar, com a evolução, a própria felicidade. Os que se têm por **fortes** e **astutos** por haver sabido esmagar o evolvido que se sacrificou por eles, perdem a oportunidade de evasão que lhes foi oferecida e permanecem submergidos no pântano de seus males. Os perseguidores de Cristo acreditaram conseguir vantagem, mas fizeram seu próprio dano. Desse modo, todos os que põem entraves à missão dos homens superiores, acreditam ser vencedores mas são vencidos; imaginando alcançar ganhos com a eliminação de um inimigo, deslizam cada vez mais para trás, à ignorância e à dor.^{15 (p. 77)}

Eis como fica o mundo do evolvido transferido para o plano do involuído. Por isto, o produto das religiões e dos ideais está feito, praticamente, mais por pregadores de virtude do que por virtuosos. Eis como as normas de uma vida superior, movimentadas pelos **astutos**, servem muitas vezes para apanhar os ingênuos, os honestos, todos os fracos que não sabem defender-se. Mas Deus não pode ser enganado e vê também atrás dos bastidores. Assim, pela Sua Lei de **justiça**, a humanidade sempre pagou, está pagando e pagará os seus erros. Somente depois de haver feito a diagnose do mal, é possível compreender qual deve ser a cura. Tão só depois de haver compreendido quais os erros perpetrados, se pode ver como são **justas** e merecidas as suas consequências, que a humanidade está suportando.^{15 (p. 83)}

Inversão de valores

Dá-se, então, que quando os normais, desprovidos dessas qualidades de exceção, pretendem, por outras razões, encaminhar-se por aquelas sendas, não possuindo a **força** para dominar as reações da vida (tanto mais **fortes** contra tão radicais negações da animalidade), vêm a encontrar-se na necessidade de retroceder frente às dificuldades cujo alcance, com leviandade, não haviam medido. Para os imitadores incautos, surge a necessidade de retroceder e, com isto, a queda das virtudes e o respectivo escândalo. Nesse manifesta-se, o instinto de agressão do próximo, ciumento da veneração conquistada por aqueles imitadores, sente-se feliz de demoli-la encontrando-os em falta e isto, naturalmente, por santo zelo, em nome da virtude. É feliz com essa demolição tanto mais quanto fica desiludido no seu desejo de ver naqueles santos imitadores sufocados pelas virtudes, já expulsos da luta em benefício do próprio espaço vital.^{15 (p. 87)}

Muitos atos humanos não são tão simples como podem parecer à primeira vista, muitas vezes, resultam de um entrelaçamento de operações psicológicas com as quais se consegue produzir o fenômeno da inversão. Indicamos estas manobras, não para acusar, mas para prevenir aqueles que caem nelas acreditando-se **astutos**, mostrando-lhes que o jogo não é tão fácil como pode parecer. Se continuamos a navegar nessa charco das mentiras é para ensinar a sair delas. Se desnudamos o mal não é para nos deleitarmos na crítica, mas para mostrar no fim os caminhos do bem, para educar, demonstrando ser de maior vantagem seguir estes do que aqueles.^{15 (p. 87)}

Quem procura sobretudo compreender, não pode condenar. Ser-lhe-á possível, apenas, chorar sobre tanta miséria humana, devida ao atraso no grau de evolução em que o mundo ainda se encontra. Mas a compreensão do ambiente em que nos encontramos, torna-se necessária para poder sair do charco. Calar representaria um convite para permanecermos na ilusão. Enxergar o caminho é o primeiro ato necessário para percorrê-lo. É preciso armar o involuído com o conhecimento necessário para subir a um plano de vida superior. O Evangelho não diz apenas “sede simples como as pombas”, mas acrescenta: “**astutos** como as serpentes”. Isto significa: puros e honestos como os evoldidos, mas conhecedores de todas as velhacarias humanas para não serem suas vítimas. A fé de olhos escancarados é muito mais sólida do que a de olhos fechados. Deus não nos quer quais néscios crédulões, mas crentes iluminados. Para praticar o bem é preciso conhecer também o jogo do mal. Trata-se de guerra e em toda guerra é necessário saber como funcionam as armas do inimigo e ensinar aos próprios soldados a usar as próprias. Assim, demonstraremos neste volume que as armas do evoldido evangélico são mais poderosas, tomam-no mais **forte**, apto, como Cristo disse de Si, a vencer o mundo. Se, através da razão, procuramos fazer compreender ao tipo corrente do plano humano, a fim de que este, depois de haver compreendido a grande vantagem que representa subir a um plano de vida superior, decida-se, por interesse para evolver, a efetuar um esforço do qual será largamente compensado.^{15 (p. 90-91)}

Olhemos corajosamente, de frente, os problemas. É melhor sermos duros e sinceros do que doces e não verdadeiros. Em teoria, na mente de quem os concebe, os ideais estão repletos de nobres e santas intenções, tudo para o bem dos homens. Mas é preciso ver o que acontece depois, quando estes ideais descem à Terra, onde domina outra psicologia. Na Terra, a luta que impera sobre todos, impõe, desde logo, um dissídio entre o legislador e a natureza humana que não aceita a rédea. No dissídio o mais **forte** vence. Mas, o legislador é um **forte** de exceção e a maioria é fraca, esta não enfrenta aquele e forma uma outra moral; não possui a coragem, porque seria a da animalidade, mas procura enganar o legislador dando-se ao trabalho da evasão por vias oblíquas. Esta é

uma das ocupações das massas que não possuem a *força* nem a coragem de rebelar-se para conseguir libertar-se da disciplina.^{15 (p. 94)}

Esta é a maneira de interpretar os ideais que descem à Terra, quando estes são vistos com o olhar bem diverso da animalidade. Isto pode excitar uma espécie de ciúme contra os mais *astutos*, que melhor conseguiram evadir e gozam as vantagens, porque os menos *astutos* permaneceram atrás; são renunciadores forçados e procuram expandir-se contra quem pratique a mínima contravenção à lei, pondo em evidência qualquer defeito seu para amarrar todos àquela disciplina, que tanto pesa e trará satisfação quando todos a suportarem. Quantas vezes a *justiça* humana, de caráter público, é posta em movimento somente por finalidades particulares, sem as quais não se movimentaria? Santifica-se até o instinto da agressividade, tão natural no plano do involuído, onde reina o regime de luta. Assim se explicam as guerras santas, a santa inquisição, outros casos em que se procura santificar o que nada mais é senão a comum luta pela vida. Fazer a própria luta, que todos deveriam fazer a descoberto, fazê-la protegida pelos ideais, pela *justiça*, em nome de Deus, representa uma defesa e um apoio. Por que a vida, no plano animal, onde só existe um rudimento de moral, haveria de renunciar a sua própria vantagem?^{15 (p. 94-95)}

O poder do alto

O ser situado em nosso plano biológico, o da animalidade, não sabe perguntar se, no lugar da lei da luta pela vida e pela seleção do mais *forte*, há possibilidade de usar outras leis menos duras; se, em vez agir com o método de egocentrismo separatista que nos torna rivais, em guerra, não é possível funcionar com o de um *altruísmo* unificador que nos torne todos amigos, em paz. Logo, pode-se afirmar que o sistema em vigor não é o ideal. Quanto mal, quantas injustiças, quanto veneno de ódio, quantos aleijados e desesperados produz este sistema da luta pela seleção do mais *forte*, quantas reações ferozes por parte da vida que não quer morrer! Quão diversas condições de vida poderia gozar o mundo se a cada um estivesse garantido o que lhe é indispensável material e espiritualmente para viver, se a vida não estivesse obrigada a esta luta e, por *força* da vitória do mais *forte*, a tantas reações desesperadas! A vida exalta o mais *forte*, mas, nem por isto, aceita morrer no mais fraco; adapta-se a sofrer em escuridão sob o tacão do vencedor, apenas temporariamente, à espera da ocasião oportuna para rebelar-se. A vitória do mais *forte* não é vitória, é apenas um meio para incitar os mais fracos a se fortificarem em agressividade e ferocidade, para fazer a guerra e destruí-lo, substituindo-o. Naturalmente, desta luta, surgirão outros vencidos a continuarem o jogo da revolta para destruir o vencedor, colocando novo substituto em seu lugar, assim por diante. Mas será

possível que o homem queira, com este sistema, fabricar para si um inferno verdadeiramente eterno?^{15 (p. 98)}

Atrás da luta dos seres que a representam, há uma outra de princípios que os sustentam. Qual é mais poderoso, a quem pertence a vitória? À *força do egoísmo* que dá vida apenas a um **eu** separado, semeando a morte para todos os outros, ou à *força* do amor que dá a vida a todos juntos, semeando, em colaboração, vida para todos? O primeiro impulso acredita ser mais poderoso por estar contraído em si mesmo, concentrado num só **eu**, mas representa um impulso de morte para os demais, como é lógico, por estar mais vizinho do separatismo destruidor do Anti-Sistema. Outro impulso parece mais débil por estar expandindo além de si mesmo, descentrado em todos os outros seres, mas representa um impulso de vida para os demais, como é lógico por estar mais perto do colaboracionismo reconstruidor do Sistema. O involuído parece o mais *forte* por estar armado até os dentes, mas é, tão só, mais violento e feroz. Com todo esse armamento de guerra, ele procura em vão suprir a sua fraqueza fundamental representada pela sua posição de indivíduo isolado e desorganizado. O evolvido parece mais fraco, por estar individualmente desarmado, mas a sua *força* é muito maior que a de um ser que está sozinho, isto porque não está isolado, nem desorganizado. Enquanto o involuído não pode contar senão com suas próprias armas e *forças*, permanecendo isolado de todo o restante, o evolvido está jungido, por relações estreitas de colaboração, com as *forças* positivas do universo. Estas são as que provêm de Deus, as que querem a vida, o triunfo de todos, integrados na ordem do sistema. O evolvido está deste lado e isto constitui a sua *força* maior, porque está ao lado da vida e de Deus. O involuído, ao contrário, está ao lado do Anti-Sistema, constituindo a sua maior fraqueza, porque isto significa estar ao lado da negação da vida e de Deus, da morte e das *forças* negativas da destruição.^{15 (p. 102-103)}

Entretanto, é lógico que os primeiros sejam os mais poderosos, com eles está Deus, que não pode deixar de ser o mais poderoso porque, se não o fosse, ruiaria toda a lógica e toda a lei que rege o Universo. Mas as *forças* positivas do Sistema, que querem a vida, devem ser mais poderosas, também a elas está, precisamente, confiado todo o trabalho de reconstrução e evolução para o Sistema, do universo decaído no Anti-Sistema. Sem esta sua maior potencialidade, que desde o início estabelece que devem ser vencedoras, não seria possível a salvação; elas dirigem e nunca poderiam ser levadas pelas *forças* negativas da destruição. A conclusão está em que, se o involuído fosse mais poderoso que o evolvido, Deus ficaria vencido pela revolta das suas criaturas rebeldes e o Seu universo, na queda, ficaria insanável, a testemunhar a inaptidão de Deus, provada pela falência da Sua obra. Mas sendo da Lei de Deus que tudo caminhe em direção à vida e se reconstitua com a evolução, poderemos concluir que o princípio ao qual é destinada a vitória, por ser o mais

poderoso, não é o da *força* com que se arma o involuído, mas o do amor com que o evolvido tende a reconstruir. Faz parte de todo o plano da criação que deva triunfar a vida e não a morte, a vida está do lado do Sistema, do evolvido, e não do lado do Anti-Sistema, do involuído. Isolar a vida, contraindo-a no *egoísmo* do próprio **eu**, é ir contra ela, contra o Sistema, contra Deus, assim o involuído não pode vencer; expandir a vida a todos com a *força* do amor, é caminhar na direção da vida, do Sistema, de Deus, assim o evolvido deve vencer. Contra todas as aparências, o involuído é, pois, o mais débil e o evolvido o mais *forte*.^{15 (p. 103-104)}

Com este estudo queremos, também, demonstrar e dar-nos a alegria de compreender que o amor é mais *forte* do que o *egoísmo* e que, na luta entre a *força* e a bondade, vence a bondade por ser esta mais *forte* do que a *força*. Deus, que é vida, por meio desta, rechaça todas as *forças* negativas que queriam destruí-la. Esta, de fato, tão logo alcançados os fins da luta pela seleção do mais *forte*, inicia imediatamente outra luta entre evolvido e involuído, a fim de que o primeiro vença o segundo num terreno bem diverso: o do amor. Quem se prende ao amor é o mais *forte*, por que se prende à *força* central e vital do Todo, prende-se a Deus. O triunfo final não pertence aos prepotentes dominadores, mas àqueles que mais amam, porque quem ama dá a vida e quem domina oprime.^{15 (p. 104)}

Observamos todas as fases da batalha: a condição deplorável dos involuídos e a sua lei de *egoísmo* e de luta; depois a lei de amor que impera nos planos mais elevados, em cuja obediência o evolvido deve descer à Terra, em missão para ajudar e, finalmente, a resposta tremenda dos involuídos: crucificação. Liquidação material do evolvido. Ele morreu, mas, nem por isto a sua lei se extinguiu. É lei de amor e de vida, é a própria Lei de Deus que rege o Universo e, como tal, não pode deixar de ser a mais *forte* e de vencer a grande batalha. Finalmente, o evolvido, com o amor, vence sem outras armas o armadíssimo involuído e o conduz, do plano da luta e da *força*, ao da união e do amor. Eis como se desenvolve todo o processo com que se reduz a grande fratura do universo decaído; eis a forma com que o Sistema se redobra sobre o Anti-Sistema para redimi-lo da queda e reconduzi-lo ao estado perfeito originário de Sistema; eis como se realiza, através da dor e do amor, aquele tremendo esforço da subida, que se chama evolução.^{15 (p. 105-106)}

O Evangelho posto à prova

Procuraremos, desse modo, dar ao involuído aquele poder que torna mais *forte* o evolvido, evangelicamente desarmado. Para utilidade dos mais atrasados neste caminho, iremos estudar e explicar os segredos desta nova

estranha estratégia que o mundo tão pouco conhece. Ir adiante pelo caminho retilíneo da sinceridade, significa chegar muito antes do que tomando a estrada da mentira e do engano. Muitos preferem esta última por parecer um atalho, mas é um atalho em que se escorrega a cada passo e, por isto, exige mais tempo para ser percorrido que a via mais comprida da honestidade onde não se escorrega, porque se coloca o pé não na lama, mas sobre a pedra firme. Trabalhar a luz da inteligência, de onde nasce o conhecimento, exclui a incerteza da tentativa e do erro, fornece a calma, a tempestividade e a segurança da ação, conduzindo ao bom termo. Contrariamente, quem trabalha com as *forças* do mal, trabalha nas trevas da ignorância, as quais não lhe fornecem o conhecimento, deixam-no em poder da tentativa e do erro, conduzem-no a uma pressa, repleta de orgasmo, à intempestividade e incerteza da ação, arrastando-o à falência.^{15 (p. 119-120)}

Não basta a afirmação teórica: o bem é o mais *forte* e triunfa. É preciso explicar como se desenvolveu a experiência que prova ser isto verdadeiro; é necessário fazer penetrar a sua técnica e o método de seu desenvolvimento; observar a oposição entre as psicologias e estratégias, do evolvido e do involuído, e observar os defeitos pelos quais este é levado a perder, e por quais qualidades o outro é levado a vencer.^{15 (p. 120)}

Continuava a sua observação. Assim como o astrônomo descobre, através de cálculos matemáticos, que num determinado ponto do firmamento existe um novo astro, usa o telescópio e vê confirmado seu descobrimento, também lá está o nosso personagem observando para verificar se, na realidade, ocorreriam aqueles acontecimentos que os cálculos feitos com a lógica do Evangelho indicavam e deveriam acontecer naquele momento. Deu-se, então, a maravilha: os cálculos do nosso experimentador de fenômenos espirituais no laboratório da vida, postos em confronto com os fatos, demonstravam-se exatos como os do astrônomo descobridor de estrelas. Foi um novo acontecimento, decisivo, que inverteu a situação. Assim era possível dizer que a experiência teve pleno êxito, dando razão ao Evangelho, ainda que, no começo, parecesse o contrário. Contra todas as aparências do momento, Cristo era verdadeiramente o mais *forte*, e havia vencido.^{15 (p. 127-128)}

Nesse mundo fala-se de caridade e de beneficência. Mas, em tal ambiente, qual significação real que poderão assumir, em muitos casos, estas palavras? Beneficência! Grande virtude e, como todas as virtudes, nobre sacrifício; é melhor reservá-lo aos outros para que sejamos beneficiados, assim possamos cumprir o santo trabalho de empurrá-los, para seu bem, ao seu sacrifício em lugar do nosso. Nasce, desse modo, a nobre porfia de exigir tão gloriosa virtude, mais do próximo do que de si mesmo. Quando se pratica a beneficência, toma-se uma boa parte de sua glória na Terra e um bom

merecimento no céu. E os beneficiados? Bem, no fim, não de existir também os beneficiados; é em nome deles que tudo é feito e se justifica. Se assim não fosse a substância das coisas, não se explicaria como em tantos países do mundo se tenha difundido a beneficência. Ela é proclamada em altos brados, pedindo a generosidade dos outros que são compensados com a glória de havê-la praticado. O esforço da colheita é sempre feito com o máximo desinteresse, sacrificando-se para o ideal. Organização científica da caridade, que, desse modo, pode também chegar ao seu destino e ajudar os pobres. Mas, na lógica do mundo, o que representam eles, senão os vencidos da vida? O que podem exigir de um mundo onde impera a lei da luta e a vida pertence somente ao mais **forte**? Numa sociedade onde domina a forma mental do egocentrismo, como se poderá pretender que aquela lei se transforme sempre naquela do **altruísmo**, lei de outros planos de vida?¹⁵ (p. 132-133)

Duas psicologias e métodos de ação

O mundo humano é um cenário complicado de aparências, entre as quais o homem evangélico deve mover-se com simples sinceridade. Aparentemente, tudo é bondade, estima, desinteresse, nobre sacrifício pelo ideal, magnânima generosidade. De todos os lados esse nobre exemplo, estimulando à imitação. Nosso personagem encontrara esse ambiente e ficara encantado. Mas, infelizmente, havia por baixo uma realidade diferente, havia a natureza humana que funcionava segundo as leis de seu plano biológico. A realidade era a luta feroz pela vida, conluíus bem organizados de interesse, velamento dos próprios objetivos para vencer melhor, dissimulando a verdadeira estratégia usada na batalha. Jogo sutil, recoberto de ideais desfraldados, para escondê-lo melhor. Sempre no mundo o mesmo tipo, os mesmos métodos standardizados. Esse o antagonismo que nosso personagem devia vencer: homens unidos em alianças, para se tornarem mais **fortes**, senhores do campo por terem nascido e vivido aí, conhecedores do terreno da batalha e armados de todos os meios, poder econômico e social, com **astúcia**, em outros termos – ao menos na opinião do mundo – os mais **fortes** indiscutivelmente e, segundo sua lógica, destinados ao triunfo, antecipadamente, estamos certos da vitória.¹⁵ (p. 135-136)

A escravidão do mundo foi abolida apenas formalmente, nas leis, mas continuou no instinto humano, em relação a qualquer indivíduo, desde que pareça mais fraco: escravidão moral, econômica, política etc., de forma civilizada, com cadeias invisíveis, mas nem por isso menos **fortes**. No plano biológico em que reina a lei do mais **forte**, constitui **justiça** apoderar-se do mais fraco para sujeitá-lo. A lógica do fenômeno – dados seus elementos componentes – não podia deixar de desenrolar-se até o fim. O mundo, por sua

forma mental e pelos meios à sua disposição, não podia trabalhar de outra maneira e continuava a funcionar destemido com seus métodos. O espetáculo ao qual estamos assistindo, as *forças* do Alto nos oferecem e se revelam com sua intervenção, necessária para realizar a salvação. Como teriam agido para vencer, neste caso, a Grande Batalha? Deviam empenhar-se a fundo, porque aqui estava em jogo o valor do Evangelho e a palavra de Cristo. Mas se esse homem tivesse vencido em condições tão contrárias, essa vitória constituiria uma prova tanto mais evidente quanto mais difícil fosse o caso a ser superado.^{15 (p. 136-137)}

O que dava poder à sua posição era se ele desaparecesse no mundo como um vencido e reaparecia na roupagem totalmente diversa, de instrumento. Aí não era mais ele que vivia, mas outras *forças* viviam nele e por seu intermédio queriam realizar os próprios objetivos na Terra. Ser instrumento significa não estar mais sozinho, como está o homem que se arma, apoiando-se apenas em suas *forças*; neste caso, há grande necessidade de armar-se, porque não existe outra defesa. Quem se tornou instrumento, de nada disso precisa, porque a isso providenciam as *forças* do imponderável de que se tornou meio de realização e devem mantê-lo, se quiserem que trabalhe para atuação de seus planos. Ser instrumento significa ter de obedecer ao próprio patrão, mas significa também colaborar, fazendo parte de sua organização, significa ainda ser defendido por ele. Pôr-se em estado de aceitação diante de um chefe inteligente e *justo* não equivale à posição em que se acha o fraco, na Terra, condenado à condição de servo, ao qual só resta ser pisado e explorado. Ao subir, tudo se inverte. Mais no alto, obedecer não é perda, mas vantagem. Num mundo de bondade e de *justiça*, submeter-se não é perder, mas vencer. Ele torna-se parte de um plano, o que pode dar poder ao homem mais miserável e, sempre que isto seja requerido pelas necessidades daquele plano, ele pode ser arrastado, além de sua própria compreensão e vontade, à vitória. O instrumento é como uma apara de papel que sobrenada no oceano e toma seus movimentos. Por trás do homem comum só está ele mesmo, com suas limitadas *forças* humanas, e por trás de um instrumento, há uma poderosa organização de *forças* espirituais. Enquanto este último parece só e abandonado na Terra, é justamente o primeiro que está sozinho, e ninguém se acha tão rico de amigos e auxílios quanto o segundo.^{15 (p. 139)}

De um lado seres *fortes*, mas elementares, só movidos pela curta inteligência dos instintos, engodados pela perspectiva do lucro imediato, isolados no próprio egocentrismo, sem sentido orgânico da vida, tendentes, para tornar-se mais *fortes*, a organizar-se em grupos e prontos a desfazê-los porque baseados no *egoísmo* que é separatista e desagregante. Seres que se acreditam *fortes* porque armados de meios humanos e de grande fé em sua *astúcia*. Pequena estratégia elementar, miúda, para alcançar objetivos concretos e próximos, ignorante das profundas maturações de longo alcance e da organicidade a longo prazo das grandes batalhas.^{15 (p. 141-142)}

Do outro lado o tipo biológico despersonalizado do próprio egocentrismo, organicamente fundido com as *forças* de seu plano, fortalecido por essa organicidade impossível de desfazer-se porque baseada no *altruísmo* que irmana unificando. Uma vida que transcende no particular, assumindo profundos significados universais. Um mundo ignorado pelos atores da parte oposta, vivo, presente, que opera também no mundo deles. Que peso podiam ter, no choque com impulsos desse gênero, os pequenos estratagemas humanos, para conseguir fins pessoais terrenos? Quem os utilizava, não compreendia que estas eram ótimas redes para pegar os peixinhos comuns, mas inadequadas para peixes de outras formas e dimensões, que, ao invés de serem presos, as rasgariam-nas.^{15 (p. 142)}

Assim, essa batalha no oferece um espetáculo estranho. As aparências estão todas a favor do primeiro tipo de homens, eles creem cegamente nessas aparências e nelas baseiam sua estratégia. Por isso, eram enganados completamente pela própria psicologia. A substância era completamente diferente. Enquanto eles se acreditavam *fortes*, porque armados, hábeis e senhores do terreno, na verdade, eram fracos. Embora acreditassem o contrário, achavam-se diante de um inimigo do qual não viam as armas, a estratégia, nem a verdadeira natureza; um inimigo imponderável, de quem nem conheciam o rosto. E acreditavam conhecê-lo. Combatiam, pois, um inimigo completamente diferente do seu concebível.^{15 (p. 142)}

Confrontemos as duas estratégias: a da *astúcia* e a da sinceridade. A primeira vista, parece que a primeira dê maiores frutos. São mais visíveis porque imediatos e, para quem ignora o futuro, o imediato tem grande valor como prova de êxito. Mas trata-se de frutos aleatórios. A sinceridade, ao contrário, constrói-se com mais lentidão, porém com mais solidez; aí mesmo onde o engano constrói rápido mas sobre a areia. Parece um atalho, no entanto, é uma estrada mais longa. Muitos são a ela atraídos, depois ficam desiludidos. As aparências enganam. A estratégia da sinceridade, justamente porque mais simples e retilínea, é mais própria a vencer; a da *astúcia* facilmente se perde pelas estradas tortas da mentira. Para manter a primeira mentira, é preciso logo escorá-la com uma segunda, depois a segunda com uma terceira, e assim por diante. No fim, não se constrói um edifício, mas apenas uma desordenada floresta de escoras e, se falta uma delas, tudo rui. Se um resultado imediato é obtido com o primeiro engano, logo é preciso justificá-lo com outro, depois este com outro, até que se fica preso em sua rede. Constrói-se um sistema todo errado, dentro do qual se fica preso. A mentira é a areia mole do pensamento, na qual, nem mesmo quem a diz, sabe onde apoia o pé e por isso mesmo acaba afundando. Quando se pretende construir nesse terreno, quanto mais alguém se move para sair, mais nele afunda. Acontece como no tempo de guerra, em que todos semeiam minas, elas explodem para qualquer um em todos os lugares. A vida do *astuto* enganador acaba então transformando-se em campo minado, no

qual ele mesmo, em primeiro lugar, terá de caminhar, com o perigo de que uma das minas, por ele mesmo colocada, possa explodir a cada momento.^{15 (p. 143-144)}

Como a vida defende o evoluído? Defende-o mesmo quando por missão se acha nos planos inferiores de vida, fazendo funcionar para ele a lei do plano superior que, sendo mais adiantada, é mais poderosa e representa uma estratégia de batalha mais apta a superar obstáculos e conseguir a vitória. Eis o choque das duas estratégias, de que falamos, e o porquê da superioridade e capacidade de vencer da segunda. Eis por que o evoluído, no fim, resulta ser o mais **forte** e triunfa, apesar de usar apenas o método evangélico da não resistência. Eis a justificação lógica das afirmações e métodos do Evangelho, que parecem tão estranhas na prática.^{15 (p. 149-150)}

Não faltam exemplos de autodefesa por parte da vida, nos pontos nevrálgicos de seu mecanismo, defesa biológica mesmo fora do caso da formação de novos biótipos. Temos um exemplo disso, a propósito da mulher a quem, por representar uma função vital e fundamental, a vida fornece uma defesa própria, com o poder de seu fascínio, que pode dobrar a **força** do macho prepotente. Isto impede que ele a destrua na luta pela vida, em que ela é a parte mais fraca. Enquanto entre os machos vigora a lei da **força** para selecionar o vencedor, a vida faz os sexos opostos colaborarem para a continuação da raça. Pela mesma razão existe o instinto protecionista da maternidade. A natureza, que em geral é utilitária e desapiadada, tanto que gera com a máxima prodigalidade, para depois abandonar à morte os fracos, sem defendê-los, e só deixa viver os **fortes**; essa mesma natureza torna-se então piedosa, porque isto corresponde a seus objetivos. É lógico, pois, que a vida organize suas defesas também em favor do evoluído, pois este realiza uma função que muito lhe interessa.^{15 (p. 151)}

A caminho da organicidade

Destruindo essas ilusões, compreende-se como o **astuto** é, ao contrário, ignorante de algumas das mais sutis leis da vida, que lhe escapam completamente; compreende-se que existe outra **astúcia** mais profunda, que consiste no agir retilíneo, sem qualquer artimanha. Diante do uso desse método, o tipo corrente se rebela, temendo que lhe sejam tiradas as armas, sem as quais – parecendo-lhe ficar indefeso – se sente perdido. A vida funciona segundo princípios utilitários e de modo **justo**. Em sua ação, o homem obedece àqueles princípios e procura os atalhos para chegar ao máximo resultado com o mínimo esforço. É uma lei da vida que se torna cada vez mais avarenta, quanto mais pobre se torna, mergulhando nos planos inferiores. Para não sofrer prejuízos e para não cair vítima de ilusões e miragens, como frequentemente ocorre, é

preciso dirigir com inteligência essa psicologia utilitária. O mundo, ao contrário, tem muita fé em suas *astúcias*, tanto que chega a julga-las uma *força* para si, enquanto representam sua própria ignorância.^{15 (p. 153-154)}

A vida quer e, como ó *justo*, deve vencer. Mas ó preciso saber vencer. É mister compreender que o agir retilíneo, honesto, representa uma superioridade de técnica de trabalho e estratégia de luta, o que significa alcançar mais facilmente a vitória duradoura. Com os métodos do involuído arranca-se desesperadamente apenas a vitória de um momento. Mas ela é instável e a única que pode existir no caos. Não é a estável e duradoura que existe na ordem? As vitórias humanas não têm sido sempre do primeiro tipo? Já houve alguma vitória estável na Terra? Cada triunfo não foi, por sua própria natureza, minado antes ou depois até a destruição? A vitória, nesse plano e com tais métodos, é apenas uma miragem para induzir o homem a evoluir, sendo a finalidade da vida ensinar-lhe, por meio do erro e da dor, a compreender, para que com uma conduta mais inteligente, melhore suas condições. O tipo do mais *forte* que a vida vai produzir no futuro, será não mais aquele que crê valer mais porque vence seu semelhante, mas aquele que tiver compreendido as mais evoluídas leis de vida e o prejuízo de comportar-se daquele modo.^{15 (p. 154)}

Continuemos a observar as duas psicologias opostas. O evoluído fala simples e retilíneo, dizendo a verdade nua e crua; este é seu método e o segue, sentindo nele sua *força*. O involuído o ouve, mas sua psicologia de *astuto* lhe faz pensar que tudo seja mentira; sente-se no dever, seguindo seu método, de não abandonar sua sabedoria, que consiste em ver por toda a parte mentiras a serem descobertas; bem armado com a desconfiança, começa como grande *astuto*, a procurar qual seja a verdade, que segundo seus cálculos deve estar escondida por trás do que lhe é dito, que deve ser apenas uma máscara de mentira para encobrir a verdade.^{15 (p. 154-155)}

Estas considerações explicam-nos o que ocorreu no caso que estamos narrando, em que o mundo dos *astutos* ficou enganado pela simplicidade do homem evangélico. Como podiam acreditar que suas palavras fossem a simples verdade? Seu método lhes impunha julgar o contrário. Àquelas palavras foi dada uma interpretação totalmente errada, invertida, porque se presumia que por trás delas houvesse outra verdade. Mas elas eram simplesmente verdadeiras e, coisa incrível, nada escondiam e nada havia para descobrir. Os *astutos* foram levados então a cometer o maior erro, por causa de sua própria *astúcia*, que foi justamente o que não lhes fez compreender nada da estratégia do adversário. Ora, não compreender significa interpretar seus planos de maneira errada, só saber pôr em prática uma estratégia catastrófica, feita de golpes errados, o que faz perder as batalhas. Essa técnica do fenômeno e a natureza dos elementos acima expostos fazem-nos compreender, cada vez melhor, as razões daquele

fato que podia parecer estranho, ou seja, a vitória do inerme evangélico, contra opositores poderosos e armadíssimos.¹⁵ (p. 155-156)

Ora, com seu sistema *astuto* só conseguiram enganar a si mesmos. Continuando com sua forma mental, em que permaneciam irremediavelmente fechados sem saber sair dela, imaginaram, para explicar-se de qualquer forma o fenômeno, que a parte oposta tivesse imaginado planos diabólicos, *astúcias* inéditas, fora do repertório deles, mais *astutas* e mais poderosas que as suas, só porque eram perdedores. Na sua ignorância, não compreendiam que a maior *astúcia* é a de dizer simplesmente a verdade. Desejariam aprender estas *astúcias* mais poderosas que faziam vencer. Mas a isto se opunha sua própria estrutura psicológica, que os punha completamente fora da rota. Para conseguir seu intento, seria necessário refazer toda a sua forma mental. Sem uma renovação completa, como pode mudar-se o homem que está convencido de que maior sabedoria utilitária consiste, justamente, em ser *astuto*?¹⁵ (p. 156)

Dissemos que o involuído, para que pudesse viver melhor, precisaria refazer toda a sua forma mental. Então, tornar-se-ia evoluído e não se sentiria mais apto a viver neste mundo. Tornar-se-ia um defasado, em contínua luta com um ambiente que lhe não corresponde. Hoje, seu *egoísmo*, agressividade e estratégia de *astúcias*, representam a resposta exata às condições do ambiente onde esse tipo biológico se encontra segundo sua necessidade, que lhe é perfeitamente proporcionado e sintonizado. Se ele quer ser *forte* para a guerra, é porque o seu ambiente se baseia na luta e premia o vencedor mais *forte*. Se vê inimigos a combater com a *força* ou com a *astúcia*, é porque o ambiente está realmente cheio deles. Se não os visse, seria realmente sobrepujado e eliminado. No mundo das feras pode realmente constituir uma virtude ser feroz. De que serve ser evoluído entre involuídos, senão para fazer da vida um martírio? A vantagem pessoal e imediata é a de tornar-se ainda mais prepotente que os outros, para esmagá-los e dominá-los. Sem dúvida é uma vantagem. Mas não é vantagem maior ser evoluído, pois isto significa pertencer a um plano de vida mais alto, onde maior é o poder e menor a dor, embora isto represente um martírio nesta vida terrena? Certamente, que na Terra ficar sozinho é duro. Aonde existe alguém que, para não sentir-se só na floresta entre as feras, desejaria tornar-se fera, da mesma raça, para viver em sua companhia? Ou alguém que, conseguindo descobrir um continente cheio de ouro, renuncia ao esforço de explorá-lo?¹⁵ (p. 157)

O biótipo campeão deste mundo foi exaltado e até glorificado como o tipo ideal e modelo superior, por Nietzsche, em seu “super-homem”. Representa a animalidade do involuído em seu pleno triunfo. Trata-se do ser movido pelos instintos elementares, chegando a ser tão feliz no jogo da vida que até venceu, e pode abandonar-se à euforia do triunfo. Só é preciso acreditar nesta, entre tantas

ilusões da vida; embora nem sempre as coisas correm tão bem. Ao contrário, quem tenha compreendido o jogo, sabe muito bem que as probabilidades de alcançar aquele estado de vitória são poucas; que aquele triunfo não pertence, absolutamente, à maioria, a qual espera não a posição de mando, mas a de obediência; não a satisfação dos desejos, mas o sacrifício; nem sempre a vitória do **forte**, mas muitas vezes a dura derrota do fraco. A grande probabilidade para a maioria, ao invés da gloriosa parte do super-homem, é a de viver a mísera e obscura vida de qualquer homem comum. Logo, a maior possibilidade para a grande maioria não é poder elevar-se no grande pedestal do super-homem, mas servir de base sobre a qual ele se ergue.^{15 (p. 158-159)}

Se olharmos todo o fenômeno, não somente do lado da luz, mas também o da sombra, encontraremos um panorama bem diferente. Muitas vezes, na Terra, quem tem o poder, utiliza-o antes de tudo para si, enquanto o povo ingênuo é enganado, senão explorado, feito de instrumento para **egoísmo** dos chefes, num triste jogo em que, pelas leis desse plano biológico, cabe ao mais **forte** o direito de oprimir os mais fracos. O super-homem nietzschiano é de fato grande, sobretudo por saber pensar na própria vitória, demonstrando-se, com isto, o elemento mais anti-orgânico e anti-social; trabalha antes para si que para a coletividade. A miragem de tornar-se super-homem pode engabelar e entusiasmar, como o de vencer no jogo para enriquecer sem esforço. Mas, na realidade não se vence nesse jogo e ninguém se enriquece graciosamente. Fica apenas a ilusão diante da meta inatingível. Interessam à sociedade, constituída pelos que devem ganhar a vida com o trabalho sem golpes de fortuna, esses super-homens que só se ocupam de vencer para si? Que interessa e de que serve para a maioria, medíocres, o seu triunfo? Para servir, seria necessário que o poder fosse compreendido como função social para o bem de todos. Mas este é um conceito que não pode nascer no plano biológico do involuído, mesmo que ele se torne super-homem. Nesse plano, domina o individualismo separatista e ainda não apareceu o senso orgânico, próprio do plano do evoluído. Nesse nível, esse tipo de super-homem não é aceitável, porque não traz felicidade para o conjunto, mas é um usurpador que a tira dos outros apenas em seu benefício. Como se vê, mesmo quando o involuído atinge seu maior grau de elevação, o problema não está resolvido e o paraíso oferecido por Nietzsche não oferece nenhuma evasão às duras leis daquele plano de evolução.^{15 (p. 159)}

Esta, objetivamente, é a posição que os vários seres podem ocupar na Terra, segundo uma biologia mais vasta do que a comumente aceita pela ciência, uma biologia que abarca vários planos de existência. Nenhum pode deixar de aceitar as vantagens e desvantagens da própria posição. Mas, para o homem atual, o problema é compreender qual das diversas formas de vida é mais vantajosa para ele, e, compreendido isto, procura realizá-la para sua vantagem. Desejaríamos, com este volume, fazer compreender uma coisa:

trabalhando com mais inteligência e menos instinto, superando muitas ilusões psicológicas que nos oferecem a miragem de uma utilidade imediata, onde só encontramos prejuízo, tornando-nos **astutos** no bom sentido, deixando-nos enganar cada vez menos pelas aparências em que nossa ignorância nos leva a crer, descobrindo cada vez mais a verdade profunda que está além da superfície, desejaríamos fazer compreender que o homem pode estabelecer, no planeta de que é dono, um ambiente de vida muito melhor. Procuramos fazer-lhe compreender que este poder está em suas mãos e que pode usá-lo com grande vantagem quando queira e desde que queira; os resultados que se podem obter, compensam largamente o esforço necessário para alcançá-los.^{15 (p. 162)}

Na hora da desgraça todos se afastam dos grandes. Depois de Fontainebleau, Napoleão foi abandonado até por seu criado de quarto, seus ajudantes de campo fizeram uma verdadeira corrida para serem os primeiros a render homenagem ao novo rei, Luiz XVIII chamado a Paris, enquanto Napoleão se encaminhava para o exílio na ilha de Elba. E assim em tantos outros casos. Trata-se de uma união que a custo mantém uma coalizão de **egoísmos**, que estão sempre prontos a rebelar-se, porque representa a matéria-prima da construção. O impulso fundamental é separatista, desagregante, tendente a dividir e não a unir, a destruir e não a construir. Por isso, mais cedo ou mais tarde essas construções ruem, sua estrutura interior é de natureza separatista e a união é imposta, mantida de fora, por outra **força** que se sobrepõe; enquanto no verdadeiro estado orgânico do evoluído, a estrutura interior é de natureza orgânica e a união não é exterior nem imposta, é íntima e espontânea; portanto se rege e se mantém, por sua própria natureza. Logo, aqueles agrupamentos são dirigidos não por **forças** espontâneas, positivas, unificadoras, mas por impulsos de coação, negativos, desagregantes, não podem deixar de obedecer à sua tendência dominante, pela qual, mais cedo ou mais tarde, acabam por despedaçar-se. O espírito de individualismo em que se baseiam aquelas associações termina tomando a supremacia por ser mais **forte**, porque aí não existe verdadeiro senso orgânico unitário. Pela natureza dessas coalizões, não pode ocorrer de outra forma, pois falta o verdadeiro espírito coletivo. Explica-se, assim, como as unificações humanas são apenas tentativas de unificação, nada estáveis, com resultados provisórios, sempre prontas a desagregar-se. Este é o maior grau de fusão orgânica que, em vista do grau de evolução atingido, pode realizar-se no nível atual, que está mais próximo do Anti-Sistema que do Sistema, ou seja, mais do polo negativo que do positivo do ser.^{15 (p. 164-165)}

Nas unificações do evoluído, a disciplina é livremente aceita e não fruto de imposição forçada. Sem rivalidades, estas só dão direito à vida ao mais **forte**, ao vencedor, o evoluído sabe qual é seu lugar e aí se coloca, porque é o melhor. Põe-se assim a funcionar como uma das engrenagens da grande

máquina, harmonicamente com todos os outros, todos operários da grande Obra, todos altamente valorizados pelo fato de serem não mais isolados egocentrismos perdidos no caos, mas instrumentos inteligentes que trabalham para a finalidade da Lei, ou seja, não para a realização de um pobre pensamento individual, mas do sapientíssimo e poderoso pensamento de Deus. Fruto desta posição, completamente diversa, que o evoluído assume no organismo do todo, é tomar parte – coisa que não ocorre ao involuído – na sabedoria e poder que Deus manifesta naquele organismo e em seu funcionamento. Como instrumento, o operário se torna colaborador consciente, é investido por aquela sabedoria e poder, assim os aproveita. É por isso que não mais necessita – como o indivíduo isolado, abandonado a si mesmo, o involuído – de esbanjar todas as suas energias por causa de um estúpido jogo de rivalidade; a Lei, automaticamente, encarrega-se de defender aqueles que ela pode recolher em seu seio, porque estão harmonizados.^{15 (p. 165-166)}

Na luta entre o impulso unificador, que tende à ordem orgânica, e o separatista que tende à desordem na revolta, deverá vencer, por lei de evolução, a primeira. O estado de organicidade atingido entre as células de nosso corpo prova-nos a verdade desta afirmação. Essas células se conhecem e se ajudam mutuamente; superado todo egocentrismo separatista, colaboram para os objetivos do todo de que fazem parte. Ao contrario, os indivíduos humanos ainda não se conhecem nem se ajudam, mutuamente, obedecem à lei da luta para seleção do mais **forte**, chocando-se uns com os outros, ao invés de colaborar, subordinando as próprias atividades aos fins superiores de todo o organismo humanidade. No sentido da organicidade, essas células acham-se, pois, em estado mais adiantado que o próprio homem, como componente de uma coletividade constituída pela sociedade humana, que ainda se acha, portanto, imersa no estado caótico, bem longe de ter alcançado o futuro estado de superior unidade orgânica.^{15 (p. 168-169)}

A grande batalha

Por que o involuído e o evoluído, de que sempre falamos, aqui se chocam, ao invés de concordar? Isto depende de suas maneiras opostas de conceber a vida. O involuído, segundo a lei de seu plano, logo que entra em contato com o próximo, procura imediatamente mandar e submeter, impondo-se a todos. Forma-se logo a hierarquia do mais **forte** e do mais fraco, é o princípio que rege nosso mundo. Ao contrário, o evoluído, segundo a lei de seu plano, logo que entra em contato com o próximo, procura compreendê-lo para colaborar com ele. Forma-se assim, espontaneamente, o sistema orgânico. Involuído e evoluído são dois biótipos absolutamente diversos; é natural, pois, que o resultado de sua atividade dê lugar a resultados totalmente diferentes

proporcionados ao nível de evolução representado pelo plano de vida de cada um deles. Tudo depende da natureza do biótipo e só pode produzir de acordo consigo mesmo. Dos princípios que regem a vida do involuído e da relativa forma mental que o guia, só pode nascer prepotência, luta, desordem e dor. Não é esse o nosso mundo atual? Dos princípios que regem a vida do evoluído e da forma mental que o guia, só pode nascer harmonia, fraternidade, ordem, alegria.¹⁵ (p. 172)

Uma das grandes consequências é saber sair do estado atual de animalidade, próprio do involuído, em que domina a luta. Esta é qualidade essencial do Anti-Sistema, enquanto a harmonia é a qualidade oposta, própria do Sistema. Quanto mais se elimina a luta, mais se sobe para o Sistema. O grau de evolução atingido se mede pelo grau com que foi eliminado o separatismo e alcançada a unificação. O potencial em que vive a luta em nosso mundo é índice claro de quanto ele ainda está atrasado. Aqui, tudo se faz em função da luta, que reaparece a cada momento, em toda manifestação da vida. Em todos os campos é mister levar em conta sempre este princípio do mais **forte** que quer vencer sempre. Conquista-se o poder, a riqueza, os altos graus sociais, sempre para dominar a luta como vitoriosos. Política, comércio, religião, sob todas as aparências, são substancialmente utilizados como meios para vencer na luta pela vida. Em todos os tempos, lugares e posições sociais se obedece a esta lei, lei do plano biológico em que a humanidade está situada.¹⁵ (p. 174-175)

Estendemo-nos um pouco nestes comentários, para compreender melhor o caso que estamos narrando. Nosso personagem fora chamado para trabalhar num ambiente composto em grande parte de elementos de outro plano biológico e possuíam, portanto, a forma mental relativa a este, bem diferente da sua. Achou-se, pois, diante não daquela sua natural psicologia, ou seja, a da colaboração inteligente para vantagem comum, mas diante de uma psicologia de luta, onde ao mais **forte**, mais bem colocado, cabe o direito de mandar, enquanto a ele cabia o dever de obedecer. Por essa psicologia, quem oferece o próprio trabalho se coloca na posição de servo, quem aceita a oferta, aceita para si mesmo o pleno direito de mandar. Infelizmente, a abolição da escravatura é um fato recente na história. Abolir as leis sobre a escravidão foi relativamente fácil e rápido. O difícil e muito lento, é abolir o instinto escravagista, que pode subsistir por séculos, mesmo depois que tiverem sido abolidas aquelas leis. No primeiro caso trata-se de um fato jurídico-social, apenas uma mudança de posições diante das leis humanas. No segundo caso trata-se de um fenômeno biológico, de maturação evolutiva, até transformar os instintos; processo lento, de elaboração profunda, difícil de conseguir e só alcançável pela educação dos séculos.¹⁵ (p. 176)

Em nosso mundo pode ocorrer e termos de viver entre pessoas que vejam em nossas palavras a mentira, mas dando a entender que nelas acreditam, julgando-as verdadeiras; há gente que diz mentiras, mas exige que nelas se creia como verdade. Mas que fazer diante do primitivo a quem estas ideias superiores escapam no inconcebível e parecem absurdas essas realizações complexas e a longo prazo, enquanto o que atrai como certo e positivo é o imediatismo da vantagem, além da qual seus olhos não veem? Escapa ao involuído a organicidade que opera a longo prazo, presume a previdência a longo alcance, que só pode ser própria de uma forma mental evoluída, complexa e profunda. O primitivo, filho de um ambiente caótico, onde não é possível prever nem organizar, apegase ao que pode segurar com as mãos no instante que foge, ficando todo o resto imerso no mistério. A ignorância desse tipo biológico justifica sua conduta e sua conduta prova sua ignorância. Se ele só acredita na *força*, em sua *força*, e não é capaz de compreender mais, como impedir que se apegue somente a ela? Nem suspeita que esteja tão próximo do infinito poder de Deus, que só poderia alcançá-Lo se soubesse. Seria como explicar a um caminhante fatigado, subindo uma montanha, que há outros espaços onde o movimento é livre e se realiza continuamente sem esforço. Como fazer-lhe compreender que essa luta desesperada para vencer, demonstrando ser o mais *forte*, é puerilidade inútil diante do grande poder de Deus e de Sua Lei, contra a qual não há *força* humana que possa superá-la? O homem continua encadeado à sua fadiga, imerso no infinito poder divino, sem suspeitar sequer de sua existência. Nem mesmo pode impedir-se que continue a sofrer, até que a dor lhe aguce a mente e ele possa aprender.^{15 (p. 181-182)}

Poder-se-ia ainda objetar: estes fazem um trabalho e a *justiça* de Deus deve pagar-lhes. Certíssimo. Pela *justiça* são pagos com a qualidade e quantidade de moeda que correspondem ao trabalho realizado. Recebem sua compensação terrena na forma de vantagens materiais, como procuravam, porque outra coisa não buscaram e estas chegaram na quantidade merecida. Com isto são pagos e, uma vez pagos, estão fora do trabalho, não mais a ele pertencem. Está perfeitamente justificada a expulsão desses elementos, que só tomaram parte nele para outros fins, elementos negativos em relação à missão, se aí permanecessem a prejudicariam. Se algo fizerem pelo ideal foi sem querer e sem saber, portanto não podem atribuir-se mérito algum. Acreditavam fazer coisa totalmente diferente do que, pela vontade de Deus, fizeram. Neste caso, aplica-se perfeitamente a lei de *justiça*, pela qual, acreditando-se *astutos*, tendo querido enganar para utilizar tudo para si, enganaram-se, sendo utilizados para outros fins, para os quais, se os tivessem conhecido, não teriam movido uma palha.^{15 (p. 185)}

A vitória do amor

Os antagonistas conheciam bem a lei de seu plano. Por isso tinham necessidade absoluta de parecer **fortes** a todo custo, pois sabiam que, ao primeiro sinal de fraqueza, seus próprios companheiros, os de seu grupo mesmo, seriam os primeiros a condená-los. No momento, mantinha-os unidos o vínculo do interesse comum, que freava o natural instinto egocêntrico de um eliminar o outro. Mas sabiam todos que só podiam esperar respeito se fossem os mais **fortes**. Todos tinham de obedecer a lei de seu plano de vida. Em nenhum pensamento, nem ato, podiam sair de sua natureza qualidade. Até o que lançavam contra o desarmado só podia ser igual ao alimento de que se nutriam e a carne de que eram feitos, como sua estratégia só podia ser dirigida por sua forma mental. Sabiam bem que se perdessem, demonstrando-se fracos e portanto dignos de desprezo, nada podiam esperar dos amigos, que só respeitavam os vitoriosos, porque no plano humano só se considera, de fato, virtude digna de respeito a **força**, com a qual se pode vencer.^{15 (p. 191-192)}

Para o involuído não existe piedade, mas apenas a lei do mais **forte**. No entanto bondade e **altruísmo** – que ele considera fraqueza a ser evitada – quanto gostaria ele de achar no próximo, especialmente na hora da desventura! Mas como achá-los, se o próximo que é bom representa, segundo a lei de seu plano, justamente o elemento que precisa ser eliminado? A bondade não é considerada pelo mundo como fraqueza, da qual se tem direito de aproveitar? Quando aparece no mundo um homem bom, generoso, **altruísta**, não é logo posto fora de combate? Em nosso mundo, todos se ajoelham diante do mais **forte**, o vencedor, a quem cabe o direito de impor sua verdade, embora seja eticamente o pior e evolutivamente o mais atrasado. Que podemos esperar dele?

¹⁵ (p. 192)

Forma-se, assim, uma vida sem bondade nem confiança, uma vida de luta cada vez mais árdua. O amigo, logo que lhe convenha, torna-se inimigo; cada ato pode ser invertido; cada palavra, ser um engano; cada passo, um alçapão armado. Sabem-no os involuídos e com isso sofrem e tremem. No entanto, não têm outros aliados para escolher, porque não afinam com os honestos. Estes poderão ser suas vítimas, nunca seus companheiros. O involuído, admirador da **força**, beija os pés do próprio superior, pronto a traí-lo logo que lhe convenha e o consiga, despreza e pisa os menos **fortes**, os próprios inferiores. Num mundo onde se aprecia a **força**, o involuído mostra-se afoito contra o inimigo, porque se sente **forte** enquanto é ajudado pelos próprios companheiros. Então, os amigos procuram empurrá-lo para a frente, para depois deixá-lo sozinho em caso de perigo. Se as coisas vão mal, se algo transpira e surge a necessidade de um culpado que sirva de bode expiatório, que justifique tudo diante da opinião pública, o mais fraco do grupo, embora menos culpado, é

sacrificado à deusa *justiça* e, com zelo exemplar é oferecido em pasto ao inimigo. Aplacam-se as exigências da lei civil e moral, a ordem é salva e a comédia termina, porque os outros, mais armados de *força* e *astúcia*, acharam uma escapatória e já estão a salvo, em segurança.^{15 (p. 192-193)}

Tudo isto é consequência lógica da lei que vigora no plano animal-humano, a lei da luta pela vida, para seleção do mais *forte*. As leis civis e religiosas são apenas um verniz por cima desta que, infelizmente, é a dura realidade da vida. Regime de prepotência, de todos contra todos, esta é a atmosfera do ambiente terrestre. Mas não poderá sê-lo sempre. O progresso é um fenômeno irresistível a que ninguém pode escapar. Diz o Apocalipse que chegará o momento resolutivo: os maus se tornem piores e os bons melhores, para que finalmente ocorra, segundo *justiça*, a separação e cada um ocupe o lugar que merece e acabe assim essa mistura que permite aos mais prepotentes esmagarem os melhores. O mundo será então purificado dos involuídos lançados em ambientes inferiores, proporcionados a eles, e será possível na Terra viver o Evangelho, dedicando-se a trabalhos mais civilizados e proveitosos, que não o de devorar-se reciprocamente. No entanto, cada um vive como quer, mas no bem ou no mal, em qualquer nível, cada um é prisioneiro do próprio método, pelo qual é arrastado até as últimas consequências. Por isso, apesar de sua *força* e *astúcia*, o involuído é um condenado. O próprio fato de querer basear-se no sistema da *força*, em vez de fazê-lo no da *justiça*, torna-o, em última análise, um fraco destinado a ser vencido no final.^{15 (p. 193)}

Apesar de todas as aparências em contrário, a posição substancial dos dois, involuído e evoluído, é completamente diferente do que parece. A segurança do involuído é fictícia e se mantém enquanto dura a *força* individual para resistir a todos os assaltos, devido ao ambiente de agressividade geral. Ao invés, a segurança do evoluído é real, porque se baseia na *justiça*, o honesto é automaticamente protegido num ambiente de concórdia geral. Então, apesar de o indivíduo parecer *forte*, porque armado, e o evoluído fraco, porque desarmado, o que se considera não é estar sobre um monte de armas, vivendo num mundo de explosivos, mas viver num ambiente de ordem e paz, mesmo sem possuir uma só arma. Ao evoluir, o ser entra nesse ambiente, onde o que lhe protege a vida é a *justiça* e o viver segundo a Lei; não a *força* que, sendo injustiça, vai contra a vida.^{15 (p. 193-194)}

A solução do problema não está, pois, no sentido em que o mundo a entende, ou seja, vencer a todos submetendo o próximo, mas no transformar-se com a própria evolução, de modo a tornar-se digno de viver em planos mais altos de existência. Então o *forte* da Terra, que vê seu valor na vitória sobre os semelhantes, é, ao invés, um fraco, preso à baixeza de seu plano de vida, do qual não sabe sair, é um vencido condenado a permanecer no meio de todas as

dores próprias desse plano. Com seu sistema de revolta, o involuído está imerso num regime de extorsões, que ele pode praticar contra os outros, mas que também os outros podem empregar sempre contra ele. Acha-se, então, em contínua posição de desequilíbrio, fora e contra a lei de *justiça*, que não deixa de existir e de exigir os devidos ressarcimentos só porque o ser está situado nos planos inferiores da vida. Esse constante endividar-se, devido à violação contínua pela estratégia de prepotência, deixa sempre abertas as portas a todas as reações merecidas, que estão suspensas como uma espada de Dâmocles sobre a cabeça de quem as provocou. Ao primeiro sinal de fraqueza, desencadeiam-se sobre o desgraçado tão endividado e que terá de pagar seu débito. “Quem usa a espada, perecerá pela espada”. Uma vez tomadas as armas, entra-se num sistema de que é difícil sair, já que isto não é possível enquanto não estiverem engolidas todas as ofensas perpetradas no passado. Explica-se como possa a arma tornar-se uma necessidade vital nos ambientes inferiores, e até ser justificado seu uso com o que se chama a legítima defesa. Uma vez começado o sistema das armas, não se pode mais deixá-lo, porque se fica preso no encadeamento sem fim da ação e reação, do ataque e da defesa, pelo que da guerra sempre nasceu guerra e o processo jamais se resolve. Resta apenas o que a história nos mostra: uma vida de luta contínua, de guerra perpétua, que pode considerar-se o estado normal, intercalado por períodos de paz armada, necessários para preparar a guerra.^{15 (p. 194-195)}

Ao contrário, o evoluído, embora não armado e aparentemente fraco, acha-se numa condição natural de *força*, porque está situado dentro da lei de *justiça*, em posição de obediência e harmonia, e não de revolta e débito. Realiza suas funções no âmbito da lei em perfeito equilíbrio, que tende a manter-se estável, pois não é fruto de usurpações. Vivendo organizado na ordem, sem complicações de *astúcias* e fingimentos, opera simples e retilíneo por um caminho que é o mais rápido e seguro para chegar à meta, já que está salvaguardado do perigo de permanecer emaranhado nas próprias redes. Se o involuído é *forte* no plano humano porque está armado, é fraco diante da *justiça* de Deus, a quem tem que dar conta; ao contrário, o evoluído, mesmo sendo fraco no plano humano porque está desarmado, é *forte* diante daquela *justiça*, porque não tem débitos a pagar. Abandonou os métodos do mundo e adotou os do Evangelho, entrando com isto no âmbito de outra lei, cabendo agora a ela o cuidado de defender sua vida. Se ele se enfraqueceu no plano humano onde qualquer um pode vencê-lo, tornou-se *forte* num plano mais alto, em que os *fortes* do mundo são fracos e os vencedores dele se tornam vencidos.^{15 (p. 195)}

Era preciso não constranger a parte oposta à necessidade da defesa nem o céu à necessidade de intervir. Mas, por obra da própria parte contrária, tanto o instrumento como as *forças* do Alto, uma vez colocados na necessidade de escolher entre vencer ou ser vencidos, foram estrangidos a impor-se para

vencer. A batalha, que nem o Alto nem o instrumento desejavam, foi-lhes imposta e com isto só um caminho possível para eles: a vitória. As potências do Alto foram constrangidas pelo próprio inimigo a intervir, sendo elas as mais **fortes**, e tendo de vencer por finalidade superior, como podiam deixar de fazê-lo? Foi a própria intransigência do inimigo que impunha se dobrasse à sua vontade, foi o não querer entrar em entendimentos – porque, como mais **forte**, julgava-se com o direito de vencer – que impôs, a qualquer custo, seu afastamento definitivo. Foi lançado fora da Obra e da missão, para a qual tinha trabalhado, embora levado por outra finalidade, por isto sem merecimento. Ficou mais uma vez confirmada a teoria de que tudo – até as **forças** contrárias – sempre concorre para a vitória do bem.^{15 (p. 202-203)}

Os acontecimentos vieram trazer essa confirmação, os fatos que não são teorias, dão prova, são vistos e compreendidos por todos. Por que isto aconteceu? Numa hora apocalíptica para o mundo, diante de uma missão a ela ligada, num caso em que as **forças** do bem se haviam empenhado, era preciso que dessem, com um exemplo, a prova de serem mais **fortes**. As pessoas que tomaram parte, passam e não se interessam. O exemplo, embora despersonalizado, fica. Era preciso vencer, dando prova de superioridade, porque não há outro modo de as **forças** serem consideradas e respeitadas em nosso mundo. Deus é respeitado porque é poderoso. Neste caso, tratava-se de ir contra a psicologia humana, salvando um desarmado, desprezado porque fraco, salvá-lo para demonstrar que se pode ser **forte** de outro modo, numa forma que o mundo não conhece mas que seria útil conhecê-la. Para chegar a isso, as **forças** do Alto tinham de descer e trabalhar no nível dos assaltos concretos, que eram lançados contra o desarmado e desbaratá-los. Era mister aparecer no terreno humano uma intervenção que constituísse exceção às leis daquele plano, vindo de fora dele, para demonstrar a existência de **forças** mais poderosas, em outros planos de vida.^{15 (p. 203-204)}

Esta é a hora da prova mais dura, a hora em que as **forças** das trevas, que estão para ser vencidas, lançam o último e mais desesperado ataque. Então a alma oprimida pergunta: Que faz o Cristo? Não é verdade que está presente? É possível que os fatos demonstrem que o Evangelho erra na prática? Possível o mal ser mais **forte** e que Cristo seja vencido por Satanás? É possível que tanta fé seja utopia, tanto esforço se resolva numa desilusão e Cristo nos tenha enganado? Os assaltos na Terra são concretos e tangíveis, o perigo está vizinho e iminente, o céu permanece fechado e impassível. Nesse momento, em geral, vem a faltar a última fé, a que opera o milagre. É a sabedoria do último esforço que faz vencer a batalha. Nesse trágico momento algo ferve no fundo, que faz arrebentar a avassaladora reação da Lei.^{15 (p. 206-207)}

Vê-se, então, que o mal trabalhou tanto, só para chegar à autodestruição. Resplende a Lei em seu triunfo. Foi o próprio mal a causa primeira de seu mal. Foi justamente a inconsiderada convicção de vencer que o traiu. Oferecer para enganar não é o sistema do mundo? O exemplo é rico de ensinamentos e só por isso o trouxemos aqui. Ensina-nos que, diante do Evangelho, o mundo que dele zomba julgando-o utopia, está errado. Ensina-nos que, se tiverem de entrar em luta, o bem é mais **forte** que o mal e portanto vence; Cristo é mais poderoso que o mundo, e portanto triunfa. Ensina-nos o poder da fé e do sacrifício, a **justiça** da lei, a real presença de Deus que opera entre nós. Ensina-nos as grandes vantagens que derivam do viver na ordem, funcionando em harmonia com o grande organismo do universo, e os prejuízos decorrentes da ação em contrario. Ensina-nos que os milagres podem acontecer também a nós, se soubermos colocar as causas e que os imponderáveis do espírito, parecem tão pouco importantes; eles podem, ao invés, pesar em nossa vida. Ensina-nos que, quando somos honestos e vivermos segundo a **justiça**, a Providência de Deus jamais nos abandona.^{15 (p. 207-208)}

Vencer para aproximar-se de Deus, vencer não para si mesmos, mas para o bem de todos. Vencer não por haver delatado um inimigo, sobrepondo o mal com o mal, mas vencendo o mal com o bem. A vitória real e definitiva não provoca outro mal, mas transforma-o em bem. É a que vence com a bondade, a maldade; com o **altruísmo**, o **egoísmo**; com o perdão, a ofensa. Muda a discórdia em união, a guerra em paz, o ódio em amor. É a vitória não do mais **forte**, para subjugar inimigos, mas do melhor, para educar os irmãos. A vitória maior não se conquista sozinho e para si, destruindo, mas é conquistada ao lado de Cristo, construindo, para o bem do próximo. Não é a vitória da **força**, mas a do Amor.^{15 (p. 210)}

16. EVOLUÇÃO E EVANGELHO

Do passado ao futuro

Apresentemos um caso pratico. Fulano é bom, generoso, honesto, é o biótipo que a luta pela seleção do mais **forte** e **astuto** vai cada vez mais fazendo desaparecer da face da Terra. Evangelicamente ele depôs as armas, procura só o bem, a **justiça**, e esta sempre pronto a sacrificar-se. Quer ser perfeito, como diz o Evangelho. Toma sua cruz e nega a si mesmo.^{16 (p. 15)}

Se nos planos mais baixos da vida, o ser é submetido a uma dura escola, a luta pela seleção do mais **forte** tem razão de ser. Se não houvera essa premente necessidade de manter-se sempre alerta para o ataque e a defesa, o que induziria o ser a realizar experiências para aprender, desenvolver a inteligência e assim evoluir? Devorar-se mutuamente constitui uma das maiores ocupações do animal, tanto quanto para o homem fazer a guerra. Esta é a lei de quem vive nesse plano de vida. Mas isto torna-se absurdo logo que se suba aos planos mais evoluídos, onde, para atingir os seus fins, a vida precisa realizar um trabalho totalmente diferente. Para ela, conhecedora de tudo, um evoluído que se exercitasse no jogo do ataque e da defesa não tem sentido, porque é diferente a seleção que se deve fazer nos planos superiores. Então, para um evoluído, fazer semelhante trabalho é perda de tempo, inútil dispêndio de energia, representando uma atividade atrasada e contraproducente. É natural, pois a vida, que demonstra ser sábia e econômica, não dirija, com o mecanismo de suas **forças**, o ser para atividades que, neste caso, o fariam retroceder para planos evolutivos inferiores, e procure, ao contrário, impeli-lo para os mais adiantados, como supremo fim da evolução, lei fundamental da vida.^{16 (p. 18-19)}

Às belas exortações do Evangelho, o tipo corrente, apegado à realidade da Terra, responde desconfiando: mas a Divina Providência, depois, me salvará mesmo? E se não se realizar o milagre? Que tenho de seguro nas mãos? Este, habituado a viver num mundo de traições, deve considerar a desconfiança como uma de suas principais virtudes. E são, justamente, as suas qualidades, que o tornam apto a viver na Terra, que impedem o funcionamento daquela Providência. Esta é posta em movimento pelas qualidades opostas, precisamente as que tornam o homem menos apto a viver na Terra. Não se pode ganhar dos dois lados, do lado da Terra e do lado do céu. Quem possui as qualidades, com as quais sabe viver bem na Terra, contente-se com as vantagens desta e não peça as que descem do Alto. Mas quem não sabe viver na Terra, porque pertence a planos mais altos da vida, é **justo** que seja salvo pelas **forças** do céu. O homem **astuto** e **forte**, que sabe defender-se, que necessidade tem dessas intervenções superiores, para que sua vida seja protegida e seja feita

justiça? Então, é lógico e *justo* que as *forças* da Providência não se movam para ele, que deverá conseguir tudo por si mesmo. Em seu instinto, ele sente isso e, por esse motivo, não confia no Evangelho, mas só nas próprias *forças*, e nada espera do Alto; enquanto o evoluído sente instintivamente o contrário, e por isso confia no Evangelho e espera tudo do Alto.¹⁶ (p. 21-22)

E não basta sermos bons, se formos inertes e preguiçosos. Precisamos possuir a fé e a atividade dos trabalhadores *fortes* e honestos; quantas vezes, ao revés, gostaríamos de usar o Evangelho como um refúgio para tolos e preguiçosos, que pretendem servir-se de Deus para fugir ao cumprimento do seu próprio dever. O céu não pode funcionar como escapatória, para evitar-nos o cansaço de viver, necessário a evolução, para fugir às duras condições que o ambiente nos impõe e a ele não podemos deixar de pertencer, porque, devido a nossa natureza, é o que nos compete. Para quantos empregos diversos, os mais levianos, querem na Terra usar o Evangelho, as religiões, os ideais! É natural, portanto, que o céu permaneça fechado e o Alto mudo aos nossos apelos.¹⁶ (p. 22-23)

O evoluído que se acha vivendo na Terra em posição evangélica, exposto a todos os ataques, em condições humanamente antivitais, sem defender-se, tem absoluta necessidade de ajuda, não acontecendo o mesmo com o tipo comum, que sabe defender-se. Portanto, não há razão alguma de a este último, ser franqueado aquele auxílio. Além disso, o involuído não tem nenhuma missão a realizar, nenhuma função particular evolutiva, que interesse à vida, senão a própria evolução. É *justo* não receber qualquer auxílio especial, indispensável ao que precisa realizar um trabalho excepcional, ignorado pelos outros, ou seja, o de ensinar a libertação das mais baixas formas de vida e das dores respectivas. É *justo* que o auxílio seja dado pelo Alto a quem trabalha, sacrificando-se pelos outros, e não a quem trabalha *egoisticamente*. Sustentar, gratuitamente, o biótipo imerso no plano animal da vida que lhe compete, pelo seu nível de evolução, seria tirá-lo da escola necessária, representada pela luta em prol da seleção do mais *forte*; seria convidá-lo à preguiça, poupando-lhe o esforço indispensável para subir, fazendo-o, com isto, permanecer estacionário, ao invés de evoluir. A vida deve ser trabalho produtivo para todos. Por isso, só pode subtrair-se a um trabalho, quem está realizando outro. Aquele: “todo o mais vos será dado por acréscimo” (Mateus, 6:33), que o Evangelho promete a quem procurar primeiro o reino de Deus e Sua *justiça*, presume primeiro ter sido feito este trabalho, que justificará o “a mais”, trabalho sem o qual, aquele o “a mais” não chega. Isto, com efeito, acontece em geral, fazendo muitos acreditarem que o Evangelho contenha somente belas palavras, e evitam aplicá-lo. Mas a culpa não é do Evangelho, que diz a verdade, mas do fato de não terem sido satisfeitas as condições necessárias, para que o Evangelho poder mostrar-se verdadeiro. É dado de graça o merecido por outros meios, necessário para fins mais elevados. Em resumo não se dá algo por nada, tanto mais que poderia ser prejudicial a quem recebe.¹⁶ (p. 23-24)

Se quisermos aproveitar as vantagens que nos oferece o Evangelho, só nos resta viver nas condições que Ele estabelece para nossa conduta, ou seja, transformar-nos em evoluídos, oportunidade aberta a todos. Mas o homem comum faz os seus cálculos. Ser-lhe-ia muito agradável ver chover do céu, gratuitamente, todos os auxílios que lhe poupassem as fadigas da vida; mas custa-lhe muito submeter-se às condições necessárias. O homem procura sempre o atalho para chegar, com menor esforço, a um lucro maior, e, com essa psicologia toda humana, aproxima-se do Evangelho como de todas as outras coisas. Mas, quando vê que daí não pode tirar qualquer vantagem, ou que precisa pagar com sacrifícios muito grandes, então o rejeita como coisa inútil. Este Evangelho, que se vivido, poderia representar o meio mais poderoso para superar o passado e evoluir; permanece inutilizado, recaindo o homem no seu baixo plano de vida, para aí estagnar-se. Por não compreender quão grande é o tesouro que recebeu, recusa a mão que lhe é estendida do Alto, para elevá-lo a melhores condições de vida. E assim continua o mal-entendido, o homem evangélico permanece um enigma e o Evangelho um belo sonho, que continua no plano dos ideais. No entanto, cada um continuará em seu lugar, de acordo com sua natureza, em suas condições de vida, realizando o próprio tipo, utilizando os meios que possui, obtendo o que lhe compete. O ser inferior continuará a agredir o mais evoluído, acreditando estar vencendo, enquanto perde a melhor ocasião para subir; e o mais evoluído continuará a sacrificar-se até conseguir com a bondade e o amor, derrubar as portas do *egoísmo* e da ignorância vencendo a animalidade e fazendo emergir o homem de seu baixo plano de vida. Dessa forma, irá o Evangelho, lentamente, através dos milênios, caminhando para a sua realização. Mas, entre os dois, involuído e evoluído, o mais *forte* é o segundo, porque está protegido pelas *forças* da vida que quer ascender. Cabe-lhe a vitória final. Se ao outro pertence o passado, o futuro lhe pertence.¹⁶ (p. 24-25)

O Evangelho e o mundo

Assim, aos olhos do mundo, que sabe como as coisas se passam de outro modo, o Evangelho se apresenta como uma sublime ignorância das realidades da vida. Como se explica isso? Será possível Cristo não se ter dado conta dessa realidade, das verdadeiras condições em que se desenvolve a vida do homem? Sem dúvida Ele fala de outro tipo de vida, feita para outro tipo de homem, que não o atual: um tipo novo, o evoluído, no qual o atual deverá transformar-se. Cristo refere-se ao luminoso futuro da humanidade e não a seu bestial passado. Provam-no suas palavras: “Dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei, verdadeiramente vos ameis uns aos outros” (João, 13:34). Isto não representa uma reviravolta completa na fundamental lei biológica da luta pela seleção do mais *forte*? Significa passar

para um plano de existência onde predominam leis diferentes e a vida se protege e desenvolve, baseando-se em outros princípios.¹⁶ (p. 31-32)

O Evangelho nos quer pobres (ou humildes) de espírito, desprendidos, homens que aprendam a possuir com outro espírito, totalmente diverso do que é próprio ao tipo biológico comum humano, espírito que pode permanecer intacto em qualquer regime econômico. Só a revolução trazida pelo Cristo chegou à substância, para renovar a fundo o homem, única maneira de resolver o problema econômico. Com todas as outras inovações, exteriores e formais, o homem permanece sempre o mesmo, fazendo as mesmas coisas. Pertencer a este ou aquele regime econômico, possuir ou não possuir, tem sempre uma importância relativa diante de nossa psicologia íntima, de que somos dotados. Por isso, não se iludam aqueles que possuem, pensando achar em nossas palavras uma justificativa ou autorização para possuir de modo próprio. Se não possuírem com esse espírito novo, como quer o Evangelho, este continuará condenando-os. Ele respeita a propriedade e também as riquezas, mas já vimos em quais condições. Ele não admite o indivíduo possuir em relação à coletividade com fins negativos ou maléficos, mas apenas com fins positivos e benéficos. O Evangelho, que é **justo**, não pode admitir nenhum direito sem os correlativos deveres.¹⁶ (p. 36-37)

O Evangelho não é destrutivo e antivital, como pode parecer. Ao contrário, representa um novo modo de conceber a vida, para ajudar-nos a enfrentar e resolver, com sabedoria, os nossos problemas. Alguns se revoltam contra o Evangelho, porque acreditam na riqueza, enquanto ele condena a avidez. Há outros que se apoiam no Evangelho porque presumem estar a Providência a seu serviço, poupando-lhes todo trabalho. Há os heróis da santidade, que têm cem por cento de **força** para vivê-lo. Existem os que pensam bem, adaptando-o às próprias comodidades e o vivem na medida em que não são perturbados os próprios interesses. Algo de positivo existe e se antepõe a tudo, é o tipo individual, o temperamento de cada um, que transforma todas as coisas que encontra, as leis de usos sociais, a moral, as religiões e também o Evangelho, para adaptá-las a si mesmo. Todas essas normas querem fazer vergar o indivíduo. Depois, é o indivíduo que deseja vergar essas normas a seu gosto, adaptando-as para vivê-las a seu modo. Antes de tudo, cada um diz “eu”. A autoridade, que deveria coordenar esses diferentes tipos para deles fazer uma unidade, é apenas outro “eu” maior e mais **forte**, que procura impor-se a todos os outros, ou concorda se lhes convém; ou os suporta se são fracos; ou foge se são **astutos**; ou se rebela se são **fortes**.¹⁶ (p. 37-38)

Deus e Cristo são palavras correntes, usadas para encobrir interesses e se fazer, à Sua sombra, bons negócios. O atalho, neste caso, parece mais curto, o jogo mais fácil, sendo o mundo facilmente enganado, sem imaginar quanto seja perigoso, pelas **forças** poderosas em jogo. Cristo não é uma palavra vazia, que

se possa usar levemente, empregá-la para outros fins ou explorá-la, sem grave dano próprio. Fala-se muito na presença de Deus, sem atinar com a Sua verdadeira presença através da sua Lei continuamente atuante, com as sanções correspondentes ao Seu desrespeito. Da mesma forma, a Lei defende quem Lhe respeita, como pune quem A procurar violar. **Forte** é quem sinceramente obedece à Lei, merecendo, por isso, proteção e sucesso, e não quem se julga valente por desobedecê-la com **astúcia**. Com os meios e métodos do mundo poderão elevar-se gigantescos edifícios materiais, sem contudo algo construir nas almas. No meio das grandes construções, vemos os homens tornarem-se piores, como ocorre hoje, e suas obras gigantescas, filhas da matéria e não do espírito, sem sustentação, serem reduzidas a pó. Inútil escorá-las quando falta a visão espiritual, falta Deus e a obra é fruto apenas das **forças** do mundo.^{16 (p. 49-50)}

Se quisermos ser os mais **fortes** para vencer, coloquemo-nos do lado das **forças** espirituais, as mais poderosas, e não exclusivamente do lado das **forças** materiais que nos podem trair. Se nos basearmos orgulhosamente nos basearmos apenas em nossos recursos pessoais, teremos somente estes para nossa defesa. Mas, se humildemente obedecermos aos ditames da Lei de Deus, poderemos contar com o Seu poder, e a teremos em nossa defesa. Confirmamos mais uma vez, as conclusões dos capítulos precedentes: o triunfo do espírito sobre a matéria, do Evangelho sobre o mundo. Cristo vence.^{16 (p. 50)}

Materialização ou espiritualização

Entretanto, entre os dois, o mais **forte** é o elemento jovem, que a vida defende porque a ele confia a continuação, de seu caminho. As velhas células resistem. Mas tão logo que se forma uma célula de tipo superior, mais evoluída, esta procura consolidar-se como tipo biológico e tornar-se centro de atração das outras células do mesmo tipo que se vão formando. Estas, por sua vez, se sentem atraídas e se dispõem em redor da primeira célula, até poder firmar-se e fixar a vida num plano evolutivo mais alto, na forma do novo biótipo do evoluído. É assim que, por lentas maturações, consegue fixar-se na Terra o Evangelho. Hoje ainda estamos na fase dos raros exemplares esporádicos do novo tipo em formação. Mas esses exemplares, com o tempo, deverão tornar-se cada vez mais frequentes, mais normais, até que, seguindo as pegadas do Evangelho, toda a humanidade deverá passar a viver num plano mais alto de evolução, não mais o atual da animalidade, mas o da espiritualidade. Isto poderá parecer fantasia e não se pode contestar ser a evolução um fenômeno inegável, reconhecido por todos. Não mais se pode admitir ser a evolução compreendida somente como desenvolvimento de órgãos, como queriam Darwin e Haeckel, mas como desenvolvimento nervoso, psíquico e espiritual.^{16 (p. 59-60)}

Teremos já pensado de quantas dezenas ou centenas de milênios são frutos os instintos atuais? E era mister adquiri-los para sobreviver, porque só vivia quem os possuísse. Constituem o nosso sangue, fazem parte de nossa carne. A luta pela vida pode ter selecionado o mais **forte**, mas, ao redor do vencedor quantas ruínas, contorções, revoltas, nos que tiveram de adaptar-se em viver como vencidos! Todas as prepotências pelos fracos, engolidas à **força**, estão prontas a regurgitar à procura de uma desforra que lhes dê satisfação. Todas as experiências vividas permanecem escritas em nossa carne e reclamam compensação. Os delinquentes natos o são porque querem ser maus, ou porque se tornaram tais pela reação ao esmagamento dos **fortes**? A humanidade viveu até agora de crimes e isto não pode cancelar-se com um golpe. Cada causa tem o seu efeito.^{16 (p. 61)}

O sofrimento de tanto atrito, que quase chega a paralisar a vida social, só poderia ser poupado com um pouco de inteligência. Mas, é justamente esta que falta, e tanto trabalho se emprega, para adquiri-la! Queira-se ou não, é mister que a obra da civilização seja feita por todos, cada um colaborando com a parte que lhe compete. Apesar de querer ser separatista, e portanto permanecer fechado no próprio **egoísmo**, a vida é fenômeno coletivo onde a reciprocidade nas relações funciona plenamente. Ninguém quer sujeitar-se a ser o primeiro a fazer o esforço, esperando-o da virtude alheia; e todos fazem o mesmo, permanecendo assim, imersos no mesmo pântano. Que batalha poderá vencer um exército, no qual cada soldado só quer mandar os outros para a frente? Entre os elementos componentes dessa máquina, aparece um atrito parando-a ou fazendo-a funcionar mal e com fadiga. O mal que cada um queria lançar sobre o vizinho, continua de cada um e de todos, pertencendo-lhes a culpa. Mais veneno lancemos na panela comum, e mais devemos bebê-lo nós mesmos. Assim avançam, com grande fadiga, os nossos destinos, dentro desta mal construída máquina social, cada um sofrendo a sua parte. Os que acreditam mais **fortes** e **astutos** procuram escapar reforçando-se no **egoísmo** e lutando para ganhar espaço à custa do vizinho, sem compreender ser este um soldado do mesmo exército, com o qual é de seu interesse colaborar para vitória de todos. Assim, os mais **fortes** e **astutos** põem-se à frente de um ataque às avessas, em direção a um abismo, procurando arrastar todos consigo.^{16 (p. 63-64)}

São ridículos os sonhos do homem evangélico? Constitui ingenuidade ser sincero e honesto? Os homens práticos e **astutos** não têm direito de rir-se de tudo isso? Então, deixemos que o mundo preparar o seu suicídio com a corrida armamentista, e a vida, que se tornou um desencadeamento de capacidade e uma babel de mentiras, se torne insuportável a todos, até ficarmos submersos no próprio veneno. O Evangelho é utopia? Então seja liquidado o homem bom e **justo**, afastado do caminho da vida como um ser inútil sem direito de viver, e isolado para não contagiar os outros, os sábios, com a sua doença. Não há lei

nem costume que diga isto explicitamente, mas está implícito e subentendido nas leis e costumes. Continuemos com esta seleção em descida, com essa evolução às avessas, com essa inversão de valores. Quem caminha de cabeça para baixo somos nós, e no fundo do abismo está a rocha dura das leis de Deus, contra a qual rebentar-se-á nossa cabeça. Então, não restará na face da Terra traços do homem evangélico que conseguiu evoluir, pois esse biótipo pertencerá a uma raça desaparecida, última tentativa de civilização, e o homem terá recaído no fundo da barbárie. A presente tentativa de levar a sério o Evangelho é um apelo desesperado para a salvação do mundo.^{16 (p. 65-66)}

“O absurdo está na vossa involução. No Evangelho (...), a *justiça* é automática, perfeita, substancial (...). Aí não é mais necessário ser *forte*, basta ser *justo* (...). Torna-se então possível a lei do perdão, porque o espírito sente e movimenta outras *forças* e não apenas vossos pobres braços, e essas *forças* acorrem a defender o *justo*, mesmo se inerme (...). Então, o que parece um vencido da vida, se torna um gigante (...). A lógica do Evangelho leva a uma seleção de super-homens, enquanto a lógica de vossa luta cotidiana leva a uma seleção de prepotentes. Os princípios do Evangelho organizam o mundo e criam as civilizações; os princípios que viveis desagregam e desperdiçam tudo em atritos inúteis. Onde passa o Evangelho e o seu amor, nasce uma flor; onde passais vós, morrem as flores e nasce um espinho. O Evangelho é lei do paraíso, transplantada no inferno terrestre; só os anjos no exílio sabem viver aí a lei divina, ensinada por Cristo na cruz”.^{16 (p. 69)}

“O homem permanece mudo e desorientado diante desse estranho ser, sem armas, que proclama uma assombrosa lei nova e parece ser de outro mundo. O homem sente que, se tem razão em seu ambiente, existe outro mundo em que tudo se inverte, onde o vencido da Terra pode ser um vencedor e o vencedor da Terra um vencido. Um abismo o separa daquele ser superior; o homem agride e ele perdoa; ele é um *justo* e sabe sofrer. Está aí para indicar-vos, com sua própria vida, a meta atingida, para indicar-vos o caminho, a fim de acompanhá-lo para a realização da mais alta e fecunda lei social: o amor evangélico”.^{16 (p. 70)}

Só no curso da presente obra, podemos dizer: explicamos o mistério daquelas palavras, acessíveis agora não apenas pela fé, mas também por uma demonstração racional e experimental. Os fatos confirmaram a intuição. Agora, como explicamos, compreendemos aquele “como”. Pudemos alcançar o modo pelo qual o abandono de todas as armas representa a suprema defesa; pudemos compreender a razão da imensa superioridade, na luta pela vida, do método evangélico da não-resistência. Agora conhecemos os segredos do particular sistema defensivo de quem segue o Evangelho, sistema que, em última análise, torna-o mais *forte* que os *fortes* da Terra. E pensar que a ignorância do mundo é

tão grande que acreditar que a vida, só porque evoluímos, deixa-nos indefesos! E, por isso, se foge do Evangelho como de um perigo, para a própria segurança, quando ao contrário, é a nossa salvação. Não pode deixar de percebê-lo, quem consiga penetrar na órbita de influência das *forças* da lei que o Evangelho representa, pois será logo integrado nesse sistema de *forças*. Continentes inexplorados, possibilidades novas e estranhas nas quais o mundo não acredita, teorias para ele fantásticas; mas como vimos, resistiram à comprovação séria da razão e dos fatos. Tudo para chegar à mais revolucionária das conclusões, ou seja, de que ninguém está mais defendido, embora desarmado, do que o *justo*, e precisamente porque é *justo*.^{16 (p. 71)}

A dor acorda o instinto de vida, quando este adormece no bem-estar. Os climas doces e quentes não criam homens *fortes* e lutadores como são os filhos de climas ásperos e duros. As desventuras e a necessidade da luta ensinam coisas que só aprendem os que lhes estão sujeitos. A vida jamais se resigna a morrer e, em vez de matá-la, as muitas dificuldades a fazem *forte* e sábia, quando isto é indispensável para sobreviver. Os obstáculos são duros de superar, mas os que aprenderam a superá-los possuem um conhecimento e uma *força* para sua defesa, entretanto os que encontraram a vida fácil estão bem longe de possuir essa *força*. Nas mãos da vida sábia, tudo se resolve em construção e progresso. Quando a evolução não se realiza pela alegria de progredir, a vida a realiza com o chicote da dor, para que se cumpra, de qualquer forma, o progresso, maior bem para a criatura.^{16 (p. 77)}

As atitudes que o indivíduo assume diante das dificuldades são diferentes para cada pessoa. Mas, o ressentir-se diante da dor produz um efeito mais ou menos comum a todos, o de pôr a nu e revelar a verdadeira natureza do indivíduo. Ele é reconhecido pelo seu tipo de reação, porque colocado diante das mais profundas realidades da vida, como a dor e a morte, não sabe mais mentir. Ora, o que dirige a reação e lhe define a forma, é a natureza do biótipo. Por outro lado, a reação não pode criar um ser novo, mas apenas mostrar-nos quem é verdadeiramente, quando se vê constrangido a usar todos os seus recursos e a qualquer custo. É lógico que o ponto de partida do novo passo adiante não pode ser dado, senão como valor e qualidade, a partir da posição precedente do ser. Teremos assim, uma reação e um esforço proporcionais a essa posição. O biótipo inferior reagirá como inferior, o mais evoluído, como evoluído, de forma mais elevada. Diante de uma dor desesperada, quem não possui nenhum recurso no bem, nem no mal, abandonar-se-á preso à correnteza até a morte, aprendendo o pouco que pode da lição. Quem tem tendência à mentira e ao mal, reage com a traição e o crime, vingando-se do próximo e involuindo cada vez mais, porque baixa é a sua natureza. Quem é violento e não está habituado a controlar-se pode reagir com o suicídio. Quem se compraz nos gozos inferiores, reagirá com excessos e vícios procurando esquecer as próprias

dores nas efêmeras alegrias em que ele acredita. Mas, existem também os que reagem com a santidade, com o amor operante para o bem do próximo. Esta é a reação dos **fortes** e dos grandes.^{16 (p. 77-78)}

As religiões e a verdade

Assim, imposto pelas exigências do ambiente humano e gerado pelo instinto da luta na seleção do mais **forte**, nasceu o princípio de autoridade no cristianismo, como nasce em qualquer agrupamento humano. Como Cristo teve de tomar um corpo físico quando quis descer à Terra, assim o Evangelho quando quis realizar-se no mundo, teve de aceitar os seus métodos e as suas leis. Esse sistema está em vigor até hoje. Alguns mais amadurecidos sentem que deveria ser diferente, mas acham-se constrangidos em uma disciplina cuja posição do crente só pode ser obediência. São apenas uma exígua minoria, porém, as minorias nunca têm razão. A Igreja não pode dar lhes atenção, mas apenas à massa, bem diferente. Para os favorecer, seria mister abrir as portas a uma liberdade para a qual os outros não estão totalmente maduros, prontos, ao contrário a fazer-lhe péssimo uso. Assim tal como ocorre com o divórcio, útil em alguns casos, não é solução ideal.^{16 (p. 85)}

Estabelecido o princípio de autoridade, de disciplina e de obediência a um governo central, a religião tende a transformar-se numa grande máquina burocrática, constituída de homens que disciplinam o seu trabalho na forma regular de administração. Desponta então o instinto humano expansionista que, se nos estados **fortes** assume a forma de imperialismo, realizado com a guerra, nas religiões toma o aspecto de proselitismo, para aumentar o rebanho. Rebanho significa criação de ovelhas em série, ou seja, produção de determinado tipo de fiéis, para os quais já está estabelecido como devem pensar, em que precisam crer, e o que é mister fazer. Só assim pode obter-se a disciplina indispensável para que o soldado possa ser enquadrado e o exército possa começar a marchar organizadamente. Para quem lê o Evangelho, pode parecer absurdo tirar-lhe semelhantes conseqüências. Mas a culpa não é do Evangelho e sim do mundo, que impõe suas leis a quem quiser entrar em seu terreno. Certamente, para ser vivido como ele é, o Evangelho exigiria um mundo de santos. Mas isto não existe na Terra, e, mesmo que pudesse formar-se um governo de santos no mundo religioso, esse governo seria logo liquidado pelos métodos humanos. Esta é a razão de as religiões tenderem a tomar a forma imposta pela natureza humana e pelas condições do ambiente terrestre.^{16 (p. 87-88)}

Dominar o próximo, impondo-lhe a própria vontade, é coisa normal e natural na Terra, no plano biológico animal do involuído. Aí, a autoridade é patrimônio do mais **forte** que venceu os mais fracos, os quais, portanto, por esse

fato, têm por dever a obediência. Sem um comando, uma disciplina, – e portanto uma diminuição de liberdade – não pode construir-se um organismo na Terra. Se se desejasse fazer do cristianismo uma instituição neste mundo, era mister obedecer às exigências desse ambiente. Eis porque, neste ponto, ele não pôde manter-se divino, mas teve de tornar-se completamente humano. Constituirá isto um defeito, ou uma culpa?¹⁶ (p. 92)

A Igreja

Desse modo, a psicologia do plano humano, que o Evangelho queria refazer, se aninhou no centro da Igreja. Foi aceita e como que fixada na instituição a figura do malvado e o mal reconhecido como potência rival que ameaça a de Deus. Assim, por instinto de conservação num estado de integridade e pureza, o preceito evangélico que tende à aproximação do malvado para acabar em sua redenção e salvação, se inverteu no seu afastamento, para acabar na sua perdição eterna, no inferno. Com o sistema do julgamento e castigo, uma classe social dominante poderá defender seus interesses e a sociedade afastar os elementos que a perturbam. Mas, estamos sempre no plano humano da luta para a defesa da própria vida, luta entre juiz e julgado, na qual vence o mais *forte*. Isto não aproxima os dois termos, antes acentua as cisões e a inimizade. O sistema do juiz que condena está nos antípodas daquele que ama para remir. Assim o mal não é absorvido pela não-resistência, mas, ao eliminá-lo com o esmagamento, mais é excitado, reforçando a reação, induzindo a uma resposta adequada, no mesmo nível, no plano da *força*, com a rebeldia. Recáímos no sistema do mundo, no julgamento que divide e afasta, e não do Amor que aproxima e une. Ao invés de chegar à confraternização, o pecador é repellido pelos bons que deveriam ajudá-lo, e permanece um rejeitado. Eis que na luta entre Evangelho e mundo, venceu o mundo e o Evangelho falhou na sua finalidade.¹⁶ (p. 103-104)

Esta tardou a compreender a inconciliabilidade entre maquiavelismo e cristianismo; mas depois teve de condená-lo, proclamando-se antimachiavelista, e talvez o fosse, por uma necessidade de purificação imposta pela reforma protestante. Mas, nem por isso a infiltração do maquiavelismo cessou. Oferecia ele a grande vantagem tangível, imediata, de resolver, ao menos aparentemente, o penoso conflito entre o Evangelho, código que a Igreja devia seguir, e o mundo, onde, no entanto, tinha de viver. Embora não incentivado pelo Evangelho, tratava-se de um modo prático e *astuto*, de resolver o difícil problema. Através de um compromisso, chegava-se à paz que permitia uma convivência tranquila. Escolhia-se o caminho do menor esforço, devido ser mais difícil resolver o caso com a vitória de um dos inimigos. Fazer o mundo vencer abertamente, seria colocar-se em contradição flagrante com os próprios

princípios. Fazer vencer o espírito requeria esforço impossível e inatingíveis qualidades de santo. Ao invés disso, cada um dos dois inimigos cedia um pequeno espaço ao outro e se conseguia viver ao lado do Evangelho e neste mundo, duas necessidades imprescindíveis. Desta forma podia-se acreditar até que se domesticara um pouco o mundo, para glória de Deus. Diante dessas concessões, a consciência podia sentir-se justificada, pela finalidade do bem que se defrontava poder conseguir. E a infiltração continua escudada na teoria do fim que justifica os meios.^{16 (p. 113-114)}

Chegamos deste modo ao ponto de, para atingir os supremos objetivos do espírito, a Igreja ter de usar os métodos do mundo; possui poder, torna-se Estado e potência política, econômica e bélica, chega a fazer guerras e a abençoar as armas, a instituir tribunais, a construir para si um direito canônico e a executar legítimas condenações à morte (fogueira). É lícito então perguntar-se: por onde foi o Evangelho? Estaremos diante de uma contradição necessária que trará bons frutos? Teremos sabido achar, na acomodação, uma nova virtude mais sutil, que o céu não pode aprovar? Ou trata-se verdadeiramente de uma traição ao Evangelho, enganado e emborcado pelo inimigo que, com a mais diabólica das *astúcias*, insinuou-se na Igreja para comandar como senhor? Essa acomodação que permite a convivência, não será uma derrota, invés de uma vitória? Não terá acontecido uma espécie de simbiose, como à que se reduz um organismo ao se adaptar a suportar a vida dos micróbios, *fortes* demais para conseguir expulsá-los, e que assim se lhe insinua, gerando a doença crônica? Não terá o maquiavelismo se tornado a secular doença crônica da Igreja?^{16 (p. 114-115)}

Dessa inversão derivou um fato grave: a Igreja teve de assumir uma posição negativa, de defesa, que ainda mantém, colocando-se numa posição de grande desvantagem, ao perder a posição positiva pertinente hoje ao inimigo, que passou ao ataque. Como se explica isto? Tudo é lógico. A Igreja pode ser afirmativa apenas em seu terreno, ou seja, no espírito. Tornando-se potência terrena, desviou o seu centro vital para o lado oposto, o do mundo, o qual reconheceu e aceitou; ao transplantar-se para o campo do inimigo, colocando-se no rol das coisas humanas. Se conseguiu a vantagem imediata de tornar-se presente e afirmativa naquele plano de vida, tornou-se ausente e negativa no plano próprio, o do espírito. Enquanto a Igreja julgava conquistar novos poderes, este fato a privava de sua *força* maior, porque a reduziu ao nível das instituições terrenas, que desta maneira a podem tratar de igual para igual, como potência do mundo, nada mais. Pode ter sido uma *astúcia* vantajosa, querer colocar-se também nesse outro terreno, o do mundo; mas no fim, tudo se reduziu a uma traição, e desse lado nada mais se podia esperar, como adverte o Evangelho. Essa posição negativa significa o esvaziamento espiritual da Igreja, com a perda de seus maiores poderes, isto é, achar-se em posição de fraqueza e

vulnerabilidade, justamente na luta em que procurava vencer. A troca foi muito desvantajosa: de um organismo espiritual superior reduzir-se a uma instituição humana; assumir uma posição terrena, alheia, e portanto de inferioridade, enquanto a posição da Igreja, como espiritual, deveria ser de superioridade diante de qualquer organização humana. Saindo do terreno próprio, e transportando-se ao do mundo, aceitando as armas do inimigo, a Igreja iludiu-se, acreditando poder afirmar-se melhor. Por haver renunciado, porém, à própria superioridade espiritual e às armas do espírito em que residia toda a sua *força*, desceu ao nível das coisas terrenas, perdendo suas armas, e ficando com outras que não são as suas, sem saber usá-las, numa luta desigual com quem as possui como próprias, sabe usá-las e tornar-se *forte*. Eis como a Igreja se enfraqueceu tanto, pelo menos hoje, como potência espiritual; como, diante do inimigo que se movimenta para o ataque, ela se acha em posição negativa, em atitude de defesa, que, pode, a cada momento, como num exército desarmado, transformar-se numa fuga.^{16 (p. 121-123)}

O futuro do homem

A imagem bíblica da escada de Jacó, pode ser compreendida como uma intuição do processo evolutivo. Os seres encontram-se escalonados em varias alturas, enquanto Deus os aguarda em cima. Corresponde perfeitamente à concepção da existência em planos superpostos, sendo que a inferior desemboca na superior. Cada plano representa uma etapa do transformismo, na qual a evolução faz uma parada. É dirigido por uma lei diferente que lhe é própria, justamente porque representa uma forma diferente de existência, por se achar situada a maior ou menor distância da meta final: Deus. Ao subir cada novo degrau, acontece como se o ser saísse do sistema precedente para entrar em outro, imprimindo novo endereço, ao processo evolutivo, mesmo seguindo sempre a estrada que o leva à meta. Em decorrência, como já afirmamos, desaparecerá, por evolução, a lei da luta pela seleção do mais *forte*, própria ao plano animal-humano, sendo substituída pela lei que leva a seleção do mais *justo* e inteligente. Esta é a razão pela qual podemos ver no Evangelho a verdade biológica que dirigirá a vida do homem civilizado do futuro. Se o poder do impulso telefinalístico da evolução soube guiá-la até aqui, operando a transformação da matéria em energia, e desta em vida, não lhe faltará, de certo, o modo de continuar o mesmo trabalho, transformando o mundo biológico no espiritual. O Evangelho é apenas a Lei deste plano superior da vida.^{16 (p. 152-153)}

Se a evolução quiser continuar através de seu mais alto produto, o homem, terá de continuar precisamente através das mais altas qualidades deste, que são as psíquico-espirituais. Para uma evolução, que vemos ter-se encaminhado já pela estrada da especialização psíquica, é absurdo o progresso

biológico voltar exclusivamente ao sistema do passado, ou seja, à construção de órgãos que revolucionem a estrutura anatômica no plano físico. O homem físico representa um ponto de chegada da evolução orgânica, como aperfeiçoamento da forma, em nosso planeta. Não é mais anatomicamente que os mais evoluídos diferem dos menos, mas é por suas qualidades intelectuais e morais. O médico vê e cura o mesmo corpo no delinquente ou do selvagem, como do gênio ou do santo. Os homens hoje se diferenciam, mais do que pelo corpo, pela personalidade, agora, a verdadeira base das distinções sociais. Embora teoricamente, as qualidades mentais e morais já começam a ser mais valorizadas que as físicas. O homem, em verdade, é o resultado muito mais de outras qualidades, do que as apenas do seu organismo corpóreo. O homem futuro não será um animal **forte**, nem um **astuto** lutador, mas um cidadão consciente do universo.¹⁶ (p. 154-155)

O problema da moral I

As normas da ética tiveram, no passado, a função de disciplinar a vida do homem, refreando-lhe e guiando-lhe os instintos animais, a fim de adquirir outros mais evoluídos. Essa moral, dirigida ao grande objetivo de refazer o homem, melhorando-o, foi por ele aplicada, porém, segundo a sua forma mental e instinto dominante, ou seja, com espírito de ataque e defesa, correspondente à lei de seu plano animal, da luta pela seleção do mais **forte**. Como consequência, a execução das normas dessa moral é confiada, em grande parte, ao terror de sanções punitivas, ao cálculo do próprio prejuízo, introduzindo no seu utilitarismo criador, próprio da vida, um elemento negativo, tendente a invertê-lo, dando-lhe um aspecto de agressão e destruição.¹⁶ (p. 172-173)

A nova moral, ao contrário, é concebida não contra, mas em função da vida. Sempre e totalmente positiva e construtiva, jamais em coisa alguma negativa, destrutiva ou agressiva, pois, mesmo visando ao bem, jamais poderá posicionar-se contra as leis da vida. Trata-se de uma moral mais evoluída, que não destrói, mas respeita toda a moral precedente e atual; justamente, por ser mais evoluída, não pode deixar de perder alguns de seus caracteres negativos, feitos de luta e imposição, os quais são necessários nos planos inferiores de vida porque se destinam a conquistar, a partir daí, outros planos positivos, feitos de amor e compreensão, possíveis apenas nos níveis mais elevados da existência. Tudo o que evolui, também a moral não pode deixar de evoluir procedendo do Anti-Sistema ao Sistema, tem de perder cada vez mais as características do primeiro, para substituí-las pelas do segundo. Feita para ser mais evoluída, a nova moral, perderá os oprimentes e antivitais atributos de culpa, pecado, condenação, que significam esmagamento, a vitória do mal infligido pelo mais **forte** com sua sanção punitiva, para basear-se, não na constrição pelo medo do

prejuízo, mas pela convicção de ir ao encontro da vantagem própria. É um reerguimento de posições, pelo qual se trabalha não mediante repulsão, mas por atração, sendo o móvel não a fuga de um mal que nos ameaça, mas a consciência da utilidade de obedecer às normas da ética. Só se pode, porém, chegar a essa nova moral, quando a evolução tiver amadurecido bem o homem, para que este novo modo de concebê-la possa ser usado sem prejuízo; ou seja, quando o homem tiver chegado a um tal desenvolvimento como inteligência e sensibilidade, que, para alcançar os objetivos educacionais propostos pela moral, possa dispensar-se o chicote dos terrores infernais. Então bastará o fato de compreender que obedecer à Lei de Deus não está em contraste, mas concorda perfeitamente com o nosso instinto de subir. Esse é o próprio instinto da vida, isto é, o de atingir a maior vantagem: utilitarismo justificado pelo fato de ser um meio para subir, avizinhandose, assim, cada vez mais da realização dos supremos fins da evolução.^{16 (p. 173-174)}

Observemos, agora, o problema ético mais de perto, em relação ao homem no mundo atual. Nesse ambiente, domina a lei da luta pela seleção do mais *forte*, impregnando a conduta humana e gerando uma ética relativa, ao menos na prática, embora seja diferente a teoria. Segue-se que na Terra o campo da moral, nada pacífico. Ora, sua função é de guiar o homem ao cumprimento dos objetivos da vida e, portanto, não deve existir conflito entre esta e a moral, ao negar satisfação às suas exigências sadias. Neste caso, deve esperar-se logicamente suas respectivas reações e, se quisermos ser *justos*, teremos de reconhecer constituir um pleno direito seu, o de viver. A intenção de diminuir ou matar a vida, só pode provir das *forças* negativas, inimigas de Deus. Portanto, quando nasce um conflito entre ética e vida, estas reações contra a ética formal geram o antiético, pelo qual o indivíduo é julgado culpado, por uma moral que cometeu a culpa maior de ter agredido a vida em seus direitos fundamentais. Nesse caso, qual dos dois é o culpado? O moralista ao não respeitar os direitos da vida ou esta que se defende? Somente quando a essas exigências for dada legítima e suficiente satisfação, poderemos dizer ser a culpa do indivíduo que desobedeceu. Só quando forem respeitadas por ambas às partes – sociedade que faz as leis e indivíduo que deve obedecer – as posições recíprocas de direitos e deveres, será *justa* a condenação do não-cumpridor. Mas, enquanto a vida da sociedade humana se basear no *egoísmo* e na luta, as reações defensivas encontrarão justificativa, invertendo-se a moral em sua zona negativa cheia de abusos e males. No caso menos grave, sobressairá a mentira tão difundida, o compromisso pela elasticidade da consciência e semelhantes formas híbridas de acomodação de que o mundo está cheio, e tudo isto somente será justificado pelo natural e inevitável efeito das condições, nas quais a vida humana se acha agora. Neste caso, fingir seria um recurso usado pela vida como um lubrificante indispensável para permitir, com menor atrito, a coexistência pacífica dos *egoísmos* inimigos. Não há efeito sem causa e na economia da vida, cada fato

realiza sua função que o justifica. Só assim compreenderemos porque a mentira é tão difundida no ambiente humano.¹⁶ (p. 186-187)

Mesmo neste terreno do amor, a nova moral é moral de ordem, de paz, de respeito. Faz parte de ética de um plano superior, na qual a vida não quer mais selecionar um ser *egoísta*, mais *forte* e *astuto*, vivendo só para si, dominador de tudo, mas o homem social, que aprendeu a coordenar-se com o estado orgânico futuro da humanidade, não causa dano a ninguém, mas protege a vida, primeiramente em sua companhia e em seus filhos, tornando-se guia de sua elevação. A evolução levar-nos-á cada vez mais distantes dos tempos em que o macho roubava a mulher e o amor se realizava numa atmosfera de destruição e violência, forma mental viva ainda nos menos evoluídos, e que vemos reaparecer nos romances tão difundidos, em que o amor se torna crime e morte, ao invés de afeto e bondade. Mesmo neste campo, a moral atualmente vivida nos fatos é moral de guerra, em que o maior grau atingível na ordem é obtida dentro dum castelo fechado e armado da família, dirigida por um chefe que saiba defendê-la contra todas as outras. Mais não se pode conseguir num plano biológico em que tudo se realiza em função da luta, do qual é a lei. Toda a psicologia daí derivada, terá de ser superada pela evolução. A prepotência do homem, considerada hoje como valor, será amanhã julgada defeito, porque antissocial. Sua prova de *força* não consistirá em submeter ao próprio *egoísmo* um ser fraco, necessitado de proteção, como a mulher, mas em defendê-la, elevando-a ao estado de companhia e colaboradora na construção do edifício da família e na obra da sua ascensão espiritual.¹⁶ (p. 194-195)

O problema da moral II

Como a fera que se torna menos feroz e perde as garras ao evoluir, ou seja, como a evolução realiza uma progressiva eliminação da luta pela vida, assim a moral, à proporção que evolui, se torna menos opressora, menos terrorística, menos armada de duros castigos. Com a evolução tudo tende à harmonia, à alegria, à bondade. Torna-se o homem mais livre e ao mesmo tempo adquire maior sentido de responsabilidade. Quem quiser subir aproveitará, depois as vantagens; quem não quiser subir, permanecerá em seu nível de vida, com todos os males inerentes a ela. Em substância, a nova moral diz apenas: civilizai-vos e vivereis muito melhor. E se agrada a todos viver melhor, é lógico que, descoberta a estrada para lá chegar, torna-se conveniente submeter-se ao esforço indispensável para percorrê-la. A ética atualmente em vigor na prática, embora teoricamente bela, é torcida pelos instintos elementares, cheia de afloramentos do subconsciente e de ilusões psicológicas, devidas a perspectivas erradas, produzidas pela forma mental que dirige o homem em seu atual plano de vida. Moral em que reaparece a cada passo, nos

fatos, o cálculo do próprio interesse, o medo do patrão, o desejo de evitá-lo, enganando-o com escapatórias, o contínuo sentido de luta para tornar-se o mais **forte** e assim vencer a todos.^{16 (p. 205-206)}

O ponto fraco da moral vigente é sempre o de permanecer imersa no plano da luta, ser sua expressão, existir em sua função, permanecendo assim uma moral de involuídos. A causa primeira dos males daí derivados é o princípio do mais **forte**, que domina nesse plano, levando ao abuso. Segundo esse princípio, a verdade é estabelecida pela maioria, com suas ideias, para satisfazer a seus instintos e interesses. Cabe-lhe esse direito, por ser numericamente mais **forte**. Mas quais são as ideias da maioria, que certamente não pode representar uma elite selecionada? São as correspondentes aos impulsos mais elementares da vida. É a essa altura, própria dos involuídos, que os evoluídos são constrangidos a nivelar-se. Mesmo que a verdade possa descer do Alto pela revelação, a humanidade aceita, aplica e vive, o estabelecido pelos limites impostos pela capacidade de compreensão das massas, que não sabe ir além de um consentimento instintivo do subconsciente, que representa a parte mais involuída, a parte animal do ser humano. São estas as **forças** que, através dos fatos, tendem a dirigir a atividade humana e com a qual a ética deve contar, pagando o seu tributo, ainda que, na teoria, essa atividade pretenda justificar-se proclamando-se consequência e aplicação de princípios absolutos, sendo praticada em nome de Deus e dos mais altos ideais. A realidade positiva que aparece nos fatos é a satisfação do imperativo dos interesses da vida, que quer atingir suas finalidades. Constrói-se assim o castelo da ética sobre bases escusas, que se enterram nas entranhas do mundo biológico e pouca afinidade tem com abstrações lógicas e teológicas, onde a ética pretende ser implantada para assumir valor absoluto, acima de nosso contingente. Como o homem construiu para si uma ideia toda antropomórfica da Divindade, para seu uso e consumo; como se colocou na posição de único objetivo da criação, num planeta no centro do universo, em função de valores considerados absolutos, por exemplo a imobilidade da Terra e a solidez da matéria; do mesmo modo o homem construiu para si uma ética na base de ilusões psicológicas, que a observação acurada das mentes mais adiantadas vai gradualmente desfazendo com a análise, à proporção que, com a evolução, se abre a inteligência humana.^{16 (p. 207-208)}

Há um caminho que não engana e verdadeiramente resolve o problema, sem trazer-nos sofrimentos. É pequeno, estreito e lateral, e ninguém lhes dá importância; é íngreme e incômodo, e não atrai os caçadores de vitória fácil. Termina numa passagem estreita, na qual para entrar é preciso estar nu, sem nenhuma roupagem de mentiras, despido dos enfeites das coisas terrenas, sutil e leve, espiritualizado e livre do peso da matéria. Essa passagem estreita é a honestidade, pela qual só passam os **justos**, os sinceros, os obedientes à Lei.

Seria possível sair por ali sem chocar-se com as reações da Lei, mas é difícil e ninguém pensa nisso. Para consegui-lo são necessárias qualidades que poucos têm e são duras de conquistar; requerendo-se esforços não agradáveis de fazer. Por isso, ninguém olha para esse lado, onde, no entanto, está o caminho de saída para todos os sofrimentos. Preferem-se as outras estradas, amplas e convidativas, mesmo que depois não conduzam, como é lógico, senão ao engano. É *justo* e está de acordo com a Lei: quem quer enganar seja enganado; quem se ufana de saber lograr seja logrado. Depois diz ser a vida uma ilusão; no entanto esta foi desejada pela psicologia da *astúcia*, ilude-se primeiro, quem acredita poder iludir a Lei.¹⁶ (p. 214-215)

A ética do mundo cuida muito de distinguir um grupo do outro, seja por fé, religião, partido etc., e não a distinguir honestos de desonestos, onde quer que estejam. Isto justamente porque o maior interesse destes últimos, os mais espertos, é permanecer misturados em todos os grupos com os honestos, por sua vez, os mais fáceis de serem enganados. Assim, sob outras aparências, pode fazer-se o verdadeiro jogo da vida, o de vencer na luta, e aplicar-se a verdadeira ética da vida, a de guerra, pela qual os mais *fortes* e *astutos* podem atingir os altos postos, dominando os mais fracos e simples. Eis a verdadeira ética, vigente sob as aparências da moral oficial, que oferece a palma de vencedor a quem souber fazer esse jogo, às expensas de quem não sabe fazê-lo.¹⁶ (p. 217-218)

A pior moral é a de não acreditar no que se prega, não o praticando, o que acontece frequentemente. Pensa enganar a Deus, incorrendo-se em culpa, e acarretando prejuízo para si próprio. A hipocrisia é a pior conclusão de todas as morais, onde os mestres ensinam e os discípulos ouvem, mas na realidade tudo se faz por outras razões. Pode-se formar um acordo tácito, entre ambas as partes apesar de se saber que a vida é outra coisa. Os primeiros partem o pão da verdade, os segundos o aceitam segundo as regras estabelecidas, e tudo fica na mesma. Respeita-se a tradição, acredita-se no que se deve, cumprem-se as práticas regulamentares, que mais se pode exigir? Todos sabem, por experiência própria, ser a vida, na realidade, bem diferente da teoria que se prega, dominando na prática, outra verdade, pela qual não é o melhor, e sim o mais *forte* que vence. Desta verdade não se fala, porque é muito mais honroso aparentar ser superior, cheio de qualidades nobres. Assim, os ideais na Terra podem oferecer uma utilidade na prática, que é conciliar-se as duas exigências opostas, ou seja, salvar o espírito, continuando a praticar a outra lei do mundo.¹⁶ (p. 219)

Esta luta se desenrola sub-reptícia, oculta sob as aparências obrigatórias de paz e amor, sendo a substância da vida humana na Terra. A moral, em sentido lato, torna-se um meio para enganar os simples que acreditam

nas aparências. Infelizmente, dado que no plano humano a vida tender à seleção do mais **forte** e **astuto**, isto não poderá terminar enquanto o biótipo do ingênuo não for eliminado. Se psicologicamente ele é um fraco, que pode fazer a vida, segundo a lógica da lei vigente no nível terreno, senão procurar liquidar esse biótipo, se ele não souber evoluir conquistando inteligência? Aqui estamos ainda nos primeiros degraus desta, e tudo consiste em **astúcias** de guerra. No entanto, é necessário percorrê-los, para chegar aos superiores, nos quais se compreenderá a estupidez da guerra e de suas **astúcias**. Entretanto, enquanto os ingênuos não aprenderem, nada mais lhe resta senão servir de pedestal aos **astutos** que sabem emergir, escapando às sanções das leis humanas, que ficam reservadas aos simples que não sabem defender-se. Isto é **injusto** e horrível, mas, dados os princípios segundo os quais funciona a vida no plano animal-humano, não pode chegar a resultados diferentes.¹⁶ (p. 221-222)

Acha-se o homem numa fase de transição entre a animalidade e a espiritualidade. É natural, portanto, em seu mundo, a teoria que se prega da moral, da bondade e **justiça**, esteja em contraste com a prática, dada pela moral de **força** e **astúcia**. Com efeito, o que mais se pune é o erro de deixar-se apanhar em erro. As leis humanas não punem quem seja bastante hábil de não se deixar apanhar. A verdadeira **justiça** é só aquela de não se poder fugir, como a **justiça** de Deus. A humana é uma luta entre legislador e réu, entre acusador e acusado, entre juiz e julgado, vice-versa, na qual vence o mais **forte** e o mais hábil. Na prática, o maior valor do indivíduo não é proclamado em teoria, ou seja, em obedecer à lei, mas na habilidade de saber escapar-lhe. Num ambiente de luta, onde reina o culto da **força**, é lógico ser fraqueza obedecer, e valor rebelar-se.¹⁶ (p. 224-225)

Reunificação universal

Tudo o que existe faz parte desse fenômeno sendo transportado pela correnteza. Todos aí estão, estamos todos mergulhados, sem possibilidade de evasão. Mas é justamente essa necessidade, esse determinismo obrigando-nos a subir, mesmo quando não queremos, que constitui a nossa salvação; porque Deus, embora indiretamente, constrange-nos a redimir-nos, impele-nos a evoluir, obriga-nos à própria redenção. Em sua lei, que parece desapiedada, a vida é supremamente **justa** e boa porque, exigindo nosso esforço, quer tornar-nos **fortes** para vencer, e vencer significa subir, tornar a achar em Deus a felicidade perdida. Áspero é o caminho em baixo, tanto mais penoso quanto mais próximo estamos do Anti-Sistema. Mas, torna-se cada vez mais suave, quanto mais o ser se aproxima do Sistema. Então a gravitação que o mantinha em baixo; desaparece, vencida pela atração que o eleva para o Alto. Esse é o esforço e a sorte de cada um e de todos. Assim caminha a gloriosa epopeia da vida dos mundos, guiada pelo chamado de Deus.¹⁶ (p. 231-232)

17. A LEI DE DEUS

Novos caminhos

O mundo atual parece que se está tornando cada vez pior. Mas Deus pôs limites à liberdade do homem, de maneira que este não tem o poder de parar o funcionamento da Lei que tudo rege. O mundo pode ser conduzido ao desmoronamento e ao fracasso, mas o prejuízo é somente para quem a isso o conduzir. A Lei de Deus permanece imutável. Isto quer dizer que, no meio de tantos: crimes e injustiças, a *justiça* de Deus fica de pé, e os que fracassarem serão os piores. Mas para os *justos*, para os honestos, que não mereceram a reação da Lei, fica, em sua defesa, a justiça de Deus. Perante Ele, cada um fica sozinho com o seu destino; para colher o que semeou e receber o que mereceu.¹⁷
(p. 25)

Separatismo religioso

O primeiro mal-entendido nasceu quando julgaram que nós representávamos este ou aquele grupo, e por conseguinte, que éramos inimigo dos outros grupos, inimizade para nós simplesmente inconcebível. De maneira alguma saberíamos tomar parte nessa luta de rivalidades, que requer uma forma mental para isso adaptada, que não possuímos. Assim, fugimos de qualquer grupo logo que aparece esse espírito de condenação. O mal-entendido consistiu em ter-se julgado encontrar um inimigo, onde não existia inimigo algum, e de pensar em guerra quando tratávamos apenas da maneira como resolver os problemas do universo. Isto desejaria eu aqui explicar de um modo bem claro. Não somos guerreiro; somos um pensador que não tem interesses humanos a defender. Nosso inimigo é a ignorância, causa de tantos sofrimentos, e não o homem a quem queremos ajudar. Neste mundo podemos ser presa dos *fortes e astutos*, mas não somos *forte* nem *astuto* para na Terra fazer presas.¹⁷ (p. 30)

É necessário explicar tudo isso para que meu trabalho seja compreendido. Infelizmente, em nosso mundo estamos acostumados a supor que cada palavra seja uma mentira e julgamos que somos *astutos* quando conseguimos descobrir essa mentira. Isso é o que, suponho, aconteceu também a meu respeito. Daí nasceu o mal-entendido, porque neste caso acontecia o inacreditável, isto é, que as minhas palavras eram, na realidade, verdadeiras e atrás delas não havia outra ideia para encobrir. É necessário tomar as minhas palavras literalmente, pelo fato de que elas querem dizer simplesmente o que dizem e não contêm segundas intenções. Para quem não quer conquistar

poderes na Terra, é lógico que o método seja diferente do empregado pelo mundo.^{17 (p. 33)}

O problema do destino

Seguir a Lei quer dizer seguir a vontade de Deus. Esta é uma bem estranha posição para o mundo, que ainda obedece à lei animal do mais **forte**. Seguir a vontade de Deus não quer dizer perder a própria e tomar-se autômato. Essa obediência é um estado de abandono em Deus, em absoluta confiança, como o filho nos braços da mãe. Mas, esse abandono é ativo e dinâmico, como o de quem vai atrás de um guia sábio e bom que o defende e lhe garante o êxito, desde que o seguidor queira obedecer com boa vontade, sinceridade e fidelidade. É o abandono do operário, consciente da sabedoria do patrão que manda, mas a quem, para sua própria vantagem, convém obedecer, acompanhando e colaborando. Ninguém pode negar as vantagens de trabalhar juntamente com Deus, apegado ao Todo-Poderoso. Esta é uma posição de vantagem que fornece à criatura poderes, os quais não pode atingir quem caminha sozinho, dirigido apenas pela sua própria vontade e inteligência.^{17 (p. 39)}

Se soubermos aprender esta arte de viver em harmonia com Deus, a nossa existência se deslocará do plano da injustiça e da **força** em que vive o homem, ao plano da **justiça** e da bondade em que tudo funciona com princípios diferentes. Trata-se de substituir o instinto de domínio do nosso eu individual, que vai até à revolta contra Deus, pelo desejo de concordar com a Sua vontade, num estado que, em vez de ser de separação, representada pela nossa debilidade, será, ao contrário, de união, que constitui a nossa fortaleza. Então, a vida se tornará outra coisa para nós. Ela não será jamais dirigida pelo princípio da **força** e do engano, que levam ao esmagamento e a desilusão, mas, será antes dirigida pelo princípio da **justiça** e da sinceridade, que reconhece o nosso direito a tudo de que necessitamos para viver, de acordo com o nosso merecimento. São dois princípios absolutamente diferentes. Cabe a nos, conforme os nossos pensamentos e conduta, pertencer a um ou outro desses dois planos, e por conseguinte ser regidos por princípios bem diferentes, muito menos duros e dolorosos no segundo caso. Este é um problema absolutamente individual, de escolha e resultados individuais, independente da maneira boa ou má como os querem resolver os outros. Não importa se o mundo não quer transformar-se, preferindo o contrário. Cada um pode transformar-se e salvar-se por sua conta. Cada um constrói o seu próprio destino. É lógico que Deus seja **justo**, e é **justo** que as consequências advindas do nosso comportamento sejam o efeito de causas engendradas por nós mesmos. De acordo com o mundo atual, as qualidades mais úteis para vencer são a **força** e a **astúcia**. Isso cria um estado de luta de todos contra todos, sem repouso. Esse contínuo estado de guerra é uma dura, mas merecida condenação, devida a psicologia de revolta que domina na

Terra. Pelo contrário, naquele mais alto nível de vida, a qualidade mais útil é a boa vontade de obedecer a Deus e à Sua Lei, merecendo assim, conforme a *justiça*, a Sua ajuda. Acontece desse modo um fato incompreensível para a mentalidade do mundo: quando a merecemos, esta ajuda chega por si mesma, não nos pedindo coisa alguma sequer em troca. O resultado é maravilhoso e inacreditável para o nosso mundo: a nossa vida passa a ser garantida, e tudo é providenciado de maneira a não nos faltar nada. Mas, isso pode verificar-se somente quando o tivermos merecido, cumprindo o nosso dever perante a Lei, vivendo conforme a vontade de Deus.¹⁷ (p. 39-41)

Surge então uma coisa que o mundo não acredita seja possível: para chegar a possuir o de que precisamos e para alcançar sucesso não é necessário *força* ou *astúcia*. Basta tê-lo merecido, como a *justiça* o exige. Aqui não é o prepotente ou o *astuto* quem vence, mas o homem *justo* que cumpre o seu dever. Somos, num nível de vida mais evoluído, regidos por um princípio mais alto. Trata-se de um nível ao qual pertencem os indivíduos mais amadurecidos.¹⁷ (p. 41)

Em harmonia com a Lei

Os que não possuem esta inteligência e boa vontade, os que estão ainda mergulhados na ignorância e na revolta, ao invés de aceitar, rebelam-se, aumentando assim as suas faltas, piorando a sua posição, amontoando novas dívidas por cima das antigas. Estão acostumados a usar o sistema próprio do plano de vida animal do homem na Terra, segundo o qual o mais *forte* é o que vale e vence. Mas, não sabem que esse plano de vida inferior encontra-se regido pelas leis dos planos superiores, que a violência só pode dar fruto na Terra e unicamente nesse baixo nível de vida é passível o domínio da injustiça. O que esse tipo de homem julga ser a lei de tudo, não é senão a lei do seu ambiente terrestre. O homem usa, assim, um método errado, o método da revolta, pensando que por seu intermédio consegue vencer, impondo-se, quando, na verdade está usando um método que serve apenas para fabricar a dor.¹⁷ (p. 48)

A infalibilidade da Lei

Continuamos, assim, todos mergulhados no mesmo pântano: ricos e pobres, cultos e ignorantes, poderosos e fracos. Alguns que se julgam mais *astutos*, procuram emergir do Pântano, amontoando riquezas, enganos e crimes, pisando os outros, para atingir a felicidade. Mas, esta é instável, porque falsa, disputada contra mil rivais cícosos, roída por dentro pela natural insaciabilidade da alma humana. E, mais cedo ou mais tarde, na luta de todos contra todos,

também os poucos que emergem, acabam afundando-se e desaparecem, tragados pelo pântano comum. Que jogo torpe é a vida! Esta seria a conclusão.¹⁷
(p. 54-55)

Aparências e realidades

Minha maior satisfação foi a de ter descoberto que o mundo é regido pela sabedoria, bondade e *justiça* de Deus, conclusão a que chegamos no capítulo anterior. Mas, se tudo é regido por Deus, o universo é uma máquina perfeita e o nosso mundo não é só o que pode parecer, isto é, o reino da desordem e do mal. Há uma realidade diferente para além das aparências. Minha grande satisfação foi o ter descoberto essa outra realidade. Olhando em profundidade, cheguei a ver que o pior está na superfície e que, debaixo dessa, se encontra um outro mundo regido por uma outra lei, feita de sabedoria, *justiça* e bondade. Esta lei é a Lei de Deus, que da profundidade tudo dirige. Este é o terreno de pedra resistente onde se pode construir sem perigo de enganar. Esta é a fonte que pode saciar quem tem sede de *justiça*, de bondade e de verdade. Então, a vida não é um caos de lutas desordenadas, onde há lugar só para os mais *fortes*, que costumam vencer de qualquer modo, mas é um lógico e *justo* trabalho de experiências, é um caminho dirigido para nossa felicidade. Realmente, não vivemos ao acaso, abandonados a nós mesmos, perdidos neste imenso universo desconhecido, mas temos um Pai nos Céus, o Qual, se com a Sua *Justiça* golpeia os maus, fazendo-o para o bem deles, também recompensa os bons, que merecem. Podemos contar com Ele e n'Ele confiar. Ele mantém sempre Sua palavra, que está escrita na Sua Lei, e concede-nos o que tivermos merecido. Ele vela por todos nós. Temos pois, Alguém que defende nossa vida e que está pronto a ajudar a todos, bons e maus, para levá-los ao bem e à felicidade. Somos elementos constitutivos e cidadãos dum universo orgânico, em cujo seio a Lei coordena nossa vida em relação a todos os outros elementos, todos irmanados em função do mesmo princípio central diretor, orientados e impulsionados para a mesma finalidade, que é a salvação universal.¹⁷ (p. 98-99)

Esclarecer tudo isso, como estamos fazendo, se representa um aviso para os maus, não há dúvida que constitui um grande consolo para os bons. Desloca-se assim completamente o conceito da vida. O mais *forte* é Deus e quem está junto d'Ele, porque vive conforme Sua Lei. O verdadeiro poder não está nas mãos dos prepotentes e *astutos*, como parece ao mundo. Coisa incrível para quem não sabe ver além das exterioridades. O poder está nas mãos dos honestos que, pelo fato de obedecerem a Deus, com Ele colaboram e são por Ele protegidos. Podemos, assim, ter confiança na vida porque ela está sempre bem dirigida por Quem tudo sabe, mesmo quando ela se encontra repleta de ignorância; está bem comandada pela divina bondade, mesmo quando somos

maus; está sempre dirigida para o nosso bem e felicidade, mesmo quando vivemos na dor.^{17 (p. 99-100)}

O edifício da evolução

Assim, enquanto permanece o desejo de felicidade, vamos merecendo sempre mais sofrimento, porque a velocidade adquirida nos leva sempre mais para baixo. A felicidade que alcançamos por meios ilícitos ou atalhos, para escapar a Lei, não é o salário merecido de nosso trabalho, mas sim um roubo, algo conseguido fraudulentamente. E julgamo-nos inteligentes e hábeis quando conseguimos realizar isso. Acreditamos ser inteligentes por ter imaginado enganar a Lei. Mas, isto é *astúcia*, é inteligência dos loucos, porque não se pode enganar a Lei. Este é um raciocínio às avessas, porque o engano sempre volta sobre o enganador. Significa disparar uma arma contra si mesmo. Não se pode evadir da *justiça* de Deus. O dia da prestação de contas acabará por chegar, tudo terá de ser pago. Que acontece então? Acontece o que vemos no mundo: desastres. Eles, de fato, representam o ponto final da queda da avalanche. Eis onde acaba a grande sabedoria dos *astutos* deste mundo. Assim, a loucura humana fica enquadrada dentro da perfeita lógica da Lei.^{17 (p. 121-122)}

O funcionamento da Lei

Mas, os *astutos* do mundo querem continuar com as suas *astúcias* e revoltas, e assim sofrem mais. Infelizmente, esta é sua forma mental, e não há coisa tão difícil como a de sair da própria forma mental. Ninguém compreende além de suas possibilidades, além daquilo que o ser possui, porque o adquiriu com a sua experiência e evolução. Não compreender quer dizer errar e depois ter de pagar. A grandeza e a sabedoria da Lei está em não ser enganada. Procurar escapatórias significa, em última análise, construir para si armadilhas e nelas ficar preso. A Lei está feita de tal maneira que, a cada tentativa de nos evadirmos, acabamos constrangidos à sua obediência. A Lei não pode ser subjugada nem torcida pela *força*, não pode ser corrompida por dinheiro, nem vencida com armas, não pode ser frustrada com o tempo, nem desviada e defraudada em sua *justiça*. Não vale a pena lutar contra ela. Que pode a *astúcia*, a maldade, a *força* do homem contra uma potência imaterial, invisível, presente sempre, em todos os lugares e em todos os tempos, a tudo e a todos absolutamente superior em inteligência, domínio e disponibilidade de recursos? Desafiar uma tal Lei! Julgando ser possível vencê-la, pode apenas ser fruto duma grande ignorância.^{17 (p. 127-128)}

O maravilhoso é que a Lei de Deus está pronta a entrar em ação em qualquer lugar, inclusive em nosso mundo inferior, tão logo a aceitemos e vivamos. Quem faz isto toma-se parte dela, como cidadão duma nova pátria, adquirindo, assim, o direito de possuir o poder, os recursos e as defesas que a Lei confere aos seus seguidores. Estes, também em nosso mundo, tornam-se assim os mais **fortes**, porque são protegidos por Deus. O universo está dividido em duas partes: a da Lei, onde estão os bons, e a dos rebeldes, contra a Lei, onde estão os maus. O dualismo que tudo domina, nos demonstra claramente que vivemos num universo despedaçado: Deus e Antideus, bem e mal, vida e morte, felicidade e dor, luz e trevas, e assim sucessivamente. O que mais quereríamos demonstrar nestas palestras são as vantagens de pertencer do lado da Lei, isto é de Deus, e não do lado da anti-Lei, isto é, do Antideus. Viver e agir ao lado da Lei e de Deus, quer dizer operar conforme a **justiça**. Ora, o homem que vive de acordo com a **justiça** sabe, em consciência, diante de Deus, que verdadeiramente tem razão e isto lhe confere total segurança; e não a possui, quem, pelo contrário, não age de acordo com a **justiça**, conscientemente, perante Deus. Essa consciência íntima de estarmos limpos, cumprindo um dever, constitui nossa **força, força** que nos faz vencer. Essa convicção profunda, de que a **justiça** tem de triunfar quando somos **justos**, nos dá a certeza da vitória.^{17 (p. 130-131)}

Deus protege os **justos**, eles merecem Sua proteção. Quando um homem se coloca, com a sua conduta, do lado oposto ao da Lei, do lado da anti-Lei, emborça-se a situação. Deus não o protege. Ele não pune, não se vinga. Deixa o ser na posição escolhida por ele mesmo, a de quem está fora da Lei. Então, ele fica abandonado, sozinho, entregue apenas as suas pobres **forças**, o que quer dizer, perdido e sob o poder de todas as **forças** negativas que procurarão unicamente destruí-lo. Quando as criaturas se ausentam de Deus, afastando-se d'Ele, voltam aos seus instintos inferiores e caem, e com isso se autocastigam, agredindo-se umas às outras, mergulhando sempre mais numa atmosfera de destruição. Isso, porque Deus é amor e vida, e para quem se afasta d'Ele não há senão ódio e morte De tudo isso não há como fugir, porque é automático, fatal, faz parte da estrutura e do funcionamento da Lei. Tudo fica submetido a sanções invencíveis e absolutas, que o ser não pode, de boa ou má vontade, recusar.^{17 (p. 131-132)}

A conclusão deste capítulo é a declaração da imensa superioridade, inclusive na luta pela vida, do homem **justo**, e a inferioridade daqueles que julgam ser hábeis por serem **astutos**, entre os enganos do mundo. O primeiro está progredindo no caminho do equilíbrio, para a harmonia, que constitui a felicidade; o segundo tipo desce sempre mais, abismando-se no desequilíbrio, na desordem, que constituem a infelicidade.^{17 (p. 132)}

Escola da vida

Não há dúvida que um Evangelho verdadeiramente vivido realizaria a mais benéfica revolução do mundo, porque, renovando a nossa maneira de conceber a vida, reformá-la-ia de alto a baixo. Mas, isso é problema coletivo. Infelizmente, cada um fica esperando que seja o próximo o primeiro a movimentar-se no duro caminho da renovação. Aqui, nestas conversas, falamos do esforço individual, pelo qual cada um, de maneira independente da conduta dos outros, pode plasmar para si, à vontade, o destino que quiser. Já dissemos que o problema da salvação é problema absolutamente individual, independente da vontade dos vizinhos. Quando alguém cai no seio de um carma coletivo, é porquê fez por merecê-lo. Esta conclusão é um convite a que cada um comece a viver esses princípios, para sua própria vantagem. Não têm importância as formas em que quisermos realizá-los. É possível ter boa conduta e ser **justo** em todas as religiões. O que importa é a substância, que é precisamente ser **justo**. Quando Deus julga os seres não leva em conta se pertencem a esta ou àquela religião, mas se foram **justos**, por terem vivido a Sua Lei. Não estamos falando em favor de grupo particular algum, mas unicamente em favor de Deus que está acima de todos.^{17 (p. 134-135)}

Em busca da felicidade

Mencionamos anteriormente o Sermão da Montanha, de Cristo. Este Sermão sintetiza em poucas palavras aquilo em que a Lei quer que nos tornemos, chamando de bem-aventurados os que atingirem aquele nível superior de vida ao qual o Sermão se refere. Por estas palavras do Evangelho, a Lei nos diz o que nos aguarda se obedecermos a ela, adquirindo as qualidades dos mais evoluídos, isto é, sermos humildes de espírito, pacientes nos sofrimentos, mansos, **justos**, misericordiosos, limpos de coração, pacificadores etc. Eis as palavras de Cristo, no Discurso da Montanha: “Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus. – Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra. – Bem-aventurados os que têm fome e sede de **justiça**, porque serão fartos. – Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. – Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus. – Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus. – Bem-aventurados os que têm sido perseguidos por causa da **justiça**, porque deles é o reino dos céus... Alegrai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus...”^{17 (p. 143-144)}

“Bem-aventurados os soberbos, porque eles terão de sofrer tantas humilhações até aprender a lição de humildade e assim, deles será o reino dos céus. – Bem-aventurados os que gozam demais, só pensando em si e para além

dos limites razoáveis, porque terão de sofrer necessidade e abandono, até aprender a regra da *justa* medida e do amor ao próximo e, então, serão consolados. – Bem-aventurados os prepotentes, os ferozes, os guerreiros, porque tanto serão esmagados pela prepotência, ferocidade e agressão dos outros que se tornarão mansos e, então, herdarão a terra. – Bem-aventurados os que sustentam e praticam a injustiça, porque tanta injustiça terão de receber que compreenderão quão duro é ter de estar submetidos a ela e, então, por terem aprendido à sua custa a ambicionar a *justiça*, desta serão fartos. – Bem-aventurados os desapiedados, porque não encontrarão misericórdia e, por demais a invocarem para si sem recebê-la, compreenderão a necessidade da bondade e do perdão, alcançando, então, misericórdia. – Bem-aventurados os que não são limpos de coração, porque ficarão tão submersos na ignorância e na maldade, com os consequentes erros e dores, que purificarão seu entendimento, e assim compreenderão a Lei e verão a Deus. – Bem-aventurados os que gostam de brigas e de disputas, porque pelo fato de não conseguirem encontrar paz, almejá-la-ão e procurá-la-ão em toda a parte, até que se tornarão pacificadores, e então serão chamados filhos de Deus – Bem-aventurados os que perseguem com injustiça os *justos*, porque tanto serão perseguidos pela sua própria injustiça, que aprenderão a ser *justos*, e então deles será o reino dos céus... Alegrai-vos e exultai, todos vós que quereis rebelar-vos contra a Lei, porque grande é o sofrimento que vos espera e assim tereis de aprender a lição da obediência, pela qual ganhareis um grande galardão nos céus”¹⁷ (p. 145-146)

A realidade dos instintos

A absoluta exigência de sobreviver contra todos os assaltos num ambiente hostil, gerou no animal o indispensável instinto de conservação, ensinando-lhe o egocentrismo e a arte do ataque e da defesa. A função destes instintos é a de construir o indivíduo, *forte* e *astuto*, apto a defender-se a si mesmo, inclusive atacando: – o vencedor na luta pela vida. Querendo reforçar a sua individualidade e fortalecer as suas defesas, no homem nasceu o *egoísmo* separatista e a agressividade bélica, e ele se tornou guerreiro, escravizador de vencidos, dominador de povos. Em consequência de tudo isso nasceram os males que atormentam a humanidade e com os quais a Lei quer restabelecer a ordem. Explica-se, assim, como no homem nasceram esses instintos e também a necessidade de corrigi-los, reconduzindo-os à sua *justa* medida.¹⁷ (p. 163)

O fracasso da astúcia

Ao contrário, a maior inclinação do indivíduo parece consistir em pensar só em si, descuidado dos prejuízos que pode ocasionar aos outros. Surgem assim os **astutos** seguidores do caminho mais curto. A sua maior tentação é a de saltar para além dos outros. Escolhem as estradas mais fáceis, que encurtam distâncias, para serem os primeiros, por qualquer meio. Infelizmente, a inteligência deles está se desenvolvendo só neste nível primitivo do individualismo caótico, ainda incapaz de compreender qualquer forma orgânica de funcionamento coletivo. Em nosso mundo, acontece então o que aconteceria numa estrada onde cada carro corresse por sua conta, sem regra alguma, procurando vencer os outros passando à frente deles. A sabedoria desses **astutos** que se julgam tão hábeis, que querem somente sua própria vantagem, acaba no que vemos sempre acontecer, isto é, esmagamento recíproco, revoluções, guerras, destruição. Quem vence, no fim, não é um vencedor. Restarão apenas o caos e o sofrimento que permanentemente dominam o mundo.¹⁷ (p. 182-183)

O mundo está cheio de **astutos** seguidores do caminho mais curto. Eles estão presos às suas miragens de felicidade: a riqueza, a glória, o poder... Impele-os a cobiça, o orgulho, o desejo de domínio... E pensam: por que escolher o caminho longo do trabalho honesto, do verdadeiro valor, dum finalidade de bem, que conforme a **justiça** nos dê direito à recompensa merecida, quando ali o atalho está pronto, convidando-nos a encurtar o caminho? É lógico que os conhecedores da ciência do proveito imediato, a curto prazo, pratiquem esse outro método, menos fatigante e mais vantajoso. Seria loucura trabalhar e produzir, quando com o roubo se pode enriquecer mais fácil e rapidamente; quando se pode satisfazer o próprio orgulho chegando à glória com o engano e a mentira; quando há tantos atalhos para saciar o próprio desejo de domínio, chegando ao poder. Assim pensam e fazem os **astuciosos**, enquanto olham com desprezo para os simples, que avançam ordenadamente na estrada de todos. Mas, nem por isso deixa de subsistir a Lei, que, empurrando os **astutos** para o abismo, com a destruição deles, procura libertar a vida dos elementos parasitários, semeadores tão somente de desordem e sofrimento.¹⁷ (p. 183-184)

A justiça da Lei

Continuemos observando outros aspectos do problema de nosso comportamento com respeito à Lei, para ver quais são as consequências de nossos diferentes atos e a maneira como nos conduziremos melhor para evitar erros e sofrimentos. Verificamos que nossa vida atual esta regida pela lei da

luta, em que o mais **forte** vence e domina. Isto significa que a todo momento estamos sujeitos a receber ataques. Daí a necessidade duma defesa. Que nos diz a Lei a esse respeito? Como resolve ela o problema? Quais são nossos direitos e deveres? Qual a conduta que nos conduz a resultados melhores? Qual deve ser nossa reação ao ataque? Qual o método mais sábio e vantajoso para resolver o caso?¹⁷ (p. 188-189)

O Evangelho e o mundo

O que temos dito até agora explica e justifica o método da não-resistência pregado pelo Evangelho. Agora chegamos a compreender o seu significado, seus objetivos, a razão de sua existência. Trata-se do método de vida mais adiantado e perfeito que existe. Trata-se do sistema dos que pertencem a um plano de existência superior. Trata-se, como num trabalho de introspecção, de colocar-se perante Deus, examinando nossa consciência, para ver o que de verdade merecemos. O homem é livre para escolher entre os dois métodos, o que prefere, mas não é livre para deixar de aceitar as consequências de sua escolha: 1) O método revela o grau de evolução atingido. 2) O método do mundo, que é o da luta pela seleção do mais **forte**, está adaptado para desenvolver só a inteligência do tipo biológico egocêntrico, separatista, que vive no plano animal, inteligência de curto alcance, sujeita a todas as ilusões sensoriais e psicológicas do ser primitivo, que ignora a verdadeira natureza da vida e a estrutura do universo. 3) O método do Evangelho, que é o da não-resistência, esta adaptado para desenvolver a inteligência do tipo biológico **altruísta**, unitário, que superou o plano animal e vive na fase da colaboração fraternal dos grandes organismos sociais, nos quais a luta foi banida por ser contraproducente. Inteligência de longo alcance, que chegou a compreender a realidade, além do jogo das ilusões, e pode por isso orientar, com conhecimento, o homem na sua conduta. 4) O método do Evangelho é o único que resolve a luta, o que não sucede com o método do mundo, porque este só gera uma série de ações e reações sem fim. O mundo não pode deixar de aceitar as consequências do método que ele mesmo pratica, que neste caso significa guerra contínua. Esta, parecendo uma triste condenação, está implícita no sistema hoje vigente; não é senão uma consequência inevitável da involuída psicologia do homem e da sua respectiva conduta, devida ao seu nível de evolução.¹⁷ (p. 196-197)

A coisa mais importante é ficarmos isentos de qualquer dívida; o segredo de nossa vitória não é o de possuímos **força**, mas de estarmos limpos de qualquer mancha. Por isso, não devemos ficar ligados ao ofensor, que representa a injustiça, nem sequer por um pensamento de vingança. Quem apenas perdoa, não reage e não exige compensação, mas admite a ofensa e a

dívida dos outros a seu respeito. Mas, para que se desloque completamente de nós para a Lei a função da realização da *justiça*, é necessário não conservar na própria mente nem a lembrança da ofensa nem a do ofensor. Não significa isso que a experiência não tenha de ser aprendida, mas, sim, venha a completar-se no esquecimento definitivo, que é o único que resolve, para que o caso não se repita, e não continue numa cadeia de novas injustiças sem fim. É difícil sair dessa rede, uma vez que caímos nela. À *força* de injustiças, nunca será possível chegar à *justiça*, ao passo que, perdoadando e esquecendo, se entregarmos tudo à Lei, perante ela ficam de pé e terão de ser solvidos, em perfeita *justiça*, o débito do ofensor e o crédito do ofendido. Perdoar não quer dizer que o primeiro não tenha mais de pagar, e que o segundo não tenha de receber. É erro acreditar que o perdão seja para nós contraproducente. Ele representa vantagem, porque liberta quem perdoa de todas as más consequências, ao mesmo tempo que não apaga o débito do ofensor, o qual não tem de prestar contas a um homem (o ofendido), mas ao próprio Deus. Só assim se pode sair do plano da injustiça baseada na *força*, que é o plano do mundo, e entrar no da *justiça*, que é o de Deus, o que para o homem *justo* representa a melhor posição e vantagem.¹⁷ (p. 202-203)

A impecável justiça da Lei

Ao recebermos uma ofensa, em vez de nos dirigirmos ao ofensor, deveríamos falar com Deus e com nós mesmos, para saber onde está a verdadeira causa da ofensa: se ela se encontra dentro de nós, em lugar de se encontrar nos outros. No método da não-resistência o problema está equacionado de uma forma completamente diferente da do mundo; em geral cada um prefere atirar a culpa sobre os outros ao invés de reconhecer-se culpado. Num sistema de *justiça* tal como é o da Lei, se esta nos golpeia, como se pode admitir que a culpa seja dos outros? De fato, se alguém vive de acordo com a *justiça* e recebe um ataque não merecido, a Lei, por si mesma, pelo seu princípio de *justiça*, defendê-lo-á, quando ele praticar o método da não-resistência, de modo que a reação não terá mais sentido. Ele já se colocou dentro do equilíbrio da Lei. Sendo *justo*, para que se realize a *justiça*, ele tem de ser protegido pela Lei, a qual o defenderá como sendo coisa sua, que faz parte do seu sistema. Só ao mundo pertence o erro de enredar-se no sistema desequilibrado de reações e injustiças recíprocas, num encadeamento sem fim, porque não se pode reequilibrar o desequilíbrio acrescentando novos desequilíbrios. E ao equilíbrio não se pode chegar a não ser pelos caminhos reequilibrastes da não-resistência.¹⁷ (p. 207-208)

A conquista do poder e a justiça social

Até esse ponto tudo está bem equilibrado em seu devido lugar. O chefe é o mais **forte** e mais **astuto**. Isto, em seu plano, lhe confere o direito de ser chefe. Direito reconhecido, também, pelos seus subordinados, possuidores da mesma forma mental. Mas, até quando dura tudo isso? Se a posição se baseia na **força** e na **astúcia**, ela vai durar enquanto houver **força** e **astúcia**. O chefe tem de provar isso a todo momento, pois todos os que são dominados e rivais, tendo a mesma forma mental, estão prontos a agredi-lo, para apoderar-se do poder. Todos: estão mergulhados na mesma atmosfera de luta e mesmo se o chefe não quisesse usar esses métodos, os subordinados o constrangeriam. São eles os primeiros a exigirem da parte do chefe esse tipo de poder, muito embora não correspondente à função de cérebro diretor de uma sociedade orgânica, a qual espontaneamente, para sua vantagem, deve reconhecer no seu chefe o cérebro cumpridor de uma função de interesse coletivo. Nos planos inferiores, quando um chefe não mostra sua **força**, são os próprios subordinados, antes constrangidos à obediência, que o eliminam. A toda hora ele tem de dar provas de saber dominar e ser o mais **forte**.¹⁷ (p. 215-216)

Os que tiveram de obedecer tudo isso aprenderam na escola do chefe. Agora eles vão ensinar ao mestre. Observaram o suficiente, e acabaram por se dar conta do que se acha atrás dos bastidores das bonitas teorias do domínio em nome de Deus, do direito, da **justiça**, para o bem do povo e do progresso do mundo etc. E por muito andarem nesse caminho, descobriram uma verdade diferente – a da luta pela vida – na qual o mais **forte** vence para atender ao seu interesse, posição aberta a qualquer um, logo que dê prova de ser o mais **forte**.¹⁷ (p. 218-219)

A Lei aplicada à História

Luís XIV foi rei absoluto. Ele dizia: “*L'etat c'est moi*” (“O Estado sou eu”). Hoje isto seria considerado tirania. Porém, ninguém no seu tempo o considerou tirano, enquanto que como tal foi chamado o meigo Luís XVI, tão ecônomo para si e amigo do povo. Por que razão ninguém reclamou contra Luís XIV que era tirano e todos reclamaram contra Luís XVI que não o era? O primeiro não foi julgado tirano porque tinha o poder da **força** e da inteligência. O segundo foi chamado tirano porque era simples e fraco. Luís XIV, que quis chamar-se “*le Roi Soleil*” (“o Rei Sol”), usou o poder na forma que, era mais adaptada tanto para si como para seus súditos, a do nível de evolução atingido por todos eles naquele tempo. A forma mental nesse nível é o egocentrismo e o rei não podia ser senão a expressão mais completa dessa forma, o modelo da psicologia então vigorante, isto é, o exemplo máximo do individualismo

egocêntrico. Para cumprir a função de cuidar do seu povo, era necessário que ele o considerasse como sua propriedade, porque nesse nível evolutivo o homem não sabe superar o seu egocentrismo e por isso não cuida de coisa alguma que não seja a sua própria. Dada essa forma mental, aquele rei não podia fazer seu trabalho senão em função do seu orgulho pessoal. E o seu povo, que tinha os mesmos instintos, compreendeu e aceitou o rei dominador, como coisa natural. De fato, nesse nível, ao mais **forte** pertencem todos os direitos e, por virtude da sua **força**, ele merece respeito. Por outro lado, os povos não tinham consciência coletiva alguma e, se o rebanho não recebesse seu chefe à **força**, por imposição, conforme as leis naturais, as ovelhas não possuíam conhecimento algum para escolhê-lo.¹⁷ (p. 220-221)

Vemos aparecer aquele que o povo chamou de tirano: um homem sobretudo bom, que teria sido um ótimo pai de família, um rei que pensava ser o pai do seu povo. Para não derramar o sangue do povo, ele afastou de Versalhes os batalhões na hora em que mais precisava de defesa, porque a multidão estava próxima a chegar a levá-lo com a família para Paris, onde iria encontrar a morte. Este era o tirano. Mas os tempos estavam maduros. A injustiça dos abusos da aristocracia e do clero havia sido cometida e agora era necessário saldar contas e pagar a dívida perante a **justiça** da Lei. Eis, então, a História atingindo seu objetivo: lança na boca do povo esse rei manso para que seja mais fácil devorá-lo. Se estivesse reinando Luís XIV, que não possuía apenas muito orgulho, mas também poder, que não tinha apenas **egoísmo**, mas também habilidade política e militar, o povo teria encontrado um osso duro demais para roer e, perante a **força**, teria achado **justo** tudo respeitar. Seria absurdo proclamar direitos, quaisquer que fossem sua necessidade e seus sofrimentos. A injustiça sempre existiu, mas só foi reconhecida como tal agora, quando a fraqueza do governo permitia ao povo tornar-se proporcionalmente **forte** para impor com a **força** sua própria **justiça**.¹⁷ (p. 222-223)

A evolução da História

Sendo a psicologia de todos os primitivos a mesma, nosso homem tinha de mostrar, para ser ouvido e seguido, suas credenciais, dando testemunhos de seu valor. Ora, quem vive longe dos centros, na periferia da civilização, permanece sempre com os olhos fixos e os ouvidos atentos para aqueles, ávido de aprender e imitar. O peregrino chegava desses centros, e lá trabalhara e vencera. O homem, para estimar, exige uma prova de poder, seja material ou econômico, de inteligência ou espiritual, mas de qualquer forma, a prova de ter sabido vencer em qualquer campo. E o sinal não é menos convincente, se tiver sido conseguido em campo menos compreensível. Uma das razões por que as multidões modernas admiram os cientistas, é o fato de

eles manejarem matéria inacessível a elas. Assim, é tanto mais fácil convencer quanto mais se chegue precedido da fama das próprias vitórias. Aos próprios santos era tanto mais fácil arrastar as multidões, quanto mais poderosa a seu respeito se formavam a lenda de prodígio e a auréola de santidade. Mesmo no plano espiritual, a vida premia o **forte** que sabe vencer.¹⁷ (p. 232-233)

Após muita discussão, um dia partiu o peregrino, desarmado, para a cabana do **Lobo**. Entretanto, acompanhavam-no alguns homens **fortes** e bem armados. Deixou-os em certo ponto, escondidos entre as árvores, de sobreaviso, para socorrê-lo, se houvesse necessidade. E encaminhou-se sozinho para a choupana.¹⁷ (p. 236)

Assim, chegou à cabana. Chamou. Nenhuma resposta. Aproximou-se e bateu. Ouviu um barulho de ferragens e logo apareceu um homem **forte**, alto, de aspecto feroz. Olharam-se. Olharam-se ainda mais, nos olhos. Nos momentos decisivos, da vida ou da morte, o esforço da vida se concentra no silêncio. As coisas mais graves são compreendidas sem palavras. Com o olhar eles se mediram e se pesaram. O **Lobo** em seu instinto de fera, compreendeu que se achava diante do um homem inerme. O fato de não se achar diante do antagonista que imaginava desarmou sou primeiro ímpeto de agressão. O recém-chegado não era um inimigo. Quem era então? E que podia querer dele? E quem lhe dera coragem de chegar até lá, desarmado?¹⁷ (p. 237-238)

Estava cumprido o milagre. O Bem, Deus, o Amor, tinham sido mais **fortes** e haviam vencido.¹⁷ (p. 240)

Infelizmente, as rivalidades no terreno religioso foram, e são ainda, sempre grandes, justamente onde, por mais aproximar-se de Deus, deveria ser maior o amor ao próximo. A finalidade de qualquer religião deveria ser sempre a de pacificar e unificar. Qualquer religião que não trabalhe nesse sentido, pode considerar-se irreligiosa, realmente contrária à religião. Mas, infelizmente, elas operaram em sentido exclusivista, de grupo, centralizador e imperialista, com espírito de expansionismo dominador e proselitismo. Essa é a natureza do homem em sua fase atual de evolução e ele não sabe comportar-se diferentemente em outro campo. A compreensão recíproca, a colaboração, a organicidade da coletividade social, ainda são para ele conceitos inatingíveis. Ainda é guiado pelo instinto gregário, pelo qual ele apenas sabe fazer alianças de grupo, fortificando-se nelas para condenar e procurar eliminar todos os outros grupos que não sejam o próprio. A humanidade vive, em todos os campos, mesmo no religioso, em regime de lutas, e qualquer ordem só é concebível como resultado de uma disciplina imposta por alguém mais **forte**, e, por isso, pelo vencedor. Daí, em todas as religiões, as mesmas qualidades, próprias do homem: absolutismo, dogmatismo, farisaísmo, proselitismo, imperialismo etc. É a natureza egocêntrica do ser humano que o leva a ser tal

em todas as suas manifestações e a conceber também as religiões como uma potência que cresce por centralização e por expansionismo centralizador. É por isso que os diferentes pontos de vista das nossas verdades relativas e progressivas, são tomados como verdades absolutas, mesmo nas religiões que, em suas palavras, dizem o contrário. Este é o estado de fato.¹⁷ (p. 241-242)

Sejamos práticos e positivos. Todos, teoricamente, desejariam ser bons e honestos. Mas, os homens de todas as religiões querem, antes de tudo, viver, e que vivam também suas esposas e seus filhos. É por isso que lutam e, se não são bons e honestos, é porque, para viver, eles se põem a escorchar o próximo. E quanto mais a família é sadia e compacta, mais representa ela um castelo bem defendido contra todos. Quanto mais o chefe é *forte* e hábil, melhor sabe ele cumprir o dever de defender sua esposa e filhos, e mais essa família é um carro armado, de assalto e defesa, contra as outras famílias, como cada nação o é contra as outras nações. Ora, é evidente que a máxima evangélica do **“ama a teu próximo”**, neste mundo, é totalmente utópica. Demonstra-o o fato de que ninguém, ou quase ninguém, a aplica completamente. Reduz-se ela, assim, a um desejo piedoso, a uma afirmação teórica, a um sentimentalismo mais ou menos hipócrita. Mas, então, por que Cristo quis fazer e transmitir essa afirmação? Seria Ele, talvez, um sonhador, que não conhecia as condições reais e as exigências de nossa vida?¹⁷ (p. 246-247)

Não. Cristo não se colocava fora da realidade da vida, ignorando suas leis e pedindo o impossível. Se estas são, inegavelmente, as condições atuais do homem, ainda imerso no plano biológico animal, esse mandamento exprime a lei de um plano biológico mais alto, que o homem terá de atingir e, começando a praticá-lo e a aprender, dessa maneira, uma nova norma de vida, ele deve preparar-se desde agora para entrar naquele plano. As leis da vida mudam, relativamente ao grau de evolução que se atingiu. A lei feroz da luta pela seleção do mais *forte* é lei em nosso plano animal, em que os seres não se conhecem uns aos outros. Encontram-se num estado caótico em que o indivíduo está sozinho, com suas *forças*, contra todos. É lógico que a natureza, a esse nível, premie o mais *forte*. Neste mundo ainda não nasceu o novo homem civilizado do futuro, o homem orgânico das futuras grandes unidades coletivas. Esse novo homem colabora com o próximo e suas atividades e, ao invés de colidir com ele, coordena-se; ao invés de tender a destruições mútuas na luta, soma para o bem de todos, com grande vantagem para o bem de cada um.¹⁷ (p. 247)

18. A TÉCNICA FUNCIONAL DA LEI DE DEUS

Verdades e morais relativas

Para um selvagem, na sua inocência, pode parecer *justo* roubar e matar, quando isso lhe servir para a sobrevivência. Terá remorso e se julgará inepto se não tiver roubado, matado suficientemente, porque sua consciência animal lhe diz que faz bem quando age em benefício próprio. Essa é a prova mais convincente à sua consciência, fato indiscutível que, matando e roubando, tem vantagens. O bom sabor da carne humana e o bem-estar do ventre saciado persuadem de forma indubitável o antropófago de que comer o homem branco é coisa boa; como a posse da botina roubada que permite gozar melhor a vida persuade o ladrão de que é ótimo roubar sem se deixar prender; como saber usar a *astúcia* para enganar a boa fé dos honestos, pela vantagem dela obtida, persuade o *astuto* de que a hipocrisia é louvável. Cada um no seu nível está certo e, na sua ignorância, tem razão. Ele é, pois, a seu modo, inocente. Mas isto não o impede de receber o que merece, a pena máxima não é, como se pensa, ficar momentaneamente derrotado na luta, mas ser uma criatura daquele nível e o dever de aí permanecer, quem sabe por quanto tempo, mergulhado nas trevas e nas dores relativas.^{18 (p. 14-15)}

O homem espiritual diante das religiões de massa. A religião unitária e científica do futuro

Para o ser situado no Anti-Sistema, dirigido em sentido contrário, isto parece um erro, porque ele não consegue a alegria que buscava, mas a dor; não um sucesso, mas uma derrota. Não compreende o porquê de não conseguir os seus objetivos, mas aquela dor e aquela derrota o salvam; por esse caminho, alcança os fins da Lei, que são a seu favor e não contra. O objetivo final é a salvação e o ser a atinge contra a sua vontade, obrigado pela Lei a mover-se em direção contrária àquela escolhida por ele, no início dos seus movimentos. Explicamos, assim, como a procura da felicidade, feita com os métodos do mundo, termina sempre na dor, isto é, exatamente no devido ponto, seguindo o caminho *justo*: a correção do erro e não o sucesso do mal.^{18 (p. 23)}

Descobrimos, dessa forma, quais os meios de defesa da Lei fornecidos aos *justos* que parecem inermes no mundo. O Sistema não os abandona, porque o Sistema está presente também no Anti-Sistema, em seu íntimo, vivo, como uma alma que o sustenta. O homem, que vive segundo a Lei e com isso se põe no campo de ação direta do Sistema, é mais potente do que o outro que vive

contra a Lei, na posição inversa e negativa do Anti-Sistema. Deste mecanismo a ciência ainda nada sabe, entretanto ele funciona. Continua a tentativa de mudança do Sistema em Anti-Sistema. Tentativa desvairada, porque só serve para despertar na Lei reações que depois se pagam com a própria dor. No entanto, com uma reta conduta, lançando essas *forças* na direção *justa*, poder-se-ia recolher o bem, em lugar do mal, conseguir destinos de paz e de alegria, nunca de ansiedades e sofrimentos.^{18 (p. 23-24)}

A atual fase evolutiva da sociedade humana

O respeito pelo passado, reconhecimento do valor da função por ele desempenhada, não pode e não deve impedir a transformação de um tipo de vida mais evoluída. A religião, que outrora detinha o poder político e hoje se mantém como poder econômico, deverá assumir-se como poder espiritual. Os instintos agressivos que definiam o herói glorioso, na guerra, hoje são concebidos cada vez mais como qualidades antissociais, próximas da delinquência. Mesmo a nova técnica bélica, baseada mais na inteligência que na ferocidade, não convida mais ao desabafo daqueles instintos bestiais, que antes podiam conduzir às mais altas honras. Semelhante moral era *justa*, enquanto necessária para a sobrevivência, então reservada somente aos *fortes*. Confirmava-o o instinto da mulher que, na escolha do macho, quando se sentia atraída por ele.^{18 (p. 32-33)}

Um mais avançado conceito de Deus e da vida

Colocados na estrada de uma religião positiva, toda a vida individual e social poderá ser orientada de outro modo. No campo moral, poder-se-ão prever as consequências das próprias ações, controlar a correção da trajetória do próprio destino e lançá-lo a partir de novo impulso e desenvolvimento nele contido, calculando-lhe a natureza e as *forças* nela contidas. Em vez de comportar-se como hoje, às cegas, em relação ao futuro, poder-se-á, com uma regulamentação racional da própria conduta, estabelecer previamente uma planificação da própria vida, dirigindo-a conscientemente para os fins preestabelecidos, evitando erros e dores que os seguem. A ética poderá tornar-se uma ciência exata e isso é possível porque ela faz parte de uma lei *justa*. Certamente, a conduta humana seguirá métodos diversos. Cada pensamento e ação deverá ser feito com absoluta sinceridade e honestidade, dirigido para fins determinados, porque se sabe que a Lei é *justa* e responde com a mesma linguagem que se usa com ela. Assim, pois, não é mais concebível uma religião de hipocrisia, porque se poderão calcular os efeitos desastrosos que o impulso

de *forças* negativas pode produzir, pesando sobre quem as lança. Porque terá base utilitária, o raciocínio será convincente, claro, evidente; sem mistérios e fé cega, tangível nos efeitos, principalmente porque honesto. Compreender-se-á então que péssimo negócio pode ser semear o engano para recolher a sementeira feita. A Lei responde restituindo o que lhe foi dado e dando-lhe o merecido. Logo, não conta o que se diz, mas o que se faz. O atual sistema de comportar-se como *astutos* sabendo o que fazem é simplesmente louco. Mas a dor desperta a inteligência e a humanidade cansará de sofrer, até chegar a compreender que convém adotar um tipo de vida diferente.^{18 (p. 39-40)}

Arremesso e correção da trajetória da vida. Terapia dos destinos errados

Tenha-se sempre em mente que para os seres rebeldes que tentam lançar órbitas erradas do tipo Anti-Sistema, a Lei, que dirige o nosso universo já fixou o tipo de órbitas para seguir segundo o modelo dado pelo Sistema. Ora, aqueles que praticam o mal pretendem estabelecer em oposição às órbitas de tipo Lei, órbitas do tipo anti-Lei, na mesma direção, mas em sentido contrário. Sucederia como se um automóvel se lançasse na contramão, enfrentando o tráfego contrário. Então, é fatal o choque com a Lei. Mas as *forças* que a constituem são mais poderosas do que as que formam a personalidade do indivíduo, que acaba levando a pior, enquanto a Lei continua intacta e triunfante em sua rota. Para quem tenta infringi-la, não é mais conveniente observá-la do que expor-se a sofrer as duras consequências? É inútil tentar, pois a Lei é mais *forte* e vence. E, apesar de tudo, o homem é tão ignorante que se julga sábio quando se põe a funcionar contra Ela.^{18 (p. 46)}

As três fases do ciclo da redenção

O mais evoluído não segue este longo caminho para chegar ao estado de salvação, porque a atinge logo, evitando entrar na primeira fase e com isso esquivar-se das premissas do ciclo, que obrigam a seguir o desenvolvimento até o fim. Isto ele sabe fazer sozinho, pois seu ponto de partida não é o estado normal de involução. Não vai por tentativas; conhece e toma, desde o princípio, o caminho *justo*, razão pela qual não inicia e não lança a trajetória em direção errada, e em consequência não deve sofrer a ação corretiva do endireitamento. Ele não precisa dessa escola e por isso não se submete a ela. Porém, para quem se encontra na primeira fase, obrigado a seguir as sucessivas, há todavia, a perspectiva de atingir uma futura sabedoria com as relativas consequências, embora com a condição de conquistá-la através de uma enorme fadiga.^{18 (p. 56)}

Podemos agora compreender por que o choque advém. No universo temos a grande órbita da Lei segundo a qual se move, em sentido evolutivo, o transformismo de todos os fenômenos, que, partindo do Anti-Sistema tende à recuperação da ordem perdida, indo em direção ao Sistema. Com a revolta e a queda, foi implantado o método separatista, tipo Anti-Sistema, do lançamento de trajetórias negativas, anti-Lei. Indivíduos rebeldes, afeitos ao mal, continuam a lançá-las. Mas, como acenamos acima, essas órbitas navegam em direção oposta aquela órbita positiva da Lei; em vez de seguir fielmente a sua direção, vão-lhe contra. É inevitável então que se choquem. Sendo a trajetória da Lei a mais **forte**, é a do indivíduo rebelde que se quebra e assume as consequências em forma de dor.^{18 (p. 58)}

Para melhor compreender as relações entre a primeira e a segunda fase, vejamos um exemplo. Imaginemos dois indivíduos que chamaremos homens da primeira e o da segunda fase, no sentido de que o primeiro vive no primeiro período do ciclo, o do erro; o segundo vive no segundo período, o da correção na dor. Há dois caminhos: um que desce (involução) e outro que sobe (evolução). O primeiro homem é esperto, sabe viver, escolheu o caminho cômodo, por ele vai sem fadiga, livre em sua bicicleta, cantando despreocupado, feliz por ter descoberto a vida fácil. Bastava somente um pouco de **astúcia** e ele, convencido da própria inteligência, porque fez tal descoberta. O segundo homem não é ladino, é honesto. Escolheu o caminho íngreme, que sobe, cheio de pedras agudas, por ele vai subindo, com esforço, empurrando a sua bicicleta, quando não é forçado a carregá-la sobre os ombros. Caminha pensativo, escavando a própria alma, ocupado com um profundo trabalho de introspecção a fim de compreender o sentido e valor da vida difícil, a sua função redentora e suas metas longínquas. Ele não é mais tão ingênuo a ponto de se crer inteligente só pelo fato de ser **astuto**, porque experimentou as consequências do deixar-se enganar pelo orgulho.^{18 (p. 63)}

Por sua vez, o segundo homem olha o primeiro que o julga e pensa: “coitado, com seu modo de agir, está destinado a espatifar-se. Adverti-lo é inútil, porque ele está convencido de ser ele o sábio, e eu o idiota, uma vez que o sucesso imediato lhe dá razão”. Nos lados do caminho estão os pregadores, moralistas que o advertem do perigo, mas ele é **astuto** e não se deixa enganar. Enfim, a Lei vai ensiná-lo a aprender com a própria experiência e não com a alheia, quebrando a própria cabeça e não vendo a cabeça partida dos outros. Não seria **justo** que um simples aviso permitisse ao culpado desviar-se e parar a tempo. Ao contrário, uma trajetória, uma vez lançada, deve ser percorrida até o fim. O segundo homem, por sua vez continua a pensar: “É inútil avisá-lo; esta é a linha traçada pela Lei e não posso mudá-la; se ele não se espatifar na curva, como já aconteceu outrora comigo para aprender, jamais compreenderá e se decidirá pela via correta segundo a Lei, deixando o caminho do erro; deixemo-lo, pois, nas mãos de Deus; é necessário experimentar para crer”.^{18 (p. 64)}

A técnica funcional do destino. A futurologia e a racional planificação da vida

Este fenômeno do destino nos mostra uma característica: é consequência do que semeamos, golpeia nos pontos precisos e na forma em que semeamos. Constituindo-se na correção das forças anti-Lei que pusemos em movimento, é lógico que para corrigir-nos, como é sua função, faça-o com a mesma **força**, de modo específico, dirigindo-se contra o defeito a ser corrigido, contra o órgão enfermo a ser curado. Cada um é submetido a um dado tipo de provas, duras, porque o golpeiam justamente em seu ponto fraco, de menor resistência, enfermo e dolorido; enquanto que para outros, tal tipo de provas é insignificante, porque estes, naquele ponto, são **fortes**, são e inatacáveis. Mas os que não foram atingidos, submeter-se-ão, por sua vez, a provas que lhes serão igualmente duras porque serão golpeados em outros pontos também fracos, doentios e dolorosos; estas provas, entretanto, não atingirão os demais seres que nestes pontos são **fortes**, sadios e inatacáveis.^{18 (p. 73)}

A nova moral e a técnica da salvação

Quando um míssil é lançado, deve atravessar os mesmos espaços, com os mesmos perigos, e superar os mesmos obstáculos. Os problemas a resolver são, portanto, os mesmos, trate-se de um míssil comunista ou do ocidente democrático. Diante das leis dos fenômenos, as ideologias de nada servem. Só por ignorância se pode crer que nossa fé e nossas opiniões podem mudar alguma coisa no funcionamento da realidade. Por isso se vê quanto a nova moral é diversa da antiga, que acreditava em Deus não através da mente com que se pode raciocinar, mas antropomorficamente, Nele vendo um senhor que, pelo direito do mais **forte**, de forma arbitrária recompensa ou castiga segundo os seus planos escondidos no mistério. Com a nova moral, o destino, segundo o qual se desenvolve o percurso de nossa vida, torna-se uma trajetória calculável, segundo o lançamento realizado por nós, do qual se podem prever e inteligentemente corrigir as consequências.^{18 (p. 88)}

Quantos destinos, que parecem venturosos, não se estão movendo nessa direção! Isso ocorre quando eles são lançados no sentido anti-Lei, fundados no engano, no abuso, no **egoísmo**, com vantagem própria e dano alheio. Outros destinos estão em fase de golpe corretivo, outros em posição de trajetória corrigida; todos vão sendo, inexoravelmente canalizados dentro da norma, para o seu desenvolvimento, estabelecida pela Lei. Por mais que o ser goste de ficar no caos, natural ambiente do Anti-Sistema, no fundo dele está sempre a ordem do Sistema, que ninguém pode anular. Diante da Lei, para qualquer um que a transgrida, não há salvação, trate-se do mais poderoso ou o mais **astuto** da Terra.^{18 (p. 91-92)}

O que rege a nossa vida são estas *forças* interiores. As verdadeiras riquezas são de outra natureza. O que conta é o que temos dentro de nós, aquilo de que somos feitos e não o que está fora, ligado somente ao exterior. Eis o nosso verdadeiro patrimônio, inalienável, que ninguém nos pode roubar. Eis um método para nos tornarmos independentes dos vencedores por meio da *força*. Estes podem empobrecer-nos e matar-nos, mas não podem deslocar um ponto em nosso destino. Se estes nos empobrecem e nos massacram é porque o merecemos. Ao princípio da luta pela vida com o triunfo do mais *forte* se substitui o princípio da Lei e da sua *justiça*.^{18 (p. 92)}

De tais constatações deriva uma moral que responde à perfeita *justiça* da Lei, razão pela qual, por mais que se tente fazer o contrário, não é possível fazer o mal senão a si mesmo, nem fazê-lo a um bom que o não tenha merecido. A medida com que o mal pode passar de um indivíduo a outro e a negatividade a ser inserida num dado circuito, são estabelecidas pelo mal merecido, grau de negatividade de que se saturou o próprio circuito receptor. Em suma, a Lei não permite a injustiça, nem que se sofra sem culpa, porque não há sentido em corrigir um erro não cometido. Logo se pode verificar a injustiça de ao mau ser concedido o poder de fazer sofrer o bom e inocente, somente porque aquele malvado é mais *forte* e mais esperto. Se o bom tiver de ser atingido, isso só poderá ocorrer na proporção em que o circuito de suas *forças* permitir a introdução de impulsos negativos e maléficos. Tal moral nos garante que essa inserção não será possível quando o indivíduo bom não tiver merecido o mal que o assalta, mas se torna possível desde que o mereça. Diz-nos também que aquele mal não merecido, não recebido, não é uma *força* que se anula, o que é impossível, mas uma *força* que se volta contra e atinge aquele que a lançou. Esta é a *justiça* da Lei. Vemos em superfície, porque desconhecemos as raízes profundas e as origens longínquas de tantos acontecimentos humanos que podem enganar-nos.^{18 (p. 108-109)}

Essa nova moral não será aceita por quem está habituado à velha moral. Porém, para o homem mais evoluído, representa uma grande satisfação chegar a conceber com exatidão essa lei e poder-se situar e funcionar no seu seio, isto é, num plano de *justiça* mais alto do que o humano plano da luta pela seleção do mais *forte* e *astuto*. Para o evoluído, é consolo constatar de modo positivo que, no nível mais avançado, existe também uma lei bem diferente daquela de tipo animal vigente em nosso mundo. Esta, com a sua relativa moral e sistema de vida, permanece com herança somente para o involuído, destinada a desaparecer com a evolução. Surge uma biologia mais avançada, em que, à feroz lei do mais *forte* se substitui a *justa* lei do mais honesto, de modo que a seleção ocorra em outro sentido, num nível mais alto. Será introduzido na Terra, inclusive para os menos atrasados, e poderá começar a ser reconhecido o valor social de quem é mais avançado. Não mais se condenará o inepto para a vida,

considerando o inepto o tipo dominante inferior de vida. Assim, o evoluído conhece qual é a sua posição biológica e cada um está situado no lugar que lhe cabe por *justiça*, em obediência à lei do seu plano de evolução.^{18 (p. 110)}

É natural que, no passado, quando a vida se encontrava diante de um fraco ou ignorante, pela lei do mínimo esforço e maior rendimento, permitisse que quem tivesse capacidade de consegui-lo, dela se valesse. Embora muitos pensem dessa forma, o método é *injusto*, segundo a atual e mais amadurecida moral dos países civilizados, ao passo que poderia parecer *justo* no passado menos evoluído. Outrora não existiam problemas de *justiça* com deveres e direitos, mas só duas posições: a do vencedor, o *forte* que comandava, e a do vencido, o fraco que obedecia. A primeira coisa que fazia aquele que detinha o poder, para assegurar-lhe a continuação e consolidá-lo, exercia-o em nome da *justiça* divina, afirmando sua legitimidade; que se defendia à *força*, com as armas da sugestão e do domínio psicológico. Pregavam-se como virtudes o respeito e a obediência, investindo o poder de um caráter sagrado, coadjuvados pela autoridade religiosa, aliada ao trabalho de manter subjugados os povos. É natural que, em tal fase evolutiva ainda feroz, a mais *forte* preocupação de quem detinha o poder fosse conservá-lo, defendendo a própria posição.^{18 (p. 111)}

Do outro lado, o pobre não vencedor era induzido a permanecer sujeito, não só a um tal tipo de educação, que lhe era imposto, mas também uma natural ideia de superioridade do mais *forte*. Tal tipo, que para Nietzsche representava o modelo do super-homem, estava, porém, naquele baixo nível de evolução em que a humanidade se encontrava no passado, pelo uso das velhas leis biológicas, baseadas na *força*, na superioridade, no maior valor – valendo-se, naquele plano, das mesmas razões pela quais o leão é o rei da floresta e merece respeito. Essa superioridade não era, pois, só inculcada por sugestão, mas sentida realmente pelos fracos.^{18 (p. 112)}

Hoje, em outra fase da evolução, tudo isso não é mais considerado *justo*, como no passado. É natural que a moral dependa das diversas condições de vida. No passado, tinha-se um outro conceito de *justiça*, porque era medido em função de outros pontos de referência. Não há dúvida de que, se o mais *forte* não representava um maior valor espiritual, constituía, no entanto, um maior valor biológico. É por isso que o pobre se inclina diante do rico, ainda que com ódio e inveja, mas também com admiração e avidez em imitá-lo, ansioso de aprender-lhe os métodos de vitória. Para a vida isso é sadio, porque funciona como evolução, embora em nível baixo. O pobre sabia que era um fraco, que valia pouco. Sabia que a sugestão era *justa* e que devia aceitá-la por culpa própria. Era sua fraqueza, que ele não sabia superar, que o impedia de ter direitos. De fato, ele se deu conta de tê-los só agora, quando está mais evoluído e já conquistou a *força*, para fazê-los valer, sem a qual é inútil ter direitos,

embora *justos*. Antes não lhe restava senão a virtude da obediência e resignação e, consolo do vencido na Terra, a esperança de recompensa com uma vida melhor nos céus.^{18 (p. 112)}

É óbvio que, naquelas condições de vida miserável, era impraticável ao pobre o exercício da bondade. Pode-se pensar nos outros somente quando não se falta o indispensável para si mesmo. Para poder ampliar-se, é preciso que não falte o necessário; para poder dar, é preciso primeiro possuir; para sermos generosos, precisamos ser *fortes*; para poder beneficiar, é preciso sermos ricos. É preciso não sermos mais inocentes para podermos permitir o luxo de sermos bons sem cair em todas as armadilhas da vida. Os deveres dizem respeito àqueles que os podem cumprir. Porém isto não significa que hoje o pobre esteja passando para a outra margem; ele tem de assumir suas responsabilidades. As providências sociais dão uma nova orientação de tipo coletivo. As classes e os povos, outrora em estado de sujeição, estão se organizando, vão conquistando *forças* e se fazem valer. É suficiente este fato que nada tem de teológico, filosófico ou moral, para chegar-se a um novo conceito de *justiça*, antes impraticável. Hoje podemos constatar como fortalecer-se com base no direito que realmente se tem, fazendo surgir-lo, quando era apenas teórico e não funcionava na prática. Entretanto, um fato nada espiritual, mas concreto, como a aquisição da *força*, pode transformar a velha moral numa outra tão diversa.^{18 (p. 112-113)}

A atual transformação nos faz ver como a vida tinha suas razões, quando, no passado, deixava que aquelas injustiças fossem cometidas, porque isso ocorria somente até o momento em que o fraco, sofrendo, aprendia a tornar-se *forte*; e o ignorante, a tornar-se mais inteligente, isto é, até o momento em que a vítima alijasse de si mesma o defeito que a tornava vulnerável. Assim a vida atingia a *justiça* percorrendo uma longa estrada, mas a única possível, permitida pelas condições de então. Na verdade, para livrar-se dos próprios sofrimentos, a vida obrigava os mais atrasados a fazer o esforço de evoluir, superando suas inferioridades na luta pela seleção do melhor, sendo *justa* essa ocorrência. Depois, nas revoluções, as vítimas se revoltavam contra os opressores, fazendo com que estes pagassem as próprias culpas, o que é também um ato de *justiça*. Vê-se como tudo é lógico e tem suas razões.^{18 (p. 113)}

Cada um paga pelos seus defeitos: o fraco ou ignorante, pela sua fraqueza ou ignorância; o *forte* ou *astuto*, pelo abuso da sua vitória, e todos, indistintamente, cursando a mesma escola, alternativamente, são obrigados a evoluir como quer a Lei. Assim, cada um sofre um período, enquanto o outro goza; e vice-versa. Na escola da Lei há lugar para todos. Esta era a única forma de *justiça* que se podia praticar num regime de inimizade, onde a *justiça* não pode ser obtida sob a forma pacífica, de concordata entre companheiros, mas somente através do equilíbrio entre rivais em luta.^{18 (p. 113)}

Por mais que se busque escondê-la sob belas teorias, esta é a realidade da vida. Vejamo-lo num outro caso, também de *justiça*, mas noutro sentido. Hoje nasceu um fato novo na história, isto é, um estilo de generosidade, pelo qual as classes ricas se ocupam das pobres; povos subdesenvolvidos, mas de alto nível econômico. As raízes de tudo isso se encontram num outro fato, também novo: o comunismo organizou os pobres e estes se tornaram uma *força* e então, tornando-se *fortes*, têm direitos; antes não tinham, e que agora o têm, pelo fato de que hoje sabem fazê-los valer. Um direito não alimentado de *força* que lhe imponha o reconhecimento, na prática não é direito, é só um piedoso desejo, cuja satisfação depende do capricho do patrão. Hoje já se pode falar tanto de *justiça* social, porque existem os que estão prontos a exigir seu reconhecimento, enquanto antes ninguém se ocupava disso. Somente agora os pobres se tornaram uma ameaça e geraram, nas classes e nos povos abastados, o amor pelos deserdados, ressuscitou-se o Evangelho. No entanto, há séculos já se falava desses deveres para todos os cristãos, mas que só excepcionalmente os praticavam. Entretanto, como se podia pretender o contrário, se a parte oposta não sabia impor-se, fazendo reconhecer os próprios direitos?¹⁸ (p. 113-114)

Muda então o tradicional conceito de evoluído. Ele não é um santo, um anjo, ingênuo e inexperiente, mas um ser que provou e conhece a vida, mesmo nos seus planos mais baixos, de que, porém, fez o esforço de emergir. A superioridade deve ter consciência também do seu oposto, pois, deve ser o fruto de um conhecimento adquirido pela experiência individual. Assim o santo deve conhecer todas as insídias do diabo, porque, se for ingênuo, será vencido por ele. Trata-se de uma guerra e o santo deve ser o mais *forte* e o mais preparado. O evoluído deve conhecer as consequências do erro – por tê-lo cometido – se não quiser recair nele. Deve ter-se livrado, com seu esforço, da grande punição que o ser infligiu a si mesmo com a queda do Anti-Sistema, isto é, no estado de ignorância da realidade expressa pela Lei. O involuído vive em posição invertida, isto é, no engano, na ilusão que foi chamada a “Grande Maya”. Ele é cego, mas pensa que vê, assim se engana e paga. Enquanto não houver corrigido a sua posição de Anti-Sistema, não terá paz.¹⁸ (p. 115)

O novo mundo a construir deve ser, antes de tudo, sadio. Isto é o que a vida quer. Se se deseja a tão cobiçada *justiça*, para poder usá-la como um legítimo direito, é preciso antes praticá-la como legítimo dever. Só assim pode cessar o estado de luta que atormenta tantos. Trata-se de uma renovação de base. O problema da injustiça tem solução, mas a humanidade está ligada aos antigos hábitos. Terão as novas gerações a *força* de arrastá-la até à outra margem? Conseguirá o homem compreender a estupidez de querer sofrer inexoravelmente, fazendo da Terra um inferno de condenados, atormentando-se reciprocamente, enquanto tudo isso poderia ser evitado e estarem todos melhor, se fossem menos maus? Trata-se de passar da era do patrão-servo, em que se

usavam antes os dois métodos, *força* e *astúcia* – que se escudavam na injustiça – à era de direitos e deveres, em que se usa o terceiro método: o da sinceridade e honestidade, que se alicerça na *justiça*. O momento é grave e comprometedor. Trata-se de mudança de fase evolutiva, do salto de um nível biológico a outro mais alto. Quem está habituado aos velhos sistemas resiste. Mas se as novas gerações souberem ser *fortes*, inteligentes e honestas, haverão de consegui-lo e então poderão dizer que fundaram uma nova civilização.^{18 (p. 118)}

A resistência à Lei e suas consequências

A sabedoria do mundo consiste em construir diques com esses resultados. Este é o método dos *astutos* que sabem viver. O seu exagerado senso de egocentrismo os faz crer que podem fazer a Lei, enquanto estão na verdade fechados num sistema de normas que custa caro violar. Ocorre de fato que, com tal forma mental, quanto mais cremos ganhar indo contra a Lei, tanto mais nos destruimos sobrecarregando-nos de dores. Não se trata de uma abstração da realidade daquilo que vemos acontecer no mundo a cada dia. Eis qual é a estrutura do mecanismo da reação da Lei. Da compreensão de tais fenômenos é evidente que nasce uma nova moral, armada de sanções automáticas a que ninguém pode fugir, tenha a fé que tiver, e sobre o qual nenhuma autoridade humana tem poder. Uma moral convincente, porque redutível a um cálculo de *forças*. Moral alicerçada na autoridade cujos princípios todos compreendem e sobre os quais se baseia a vida.^{18 (p. 122)}

A simples conclusão é que, quando somos *justos*, Deus nos ajuda e, para sermos ajudados, é preciso tê-lo merecido. Colocada essa premissa e encontrando-se o indivíduo nas condições ideais da *justiça*, o resto é fatal e automático. O universo foi construído por Deus, com perfeição feita de *forças* benéficas. Mas é a criatura rebelde que vira de cabeça para baixo em seu prejuízo e impede a sua chegada; é ela que, pondo-se contra a Lei, se põe contra a vida. O universo está cheio de Deus. É a nossa própria loucura que nos impede de gozar de seus benefícios.^{18 (p. 125)}

O problema do carma e a justiça de Deus

Mas então por que o Cristianismo repeliu essa doutrina? A maioria que a refutou não foi muito *forte*: apenas três contra dois. A provável razão foi que muitas verdades não podem ser ditas e isso por motivos práticos. Somente excluindo a reencarnação, a Igreja poderá deter nas próprias mãos o monopólio absoluto e definitivo da outra vida, o poder de decidir para sempre sobre a sorte

da alma. As massas ignorantes estão sempre prontas a fazer mau uso mesmo das melhores doutrinas e das maiores verdades que, conseqüentemente, devem ser-lhes sonegadas. Assim, um problema de fundamental importância, como a reencarnação, foi posto de lado, deixando lugar a problemas sem importância, mas que encontraram ressonância nos instintos do inconsciente coletivo, pronto a interessar-se e aderir a semelhantes temas. Referimo-nos a problemas de fundo sexual, como o da virgindade da mãe de Cristo. É que até mesmo as coisas de Deus são elaboradas na Terra pelo homem. Ele as faz a seu modo, segundo os seus instintos, seu uso e seu consumo. Não se pode, portanto, condenar a Igreja, porque ela não pode ser diferente do elemento humano que a compõe.^{18 (p. 128)}

No caso da teoria da reencarnação, que interesse podia ter a Igreja de entrar em tal assunto, quando era mais fácil obter um consenso geral com a teoria da vida única que, embora absurda, permite satisfazer o humano instinto utilitário da máxima vantagem com o mínimo esforço? É mais cômodo acreditar em apenas uma vida, que é um átimo, para assegurar-se o direito a uma felicidade eterna. É verdade que com tal sistema se corre o risco de garantir-se um inferno eterno, mas isso faz parte do jogo em que o *astuto* se crê hábil, sabendo evadir-se de pena com intempestivos arrependimentos. Assim se explica como se omitiu a doutrina da reencarnação. Hoje, com a psicanálise, é fácil descobrir que ela é a íntima razão de tantos atos nossos.^{18 (p. 128)}

Estas simples observações levam-nos a olhar mais profundamente o funcionamento da Lei de Deus. Podemos, assim, enfrentar tal problema em termos sempre mais amplos. É verdadeiro o fundamental princípio de *justiça*, mas em nosso baixo nível evolutivo é também verdadeira a lei da luta que recompensa o mais *forte*, o vencedor. Trata-se de dois princípios opostos: um, pertencente ao Sistema, outro ao Anti-Sistema; princípios que, em nossa fase intermediária da evolução, digladiam-se, disputando o campo de batalha. Vejamos então o que ocorre nesse embate.^{18 (p. 130-131)}

Em nosso mundo regido pela lei animal da luta pela seleção do mais *forte*, a bondade é entendida como fraqueza e representa uma tentação para o *forte*, um convite ao assalto. Mas pior para ele se se crê hábil, ao valer-se da ocasião que lhe permita explorar o bom; oportunidades que lhe favorecem o uso para o bem e, no entanto, aproveita-as para o mal. Podia subir e desceu. Podia aderir à corrente da Lei e preferiu colocar-se na anti-Lei, carregando-se de *forças* negativas. As conseqüências são fatais. Involuir é piorar, é caminhar para a dor. A vida quer ascender ao Sistema e ele insiste em retroceder para o Anti-Sistema. A vida quer chegar aos métodos de coexistência mais civilizados, de tipo evangélico, *altruísta*, colaboracionista, orgânico. E ele procura impor-se individualisticamente, com os métodos *egoístas* e separatistas do primitivo. A

vida quer construir unidades sempre maiores, numa ordem cada vez mais complexa e compacta, e ele opta pela imposição da luta e do caos. Então a vida expele do seu caminho ascensional esses rebeldes, que vão para os degraus mais baixos da involução do Anti-Sistema.^{18 (p. 133)}

A função da bondade e amor de Cristo perante a rígida **justiça** da Lei do Pai

Há dois mil anos, a humanidade procura aproveitar-se da bondade da mãe para fazer o que lhe convém. Mas chega a noite e eis que o Pai volta. Então o discurso se torna diferente. Ele usa seu poder, segundo a **justiça** ao amor se substitui a Lei. Prestam-se contas e os resultados são executados. Esta é a posição atual dos filhos diante do Pai. Era tão bom depender apenas da bondade da mãe, o que permitia tantas acomodações, mas, infelizmente para o homem, por trás daquela bondade, que tudo adapta e ajusta, com a sua elasticidade, que ajuda e conforta, há a firme rigidez da Lei, que se volta contra o infrator, quando a medida está cheia, e o golpeia inexoravelmente, porque ela não admite que a elasticidade se transforme em violação. Infelizmente, a natureza humana é levada a dirigir as coisas neste sentido, jogo perigosíssimo, devido à ignorância do real estado das coisas. Com tal forma mental, age-se loucamente, enquanto tudo no universo, da matéria ao espírito, funciona enquadrado dentro de leis exatas, fixadas por uma inteligência suprema que tudo dirige com ordem. É natural: quem se move seguindo um regime de caos, num ambiente intimamente regido por uma ordem perfeita, chocar-se, a cada passo, com barreiras impostas por essa ordem, determinadas pelas normas que a regulam. É natural, também, que o choque provoque reações da Lei, que se fazem perceber sob a forma de dor. Trata-se de leis positivas, que a ciência descobrirá e a que, no entanto, ainda que as ignorem, todos estão submetidos. Só a ingenuidade do homem infantil pode crer que é suficiente ser **astuto** para fraudar a Lei de Deus. Seria como se pudesse, com a **astúcia**, enganar a Lei de gravitação, evitando a queda quando nos lançamos no vazio. A história está cheia de catástrofes que representam a pena que se segue por reação a tantas tentativas de violação da Lei. O problema não é pertencer a esta ou àquela religião, nação ou partido, mas é de retidão. A Lei presta atenção à substância, não à forma. Pela Lei, nada modifica o fato de que se creia nela ou não, de que se tenha conhecimento dela ou não. A Lei funciona permanentemente para todos.^{18 (p. 136-137)}

Somente Nele está o verdadeiro poder e a salvação. Mas é natural que o nosso mundo, existindo em posição invertida e vendo tudo através de tal perspectiva, creia no contrário. Assim ele não compreende que a maior **força** está na fusão com a Lei, na conduta retilínea pautada por ela; fraco e vencido é o **astuto**, e não o homem bom e **justo**, como frequentemente se crê. Aquele,

cego pelo orgulho, crê no absurdo de que se possa ser tão hábil a ponto de saber fraudar a Lei, e é tão tolo que lhe provoca a reação em seu próprio prejuízo. O não saber compreender uma coisa tão simples custa a muitos seres uma incalculável soma de dores, merecidas, porque tal ignorância e incapacidade para compreender é o efeito da queda no Anti-Sistema.^{18 (p. 142)}

O homem perante a Lei

Os dois têm as suas culpas e, se se quiser ser imparcial, é necessário reconhecê-la em ambas as partes. Suas trajetórias já foram lançadas nessa direção. Em lugar de tentar remediar o mal, os ricos, detentores do poder e da cultura, tinham o dever de assumir a iniciativa de corrigi-lo. Entretanto o rico buscou escondê-lo, a fim de que não fosse percebido e pudesse impunemente, continuar a gozar as vantagens de sua riqueza. Para estar de acordo com o Evangelho e salvar a alma, preparando-se para a outra vida, o rico inventou o sistema da esmola, que deixa o pobre tal qual é, à mercê da beneficência do rico, sem uma educação para trabalhar e produzir, mantendo-o como seu servo, sem direitos nem independência. O sistema de caridade e beneficência paternalística de fato é muito conveniente para o rico, porque enquanto implica na superioridade e magnanimidade de quem é generoso, satisfaz o seu orgulho, sem impor-lhe qualquer laço, porque o deixa livre para distribuir benefícios segundo seu capricho. Ao mesmo tempo, o que recebe fica sendo devedor e obrigado à gratidão. Com esse estratagema foi encontrada a forma de escapar, salvando-se as aparências, dos próprios deveres, parecendo **justos** sem fazer sacrifícios. Por sua vez, o pobre tem respondido curvando-se moralmente, com a inércia de quem se habituou a mendigar, com a multiplicação demográfica levando ao assalto, por **força** de brutal massa humana. Agora, porém cada um dos dois grupos já se lançou ao longo de sua trajetória.^{18 (p. 143)}

A Lei funciona em todas as possíveis posições do ser, em alturas ou níveis de evolução que vão do Anti-Sistema ao Sistema. Mas ela é diversa em cada ponto, embora permanecendo, sem contradição, sempre verdadeira e sempre a mesma para todos. Permanece **justa** quando funciona no nível animal, tanto quanto no nível angélico, sempre em proporção à natureza do indivíduo, à sua sensibilidade, compreensão, necessidade evolutiva, a tudo isso adaptando-se para atingir seus fins. São as qualidades do ser que estabelecem a forma em que a Lei se manifesta. Esta sabe responder a todas as chamadas com a mesma linguagem; sabe tomar todas as posições segundo a situação do ser dentro dela. Vemos, dessa forma, permanecer a mesma, igual para todos, funcionar diversamente para o **justo** e o **injusto**, o evoluído e o involuído, o santo e o delinquente, o anjo e a besta. Quem inicia os movimentos é o ser, usando a sua liberdade. A Lei simplesmente responde, como se continuasse o mesmo

movimento, mas assumindo-lhe a direção que se transfere então para suas mãos. Passa da sua livre fase de causa à fase determinística do efeito. Ocorre que a Lei se comporta diante do indivíduo segundo a sua natureza e posição evolutiva. É ele quem, com o seu tipo de ação, aciona o julgamento da Lei, provocando uma correspondente reação. E a Lei, que as contém todas, devolve ao ser a reação correspondente à ação que a provocou.^{18 (p. 149-150)}

A inteligência do diabo

Eis em que consiste, na realidade a inteligência e dinamismo de Satã. A sua inteligência não passa de um resíduo corrompido daquela que foi a sua verdadeira inteligência no Sistema, a que se empenha na felicidade do bem e não no inferno do mal. O mesmo se pode dizer do seu poder. Temos uma inteligência e um dinamismo em descida, **fortes** ainda, que servem somente para enterrar-se, mas que estão em vias de enfraquecimento e anulação. Seus resultados invertidos para o mal e a dor nos mostram que as trevas se estão fechando, porque estamos na via da descida.^{18 (p. 163)}

Eis a natureza de inteligência do diabo. Quando se fala de inteligência, é preciso ver de que tipo se trata. Tem a aparência de verdadeira, mas na realidade pode ser apenas **astúcia**. É evidente que a inteligência que serve apenas para prejudicar os outros e aqueles que a possuem, não é inteligência, quando muito é a inteligência do louco, cuja finalidade é unicamente a autodestruição. Este tipo de inteligência quer enganar e acaba enganada. Pensando tirar vantagem quer fazer o mal aos outros e não percebe que se precipita na involução, fazendo-se o mal a si mesma, enquanto a vantagem passa para os ofendidos que, com o sofrimento, podem redimir-se. Mesmo os loucos, a seu modo, são **astutos**. Mas seria **justo** chamar-se isso de inteligência?^{18 (p. 164)}

O conceito de criação

É verdade que o ser do Anti-Sistema, pela própria rebeldia, acredita-se um anti-Deus, destacado Dele e capaz de construir em oposição a Deus um Anti-Sistema, regido por uma anti-Lei, tão poderosa quanto a Lei de Deus, a ponto de vencê-la e subjugar-lá, substituindo-se a ela. Acontece, no entanto, que é a Lei de Deus que continua a comandar no Anti-Sistema, porque aquela tentativa de substituição é um ato absurdo e louco, que só pode realizar quem está de todo cego. É ato absurdo, porque o menos **forte** não pode dominar o mais **forte**; o que está invertido não pode valer mais do que o direito, colocado

no seu devido lugar; um universo criado sobre o princípio da ordem e da unidade não pode acabar pulverizado pelo princípio do caos e do separativismo. É ato de loucura querer construir imitando, ao inverso, o trabalho do construtor. Disso nasceu o Anti-Sistema, com a pretensão de ser um outro Sistema de outro tipo, ao passo que na verdade não é uma criação nova, mas uma repetição da de Deus; é o mesmo princípio, mas aplicado ao contrário, pura paródia do Sistema. É como uma casa tendo o teto como base e as fundações no alto, isto é, uma subversão de todas as normas da lógica e do equilíbrio, o método com o qual se pretendeu construir.^{18 (p. 166-167)}

Aplica-se assim a moral do Anti-Sistema, que não é a da *justiça*, mas a que inculca a obediência como virtude, enquanto reconhece no comando um direito, privilégio do mais *forte*, que lhe pertence porque na Terra domina ainda a lei involuída do homem animal, a da luta para vencer a qualquer preço. Em tal sistema, diante de uma autoridade exercitada em forma de abuso, praticar o próprio abuso de desobediência, por lei de *justiça*, pode constituir um direito. Isso porque, num regime de *egoísmo*, somente armando-se como *força* que luta para corrigir a outra *força* oposta, se pode chegar a eliminar o abuso, e atingir o equilíbrio entre contrários, o respeito recíproco, a *justiça*.^{18 (p. 168)}

No atual momento histórico, a humanidade vive ainda os princípios do Anti-Sistema, mas já entrevê os do Sistema e está tentando as suas primeiras aplicações. Assim, tenta-se fixar um novo tipo de autoridade, que corrija o antigo, substituindo o privilégio do mais *forte*, entendido como direito, por uma autoridade entendida como função social, possuída em razão do interesse coletivo. A própria disciplina jurídica, armada de sanções que a autoridade estabeleceu a seu favor em detrimento dos seus dependentes, hoje busca transformar-se em uma função de *justiça*. Deve-se culpar o passado? Como, num regime de *egoísmo*, podia-se impedir que surgisse um tal abuso de autoridade, se as massas, comodamente para quem comandava, praticavam a virtude da obediência que lhes foi sabiamente inculcada?^{18 (p. 168)}

As conquistas espirituais do novo homem do futuro

Em nosso mundo, o melhor é o mais *forte*, aquele que, com a sua potência, sabe vencer a todos, num regime de caos. Segundo o outro tipo de vida, o melhor é quem tem mais méritos por ter conquistado valores pessoais, que se põem a serviço de todos num regime de ordem. Tal indivíduo sabe que tudo é controlado pela sabedoria da Lei, que não admite violações e as castiga. Muitas vezes, o homem acredita vencer porque é inteligência e *forte* e não se dá conta de que a vida que o lança para o alto, porque, por suas qualidades, é usado como instrumento para fazer um trabalho útil à vida e para o qual ele é

adequado. O problema então não é mais o de saber vencer sozinho, mas de conhecer a Lei, a sua vontade, a própria posição em consonância com a realização de seus fins, as razões pelas quais cumpre tais lances, o impulso e a estrutura da onda pela qual se deve ser ou não ser, porque e como, levados ao alto.^{18 (p. 181)}

Há uma outra diferença entre os dois métodos. O do mundo, de tipo Anti-Sistema, produz resultados transitórios, tanto mais instáveis quanto mais baixo o nível biológico em que se opera; pelo menos, aparentemente, é mais **forte** o Anti-Sistema, o seu transformismo, o estado de caos e de luta. De fato, o mundo está cheio de falências e desilusões e não se sabe o que valem as suas conquistas já que estas não duram. Ao contrário, o método de quem se ajusta à Lei, pelo fato de que se projeta na direção do Sistema, produz resultados duradouros, definitivamente nossos, de que ninguém, sequer a morte, poderá privar-nos. Eles não são como os do mundo, anexados ao exterior, mas assimilados como qualidades nossas, constituindo valores espirituais definitivamente adquiridos.^{18 (p. 182)}

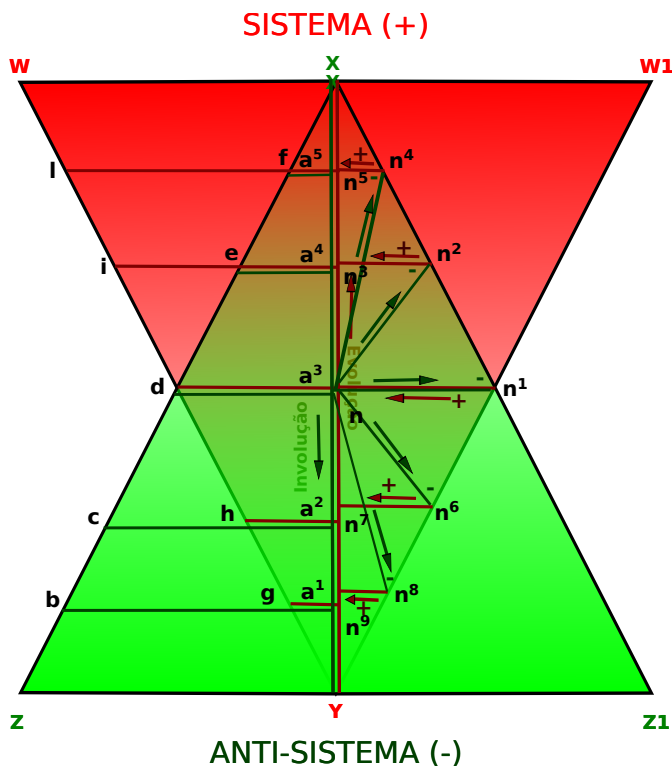
Conclusão

Quando os astronautas vão ao espaço, sabem bem o que acontece se não observarem as Leis. Por isso, a ciência as estuda e ninguém pensa em desobedecer-lhes. No campo moral, igualmente regido por leis, o homem se propõe violá-las e nisto consiste sua bravura. Os desastres, que se seguem, não obstante crer o contrário, mostram com os fatos como é grande a sua inconsciência. A sabedoria consiste em entrar no jogo da Lei, secundando-a, e não em definir contrastes, oposições, porque neste caso, sendo a Lei mais **forte**, o indivíduo sempre levará a pior.^{18 (p. 189)}

19. QUEDA E SALVAÇÃO

Esquema gráfico: involução-evolução

Deus é vida e tudo tende para a vida que é Deus. A luta pela vida, é a luta para o Sistema, contra o Anti-Sistema. Ela representa o esforço do ser para emergir da negatividade que o sufoca. Através dessa dura lição ele vai experimentando, aprendendo, reconstruindo. Tudo isto é trabalho pesado, mas o ser está apegado à vida, princípio do Sistema, e não pode deixar de defendê-la desesperadamente. Então ele tem que fazer esse esforço. Mas isso quer dizer também desenvolver a inteligência, o que significa volta para o Sistema. Então a função da lei de luta pela vida não se esgota na sua mais próxima finalidade que é a seleção do mais **forte**, mas adquire e contém um significado mais profundo, que é o de representar um meio para abrir a mente, acordar o espírito adormecido, para ele se potencializar e progredir – emergindo da materialidade, e subir até regressar ao Sistema. Esta é a história de nossa evolução planetária, entendida no seu sentido substancial, concebida na mais vasta amplitude do ciclo inteiro da queda e salvação.¹⁹ (p. 44-45)



A ética universal

A Lei da luta pela vida e da seleção do mais **forte**, vigorante em nosso mundo, é apenas uma lei transitória para aprender uma dada lição. Deste modo, além desta pequena liberdade, que chamamos de livre arbítrio e que nos parece absoluta, há uma lei de ordem da qual ninguém pode sair. Quanto mais queremos ser **fortes** para nos rebelar, tanto mais ela nos constrangerá a regressar à sua ordem. Não é que ela reaja ativamente. A sua resistência é passiva como a da rocha, que só quer ficar onde está. E ninguém consegue deslocá-la. Quando os peixes rebeldes procurarem sair do rio para espalhar a sua revolta, eles não são repelidos por ninguém, mas tão somente pelo choque automático que recebem de volta, lançando-se contra as paredes, contra as quais vão bater com a cabeça. É o que chamamos a reação da Lei. A lição que o homem tem de aprender é esta: há paredes ou limites dentro dos quais cada movimento do universo, também no caos da revolta, está canalizado, de modo que ninguém pode sair da ordem, e se o tentar baterá com a cabeça contra as paredes duras da Lei e ficará preso nas dolorosas consequências do seu erro, até que tudo esteja retificado na posição correta. Este é problema fundamental da vida e é o nosso assunto atual.^{19 (p. 70)}

Eis então como o nosso mundo se tornou um terreno de luta entre dois impulsos opostos, o da vontade da criatura e o da vontade do Criador. Dualismo não significa apenas cisão em duas partes, mas oposição das duas partes, uma contra a outra, porque com a revolta a vontade do ser não quis coordenar-se no seio do Sistema, em obediência à Lei, mas quis erguer-se qual princípio autônomo independente. É lógico que, sendo Deus o mais **forte**, apesar da cega tentativa de revolta para substituir-se a Ele, quem por fim terá de dobrar-se vencido, em obediência, não será Deus perante a criatura, como esta acreditou ser possível, mas a criatura que é a mais fraca perante Deus que é o mais poderoso. A diferença de valor intrínseco entre as duas primeiras fontes de origem dos dois impulsos não pode deixar de acompanhá-los até à conclusão do seu caminho.^{19 (p. 72)}

Esta é a maravilha do processo da queda: a semente da salvação foi depositada nela, salvação automática e fatal. Estamos observando a técnica desse fenômeno. O nosso universo é caos e luta, para transformar a desordem em ordem, a guerra em paz, as rivalidades em concórdia. Compreende-se e se justifica este triste fato – ainda que ninguém o queira, aparece insuprimível: a guerra – um acontecimento inconciliável com a bondade de Deus e com as regras da moral que o homem prega. O que ele prega representa o impulso salvador do Sistema; o que ele faz deriva do impulso destruidor do Anti-Sistema. Explica-se assim a ferocidade da vitória do mais **forte** sobre o mais fraco, que não se coaduna com a **justiça** de Deus. No entanto, por intermédio

das rivalidades, realiza-se o progresso, que faz vencer o mais adiantado e que sempre mais vai destruindo a ignorância, o mal e a dor. Desse triste palude desabrocha a esplêndida flor da redenção e da salvação. O impulso para o emborcamento acaba emborcando-o, ou seja: ele mesmo, automaticamente, tudo retifica. Existem tantos extermínios de vidas nas guerras existem para chegar à paz, tantas inimizades para chegar a compreensão, tão grande mar de sofrimentos tem de ser atravessado para chegar à felicidade. Eis o significado da presença da dor e da luta numa criação que foi obra da bondade de Deus.^{19 (p. 74)}

A luta está destinada a resolver-se. A monstruosidade emborcada, o Anti-Sistema, saiu do Sistema como um aborto. O câncer não tem direito à vida. A negatividade nada pode gerar, porque termina na sua própria destruição. O Anti-Sistema é uma doença contida no organismo sadio do Sistema. Mas o Sistema é Deus, isto é, um organismo tão *forte* que não há doença que possa vencê-lo. Então não é a doença que destrói o doente, mas é o doente que destrói a doença. O antagonismo existe em posição de inferioridade para quem se rebelou à ordem. Não pode vencer uma batalha quem se coloca e a faz em posição emborcada. Não pode avançar quem quer ir para trás. Nada se pode construir com os métodos destruidores da negatividade. Como pode a revolta alcançar sucesso, se ela consiste em colocar-se em posição de inferioridade? Quem toma esse caminho sempre trabalha em perda, e desde o início, pelo seu próprio método, está condenado à derrota. Esta derrota é a dor. Eis por que, para não ficar derrotado no sofrimento o rebelde tem que voltar por ele mesmo à obediência.^{19 (p. 74-75)}

Negatividade e positividade

A posição direta em que aqui observamos o fenômeno, escolhendo como ponto de referência a positividade de Deus, é verdadeira e básica, é a predominante. A posição do ser representa somente um desvio lateral, um deslocamento fora da ordem, uma exceção à regra, uma desordem, um erro, infelizmente, porém, é esta estranha posição emborcada a que o homem mais usa. Nós, humanos, estamos mergulhados no Anti-Sistema; somos por isso levados a conceber tudo em função do nosso “eu”, usando o segundo dos dois pontos de referência, efeito da revolta. A nossa posição atual nasceu da vontade de emborcar o Sistema e representa o antagonismo entre o nosso “eu” e o “Eu” de Deus. O nosso instinto nos levaria a estudar o fenômeno às avessas, construindo uma tábua de valores não em função de Deus, mas do nosso “eu”, dando o primeiro lugar não à ordem do estado orgânico do Todo, mas ao separatismo individualista da vantagem *egoísta* (a lei da seleção do mais *forte*).^{19 (p. 83)}

Mas as linhas da negatividade e positividade têm também outros significados afins e paralelos. Observemo-las para esclarecer melhor o assunto. A primeira é a linha dos rebeldes, dos criminosos, dos guerreiros, dos chamados **fortes** que, à disciplina de todos os seres no estado orgânico do Sistema, ao redor do centro único ou “Eu” de Deus, substituíram a revolta na desordem do caos, cada ser por si mesmo, ao redor de tantos pequenos centros ou egocentrismos individuais das criaturas. O método delas nessa sua posição, não é a espontânea colaboração, mas a imposição pela **força**. Podemos agora compreender por que existe na Terra a lei do mais **forte**, o que ela significa e por que se pratica esse método de vida. Podemos compreender como o princípio vigorante em nosso mundo, o da luta e da vitória do mais **forte**, represente um princípio separatista e, por isso, próprio do Anti-Sistema e não do Sistema. Isto quer dizer um estado primitivo, involuído, mais próximo da animalidade que do homem evoluído. Então essa lei biológica não é uma expressão de positividade, isto é, de poder construtor, como se acredita, mas de negatividade, isto é, de poder destruidor; uma sobrevivência de estados involuídos do passado, perante a Lei que quer o evoluído do Sistema e não o involuído do Anti-Sistema, representa não **força**, mas fraqueza, não virtude, mas defeito, não vitória, mas derrota. O princípio da **força** parece ser de afirmação, mas o é só em função do ponto de referência: o homem. Mas isso significa caminhar às avessas, contra a Lei. Perante Deus quer dizer afastamento ao longo da linha do erro.^{19 (p. 87-88)}

De fato, o método do triunfo do mais **forte** leva a ganhar não em sentido positivo, gerando e construindo, para o bem dos outros, o que conduz para o Sistema, mas em sentido negativo, escravizando, destruindo, matando, semeando para os outros, como acontece em todas as guerras, mal e sofrimentos, o inferno do Anti-Sistema. O vencedor não cria nada, mas só ganha espaço vital subtraindo-o aos demais. Tal é o método das rivalidades, oposto ao da concórdia. Estamos no caminho da negatividade, no qual se conquista a vida própria tirando-a dos seus semelhantes, enquanto que no caminho da positividade, para conquistar a vida, é necessário procurá-la para os outros. Eis os dois tipos: o do guerreiro, **egoísta** e agressivo, e o do homem pacífico do Evangelho, **altruísta**, pronto a colaborar. O primeiro é positivo só em relação à gota de água, que é o seu mundo, do qual ele se faz centro; mas ele é negativo em relação ao universo, do qual sem saber faz parte e cujo centro é Deus. O mártir do sacrifício para o bem de todos é negativo dentro da gota d’água humana, mas é positivo dentro do universo perante Deus. Tudo está emborcado em nosso ambiente terreno e, por isso, se julga fraco e se condena como tolo quem se sacrifica para o bem do próximo. Explica-se assim por que há um absoluto antagonismo entre o mundo e o Evangelho, porque existem, e o que significam esses dois métodos opostos. O homem do dever sacrifica-se, mas constrói na ordem, o homem da **força** triunfa em proveito próprio, mas destrói porque é rebelde à ordem; o mártir morre, mas semeia vida, o herói do mundo

vence e vive, mas semeia morte. O sacrifício em obediência à Lei reconstrói ao longo da linha positiva da dor; a *força* na revolta à Lei destrói ao longo da linha negativa do erro e do mal. O triunfo do mundo é emborcado ao negativo, nos antípodas do triunfo positivo, nos céus; representa a vitória das células do câncer e não a das células sadias do organismo. O triunfo do mundo se constrói esvaziando e destruindo e não gerando e construindo valores. Por isso o homem fica sempre insaciável, porque aquele nutrimento é fingido, negativo, não satisfaz, mas apenas dá fome.^{19 (p. 88-89)}

Princípios de uma Nova Ética

Aconteceu deste modo porque, na luta entre o ideal e o homem, quem no momento venceu na Terra foi o homem. A ele pertencem o passado e o presente, ao ideal somente o futuro. O homem criou para si, apesar das revelações das religiões, uma ideia absurda de Deus, vigorante na prática, produto da forma mental do homem, a única que ele sabe compreender porque corresponde aos seus instintos. A lei dele é a luta pela vida, que impõe a necessidade de vencer se quiser sobreviver. Donde o instinto fundamental do homem de afirmar-se contra todos. O Deus concebido pelo homem, para ser obedecido, tem de ser antes de tudo o mais *forte*, o todo-poderoso no sentido humano de arbítrio, embora se contradizendo, impondo com o milagre uma correção à Sua própria Lei, efeito do capricho duma vontade desordenada inadmissível na perfeita organicidade do universo. Este Deus pode operar graças à vontade, fora da lógica e dos *justos* equilíbrios do merecimento. Ele é respeitado não pela Sua inteligência, *justiça* e bondade, mas porque está armado de punições infernais eternas. Isto revela o homem primitivo que não raciocina, não age por convencimento porque compreendeu, mas só pelo terror do seu prejuízo. Este homem não pode ser dirigido pelos caminhos duma inteligência que ele ainda não desenvolveu, mas só pelo temor do mais *forte*: temor que gera o desejo de escapar à *força* de Deus. Eis então que Ele se tornou um pobre ser, enganável com *astúcias*, susceptível de ser amansado com sacrifícios, ofertas e preces.^{19 (p. 100)}

Ninguém pode sair da sua forma mental e conceber mais do que a sua ignorância permite. Se a psicologia do homem é a de subjugar o fraco e enganar o simplório, e se não possui outro cérebro senão este, como pode ele compreender que Deus está completamente acima desta forma mental? Outro Deus representa para ele um inconcebível. De tal cérebro humano, filho das necessidades da vida material e feito para resolver os problemas desta, não podia sair outra concepção a não ser esta. O homem comum pensa: quem é o mais *forte* seja também o mais perigoso, porque a experiência com a qual ele construiu a sua forma mental lhe ensina que quem tem o poder nas mãos

costuma fazer dele um uso *egoísta*, só para a sua vantagem e o dano dos outros. Os chefes que o homem conhece na Terra são, na maioria dos casos, dominadores que escravizam e exploram os seus súditos. Os cidadãos, por experiência milenária, consideram os governantes como patrões, seus naturais inimigos, como o é cada dono para o seu criado. Então é dever defender-se, é mérito e valor usar a inteligência não para obedecer, mas para torcer tais leis inimigas, delas escapando com a *astúcia*.¹⁹ (p. 100-101)

Eis o que está no cérebro do involuído. Mas logo que se desenvolver um pouco a inteligência, aparece o absurdo de tudo isto. Deus não é de maneira nenhuma um chefe desse tipo, Ele não domina para escravizar e explorar as Suas criaturas. As Suas leis são sábias, e benfazejas, obedecer a elas não é dano, mas vantagem. Tal Deus é muito inteligente, *justo* e bom. Pode-se falar com Ele, porque sabe bem compreender, e o homem honesto nada tem o que temer Dele. Ele não está morando nos céus qual soberano no meio da Sua corte, olhando de longe para o nosso inferno selvagem só para receber na Sua glória *egoísta* as nossas humildes homenagens. Mas Ele está sempre presente, vivo entre nós operando ao nosso lado, tomando parte na vida e nas dores dos Seus filhos; não precisa de ministros e intermediários hierárquicos para nos comunicarmos com Ele, e quando falarmos de coração aberto e tivermos o ouvido bastante sensibilizado para ouvir a Sua voz profunda, Ele responde, dizendo-nos coisas maravilhosas, bem diferentes das que dizem os homens. Descortina-se então um mundo novo, que a Terra não conhece e onde tudo é claro, *justo* e bom, duma sabedoria e duma beleza indescritíveis. Aparece então todo o absurdo da corrente concepção de Deus, pela qual não se pode chegar à obediência a não ser pelo caminho do terror, como exigem os selvagens, enquanto, pelo contrário, é vantagem e festa tornar-se, mesmo que seja em medida mínima, conforme as próprias *forças*, operários colaboradores de Deus na grande obra da evolução redentora da criatura decaída.¹⁹ (p. 101)

Quem entendeu a lógica e a técnica desse fenômeno sabe uma grande verdade que o mundo não conhece, ignorância que lhe custa caro, isto é, que fazer o mal nunca pode levar à própria vantagem, mas só ao próprio dano; sabe que querer ser *astuto* para lograr a Deus, significa só querer ser *astuto* para intrujar a si mesmo. Perante tal sabedoria da Lei, as armas humanas da *força* e da *astúcia* não têm poder algum. Finalmente, a Lei corta as garras à fera e a *justiça* triunfa. Os inferiores podem gerar o inferno só para si. Que Deus se possa enganar é um absurdo em que só o involuído na sua ignorância pode acreditar. O que de fato vigora na substância é a lei do merecimento. Isto quer dizer o triunfo da sinceridade, bondade e honestidade, qualidades hoje tão desvalorizadas em nosso mundo que, seguindo a Lei do mais *forte*, considera-as quase imperdoáveis fraquezas de doentes. Este é um Deus em que se pode confiar porque dá prova de ser de fato invencível, mais inteligente, cuja Lei não

pode ser torcida. Pode-se acreditar Nele e segui-Lo porque Ele sabe garantir a vida a quem segue a Sua Lei, que o inundo julga loucura; pode-se segui-Lo em segurança porque Ele é *justiça* inviolável que tudo retribui segundo o merecimento.^{19 (p. 102-103)}

É interessante observar a técnica dessa luta em que, contra a *força* e a *astúcia* do homem, vence a sabedoria e a *justiça* de Deus. O ponto fraco do método do homem é a sua posição emborcada de cidadão do Anti-Sistema. Ele é *forte* e *astuto*, mas o seu egocentrismo separatista o expulsa do terreno do Sistema, que é o do conhecimento, e o deixa isolado na sua ignorância. No fundo dessa sua ignorância ele continua acreditando saber tudo. A revolta, filha do egocentrismo, significa orgulho; e o orgulho tira a visão. Mas, apesar de cego, o homem se julga bem apto a dirigir-se. Isto o faz um alucinado que acredita nas ilusões do mundo, nas miragens criadas pelos seus desejos, pronto a cair em todas as armadilhas de que o seu ambiente terreno está cheio.^{19 (p. 103)}

Sabemos que esta ética não pode satisfazer os *fortes* e os *astutos* do mundo, ser compreendida e aceita por eles, Mas somente pelos maduros que a merecem. Nada se pode ganhar de graça e os que não fizeram o esforço necessário para subir, têm de ficar em sua ignorância, com erros e sofrimentos, até ter aprendido toda a lição, Seria fácil demais resolver o problema da evolução e salvação só porque alguém nos explicou o método com palavras. Os mestres ensinam, mas nós mesmos temos de fazer o trabalho de nosso amadurecimento, temos de aprender à nossa custa, pagando as consequências dos erros para não cometê-los mais. Assim, os *fortes* e os *astutos* ficam surdos aos conselhos, acreditando saber tudo, não querem abrir os olhos para ver e, como é *justo*, ficam imersos no inferno que merecem. Acontece então que todos encontram no mesmo ambiente terreno as mesmas oportunidades e os mesmos perigos, mas cada um escolhe segundo o seu tipo, assim revelando a sua natureza e acolhendo as consequências que merece. É lógico que quem entendeu o jogo das ilusões da vida não cai mais nelas. É *justo* que quem tem cobiça seja por ela atraído e caia nos perigos e os que não têm cobiça os evitem, porque isto é o que cada um merece e porque é bom que quem não sabe, aprenda.^{19 (p. 103-104)}

Deus não é chefe desta ou daquela hierarquia religiosa, por ela monopolizado, armado contra os deuses de todas as outras religiões. Ele é universal, abraça todos, sem preferências e exclusividades; usa a Sua Lei na medida igual para todos e não uma para um grupo e outro para os demais. Sua *justiça* está acima de todas as injustiças humanas. É universal e não particular; é amiga de todos os *justos* e não somente dos seguidores de um dado grupo, considerados bons, e inimiga dos seguidores de outros grupos, somente por isso considerados maus. Acabe-se com essa psicologia animal de vencedor e

vencido, pela qual tudo o que o primeiro faz está certo e o que o derrotado faz está errado!¹⁹ (p. 105)

Agora na Terra está nascendo a nova ética social, internacional, mundial, que terá de reger em unidade o novo organismo coletivo da humanidade. Se a ética do homem primitivo do passado teve de basear-se no princípio da seleção do mais **forte**, que leva à agressividade e à luta, se ao ter usado essa ética o homem atual deve o fato de ser o vencedor, dono do planeta, hoje os objetivos que a vida tem de atingir são diferentes e por isso tem de mudar a ética que dirige a conduta do homem. Assim apareceu a civilização com as suas leis civis e religiosas com isso uma nova ética, pela qual furtar e matar, que no mundo selvagem eram virtudes do mais **forte**, são pelo menos em alguns casos, oficialmente reconhecidos como culpa e crime. Isto porque a humanidade começou a encaminhar-se para o estado coletivo-social-orgânico o da convivência pacífica na colaboração. A humanidade, sem dúvida, está atingindo um novo plano de existência, com a mudança das regras que a dirigem: ética diferente, porque tem de atingir finalidades mais adiantadas, sendo necessário conquistar outras qualidades com outras normas de conduta. Eis por que o Evangelho que as representa não tem, como há pouco dizíamos, somente um significado religioso, mas também social e biológico. Está sendo construída hoje a nova unidade coletiva constituída pelo estado orgânico da sociedade humana, fato que requer uma nova ordem e uma nova disciplina de cada indivíduo em função do interesse comum: conceitos antes desconhecidos e contraproducentes, hoje úteis e que por isso se valorizam, virtudes novas, mas adiantadas e inteligentes, que tomam o lugar das velhas, da **força** individual, desorganizada e destruidora, velhas virtudes superadas, socialmente negativas e criminosas, inadmissíveis nas novas condições de vida.¹⁹ (p. 109-110)

Esta é a ética que aqui oferecemos, a moral da qual o homem moderno precisa (proporcionada ao seu atual merecimento); ética séria, a única que os inteligentes, pela sua forma mental crítica e positiva, podem aceitar; moral prática, razoável, honesta, utilitária, que calcula com **justiça** e por isso convence, que dá o que promete e de tudo explica o porquê, a razão pela qual nos convém obedecer, e o bem que temos o direito de receber em troca do sacrifício que ela nos pede. Ética evidente, onde tudo está claro, porque cada um pode calcular o efeito dos seus pensamentos e atos. Ética **justa**, que nos devolve o que lhe apresentamos, conforme o que merecemos, premiando os **justos** e golpeando os **injustos** com a dor e a desilusão. Elas se explicam como consequência lógica e automática do caminho errado, para a negatividade, que o ser toma quando desobedece à Lei. Tudo isto é implícito e fatal, pela própria estrutura de todo o fenômeno do universo.¹⁹ (p. 115)

O erro e sua correção

De tudo isto se segue que, quanto mais formos a favor da corrente da Lei, tanto mais fácil será o nosso caminho, aquela corrente nos ajudará e por isso sairemos **fortes**; e ao contrário, quanto mais nos rebelarmos à corrente da Lei com as nossas tentativas de desvio, tanto mais difícil será o nosso caminho, porque na corrente contrária encontraremos, não ajuda, mas resistência, o que nos levará não para o sucesso, mas ao fracasso. Quanto maior for o nosso erro, tanto mais seremos vulneráveis e fracos, e tanto maior será a reação da Lei contra nós e por isso padeceremos o contraste de nossa amargura. A desordem gerada pela vontade do ser é proporcional ao impulso corretor da Lei, para reconduzi-lo à ordem. A esta ele terá de voltar, porque quanto mais se afastar da Lei, maior será o seu esforço para vencer a corrente contrária, com isso gerando atrito e sofrimento. Assim, por um automático jogo de **forças**, o ser ficando livre, não pode deixar de voltar à corrente da Lei, renegando e reabsorvendo o seu próprio impulso de rebelde, porque é este impulso o que gera a dor, que não acabará de atormentá-lo até que ele tenha tudo pago e voltado à ordem, em obediência à Lei.^{19 (p. 128)}

Evoluído e involuído

Como trata então esse biótipo hoje dominante os outros dois que, em relação a ele, se encontram na posição de involuído e evoluído? Observemos primeiro o caso do involuído. Quando ele é representado por outros povos em terras coloniais, em geral as relações são as do homem chamado civilizado que, obedecendo à ética do seu plano, explora pelo direito da **força**, inteligência e recursos materiais, quem é menos provido desses meios. Neste nível pertence ao mais **forte** estabelecer as leis e a ele é devido todo o direito. Ética de luta, pela qual tudo acaba nas mãos de quem sabe agarrá-lo. Eis a consequência lógica dessa ética: os que não sabem defender-se e impor-se, são esmagados. Esta é a realidade que de lato existe além das teorias políticas ou religiosas pregadas. Neste plano vigora o método do vencedor e vencido, que vai das invasões bárbaras à exploração do trabalhador analfabeto. Por isso, no mundo de hoje, enquanto estão pregando a paz, preparam-se para a guerra. Esta é a única ética neste nível de vida. Este é o método e a base, glória de todos os imperialismos. Método em que se concordam todas as raças e povos, de todos os tempos e países do mundo.^{19 (p. 153)}

Estamos apenas observando o fenômeno imparcialmente. Claro: a coisa mais urgente para todos é antes de tudo defender-se e não há motivo para que a sociedade fazer exceção a essa regra, tanto mais que os criminosos conhecem mais do que todos o método do ataque e defesa. Ninguém pode negar

à sociedade esse direito à legítima defesa. Mas isto significa: que estamos no terreno da luta, onde a vitória pertence ao mais *forte*. O mal-entendido está no fato de que esta luta e defesa ficam escondidas sob o manto do direito e da *justiça*. Quando nas revoluções os rebeldes vencem, estabelecem uma nova ordem para si, armam tribunais para condenar, conforme a *justiça*, os seus inimigos em nome da lei, como fazia antes contra eles a sociedade regularmente constituída. O espírito de luta, de agressividade e defesa é legítimo neste plano de vida e faz parte da lógica de sua ética. Estamos ainda na fase caótica do egocentrismo separatista, em que a defesa para a sobrevivência não pode ser confiada senão ao indivíduo isolado ou, por instinto gregário, unido em grupo com alguns semelhantes seus. O Estado com a sua autoridade em nossa sociedade dita civilizada, apesar de democrático e representativo, é constituído por um desses grupos, formado pela classe dominante que defende, contra todos, os seus interesses e sua vida. Tudo isto se pode considerar lógico e *justo* se colocarmos a nossa sociedade no nível biológico ao qual ela pertence – o da luta e da *força*.^{19 (p. 153-154)}

O engano se revela quando neste mundo queremos falar de verdadeira *justiça*, coisa que só aparece num mais alto nível de existência, ao qual o homem ainda não chegou. Não há dúvida que todos têm o direito de viver, em todos os planos de vida e em todas as relativas formas de ética. Mas com a evolução se modifica o método para atingir essa finalidade. Não é mais o indivíduo que se defende, mesmo usando as leis como arma na sua luta contra o próximo numa contínua peleja de ataque e defesa, onde só o mais *astuto* ou rico tem razão; mas é a coletividade para a qual o indivíduo faz tudo, aquela que faz tudo para ele e o defende no seio duma ordem não mais partidária, mas imparcial e universal. Mas isto poderá acontecer somente quando a humanidade houver atingido o estado orgânico e o indivíduo tiver adquirido a consciência necessária para saber viver nele.^{19 (p. 154)}

Determinismo da Lei

O trabalho da evolução se efetiva então por intermédio de uma colaboração entre a determinística vontade da Lei e a vontade livre do ser, isto é, entre Deus e a criatura, e vice-versa. É a Lei que estabelece a regra do jogo, mas é o ser que, com seu risco e perigo, nega-o. No caso do homem, este vai indo ao acaso experimentando por tentativas, batendo a cabeça por todos os lados, não tendo outro recurso para se autodirigir senão a dor, e a Lei o avisa que ele errou, convidando-o a corrigir o seu próprio caminho. Assim, ele somente acabará de se corrigir, com o seu sofrimento, quando houver aprendido toda a lição. Procuramos aqui observar e aprender as regras desse jogo, para jogá-lo, não com a estúpida inteligência dos *astutos*, mas com a inteligência

honestos dos evoluídos, porque esta é a única que, não ofendendo a Lei, com o nosso erro não provoca a sua reação de dor.¹⁹ (p. 172-173)

O fenômeno queda-salvação

A razão que explica e justifica a existência em nosso mundo da dura lei da luta pela vida e da seleção do mais **forte**, é que essa lei é um meio para desenvolver a inteligência e assim, impondo ao ser o esforço da subida, realiza a evolução. Lei feroz, porque estamos ainda no nível animal, mas em relação a este, em proporção ao seu baixo grau de desenvolvimento e ao trabalho a cumprir, tudo isto representa o meio de evolução e o método mais adaptado. Lei enérgica, que se deixa bem entender, porque elimina os ineptos e preguiçosos, não lhes deixando o direito de sobreviver. Todas as vantagens para os vencedores, todas as renúncias para os vencidos. Quem não faz esforços para subir, é condenado. Assim a Lei impõe o trabalho da superação contínua. Ela exige que o ser suba e sempre lute para isso. E o homem, julgando satisfazer-se a si próprio, corre para satisfazer a vontade da Lei que o movimento por dentro, por meio dos instintos. É lógico que a Lei opere por dentro, porque ela é a alma das coisas, que rege o universo.¹⁹ (p. 223-224)

Uma ética progressiva

No plano biológico da fera tudo pertence, em pleno direito, ao mais **forte** que sabe vencer. O fraco vencido não tem direito algum, nem ao menos à vida. Esta é a ética que vigora neste plano, proporcionada a capacidade de entender do ser que nele vive. É a lei da luta pela vida para a seleção do mais **forte**, lei pela qual a **justiça** consiste no seu triunfo absoluto e na destruição do mais fraco. Esta é a lei da fera, a sua **justiça**, porque este é o método com que ela realiza a sua evolução. Outro método a fera não poderia entender, nem melhor saberia fazer. Neste nível, onde o objetivo da vida é o de selecionar o mais **forte**, este é o conceito certo de **justiça**. Também o homem, quando usa o método da guerra, retrocede ao nível biológico da fera. Por isso, quando com a guerra vence, ele julga ser seu pleno direito, conforme o conceito de **justiça** desse plano, matar, destruir, escravizar, praticando métodos que na sua vida social normal ele próprio julga crime. É lógico, porém, que, quando o homem desce a esse nível da fera, fique sujeito à lei respectiva, que ao mesmo tempo autoriza qualquer outro ser mais **forte** a fazer contra ele, em plena **justiça**, o que ele fez contra os outros quando foi vencedor. Disto resulta uma batalha contínua, como vemos em nosso mundo de luta e insegurança total representando punição automática para todos, que adotam este método e o consagram.¹⁹ (p. 236)

No plano biológico animal-humano aparecem as leis civis, penais, religiosas e morais que estabelecem o lícito e o ilícito. A vida não está mais no poder do arbítrio do indivíduo, mas está sujeita a uma norma que pretende regular o uso indisciplinado da *força*. No seio da sociedade desponta uma ordem superior para refrear o individualismo e regular o caos da liberdade ilimitada. À *força* se substitui a lei que estabelece quais são os direitos e os deveres de cada um. Uma regra coletiva disciplina o arbítrio. O homem fica preso à *força* dentro desta regra, *força* representada pela sanção punitiva que lhe inflige dano material, econômico, espiritual etc., assim se deixa obedecer. Mas nem por isso acaba a luta, o que seria parar o esforço evolutivo e com isso a ascensão do ser. A *força* ficou, mas nas mãos dos dirigentes, e antes de tudo para defender os seus interesses: ficou, mas teve de se cobrir com a roupagem da lei, do direito, da *justiça*. Assim a luta tomou outra forma e a vida se dirigiu para outro tipo de seleção, mais refinada: não mais a do mais *forte*, mas a do mais inteligente. Eis que desponta o primeiro grau de inteligência, o mais baixo, que já se encontra nos animais, o da *astúcia*. Aparecem a mentira, o fingimento, o engano, como arma de luta pela vida e meio de seleção, para a conquista de qualidades não mais físicas, mas mentais. Para sobreviver, o ser está constringido a pensar, o que leva a vida a realizar conquistas novas num nível mais alto de evolução. Mas estamos ainda no início e desses meios detestáveis o nosso mundo está cheio. Agora, porém, podemos compreender por que razão e qual é a sua função.¹⁹ (p. 236-237)

No plano biológico super-humano vigora um conceito de *justiça* completamente diferente. Aqui foi superado e desaparece completamente o princípio animal da luta pela seleção do mais *forte*, mesmo que realizado por meio da lei usada como arma, como uma espada na mão de um guerreiro, espada inerte, cujo poder depende da *força* do lutador. Neste plano superior o mais *forte* é o mais *justo*, a *justiça* é *justiça*, e não o resultado de uma luta, apesar de legitimada pela lei, que estabelece as regras do jogo, mas que permanece sempre num plano inferior. Se no nível humano o que tem peso não é tanto o ser inocente, quanto o saber demonstrar ser inocente, como num duelo, mais que a *justiça*, o que tem peso é a habilidade do duelista, pelo contrário no plano super-humano a balança da *justiça* é balança, isto é, corresponde ao mérito, e não se pode colocar num prato a espada para que substitua o peso do mérito. O princípio da *força*, o desafoço de instintos da luta, neste nível não existem mais. Não basta obedecer às normas estabelecidas pela lei, para que a *força* se torne *justiça*, direito que autoriza, e o uso do poder do mais *forte* se torne legítimo.¹⁹ (p. 238-239)

Nessa *justiça*, a punição não é desafoço de instintos de agressividade, o que excita a reação do lado oposto, no duelista que recebe o choque, que ele por sua vez procura devolver, nunca cessando o atrito, como acontece em nosso

mundo na luta entre os criminosos e a lei. No conceito de *justiça* desse nível superior é admitido só o direito, justificado pela necessidade imediata, de afastar o culpado que ainda não foi educado. Direito de isolá-lo, se necessário, porque a sociedade deve defender-se do indivíduo que por inconsciência se torna perigoso. Mas nunca o direito de fazer o mal. A verdadeira *justiça* não pertence ao homem, mas a Deus, que é o único a possuir o conhecimento necessário para poder praticá-la. Neste plano vigora a lei do Evangelho que diz: “não julgueis” o que tira ao homem o direito de condenar e de punir. Não há lei que possa autorizar a fazer o mal contra ninguém, mesmo contra quem, porque não soube defender-se dos seus erros ou não foi educado para não cometê-los, foi julgado culpado. No nível biológico atual se trata de luta, apesar de ser conduzida com as armas civilizadas da legalidade, luta que não é *justiça*; trata-se de um combate em que culpado é quem não sabe vencer com tais armas. Quem pune em nome de tal *justiça*, julgando ser seu direito, se for observado conforme os princípios desse outro plano superior, seria condenado, porque nunca se pode fazer o mal, e quem o faz tem de pagar por isto, apesar de ser autorizado por todas as leis civis, penais e religiosas. E de fato o nosso mundo continua sempre pagando. O erro está no fato de que leis, juízes e tribunais estão situados no mesmo nível biológico do condenado, que é assim porque representa uma minoria desorganizada contra uma maioria organizada e mais poderosa. Trata-se de um conflito entre dois duelistas, no qual a vitória pertence ao mais *forte*, enquanto a verdadeira *justiça* não pode descer, senão de um plano superior da parte de seres que a ele pertencem, e que podem julgar porque não estão dentro, mas fora e acima do conflito.¹⁹ (p. 240-241)

Este é o conceito de *justiça* no nível super-humano, onde não se realiza a seleção do mais *forte*, nem do mais hábil e *astuto*, mas do mais honesto e bom. Então esse conceito, visto com a forma mental do atual plano biológico humano, porque pertence a outro mais evoluído, é julgado utopia, sonho irrealizável porque situado fora da realidade da vida. Ele permanece assim, como fizeram com o Evangelho, no terreno da pregação teórica. Ninguém pode, porém, impedir que quem não sabe evoluir tenha de suportar as consequências da sua posição, estabelecidas pela lei do seu plano atrasado. O método do código penal e do inferno nada resolve e, pela sua impotência, tudo ficou no nível da luta. Esta gera inimigos, não soluciona o contraste. O método do Evangelho resolveria, mas com o seu cérebro atual o homem não sabe compreendê-lo e realizá-lo. Assim o mundo ficará fechado na sua ignorância e nos seus sofrimentos, até que com o seu esforço consiga quebrar esse círculo vicioso, em que hoje se encontra preso.¹⁹ (p. 241)

Eis como tudo está funcionando, vimo-lo de que maneira e por que razão. Falamos da mentira, porque o fingimento representa a forma, diríamos subterrânea, que a luta pela vida tomou em nosso mundo atual. A *força* hoje,

pelo menos na forma e entre particulares, é condenada, teoricamente substituída pelo direito. No terreno internacional este ainda não existe, senão na fase embrionária do tentativa, enquanto as brigas se resolverem com as armas e as guerras. A *astúcia* é método normalmente aceito na prática. As nações pregando paz e sustentando o direito, aprontam guerras. Às leis, os *astutos* e poderosos sabem escapar. E nas religiões, quem acredita de verdade? Atrás de tão bonitas aparências que estão na vitrine para a gente em boa fé acreditar, a realidade escondida é outra, pois enquanto houver os simples ignorantes, haverá também quem os explore. Como no nível da *força* a lei de evolução impunha a seleção do mais *forte* com a destruição do mais fraco, assim hoje no nível da *astúcia* a mesma lei impõe a seleção do mais inteligente com a eliminação do mais simplório. Ninguém pode parar no caminho da evolução, mesmo agora que se subiu para um nível mais alto. Como um dia foi necessário ser *forte* para sobreviver, agora é necessário ser inteligente. Claro que se trata ainda de inteligência caótica, mal dirigida, e pelos erros que ela comete, o mundo tem de pagar, como do fato a cada passo está pagando. Assistimos assim ao desmoronamento contínuo do tantas construções suas, porque tudo o que é edificado pela inteligência sem o cimento da bondade, mais cedo ou mais tarde está destinado ao fracasso.^{19 (p. 249-250)}

Quem em nosso mundo se apresenta como é, com toda a sinceridade? Se o fizesse estaria perdido, porque quem não é levado a aproveitar-se dos pontos fracos do próximo, quando consegue descobri-los? Tudo isto no nível A₃ é natural, corresponde aos instintos, fruto das duras experiências passadas, verdade axiomática com que a maioria concorda espontaneamente. Assim é a ética desse plano, porque do tal método a vida precisa para alcançar o seu objetivo, que é o desenvolvimento da inteligência. Os *astutos* para dominá-la já a desenvolveram, agora, o esmagamento que eles praticam vai desenvolvendo a inteligência dos ingênuos. Os que sabem fazem o trabalho de ensinar aos que ainda não sabem, os mais inteligentes automaticamente se encarregam de desenvolver a inteligência dos ignorantes.^{19 (p. 252)}

Assim as classes sociais ou povos inferiores aprendem e sobem, imitam e amadurecem, até que um dia se revoltam e chegam a ocupar o lugar dos dominadores. Como a história da revolução francesa, da russa, do império colonial romano, do inglês. Afinal de contas, na sabedoria da vida, os dominadores trabalham a serviço dos dominados. Enquanto mandam, na verdade, ensinam aos seus subordinados como dominar. Há complementariedade ente os dois grupos. Se a vida permite a maldade do engano, isto se verifica porque é útil para acordar a mente do ingênuo. Quanto mais os enganadores praticam o seu jogo, tanto mais rapidamente e melhor os enganados o aprendem em seu proveito. Deverá assim, por este caminho, chegar-se ao ponto em que tal jogo não será mais possível, os simplórios

desaparecerão, porque vencidos e eliminados não existirão mais, e se tornarão **astutos**. Tanto no nível A_3 da **astúcia**, como no A_2 da **força**, a vida cumpre o seu trabalho de seleção e de limpeza, libertando-se dos ineptos. O caso triste é quando na Terra desce um biótipo do nível A_4 e tende a ficar sujeito a uma luta contínua que atrapalha o seu trabalho, tão mais útil e alto, luta estúpida para ele, que não precisa dela para desenvolver uma inteligência que já possui. Pode assim acontecer que um gênio especulativo seja constrangido a usar a sua inteligência para defender-se dos ladrões que lhe furtam tudo, em vez de a usar para as suas descobertas.^{19 (p. 252)}

Uma das conclusões práticas que deriva do tais observações é que a solução do problema da **justiça** social, dos desníveis econômicos, da independência das classes ou povos submetidos, depende do fato de que eles aprendam a lição com o exemplo dos seres dominadores. Para subir, têm de fazer o esforço que os dominadores fizeram para conquistar a sua posição de domínio. Para vencer o gozar do fruto da vitória, é necessário trabalhar, valer, merecer. Neste nível também há lugar apenas para os vencedores. Para os vencidos o azorrague da dor, para que eles se tornem vencedores. Tal é a **justiça** deste plano, pela qual se legitima a presença dos **astutos** para ensinar aos ingênuos, e a presença destes para serem educados. É natural: como nas doenças os micróbios acorrem ao ponto fraco do organismo doente, convidados pela sua debilidade; também os **astutos** acorrem onde há os simples, que com a sua ignorância os convidam, para que estes possam cumprir a função pertencente aos mais adiantados, estimulando a evolução dos mais atrasados.^{19 (p. 253)}

Pelo mesmo princípio o super-homem do nível A_4 procura levantar os homens do plano A_3 , ensinando aos **astutos** a superar o seu método, para substituí-lo pelo da honestidade; a estes, que procuram escapatórias para evadir-se, há o azorrague da dor. Sempre há evolução, seja com o engano dos **astutos** acordando a mente dos ingênuos, seja o evoluído iluminando os **astutos**, deixando-lhes entender quanto é contraproducente o seu método de intrujar a todos.^{19 (p. 253)}

Assim tudo vai evoluindo e concorre para promover a evolução. Todos os seres, em todos os níveis, estão presos na engrenagem do processo evolutivo. Eis, em relação ao nosso nível, a realidade contida no esquema gráfico de nossa figura. O atual século está fazendo esforços evolutivos em todas as direções. A evolução vai do método da luta ao do amor, do esmagamento à colaboração, do sistema do direito do mais **forte** ao da defesa dos bons e honestos. A tendência universal, igual nas duas partes opostas do mundo, é a de proteger e instruir os meninos, dar abrigo aos velhos e desamparados, emancipar a mulher, sustentar os pobres, reconhecer o direito do todos à vida. Assim, às vezes sem saber, nem

querer, pelo universal impulso de evolução, todos são levados, mesmo os que o negam, a realizar o Evangelho, que representa a lei social do porvir. Descendo da visão geral do fenômeno evolutivo, chegamos cada vez mais perto dos pormenores, observando as condições de nosso mundo atual e as razões que as explicam e justificam.¹⁹ (p. 253-254)

Níveis evolutivos e tipos biológicos

No plano A₃, o do homem atual, vigora uma ética e estrutura econômica em evolução, em fase de transformação do nível A₂ ao A₄, o que explica o fato de que nela se encontram elementos em contraste. Nos degraus inferiores inicia-se a técnica da oferta e da procura e aparece o método da troca, limitada ao momento, sem se ter atingido os conceitos de previdência, capital e propriedade. Esta encontra-se na sua fase elementar, em que é meu o que agarrei com a minha *força* ou *astúcia*, isto é, a propriedade se identifica com a sua mais baixa fase de origem, que é a posse. Aqui o ser está ainda no nível do roubo. É a ética dos indivíduos e povos primitivos. A sua economia é escravagista. A ideia de deveres e direitos, de colaboração social com uma *justa* distribuição do esforço e proporcionada compensação, está ainda longínqua em estado de germe que ainda tem de nascer. Quando a ideia aparece escrita nas leis, apesar destas, muitas vezes continua vigorando na forma mental dominante a ética econômica da fase de origem que diz: “porque eu sou o mais *forte* ou *astuto*, por isso, o vencedor, meu é todo o direito de mandar assim como o de possuir à vontade. Quem deve trabalhar não sou eu, o Senhor, mas o fraco, meu escravo, porque foi vencido e por isso tenho o direito de explorar à vontade. O trabalho é coisa desprezível que pertence só aos servos. Quem vale é somente o senhor e todos os direitos são dele. Os outros nada valem, não têm direitos, apenas têm o dever de servir”.¹⁹ (p. 256-257)

De tudo isto vemos assim aparecer resultados estranhos porque a lógica do mundo tem de obedecer ao mesmo tempo a dois princípios opostos, o do nível A₄, e do nível A₂. Vemos o direito do mais *forte* tornar-se *justiça* e esta ter valor porque apoiada na *força*. Todos sabem que a lei sem a *força* é vã, mas ninguém se pergunta por quê. Aparece, então, a lei armada de cadeias, e a bondade do Evangelho armada de inferno.¹⁹ (p. 265)

Assistimos assim a esse estranho abraço entre Céu e Terra. O primeiro, para realizar o seu programa, tem de descer tomando forma material na Terra. Tal forma deveria ser apenas uma veste do espírito e existir só em posição subordinada, a ele sujeita. Mas a matéria representa também uma *força* e uma vontade, que se quer realizar. Por sua vez, a matéria tenta prevalecer sobre o espírito, impondo-lhe as suas exigências. É lógico que na luta o mais

forte vença. Ora, podemos observar em cada momento da história quem é o mais **forte**. Se é o espírito, isto quer dizer que a humanidade está evoluindo; mas se é mais **forte** a matéria, os interesses prevalecem, então isto quer dizer falência do céu e triunfo da inferioridade animal, ou seja, que a humanidade está involuindo. Pode-se chegar assim até ao ponto dos interesses materiais constituírem o único objetivo das religiões. Neste caso se realizou, como já falamos, aquele emborcamento dos ideais, que representa a vitória do Anti-Sistema. Isto se explica com o fato de que o seu impulso não está apagado, mas continua vigorando, pronto a repetir a revolta contra o Sistema e voltar a descer, retrocedendo para o Anti-Sistema, em vez de avançar para o Sistema.^{19 (p. 268-269)}

Aconteceu também no terreno religioso, que deveria estar acima de nosso mundo, onde acabou vigorando a lei de todas as coisas humanas, a do plano A₃. Como se pode exigir, nesse nível, que os **fortes**, neste caso os mais **astutos**, sustentem de graça e não aproveitem os mais fracos, neste caso os mais simplórios? Estamos na Terra e não no céu, e como podem os seres da Terra usar outra lei que não seja a escrita com os instintos na sua forma mental? A prova está no fato de que, se excepcionalmente aparecer na Terra o biótipo A₄, ele acaba sendo liquidado. Aqui a maior parte do material de construção é de tipo A₃, e não se pode construir senão com este material. E o tipo A₃ mais próximo do Anti-Sistema, representa o rebelde que quer estabelecer na Terra um reino oposto àquele que o tipo A₄ queria, mais próximo do Sistema. Por isso Cristo falou da irreduzível inimizade entre Ele e o mundo. Por isso o inferior quer destruir o superior, porque sabe que este, para evoluir, procura aniquilá-lo, substituindo-lhe uma mais alta forma de vida. Pelo fato de que o ser superior é naturalmente um destruidor de valores inferiores, os que o inferior mais ama, este é um destruidor de valores superiores, os que no alto mais valem. Há rivalidade e luta para a sobrevivência entre os diferentes planos de existência, porque cada um quer tomar o lugar do outro no mesmo campo da vida. As **forças** do Anti-Sistema não querem morrer e lutam desesperadamente contra as do Sistema, para que estas não vençam, o que significa a morte para as do Anti-Sistema.^{19 (p. 270-271)}

Missão e ajuda de Deus

Por tudo isto o leitor pode julgar o que significa cumprir uma missão, e quão dura seja a posição humana de quem tem de cumpri-la. Se, porém, houvesse tudo isso, mas num ambiente social de paz e amor recíproco, haveria o mínimo de tranquilidade que é indispensável para trabalhar. Mas estamos na Terra, onde o regime normal é o da luta de todos contra todos. Antes de tudo há as grandes guerras mundiais. Hoje, a Rússia comunista parece constringida a aliar-se ao capitalismo para a defesa contra o maior perigo para todos, que é a

China comunista que está surgindo. Hoje, chegou-se a construir a bomba atômica barata, de modo que ela acabará sendo acessível a todos, inclusive aos novos Estados selvagens. Por cima do mundo está suspensa, por um fio de cabelo, uma terrível ameaça de destruição. Eis o que sabem fazer os grandes **astutos** do mundo. Nestas condições, que vale ser rico, e quem pode gozar das suas riquezas, senão num estado de contínuo temor? Se estes são os resultados, está provado que nos métodos do mundo tem de haver algum elemento fundamental que está errado. Ao lado destas grandes guerras, há as pequenas, particulares. Elas exigem um gasto contínuo de energia na tensão do estado de defesa, na possibilidade do assalto de qualquer pessoa em qualquer momento. E se ela está bem organizada na luta e armada de recursos e **astúcias**, pode facilmente vencer e impor a sua vontade, contra quem aparece mais fraco, por não querer usar as armas do mundo e por estar tudo absorvido em outro trabalho.^{19 (p. 296)}

Então, se para ajudar quem cumpre uma missão não há senão o céu, que faz ele? Por que Deus permite tudo isto? Faz parte das normas da Lei? Ou desejar fazer alguma coisa para a salvação do mundo é um erro? Por que a humanidade merece ser destruída? É, na verdade, uma loucura querer fazer o bem ao próximo? O mundo ri desses problemas, mas eles são fundamentais para quem cumpre uma missão. Para quem, com todas as suas **forças**, enfrentando com risco e perigo todas as reações de um ambiente hostil, quis, custe o que custar, seguir a Lei, há momentos em que esta tem de intervir e de manifestar-se. Ela, pela sua própria lógica, está empenhada na defesa do seu instrumento e não pode deixar de ajudá-lo, se não quiser que a missão fracasse por sua culpa. Que um patrão, essencialmente **justo**, abandone o seu empregado, cumpridor do seu dever, é um absurdo inadmissível. Se o mundo não entende essa conversa, porque para ele a Lei não pode manifestar-se senão como reação punitiva, que ele fique dentro dela, posição emborcada que escolheu. Mas para os decepcionados do mundo será de grande consolo ver que há **justiça**, ver onde ela está e como, para a realizar, a Lei de fato “funciona”, como aqui estamos observando e o resultado positivo de nossa experimentação. Estamos agora no terreno, não das teorias, mas dos fatos. Eles se realizam quando o homem trabalha com meios e métodos que estão acima do mundo.^{19 (p. 299)}

Vi, muitas vezes, os agressores abandonados por Deus à terrível reação da Lei. O perdão da vítima trabalha em favor desta e não do seu agressor. O perdão não pode alterar a Lei e parar a **justiça** de Deus. Ninguém pode. Ela tem de se executar fatalmente. Vimos que, por um natural desenvolvimento de **forças**, a agressão feita por parte do homem **injusto** acaba automaticamente provocando a intervenção da Lei para defender o **justo** inocente. Por ter entendido isto e o perigo que o agressor por moto próprio se havia lançado, que podia fazer, senão procurar avisá-lo para ele se salvar? Mas, com a sua forma

mental de emborcado no Anti-Sistema, não podia compreender e interpretava essa ajuda como uma ameaça, uma reação de vingança, que ainda mais excitava a sua agressividade. É lógico que, julgando com a forma mental oposta, tudo pareça o contrário do que é.¹⁹ (p. 301-302)

Vamos assim explicando para o mundo como o absurdo evangélico do perdão é perfeitamente lógico. O Evangelho não pode ser entendido, senão penetrando-o em toda a sua profundidade. E vimos em termos de razão como se desenvolve a luta entre Cristo e o mundo. Estamos aqui demonstrando a coisa mais difícil de ser admitida pelo mundo: o homem evangélico que perdoa é o mais **forte**. Onde está e como se explica essa sua **força**? Quem está do lado do bem tem a vantagem de a sua natureza estar constituída pelas **forças** positivas do Sistema. Quem está do lado do mal tem a desvantagem de a sua natureza estar constituída pelas **forças** negativas do Anti-Sistema. O fato de pertencer ao Anti-Sistema e à sua negatividade, representa o ponto fraco da **força** do mundo. É esta sua fraqueza interior e fundamental que faz vencer aquela **força**, a do bem. Ninguém poderá mudar o ponto de referência em função do qual tudo existe: a Lei. Ora, o poder das **forças** do bem está no fato de que elas são alimentadas pela Lei, e a fraqueza das **forças** do mal está no fato de que elas são roídas pela Lei. Em termos práticos o ponto fraco da **força** é que ela pode ser injustiça; e o ponto fraco da **astúcia** é que ela pode ser mentira. A prova de que o bem é o mais **forte** está em reconstruir sempre, sabe vencer as **forças** destruidora do mal, sem isso tudo teria fracassado há muito tempo.¹⁹ (p. 303)

Na Terra as **forças** do bem como as do mal tomam forma concreta e se manifestam personificadas em indivíduos particulares que, pelas suas qualidades, são aptos a incorporá-las e que assim as representam. No Êxodo vemos as **forças** do bem e as do mal em ação, personificadas em dois indivíduos, claramente colocados em posição contraposta, um em frente do outro: Moisés, de um lado, e o Faraó do outro. O primeiro possui a orientação que recebe da voz de Deus e o poder dos Seus Milagres. O segundo possui a arma das suas **astúcias** mentirosas e dos seus exércitos. Quem é o mais **forte**? Deus deixa o Faraó livre para fazer o que quiser com os recursos terrenos dos seus enganos e da sua **força**. Espantado pelos pragas de que fala a Bíblia, ele permite a fuga dos hebreus. Mas logo que a praga desaparece, ele se arrepende, revoga a sua autorização e os escraviza de novo. Mas, por que razão Deus deixa a Sua ação ser paralisada, ficando ao dispor desse jogo do Faraó? Parece que a Deus falte a **força** de vencer, porque outra vez Ele tem de iniciar de novo a Sua luta. Então quem manda é o Faraó, e Deus é o seu servidor, porque a cada passo tem de correr atrás dele remendando o Seu trabalho mal feito. Que valor tem os milagres feitos por Deus, se depois o Faraó tem o poder de destruir o seu fruto?

¹⁹ (p. 304-305)

Eis as palavras da Bíblia: (Êxodo: 10, 2): (...) “os Meus sinais tenho feito entre eles, para que saibais que Eu sou o Senhor”. Êxodo (11, 9): “O Senhor dissera a Moisés: o Faraó não vos escutará, para que os minhas maravilhas se multipliquem na terra do Egito”. Então Deus usava tal método para melhor deixar entender, sobretudo ao seu povo, que Ele era o mais **forte**, era Quem, pelo Seu poder, mais convencia os Hebreus e estava acima de todos os outros deuses.^{19 (p. 305)}

Eis como o caso do Êxodo de Moisés confirma o nosso ponto de vista. No fim o bem triunfa, demonstrando que ele é o mais **forte**. Depois da passagem do Mar Vermelho, Deus vence definitivamente: (...) “a tua destra, ó Senhor, tem despedaçado o inimigo” (Êxodo: 15, 6).^{19 (p. 307)}

As estratégias do bem e do mal

Eis então como funciona a estratégia do bem: quando as **forças** do mal se movimentam agredindo as do bem, estas não se movimentam em sentido contrário, respondendo com um contra-ataque, mas usam o método oposto, isto é, simplesmente se fortalecem na sua imobilidade e isto basta para tornar vão o ataque. Mas como é isto possível? Se as **forças** do bem são **fortes** na sua imobilidade, como há pouco explicamos, essa imobilidade é feita de um movimento unitário, representando um sistema de **forças** orgânico e compacto, fechado em si mesmo, no qual não é possível penetrar. Assim as **forças** do bem permanecem como tais, resistindo como rocha dura, impenetrável como uma parede lisa de pedra. Isto pode fazer só quem é **forte** por sua natureza, porque está do lado do Sistema, isto é, da positividade, mas não pode ser feito por quem é fraco por sua natureza, porque está do lado do Anti-Sistema, isto é, da negatividade.^{19 (p. 310-311)}

Então o resultado final é este: se o mal encontra este ponto fraco e vulnerável, ele pode entrar; mas se não o encontra, porque do lado oposto não existe, então o mal não pode penetrar. É como nas doenças. Ninguém pode viver num mundo esterilizado sem micróbios patógenos, como ninguém pode ficar isento dos assaltos das **forças** do mal. A defesa está no indivíduo e não no ambiente. Assim as doenças não pegam quando encontram um organismo bem defendido, porque sadio e **forte**, como o ataque do mal não pode penetrar no indivíduo, quando neste não há pontos fracos de negatividade, isto é, a personalidade dele está sadia pelas **forças** da positividade. Começa então a vislumbrar quais são as condições necessárias para chegar à vitória quem usa a estratégia evangélica do perdão. O que constitui a **força** do agressor é o ponto fraco do agredido, onde este é vulnerável. Se este ponto fraco não existe, o mal nada pode, porque ele se encontra perante um ser invencível. Este é o caso em

que se verifica o fenômeno do ricochete. Veremos depois o caso em que o agredido está enfraquecido por qualidades negativas, o mal segue o seu caminho e pode atingi-lo.^{19 (p. 312)}

O pedido de *justiça*, para ser ouvido, exige que quem pede seja inocente, esteja do lado do bem e não do mal. Para que a Lei funcione, também em nosso plano, é necessário que sejam usados os seus métodos, que substituem à estratégia da *força* a da *justiça*. A *força* pode ser a mais poderosa, mas, se ela é injusta, se torna fraca, porque neste caso a Lei logo se coloca contra o agressor. O próprio fato da vítima ser inocente, a coloca na posição de credora perante a *justiça* da Lei. É por isso que os *astutos* da Terra procuram na luta disfarçar-se de vítimas. Mas com isso podem enganar as leis humanas, mas não a de Deus. Perante esta o agressor é devedor, por isso tem de pagar, o que constitui a sua fraqueza; e o agredido é credor, por isso tem de receber, o que constitui a sua *força*.^{19 (p. 316)}

Apesar de serem tão imperfeitas as leis humanas, nelas já existe tal conceito de *justiça*, que em nosso mundo, regido por outros princípios, realiza-se quando é possível. Infelizmente este é um mundo de aparências, de modo que tem mais importância, mais do que o fato de ser *justo*, é o de demonstrar com provas visíveis que se é *justo*. É lógico que tão imperfeita *justiça* tenha de ser a cada passo revista e corrigida pela *justiça* de Deus. Neste ponto começa a funcionar esta outra Lei, que está acima de todas as humanas, constituída por outros princípios. Chega-se assim a esta estranha consequência: quem move uma ação na Terra, seguindo os métodos das leis e dos juizes da Terra, obtendo o julgamento ou sentença, apesar de ele acreditar ter com isso resolvido definitivamente o caso conforme a verdade, tal indivíduo percorreu apenas um breve trecho do seu caminho, que continua e se completa perante outro tribunal, cujos métodos, vimos, quanto são diferentes. Pode assim acontecer que um processo completamente vencedor na Terra, seja depois completamente perdido no céu, de modo que quem na Terra recebeu a satisfação de todos os direitos que a lei humana confere ao vencedor, se isto não foi conforme a *justiça* divina, esse homem terá, à custa dos seus sofrimentos, de pagar tudo ao tribunal do céu, se o julgamento deste for diferente.^{19 (p. 317)}

Diferente é o caso em que a vítima não é inocente. Nesse caso, a nuvem da vítima não é toda branca, mas possui manchas pretas oferece por isso portas abertas, que convidam a entrar e por onde as *forças* do mal podem penetrar. Então elas aproveitam tal penetrabilidade e penetram, atingindo o seu objetivo. Assim, a vítima recebe o choque; como um organismo fraco tem de aceitar a doença, porque ele não foi suficientemente *forte* para se defender. Neste caso a culpa é do agressor, mas ela está também na vítima, o que paralisa a Lei impedindo-a de intervir com a sua *justiça* para a defender. Eis por que em

tantos casos humanos a Lei não pode funcionar: porque a vítima não é inocente e mereceu ser atingida pelas *forças* do mal. O princípio geral é o seguinte: todas às vezes que o mal nos atinge, não tem sentido, como se costuma fazer, lançar a culpa nos outros, pelo fato de que nada podemos receber que antes não haja sido por nós próprios merecido. O grau dessa penetração das *forças* do mal no terreno do agredido, com todas as suas conseqüências de desgraças e sofrimentos, pode-se prever observando a amplitude das manchas na nuvem do agredido, que estabelece o grau da sua vulnerabilidade. O caso de uma nuvem branca que agride não existe, porque as *forças* do bem nunca agridem. Se o mal, pela sua negatividade, não sabe trazer senão destruição e morte, o bem, pela sua positividade, não pode trazer senão reconstrução e vida.^{19 (p. 319)}

A moral de tudo isto é que, verdadeiramente *forte* é quem está do lado da Lei; e que a *força* do mundo, por si só, é uma forma de fraqueza. A *astúcia* também é inútil, porque desenvolve a arte de descobrir mentiras, que paralisa a própria *astúcia*, e acaba eliminando-a. Pelo princípio de equilíbrio: cada ação gera uma reação, paralelo antagonista, armado para combatê-lo. Na realidade não existe somente a *força* para chegar à vitória, mas há luta para realizar a evolução. A psicologia do super-homem, herói da *força*, é somente produto do mundo emborcado do Anti-Sistema, um crescimento às avessas, canceroso e destruidor. Este, porém, foi até agora um dos maiores ideais humanos.^{19 (p. 319-320)}

Conceito de morte para o evoluído e o involuído

A morte, ponto final, conclusão da vida. Este assunto quero focalizar neste último capítulo e com isso encerrar este livro: a morte do homem material, *astuto*, *egoísta*, apreciado pelo mundo porque sabe vencer, e a morte do homem espiritualizado, evangélico, *altruísta*, desprezado pelo mundo; a morte que, para o involuído situado do lado do Anti-Sistema, é queda, e que para o evoluído, que com o seu esforço subiu aproximando-se do Sistema, é salvação. A morte para o primeiro é falência, porque ele nada pode levar consigo, deixando neste mundo todas as coisas; enquanto é triunfo para o segundo que, havendo-se apegado aos valores eternos, nada pode perder do fruto do seu trabalho. Não se pode dizer que este assunto seja teórico, que não interessa porque está fora da realidade, dado que não há quem não tenha que chegar a este ponto final.^{19 (p. 325)}

Eis porque a existência terrestre, para resistir, tem de sustentar-se com um combate sem descansos contra infinitos perigos e obstáculos, expressando a negatividade do Anti-Sistema que a ameaça a cada passo. Isto tanto mais, quanto mais o ser é involuído, abismado no Anti-Sistema, que é o reino da destruição e da morte. Para o desgraçado que está mergulhado em tal atmosfera de negatividade, a vida, é antes uma desesperada procura de vida, para acabar

por arrancar alguns fugitivos momentos seus, sem nunca ser possível atingi-la na sua plenitude. Por isso, a vida do homem está ameaçada a cada passo pela morte, atormentada pelo sofrimento, e tem de ser conquistada a toda a hora contra todos. Ao primeiro momento de fraqueza, qualquer cidadão de nosso mundo pode ser vencido e destruído por outro mais **forte**. Essa é a lei do ambiente terrestre.^{19 (p. 328)}

Observamos o que é a morte e a vida para o biótipo atrasado, cidadão do Anti-Sistema, **forte** e hábil vencedor em nosso mundo. Observemos agora o que acontece do lado oposto, isto é, o que é a morte e a vida para o biótipo evoluído, que vai se aproximando do Sistema, o homem evangélico, que o nosso mundo despreza como fraco e utopista.^{19 (p. 329)}

Explica-se desse modo como, na luta entre a vida e a morte, Sistema e Anti-Sistema, em nosso mundo, a vida vence a morte. Isto porque o Sistema é obra de Deus, é mais **forte** do que o Anti-Sistema, obra da criatura. Vemos que as construções humanas, para resistir à destruição, necessitam de uma manutenção contínua, que se pratica pelo trabalho do homem de fora para dentro, enquanto as construções da vida automaticamente se reconstróem de contínuo, intimamente alimentadas de dentro para fora (reconstrução dos tecidos celulares etc.). Assim, por exemplo, se deixamos abandonada uma cidade aí voltando depois de um século, encontraríamos apenas ruínas. Se, pelo contrário, deixarmos abandonado um campo plantado de árvores, depois de um século, aí encontraríamos um espesso bosque. A diferença está no fato de que os edifícios de uma cidade, como toda obra humana, são um produto tipo Anti-Sistema, só obra do homem, e por isso não estão ligadas pelas suas raízes às fontes da vida, que estão em Deus. Ele cria operando de dentro para fora, provando que o Sistema está no interior do Anti-Sistema. O ser destrói de fora para dentro, matando o corpo, dessa forma, provando que o Anti-Sistema é exterior ao Sistema. Cada um trabalha conforme a sua posição no Todo.^{19 (p. 336-337)}

Eis por que neste livro procuramos dar provas do dano que recebemos, “cometendo erros” como da utilidade que atingimos, se cumprirmos o esforço de evoluir, seguindo os ditames de Cristo. Este nos pareceu o melhor comentário possível para demonstrar a verdade do Evangelho. Assim ele se torna atual e prático, necessário a toda a hora no meio de nossa vida, também fora do ambiente fechado das religiões particulares. Por isso, demonstramos que estar do lado de Cristo significa não ser fracos e vencidos, como o mundo julga, mas **fortes** e vencedores, não ignorantes, mas sabedores, porque melhoramos as condições de nossa existência, enquanto o contrário acontece para os vencedores no mundo, vítimas das suas ilusões, em virtude das quais, acreditando ganhar, eles perdem.^{19 (p. 339)}

20. PRINCÍPIOS DE UMA NOVA ÉTICA

Deus – duas concepções

Esse Deus faz milagres, contrapondo-se arbitrariamente à Sua própria ordem, verdadeiro absurdo, somente possível na criatura que se revolta contra Deus, mas inadmissível em Deus, que se revoltaria contra Si próprio. Ora, o homem não podia sair da sua forma mental e, nada mais possuindo, teve de construir para si a sua ideia de Deus com os conceitos fornecidos pelas suas experiências terrenas, fechado dentro do seu inexorável antropomorfismo. Esse Deus favorece quem quer, com a Sua graça, infringindo o Seu princípio de *justiça*. Ele cria do nada as almas e, pelos Seus imperscrutáveis desígnios, as envia a viver na Terra em condições bem diferentes uma da outra, muitas vezes com sofrimentos diversos, sem que elas saibam o porquê dessa diferença e de tal condenação. Esse Deus pode fazer qualquer coisa, pelo direito do mais *forte*, na mais desordenada e injustificável arbitrariedade, e a criatura tem de obedecer cegamente sem ter o direito de saber a razão dessa obediência. Aceita-a, convencida, pelo cálculo *egoísta* para fugir do terror do inferno e ganhar o paraíso cobiçado. Compreender não é possível, é até proibido, porque é ousadia querer desvendar os mistérios. Não resta, senão fé cega, terror, ignorância.^{20 (p. 11-12)}

De tudo isto não se pode culpar ninguém, porque não foi feito com propósito de maldade. Tal é o nível evolutivo, seja dos chefes ou do seu rebanho. Neste nível, o homem não sabe conceber e funcionar com outra forma mental. Mas é lógico que, se desta sai aquela concepção de Deus, saia também uma proporcionada concepção da ética, isto é, uma moral *egoísta*, de arbítrio, baseada no mesmo princípio da *força*, que autoriza Deus a mandar, ou da *astúcia*, que ajuda o homem a se evadir daquele comando. Essa é uma posição falsa e emborcada da ética. Estamos num terreno escorregadio, em lugar de subirmos para o Sistema, descemos para o Anti-Sistema. Isso representa o triunfo do involuído, que criou o seu mundo, para si, à sua imagem e semelhança. No seu plano evolutivo, tudo é regido pela lei da luta, pela seleção do mais *forte* e pelos instintos que ela constrangeu o homem a desenvolver, nos quais se baseia a sua ética atual. Nesta fase primitiva não é possível apoiar-se na inteligência e exigir que ela funcione, quando ainda não está suficientemente desenvolvida.^{20 (p. 12)}

Se o conceito de Deus é esse, bem terreno, de um padrão que manda e pune quem lhe não obedece, só pelo direito que lhe vem da sua *força* de todo-poderoso, a lógica posição do fiel é, por equilíbrio e defesa da vida, a do criado que procura evadir-se, seja amansando a ira do patrão, provocada com a sua

desobediência, oferecendo preces, arrependimentos, promessas, mesmo que mentirosas para arrancar o perdão, ofertas, honras etc.; seja procurando subtrair-se à dura lei do patrão com enganos e todas as escapatórias possíveis. Essa atitude é fatal consequência dessa posição, em que o homem se coloca perante Deus, de antagonismo e não de fusão de interesses, posição devida ao estado de revolta, na qual, pela queda, a criatura se encontra perante o Criador. Essa posição invertida vai-se endireitando cada vez mais com a evolução. Assim se explica a condição do atual ser primitivo: inimizade com Deus, a do mais fraco que foge do mais **forte**, e não de amizade com Ele, situação de um amigo que colabora para uma finalidade comum.^{20 (p. 12-13)}

Deste modo, todos estão alegres, porque cada um acredita ter sido o mais **astuto**, recebendo mais do que dá: o espiritual, dando promessas de salvação, mas recebendo a vantagem bem positiva da sua posição social; o material, ganhando a salvação com o mínimo incômodo e esforço possível. O único que não ficou satisfeito foi Deus, cuja **justiça** reclama e exigirá pagamento de ambas as partes. Pela grande sabedoria das **astúcias** humanas parece que o único, neste jogo, a ficar enganado é Deus com a Sua Lei. Assim pode pensar o homem com a sua forma mental de involuído e de rebelde à ordem, julgando, com tal psicologia de primitivo, que possa haver vantagem em intrujar a Deus. Mas o homem não sabe que o único a não ser enganado é exatamente Deus, e que o engano cairá em cima dos enganadores, os quais não poderão deixar de pagar os terríveis efeitos da sua **astúcia**. Só na ignorância do primitivo se pode acreditar ser possível intrujar Deus. Mas o involuído é espontaneamente levado a esse absurdo pelo seu instintivo impulso de revolta, ao qual inconscientemente obedece sem ter conhecimento da Lei ou suspeitar das suas reações, enganar a Deus significa apenas enganar-se a si próprio. Entretanto, as religiões desconhecem ainda o conteúdo da Lei e os princípios que regem a vida, de modo que não os podem ensinar. Enquanto não entender tudo isto, o mundo continuará vivendo tranquilo com esse acordo, o qual lhe oferece a vantagem de satisfazer o seu instinto de aproveitar-se de tudo, com a sua **astúcia**, muito embora depois tenha de pagar, inexoravelmente, o seu erro e dívida à **justiça** divina. O jogo é bem combinado. As castas sacerdotais podem ficar nas suas posições; enquanto a massa dos fiéis, pagando apenas com práticas exteriores e seguindo nas suas comodidades, pode satisfazer-se durante a vida, assegurando-se, ao mesmo tempo, a salvação para depois da morte. Desse modo, todos estão contentes porque puderam continuar vivendo, atingindo o maior resultado com o menor esforço, o que para todos representa um grande ideal. A maioria fica feliz só com o presente e com a vantagem imediata. Para ela, desconhecedora da Lei e do seu conteúdo, o futuro, que é o nosso presente de amanhã, é algo inconcebível que desaparece nas neblinas do mistério.^{20 (p. 14-15)}

No nível animal-humano, a vida se desenvolve num regime de luta, – essa é a lei desse plano evolutivo. Daí decorre um ambiente em que a regra é os bons serem explorados e eliminados, por não serem **fortes** nem **astutos**. Para o nosso mundo, a bondade é uma forma de fraqueza que cada um pode ter o direito de explorar, utilizando-a para sua própria vantagem. Na prática, até se assiste ao absurdo de tentar aproveitar-se da bondade de Deus, por considerá-Lo infinitamente bom. Por isso, é necessário desvendar tão perigosa ilusão, filha da ignorância e dos instintos dos primitivos. Se o mundo, porque lhe convém, gosta de imaginar Deus dessa maneira, é preciso entender que Ele não é bom somente para que seja possível explorar Sua bondade com o engano, mas, sobretudo, Ele é inteligente; ninguém O pode lograr e com a sua **astúcia** evadir-se da Sua Lei, como o homem almejaria, de acordo com a sua forma mental. É preciso compreender: Deus sendo bom, não é por isso um simplório que possa ser enganado. Semelhante psicologia é terrena, para atingir as finalidades da lei de seleção. Na sua concepção de Deus, o homem não sabe sair da sua forma mental, produto do seu grau de evolução e adaptada ao seu ambiente, para nele promover o seu progresso e trabalho biológico.²⁰ (p. 18-19)

Perante Deus e a Sua Lei é loucura querer ser **astuto**, porque não há escapatórias. Quem faz o mal tem de pagá-lo à sua custa, não importando se é crente ou não. A nossa opinião, a nossa fé religiosa ou filosófica, não pode fazer mudar as leis da vida. Ninguém pode iludir Deus, e a Sua Lei. Mas o homem não gosta de semelhante conceito, antes prefere imaginar um Deus bom para ser ludibriado. É um produto do subconsciente instintivo, é uma redução do conceito de Deus dentro dos limites da psicologia terrena de luta; é uma criação da mente humana para satisfazer um desejo seu, não correspondendo à verdade. Esta é uma forma positiva para todos, incluindo os ateus; não é o resultado do que cada um, conforme a sua natureza, gostaria de crer e fazer. O homem aceita o conceito de um Deus enganável porque isso lhe agrada, ao mesmo tempo, satisfaz o seu instinto de prevalecer acima de todos, pensando ser possível aproveitai-se desse Deus. Ora, é necessário não viver nessa ilusão, porque com a Lei não se brinca e termina iludindo-se. O que de fato ocorre é o contrário do que o homem pensa: Deus abandona ao poder de reação da Lei quem quer fugir à obediência, enquanto defende os sinceros e os honestos, os quais, seguindo o método da **justiça**, não querem aproveitar-se de ninguém, apesar do mundo, seguidor do método da luta, os explorar e esmagar, porque nesse nível eles são considerados simplórios e tolos, é um biótipo fraco a ser eliminado pela lei da seleção do mais **forte**.²⁰ (p. 19)

Na sua ignorância, o homem acredita que a sua pequena biologia terrestre representa, em todos os seus níveis, uma completa biologia do universo; e não entende que, em níveis superiores de existência, situados ao longo do caminho da evolução, possam vigorar leis tão diferentes na proteção da vida que ao pé delas os nossos atuais métodos se tornem absurdos e

prejudiciais. Ao mesmo tempo, existem outros métodos inferiores, nos antípodas dos nossos, tão diversos que parecem emborcados. De fato, trata-se de um progressivo processo de endireitamento das qualidades do Anti-Sistema nas do Sistema. Acontece isso num mais adiantado plano de existência – os primeiros de hoje serão os últimos de amanhã e os últimos de hoje serão os primeiros de amanhã. Verifica-se o fato de que, quem ao progredir do Anti-Sistema para o Sistema, por virtude da evolução, gradualmente se vai harmonizando no seio da Lei. Por isso, cada vez menos se encontra no estado de separatismo, qualidade dos involuídos que os deixa sozinhos e abandonados, entregues apenas aos seus recursos individuais; e sempre cada vez mais se vai encontrando no estado de unificação, qualidade dos evoluídos, que os funde no organismo universal, permitindo-lhes desse modo utilizar os seus recursos e os meios de defesa. O homem não entende que a Lei é viva, que representa um pensamento a querer manifestar-se e está pronta a funcionar assim que o ser lhe excite o funcionamento com os seus movimentos. A Lei faz isso em relação àqueles movimentos, dependendo da natureza do indivíduo-consequência da posição por ele ocupada na escada da evolução. É lógico que a lei feroz da seleção do mais **forte** no plano físico funcione só no plano animal-humano, no seio da biologia desse nível; ao passo que outra Lei, de harmonia e de **justiça**, funcione num plano superior, em outro nível biológico. Verifica-se isto quando no plano inferior quem é julgado o melhor (o mais **forte**, vencedor) se torna o pior (o rebelde à ordem e delinquente) no plano superior; e quem no plano inferior é julgado o pior (o homem bom e honesto, considerado fraco) no superior se torna o melhor (o mais **forte**, vencedor porque defendido pela Lei). A Lei apenas aceita o método da luta pela seleção do mais **forte** nos níveis inferiores, onde tal método representa uma defesa da vida. Mas tudo se transforma, na evolução do Anti-Sistema para o Sistema, incluindo o método dessa defesa, o qual deixa de ser representado pela supremacia bestial de um indivíduo sobre outro, como convém num mundo em estado de caos, passando a ser constituído por uma posição de obediência na ordem, como deve ser para quem atingiu o estado orgânico, onde os impulsos inimigos (Anti-Sistema) chegaram, através de tanta luta, a coordenar-se em harmonia (Sistema).^{20 (p. 19-20)}

Eis a técnica do fenômeno. Em palavras simples, diz-se que Deus defende com a sua **justiça** os honestos, enquanto o mundo condena e persegue. Deus protege quem Lhe obedece. Quem observa a Sua Lei, por Ele está defendido. A defesa de Deus representa a arma salvadora dos honestos, o grande poder dos que abandonaram as armas da **força** e da **astúcia**. Isto é importante, sobretudo a respeito desta ética, do momento atual, porque aqueles que o mundo julga os mais fracos podem, de fato, com tal jogo de elementos, tornar-se os mais **fortes**. E isso acontece em virtude de uma lei positiva que rege a vida e que está pronta a funcionar, em qualquer indivíduo posto nas devidas condições.^{20 (p. 20-21)}

Quanto mais a mente se desenvolve, tanto mais o homem se torna exigente em querer conhecer as razões pelas quais ele tem de se conduzir de uma dada maneira, suportando os deveres e seus sacrifícios. Desponta então um espírito crítico e uma autonomia de juízo que não deixa mais aceitar cegamente as ideias simplistas do passado, por sugestão ou princípio de autoridade. Logo aparece o hábito do exame analítico das coisas e ideias, pelo qual, se o indivíduo se apercebe que os ideais proclamados não correspondem à realidade dos fatos e às exigências da vida, então os repele. Quando se começa a controlar, com a psicanálise, a natureza subconsciente de tantos dos nossos secretos impulsos, onde está a raiz das nossas ações, aos quais no passado, inconscientemente, o homem obedecia como uma verdade absoluta, então não é fácil convencer e obter obediência. Os pilares da velha lógica não se sustentam mais, porque está mudando por evolução a forma mental humana. Mas, se neles se baseia o edifício dos princípios que dirigem a nossa conduta, eis que esta fica sem alicerces e o edifício todo ameaça cair. Ora, os que são intelectual e espiritualmente mais **fortes** começam a pensar com a sua cabeça, a dirigir-se por si mesmos, assumindo sinceramente perante Deus as suas responsabilidades. Eles são condenados como rebeldes por saírem das fileiras comuns, provocando verdadeiro escândalo. Mas quem tem uma cabeça não pode deixar de usá-la para pensar, nem a pode cortar no suicídio espiritual, que é a renúncia ao conhecimento. Quanto mais a evolução produz tal tipo de homem, tanto mais se torna contraproducente para as religiões o velho método absolutista. Concordar somente numa base de recíproca utilidade que é o princípio da troca que vimos, não pode ser vantajoso, porque não é seguro para durar, nem sólido para construir.^{20 (p. 26-27)}

Dessa nova maneira de conceber, decorrem consequências importantes. Antes de tudo, o ser atinge um conceito completamente diferente de Deus, da religião, da ética. Ao princípio antropomórfico do sistema hierárquico se substitui o princípio superior do sistema de tipo unitário. Neste, a criatura não é mais um súdito sujeito à vontade de um rei, que se colocou em cima de uma hierarquia de dependentes, perante o qual o indivíduo não tem outro direito senão o de obedecer à Lei que o rei quer e faz, transmitida por intermédio dos seus ministros, que o representam, mandando em nome Dele. A tal conceito completamente humano, reprodução do que se encontra em nosso atual nível biológico, substitui-se outro de um estado orgânico, conforme o qual a criatura é uma célula do todo, nele harmonicamente fundida, numa ordem superior (a Lei) que, com **justiça** imparcial, tudo dirige e domina. A posição natural do ser não é, então, a do rebelde que é levado a revoltar-se pelo fato de que os seus interesses, como acontece na sociedade humana, não são os do chefe que manda só porque venceu por ser o mais **forte**. Neste caso, a posição natural do ser é, pelo contrário, a da espontânea obediência, porque esta é a condição da sua maior vantagem.^{20 (p. 28)}

Chegando a esse superior plano de evolução, mudam as relações entre o ser e Deus. Nada mais de arbítrio irresponsável, pelo direito do mais **forte**. Tal conceito não pode existir senão na forma mental humana, relativo ao nível desta e para as finalidades do seu mundo. Chegou a hora de aplicar a psicanálise a este e outros conceitos que dominam nas religiões, para ver de que impulsos do subconsciente eles nasceram. É absurdo que mais no alto domine a mesma desordem e espírito de prepotência que reina no nível humano. Direitos e deveres existem para todos, escritos na Lei. Deus é o primeiro que dá o bom exemplo de obediência a ela. Se imaginarmos Deus igual a um chefe humano que pode fazer tudo com o seu arbítrio, então o ser será por isso autorizado a agir de igual forma, terá o direito de fazer perante Deus, como de fato acontece e fazem os súditos humanos, isto é, procurar evadir-se da lei do mais **forte**, com o engano.^{20 (p. 31)}

É lógico que em dois níveis biológicos diferentes, diverso seja o conceito de Deus. No nível superior, tem de desaparecer a concepção antropomórfica do arbítrio descontrolado, absurda porque nela reina uma ordem preconcebida e perfeita. Isto não ofende a liberdade de Deus, porque não é escravo quem obedece à sua própria vontade. A primeira concepção se baseia no princípio da **força** do patrão, de um lado, o que em nosso mundo constitui o seu direito; este fato, por outro lado, gera a correspondente reação representada pela **astúcia** da criatura, que exprime o seu equivalente direito, pelo mesmo direito que todos têm à vida. A segunda concepção não se baseia naquele princípio de antagonismos e rivalidades, pelo qual é o mais fraco quem tem de obedecer ao mais **forte**, não mais num princípio de luta, mas de equilíbrio estável e de **justiça**, representado pela reciprocidade dos direitos e deveres. Então temos ordem perfeita para ambos os termos do binômio: Deus e ser. O conceito de arbítrio está ligado ao de ignorância, tentativa, escolha entre opostos, dualismos, egocentrismo individualista, desordem, imperfeição, o que não é concebível na perfeição de Deus. Então, o ser sabe, com clareza, o que ele tem de fazer e pode contar com certeza com a Lei, que lhe permite calcular os efeitos das suas ações.^{20 (p. 31-32)}

O ser pode, finalmente, movimentar-se com conhecimento num regime de lógica e clareza, que lhe garante os resultados; ele se encontra finalmente perante um Deus, sobretudo sábio, que não condena como culpa o desejo de conhecimento, admite perguntas inteligentes que responde para quem tem ouvidos. O ser sabe que tem os seus direitos e quais são, porque Deus tudo escreveu na Sua Lei; sabe que Deus não é um patrão despótico e caprichoso, mas pode contar com Ele, porque honestamente mantém a Sua palavra. Quando o ser se torna um **justo**, não tem mais nada a esconder de Deus, não tem medo e Nele confia. Deus, então, não é mais um inimigo a temer, como os rebeldes acham, mas é um amigo que vem ao nosso encontro para nos ajudar. O ser sabe

quem obedece a Deus, em nome da Sua própria *justiça*, reclama e a *justiça* é feita, porque ninguém mais do que Deus respeita a ordem que Ele próprio estabeleceu. Então, cada um, que tenha verdadeiramente cumprido todo o seu dever e tenha a consciência limpa, pode dizer: “Senhor, em nome da Tua própria *justiça*, que com todas as minhas *forças* procurei realizar, defende-me para eu obter *justiça* neste mundo de injustiças”. Seria contra Deus, se quem merecesse essa *justiça*, ela não fosse realizada e, em lugar da Lei que é a voz do Sistema, prevalecesse a vontade do rebelde, ou seja, a voz do Anti-Sistema. O ser pode pecar, rebelando-se à vontade de Deus; mas como pode Deus pecar, rebelando-se à Sua própria vontade? Como admitir uma Lei perfeita que representa a vontade de Deus, se Ele não for a própria perfeição? Buscar a vontade de Deus é submeter-se à Sua Lei.^{20 (p. 32-33)}

Evolução da ética

Como em nosso mundo o nível biológico oscila do plano involuído ao evoluído, também a ética relativa vai de um extremo de tipo involuído a outro de tipo evoluído. Ela vai da fera ao santo, do nível do subdesenvolvido, selvagem, feroz, ao nível do super-homem, civilizado, evangélico. A maioria se equilibra no meio destes dois extremos, com uma moral ambígua, que pretende ser do segundo tipo, conquanto muitas vezes, na substância é do primeiro. Moral anfíbia, de adaptações entre o superior e o inferior, ética de transformação em que coexistem as normas de conduta de dois níveis de vida, as do inferior convertendo-se nas do superior, o qual se vai conquistando por lentas aproximações evolutivas. Com essa ética, que representa a sua posição biológica, a sociedade humana, pelo direito do mais *forte*, que a maioria possui, condena e expulsa do seu seio os que por defeito pertencem aos planos de vida inferiores e os que por excesso pertencem aos superiores ao seu. Os primeiros são afastados como delinquentes; os segundos são perseguidos como idealistas, utopistas, ou fracos e ineptos. Tais julgamentos dependem da forma mental do juiz, da sua posição ao longo da escala evolutiva. Se o nosso mundo julga como imoral e condena tudo o que se encontra abaixo do seu nível biológico, também os evoluídos que pertencem a um plano de vida mais adiantado, julgam imoral a nossa sociedade e condenam a sua maneira de pensar e agir, como esta condena a dos primitivos ainda não civilizados.^{20 (p. 40)}

A nossa organização social se baseia no princípio da autoridade, que representa o cume da pirâmide. A autoridade foi exercida até há pouco tempo em nome de Deus, por quem se automeava seu ministro. Isto deveria ter significado que a função da autoridade era a de aplicar na Terra os princípios de uma ética superior à do plano humano, corrigindo a *força* com a *justiça*, a mentira com a verdade, a traição com a honestidade etc., e dessa maneira

ensinando, educando, para levantar o ser do nível biológico de envoluído ao de evoluído. Só neste sentido a autoridade podia descer de Deus e ser praticada em nome Dele. E nisto os povos de boa fé acreditaram por muito tempo. Eis, porém, que um belo dia a sua inteligência, aguçada pelo sofrimento, chegou a aperceber-se que a ética praticada pelos dominadores era a mesma que a dos súditos, para seu próprio interesse; todos lutavam no mesmo plano, pelas mesmas razões e com os mesmos métodos; os chefes mandavam, não por direito divino ou por superioridade moral, mas pelo direito do mais **forte**, do vencedor.²⁰ (p. 41-42)

Nivelou-se tudo no plano da realidade biológica, num terreno evolutivo baixo, mas positivo. A lei desse plano é a luta pela vida para a seleção do mais **forte**, que, só pelo fato de ser o vencedor do mais fraco, tem o direito de mandar. Os chefes não são seres superiores, biologicamente mais evoluídos, que, por isso, possuem o direito de dirigir os outros atrasados. A posição de comando não depende do Alto, mas da delegação de poderes a alguns escolhidos, por quem é julgado verdadeiro dono, a massa dos cidadãos da nação. Ficam, então, todos no mesmo nível, funcionando com a mesma forma mental e a ética a ela relativa, obedecendo todos à mesma lei da luta, que faz cada um rival do outro, assim divididos em governantes e governados, os primeiros com o direito do comando e os segundos com o dever de obediência, na posição de patrão e criado, em luta entre si, porque esta é a lei do seu plano, já que o nível superior, em que vigora o princípio da colaboração, ainda não foi atingido. Nessa luta, cada um dos dois termos usa os poderes que possui. O povo manda durante as eleições e os candidatos o cortejam para que ele lhes entregue o poder. Mas depois de ter atingido o seu objetivo, o povo tem de obedecer aos eleitos. Se os governantes procuram evadir-se do cumprimento das suas promessas, os cidadãos procuram evadir-se da obediência. De fato, todos são cidadãos do mesmo plano evolutivo, sujeito às mesmas leis e praticando a mesma ética de luta, a do vencedor e a do vencido.²⁰ (p. 43)

Verifica-se, assim, o que acontece numa classe de estudantes pelo que concerne à disciplina. O mestre está sozinho, mas nas mãos tem o poder de punir. Os alunos não têm poder algum, só o dever da obediência, mas possuem a **força** do número. Estes dois poderes, o da autoridade, conquistada e sustentada pela lei na organização social, e o da multidão, que representa o poder dos pobres, procuram impor-se pelo peso da sua massa, estão diante um do outro, sempre em luta, e o mais **forte** vence e domina. Se o mestre é bom e fraco e os alunos rebeldes, a classe se transforma num inferno e o mestre num pobre vencido. Quando o chefe é fraco, como Luís XVI, na França, ou como o czar Nicolau, na Rússia, então estouram as revoluções. Se neste nível biológico a **força** é o único argumento que todos entendem, a culpa é de todos, porque pertencem a um plano de vida onde, pela forma mental e ética dominante nos

fatos, o método inteligente de agir espontaneamente, por compreensão e convicção, representa ainda um inconcebível. As duas partes, porque possuem a mesma forma mental, se conhecem e se compreendem. Tudo na luta é previsto e calculado. Os dois impulsos opostos, cada um para defender o seu interesse e atingir a sua vantagem, param no ponto em que se estabelece o equilíbrio entre os seus poderes contrários, que representam o seu valor. E quando a *força* não basta ou faz falta, segue-se então o caminho da *astúcia*, que representa a *força* mais sutil, a da inteligência, com todo o seu cortejo de enganos e escapatórias, como já vimos.²⁰ (p. 44-45)

A humanidade está hoje completamente fora da rota. Ideais e religiões caíram em completo descrédito. A maioria é religiosa por fora, mas atea por dentro. A ciência não resolve. Um homem capaz de fazer o mal, mas que sabe ir à Lua e a planetas diversos, permanece sempre um homem capaz de fazer o mal, e dessa vez em qualquer parte do sistema solar. Um involuído, desprovido de sentido moral, necessário para a convivência com os seus semelhantes, fica sempre um involuído em qualquer parte do universo onde se encontre. Perante as leis biológicas sempre terá mais valor um *justo* evoluído. O problema não é de criar novas armas para dominar o mundo, mas de criar homens *justos* que não queiram usar mais armas. O problema não é o de se tornar astronauta, mas de não haver ladrões e delinquentes. O que interessa para a nossa civilização é mais a conquista da honestidade do que a do espaço.²⁰ (p. 48-49)

Então a verdadeira divisão entre os homens não é a do seu grupo e interesses a ele relativos, não é a divisão formal, de superfície, que vemos, mas é outra, a de *justos* e *injustos*, conforme a natureza do indivíduo. Que adianta, então, continuar repetindo sempre o velho jogo de inventar novas divisões e agrupamentos, atrás dos quais estão os mesmos interesses, deixando o homem sempre no mesmo nível evolutivo, para continuar, em forma diferente, fazendo as mesmas coisas? Isto nada resolve. O problema é diferente. Trata-se de uma transformação biológica de um número sempre maior de involuídos em evoluídos, significando outra psicologia, outro conhecimento, outra ética e conduta, um mundo regido por outros princípios e funcionando com outros métodos. Não há dúvida que se trata de uma revolução. Mas não da costumeira revolução, de tipo horizontal, só para dividir o mundo em grupos diferentes dos precedentes, mas de uma revolução em direção vertical, que corta o mundo em dois tipos de vida, próprios de dois biótipos diferentes. Trata-se de substituir ao princípio da luta *egoísta* do ignorante, o da compreensão e colaboração do homem inteligente. Se isto parece utopia hoje, deverá ser a realidade do futuro, se a humanidade quiser civilizar-se. A futura divisão não será a dos atuais grupos políticos ou religiosos, mas a dos *justos* e *injustos*. A nova revolução não é para vencer os semelhantes com os seus mesmos métodos, ficando todos no mesmo nível evolutivo, mas é para mudar de método, subindo a um nível de

vida superior. Esta é a verdadeira revolução. Eis o que quer dizer: Princípios de uma Nova Ética.^{20 (p. 50)}

Trata-se de substituir ao princípio fundamental do nosso nível biológico, o da luta pela vida – seleção do mais **forte**, individualista separatista – por outro, colaboracionista, num estado orgânico. Não se trata de pequenos reajustes dos velhos sistemas, mas de cortar o mal pela raiz, iniciando outra forma de vida. Não se trata de construir novos grupos para lutar, sempre lutar, contra outros grupos para só um dominar todos os outros, mas de acabar com os desperdícios de **forças**, representado pela luta continua. Esse método já atingiu os seus resultados e por isso foi útil quando era necessário. Mas agora, o homem é dono do planeta, e destruir-se em lutas recíprocas não tem mais finalidade biológica; seria método contraproducente e por isso a vida está pronta a abandoná-lo.^{20 (p. 51)}

Quando for conquistado o sentido da verdadeira honestidade, com uma forma mental evoluída e uma ética inteligente, os **justos** se reconhecerão entre si pelas suas qualidades, que representarão o seu bilhete de reconhecimento, impresso de forma indelével como um marco de fogo na sua própria natureza. E eles permanecerão juntos, não pelo constrangimento duma autoridade e o medo de sanções, mas porque entre honestos se encontra sempre o ponto onde concordar, baseando-se na sinceridade e boa vontade de colaborar, ao passo que entre desonestos, movidos pelo instinto de domínio **egoísta**, se encontra sempre o ponto onde discordar, porque se baseiam no engano e na vontade de explorar.^{20 (p. 51)}

Hoje, **justos** e **injustos** estão misturados em todos os grupos. Pode haver ótimos elementos nos piores grupos, assim como péssimos no seio dos melhores. Faz-se muita questão do que aparece por fora, que se percebe materialmente, enquanto que nos escapa a realidade interior, que se procura esconder. O **justo** não luta para reduzir-se à dependência dos outros, mas se oferece para com eles se coordenar. Há uma imensa diferença entre os dois métodos de vida e suas éticas, porque se trata de duas posições biológicas colocadas em dois diferentes pontos da escala evolutiva. A evolução é grande porque se trata de passar da categoria dos **injustos**, que pertencem a um nível de vida, à categoria dos **justos**, que pertencem a outro e representam outro biótipo. A renovação é grande, porque não se trata de mudar de roupa, passando de uma religião a outra, de um partido ou grupo humano a outro, ficando mais ou menos como antes e usando os mesmos métodos, mas trata-se de se renovar completamente, pensando com outra forma mental e agindo conforme uma ética diferente. Porque se trata de uma transformação não de superfície, mudando só de forma, mas em profundidade mudando de substância, ela não pode ser realizada pelo capricho e interesse de grupos humanos, mas só pelo

amadurecimento evolutivo realizado pelas *forças* biológicas. Não se trata de pintar por fora, com novas aparências de civilização, a mesma ferocidade da desapiedada luta *egoísta*, que se esconde atrás das leis religiosas e civis, mas trata-se de acabar com essa contínua mentira, adquirindo outra natureza, personalidade e ética, a do homem *justo* e sincero.²⁰ (p. 51-52)

Então, se alguns homens tomarem parte nessa revolução, não poderá ser como dirigentes do movimento que está para além das possibilidades humanas, mas somente como instrumentos das leis da vida, no momento e na forma que estas escolherem. Tais mudanças tão profundas não podem ser confiadas ao homem que não possui a *força* necessária, nem o conhecimento dos planos da vida, nem a inteligência para os realizar. Nunca, até hoje, o homem dirigiu o fenômeno da sua evolução, mas foi dirigido, no seu estado de subconsciência instintiva, pela sabedoria das leis da vida, que conhecem qual é o seu objetivo final e o caminho para o atingir. E os grandes reformadores da Humanidade foram intérpretes dessas leis, executores obedientes da sua vontade, operários que com elas colaboraram. Mas, no futuro, o homem terá de amadurecer até ao conhecimento daqueles planos de vida, porque o desenvolvimento da sua inteligência o levará a entender a estrutura do organismo do todo e o conteúdo da Lei de Deus, que o rege. Então, o homem não será mais um menino dirigido por leis e *forças* que não compreende, mas poderá ser ele próprio a dirigir o fenômeno da sua evolução, superando o método atual da tentativa de cegos, dos erros que disto derivam e de todos os sofrimentos a eles relativos. Tudo isto até agora ocorreu pela falta de inteligência no homem, que, por isso, como um menino inexperiente, não podia deixar de chocar-se a cada passo com as normas da Lei, excitando as suas dolorosas reações. Mas a salvação é automática, porque a própria Lei contém o amargo remédio. Ele é a dor, que constitui o impulso maior para a realização da evolução. É o sofrimento que tem o poder de abrir os olhos também aos cegos. Assim, também os mais rebeldes involuídos, depois de terem experimentado todas as dores, deverão acabar entendendo o significado delas, isto é um efeito dos seus erros, um instrumento da evolução, dentro da lei de *justiça* de Deus. Nessa altura, a grande transformação biológica se haverá realizado, o homem terá subido a um novo nível de vida, onde com outra mente vigora outra ética, o involuído se terá tornado evoluído, o homem *injusto* se terá tornado um *justo*.²⁰ (p. 52-53)

Métodos de vida

Será culpado aquele biótipo que costuma esconder a sua verdadeira face com as *astúcias*? Mas, se este representa um meio de defesa num mundo feito de luta, como se pode exigir que tal biótipo renuncie sua única arma? Para ser sincero e mostrar o que está dentro, o ser não deveria possuir

pontos fracos, que os seus semelhantes estão sempre prontos a aproveitar em prejuízo dele, explorando-o. Para deixar ver a verdadeira fisionomia é necessário ser **forte**, porque em nosso mundo só aos **fortes** é permitido a vida. Não há indivíduo, mesmo ignorante, que não conheça tais elementos da ética humana. Enquanto o homem se mantiver no seu atual nível biológico a **força** e a mentira serão armas para a sua sobrevivência. Assim, o que de nossos rostos aparece, por fora, é só a máscara, atrás da qual o indivíduo se esconde, para sua defesa ou para enganar no ataque. Cada um constrói a máscara que mais lhe convém e com ela cobre o rosto. Por trás dela, olha para fora através de dois buracos que são os olhos, espiando o que acontece no mundo cheio de perigos. É sobretudo pela vista que o indivíduo se comunica com o exterior, e ela é, como se diz, “o espelho da alma”, revelando os íntimos impulsos e deixando transparecer as reais intenções. O que se chama educação, em nosso mundo, é a arte de esconder os verdadeiros pensamentos. Mas não é nisto que consiste a civilização. Ela só começa quando, pelo desenvolvimento da inteligência, é possível substituir a essas tristes consequências da ética agressiva pela ética da compreensão e da sinceridade.^{20 (p. 60-61)}

O princípio da luta é o que domina na ética do nosso mundo atual. Também quando neste nível de vida têm de ser aplicadas normas de uma ética superior, isto se realiza por meio de leis civis e religiosas armadas com a **força** das suas sanções, porque sem uma imposição nada se atinge aqui. Quem não obedece é julgado culpado e tem de ser punido pela sua desobediência. Só quem possui **força** ou **astúcia** bastante pode desobedecer e até chegar a impor a sua lei diferente. Tudo não pode parar senão na posição do mais **forte** que manda e do mais fraco que obedece. Também quando uma ética superior desce de um plano mais alto, acaba sempre vigorando em nosso mundo a lei do nível biológico deste, à qual aquela ética tem de se adaptar. Nesse regime de luta, como se pode exigir de quem não possui **força** bastante que, espontaneamente, deixe de se defender com a arma da mentira, seu único meio de defesa? E como pode isto acontecer? Ele sabe: os que exigem uma ética superior, fazem-no para aproveitar-se da sinceridade para sua vantagem e prejuízo alheio.^{20 (p. 61)}

Vemos aqui chocarem-se dois sistemas, os do segundo e terceiro casos acima mencionados. Simão Pedro pretendia usar a **força** para uma finalidade benéfica, defendendo um **justo**. Mas Cristo preferiu praticar um método superior, o do evoluído, o da não-resistência e do perdão, para dar este exemplo e ensinar esta lição, avisando ao mesmo tempo do perigo que espera quem desce ao nível do involuído e pratica os seus métodos – o perigo de ter depois de ficar sujeito ao domínio das reações e leis ferozes daquele plano.^{20 (p. 63)}

Há problemas escaldantes e tormentosos ainda por resolver em nossa sociedade, como por exemplo o da delinquência, que se procura remediar com

punições legalizadas. Mas o delinquente nasce por tendência hereditária transmitida de pais a filhos e por estes recebida sem saber nem querer, ou assimilada, do ambiente em que ele teve de se desenvolver, sem possibilidade de escolha. Então a culpa foi de outros, quer dizer da sociedade, que julga o delinquente pessoalmente responsável e como tal o pune, justificando-se com abstratas teorias de *justiça*. Nesta posição, buscando apenas o seu interesse, julga e condena, porque se encontra na condição do mais *forte* e o outro na do mais fraco. E de fato vemos o que acontece nas revoluções, quando tal posição se emborça, porque a ordem social enfraqueceu. O primeiro crime é da sociedade, ela deixa que sejam gerados esses infelizes, deixando a geração livre a todos, para que nasçam também doentes físicos e mentais, inconscientes, irresponsáveis, loucos, criminosos etc., semeando sofrimento para si e para os outros. O primeiro crime é da sociedade, porque a ela antes de tudo interessa reprimir punindo os culpados, muito mais do que prevenir a culpa. Isso porque, legalmente pode praticar, em sua vantagem, o desabafo do seu instinto de agressividade e imposição para dominar, já que prevenir, impedindo que os crimes se realizem, custa esforço, sacrifício, exige amor, necessários para melhorar o ambiente e para substituir as condições de vida inferior em outras mais adiantadas, onde o mal não pode nascer. Assim, condenável é, antes de tudo, a sociedade que pune as suas culpas somente em alguns indivíduos que são o efeito delas. Na realidade, o nosso mundo ainda não sabe se conduzir, com inteligência, dirigindo os fenômenos fundamentais da sua vida. Teremos assim de examinar, neste livro, mais em profundidade, o problema e penetrar o mistério da personalidade humana, sem o que nada se pode resolver.²⁰ (p. 76-77)

Os três biótipos terrestres

A sensibilidade, o conhecimento, a capacidade de entender do indivíduo, o seu tipo de vida e destino, dependem da sua natureza, que corresponde ao nível evolutivo em que vive e funciona o seu eu. Cada um possui a linguagem do seu plano biológico e só ela o entende. O primitivo, que vive no nível do subconsciente, fala e entende somente a linguagem das emoções. Ele pode ser sugestionado por impressões, porém não convencido pelo raciocínio. Ele não age por entendimento seu, mas por imitação do que fazem os outros. Ele não se interessa pelos efeitos a longo prazo, mas pelos resultados imediatos. O que mais o convence é a linguagem dos sentidos, o seu prazer ou sofrimento. Além desses fatos para ele concretos porque bem perceptíveis, tudo lhe é um mistério imenso, e ele sabe que não pode penetrar. Para ser entendido por tal indivíduo é necessário usar a sua linguagem, a do seu lucro ou dano, prêmio ou pena, paraíso ou inferno. Esta é a linguagem que o nosso mundo usa para dominar e impor obediência e ordem. Não há lei religiosa

ou civil que tenha valor, se não é sustentada pela *força* que pune o transgressor. O nosso mundo zombaria de um governo sem tribunais, polícia e cadeias, como de uma religião sem inferno ou seus equivalentes. O biótipo desse nível obedece apenas ao mais *forte*, que tem o poder nas mãos e que por isso lhe pode fazer bem ou mal. O fraco não merece respeito nenhum, pelo contrário, é escravizado.^{20 (p. 107-108)}

Finalmente, que deseja esse homem superior? Ele é um ser que procura a libertação. Entramos em nosso mundo pela porta do prazer, para sermos condenados a uma vida de ilusões e dores, dominados ao mesmo tempo por uma imensa fome de felicidade. O homem procura, usando qualquer meio, e vai ao seu encontro, furtando-a, violando a Lei de Deus. Mas, quanto mais alegria acredita encontrar, tanto mais se afunda na insatisfação e sofrimento. Isto parece um jogo cruel e traidor, mas corresponde à lógica e *justiça*. O ser quereria voltar de graça a possuir a perdida felicidade do Sistema, mas para atingi-la é preciso remir-se, retornar com fadiga, subindo, o caminho fácil que foi percorrido na descida, com a involução depois da revolta. Por isso, estamos amarrados à cruz, quando almejamos o contrário. Acreditando ser *astutos*, escolhendo o caminho mais agradável, o da descida, somos ignorantes, porque ao invés de subir para o Sistema, que é felicidade, descemos para o Anti-Sistema, que é sofrimento. Esta é a trágica posição do homem do 2º nível, a de um esfomeado que não pode comer, porque não encontra outro alimento senão aquele que ele próprio envenenou com a sua revolta. E para o desvenenar não há outro meio senão o caminho da cruz. Eis o drama da vida humana: desesperadamente almejar felicidade, porém, ser condenado ao sofrimento, e não ser possível sair dele, senão por um doloroso esforço de superação.^{20 (p. 127)}

Psicanálise

Este não é o caso mais comum, porque a maioria está bem longe de ser evoluída. Mas é o caso mais refinado, difícil e interessante da psicanálise. Surge o problema: como corrigir a falta de adaptação do evoluído no baixo ambiente humano? Deve o psicanalista tornar-se um mestre de involução, para que o evoluído retrocedendo, possa aprender de novo o indispensável para sobreviver na Terra, ou deve abandoná-lo ao seu destino? Este homem se tornou, por evolução, *justo*, honesto, sincero, evangélico. Tal lição, que os outros apenas começam a aprender, foi por ele tão profundamente assimilada e se tomou impulso espontâneo, instinto. Assim esqueceu o que mais importa na Terra, isto é, a arte da luta e do engano, o instinto do *egoísmo* e da autodefesa. Como poderá sobreviver, na Terra, um ser que, por evolução, tornou-se de diabo em anjo e perdeu as garras? O seu destino é o de se dirigir para outros mundos. Então terá ele que renunciar à vida na Terra, escolhendo o caminho do martírio e da morte?^{20 (p. 166)}

Vale a pena observar o fenômeno mais de perto, porque ele tem também um significado moral, religioso, social. A primeira coisa que faz uma lei religiosa ou civil é a de estabelecer sanção punitiva pelo não cumprimento de suas normas. O que se presume, então, não é a obediência, mas a evasão. Que o cidadão tenha de ser constringido a obedecer à *força*, sob a ameaça de uma pena, constitui a base de qualquer lei. O indivíduo é aprioristicamente julgado um rebelde. Por que isso? Porque a base da vida na Terra é a luta. O homem isolado, por ser o mais fraco, não possui sanções contra as religiões ou os governos, como estes possuem contra ele. Quem não possui *força*, não possui direitos. O povo tem direitos somente quando se organiza e a unidade do número o torna o mais *forte*.^{20 (p. 166-167)}

O caso é doloroso, delicado a resolver. O que deve fazer o psicanalista? Ele poderia dizer ao paciente: “não seja tão simplório. As escapatórias para se evadir das leis religiosas e civis já existem, elaboradas há milênios, pela sabedoria dos *astutos*. Não acredite nas palavras e aparências. Atrás delas tudo está pronto e bem conhecido pelo longo uso. Por que você não aproveita, como se costuma? Há, na prática uma religião bem adaptada e acomodada, com a qual se pode conciliar o céu e o mundo. A sua elasticidade permite e legitima tantas coisas, que a consciência proíbe. Está tacitamente concordado e presumido que você saiba aproveitar tais oportunidades. Se não o fizer, ninguém lhe agradece, mas pelo contrário, o condenará como inexperiente. Se você vencer por este caminho, será admirado e respeitado. Se o contrário, será desprezado”.^{20 (p. 167)}

Do outro lado, o paciente responde que não pode funcionar, senão conforme sua natureza, feita de honestidade; responde que não pode mudar este seu instinto. Então continua o psicanalista: “procuremos entender o fenômeno. Você, como o mundo, segue os seus impulsos, obedece aos seus instintos. Por que tanta diferença? Esta espontaneidade depende das experiências vividas no passado e gravadas no subconsciente, que agora as devolve. Que ensinou a vida ao homem no passado? Ensinou que só o mais *forte* ou o mais *astuto* vence e pode sobreviver. Para quem não sabe ser assim, há derrota, sofrimento e morte. A honestidade, por princípio impõe sacrifícios no interesse dos outros; representa no mundo um *altruísmo* antivital, contra o qual a vida se rebela. Colocar-se na posição de cordeiro no meio dos lobos, prontos a devorá-lo, é loucura. Quem quer tomar o Evangelho a sério, entender que ele pode matar, é um doente mental. Poderá ser martirizado, como aconteceu com Cristo, e pode acontecer com todos os que querem segui-lo de verdade e não apenas com palavras. Então, biologicamente, o mundo tem razão”.^{20 (p. 168)}

Ora, o método do homem honesto, que não vive mais fechado no seu *egoísmo* em estado de guerra contra todos e de insegurança mas em estado de

paz com todos e de segurança, representa a posição do tipo mais evoluído que entendeu a utilidade de passar do caos à ordem, acabando com o sistema contraproducente da luta, *egoísmo*, agressividade, e correlativo estado de atrito, insegurança e sofrimento. A evolução da vida terá de levar o homem até esta nova posição biológica: ao invés de seres *fortes* ou *astutos*, terá de produzir seres honestos, pois só eles se poderão tornar-se elementos de um novo estado orgânico da humanidade. Isto porque tal posição de ordem representa uma vantagem que a vida aceita, porque é utilitária, um aperfeiçoamento que a evolução deseja.^{20 (p. 169)}

Éticas do sexo

São os dois tipos complementares da atividade humana: no homem a *força* para vencer, na mulher, o amor para gerar. No primeiro, temos o chamado sexo *forte*, e no segundo, o belo sexo. De fato, o que é mais apreciado no homem é a *força*, enquanto na mulher é a beleza. Estas são as qualidades mais procuradas entre os dois sexos. Conforme estas suas qualidades, cada um dos dois tipos, pelo seu egocentrismo, gostaria de impor-se dominando o outro. Isto porque quanto mais evoluídos tanto mais são aliados, quanto mais involuídos, tanto mais são rivais, como em nosso mundo inferior. Para o macho, o ser da *força*, o amor se torna um ato de conquista; para a fêmea, o ser do amor, a conquista se torna um ato de amor. Assim, o amor é uma luta e o macho se apossa dele com a *força*, enquanto a mulher busca esse amor com as armas da beleza e da bondade. Deste modo, os dois biótipos, apesar de raciocinarem com forma mentais opostas, como antípodas, atraem-se e se unem fora do próprio raciocínio; mesmo sem se compreenderem permutam o amor, conseguindo atingir uma fusão em que ambos ficam satisfeitos, porque cada um pode compensar o outro na sua complementaridade, cedendo e recebendo aquilo que um tem demais e o outro de menos.^{20 (p. 220)}

Isto é lei da vida, realiza-se para os povos quanto para as classes sociais, as famílias, os indivíduos. Assim, decaiu o Império Romano, quando as antigas virtudes se corromperam e os costumes se amoleceram no luxo e comodidades que o poder oferecia; declinou a aristocracia francesa, com Luís XV, o rei das mulheres, até cair na boca da revolução. O mesmo está pronto a acontecer à velha Europa, rica e civilizada, saboroso petisco para as hordas russas e asiáticas, cada vez mais famintas, devido ao aumento da população; prontas a repetir a história das invasões bárbaras dos povos germânicos contra Roma. A vida está sempre alerta, vigiando, escuta e percebe esses pontos fracos, e acorre para fortificá-los. Faz-se isto destruindo quem perdeu a *força*, substituindo-o por novos agressores mais poderosos, como nas doenças os micróbios para a mesma finalidade acorrem ao ponto fraco, de menor

resistência, que em cada organismo representa o calcanhar de Aquiles, cuja vulnerabilidade constitui um convite para o mais **forte** aproveitar-se. Logo, a ética sexófoba da agressividade e a ética sexófila do bem-estar são rivais. Quem se abandona à segunda, perde a **força** e se torna presa fácil de quem vive a primeira. A vida é assegurada pela ética sexófoba da agressividade e não a sexófila do bem-estar. Os bárbaros conquistaram o Império de Roma, a revolução francesa, com Napoleão, conquistou, a Europa realista; e a Ásia guerreira, militarizada pelo Comunismo imperialista, prepara-se a conquistar a velha Europa. Em rodízio, todos percorrem o mesmo ciclo, obedecendo à mesma lei.^{20 (p. 225)}

Esses conceitos se poderiam hoje repetir a respeito dos regimes totalitários, como o fascista, o nazista, o comunista, que procuraram canalizar todas as energias dos povos no esforço dirigido para o domínio (a filosofia de Nietzsche se tornou a de Hitler), realizando uma ética sexófoba. Assim se explica como tais regimes são filhos de revoluções, isto é, de uma revolta contra a ordem precedente. Então, para que os rebeldes possam sobreviver, é necessário vencer, custe o que custar. Ser **forte** é problema de vida ou de morte. Eles têm de realizar a ética da agressividade, naturalmente sexófoba, porque para quem vive de luta não se admite fraqueza, que significa derrota e a sua própria destruição.^{20 (p. 226)}

Deste modo, cada um dos dois termos cumpre a sua função: o macho, para chegar à sua posição de domínio, desenvolveu **força** e inteligência; a fêmea, para chegar à multiplicação e à conservação da raça, realizou o trabalho da geração, tanto mais valiosa porque selecionada pelo concurso de um tipo biologicamente superior, qual é o vencedor. A vida, movimentando, pelos instintos, os seres inconscientes, atinge com a sabedoria das suas leis os melhores resultados; porque preenche os vazios produzidos pela destruição, feita pelos agressores, e renova os falecidos da velha raça enfraquecida com filhos mais **fortes**, descendentes dos vencedores. Por fim, a raça se liberta dos fracos e se fortalece com o sangue dos **fortes**. Este é o verdadeiro conteúdo das guerras, o sentido da história, do qual não fala, apesar de ser o mais importante e duradouro.^{20 (p. 227)}

A ética sexófoba do cristianismo

É perigoso esquecer que atrás dos bastidores, das aparências exteriores e das teorias religiosas e filosóficas, há uma invencível realidade biológica que reage, se ofendermos as suas leis. Não é lícito ignorá-las sem pagar as consequências do erro. Mas é essa realidade a chave que nos explica o porquê de tantos fatos aparecem na vida, sem sabermos como. O fenômeno da

sexofobia tem as suas razões e raízes profundas na estrutura das leis biológicas e da psique humana, levada por seu egocentrismo (tudo só para si) à rivalidade ciosa na posse, e por isso pronta a lutar contra todos os outros. Sobretudo na posse sexual, pela lei de seleção, reservada aos mais **fortes**. A realidade biológica muitas vezes despercebida, situada no fundo desses problemas, é uma verdade escondida atrás das afirmações humanas, mesmo quando sobem até ao plano filosófico, religioso, teológico.^{20 (p. 237)}

Ninguém é culpado, nem é condenável, porque ainda não conseguiu superar, apesar do Cristianismo, o nível evolutivo de animal-humano, onde vigora o princípio da luta, pelo qual a satisfação sexual deve constituir prêmio para quem deu prova de ser mais **forte** que os outros, vencendo-os na conquista da fêmea. O que mais interessa à vida nesse plano é chegar à seleção desse biótipo. Mais que a todos os outros, pertence-lhe o direito de se reproduzir. Os fracos são expulsos do banquete e têm que desaparecer.^{20 (p. 239)}

Na teoria, a palavra amor tinha um sentido, mas na prática tinha outro bem diferente. Na luta entre o amor espiritual e o material, o segundo era o mais **forte**. Os instintos, que representavam o impulso maior, estavam todos deste lado. O contraste entre os dois mandamentos, o da natureza física e o do espírito, era vivo, sendo a guerra inevitável. Mas nem todos eram santos para conseguir vencê-la em favor do espírito, e muitos a perderam em favor da animalidade, ou pior, evadindo-se da luta por desvios e substitutos, que constituíram a base de tantos complexos e formas psicológicas torcidas e aberrantes, que atormentam os cidadãos da civilização moderna. A falência do ideal cristão, neste terreno, está em não realizar uma revolução espiritual do amor, mas em tomar uma atitude negativa, de perseguição ao amor, maior impulso vital da existência, o que significa ir de encontro à vida. O erro e o prejuízo no terreno biológico foi este: o esforço humano, em vez de se dirigir para o sentido positivo, construtivo, evolutivo, dirigiu-se para o sentido negativo, destrutivo, involutivo. Em vez de se chegar ao paraíso de um amor sublimado, chegou ao inferno da negação e perseguição de todo o amor. Por esse caminho de destruição, só foi possível chegar ao vazio, onde puderam crescer e prosperar os instintos egocêntricos da luta e agressividade; e os inimigos do Evangelho e do progresso conseguiram isso, através da organização coletiva da sociedade humana. Repetimos: isto não foi culpa do Cristianismo, porque o objetivo estava certo. A culpa foi do homem-animal que, para evitar o obstáculo, procurando atalhos e escapatórias, afastou-se do caminho e caiu em desvios e becos sem saída. Assim, do ideal religioso ficou somente o seu aspecto antivital, de virtudes negativas, de moral opressora. A destruição do inferior não foi compensada com a construção do superior, nada o substituiu. Difícil e longo é o trabalho de domesticar o homem-animal, e o Cristianismo encontra-se ainda no começo.^{20 (p. 241-242)}

Teria sido melhor enfrentar o problema da sublimação dos instintos com mais inteligência e sinceridade, para resolvê-lo honestamente, com conhecimento, levando em conta as exigências fisiológicas. Assim, para suprimir tudo, exigindo demais, o ser se enredou nas areias movediças do fingimento. Desenvolveu-se e aperfeiçoou-se o método da hipocrisia, nos aparentemente puros. Por caminhos oblíquos, procura evadir-se, às escondidas, da agressividade sexófoba dos pregadores de virtude. Explica-se, desse modo, como nasceu o tipo de moral vigorante no mundo atual, herdada desse passado, pela qual os ingênuos e sinceros, caindo no erro visível, são condenados, enquanto os **astutos**, que sabem representar a comédia da virtude, vão para o céu. Explica-se, deste modo, como, nos resultados práticos, o impulso para a ascensão e a correspondente evasão mística do sexo, muitas vezes se tornou uma contorção da verdade e uma depravação dos instintos.^{20 (p. 243)}

Mas não podia acontecer de outro modo. Nesta primeira fase, a do primeiro degrau da subida, espírito e corpo estavam longe demais um do outro, para que fosse possível concordarem colaborando. Eles eram terríveis inimigos, tanto mais que o espírito procurava tirar a vida do corpo, para deslocá-la a um nível mais alto. É necessário entender que, para o ser neste plano físico, a vida espiritual representa a negação e a morte daquela forma de existência. É natural, conforme a economia da vida, que o corpo não queira morrer e reaja em legítima defesa, quando a evolução para o espírito se apresente numa forma de agressão destruidora. O corpo, com a sua animalidade, sabe fazer a guerra que está no centro dos seus instintos de vida, e pode fazê-la porque ele se encontra na plenitude do seu plano, sua pátria no mundo físico. Por isso, é mais **forte** do que o espírito, é um pobre desterrado.^{20 (p. 244)}

Por detrás dos bastidores, das aparências e das verdades proclamadas pelas teorias religiosas, foi vigorando uma verdade diferente, a da feroz realidade da vida, feita de luta desapiedada para o triunfo do mais **forte**. Quem sofreu mais com a atitude de agressividade antivital, foram os sinceros, os honestos, os obedientes sugestionáveis, prontos a aceitar a verdade que lhes é oferecida. Mas, biologicamente, eles são os mais fracos, os que a vida, com a sua luta, procura eliminar. Quem, de fato, no terreno biológico venceu, não foram as meigas ovelhas, mas os lobos ferozes, os rebeldes que não se deixaram submeter, os inteligentes que souberam transformar a **força** em **astúcia** e venceram com o engano. Foram estes os que triunfaram, porque eram os mais providos de qualidades para vencer neste mundo. Eis como se realizou no Cristianismo a comum seleção biológica, que representava, entretanto, uma seleção involutiva, a falência dos seus ideais. Assim, o biótipo inferior do Anti-Sistema venceu contra o superior do Sistema, o qual só apareceu em casos excepcionais, nos santos, fora da realidade comum.^{20 (p. 246)}

O problema é este: a realidade biológica baseia-se na luta para seleção do mais **forte**. Ora, como prover a necessidade de lutar, quando o Cristianismo corta as garras à fera e lhe tira todas as armas de defesa? Como deve proceder o cristão que se encontra desprovido dos meios indispensáveis para sobreviver num mundo baseado na luta? A vida, no seu conjunto de massas humanas, não pode aceitar a posição do cordeiro que se oferece em sacrifício somente para engordar os lobos vorazes.^{20 (p. 247)}

Como é lógico, venceu o mais **forte**, isto é, a lei vigorante no nível biológico em que está situado o ser humano. Venceu a realidade da vida em seu plano, que continuou funcionando, enquanto sobre as torres desfaldava-se, ao vento, a bandeira do ideal, para testemunhar a nobreza, ligada em seu orgulho, à animalidade (bem escondida) do ser humano. Assim, foram salvas a honra, a satisfação dos pecadores e as religiões com a sua posição terrena. Ficou a pregação dos ideais para embelezar o mundo, ficou a obra salvadora à redenção dos pecadores, fregueses indispensáveis e razão de ser do poder social, econômico e político das organizações religiosas.^{20 (p. 251)}

É lógico que as exigências do plano de vida onde se encontra, hoje, o homem e as do nível de evolução que ele atingirá no futuro, quando chegar a realizar os ideais das religiões, sejam completamente diferentes. O ideal da vida no nível humano atual é a seleção do mais **forte** através da luta. Só quem venceu por ter desenvolvido os instintos de agressividade **egoísta**, sobreviveu e foi escolhido para formar a raça atual e o biótipo hoje dominante. É lógico que siga seus instintos, com eles funcionando, porque deles dependem a sua forma mental e a sua conduta. É natural que tenha no sangue o gosto da agressividade, se a esta deve a sua sobrevivência. Oferecer a este tipo alguma coisa para agredir e destruir, significa oferecer-lhe oportunidade para satisfazer os seus instintos.^{20 (p. 253)}

Ora, quando esse indivíduo, no mundo civilizado, se encontra perante a lei que lhe pede viver ordenadamente, ele nada compreende desse princípio superior. Apenas vê um obstáculo que se opõe à sua liberdade, uma provocação que o estimula à revolta e à luta. Explica-se, assim, a instintiva satisfação na violação da lei, considerada não como uma vantagem em obedecer-lhe, mas como um ataque contra o qual é bom defender-se. Qualquer acontecimento acorda, a cada passo, o instinto do lutador e a reação do rebelde. A coisa proibida, só por isso, se torna mais preciosa e procurada. Possuí-la significa ser **forte** e vencedor, e, como tal, possuir mérito e ter direito ao respeito. Eis como tudo se transforma nas mãos do involuído, conforme o seu nível evolutivo. O indivíduo, **forte** nesse plano, é lutador, gosta de proibições para violá-las, de inimigos para vencê-los, de perigos para superá-los. Essa é forma inferior, mas na luta há um princípio de esforço, que é evolução.^{20 (p. 253)}

Realizou-se, aí, a verdade deste nível, que é bem diferente. Neste mundo, a vida recompensa o guerreiro que sabe vencer, porque neste plano ele é o biótipo que mais vale para que se reproduza, encontrando no instinto da mulher o momento da escolha sexual. O mais procurado é o homem *forte*, que garante a defesa, enquanto é desprezado o manso homem do Evangelho que, pelo fato de tomar a sério e viver os ideais das religiões, na prática é julgado um ser inútil, fora da realidade da vida.^{20 (p. 254)}

Então, prevalece em nosso planeta não a realização da moral cristã, mas da moral do mais *forte*. Nesse nível, vigora o princípio que lhe pertence, o direito de estabelecer, à vontade, a sua verdade: a do seu *egoísmo*. Ele construiu, assim, a sua ética sexual de domínio e completa liberdade; enquanto para a mulher, fraca e sem direitos, tinha de vigorar a lei da obediência. Para o macho audacioso, ficou reservado o poder de seduzi-la e abandoná-la, se for *astuto*. Neste caso, o filho tem de nascer ilegítimo e a mãe ser desonrada. Para eles, os mais fracos, toda a culpa e todo o dano. E, também no casamento, o instinto leva o homem a considerar a mulher como sua propriedade.^{20 (p. 254)}

A vida continua o seu caminho, indiferente às pregações de princípios superiores, torcendo-os continuamente. As proibições do puritanismo sexóphobo são utilizadas pela vida para realizar a seleção dos mais rebeldes e *astutos*, que melhor sabem violar essas proibições, dando assim prova do seu valor e com isso adquirindo o direito de serem escolhidos pela vida para se reproduzirem, gerando aquele tipo. O que prevalece, na realidade, é a vida inferior, da animalidade, não a superior das religiões, provando que o mundo atual está mais próximo do Anti-Sistema que do Sistema. Para o homem evangélico, que toma Cristo a sério e o segue, não há outra posição a não ser a Dele, isto é, a do crucificado.^{20 (p. 255)}

O sexo como problema atual

Os fenômenos estão ligados um ao outro como os anéis de uma cadeia. Quando, por um lado, graças ao progresso, a vida se torna mais segura, porque defesa e alimentação são mais controladas, os impulsos eróticos se intensificam e a geração aumenta; ao mesmo tempo, por outro lado, a ciência médica diminui as mortes e aumenta a sobrevivência. É consequência inevitável que a produção dos recursos alimentares não corresponda, em proporção, ao aumento da população. O homem não regula o fenômeno com um controle dos nascimentos, e deixa tudo nas mãos da natureza que intervém com as suas leis desapiedadas e, automaticamente, resolve o problema. Ela, então, age por dois caminhos: 1) ou mata a superpopulação com a fome; 2) ou, acordando os instintos da agressividade (adormecidos pelo bem-estar produto da civilização),

desencadeia guerras, invasões, destruições, mortes, que estabelecem, de novo, o equilíbrio. Dois caminhos que levam igualmente à morte. À natureza pouco interessa a vida e o bem-estar do indivíduo. A sua finalidade é a seleção de uma raça de **fortes** e, por isso, o sacrifica.^{20 (p. 258)}

A reforma é grande e não se pode realizar senão por degraus. A evolução é um monte, que tem de ser escalado, um passo após o outro, utilizando os elementos que a vida nos oferece. Um dos fundamentais é o impulso do amor. Nos seus primeiros degraus, é só conquista animal para que vença o mais **forte**. Mas não pode prescindir deste elemento básico, nem se pode substituir, porque não há outro. Tudo o que podemos fazer é utilizá-lo, aperfeiçoando-o, requintando-o, espiritualizando-o. Este é o caminho lógico e natural, conforme a lei da evolução. O erro dos representantes do Cristianismo foi o de não levar em conta esta realidade biológica, foi o de se lançar contra a animalidade para destruí-la, tomando, com a ética sexófoba, uma atitude negativa, de agressão contra a vida, em vez de ajudá-la a subir, reconhecendo e utilizando o grande impulso do amor para a construção da espiritualidade. O erro foi exigir a realização de um modelo espiritual quase inconcebível para o biótipo comum, de impô-lo à **força**, com o método da agressividade, o mais contraproducente e o que está mais nos antípodas do verdadeiro espírito cristão do amor.^{20 (p. 267)}

Os métodos de controle podem representar uma proteção dos fracos que não podem se defender, conforme a moral cristã. Com isso, realiza-se a eliminação dos filhos ilegítimos, que não existiriam mais, como no caso da mulher que está desonrada, porque gerou fora do casamento, com todas as suas consequências (aborto, mulher ou filhos abandonados, prostituição etc.). Nestes casos, a sociedade condena e persegue os efeitos e não as causas, porque é mais fácil perseguir os fracos do que os **fortes**.^{20 (p. 272)}

Conclusões – Amor e convivência social

O Cristianismo teve o grande mérito de lançar naquele ambiente, às vezes de forma feroz (como era necessário), o conceito de superação da animalidade pelo de espiritualidade, sublimação da matéria, conceito que está de pleno acordo com as leis da evolução, mesmo sendo este fato desconhecido, porque desconhecidas eram as leis biológicas. O que dominava no mundo era o ideal pagão do bem-estar terreno, baseado no direito do mais **forte** e nos gozos materiais. Foi contra essa concepção dominante que o Cristianismo teve de impor um ideal que está nos antípodas daquele, do qual representa um emborcamento completo de valores.^{20 (p. 273)}

Estamos acostumados à junção dos dois princípios: o da sublimação espiritual com o da condenação da sexualidade. Por isso, temos medo de destruir os maiores valores de nossa civilização, representados pela espiritualidade, se acabarmos com a sexofobia vigorante. A experiência milenária do Cristianismo fixou essa conexão de ideias no subconsciente das massas. Para corrigi-las, seria necessário submetê-las a um trabalho de psicanálise às avessas. No estado atual, parece que só é possível conceber a evolução espiritual sob forma agressiva de auto-perseguição e de autodestruição, premissa natural das neuroses sadistas e masoquistas. É lógico que as consequências estão reservadas para os fracos, que acreditaram e obedeceram. Isto não aconteceu com os rebeldes, que souberam defender-se. Não tomando a sério a religião, desenvolveram a sua inteligência para conseguirem evadir-se. Estes são os **fortes**, os que pensam com a sua cabeça e não com a dos outros. Mas, se eles foram condenados e expulsos das religiões nelas ficaram as ovelhas meigas, o rebanho dos fracos refugiados em busca de defesa. O grupo, não dos vencedores do espírito, mas dos vencidos da vida, é formado por pessoas doentes, almas atormentadas, porque uma sublimação espiritual mal interpretada não gerou outro amor maior, mas o destruiu. Não é fácil intervir nas leis da vida. É necessário vê-las com inteligência positiva, conhecê-las, de fato, na realidade biológica, baseando-se não apenas em abstrações filosóficas e teológicas.^{20 (p. 277)}

Hoje, o trabalho que mais interessa à vida, não é o de se esmagar uns aos outros para selecionar o mais **forte**, mas o de fazer da humanidade um corpo coletivo unitário, como sociedade orgânica. Quando se construiu a sociedade orgânica das células que constituem o corpo humano, esse resultado não foi atingido inventando-se sistemas ideológicos e com métodos organizados, exteriormente, mas transformando a natureza dos elementos singulares para torná-los aptos a viver, com todas as qualidades necessárias; não é um estado de desordem, como indivíduos separados, mas orgânico, em que as células se encontram e se harmonizam. Da mesma forma, será possível chegar ao estado orgânico da sociedade humana, mesmo com sistemas políticos e sociais, pelo amadurecimento evolutivo dos indivíduos, considerados isoladamente, que desenvolverão as qualidades necessárias para que saibam viver, funcionando como seus elementos constitutivos. O ser humano terá de se educar nessas novas formas de coexistência mais adiantadas do que as atuais. Isto não é desprezo ou condenação do estado presente, é um convite que se faz, porque representa uma imensa vantagem para todos.^{20 (p. 278-279)}

Na Terra, podemos encontrar em cada ato, misturados, o método do Sistema e o do Anti-Sistema, e a todo o momento estamos oscilando em nossa escolha entre o bem e o mal, isto é, entre o caminho que vai para o Sistema e o que vai para o Anti-Sistema. No nível humano, encontramos um amor

corrompido pelo *egoísmo*, a pureza ideal do Sistema manchada pela imundície do Anti-Sistema, e o divino princípio de vida torna-se até pecado. Mas todas as vezes que isto acontecer, é porque o Anti-Sistema prevalece sobre o Sistema. O que encontramos na realidade é luta entre amor e *egoísmo*, entre *egoísmo* e amor. O mais *forte* vence, conforme a posição do indivíduo ao longo da escala da evolução, revelando a sua natureza. O amor liga em sentido positivo, o *egoísmo* liga em sentido negativo; o amor só deseja dar, enquanto o *egoísmo* só quer tirar dos outros. Há quem do amor faz negócio e quem por amor fica espoliado. Mas, quem enriquece explorando, se aprisiona; e quem empobrece dando, se liberta. Isto porque o primeiro involui para o Anti-Sistema, e o segundo evolui para o Sistema. O primeiro se enriquece também com as qualidades que o isolam da vida, e cada vez mais o abismam no reino da prepotência e da mentira; o segundo ganha qualidades que o unificam com a vida, e cada vez mais o levantam para o reino da bondade e sinceridade. A evolução está em eliminar o *egoísmo* do amor, sempre que possível, para nossa própria vantagem.²⁰ (p. 280-281)

A estas soluções, a natureza humana, involuída, está pronta, a cada passo, a opor resistência; a imaturidade paralisa qualquer aperfeiçoamento. A maior dificuldade a vencer é a atávica forma mental do homem, que construiu uma ética sexual em seu benefício, pelo direito do mais *forte*. É lógico que a moral do sexo reservada para a mulher seja completamente diferente, porque se trata de um ser fraco. Se neste nível biológico a lei que vigora é a da *força* e do *egoísmo*, se tudo para o macho vai bem, para que preocupar-se com os outros? É ridículo pensar que, neste mundo, os fracos já possam exigir direitos. Com aquela forma mental não há razão para o mais *forte* renunciar à posição de favor que, naquele plano, lhe pertence de direito. Se isto representa prejuízo para os outros, a culpa é deles; e que aprendam a defender-se. Se não sabem fazê-lo com a *força*, façam-no com a mentira, dando prova de possuir pelo menos a *astúcia* que, neste nível, representa o valor da inteligência. Tudo parece lógico: qualquer vantagem só pertence a quem sabe conquistá-la, demonstrando que possui capacidade para vencer. Quando escolhemos um princípio, ficamos presos às suas consequências e não podemos fugir da sua lógica desapiedada, até ao fundo.²⁰ (p. 285)

21. A DESCIDA DOS IDEAIS

A descida dos ideais – Estrutura do fenômeno

Vejamos, agora, aonde nos levará este processo de evolução da luta. A razão fundamental dela é sempre a mesma, a de sobreviver, com menor esforço possível. A vida está pronta a aceitar tudo, conduzindo a esta finalidade, isto é, máximo rendimento em termos de bem-estar, com o mínimo do próprio dano. Ora, o sistema *astúcia*-engano contém ainda um mal, se bem que menor do que o da violência: o prejuízo para os vencidos, os escravizados e os esmagados. A violência mata a vítima. A *astúcia* a deixa viva, mas arruinada. As feridas permanecem impressas no subconsciente e não se esquecem. Os vencidos, como antigamente, se queriam sobreviver, eram obrigados a fortalecer-se cada vez mais; agora, pela mesma razão, são obrigados a tornar-se cada vez mais *astutos* e inteligentes. Eis que também aqui, ainda uma vez o mal é automaticamente levado à sua autodestruição.^{21 (p. 15-16)}

O crítico momento histórico atual. Início de uma nova era

O problema humano mais vivo é o do “meu” e o do “teu”. A luta mundial entre imperialismo comunista e imperialismo capitalista, é luta do “meu” e o do “teu”. O comunismo é uma ideologia de assalto ao sistema do “meu”, que é o da propriedade e capital; no entanto, com semelhante ideal tomou posse do que pertence aos outros, tira-o também do próprio povo, para concentrá-la todo nas mãos da classe dirigente. O jogo é sempre o mesmo: o mais *forte* tira dos outros para si. Assim é a natureza humana e não é uma ideologia que pode transformá-la. Os fenômenos políticos e sociais são apenas um momento do fenômeno biológico, cuja expressão é uma consequência do grau de evolução alcançada. Por isso, o culto da posse é universal, mesmo dentro dos ideais políticos e religiosos que se proclamam isentos dele. Não há nada que lhe escape. Diz-se: minha mulher, meu marido, meus filhos, meus parentes, dependentes, clientes, minha cidade, minha pátria, meu partido, minha religião, até meu Deus. Tudo é meu, em função de mim que sou o dono. O homem vale não por si mesmo, mas pelo que possui. Esta é a estrutura da nossa forma mental, a base de nossa verdadeira moral.^{21 (p. 51)}

Encontro com Teilhard de Chardin

Quem é imparcial, porém, justifica tudo isto. A vida se baseia na luta; o grupo tem necessidade de defesa para sobreviver. Luta contra as coisas novas para a sua conservação, nelas vê uma tentativa de destruição do passado sobre o qual se baseia a sua existência. Trata-se, portanto, de um caso de legítima defesa contra um perigo, uma ameaça de morte. O direito de julgar e condenar se baseia nos fatos: 1) a posição do grupo perante o indivíduo é a do mais **forte**. Na Terra, basta isto para conferir o direito de estabelecer qual é a lei e, portanto, o de julgar. O grupo é mais **forte** porque é maioria perante o indivíduo que está isolado e é minoria, como é mais débil e não tem direitos. 2) A necessidade em que o grupo se encontra de defender-se para sua conservação, e o sagrado direito de todos à vida.^{21 (p. 88-89)}

Isto é contra Deus e pode ser feito em nome de Deus. É sufocação espiritual, é negação de ascensão, mas a autoridade pode fazê-lo porque é o mais **forte** e assim tem razão contra o indivíduo, que, isolado, é mais débil. Por isso, deve submeter-se, apesar de lutar por um fim muito mais alto do que aquele pelo qual luta a autoridade. Todavia trata-se de duas funções, ambas necessárias, uma perante os homens por necessidade terrena, outra perante Deus por necessidade do ideal. Disto se deduz: se a autoridade, do seu ponto de vista, tem o direito de condenar, o condenado, do seu ponto de vista, tem o dever moral, perante Deus e a sua consciência, de não renegar o seu pensamento e de continuar a sua obra. Foi exatamente assim que agiu Teilhard. Mais acima quisemos simplesmente encontrar e expor as razões que justificam a sua conduta, para nos convenceremos de que se trata de um bom exemplo. Baseamos na observação das leis biológicas do grupo, que são verdadeiras para cada grupo, também para o religioso.^{21 (p. 89-90)}

Quem conhece as leis da vida sabe que o fenômeno deve realizar-se deste modo, esta é a linha natural de seu desenvolvimento. Quando se submete a estas leis, e espontaneamente aceita tudo isto por convicção. A evolução deve ser o resultado de um esforço; a sua realização, o prêmio de uma fadiga. Esta pertence, por direito, ao mais evoluído que avança à frente dos outros, representando, por sua vez, a resistência a vencer, o obstáculo a superar, as trevas a iluminar. O mundo está em baixo, na retaguarda da evolução; em direção ao alto se lança o evoluído, para a frente, avançando em direção a Deus distanciando-se do mundo. Não está do lado do mundo, mas do lado de Deus, que o espera, convida-o, impulsiona-o para diante, atraindo-o e ajudando-o. A grande **força**, a potente indenização do condenado, mesmo que o tenha sido em nome de Deus, é estar ao lado da verdade, do **justo**, de Deus; é encontrar-se ao lado da Sua Lei, esta determina que no fim o bem vence o mal, a afirmação domina a negação. A **força** de quem sofre lutando pela verdade é esta: o

indivíduo trabalha para avançar na direção que a evolução determina, sendo arrastado, em cheio, pela sua corrente. O idealista, hoje, condenado, sabe que a ele pertence o futuro. Leva consigo o impulso irresistível da divina vontade da evolução que exige a ascese. É, precisamente, através dele que tal impulso se realiza, conduzindo tudo e todos onde quer, isto é, em direção a Deus. Que poder têm os homens contra quem tem a seu favor as leis da vida e a ajuda de Deus? Quem alcançou o plano do espírito vive por cima do mundo. Nenhuma pressão ou submissão pode agora alterar tal estado de fato. Quem viveu tais experiências pode compreender o que estes conceitos significam.²¹ (p. 93-94)

Os ideais e a realidade da vida

Por um lado, o ideal impõe *justiça*, honestidade, sinceridade, *altruísmo*, bondade etc.; por outro, a vida se baseia sobre um princípio bem diverso, a luta para o triunfo do mais *forte*, aí vale quem vence com qualquer processo, mesmo contra o ideal, ainda que seja *injusto*, desonesto, falso, *egoísta*, malvado etc. Se esta é a lei do animal-humano que predomina na Terra, a descida do ideal, vista de baixo, pode parecer um assalto à integridade da vida, pelo menos na forma em que ela é entendida e quer realizar-se neste plano biológico. Como se conduz, em sua própria defesa, para permanecer no seu nível? A princípio resiste, reage à mudança, rebela-se; depois acaba por adaptar-se, por fim, assimilando o novo, transforma-se. Então o ideal naquele determinado nível evolutivo acabou sua função e pode descer outro mais avançado, para tomar, com o mesmo método, o mesmo trabalho, mas num nível um pouco mais alto.²¹ (p. 155-156)

Não há, pois, motivo para desencorajar-se, se por momentos o mundo vence o ideal. Este, no final sabe igualmente triunfar mesmo se no seu percurso terreno ele seja manchado, maltratado, mutilado, emborcado. É lógico que não possa ser diferente disso, o seu trajeto terreno que vai desde a sua aparição até à sua afirmação. Para poder transformar os demônios em anjos, os anjos devem misturar-se com eles sem deixar, por isso, de serem anjos. Para iluminar melhor a Terra, a estrela tem de descer até o lodo, mas não por isso deixando de ser estrela, pelo contrário tratando de iluminá-lo para lhe vencer a opacidade, até que o lodo se transforme em estrela. As condenações, as perseguições, as quedas ao longo do caminho, são parte necessárias do processo da descida dos ideais e da sua afirmação. Se se observa bem, descobre-se que estes impulsos negativos terminam por emborcar-se, funcionando positivamente, não contra, mas a favor; estas dificuldades têm uma potência criadora porque excitam uma reação a favor do perseguido, adquire uma auréola de martírio e, automaticamente, excita a admiração do mundo. Como isto é verdade, para os grupos humanos, de qualquer tipo, o mártir, que se sacrificou pela ideia sobre a

qual se baseiam sua existência, é mercadoria muito procurada, porque sabem muito bem que potência psicológica de proselitismo existe em favor do grupo e, portanto, da sua potência, representado por tal exemplo. A derrota de um momento, no qual é o involuído o vencedor, torna-se, por meio dele, a semente do futuro desenvolvimento do ideal, um instrumento de vitória. O homem moderno, mais *astuto*, enquanto vai em busca de perseguidos pelo ideal do próprio grupo, para venerá-los a seu próprio favor e para desacreditar os grupos inimigos acusando-os de perseguidores, evita praticar perseguições abertas, porque compreendeu a potência que existe em favor dos perseguidos e do seu grupo. Concluindo, pela sabedoria com que é arquitetado este fenômeno, é a própria derrota do evoluído e a vitória do involuído, que leva o ideal ao triunfo.²¹ (p. 157-158)

O triunfo, neste caso, é da realidade biológica e não do ideal. A realidade biológica está em todas as revoluções, independentemente da ideia que professam, têm o seu ciclo preestabelecido. Depois de um primeiro período de desencadeamento, estacam-se e se esgotam na fase de aburguesamento, que logo sobrevém: nela os revolucionários querem descansar e gozar o fruto de seus trabalhos e conquistas, assim aconteceu, no fim, com os seguidores de Napoleão. Esta segunda fase é, por lei da natureza, a continuação da primeira. Observaremos melhor, mais adiante, os períodos deste desenvolvimento. Vemos, hoje, a revolução russa aspira o bem-estar do nível norte-americano, porque o bem-estar material e não ideal é a finalidade maior para o homem com de todo o seu esforço. É inútil criar ideologias que façam imposições à vida, quando esta, com suas leis invioláveis, quer seguir outro caminho. Perante a vida, a mais *forte* é a ideologia que cede e se adapta, transformando-se. Agora, aparece a ameaça de uma guerra atômica de destruição mundial; em vez da propaganda da revolução violenta, fala-se de conquista pacífica do poder comunista mundial, através da via eleitoral parlamentar burguesa mais cômoda. Que ficou da ideologia senão aquilo que a natureza quer para todos? Ficou a vontade de descanso e bem-estar, ao qual todo homem ou grupo aspira depois de um trabalho pesado; existe o medo da bomba atômica e da conseqüente destruição; existe o espírito de conservação e o desejo de paz, este, naturalmente segue à tempestade da explosão revolucionária. Então, a ideologia adormece e a vida continua a caminhar pelas suas vias.²¹ (p. 160)

No entanto, também a Terra tem a sua lógica, a sua moral, as suas leis, estas costumam aplicar duras sanções a quem as viola. Se no céu há um castigo para quem faz o mal, na Terra há o castigo para quem, com o fim de fazer o bem, deixa-se esmagar. Aqui, importa não é o bem ou o mal, mas a *força* e a *astúcia* para vencer, não a *justiça*. Aqui comanda a lei da luta pela vida e quem não lhe obedece é severamente castigado. Cristo foi morto porque violou as leis da Terra e o fez na casa delas onde elas dominam, ali desceu, vindo da Sua,

situada bem longe, nos céus. Desafiou o mundo e este lhe fez pagar caro, pela Sua revolta; respondeu-Lhe tratando-O, demonstrando com isto ser o mais **forte** na própria casa e, como tal, ter direito à obediência. Se as leis do céu castigam o violador com o inferno, as da Terra o fazem com a morte. Se Cristo quis viver, teve de fazê-lo fora da Terra, indo embora e ressurgindo noutra forma de vida, nos céus, enquanto aqui em baixo ficaram vivos e vencedores os seus inimigos. As leis do inferno, como as da Terra, não ultrapassam os seus limites, mas dentro destes, aí são donas absolutas. As compensações extraterrenas não interessam ao mundo, onde estas vitórias sobre-humanas são uma fuga da vida, porque a vida terrestre representa a vida toda. Para os terrestres as contas saldaram-se em seguida, na própria Terra, não lhes importando o céu e as suas superiores compensações futuras.^{21 (p. 172)}

Voltemos ao caso do Evangelho. Que acontece quando se encontra perante o mundo, quando representa a lei de um plano evoluído superior e vem conviver aqui, entrando em choque com o mundo, plano evolutivo inferior? Que reações se desencadeiam? Trata-se de um choque entre elementos e impulsos diferentes, com determinadas reações estabelecidas por leis que regulam o fenômeno como nas combinações químicas. Ninguém nega a beleza do ideal. Mas, que sucede quando queremos aplicá-lo no ambiente terrestre? O ideal exige honestidade, bondade, **altruísmo**, desinteresse, **justiça**, isto é, sacrifício do indivíduo em benefício dos outros. A lei da Terra fala bem claramente: só ao mais **forte**, que sabe vencer com qualquer meio, pertence o direito de viver. Ao débil reserva-se somente ser escravizado, explorado, devorado e, por fim, eliminado. Ora, não importa por que princípios superiores, na Terra, o Evangelho quer colocar o indivíduo nesta posição de débil; desarma-o, impõe-lhe a não resistência, mesmo que seja **forte** e o assaltem, não pode agredir, até ser devorado e eliminado. Resumindo em poucas palavras, que o mundo entende, à **força** de virtuosas renúncias para si e generosas concessões ao **egoísmo** dos outros, o Evangelho quereria fazer do indivíduo este tipo paciente e golpeado que na Terra, para se aproveitarem dele, é o mais procurado, o cordeiro, com cujas carnes, banqueteadando-se, os lobos podem engordar. O Evangelho diz: “Vai à floresta cheia de feras, mas sem armas, para abraçá-las e amá-las”. Mas as feras querem a sua carne para devorar, não o seu amor e apressar-se-ão em destruí-lo. Como respondeu o mundo ao convite evangélico? Conhecendo o seu ambiente, não perdeu a cabeça. Respondeu, usando o Evangelho como bela teoria, para pregá-lo, tanto mais que ele podia ser utilizado para transformar os lobos em cordeiros e assim engordar melhor, banqueteadando-se com as suas carnes.^{21 (p. 177-178)}

Podemos então perguntar-nos: para que serve este deixar-se devorar gratuitamente? Que melhores qualidades isto estimula e desenvolve? O bem será totalmente para o evoluído que trata de ser eliminado do inferno terrestre.

Mas para o que permanece ali, que resultados lhe produz realizar todo este mal? Para que serve este tomar-se evangélicamente cordeiros a fim de procurar ser uma boa comida aos lobos? A função do Evangelho seria então a de fazer uma criação de cordeiros para alimentar os lobos, estimulando a sua voracidade. E para estes, estando conforme à sua forma mental, devorá-los é *justo*, porque se trata de débeis tontos. Tal é a lei da Terra, que quer que eles sejam eliminados. O *forte* na guerra não é para distinguir se quem é bom, o é por bondade ou por debilidade. Para o *forte* este é simplesmente um débil que como tal é mais útil e fácil esmagar. Existe depois o fato de que, em geral, o bom é assim porque não tem *força* para ser mau. Quem a possui, na Terra, não renuncia a ela e a usa na luta para a ofensiva e defesa em benefício próprio. Se não a usa, significa que não a possui e então nada vale, portanto é legítimo, fazer dele o que se quer, porque se pode fazer isto impunemente. A impunidade, a ausência de uma sanção punitiva, confere na Terra qualquer direito. Eis então que quando um indivíduo se deixa desarmar pelos seus princípios ideais, fica sem defesa, exposto a todos os assaltos, que não se deterão até que não terminem com ele. Segundo a lei biológica do plano evolutivo animal-humano, não há nenhuma razão para que não se deva aproveitar da bondade do homem evangélico até tirar-lhe inclusive a vida. Eis para que serve o Evangelho na Terra.^{21 (p. 181)}

Pode ainda acontecer que o homem honesto levante a voz para que o Evangelho seja aplicado não só por ele mas também pelos outros, pelo menos pelos que o pregam e professam. Surge então a turba dos bem pensantes acomodados, santos por fora e *astutos* por dentro, grandes defensores dos ideais para que os outros os pratiquem, prontos a erguer-se e a condenar logo que se fale em fazer as coisas a sério. Mas esta é outra espécie de evangélicos. Eles sabem viver bem na Terra porque, sob o Evangelho, escondem as armas para a luta, habilmente como é necessário no mundo, aparentando serem suaves, humildes de coração. Assim se pode ser evangélico sem alterar a substância da vida, feita de posições armadas e defendidas. O Evangelho pode comodamente permanecer na Terra, mas utilizado desse modo em posição invertida. Ele assim se enxerta no mundo sem o negar, mistura-se com a sua lei de luta, mas para realizar a função de não deixá-la aparecer, de modo que seja mais fácil dirigi-la à custa dos ingênuos, e desta maneira melhor enganados.^{21 (p. 182)}

Tampouco se pode dizer que os *astutos*, por causa da forma mental própria do plano biológico humano, não usem este jogo em benefício próprio, com plena sinceridade, Assim está moldada a sua consciência e assim ela lhes indica que ajam, encontrando confirmação nos bons resultados a que conduz tal método, experimentalmente provado. Por outra parte a lei da luta pela vida, significa regime de guerra, e na guerra tudo é lícito. Tal é a moral do animal-humano, como o agarrar para comer forma parte da moral da fera que por isto, não pode ser considerada malvada. Por que, nos planos evolutivos mais baixos,

a vida não deveria usar a mentira, quando ela é útil para a finalidade maior que é a da sobrevivência? Tudo isto se torna imoral só num nível biológico mais avançado, mas no humano é percebido somente pelos poucos que estão emergindo dele. Quem não está ainda maduro para tal sensibilidade moral, mesmo que tenha aprendido a demonstrá-la com palavras, tais conceitos, por íntima convicção, lhe parecem perigosa utopia, ideal de quem vive fora da realidade.^{21 (p. 183)}

Eis a que pode servir o Evangelho na Terra, e como ele pode ser utilizado para levar adiante, mesmo que seja fraternalmente, com armas escondidas, a própria luta, já que esta é a maior ocupação à qual é necessário dedicar-se para sobreviver. O jogo do engano, pelo fato de que no longuíssimo passado se demonstrou útil à vida, fixou-se como instinto no subconsciente e agora já funciona como automatismo, e apresenta-se assim como premissa axiomática da ação. Antes de extirpar tão inveterado costume se precisará de milênios de experiências em sentido contrário para chegar à construção de instintos opostos, de tipo evangélico, em substituição aos antigos, de tipo animal. Mas no nível evolutivo atual não se pode impedir que o involuído, por ser tal, não esteja convencido de que o Evangelho está otimamente utilizado deste modo, uma vez que A experiência lhe ensinou e continua ensinando que esse método produz indiscutíveis vantagens. Neste nível evolutivo a vida não castiga o **astuto** que engana, antes o recompensa porque com a sua **astúcia** deu prova de saber lutar. Ela, pelo contrário, castiga o ingênuo que se deixou enganar pelo **astuto**, para que por sua vez se torne ele também **astuto** e não se deixe mais enganar. Esta é a honesta moral biológica do nível humano atual de evolução.^{21 (p. 183)}

Desenvolvimento do cristianismo

Ao longo do caminho da evolução, quanto mais retrocedemos no tempo mais vemos que o mundo é **forte** e que o Cristianismo teve de adaptar-se a ele. Devido ao princípio evolucionista, é natural; quanto mais se é atrasado, tanto mais prevalece a matéria sobre o espírito. Esgotado o primeiro impulso, devido ao período das catacumbas, das perseguições e dos mártires, à vizinhança daquele impulso dado por Cristo, o adversário tomou a dianteira e a Igreja, com a conversão de Constantino, fixou-se materialmente com os pés na Terra, tornando-se coisa do mundo. Foi degradação do ideal? Não. Foi necessidade histórica. O poder temporal foi o veículo feito de matéria, indispensável para que uma instituição, formada em grande parte de almas ainda toscas, pudesse sobreviver em tempos ferozes; indispensável para que aquele primeiro núcleo de espiritualidade, perdido num mundo selvagem, pudesse percorrer todo o bimilenário caminho medieval e chegar até hoje,

trazendo até nós o pensamento de Cristo. Foi necessário possuir bens até ao ponto de tornar o sucessor de Cristo um dos reis da Terra, como senhor no mundo plenamente integrado, colocando-se no seu nível espiritual, forçado a mergulhar na luta, usando os seus métodos de *força*, de *astúcia* e mentira política. Sem dúvidas, uma sociedade de santos num mundo semelhante teria sido destruída. Naquelas condições não havia outra escolha: se se queria sobreviver para cumprir o mandato de Cristo, era indispensável aceitar o ambiente e renunciar à aplicação integral do Evangelho.²¹ (p. 194-195)

Cristianismo e comunismo

Antigamente, a *astúcia* aconselhada por Maquiavel passava por sabedoria. Ele dizia que era necessário mostrar as virtudes, mas cuidado com o possuí-las e praticá-las de verdade, deixando-se enganar pelos princípios idealistas, estes devem ser pregados para que outros os pratiquem e seja assim mais fácil dominá-los. Hoje, no entanto, cada vez dá menos resultado fingir para que os outros creiam. Pensar que eles se deixem assim facilmente enganar não é *astúcia*, mas ingenuidade. O número destes diminui cada dia. Aquela era uma fase mais primitiva, e desde então o mundo caminhou. Torna-se cada vez mais assinalada a tendência de colocar de lado o hipócrita que engana, como elemento antissocial. O método de Maquiavel pressupõe o ingênuo que crê, enquanto hoje o comum é deparar-se com a reação do enganado. Eliminando o ingênuo, aquele método falha e é o que hoje está sucedendo, como resultado benéfico do seu longo uso. Assim foi eliminado qualquer tipo de fé e as massas foram educadas em sentido oposto, ou seja, obrigadas a desenvolver a desconfiança e com isto o sentido crítico e o controle, tornando mais apurada a inteligência. Estes são os salutares efeitos da prática generalizada e constante, em todos os setores humanos, desse método da pesca do ingênuo, segundo Maquiavel. Surgiu em sentido criador, por obra de uma *força* negativa, uma automática seleção natural pela qual só sobreviveram os mais *astutos*, os menos dispostos a crer e a cair como presa dos enganos dos outros. Eis ainda um caso no qual o mal é utilizado para os fins do bem, pelo que, com a evolução, o negativo tende a inverter-se no positivo, não apenas autodestruindo-se, mas funcionando como elemento de construção.²¹ (p. 208)

Haveria uma tática segura, mas é a mais difícil de realizar e consiste em eliminar os próprios pontos fracos, que são como portas abertas que permitem ao inimigo entrar. Que poderia o Comunismo contra a pessoa de Cristo? Não haveria nada que reprovar-lhe nem tirar-lhe. Se o Cristianismo se tornasse como Cristo, que poderia o Comunismo objetar-lhe? Este pode atacar onde o Cristianismo não é como Cristo. Se o Cristianismo permanecesse por sobre o mundo, fora do campo político e econômico, ou seja, no espiritual que

de direito lhe pertence, isto é, num terreno de não existência para o Comunismo ateu, as razões de ataque deixariam de existir. Mas o problema é que para a maioria dos homens, o terreno espiritual é zona de não existência, do qual se foge para não renunciar à vida, isto é, à sua forma material, que é a única que consegue conceber. Mas já vimos como o Cristianismo se adaptou ao mundo, nele vivendo como mundo, chocando-se portanto com o Comunismo no terreno onde este quer imperar. No entanto para um organismo da natureza espiritual, como é o Cristianismo, não há outro meio de defesa senão o de permanecer coerente aos princípios básicos da instituição, o que representa também uma *força* proveniente de um plano que o Comunismo não conhece, a espiritual, tão válida e concreta para quem sabe usá-la, como a material. A reação defensiva não consiste mais em colocar-se no nível do atacante, onde este é *forte*, o nível onde vence o poder econômico, a *astúcia* das alianças com os poderosos e a curta sapiência do mundo, rebaixando-se a lutar com ele no seu terreno, mas consiste em elevar-se sobre ele, atuando num plano onde o mundo não chega, e com *forças* que ele não conhece e que não lhe obedecem.^{21 (p. 215)}

Como a *força* do assalto microbiano está na vulnerabilidade orgânica do indivíduo, assim a *força* do Comunismo é dada pelos pontos fracos do Cristianismo. Qualquer atacante estuda as brechas que oferece o inimigo a ser atacado. O Comunismo descobre e utiliza estes pontos. Nas nações eles são os governos fracos e corrompidos, a desorganização, a miséria. No caso do Cristianismo, um deles é a tradicional simbiose Cristianismo-Capitalismo. Assim o primeiro saiu do seu terreno espiritual no qual o Comunismo não tem acesso, para entrar no terreno específico deste, que é o terreno econômico. A referida aliança forma o grande grupo das classes dominantes, das pessoas de bem que estão do lado da ordem e das virtudes, que devem, portanto, demonstrar que respeitam aquela e possuem estas, sob pena de serem acusadas de falsas. Eis então que os que mostram tão excelsas qualidades caem nos laços por eles mesmos lançados. O seu inimigo exige que eles mantenham a sua palavra e pratiquem nos fatos as virtudes que professam, isto é, que sejam bons, honestos, *justos* de verdade, porque tudo isto os desarma, por isso constitui uma debilidade na luta, o que agrada à parte oposta, porque facilita a sua vitória contra eles. Fazer a guerra contra um santo que se deixa martirizar, perdendo, é mais fácil que fazê-la contra uma fera ou um inimigo bem armado. Se Cristo, em vez das Suas legiões de anjos, tivesse empregada legiões de soldados aguerridos, os romanos e os judeus O teriam tratado diversamente.^{21 (p. 217)}

A crise do catolicismo

Torna-se pouco convincente esta mudança de métodos, como acontece no terreno da moda, e isto, principalmente por tratar-se de quem baseia a sua

posição sobre princípios absolutos e eternos. É o mundo que estabelece e impõe esta moda, e é o absoluto que a ela se adapta, aceitando as suas diretrizes. Existe também o método tradicional de aliar-se sempre com o mais **forte**, no passado com os ricos, os poderosos, e hoje procurando ir de encontro às massas pobres porque, organizando-se e fazendo-se valer pela **força** do número, elas se estão tornando as mais **fortes**. E para o objetivo da sobrevivência, dará indefinidamente resultado este tipo de jogo? Isto parece um duplo jogo: aliar-se por um lado com Deus por outro com o mundo, seu inimigo, uma posição insegura por ser contraditória. O homem já não é a criança de ontem; vê, observa, e tendo-lhe sido inculcado o respeito, respeita, cala e afasta-se. Numa época na qual se faz um novo exame de todos os valores humanos para selecionar o melhor e descartar o inútil, os erros passados, antigamente suportáveis, vêm à superfície e já não se toleram. Historicamente a religião que deveria ter denunciado os abusos dos ricos para ir ao encontro dos necessitados, afiada com os primeiros, havia-se transformado num tranquilizante, ópio dos povos, para manter quietos os pobres, exortando-os à virtude da paciência e prometendo o paraíso a quem sofre, enquanto os outros gozavam imediatamente o paraíso nas suas costas.²¹ (p. 232)

O Comunismo não poderia avançar, se os pontos débeis da parte oposta não constituíssem outras tantas portas abertas para o deixar entrar. Um organismo **forte** não adocece. Uma doença é sempre a consequência de um defeito ou culpa. Mas então se vive com o médico no hospital. Mas que esforço, que trabalho, que despesa, recuperar a saúde! E então surge a pergunta: se estão se iludindo aqueles que creem que seja possível salvar-se com tais recursos, o avanço do Comunismo não representará antes uma nênese histórica, uma fatalidade inevitável, enquanto tudo isto não é senão o pagamento das dívidas contraídas perante as inexoráveis leis da vida que exigem **justiça**. Não seria então mais salutar, inclusive do ponto de vista da própria sobrevivência, pôr-se sinceramente a trabalhar exclusivamente para as coisas do espírito? Mas pode surgir a dúvida: compreenderão as massas ou será já demasiado tarde para que elas se possam interessar por um trabalho de profunda renovação espiritual ao qual se tomaram completamente insensíveis, depois que aprenderam a mentira institucionalizada? O exemplo do jogo das acomodações veio de cima, os fiéis o aprenderam e, por ser cômodo, já não renunciarão a ele. Claro que ele deu, no passado, vantagens imediatas e a ele se deve em grande parte a sobrevivência milenária. Mas é inevitável que se deva depois chegar até às suas últimas consequências de cada coisa. A salvação a longo prazo está no jogo único, retilíneo, sincero. Todo o desvio desta conduta poderá seduzir-se, no momento, pelas vantagens imediatas que oferecem, mas representa um princípio negativo de envenenamento e corrupção que tende a destruir o organismo envenenado.²¹ (p. 233)

Ora, se este método, é inaplicável, por imaturidade biológica para resolver o problema, vai-se em busca de outros expedientes. Reveste-se a Deus não mais de poder punitivo (antigamente eram os raios de Júpiter), mas de misericórdia e de bondade. Como ainda o sistema de atemorização não tem mais aplicação, escolhe-se a arma do convite atrativo, esquecendo-se porém de que estamos na Terra, onde continua a vigorar a lei do mais **forte**, onde cada dependente sabe quando o patrão se faz bom, isto é, porque ele se tomou fraco, e que é esse o momento para cair-lhe em cima. Se do plano do espírito se desce ao do mundo, então é necessário aceitar os tristes métodos deste: se recebemos **astúcia**, responda-se-nos com a desconfiança, porque à nossa ação de um determinado tipo não podemos pretender que nos responda uma reação de tipo diferente.^{21 (p. 237)}

Psicanálise das religiões e aspectos do cristianismo

A luta desperta reações, assim vemos no campo oposto, o eclesiástico, o fato de se ocuparem novamente de Teilhard, que antes passou despercebido mas agora se tornou importante por tratar-se da defesa própria. Por esta razão, calando o que neste caso pode ter sido erro seu, e que a parte oposta põe mais em evidência, a Igreja trata de domesticar e adotar as teorias de Teilhard, primeiramente suspeitas de heresia, procurando enquadrá-las no terreno ortodoxo, assim satisfazendo a necessidade urgente, para não ficarem para trás, de atualizar-se perante a ciência. Querer-se-ia assim converter suas ideias numa contribuição à teologia, o que até ontem foi totalmente condenado, sobretudo a teoria da evolução. Mas o próprio inimigo que agride a Igreja é o que a obriga a realizar um passo para admitir o que já se consegue negar, princípios novos e tão evidentemente demonstrados pela ciência, que não é mais lícito condená-los. Quando aquilo que foi julgado erro não se mais deixar de considerar verdadeiro, porque se tornou verdade evidente, então procura-se adotá-lo como tal, para que desapareça o próprio erro. Mas sem esse assalto, o progresso não se teria realizado. Assim é a agressão do inimigo que nos obriga a melhorar, evoluindo. Método bem humano e que nada tem de divino. Se o inimigo é débil, procura-se fazê-lo calar, mas se, por consentimento universal, ele é **forte**, é melhor tornar-se amigo dele. Então abre-se a compreensão para com a nova verdade, e trata-se de aceitá-la adaptando-a para uso próprio e colocando-a a serviço do próprio poder. Quem dirige é o pensamento humano que evolui e as religiões tem de adaptar-se para segui-lo, avançando com ele, se não quiserem ser deixadas atrás pelo progresso da vida.^{21 (p. 246-247)}

As religiões são um serviço para a massa; devem, portanto, adaptar-se às suas exigências, mesmo que ela esteja bem longe de ser evoluída. Em todos os governos as massas impõem limites ao poder dos chefes. Estes têm a **força**

da autoridade; aquelas, a *força* do número. Cada um dos dois termos comanda só até que o outro lhe permita. Assim os dois poderes, mesmo nos estados totalitários, limitam-se reciprocamente porque as massas incorporam as leis da vida às quais todos estão submetidos, inclusive os tiranos. Nenhum dos dois termos tem um poder absoluto. As massas têm o poder lento e maciço da matéria; os chefes, o poder ágil e requintado da mente. Cada um deles quereria sujeitar o outro a si mesmo. Há sempre lutas entre povos e governos. O acordo é dado pela preponderância de um sobre o outro, e isto é estabelecido por aquele que consegue impor-se por ser biologicamente mais dotado e mais *forte*. Assim as nações evoluem em direção a um estado aristocrático que em seguida se corrompe. Então toma a dianteira a massa que se revolta, para seguir a mesma corrida em ascensão e, com o aburguesamento das revoluções, faz acabar com as precedentes aristocracias.^{21 (p. 251)}

A ideia de Deus que existe na Terra depende mais dos limites da forma mental do homem que a concebe do que daquilo que Deus é no absoluto e para nós inconcebível. Por este motivo encontramos dois tipos de divindade ou dois aspectos da ideia de Deus, isto é, o aspecto masculino, que é o de Moisés, e o aspecto feminino, que é o de Cristo. De fato o de Moisés era o Deus senhor, egocêntrico, zeloso do seu poder, o Deus dos exércitos, dominador, chefe do seu povo eleito, contra os outros povos. O de Cristo é o Deus *justo* e bom, que redime com o seu sacrifício as culpas dos outros, o Deus do Amor, generoso e universal, conceito mais vasto que aperfeiçoa e completa a crua e limitada *justiça* do homem.^{21 (p. 258)}

No ciclo das civilizações vemos, no começo, a explosão de um povo jovem, guerreiro, conquistador, que na plena posse das suas qualidades masculinas, espacial e economicamente se expande, toma posse, domina, enriquece, até a um máximo em que o fenômeno se cansa, se torna mais lento, até afogar-se no ócio e no bem-estar. As qualidades se invertem. A primeira fase é de esforço, esfaimada, rude, a segunda é de repouso, saciada, requintada; a primeira é guerreira, destruidora, *forte*, masculina a segunda é pacífica, fecunda feminina. É assim que todas as revoluções por aburguesa-se, sentadas sobre as conquistas feitas.^{21 (p. 260)}

Deste modo, os dois seres opostos trabalham alternativamente, cada um repousando e deixando-se arrastar quando o outro dirige e constrói, e por sua vez dirigindo e construindo quando o outro descansa e se deixa arrastar. Eis que não se trata senão de uma divisão de trabalho entre dois seres inversos e complementares, ou entre duas formas do mesmo ser, isto é, do ser no seu aspecto masculino e do ser no seu aspecto feminino. Então o período de decadência das civilizações por feminilização não é senão uma parada no exercício das qualidades masculinas, parada da qual a mulher se aproveita para

ensiná-lo a tornar-se aquilo que ela já é, e que ele ainda não sabe ser. E não é fácil com a paciência saber vencer a violência, com o amor suavizar as arestas do *egoísmo*, com a bondade travar os excessos da *força*, e assim disciplinar, plasmando a matéria prima, dada pelo macho *forte* e feroz, para chegar a domesticá-lo transformando-o num ser civilizado.²¹ (p. 260-261)

O elemento mulher aproveita-se do cansaço do homem para inculcar-lhe as qualidades que lhe faltam, enriquecendo-o e completando-o. Trata-se de duas posições diferentes do ato construtivo da vida, sempre construtivo, ainda que seja de valores diversos, por turno, mas todos úteis para a existência. Não se pode negar, com efeito, que, se a construção de impérios com o esforço bélico representa uma conquista da vida, é conquista, ainda que seja de outros valores, também a formação das aristocracias, feitas de elementos selecionados como requinte, sensibilização, mais aperfeiçoados na ciência das relações sociais, elite biológica produtora de valores mais apreciados, como a cultura, a arte, o pensamento em alto nível. O macho guerreiro, por si só, não saberia fazê-lo sem a ajuda de um mestre, o qual no entanto para poder educá-lo, sendo débil, tem necessidade de ser defendido pelo aluno, mestre em outra matéria. Mas este, em vez de proteger, frequentemente usa a *força* para destruir estas construções superiores não armadas para a guerra. Assim Cristo, portador dos mais altos valores morais, foi morto por primitivos ferozes, assim foi dominada pela invasão dos bárbaros a civilização de Roma, assim, com a carnificina do Terror, a Revolução Francesa varreu com os requintes da aristocracia, acabou com aquele período feminino da história para lhe substituir um masculino, abandonando-se ao impulso oposto, o da expansão guerreira. Neste momento é o homem que toma a dianteira e se faz valer como é, ou seja, ele que não sabe criar senão numa atmosfera de destruição, esperando que venha depois a mulher que, com infinita paciência, recolha os restos partidos, os reordene, os reúna, faça deles, com as suas qualidades coesivas e conservadoras, uma casa, uma igreja, uma família, uma sociedade. Também o homem sabe fazer tudo isto, mas o faz impondo-o do exterior, à *força*, enquanto a mulher o faz, trabalhando por dentro, com amor. A mulher domina e o homem depende quando ele é débil por ser criança, doente, ou velho. Quando o homem é jovem e *forte*, então é ele quem domina e a mulher quem depende. Assim quando dizíamos que o ciclo de uma civilização, na sua segunda fase, desce, se corrompe e se extingue, e que a grandeza por ele alcançada se desagrega, pensamos em função do homem tomado como nosso ponto de referência, vendo a aparente construção masculina mais do que a construção de tipo feminino, silenciosa e escondida, que assim nos aparece como se fora uma decadência. Mas isto é só em relação ao homem. A vida é sempre construtiva, ainda quando parece destrutiva, porque, nesta fase, ela realiza construções em sentido oposto àquele que, com mente masculina, chamamos construtivo.²¹ (p. 261-262)

Mas nem por isto ao princípio feminino faltam meios de defesa que lhe garantam a sobrevivência. No plano animal tem o poder da fascinação do sexo com que subjuga o homem. No plano espiritual tem o poder do desarmado pelo ideal, que aparece também na Terra proveniente do mistério do além, onde também o homem terá por fim de ir parar e não sabe se a espada lhe servirá ainda, ou se, pelo contrário a vida, que é o que mais o preocupa, se defenderá, com a retidão e a inocência desarmada, em vez de o fazer armando-se. Surge a dúvida sobre se a outra vida é regida por outros princípios, pelos quais a vítima inocente, num regime de *justiça* onde se prestam as contas, seja, pelo contrário, o mais *forte*. Vacila então a fé do homem na *força*, que torna tudo lícito na Terra. O Cristianismo é debilidade, renúncia e pranto frente à *força* e vitalidade eufórica do mundo. Mas eis que a vítima vilipendiada na Terra, Cristo, ressurgue fulgurante de poder para julgar. Invertem-se os papéis. O mais desprezado dos vencidos torna-se o senhor supremo. Então o triunfo da espada é efêmero. E depois, o que sucede na eternidade? Também na Terra, nas curvas da história está escondido o imponderável pronto a castigar inclusive os mais *fortes*, em nome de um princípio que não é a *força*.^{21 (p. 266)}

Muitos são os recursos do princípio feminino, que transformam em poder a sua debilidade. O martírio, também na Terra, será verdadeiramente uma derrota? O sangue dos mártires fecunda a Terra onde cai e a ideia pela qual eles morreram germina gigantescamente. O martírio cria seguidores, porque é prova de verdade daquilo por que se dá a vida. Então o ideal se torna epidêmico. Levado ao plano da dor e do sangue, ele é compreensível a todos e com o exemplo sugere e arrasta. Tanto isto é verdadeiro que um partido que quer fazer-se *forte*, atraindo seguidores, se apressa em fabricar os seus próprios mártires. Usa-se semelhante indústria também em política. Eis que a inocência da vítima pode conquistar mais do que a espada do guerreiro. As perseguições difundem-se e fazem triunfar a ideia dos perseguidos. A *força* moral vence mais do que a material, o princípio feminino do sacrifício supera em potência, ao masculino do domínio.^{21 (p. 266)}

É assim que aquele princípio feminino pode ter uma importantíssima função, a de educar o homem. A tarefa do Cristianismo é a de inculcar-lhe as qualidades superiores do princípio oposto. Eis a obra civilizadora do Cristianismo, dirigida a domesticar no mundo o desencadeamento da prepotência dos homens, ensinando-lhes a virtude de saber trabalhar em colaboração num regime de paz. Portanto: desinteresse, retidão, espírito fraterno, não-resistência. A religião tende, enquadrando-o numa disciplina, a domesticar o homem *forte* e a defender a mulher débil. Os três votos franciscanos: pobreza, castidade, obediência, arrancam a prepotência pela raiz. Os primeiros a aceitar Cristo foram os humildes das classes mais pobres, porque Nele encontravam defesa contra os prepotentes. Perante o comando, a mulher

obedece, o homem rebela-se. Perante Deus, a mulher reza, o homem blasfema. A mulher naturalmente adere à religião, porque esta, representando o princípio que pretende domesticar o homem, oferece-lhe defesa. Vemos isto no instituto do matrimônio. A mulher não tem necessidade de ser forçada a esses três votos porque frequentemente já está em dependência econômica do homem, com o dever de castidade fora do matrimônio (adultério condenado só para a mulher) e ligada ao marido em posição de obediência.^{21 (p. 267)}

O Cristianismo se enxerta, plenamente, no processo evolutivo, na medida em que ele trabalha pela superação da lei biológica da luta pela seleção a favor do mais **forte**, imperante nos planos mais baixos, para chegar a praticar, pelo contrário, o tipo de vida social orgânico próprio do homem civilizado no qual ao estado de luta do separatismo individualista se substitui um estado de paz na ordem coletiva. Para alcançar esta unificação, é necessário colocar em eficiência as virtudes femininas de compreensão e coesão, que são as mais adequadas para aproximar e coordenar em cooperação os ferozes egocentrismos masculinos que tratam de destruir-se reciprocamente. A função da mulher é a de tratar de separar os homens para que não se matem, é a de, pelo contrário, fazê-los trabalhar para produzir, e alimentar a vida, não para destruí-la.^{21 (p. 267)}

Podemos, agora, compreender o significado do Cristianismo perante as formas de atividade dos dois termos biológicos fundamentais, perante o desenvolvimento do ciclo de uma civilização, perante o processo evolutivo. Explica-se assim também o tipo de paixão escolhida por Cristo e a forma pacífica de holocausto escolhida pelos seus seguidores nos primeiros séculos de fundação do Cristianismo. Perante as leis da vida, como se justifica este fato? Cristo tinha, portanto, estabelecido que o seu tipo de ação fosse de tipo feminino? Na realidade a sua bondade se tinha resolvido num convite ao uso da maldade por parte dos outros. As culpas de Judas, de Pilatos, do Sinédrio, dos hebreus, foram provocadas pela atitude de vítima, desejada por Cristo. Poder-se-ia dizer: ele o quis. A não-resistência atrai o agressor, a ingenuidade atrai o engano, porque a impunidade é o grande sonho de quem faz o mal. Na Terra é necessário impor o bem por disciplina e protegê-lo pela **força**. Em semelhante ambiente, a bondade torna-se culpa porque, deixando o mal impune, o encoraja. Cristo primeiramente declarou guerra ao mundo. Ele desafiou os seus inimigos, depois se ofereceu a eles sem armas. Que tática é esta? É evidente que não lhe restava senão o martírio. Isto é perfeitamente lógico, segundo as leis do mundo. Mas acaso Cristo não as conhecia? Segundo a lógica terrena da **força**, Ele era vítima, um vencido, um falido. O mais **forte** tinha o direito de eliminá-lo e com isso se terminava a luta.^{21 (p. 267-268)}

Cristo também não errou, porque a religião cumpre a sua função civilizadora ainda que em posição emborcada de hipocrisia. Assim os mais

astutos, que fazem melhor carreira e mais sobem nos cargos, são aqueles que mais se encontram ligados à figura de Cristo, mais em evidência, com a obrigação do exemplo, aqueles que mais estão obrigados a imitar o Mestre, o que significa alcançar o bem como um fim. Efetivamente quanto mais o indivíduo trata de enganar vestindo-se de hipocrisia, tanto mais, em tais posições, é constrangido pelo ideal e dele recebe as saudáveis lições. A massa popular, mais simples e irresponsável, está menos comprometida com ele e pode permitir-se mais evasões. Os mais aperfeiçoados na arte sutil de enganar o ideal, são aqueles que mais ficam atados a ele por toda a vida. Assim esta não se engana quando faz ministros de Deus aqueles que Dele mais necessitam.^{21 (p. 272)}

Por este caminho, chega-se à construção do homem espiritual, que aprendeu a não abusar mais da sua **força**, antes de usá-la em forma de bondade benéfica, a que o levou o princípio feminino, em vez de usá-la sob a forma de **egoísmo** para prejuízo alheio, de acordo com a lição do princípio masculino. Paralelamente a potência do princípio masculino conduz à construção da mulher **forte** no plano da inteligência e do trabalho, não escrava, mas aliada do homem para colaborar com ele na obra da construção da civilização. Este ponto final é dado pela conjunção dos dois opostos no que de melhor eles são, isto é, pelo super-homem enriquecido pelas qualidades da super-mulher e ao contrário. Assim a evolução cura a cisão, levando cada vez mais o ser em direção ao máximo termo unitário, centro da unificação, Deus.^{21 (p. 274)}

Nas páginas precedentes, sustentamos que, apesar de tudo, o Cristianismo, que enfocamos no Catolicismo, cumpriu e cumpre a sua função civilizadora quando obriga os mais **astutos**, que gostariam de aproveitar-se da ideia de Cristo, acabam ficando ligados a ela, o que não pode deixar de educá-los à **força**, prendendo-os numa férrea disciplina moral.^{21 (p. 274)}

É muito provável que o Catolicismo deva dar um grande passo para a frente, em direção à sua espiritualização, porque só nisto pode consistir a sua salvação. Trata-se de um processo contínuo e gradual de desarticulação de superestruturas, para reencontrar, no fundo das formas, viva a substância. Talvez um esclarecimento de posições levará a distinguir, mais além das aparências, entre os seguidores de Cristo e os administradores da sua propriedade terrena, entre o verdadeiro crente, ainda que não ortodoxo e praticante, e quem passa por religioso por ser exteriormente devoto, amigo do clero e do partido eclesiástico. Ser cristão é outra coisa e, para sê-lo, talvez não seja necessário ser católico no sentido ortodoxo. Uma coisa é pregar, outra é praticar; uma coisa é ser, outra é aparentar. Perante Deus, fazer crer aos outros a própria santidade não serve para nada. O valor não está no reconhecimento exterior, mas nas qualidades individuais, interiores. As glorificações oficiais servem perante o mundo, mas bem pouco perante Deus. Pode-se ser formalmente ótimo católico ou crente de

qualquer religião e substancialmente péssimo cristão. O grupo necessita de seguidores para fazer-se **forte**, mas isto é coisa do mundo. Pode estar mais perto de Deus um condenado pela autoridade, do que esta que condena em nome de Deus. A consciência é tremendamente responsável, mas é livre, por sobre qualquer coação humana.²¹ (p. 292)

Qual é a atual psicologia do crente, com que ânimo se põe ele perante Deus? Quais são, atrás das aparências, as verdadeiras convicções que estão no fundo da alma humana? Aqueles que a moral oficial condena, enquanto ela não toca aos que foram bastante **astutos** para não se deixar apanhar em falta, são verdadeiramente malvados ou fazem a guerra normal, necessária na luta pela vida, como o impõe o ambiente terrestre? O crente sabe muito bem, por experiência atávica, nele radicada em forma de instinto, que a necessidade mais urgente não é ser bom, mas hábil no próprio interesse, que a **justiça**, a providência de Deus, a honestidade do próximo são coisas em que não é bom confiar demasiadamente, porque a realidade é diferente. Também os ministros de Deus o sabem. Não é culpa de ninguém se esta é a realidade da vida. É assim que as pessoas de bem, mesmo as mais crentes, pensam, antes de tudo, em fazer os seus negócios terrenos, deixando ao espírito o que resta de espaço vital. Não é que não agrade a ajuda de Deus, pelo contrário, até se sonha com isso e se invoca. Mas sabe-se que é mais positivo defender-se por si próprio, com os mais positivos métodos terrenos. Trata-se de jogos incertos de esperança, como o querer vencer na loteria. Eles são adequados aos débeis que não têm nem **força** nem inteligência para saber atuar por si só. Quem possui estes meios os usa para si e, se não os usa, é porque não os possui. Então a religião serve, sobretudo, para recolher à guisa de hospital espiritual, os ineptos à vida. Os tipos biologicamente **fortes** não gostam de recolher-se nos recintos da virtude e vivem ao ar livre, segundo as leis da Terra, as da fera livre na selva. Eles aceitam a luta para vencê-la, sem religião entre os pés. É assim que de um desencadeamento de **egoísmos**, sob aparências enganadoras, é feita a realidade da vida social.²¹ (p. 294-295)

À religião resta então uma função de reservas: a de ser um refúgio para velhos, um hospital para doentes e feridos, uma consolação para aflitos, a enfermaria da vida. Estas são as suas retaguardas, protegidas, enquanto os mais **fortes** se arriscam em primeira linha, no meio da luta. Enquanto tudo vai bem, vive-se lutando descarada e abertamente. Quando vai mal e chega a dor, então nos retraímos da luta, feridos, e vamos à igreja para orar. Quando se perde na luta, procura-se sobreviver criando outra **força** com a esperança. Então se crê e se invoca a Deus para que nos salve. Esta é uma outra forma em que é utilizada a religião, isto é, como proteção e salvação dos vencidos. Assim eles podem curar as feridas e recuperar as **forças** para retomar a luta, como também podem encontrar um tipo de trabalho útil, que não seja o de fazer a guerra. A religião

pode ter também uma função no plano animal-humano. O homem, conforme as suas qualidades e condições, sempre a utiliza de algum modo. Se ele é **forte**, se liberta dela para lutar sem obstáculos; se é **astuto**, explora-a com o engano; se é débil ou vencido, se refugia nela em busca de proteção. Deixa-a pregar à vontade, escutá-la quando a religião nos quereria sinceros e desarmados. Mas cada um sabe em que mundo vive e que nele há bem outras coisas para fazer. E se existe alguém ainda com tão boa fé que queira viver aqueles ditames, a dura realidade rapidamente o dissuade, porque ele será esmagado pelos mais **fortes** e **astutos**, e porque de fato se encontrará em dissonância com aquilo de que estão convencidos e que praticam os pregadores de virtude, e num contínuo mal-entendido fora das bitolas sobre os quais caminha a sociedade humana.²¹ (p. 295-296)

A religião satisfaz o desejo de continuar vivendo depois da morte, mas então também depois da morte lhe deixa o risco de cair na dor. O motivo é o mesmo: não há vida sem possibilidade de dor. O subconsciente por dura experiência o sabe bem e não o esquece. Eis então que o crente, na oração, se aproxima de Deus para salvar a sua vida no além, como no mundo luta para salvá-la no presente. Então como ele concebe a Deus? A ideia de pecador e inferno é certamente útil para a sobrevivência da casta sacerdotal, mas faz de Deus um senhor armado de sanções penais, que pode aplicar porque é o mais **forte**. Ideia aceita porque é fácil de conceber, porque é uma reprodução da do soberano terreno. Perante ele somos súditos, dependentes do seu beneplácito, que é mistério indecifrável; não se tem direitos, mas só o dever da obediência. Ele outorga dons e graças, a seu arbítrio, segundo critérios ignorados. Não resta senão inclinar-se e aceitar, ficando na obscuridade. Fala-se de **justiça**, mas nos fatos ela pouco se vê aplicada na Terra, torna-se portanto difícil imaginar que, noutro lugar, isto possa suceder. Talvez o seja no céu, mas é coisa que fica longínqua, quem sabe onde e quando, não é portanto controlável nem persuasiva.²¹ (p. 296-297)

É inevitável, estabelecida a posição na forma de relação entre patrão e dependente, ela traga consigo os defeitos que lhe são inerentes. De tal premissa não pode derivar outro tipo de consequências. O servo é o débil a quem corresponde obedecer. Ao patrão que é o mais **forte**, os direitos; ao outro, os deveres. Estabelecidas as relações entre homem e Deus, em semelhante base de luta entre egocentrismos opostos (devida certamente à involução humana, mas nem por isto menos real), ao súdito não lhe resta senão aplicar a Deus os métodos que na Terra usa para com os seus semelhantes. De resto isto é aquilo que o instinto lhe ensina. Então, tratando-se de um patrão mais **forte**, não resta senão inclinar-se para cativá-lo e obter favores. É necessário ir dizer-lhe que somos bons como ele quer, mas ter o cuidado de não o ser a sério, porque sabemos bem que seremos devorados. De resto o exemplo dos pregadores nos ensina que estas coisas são para serem ditas e não para serem feitas.²¹ (p. 297)

Aqui tratamos de explicar-nos como as religiões tendem a transformar-se em hipocrisia. Essa é a consequência deste modo de conceber as relações com Deus, segundo a forma mental humana, que frequentemente é também a do clero. Portanto não colaborar com Deus, com a face descoberta, claramente e sem buscar escapatórias; não adular para obter graças devidas não a um mérito, que num regime de *justiça* é direito, mas ao capricho de um patrão, porque é o mais *forte*, oferece o que quer e a quem quer. O servo aspira a tornar-se um favorito e, faz-se de bom para tornar-se agradável e assim obter vantagens. Nasce daí um obséquio que tende a transformar-se em tentativa de corrupção do poder. Esta forma mental envolve o ideal quando desce à Terra e trata de corrompê-lo para adaptá-lo a si própria. É natural que o homem se coloque por si só em posição de servo, porque é nesta forma de relações que ele se habituou a viver na Terra. E o que pode no plano humano fazer um servo, se a arte de enganar o patrão é a que a sua posição lhe ensinou, a arma com a qual pode e sabe melhor defender-se?^{21 (p. 297-298)}

Exigir um comportamento diverso seria pretender que o homem não fosse o resultado da longa história vivida por ele, e que ficou estampada no seu subconsciente. É verdade que com tal psicologia, conexas com o espírito de domínio, a classe sacerdotal salvou a sua sobrevivência, mas pagando-a com estas consequências espirituais. Daí provém uma oração com a qual se trata de cativar a simpatia do Senhor, trepando pela escala hierárquica dos santos, interpostos pela intervenção amistosa, pela qual se pode ser perdoado por um mal que se continua a fazer, por estar convencido de que ele é indispensável para sua sobrevivência, perdoado por um bem que não se realiza, porque não se é ingênuo para arruinar-se, ao fazê-lo, num mundo semelhante. Com os poderosos não se raciocina. Por serem *fortes*, eles têm o direito de estabelecer a verdade e de impô-la aos outros.^{21 (p. 298)}

Este é o fenômeno a que estamos assistindo. É a hora do exame e do juízo. A vida está efetuando uma seleção para eliminar os indivíduos, nervosa mental e espiritualmente ainda não maduros, não adaptados a saber viver num plano evolutivo mais avançado. Hoje é hora do salto. Quem preparou para si mesmo as pernas salta para a frente; quem não as preparou fica atrás. Tem lugar a separação: à frente vão os evoluídos para formar um humanidade nova, verdadeiramente civilizada; atrás do obstáculo que não souberam superar, estão os involuídos, qual lastro e camada baixa da humanidade, à procura de outros níveis inferiores. Conhecemos os métodos da vida, que sabe colocar cada coisa em seu lugar, com o seu verdadeiro valor. No passado tal seleção realizou-se no plano da matéria e *força* bruta. O biótipo que a vida queria construir era o homem fisicamente *forte*, o guerreiro feroz e vencedor, domador de um mundo inimigo. Hoje a seleção realiza-se no plano nervoso e cerebral, da inteligência e do espírito. O homem está adquirindo novas qualidades mais requintadas,

potencializa-se e sensibiliza-se, está aprendendo a trabalhar em novos campos com novos meios, dominando novas *forças*. Isto exige outra consciência e conhecimento, poderes superiores de controle para dirigir as novas capacidades. Não mais cavaleiros da espada, mas da mente e do pensamento, da alta tensão psíquica, como é a vida moderna.²¹ (p. 306-307)

Ciência e religião

É claro, que as religiões continuarão tratando de conservar o seu patrimônio tal qual é. Elas deste modo assumem a função da conservação, mas certamente não a do progresso, pelo que o pensamento continua avançando por sua conta sem elas, que não têm o poder de detê-lo. A evolução é lei divina e fundamental da vida, e a ninguém é permitido paralisá-la. Mas eis que entretanto nasce assim a luta entre o velho que não quer morrer e o novo que deve desenvolver-se. O primeiro resiste, mas, por lei da vida, acaba sendo vencido pelo segundo. A renovação realiza-se através desta luta na qual triunfa o mais *forte*, que é o novo. É a própria lei de Deus que o quer. Vive-se para avançar. Hoje, as religiões representam o velho; a ciência, o novo. A função desta não é a de destruir as verdades daquelas, mas de esclarecê-las e atualizá-las, eliminando o que já não é aceitável, como também têm a função de demonstrá-las e desenvolvê-las. Eis que de fato na luta o novo coloca-se a serviço do velho, porque o ajuda a sobreviver no que ele tem de bom, enquanto que sem esta renovação apenas lhe restaria morrer definitivamente. Se soubermos pôr cada coisa no seu lugar, vemos que tudo cumpre a sua função e por isso é útil à vida e tem então a sua razão de existir que justificando-lhe a presença.²¹ (p. 326-327)

A religião não se pode suprimir. Mas podemos imaginar quão mais inteligente e convincente deverá ser a religião do futuro, que produto mais racional da compreensão das leis da vida, em vez do cego produto do subconsciente instintivo. Será uma religião mais *forte* e mais pura, mais clara e mais honesta, porque caminhará paralela à ciência, sua aliada; será uma religião iluminada não só pelo relâmpago da intuição reveladora, mas também pela trabalhosa construção mental, fruto do esforço humano, para desembocar numa norma de conduta ou moral mais sólida, demonstrada, mais sincera e *justa* do que a atual, a qual é o resultado não de uma compreensão dos problemas, mas da luta pela vida. Não se pode parar a criação religiosa só porque neste terreno tanto já se fez no passado. O caminho dos profetas, dos grandes inovadores, dos gênios, dos santos e dos pensadores, não pode deter-se. Onde tudo evolui sem pausa, nem sequer as religiões podem parar. O trabalho do passado deve continuar noutras mãos, noutras formas, continuar com a vida que avança. Renovar não é destruir é prosseguir. Como aconteceu no caso de Cristo um

novo testamento está sempre em ação para desenvolver o antigo. É o pensamento de Deus que avança na Terra, mostrando-se sempre mais. A revelação tomará outras formas, seja de descobrimento científico, de síntese filosófica, de revolução social, ou de nova ordem política, mas não pode parar. A evolução deve levar a uma purificação das religiões, porque conduz a um esclarecimento de posições, a uma superação da luta, entre antagonismos, a uma racionalização das relações entre os homens e Deus. Para o homem civilizado isto será mais produtivo, inclusive espiritualmente, porque se apoiará sempre menos sobre a coação psicológica do terror, instrumento de que se abusou demasiadamente até agora, e cada vez mais sobre a livre persuasão e convicção espontânea.²¹ (p. 327-328)

Trabalho e propriedade

Queremos demonstrar com estes exemplos, desde as suas primeiras origens e raízes biológicas, os princípios do trabalho e da propriedade são conexos, legitimados pelas próprias leis da vida e nela profundamente radicados. Eles são os princípios centrais porque fazem parte da lei básica da luta pela vida, da seleção do mais **forte** e capaz, como da lei do equilíbrio e **justiça**, pela qual tudo deve ser ganho com o nosso esforço, para chegar a ser nosso depois, de nossa propriedade e para nossa vantagem, enquanto o soubermos defender, quanto o soubermos defender. Trabalho e propriedade são princípios conexos porque, desde as suas formas de origem, é por meio do primeiro que se chega à segunda. Ora, tudo nos diz que trabalho e propriedade não são princípios teóricos, artificiais, superestrutura fora da realidade da vida, mas fenômenos biológicos e que sobre eles se baseiam as correspondentes instituições jurídicas e sociais. Estas têm, então, plenos direitos de existir pelo fato de que derivam não de abstrações, mas das próprias leis da vida, as quais se encontram por sobre toda a vontade humana, que não tem o poder de construí-las nem de destruí-las. O método melhor para encontrar um apoio seguro para as próprias afirmações é o de baseá-las sobre as indestrutíveis leis da vida. Se, apesar disto, vemos depois aparecer ataques contra o instituto da propriedade, constataremos que isto é devido a um outro fato, não por ela não ser **justa**, mas por se fazer mau uso dela.²¹ (p. 329-330)

Assim nos dizem as leis da vida, as mesmas em todos os níveis. Mas elas nos dizem também qual é o remédio. Se há um limite por elas estabelecido, o remédio está em não o superar, porque agora sabemos que, para além dele, a salvação não será mais possível, e a lei resolverá o caso, destruindo a construção mal feita e para isto não suficientemente **forte** para ter direito à vida. Destruir a construção mal feita, no plano econômico, pode significar desagregar os elementos constitutivos de uma ordem social para reuni-los novamente

noutra forma, segundo outros princípios, o que pode levar à destruição do instituto da propriedade, porque dela foi feito mau uso. Assim, observando o tipo de economia de uma nação, e o nível da referida percentagem, pode-se, com antecedência, fazer o diagnóstico do mal e prever o desenvolvimento da doença. Como se pode calcular o momento em que a torre cai, ou em que o doente morrerá, assim se pode calcular o momento em que num país pode estalar a reação da lei e por falta de equilíbrio pode desmoronar o edifício, para que tome o seu lugar outra forma de vida. Esta reação da lei é, como o micróbio que mata o doente, uma **força** encarregada pela vida de cumprir a função, para ela importante, de liquidar os ineptos e destruir tudo o que está corrompido. Aqui falamos como o faz o médico, não com o fim de matar, mas de salvar o doente. Mas com isso não se pode impedir que quem faz o mau uso da saúde, como da propriedade e riqueza, acabe por perdê-la, porque é lei da vida que tudo o que foi arruinado por mau uso, seja destruído.^{21 (p. 342-343)}

Tudo isto pode acontecer em alguns países que se encontram em tais condições. Mas o mundo, no seu conjunto, vai pelo caminho oposto, o do trabalho produtivo. O novo impulso do mundo moderno é: trabalhar. Nisto concordam capitalismo e comunismo que não são senão dois métodos para fazer a mesma coisa: trabalhar para produzir e assim elevar o nível de vida. Se a forma é diversa, a substância é a mesma. Neste ponto fundamental. Estados Unidos, Europa, Rússia, China etc., serão de acordo, porque estão realizando o mesmo programa de trabalho. Não podia ser de outra maneira, porque ninguém tem o poder de modificar as leis da vida. Se se quer o bem-estar, meta universal do homem civilizado, é necessário conquistá-lo. Não há ideologia ou programa político que possa modificar este estado de fato. Nenhum homem pode sair das leis que regulam a vida. Assim o trabalho hoje não é, como na Idade Média, reservado só aos dependentes, considerados servos, num mundo no qual para o senhor não era vergonha mas honra o não fazer nada. Hoje o trabalho é de todos, se bem que em forma diferente, isto é, de quem está no alto para dirigir, como de quem está em baixo para executar. Só nesta forma de trabalho produtivo, para todos, o organismo econômico poderá resistir a qualquer agressão e ficar de pé. Ele será **são e forte** e ninguém poderá vencê-lo.^{21 (p. 343)}

O homem, nas novas condições de ambiente, transformando a sua forma mental e chegando a um novo modo de conceber a vida, por sua vez reage sobre o ambiente, transformando-o mais rapidamente, entrando assim e fixando-se cada vez com maior estabilidade numa fase de evolução, como novo tipo biológico. A vida se encaminha deste modo para a superação das suas formas passadas, baseadas na lei da luta pela seleção do mais **forte**, do individualista egocêntrico antissocial, e se prepara para a construção de um novo homem social, adequado a viver já não guerreando no caos, mas como um elemento que forma parte de uma coletividade orgânica. Passar do estado

caótico ao estado orgânico representa um imenso salto para a frente e implica uma mudança radical de método de vida. De resto é natural que, passando de um nível evolutivo a um superior, variem também as leis às quais o ser está sujeito e que portanto, neste caso, a lei animal da luta pela seleção individualista do mais **forte** seja abandonada para favorecer, pelo contrário, a seleção do mais adequado a viver em vez de isolado no caos, unificado com os seus semelhantes em forma orgânica. A biologia não deve ser concebida como fenômeno estático, mas dinâmico, isto é, não só em função de um dado tipo de lei, mas de uma série de tipos de leis, em contínua evolução, constituindo outros tantos degraus do caminho ascensional do ser. É natural então que, agora que o homem está para sair da sua fase animal, ele se afasta também da lei correspondente, que é a da luta por esse determinado tipo de seleção.²¹ (p. 345-346)

Vemos esta transformação atuar nos campos mais diversos, que representam casos particulares dos referidos princípios gerais. Um destes casos é o que está hoje em ação, da emancipação da mulher. Referimo-nos a ele porque tal fenômeno está conectado com o da propriedade e do direito do mais **forte**. Efetivamente a posição da mulher no passado estava determinada pelo princípio que ela era propriedade do homem, tendo sobre ela direito somente em virtude da sua **força**. Se ela encontrava nele o dono que a possuía, encontrava também o proprietário que a defendia como coisa sua. Este conceito de mulher-propriedade prevaleceu durante milênios, porque convinha também a ela, resolvendo-lhe o problema, para ela grave, da defesa. Então ela devia consequentemente possuir uma personalidade adequada a tais condições de vida, isto é, devia primeiramente obedecer, servir, pensar com a cabeça do homem como um seu apêndice, ter os gostos dele porque, por direito divino fabricado por ele com a sua **força**, era o dono. Mas dono significava também aquele que sabe fazer a guerra para defender o grupo familiar dos inimigos, aquele que leva para casa a presa da caça para o alimento, ou seja, nos tempos modernos, o equivalente soldo para viver.²¹ (p. 346-347)

Os mais diversos problemas da existência são, nos tempos modernos vistos e resolvidos em forma diferente do passado. Aos nossos antepassados isto pareceria uma desapiedada exposição de verdades recônditas, que era conveniente não deixar ver. Mas o querer hoje banir estas verdades acomodadas ao uso do mais **forte** vencedor, é um ato de sinceridade que conduz à clareza e com isto à mais exata compreensão e **justa** solução dos problemas da vida. É mais honesto basear-se e procurar diretivas sobre leis biológicas positivas, racionalmente controladas, que sobre proclamados direitos divinos ou artificiais legalizações de interesses do grupo dominante. Hoje se começa a pensar e se quer ver e saber o que há atrás do cenário das aparências, das verdades gratuitamente afirmadas; quer-se saber o porquê do lícito e do ilícito. Para as mentes simples dos nossos pais bastavam as poucas regras da vida civil, ditadas

pela religião e pela lei, para que tudo se resolvesse, observando-as. Isto era suficiente para fazer o bom cristão e o cidadão, a pessoa de bem, ainda que aquelas regras deixassem uma larga margem de escapatórias e permitissem uma elasticidade de atuação, que o conhecimento das leis biológicas, e uma ética positiva sobre elas baseada, não permite. Esta é uma imoral mais profunda, que penetra na estrutura psicológica do indivíduo, antigamente fenômeno ignorado, assalta-o com a psicanálise, mas também o compreende, o ajuda, reconhece-lhe os direitos, clareando aquela névoa de mentiras a que ele estava constringido por legítima defesa. Antigamente, cumpridas as vigentes regras formais, sancionadas pelo consentimento no qual a maioria, em defesa dos seus interesses achava conveniente concordar, era fácil fugir-lhes, continuando a satisfazer os seus desejos, desde que se soubesse camuflar debaixo das belas aparências. Mas quando a ética se baseia sobre leis da vida e se penetra no subconsciente até à raiz dos nossos pensamentos e atos, então a ficção não serve, as velhas armadilhas não funcionam mais. É mais honesto dizer que não se crê em muitas coisas, que simular que se crê e procurar fazer crer aos outros que se crê nelas, para poder assim fazer melhor os seus próprios negócios. O ateísmo é um erro. Mas é melhor a sinceridade do ateu, do que a religião da hipocrisia. Como um grande vento, a ciência, com a sua forma mental positiva, se encarrega de dismantelar tantas superestruturas seculares, que são também compromisso, contorção de verdades, adaptações cômodas, quando não são diretamente artifícios para esconder injustiças. O problema terreno está reduzido aos seus elementos essenciais: só quem trabalha e produz, isto é, dá à sociedade o equivalente daquilo que dela recebe, tem direito de ser cidadão. Conceito simples, posição clara, balanço de direitos e deveres, sem possibilidade de pretextos que permitam o ócio. Sã e saudável lei do trabalho, psicologia retilínea, filosofia dura mas honesta, aderente à realidade da vida. Valorização do trabalho, bem feito e bem pago, mas liquidação de quem não o faz ou faz mal.²¹ (p. 348-349)

Como se explica esta tendência a tornar-se preguiçoso, no parasitismo, que vemos aparecer logo que um indivíduo ou uma classe social alcança o bem-estar? Trata-se de um repouso que a vida concede aos que acabaram de triunfar, porque é merecido pelo esforço da conquista. Mas o mal é que eles queriam acomodar-se definitivamente na bela posição de descanso, e então a vida os expulsa. Eles tratam de estabilizar definitivamente o nível alcançado, fixando-o e protegendo-o com leis e instituições, em formas hereditárias, de modo a poder conservar tudo para sempre. Mas é precisamente neste momento, em que creem ter resolvido o problema da sua situação, que a vida começa a trabalhar contra eles. A existência fácil torna-os ineptos. A vida deixa que aqueles que perdem o exercício da luta se debilitem para eliminá-los. Entretanto os excluídos do banquete, conservados despertos pela fome, os não triunfadores, empurram de baixo para chegar à superfície e se estão continuamente exercitando para o

assalto. Enquanto os que gozam de bem-estar se debilitam, eles se exercitam e se fortificam. Os dois fenômenos, seguindo caminho oposto, tendem ao mesmo ponto, que é aquele em que, perante uma aristocracia debilitada, incapaz de defender-se, levanta-se o assalto dos rebeldes, tornados **fortes** pela vida dura, prontos a tudo devido ao desespero. Eles têm consigo as leis da vida, que quer o esforço e a vitória, e está pronta a premiá-la na medida que ela merece. A vida quer ao mesmo tempo também que esses rebeldes sejam utilizados como elementos de destruição desse não-valor biológico que aqueles ineptos representam, porque esta é a lei, isto é, que quem nada vale não tem direito à vida. Então enquanto se encerra o ciclo dos antigos triunfadores agora já em descida e liquidação, se inicia o dos novos que o realizarão todo, terminando-o em descida, como fizeram aqueles que eles eliminaram. Estas são as ondas segundo as quais se efetua a evolução humana na sua parte mais material, a do plano econômico. Este processo depende de uma lei geral que vemos realizar-se em menor escala para os indivíduos e famílias, seja em maior escala para as nações e povos.^{21 (p. 350-351)}

Pode-se assim compreender como, mesmo hoje, quem se encontra no alto da escala social e não entende esta sua posição como função coletiva, mas só como utilidade pessoal, sem cumprir todo o trabalho que lhe corresponde, traiçoa a sociedade de que faz parte se ele deste modo abusa, com o seu exemplo ele semeia em todo o país o costume do abuso, educa para o mal, com as suas mãos forma uma raça de revoltados, prontos a saltar-lhe em cima, ou também de servos traidores dos quais não obterá senão mentira e engano. É inútil iludir-se que baste cobrir tudo com belas aparências. Quem está em baixo olha a substância, e quando esta queima, fica impressa no subconsciente, que um dia tomará a sua vingança. O exemplo que desce do alto é uma tremenda autorização à imitação, sobretudo quando convém, mesmo que se saiba que é mau. Assim a corrupção rapidamente se estende, invade e infesta tudo. Os **astutos**, que creem saber enganar, acabam por receber de volta a mesma mercadoria que eles põem em circulação. Numa sociedade tudo funciona por reciprocidade e o mal não pode deixar de regressar à sua fonte. Quando no tão declamado sistema da liberdade se excede, cai-se na desordem, que é o estado que preludia as mais graves doenças sociais. Como poderia não desagregar-se um organismo em que as funções cerebrais fossem executadas por células selecionadas de tecidos menos evoluídos, ou pior ainda por células de tecido canceroso?^{21 (p. 352-353)}

22. UM DESTINO SEGUINDO CRISTO

Preâmbulo

Após longa e áspera luta entre as *forças* do bem e do mal, as primeiras a favor da Obra e as segundas firmemente dispostas a destruí-la; ela vai chegando, milagrosamente, ao fim. É uma prova de que se encontra do lado das primeiras que são vencedoras, porque são mais *fortes*. Demonstra também que são eficientes e, portanto, têm a intenção de continuar vencendo quem a quiser sufocar, corromper ou desfrutar.^{22 (p. 11)}

É perigosíssimo maltratar as coisas espirituais. E neste erro caem facilmente aqueles que creem ser *astutos* e delas se acercam com a mesma forma mental do explorador. Isto pode parecer uma traição, mas é *justo* que seja assim. É providencial, porque representa uma legítima defesa da vida, uma vez que elas são fundamentais para a evolução deles. Por isso as coisas espirituais são protegidas por *forças* poderosas, mesmo invisíveis garantem o seu triunfo, deixando os assaltantes na ruína a que os conduz a sua própria negatividade.^{22 (p. 14)}

O voto

Neste ponto se fecha a cena e termina a história. Alguma coisa aconteceu, mas ninguém sabe dizer exatamente o que foi. Os juízos são diversos, conforme o ponto de referência em função do qual são formulados. Neste voto há os que nele podem ver o sublime, outros a loucura, outros ainda a estupidez de um inepto. Mas os juízos humanos são relativos e as apreciações diferentes, dependendo dos resultados. Se o louco vence, então é considerado com respeito. Se perde, mesmo que ele seja grande, é tido como bobo. Será que tais fenômenos podem ser julgados por uma humanidade em que o único ponto de referência é dado pela lei animal da seleção do mais *forte* por meio de uma feroz luta pela vida? Admitamos que este caso represente uma utopia perante a realidade do mundo. Vale, no entanto, observar como tal utopia funciona na Terra, como, apesar de tudo, foi já vivida por indivíduos reputados excelsos e proclamada como virtude de desprendimento e superação, pelo Evangelho e por outras religiões. Isso nos permitirá não só assinalar vários aspectos de nossa vida individual e social, como descobrir verdades abrasadoras escondidas sob um manto de hipocrisia. Será, então, bom não ter pressa e guardar o juízo para o fim desta história.^{22 (p. 27-28)}

O significado

Sob o ponto de vista biológico, a renúncia daquele homem assume valor positivo. Daí a seguinte pergunta: no fim da vida, quando se faz a soma do trabalho realizado, levando em conta o resultado final, quem fica em melhor posição – o indivíduo que gozou no ócio, aprendendo, assim, apenas a ser um inepto, ou quem se submeteu a uma disciplina de trabalho, que o temperou para a luta, fortalecendo-lhe a resistência e enriquecendo-o de qualidades que melhor lhe garantem a sobrevivência? Concebendo as coisas somente em termos utilitaristas, este trabalho de construir com o próprio esforço uma personalidade sempre mais **forte** e evoluída significa conquistar um poder defensivo na luta, protetor da vida e garantia da vitória. Um bem-estar não compensado por um correspondente trabalho produtivo conduz à putrefação. Vemo-lo na decadência das aristocracias. Entretanto, o mundo considera bobo quem não segue este caminho fácil e não se lança em tais aventuras. Por quê? Isso é fruto de inexperiência, por não se ter ainda atravessado a difícil prova da riqueza, com todos os perigos que ela representa. Mas quem a conhece sabe que ela não existe somente para gozar, mas implica muitos deveres, e traz graves prejuízos golpeando quem, na sua inconsciência, não os cumpre. Então, o caminho melhor para quem não quer uma coisa ou outra é a **justa** medida, ou seja, nem pobreza que prive do necessário, nem riqueza trazendo consigo a escravidão do supérfluo, mas o bastante para viver e executar em paz o próprio trabalho. Aquilo que cada um tem direito, como será reconhecido na mais adiantada humanidade do futuro.^{22 (p. 37-38)}

Pobreza e Evangelho

É natural que naquelas condições, nos tempos de Cristo, a riqueza fosse uma coisa maldita, porque fruto de prepotência e instrumento de opressão. Até hoje ela pode tomar esta forma, tornando-se maldição, tratada como peste, como Cristo a tratou. Perante aquela estrutura social outro remédio não se podia oferecer. E isso foi aceito também pelos ricos, porque para eles era muito mais cômodo mandar a **justiça** para um outro mundo e entretanto gozar neste a vantagem positiva da injustiça em seu favor. Ora, naquele ambiente eles tinham plenamente razão na medida em que, como opressores, eram os mais **fortes** e os oprimidos os mais fracos. Era portanto **justa**, segundo as leis da Terra, a sua posição de domínio.^{22 (p. 49)}

O nosso personagem colocou-se fora desse terreno, não estimulando tais reações. Se ele tivesse aceito o compromisso e pactuado com ele, teria de pagar mais tarde. Conhecia as leis da vida e as vias da sabedoria, traçadas pelo modelo. Para libertar-se das consequências, não havia senão a ausência de culpa

para com as causas. Sabia que tudo é dirigido por uma ordem na qual Deus se coloca em primeiro lugar. Foi o primeiro a dar o exemplo de que a liberdade não é capricho ou arbítrio, mas liberdade na ordem, e quando feita de desordem leva ao caos e pertence ao Anti-Sistema, nunca ao Sistema. Assim, Deus não sai da Sua Lei, criada por Ele mesmo que é a Sua própria expressão. Fugir-Lhe seria contradizer-se, ir contra si mesmo. Sabemos que Deus deve ser algo **justo**, bom, lógico, perfeito, e que não pode ser o contrário. A desordem, no entanto, existe em nosso universo, mas a vemos circunscrita, isolada no seio da ordem, que a domina, fechando-a dentro de confins bem definidos. Num mar de ordem, existem ilhas de desordem. O próprio Anti-Sistema não é senão uma zona doente no corpo do Sistema, isto é, da ordem de Deus, responsável por tudo.²² (p. 54-55)

Incompreensão e condenação

Assim funcionam as coisas de nosso mundo. Opõe-se um sistema político a outro, uma religião a outra, mas trata-se apenas de diversos agrupamentos feitos com o mesmo material humano, baseados em interesses diferentes e por isso em luta. A questão de princípio é puramente teórica. É inútil distinguir, ou, pelo menos, a distinção é apenas superficial, porque o tipo humano básico permanece o mesmo, situado num dado nível de evolução, regido por determinadas leis, levado, portanto, a comportar-se de certa maneira. Opõe-se, desse modo, o sistema democrático ao totalitário, como se se tratasse de duas coisas substancialmente diversas. Mas o poder fica sempre nas mãos dos especializados no mister do comando. Com o método totalitário, é conquistado à **força**, por meio das revoluções; com o método democrático, através da habilidade de granjear os votos, levando o povo aonde se quer. O poder é sempre o resultado de uma conquista; significa a posição de vencedores sobre rivais em competição. Os princípios são teóricos, os programas são superestruturas e simples embelezamentos. As massas respeitam o poder pela sua **força** material; é fruto de uma conquista, vitória do mais **forte**. Quando mal ele se enfraquece, assaltam-no e liquidam-no, para tomar a mesma atitude de respeito perante o novo vencedor. Rapidamente esquecem o velho poder e se inclinam perante o novo, porque, em substância, é o mesmo. Não existe senão uma pequena diferença; ele agora está em outras mãos. Mas isso diz respeito aos partidos em luta e não ao povo, mero espectador. Qualquer forma de Governo é sempre constituída por um elemento dominante, separado da massa, o qual pensa, primeiramente, em manter a sua posição. Naquele mesmo recinto, com as vicissitudes políticas, entram elementos diversos, mas trata-se sempre de especialistas por competência e longa preparação. De maneira que, mesmo se teoricamente qualquer indivíduo pode subir ao poder, na prática a escolha é

limitada a um restrito círculo de candidatos elegíveis. São eles que tomam a iniciativa, que dirigem a própria luta para a conquista. O povo é guiado. E, ainda que creia escolher livremente, no fundo aceita, porque só pode fazê-lo no âmbito do que lhe é apresentado.²² (p. 70-71)

A vida é uma escola

O nosso mundo é feito de tentativas, de instabilidade, de luta. Por quê? O que é *injusto*, por esse mesmo motivo, não tem a *força* de governar-se. Trata-se de uma lei universal a que ninguém pode fugir. Em tal caso tem-se uma construção a que faltam fundamentos sólidos para que possa sustentar-se, então ela se desmorona; o edifício não está equilibrado e, por isso, cai. Isto se verifica em qualquer construção social. Quando as *forças* que a constituem não estão em equilíbrio, quando o impulso de cada necessidade não encontra a própria satisfação, ele faz pressão num dado sentido, deslocando o centro de gravidade do edifício até fazê-lo ruir. Isto sucede sempre quando se verifica o desequilíbrio provocado por uma excessiva abundância de um lado e uma correspondente carência do outro, uma desproporção para mais e outra para menos, as quais por este motivo tendem a compensar-se reciprocamente. Acontece que o impulso da Lei, ordenadamente, quer reconduzir tudo à estabilidade, em uma posição equilibrada, deixando cair o velho edifício para que em seu lugar surja outro, são e *forte*, constituído por *forças* em equilíbrio.²² (p. 75-76)

Para poder gozar da felicidade do Sistema, é necessário saber viver conforme a Lei. Mas o homem não sabe, nem quer fazer o esforço para tanto. É levado a viver em posição antagônica de Anti-Sistema. Então, é lógico que, em vez de alegria (Sistema), não possa obter senão o seu contrário, isto é, dor (Anti-Sistema). Outra coisa não pode acontecer a quem, sendo livre, mas não sabendo agir, quer fazer tudo a seu modo; a quem, sendo disciplinado por natureza, deve viver num universo feito de ordem e no qual esta é obrigatória. A escola consiste no constrangimento a essa disciplina até aprendê-la toda. Ser *astuto*, saber encontrar escapatórias para fugir poderão ter valor em nosso baixo mundo, mas não serve a ninguém perante a Lei. O homem pode lutar com o seu semelhante e vencê-lo, porque este se encontra no seu nível, mas não pode competir com a Lei de Deus, que está acima dele e de todos.²² (p. 79)

Assim caminha a massa humana ao longo da escala evolutiva. Há quem se encontre na primeira fase, da satisfação traiçoeira, quem se ache na segunda, da experimentação corretiva, e quem esteja na terceira, do conhecimento adquirido. O jogador, atraído pelo ganho fácil, senta-se à mesa do jogo e ali perde tudo. Assim, reduzido à miséria, aprende a não jogar mais. Eis a

verdade simplicíssima: aquilo que é obtido sem *justiça* é traição. Mas como poderia aprender sem jogar e sem perder tudo? Custa caro adquirir o conhecimento, mas este vale aquilo que custa, porque é a coisa mais preciosa da vida. Não se pode viver como ingênuos em um mundo esterilizado, sem ataques dos micróbios. É o organismo que deve ser *forte*, hábil em resistências, para não cair nos inúmeros perigos dos quais o nosso planeta está cheio. O homem experimentado enxerga com olhos diferentes daqueles com que via antes da prova. As *astúcias* do mundo são pequenos jogos de curta duração. O grande jogo da vida, aquele que dá verdadeiro fruto, aquele que é feito por quem entendeu, é absolutamente *justo* e honesto. Somente este, porque está acima de todas as seduções e respectivas traições, recebe frutos a valer. Depois destas considerações, podemos compreender a conduta de nosso personagem, que o mundo julgava um imbecil.^{22 (p. 85)}

O problema da justiça e os equilíbrios da Lei

Poder-se-ia perguntar: como é possível que os inferiores, mais *fortes* em número, podem permanecer por tão longo tempo subordinados a uma classe de dominadores mais exígua que a deles? Isto se explica onde e quando as massas, ainda que numericamente mais *fortes*, são mais débeis, biologicamente menos evoluídas. Ser evolutivamente mais avançado constitui uma *força* que dá direito à vitória sobre os mais atrasados. Uma grande massa de indivíduos com ausência de valores, pode menos do que uma pequena massa poderosa. É assim que um pastor pode dominar um rebanho inteiro. Mesmo ao nível de luta *egoísta* no plano animal, os vencedores superam, como valores biológicos, as massas que carecem deles e, portanto, podem dominá-las, porque elas são, evolutivamente, mais atrasadas. Mas em que consiste esta sua inferioridade, se não se pode negar que o primitivo seja um lutador *forte* e agressivo? É preciso ver de que forma e com que métodos ele usa essa *força*. Ele é egocêntrico, indisciplinado, desorganizado, antiunitário. Está em luta contra todos. Encontra-se isolado num oceano feito de guerra e de caos, sem um palmo de terra onde apoiar os seus pés com segurança. Isto torna débil aquela sua *força*. Ele possui a potência do número, mas não a inteligência para saber utilizá-la com uma ação unida e convergente. Enquanto os elementos de tipo mais evoluído se dispõem, organicamente, integrados numa engrenagem, cooperando para uma finalidade única; os outros são dispersivos e gastam a sua *força* em atritos e em rivalidades individuais. A classe dirigente, apesar de ser da mesma raça, pelo menos se mantém unida por espírito de grupo, o que a torna mais resistente na luta. Isso lhe permite dominar as massas enfraquecidas pela sua íntima desagregação. O que as vence é o fato de que ao seu nível a *força* se apresenta dividida contra si própria. Não é surpresa, portanto, que ela seja abundante e violenta quando é

dividida. Ela não pode produzir coisa alguma e se dispersa fragmentada em mil grupos rivais. A sua verdadeira potência estaria em saber inteligentemente organizar-se, evitando os atritos do separatismo excessivo, para somar os esforços de todos os elementos em direção convergente, em vez de se anularem reciprocamente com os seus antagonismos em sentido divergente. Mas, para chegar a isso, é necessário certa inteligência, certa consciência coletiva e espírito unitário que as massas ainda não possuem, porque essas qualidades aparecem somente em estágio evolutivo mais avançado.^{22 (p. 93-94)}

Tal sistema biologicamente mais atrasado encontra-se em posição de desvantagem perante a economia utilitária da vida. E por isso fica vencido pelo outro sistema, evolutivamente superior, porque mais unitário, representando maior valor biológico. É por isto que em tal sistema a vida dá o direito de vencer. O outro método é formado de rivalidades, e a sua própria natureza faz com que o seu trabalho seja destrutivo. O método unitário, pelo contrário, é feito de colaboração, significa soma de energias em vez de subtração, e a sua própria natureza faz com que o seu trabalho seja construtivo. O futuro da humanidade será representado pelo estado orgânico; este será de nível superior, para onde ela caminha evolutivamente. Essa unificação representa uma potência de coesão, de resistência e, com isso, uma superioridade de método na luta e maior garantia de sobrevivência. O primeiro procedimento não produz bens, mas guerra, uma seleção de seres *fortes* e violentos que sabem somente matar. Desse modo, não se pode obter senão a luta infernal do involuído. Com o progresso, mais útil do que a forma física, ou a coragem do guerreiro, é a inteligência, a organização, a técnica. Isto está se verificando nas guerras modernas, onde o valor militar impulsivo está reduzido a zero perante a potência calculada das máquinas dirigidas pela mente do homem. Haver substituído este novo método de luta à velha ferocidade sanguinária já representa um certo progresso. Outro passo será dado quando *força* e *astúcia*, que hoje se usam em sentido destrutivo, isto é, ao negativo, forem utilizadas construtivamente, ou seja, ao positivo. Não basta a *força*, se se quiser construir com estabilidade. É necessário que os elementos que esta *força* quer unir sejam amalgamados e mantidos juntos pela potência de coesão de outra *força* igualmente potente, que se chama *justiça*. Quando o homem for mais evoluído, conseguirá entender que sem ela as construções não resistem e desmoronam, como costuma acontecer no mundo atual.^{22 (p. 94-95)}

Sinais dos tempos

Essas culpas estão, hoje, diminuindo, quando controladas e limitadas em cada um dos quatro pontos examinados. Assim, advém uma mudança radical do modo de viver e do tipo de relações sociais. Afasta-se aquela estrutura

baseada no individualismo, assente sobre a injustiça do domínio do mais **forte**, vencedor do mais fraco na luta pela vida, com o direito de abusar, para substituir tudo isso pelo sistema da **justiça** social. Ao método do separatismo baseado no **egoísmo**, que leva ao triunfo de poucos, sucede outro unitário, que leva à coletivização. Deste modo, indo ao encontro dos vencidos, a evolução se apressa a superar a lei animal da luta que recompensa o **forte** e esmaga o fraco. Ela alarga o círculo da sua zona de atividade, apossando-se agora dos que primeiramente se encontravam mais em baixo, inertes, esperando o despertar.²²

(p. 103)

Vemos que, na atual fase de transição, antes que se fixe o novo, ainda resistem os instintos velhos, porque a ciência está transformando o mundo pelo lado exterior, sem que o homem tenha tido tempo de, paralelamente, mudar interiormente. Explicam-se, assim, algumas posições contraditórias, próprias de todas as fases de transição. Até há pouco tempo, o tipo mais adaptado à sobrevivência era o primitivo **forte**, corajoso, **astuto**, conquistador. Isto porque era necessário vencer isoladamente em um ambiente inimigo. Este era o tipo admirado e premiado. Hoje o ambiente não é mais um terreno a ser conquistado, cheio de inimigos, a matar, mas é o vizinho igual a nós, e mesmo que não se ame, como aconselha o Evangelho, com ele se deve entrar em acordo, a fim de não se viver em regime de guerra e destruição recíproca. A vida moderna levamos cada vez mais a viver comprimidos na cidade. E, quanto mais se vive juntos uns dos outros, tanto mais se reconhece a necessidade de deixar viver o próximo, para que também ele nos deixe viver. Desse modo, nasce à **força** um estado de disciplina tanto mais rígido, quanto mais a vida se torna coletiva e complexa, como é a tendência moderna. Ainda que nos queiramos proclamar livres, caminhamos todos necessariamente para uma ordem social cada vez mais compacta. Então, surgem leis de convivência, às quais somos constringidos a obedecer, e que são próprias do mais alto nível evolutivo, no qual o homem se prepara para entrar. As guerras não se fazem somente com a coragem física, mas com inteligência e organização econômica e técnica. O herói de antigamente hoje não seria mais o tipo adaptado para vencer numa luta, porque esta se faz de forma totalmente diversa. Matar individualmente não serve mais para coisa alguma. Isso constitui apenas um delito, doravante inútil resíduo de instintos atávicos que nasceram quando era necessário matar para sobreviver. Hoje se procura desafogar tais impulsos agressivos, por falta de outros mais evoluídos, através de competições desportivas, de aventuras arriscadas dos romances policiais, das crônicas de delitos e outros equivalentes materiais e mentais com os quais se possam satisfazer os instintos bélicos e sanguinários elaborados no passado. Procura-se, assim, limitar o desabafo ao plano emocional, até que consigamos desabituar-nos desta forma mental.²² (p. 103-104)

Vê-se outro sinal dos tempos: o novo julgamento a respeito de Teilhard de Chardin, no mesmo ambiente eclesiástico. Em certas conferências e revistas, depois de se ter cuidado dos sofrimentos morais vividos por ele no longo exílio, admite-se que tenha sido um “gênio religioso e um dos maiores cristãos deste século”. Tal mudança é intitulada: “Um Ato de *Justiça*”. O sistema é sempre o mesmo: primeiramente se martiriza e depois se santifica; a autoridade, mais *forte*, salva-se, e o indivíduo, isolado e fraco, é submetido. Depois ela se atualiza, e tudo fica em ordem. Acontece como se um indivíduo depois de ter praticado o mal, sem ao menos reconhecê-lo, fosse considerado inocente por ter sido mudada a lei, de modo que, segundo esta nova lei, aquilo que ele fizera não mais teria sido mal; e dessa forma inocente. Admite-se: ele já que não fora punido, agora reabilitado, não chegou a sofrer, sendo a sua dor anulada. Quantas coisas pode fazer a autoridade, porque tem a *força* do poder, as quais, para o indivíduo, que não a possui, são condenadas como culpa!^{22 (p. 112)}

Investimentos no banco de Deus

É evidente que nos encontramos perante dois diferentes tipos de economia, e cada um deles toma forma e funciona no seu próprio banco. Qualquer deles faz parte de um mundo de diferente nível biológico. Eles correspondem a dois diversos planos de evolução. São, portanto, o expoente de dois métodos diversos de vida: o do céu, praticado pelo homem *justo*; e o do mundo, baseado no *egoísmo*, na rivalidade, na avidez e no engano. O primeiro é um sistema em equilíbrio, para o qual basta ser honesto, e tudo funciona, automaticamente, em perfeita *justiça*. O segundo é um sistema de luta, isto é, de equilíbrios instáveis, mantidos pela *força*, a qual não pode garantir certeza alguma. No primeiro caso a ordem é alcançada de forma estável, bastando integrar-se nela pelo cumprimento do próprio dever, para que tudo funcione bem por si mesmo. Foi assim que o Evangelho pôde dizer: “Procura acima de tudo o reino de Deus e a sua *justiça*, e todo o resto te será dado por acréscimo” (Mateus VI, 33). No segundo caso, a ordem está ainda por alcançar, porque, no caos, não existe outra garantia senão a própria *força* com a qual cada indivíduo pode impor-se a todos. No primeiro caso, ele vive num mundo de elementos amigos, e, reciprocamente, cooperam todos, pelo que basta unificarem-se para ter garantida a sobrevivência, que é sempre o problema fundamental. No segundo, o indivíduo está num mundo de elementos inimigos com quem deve fazer as contas a cada passo, se quiser sobreviver. No primeiro exemplo, é função da Lei dar o que esperamos, pelo que não é necessário pedir e exigir. No segundo, ficamos abandonados às nossas *forças* e nada podemos obter senão nos impondo, fazendo valer os nossos próprias direitos.^{22 (p. 134)}

Quem tem consciência e conhecimento sabe como funciona o banco de Deus e nele faz honestamente as suas operações para sua vantagem. Muitos, ao contrário, ignorando tudo isso, aplicam o método terrestre, próprio do involuído, segundo o qual o valor consiste em sobrepujar o próximo, e não prejudicar somente os seus semelhantes, porque, ao cometerem injustiças, estão defraudando a própria Lei, sem compreenderem que com isso não alcançam vitória alguma, mas se endividam para depois terem de pagar a Deus. Isso porque Ele é a própria Lei, a Quem ninguém se pode impor. Destarte, eles apenas se carregam de dívidas perante a divina *justiça* que depois exigirá que lhe seja restituído o que lhe é devido, porque dos seus equilíbrios lhe foi usurpado. Em suma, o emprego dos métodos do Anti-Sistema é totalmente em vão no terreno do Sistema, alcança até mesmo o efeito oposto ao desejado, isto é, em vez de se obter uma vantagem, recebe-se apenas um dano, o que não leva à vitória, mas à ruína. A *astúcia* se revela ignorância, a *força*, fraqueza, roubar significa endividar-se, enriquecer é empobrecer, a vitória não é mais do que uma derrota, a utilidade não ganha significa uma perda, porque, perante a *justiça*, é um vazio que depois se faz necessário preencher. É perigoso procurar lesar a *justiça* de Deus, gozando aquilo que não é merecido. No princípio ou no fim, tudo se paga, como deseja o banco de Deus. A sua inviolável contabilidade funciona para todos, a favor dos *justos* e em prejuízo dos desonestos. Quanto mais uma ação é pura, dirigida para o Sistema, tanto mais acaba por trazer vantagem no sentido do bem; e, quanto mais é corrompida, rumo ao Anti-Sistema, tanto mais acarretará prejuízo no sentido do mal. Esta é a técnica com que se manifesta a Divina Providência. Ela funciona não só ao positivo, em favor de quem opera o bem e, portanto, deve receber ajuda, mas também ao negativo, contra quem pratica o mal e, pois, merece castigo. Isto não é devido a um Deus pessoal que esteja a ocupar-se de cada um, mas a uma lei onipresente, inserida na vida, que provê automaticamente que tudo aconteça de modo que, antes ou depois, sempre se faça *justiça*.^{22 (p. 135-136)}

Um exemplo terreno de depósito de valores calculados, não em dinheiro, mas como mérito e demérito, encontramos-lo no caso do aluno e do mestre. Se o primeiro estuda e aprende, o segundo é obrigado a premiá-lo com boas classificações e a promovê-lo. Neste caso o aluno deposita os seus valores intelectuais nas mãos do seu juiz, que é o banco que contém a sua contabilidade, onde eles estão depositados com segurança e podem ser retirados no fim do ano, como o homem *justo* pode depositar e encontrar os seus valores morais no banco de Deus.^{22 (p. 136)}

Mas o banco do céu não é apenas contabilmente exato e *justo*. Ele também pode antecipar empréstimos, como pode esperar, dilatando o pagamento, conforme as *forças* do indivíduo. Possui uma misericordiosa elasticidade na cobrança, como uma inteligente bondade no emprestar. A sua

finalidade é sempre benéfica e construtiva, sempre a favor da vida e da sua ascensão. A base de todos os direitos perante o banco de Deus é ser honesto trabalhador. O fundamento de todos os direitos diante do banco do mundo é ser economicamente **forte**, comercialmente hábil, **astuto** na prática. Eis que o problema da vitória sobre a qual se baseia a sobrevivência se pode resolver de duas maneiras diversas: ou com a retidão, ou com uma guerra de competição contra todos. É fácil averiguar quais são os produtos do segundo método, porque em nosso mundo ele é normalmente praticado e podemos constatar a que resultados conduz.²² (p. 136)

Agora podemos compreender em que consistia a **força** do método usado pelo nosso personagem, de quem narramos as vicissitudes. Se ele sobreviveu, isto foi devido à Divina Providência, que funcionou em seu favor por ele haver investido os seus valores no banco de Deus. Foi assim que ele venceu a batalha da sobrevivência, na qual todos estão empenhados a fundo, que representou o maior objetivo a ser alcançado na vida. A Providência funcionou, porque, como se vê nesta história, ele havia colocado as necessárias causas para a fazer funcionar. Sabemos que elas são a retidão, o espírito de sacrifício, o contínuo trabalho para o bem e por um ideal superior. Bastou esta **força** imponderável para salvar um indivíduo, humanamente desarmado pelo Evangelho, no meio de uma batalha de avidez desenfreada e de **egoísmos** ferozes. E pode-se considerar a sobrevivência como uma grande vitória da vida, à qual muitas vezes nem os mais **fortes** lutadores conseguem chegar. Eis, portanto, um fato experimentalmente controlado que vai contra os hábitos da natureza no plano biológico humano, onde, por enquanto, ele se encontrava vivendo, e que consistem em liquidar rapidamente quem não aceita a luta e não sabe vencer. Como poderia ele triunfar com a renúncia e a não-resistência, isto é, sem as armas necessárias e com meios tão antivitais? Então, o método do Evangelho possui uma potência que, mesmo que o mundo não o veja, conduz à vitória, e isto até no plano humano, onde tal método é abertamente repudiado pela vida como um absurdo que leva à morte. Como é que, neste caso, se salvou? Existe, certamente, outra potência mais no alto, mais sutil, porém nem por isso menos **forte**, capaz de vencer também onde vigora a brutal **força** do mundo.²² (p. 136-137)

Aqui nos encontramos perante o fato consumado de uma inversão dos métodos terrenos e do êxito feliz deste emborcamento. Vemos, em suma, o ideal triunfar na Terra, isto é, o Sistema em pleno campo do Anti-Sistema. Além disso, esse homem teve uma esplêndida oportunidade para gozar a vida, e não a aproveitou; assim, derrotado perante o mundo, não deixou de vencer a batalha da sobrevivência. Isto prova que, lá do fundo do Anti-Sistema, o Sistema faz pressão para subir. Do baixo nível evolutivo da luta, da **força** e da injustiça, querem emergir a honestidade, a bondade e a **justiça**, com o propósito de se

afirmarem, porque este é o conteúdo da Lei de Deus, que quer triunfar sobre todas as potências contrárias. Eis o segredo da **força** do cordeiro, contra os lobos devoradores. É assim que o fraco, porque é **forte** num plano mais alto, consegue vencer os poderosos da Terra. A arma que o defende é a sua superioridade moral, o fato de pertencer a um nível biológico mais elevado, próximo do Sistema. Pode-se, então, verificar que o bem, a retidão, os valores espirituais também são **forças** que constituem um potencial biológico, porquanto são de tipo positivo e porque a vida está ao lado do Sistema, enquanto da parte do Anti-Sistema está a morte. É deste modo que os métodos do Evangelho podem vencer os da Terra e que Cristo pôde afirmar ter vencido o mundo. Porque a Lei de Deus é senhora de tudo, pode-se garantir que no fim o bem triunfa sobre o mal, o Sistema sobre o Anti-Sistema. Quem a segue acaba por personificá-la. Então, os princípios e as **forças** da Lei tendem a funcionar e a agir sobre ele, tomando corpo na Terra para se realizarem. Não obstante todos os assaltos das **forças** do mal, a vitória final da vida está na superação e no triunfo do espírito.^{22 (p. 137-138)}

Este tipo de filosofia evangélica exposta neste volume poderá ser considerado próprio só para os débeis e para os vencidos, como consolação às suas renúncias e fatigantes virtudes, podendo ser olhado com desprezo pelos **astutos** e pelos **fortes**, vencedores no mundo. Esta filosofia de bondade poderá ser qualificada, juntamente com as religiões, como o ópio dos povos para os adormecer na tranqüila aceitação da sua escravatura perante os ricos e os poderosos. Das superiores vitórias aqui explicadas o involuído não sabe o que fazer. Então, que permaneça feliz à sua maneira, no seu próprio plano. Mas não pense que desse modo ele sai sempre vencedor. Neste caso, esta é a única filosofia que lhe pode abrigar as ruínas, procurando curá-lo novamente. A vida não é feita só de vencedores, como sonhava Nietzsche, com o seu super-homem. A maioria é feita de débeis e de vencidos, não de gozadores, mas de sofredores, necessitados de uma filosofia saneadora de ruínas que alivie dores e salve doentes. A vida tem necessidade não só de vencer no presente, mas também de preparar o futuro, não só de afirmar-se em baixo, porém, também de subir mais alto. Se luta para se conservar, isto não é para outra coisa senão avançar e, na subida, encontrar a salvação. Esta história que estamos contando poderá ser de péssimo exemplo na Terra, onde se buscam coisas bem diferentes. Mas esta é a narrativa de um homem que sofreu de olhos bem abertos, procurando compreender e depois superar a dor, utilizando-a para o bem. Por isso, se ela não interessa a quem leva uma vida sem dificuldades, tenha um pouco de respeito àqueles para quem a existência é dura. E estes são muitos.^{22 (p. 138)}

A universal bipolaridade do sexo nas religiões

Não se pode dizer que o positivo tenha mais valor do que o negativo, o macho mais do que a fêmea. Cada um tem necessidade do outro, sozinho representa a metade que sem a outra parte não está completo. A vida tende a formar a unidade no circuito, conjugando-se e fechando-se as duas metades complementares, como é necessário para chegar à gênese. Desse modo, os **fortes** atraem os fracos, que estão em busca de proteção, e estes chamam aqueles, que andam em busca de vítimas. Os malvados atraem os bondosos e benéficos e estes perversos e maléficos. Cristo atrai Judas e este, Aquele. Cada um tinha necessidade do outro para cumprir o seu destino. Cristo tinha urgência de um traidor para realizar a sua paixão de amor. Judas precisava de um homem bom, que por amor se deixasse trair e vender por dinheiro. Sem o outro termo oposto, nenhum dos dois teria podido satisfazer-se. Sem bondade de um lado, não pode haver traição do outro. Se Cristo tivesse sido como Moisés, ninguém teria conseguido traí-lo. Mas, sem a traição de Judas, não teria podido manifestar-se a bondade de Cristo. Se Judas tivesse atraído Moisés, este o teria matado, como, para aplicar o mandamento de Deus – não matar – fez com aqueles que, no regresso do Sinai, encontrou seguindo outra religião e, assim, o renegando. Então, a traição de Judas, com a morte do rebelde, teria servido apenas para manifestar a potência de Deus, por que o mundo não era ainda tão civilizado a ponto de poder aparecer também o outro aspecto da divindade, a bondade. Ora, com o Cristianismo os dois termos complementares uniram-se, formando o circuito poder-bondade, um moderando o outro e integrando-se reciprocamente. Isso foi possível, porque, na realidade, não se trata de cisão, mas apenas de oposição interna dos dois termos de uma unidade bipolar universal macho-fêmea, que vai do sexo às mais altas manifestações da vida humana, como a moral e a religião. Até estes mais altos níveis se projeta a natureza humana nos seus dois lados, macho e fêmea.^{22 (p. 141-142)}

Toda a ética do macho difere da fêmea, diferente o conceito de **justo** e **injusto**. Assim, compete ao tipo feminino introduzir no cálculo econômico o estranho sentimento de bondade, presente na esmola, como na ideia de uma providência, fatores de per si improdutivos. Para o tipo feminino viver de esmola é honesto, porque esta é fruto da caridade de outrem, isto é, de um ato de amor e de bondade. Para o tipo macho a mesma coisa significa ser mantido pela própria inaptidão e preguiça, o que merece desprezo. Pois, na mente do macho, não há lugar para tal economia, tão imprevidente, elástica, funcionando à mercê de gestos de bons corações, enquanto a vida é feita de necessidades intransponíveis, de exigências precisas e concretas que não admitem esperas e incertezas que perturbam a exatidão do cálculo econômico. Entrelaça-se o trabalho produtivo com elementos contraproducentes, o que para o macho é danosa dispersão de **forças** e não virtude. Mas o é para a fêmea, que com isso

procura afirmar-se mesmo no campo do macho. As virtudes dela são defeitos para ele, e vice-versa. O macho deve produzir mais do que amar, enquanto a fêmea quer mais amar do que produzir. O próprio trabalho, ela o entende mais como um ato de amor, dedicação e oferta do que como um ato de avidez, de posse e domínio. O mesmo mundo pode ser diferente, dependendo dos olhos com que é visto.^{22 (p. 143-144)}

Nestas opostas manifestações cada um dos dois tipos revela a si próprio e depois se glorifica, exaltando as suas qualidades: o macho a sua virtude, que é a *força*; a fêmea, o sacrifício. Mas, em ambos os casos, ninguém renuncia à reação defensiva, base da proteção para a sobrevivência. Apenas cada um a realiza, em forma diversa, a única que sabe usar segundo a sua natureza. Cada um dos dois sabe vencer com o seu próprio método, com o qual se sente *forte* e hábil, enquanto se acha débil e inepto em face do processo oposto. Isto sucede porque o ser humano é filho da sua história, durante a qual se construiu com as qualidades agora instintivas que lhe foram necessárias para sobreviver. Quem não as adquiriu foi liquidado. O macho, para a caça ao alimento, como para a defesa contra os inimigos, tinha necessidade da *força* e viu-se obrigado a desenvolvê-la. A fêmea, para a reprodução e para a criação dos filhos, precisava do amor sexual e materno, de dedicação, de sacrifício e, por isso, teve de desenvolver essas qualidades. Cada um tem a sua tarefa, com divisão de trabalho para o fim comum: a sobrevivência do indivíduo e da raça. Foi em função da necessidade dessa sobrevivência que o homem teve de se plasmar. Foi assim que tivemos até hoje dois tipos de atividade: o macho na guerra, ou no trabalho, e a mulher em casa a criar a família.^{22 (p. 146)}

Este jogo de opostos investe todas as formas de vida. De um lado, o macho trabalha à sua maneira, do outro, a fêmea. O primeiro, com a sua razão prática, domina a Terra; a fêmea, com a sua intuição, abre-lhe as portas do Céu. O macho, *forte* no mundo, castiga. A fêmea, débil, perdoa evangelicamente; mas, idealmente mais *forte*, busca no Além a resposta, onde o macho, positivo, se perde no mistério. Ele pensa através da ação. O seu pensamento é concreto, materializado em fatos. Assim, ele avança. Se está em Erro, realiza a *justiça* matando o adversário; se tem razão, é porque sabe destruir o obstáculo. Compreende que errou quando perde a batalha. Se vence, isto lhe prova que pensou certo. Ele não tem recompensas ou desforras além desta realidade, nem as espera. As contas se fazem imediata e realisticamente: ou se torna um vencedor, o que significa vida; ou se torna um derrotado, o que significa morte. A fêmea, porque é débil, não pode arriscar-se na ação; deve, portanto, prever com antecedência, porque se errar não tem defesa. O seu pensamento é *astuto*, prudente, intuitivo. É prudente porque sabe que não pode impor a sua *justiça*, mas deverá esperá-la do beneplácito do macho. Este tem a *força*. Ela não tem senão a *astúcia*. Se o macho erra, fracassa tudo, até ele próprio. A fêmea sempre

se conserva e, se erra, com paciência procura juntar os fracassos e reconstruir tudo novamente. O macho põe o terreno em desordem, a fêmea o cultiva. Nas guerras o macho, vencedor, invade conquistando e destruindo. A fêmea, vencida, derrota o vencedor, acolhendo-o entre os seus braços e reproduzindo a sua raça **forte**.^{22 (p. 147-148)}

Também aqui nos encontramos perante o mesmo fenômeno de bipolaridade constatado na contraposição dos sexos, isto é, de opostos acoplados no mesmo circuito. Temos, portanto, uma mesma e única Lei de Deus, que se manifesta nos aspectos macho e fêmea, ambos válidos e fundamentais para a vida. Para compreender o fenômeno é necessário reduzi-lo à sua substância biológica. O Evangelho, então, não é toda a Lei de Deus, mas apenas a sua metade. Ela é a voz do elemento fêmea, que diz ao macho: “Sede bom, não assalteis, não destruais, não abuseis do comando, sede **justos**; deveis construir, não com a violência, mas, sim, com compreensão e bondade”. É a voz purificadora da fêmea que propõe a não-resistência. Pressupõe, portanto, do lado oposto ao qual se dirige, o macho, de quem é necessário frear os instintos violentos. Sem isto o Evangelho não tem sentido. Seria como dizer a uma ovelha: “Não devoreis o vizinho”, conselho que só vale para o lobo. No entanto, o Evangelho é útil às ovelhas, porque diz aos lobos para não as devorar.^{22 (p. 150)}

A Igreja é fêmea, malgrado ser constituída de elementos masculinos, os quais não podem fazer outra coisa senão usá-la como tais, apesar de se cobrirem de atitudes evangélicas. Mesmo que a Igreja seja feminina num plano superior ao sexo, aquele é o seu sinal. O Evangelho defende a não-resistência, mas para o macho o homem evangélico que o pratica é apenas um velhaco que se deve matar. Temos aqui duas virtudes igualmente exaltadas, mas de sinais contrários: a bondade que perdoa e a coragem que vence para dominar; o herói do ideal, que se santifica com o martírio, e o da guerra, que se glorifica matando o inimigo. Quem tem razão? Trata-se de duas vitórias igualmente reconhecidas, mas que se condenam reciprocamente, uma julgando a outra derrotada. A Igreja, quando fez as guerras, realizou-as como atividade secundária e como sendo um desvio introduzido pelo elemento macho no programa evangélico original. Muitas vezes, ela se pôs a olhar para aqueles rudes feitos dos machos, abençoando-os, embora esperasse o seu fim, para se jogar, como faz a fêmea, nos braços do vencedor, que é o mais **forte**. Estas são leis biológicas a que ninguém na Terra pode fugir, nem existe outro caminho para quem é desarmado pelo Evangelho. Pelo fato de Cristo, através do Evangelho, ter pregado outra lei, nem por isso o princípio terrestre da luta pela vida deixou de funcionar. É evidente que o ideal representa o futuro que se avizinha por evolução. Mas é verdade que o presente, bem diverso, com a dura experiência terrestre construiu o homem para sobreviver neste mundo e enfrentar sua feroz realidade, e não para abstrair-se dela, sonhando com uma vida nos céus. A sociedade humana é

organizada para viver na Terra e repele o homem do ideal que não se põe dentro desta insistente realidade. É a própria vida que o deixa fora da lei, porque ele se coloca distante das leis biológicas vigentes.^{22 (p. 151)}

O ideal no mundo

Cristo vem ao nosso planeta e propõe-se inverter as leis biológicas aqui vigentes. Ele diz: “Abandonai todas as armas, amai o próximo. sede ovelhas...” A vida replica: “para que o inimigo vos vença, o próximo vos explore, os lobos vos devorem”. A conclusão é que os piores engordam à custa dos melhores e que, deste modo, a seleção se realiza ao contrário, a favor dos primeiros, aos quais é o próprio Evangelho que oferece o material para explorar. Esta seria, então, a verdadeira consequência da vinda de Cristo à Terra. Aqui continuam a dominar as leis deste mundo, segundo as quais o mais **forte** vence, e os bons seguidores do Evangelho, como tais considerados débeis, ineptos para a luta, são eliminados. Resultado negativo, o que significa falência do ideal.^{22 (p. 162)}

Ou, então, o homem do mundo pode pensar: “Este é um **astuto** que colocou a máscara de idealista para melhor enganar o próximo. É necessário, pois, secundá-lo aprovando tudo, mas tomando cuidado de não acreditar nele, nem lhe cair na rede”.^{22 (p. 164)}

Se o indivíduo, por temperamento ou por educação recebida, acreditou no ideal fácil, tanto pior. Ele é um primitivo do espírito e deverá aprender a não ser, mesmo no bem, um ingênuo. O ambiente terrestre lhe ensinará que não se chega ao céu só por ternura sentimental, que a descida dos ideais significa dever imergir no pântano, que a cruz de Cristo não é só um belo ato de amor mas significa abraçar a fera humana para ser por ela dilacerado. O idealista deve aprender em que mundo vive, a desconfiar e lutar antes de acreditar e amar. O próximo se incumbem de ensiná-lo à **força** de golpes massacrantes. Quem se faz instrumento da descida dos ideais deve saber e ser não somente anjo da paz, mas também **forte** lutador; e mais do que todos os outros, porque o é em forma pacífica, sem armas; deve fazer guerra em duas frentes, a da Terra para sobreviver, e a do céu, que confia nele para a descida do ideal.^{22 (p. 164-165)}

O santo, que não conhece o mundo e não está encorajado contra os seus assaltos, é eliminado pela vida como um inepto que não ajuda a descer à Terra nenhum ideal. O verdadeiro pobre, aquele que sabe o que é a pobreza e luta contra ela com qualquer meio, pensa que fazer-se pobre por amor ao Evangelho seja um esporte de luxo para os muitos saciados; julga-o um capricho dos ricos, uma aventura de gente que não conhece a realidade. Prepare-se, portanto, para derrotá-lo. Quem experimentou a luta pela vida sabe que não

há margem para brincar com os ideais e que com eles se pode arriscar à morte. Cuidado com os ingênuos, fáceis em acreditar, que se deixam seduzir pela glória do guerreiro e do santo, sem terem estofo para tal! A vida baseia-se num jogo de *força* ou *astúcia*, não sobre a *justiça*. Na Terra, quando alguém consegue devorar o seu inimigo, diz que Deus o ajudou. Enquanto o idealista contempla o seu sonho, o mundo prepara o assalto. A sua voz de sereia encantadora fala em nome das coisas mais elevadas, mas ninguém a escuta. E, se alguém a ouve, entende-a a seu modo, ou seja, que ela vale somente enquanto pode ser utilizada para explorar o cantor, dado que este é o único meio com o qual aqui ele pode servir para alguma coisa. Ele é uma flor frágil do campo, adaptado ao céu, enquanto a Terra é feita de tempestades e de vida dura que não admite bondade. Entretanto, julga poder encontrar em tal ambiente enamorados do ideal que celebrem com ele o seu canto sobre-humano! Neste mundo o homem não pode ser um honesto ingênuo, mas deve ser um honesto *astuto*, para não ser enganado por todos os *astutos*; um honesto lutador, para não ser destruído pelas agressões de todos os lutadores.²² (p. 165-166)

Conforme as leis do plano animal-humano, a vida coloca o problema em sentido completamente diverso. Para ela o trabalho a realizar é a conquista do conhecimento terreno. É atividade que procura o novo e explora o desconhecido, porque a sua finalidade maior é evoluir. Para isso experimenta todos os caminhos. E, se a tentativa foi mal dirigida e resultou em erro, em todo caso vale mais do que a inércia, que não constitui experiência alguma. Se esta acabar mal, poder-se-á corrigir. Porém ela é já uma esperança, enquanto a inocência do ignorante não representa coisa alguma, não contém qualquer atividade, nem experiência, nem conhecimento. Para a vida o inerte vale menos que o rebelde. Este ao menos se move, arrisca, luta, à sua custa faz alguma coisa. Por este caminho ele pratica o mal, mas se prepara também para aprender que aquele mal lhe cairá em cima e que, portanto, será mais conveniente não repetir a experiência. Quem não faz nada não se dispõe a aprender coisa alguma. Ele se afasta da vida, porque nem sequer inicia a senda da experimentação. O outro, ao contrário, mete-se na estrada e vai em busca de qualquer coisa. De algum modo ele tomou uma iniciativa, por isso caminha, e quem assim procede, porque já se encontra em posição de marcha, tem mais probabilidade de chegar do que quem está parado. Quantos santos na juventude foram tristes indivíduos! A santidade não pode ser ignorância e ingenuidade, mas sim, conhecimento por experiência adquirida. Para chegar aos altos níveis da vida e empreender a luta do santo, é necessário ter primeiro atravessado os planos mais baixos e não ignorar a luta que neles se trava. O santo não é um débil, sem potentes impulsos, sem músculos e garras, mas um *forte* com ímpetos dirigidos para o alto, com a sua *força* colocada ao serviço do bem. Só assim se pode representar o ideal na Terra e ser instrumento da sua realização.²² (p. 166-167)

Para que isto suceda, o ideal não pode ser confiado a ovelhas, que, não sabendo fazer outra coisa senão deixar-se matar, servem apenas para fornecer alimento destinado a engordar lobos, que continuarão a devorá-las enquanto elas os convidarem com a sua bondade. A vida quer a evolução e o esforço para executá-la; não protege, portanto, essas fugas. Ela quer que os bons lutem e construam uma barreira que sirva de obstáculo ao avanço dos malvados. Por obra desta resistência, o número destes e dos seus golpes bem sucedidos deve diminuir cada vez mais. E esta transformação, a vida confia à ação das próprias vítimas, que devem tornar-se sempre mais espertas e inteligentes, de modo que não se deixem mais enganar. A evolução é uma arrancada da injustiça para a **justiça**. O ideal desce tanto para os **justos** como para os **injustos**, com o escopo de levar todos em direção ao Sistema. Para encontrar vítimas, os **astutos** desonestos devem inventar sempre novos enganos, a fim de que, sofrendo-as, também elas aprendam. E inevitável a chegada do momento em que, havendo elas experimentado e aprendido todos os ardis, esgote-se o repertório, e nenhuma **astúcia** poderá mais servir, por falta de ingênuos que neles creiam. Então, o mal, tornando-se cada vez menos produtivo, acaba por ser cada vez mais posto de lado, já que sempre traz consigo mais risco e falência. Chegados a este ponto, os bons terão vencidos os malvados, que deverão admitir que doravante a velhacaria não lhes pode trazer senão dano. No final os exploradores da bondade do próximo deverão reconhecer o seu erro e chegar a um acordo com os explorados, se quiserem viver. Quando não se encontrar mais quem faça o papel do enganado, não é mais possível viver enganando. O jogo deve cessar por falta de elementos com quem praticá-lo. É assim que o desonesto tem de se tornar honesto, porque a resistência dos atingidos por ele faz com que para si seja danoso ser desonesto. Com esta técnica nos seus níveis mais baixos, a vida, por meio da luta, impulsiona a subir, indo ao encontro do ideal que desce do Alto.^{22 (p. 167)}

Para chegar a realizar-se, a intuição do evoluído deve sujeitar-se a retrocesso involutivo, a uma queda de dimensões, adaptando-se a contorções e mutilações. O ideal deve penetrar num mundo antagônico, onde as virtudes se tornam fraqueza e defeito; a lógica do bem, um absurdo no meio do mal; a verdade, uma forma de mentira para enganar os ingênuos; a ordem, a paz, a felicidade, miragem para esconder a realidade, que é caos, luta, dor. O mundo entende a seu modo o impulso do ideal em direção ao Alto, isto é, como um assalto à sua integridade, ao qual resiste por legítima defesa e que repele com as suas armas, porque deseja permanecer como tal. O mundo é dividido entre **fortes** e fracos. O evoluído que não entra em guerra e não vence é colocado entre os fracos e liquidado. Enquanto ele oferece escola ao involuído para civilizá-lo, este mostra a experiência ao primeiro para fazê-lo compreender a realidade da vida. Se o ideal representa o futuro, o presente é bem diverso; se aquele é uma esperança, uma expectativa, este é uma realidade dura e atual; se o

primeiro é a coisa mais bela que possa existir, o segundo é o bruto que de fato existe. Ai de quem não conhece esta realidade e se mete dentro dela desarmado! Isso lhe pode custar a vida. Fazer na Terra o papel de evoluído é perder-se nos sonhos do céu, deixando-se seduzir pelo encantamento do ideal; é ignorância que a vida, no nível do involuído, castiga sem piedade.²² (p. 168-169)

Isolar-se não significa consumir-se a favor dos outros mas, sim, estiolar-se como solitário, isto é, não correspondido pela compreensão, bondade, comunhão de vida. É um extinguir-se que nos deixa ainda mais sozinhos. Mas outra coisa não se pode esperar de um mundo que se rege por outros princípios. No fundo, permanece o fato indestrutível da distância evolutiva e da dificuldade de preenchê-la. Ninguém pode deixar de ser aquilo que é, nem pode pertencer a um plano evolutivo diverso do seu. A verdadeira superioridade é um fato interior que o mundo não vê, e quem a possui não deseja mostrá-la. Ele baseia a sua avaliação sobre aquilo que ele é, não sobre o que aparenta. De fato, não procura louvores e glória, porque a exaltação da sua pessoa não pode acrescentar nada àquilo que é. O santo baseia-se no consenso de Deus, não no dos homens. No entanto, é fácil cair na lisonja da glória e ficar por ela seduzido, estando ela ligada à fama de santidade. Portanto, é sábio não mostrar virtudes para não ser exaltado, visto que o cheiro da bondade atrai imediatamente os **astutos**, que procuram explorá-la. Para trabalhar em paz é melhor confundir-se com a multidão e colocar as vestes de um normal pecador, mesmo que não o seja. A pessoa boa é presa fácil, gratuita e atrai os caçadores. Aparecer como santo também aos de fora, dado o mundo em que se vive, pode excitar nos outros qualquer instinto inferior e impedir que se seja santificado verdadeiramente. Em vez de estar numa atmosfera de espiritualidade, o santo encontra-se imerso na baixa luta humana, que, para os seus próprios fins, procura desviá-lo dos objetivos que ele pretende alcançar. Então, o mundo pretenderá julgar o seu caso, intrometer-se nas suas relações com Deus, e ele será levado perante o tribunal da opinião pública, curiosa, vã e **egoísta**. Oferece-se, assim, a tantas nulidades ocasião de divertir-se, de desabafar os próprios instintos, de penetrar nos sagrados recessos de uma alma para sujar e estragar. O mundo não merece tais sacrifícios, para ele uma verdadeira exploração. Mesmo os valores do espírito são preciosos e não podem ser desperdiçados.²² (p. 177)

Além destas formas híbridas de primeira aproximação, existe o verdadeiro evoluído, o genuíno homem do ideal, aquele que em nome deste luta no mundo para superá-lo. O seu jogo não é o comum de vencer no plano humano, mas realizar um tipo de vida superior, mesmo que esteja em contraste com a vigente. Ele é suficientemente inteligente para compreender tanto o jogo do mundo, como a sua baixeza e seus perigos, sendo bastante honesto e **forte** para os repelir. O mundo oferece-lhe o seu método e diz-lhe: “Deves ser **astuto** como eu. Mostra-te cheio de virtudes, mostra-te pessoa de bem, digna de toda a

confiança; poderás, deste modo, melhor realizar o teu interesse enganando os ingênuos; utiliza esta sapiência que o mundo te oferece já verificada pela sua longuíssima experiência, portanto com resultados garantidos”. Assim lhe fala o mundo. Mas ele sabe que se trata de uma ilusão traiçoeira e não cai na armadilha.²² (p. 180)

A crise da velha moral

Penetrada, assim, a moral no plano humano, ela se encontrou em um regime de luta e se enxertou nesta, fazendo-se instrumento dela. Absorveu-lhe as qualidades e tornou-se um meio de domínio e uma arma de defesa dos interesses da classe sacerdotal e aristocrática. Temos uma moral levada ao nível da realidade biológica, colocada antes de tudo a serviço da vida terrena, guiada pelo instinto de conservação e utilizada em favor da vantagem *egoísta* de cada um. Com isso o involuído toma a sua desforra, isto é, ao reagir, corrompe o ideal, em vez de ascender, desfrutando-o para os seus próprios fins utilitários. Ele se justifica com o fato de que na Terra fica dominado quem não é *forte* e hábil para saber defender-se com a revolta ou a mentira, ou quem, porque é bom e honesto, cede em favor do próximo. Consoante a moral da vida, não há senão duas posições: a do *forte*, que vence e comanda e a do débil, que, vencido, deve obedecer. Impondo-se à *força*, o primeiro expande-se e se satisfaz à custa do segundo; e este, suportando por bondade, retrai-se e renuncia a favor do primeiro. Então, a moral serve para os *fortes* em prejuízo dos fracos, ou seja, para impor deveres e renúncias a estes últimos, para vantagem daqueles. Em regime de plena moral, triunfa a lei do mais *forte*, a da Terra, ficando o ideal aqui invertido e vencido.²² (p. 184-185)

Isto é inevitável em um mundo de rivalidades, onde a vantagem de um se paga com o dano do outro. O resultado de tudo isso é que a moral, imersa em nossa realidade biológica, reduz-se a um meio para dominar; que bondade e honestidade se tornam defeitos que a vida pune, enquanto *força* e *astúcia* são virtudes que ela recompensa. Eis que, perante a realidade da vida, muitas qualidades proclamadas pela moral são atributos negativos, antivitais, ao passo que revolta e *egoísmo* são valores positivos, vitais. O homem religioso não luta; a vida o deixa cair entre os vencidos; a própria fêmea, que na escolha sexual expressa leis da natureza, repele-o. A religião pode tornar-se não um oásis de super-homens, mas um refúgio de instintos que nela procuram proteção mascarando sua fraqueza sob um manto de virtudes. Até para pecar é necessário iniciativa, coragem, expor-se a riscos e consequências, mais do que para não fazer coisa alguma. A moral, então, é feita sobretudo para domar os *fortes*, que sabem lutar para sobreviver e resistir às restrições à sua expansão vital, e a eles deveria dirigir-se, antes que aos fracos, já por sua natureza submissos,

necessitados de defesa. Estes são simples, de boa fé, acreditam com facilidade, enquanto a luta pela vida exige *astúcia*, desconfiança, sobretudo para com aqueles que os aconselham a crer. Para este ingênuo rebanho de crentes seria mais conveniente uma moral de tipo oposto, não restrito, mas vigorosa, não uma escola de sofrimentos, mas aquela que ensinasse a desvendar todas as velhacarias humanas. Além de virtude, honestidade e fé, uma escola que os habituasse a descobrir todos os truques de falsa moral, torcida a seu serviço pelos mais hábeis para enganar os bons, de maneira a salvá-los, iluminando-os sobre o que na Terra constituem as autênticas verdades da fé. Esclarecer, afastar as trevas da ignorância contra a falsa religião, mostrando qual é a verdadeira espiritualidade. Mas quem fará essa escola a esses pobres honestos? Eles devem aprender à sua custa, porque o interesse da classe dominante é esconder, ensinando a moral que mais lhe convém. Se o rebanho for iluminado, descobre o jogo e, então, adeus às posições de domínio! Assim se cultiva a boa-fé das massas, para que fiquem obedientes... Esta é a verdadeira moral da Terra, e, muitas vezes, com este objetivo é usada a mais alta moral do céu.^{22 (p. 185)}

Nestes últimos livros devemos mostrar também este outro lado da verdade que o mundo esconde, porque para os *astutos* é contraproducente iluminar os bons. Ora, que há de estranho nisso? A lei da vida não é porventura a que manda devorarem-se reciprocamente? Esta é a realidade que constatamos. Primeiro eliminam-se os mais débeis. Depois se faz a guerra entre os *fortes* e, por último, também estes se matam entre si. Quantos delitos e quanta dor! Esta é a vida em nosso nível de evolução. Mas não ser ingênuo não quer dizer que a bondade deva desaparecer. Ver e compreender não significam que acabe a fé, porque se continua a crer, embora com os olhos abertos, isto é, não engolindo cegamente mistérios, mas controlando-se aquilo que se julga corresponder à verdade. O idealista não deve ser um ingênuo. Todo o trabalho feito nesta Obra foi para se chegar a crer, mas através da razão, com uma fé positiva, aderente à realidade. Tudo é verificado, levando-o em contato com esta. Ao contrário, a comum tendência humana é declarar-se infalível, resolvendo dúvidas e problemas com afirmações próprias de caráter absolutista, impostas à fé dos outros, assegurando-se, assim, a sua verdade e justificando a autoridade que deles emana. Um idealista completo deve ver também o lado oposto à verdade, o lado anti-ideal, feito de trevas e negação.^{22 (p. 187)}

Estes poucos exemplos, escolhidos ao acaso, podem parecer uma crítica malévola. Desejamos, pelo contrário, assegurar-nos de que tudo fique bem sólido para que resista a esses ataques. Estamos no fim da Obra e procuramos sacudi-la, para que aquilo que não seja *forte* e seguro caia e fique o que resiste e que, portanto, é feito para durar. Este é um controle, uma verificação, um exame de consciência, uma autoanálise, para demonstrar que a Obra não é um ingênuo idílio espiritual fora da vida. Até agora, entretanto,

vistas num lampejo de fé, as teorias saíram consolidadas deste processo demolidor. As eternas verdades tomaram nomes científicos e, sob esta nova veste, permaneceram as mesmas. Destruir a hipocrisia não é contra, mas a favor da religião. Mesmo que isto possa soar a escândalo, surge uma religião mais pura e resistente, para maior glória de Deus. Para poder compreender bem um fato é necessário observá-lo sob todos os ângulos, não somente daquele positivo do bem, mas também do lado negativo do mal, não só da parte elevada espiritual, como também daquela material e utilitária. A grande preocupação do passado era matarem-se uns aos outros e fazer filhos. É necessário agora que a do futuro consista em pensar e compreender.^{22 (p. 189-190)}

No passado, o legislador pensava em primeiro lugar em si próprio, e as relações com quem dele dependia eram impostas num regime de luta recíproca, na qual vencia o mais **forte** e hábil e não a **justiça**. Depois, para viver tranquilamente, suavizavam-se os ângulos com as acomodações, apesar de tudo necessárias, para tornar menos fatigante a convivência. Deste sistema nasceu uma moral fragmentada a cada passo, como desejava o penitente, ao lado de outra teoricamente íntegra, como pretendia o moralista. É certo que deste modo ficavam satisfeitas as suas opostas exigências. Nem a outro resultado podia conduzir o choque entre duas vontades contrárias. Porém é também verdadeiro que assim se chegou a uma mistura de pecado e perdão em incessante contradição, perante um problema eternamente insolúvel, mas que tem significado na medida em que é destinado a solucionar-se. Destarte, em vez de aplicação da lei, se chegou à sua contínua violação, a que se opôs o falso remédio de uma constante reintegração do arrependimento e do perdão, o que não resolve, porque deixa abertas as portas a novas violações. Mas a outras consequências não se podia chegar, colocando a questão nos termos acima expostos, isto é, sem reconhecer os direitos do indivíduo. É natural, então, que este se defenda com a desobediência.^{22 (p. 207)}

O ponto de referência da nova moral não é um código frio feito por Deus para os seus fins, e que Ele impõe, porque, sendo o mais **forte**, tem o direito de comando. Tal concepção mosaica era proporcionada ao desenvolvimento mental daqueles tempos. O ponto de referência da nova ética é o bem do próximo, porque os outros fazem parte do mesmo organismo a que pertence cada indivíduo, de modo que, se este, mesmo que seja em perfeita observância da lei, prejudicar aqueles, está causando dano também a si próprio. O progresso mental dos nossos tempos levou a um conceito social da vida humana, antes desconhecido. Tal princípio unificador, coletivista, enunciado pelo Evangelho há dois mil anos, não compreendido; hoje, por maturação biológica, está se tornando realidade.^{22 (p. 214)}

A concepção do pecado em sentido social propõe tornar sempre menos difícil a convivência, porquanto, ao passar à humanidade, ao estado coletivo, ela faz-se sempre mais estreita. Até agora, o hábito de se incomodarem uns aos outros em estado de luta era a principal ocupação do homem. Antigamente, a moral era feita para que uma classe pudesse dominar os seus súditos. Hoje, procura-se construir outra que sirva para todos, sendo esta a única pacífica, porque não gera reações dos excluídos. Outrora, a ética era determinada pelos mais **fortes**, que, como vencedores na luta, tinham conquistado poder e autoridade, podendo, assim, estabelecer uma disciplina para vantagem própria e à custa dos mais fracos a eles submetidos. Hoje, pretende-se uma moral menos idealista, mas também menos **egoísta** em prejuízo do próximo, sem conter para alguns exclusividade de vantagens que outros devem pagar com o seu sacrifício. Deseja-se, em suma, não mais uma moral de classe, mesmo que seja em nome de Deus, mas algo equânime, a favor de todos, sem a injustiça de favorecidos e deserdados, não de domínio, porém de cooperação. Com uma ética assim, a autoridade não existe para comandar, mas para cumprir uma atividade útil coletivamente; não é um direito individual, mas uma função social, a única coisa justificando a sua presença; ora, se aquela função não for cumprida, aquele poder deve ser retirado de quem o possui. Conceito novo, pelo qual o comando não pertence ao mais **forte**, vencedor, no seu interesse, porém ao mais apto a executar para vantagem de todos a função social que lhe é confiada. A nova moral não tolera mais os aproveitadores e os que trazem prejuízo, mas exige que cada um cumpra o próprio dever para com os outros, enquadrando-se na ordem coletiva. Cada um é forçado a levar em conta as exigências do próximo, que, antigamente, se não era suficientemente **forte** para impor-se, constituía apenas a massa que devia ser submetida sem quaisquer direitos. Se ela hoje é reconhecida, isto é porque os mais fracos se fizeram valer, seja como **força**, inteligência, número, e a sua organização. Pela mesma razão, nenhuma lei na Terra tem valor, se não for sustentada por uma sanção punitiva contra os desobedientes. Explica-se, deste modo, como, no passado, quando eram simples e pacientes, os deserdados não tinham direitos, ao passo que os têm hoje, porque os fazem valer. Não os possuíram enquanto esperaram o seu reconhecimento pela bondade dos outros, em lugar de sua própria **força**. Por isso, hoje está nascendo certo respeito, cada vez mais crescente pelos direitos dos outros. Logo, mesmo na Terra, para gozar uma vantagem, é necessário merecê-la, conforme a **justiça** e a capacidade de cada um.^{22 (p. 218-219)}

Por dois mil anos a Igreja lutou para sustentar um ideal, mesmo que tenha feito por interesses terrenos e, de vez em quando, o tenha traído. Mas não era fácil ser cristão na feroz Idade Média. Se ela quisesse sobreviver, deveria utilizar os meios que os tempos impunham, os únicos persuasivos para aquelas mentes selvagens, como o inferno, as excomunhões, a inquisição, as fogueiras, as alianças com o mais **forte**, as guerras contra ataques e perigos contínuos. É

certo que não correspondia aos fins da vida e a missão da Igreja, que ela fosse constituída de seres tão bons e santos que se fizessem matar, como Cristo, o que teria servido só para liquidá-la. De fato, a realidade da vida é bem diversa da sonhada pelo Evangelho. Até que a esta não cheguem todos por evolução, um só grupo não pode fazê-lo sozinho, separando-se do resto da humanidade. A Igreja não podia ser constituída por uma supremacia de santos, tendentes isoladamente a alcançar a sua salvação pessoal. Ela devia, ao contrário, enxertar-se na baixa vida de todos, para ajudar a ascensão dos outros. Foi assim que a Igreja se fez instrumento de progresso e realizou o seu trabalho de civilização.^{22 (p. 222)}

O problema religioso. A obra perante a Igreja

Cada tentativa de comunicação direta com Deus é considerada como sendo uma provocação ao Seu intérprete verdadeiro, atentado ao monopólio sobre o qual se baseia essa autoridade. Eis que este homem espiritual pode contradizê-la e, em nome de Deus destruir aquele privilégio com o mesmo estilo e método da infalibilidade e inapelabilidade – já tão útil nas mãos da autoridade – em seu próprio benefício. Pode diretamente insurgir-se contra ela, opondo-lhe outra autoridade, o seu próprio tribunal, que não se discute, expedindo sentenças contrárias às suas. Por isso afirma-se que a palavra de Deus não pode ser verdadeira sem a aprovação eclesíástica. É necessário, para sua defesa, que a Igreja mantenha o exclusivo domínio dos contatos divinos, que justificam a sua presença no mundo. Assim, é a única intérprete dos textos sagrados, a única que recebe e transmite o pensamento de Deus, a única depositária da verdade. Se surgem outros intérpretes, então nasce o conflito entre eles e a autoridade representante de Deus. Nasce a heresia, o cisma, a cisão que extirpa uma parte do corpo da Igreja, colocando-lhe em perigo o poder baseado na unidade do grupo. Então, trava-se a luta pela vida. A autoridade responde ao desafio mobilizando todas as suas armas. Verifica-se, como em todas as revoluções terrenas, o choque entre a autoridade constituída e os defensores de outros princípios e governos. A luta se desenvolve como em todas as revoluções. Se o rebelde é **forte** pelo número de adeptos, então vence, como aconteceu com o Protestantismo. Se é fraco, vence a autoridade, que o liquida como herético na fogueira. Esta era a história até ontem. Se não fosse a atual maturação biológica, que fez evoluir o mundo, a Igreja teria ficado por vontade própria naquelas posições. Vicissitudes humanas, praticadas com métodos humanos, que nada têm a ver com o espírito e com Deus.^{22 (p. 228-229)}

Implantado o processo da vida segundo o método da luta, não se pode fugir às consequências que dele derivam. Ambos os termos se põem a lutar, cada um pela sua sobrevivência. É um estado de guerra: ao lado do mais **forte** (porque venceu, se tornou autoridade) para defender e reforçar a sua posição de

comando; ao lado do mais fraco (por isso se encontra em situação dependente), para procurar, em sua legítima defesa, libertar-se de uma autoridade que não é ajuda e, sim, peso, a fim de destruí-la, logo que esta perca a *força* sobre a qual apoia todo o seu poder.²² (p. 232)

Num regime de luta, a autoridade pode significar uma forma de agressão contra a liberdade dos dependentes, que essa autoridade é naturalmente levada a limitar, porque, segundo foi colocado o problema, eles não são seus colaboradores, mas seus rivais. Num sistema de cooperação, tal limitação deveria resultar de um recíproco reconhecimento de direitos e deveres, por livre consentimento e convicção de ordem, para vantagem comum. Mas, dado aquilo que é o homem, ela tende a reduzir-se à imposição forçada, o que produz a sua correspondente reação. Este impulso serve para alimentar nos dominados certo fortalecimento, até levá-los ao ponto em que possam reagir pelo enfraquecimento da autoridade. Entretanto, mesmo durante a espera, aquela imposição serve aos súditos para aprender alguma coisa, porque lhes ensina a evadir-se de qualquer maneira, com a hipocrisia e mil outras *astúcias*, para poder sobreviver da forma menos pior possível. Quem não tem a *força* defende-se com o engano. E esse engano constitui-se num trabalho mental, por ínfimo que seja, proporcionado á capacidade do involuído e que serve para desenvolver-lhe a inteligência. Para o involuído isso já é uma conquista, exigência que a vida faz a todos, ainda que ao nível de cada um. A luta tem sempre uma função criadora, levando o fraco a fortalecer-se, o ingênuo a tornar-se *astuto*, o ignorante a fazer-se sábio. A sobrevivência é condicionada e a evolução é o prêmio deste esforço. Quanto mais baixo é o nível de cada um tanto mais caro se deve pagar o direito à vida.²² (p. 233)

Sucedem que, quando os dependentes, impulsionados pela opressão da autoridade, são obrigados por reação a fortalecer-se e, então, podem fazer valer os próprios direitos, ela faz-se generosa, mais razoável, mais *justa* e entra mais facilmente em acordo. Quando os subordinados se tornarem bastante *astutos*, de modo que não se deixem mais enganar, ela abandonará o método da hipocrisia, agora contraproducente, e se fará mais sincera e honesta. Entretanto pelas referidas razões, ao mesmo tempo em que a autoridade passa a ser mais condescendente e honesta, também os seus subordinados, que, então, são menos obrigados a se defender para a sua sobrevivência, podem ficar mais respeitosos para com ela. Como consequência, ocorre que quanto mais eles se tornam assim, tanto mais a autoridade – que por isso é menos forçada a lutar contra eles para a sua sobrevivência – pode fazer novas concessões a favor deles, porque agora é para ela menos perigoso. É evidente que quanto mais as massas são conscientes e menos rebeldes, tanto maior liberdade se lhes pode conceder sem o perigo que dela abusem. Então, quanto mais a autoridade for leve e transigente, tanto mais os seus subordinados poderão ser obedientes, porquanto

agora o comando daquela não é para os oprimir, mas para ajudá-los, já que ela está a favor da vida deles e não contra. E assim sucessivamente.^{22 (p. 234)}

O problema da autoridade passou a ser o da emancipação e da liberdade, porque, ao conceito de autoridade dominante, veio juntar-se o da libertação da sua dependência. É assim que em nosso mundo a liberdade é concebida como uma revolta contra o poder e não como um ato de pacífica coordenação no seio da ordem de um estado orgânico. Eis que imensa distância separa o conceito de liberdade pelo involuído, conforme o Anti-Sistema; do outro, pelo evoluído, segundo o Sistema. Neste segundo caso, a autoridade não é, como no primeiro, uma imposição do mais **forte** para sua vantagem e em prejuízo do mais débil. Quando isto acontece, se é poder político, ela pesa sobre o cidadão; se é poder religioso, sobre o fiel Mas, quando o cidadão se fortalece pelo número e pela organização, então o Estado democrático – como agora, com a pressão do Comunismo – faz-se **justo** e respeitador dos direitos do cidadão. E, quando o fiel se torna mais inteligente para desvendar os mitos da Teologia e as **astúcias** da hipocrisia, então a religião – como acontece presentemente, por causa da indiferença geral – faz-se mais compreensiva dos direitos da consciência. Eis através de que jogo de **forças** se realiza o progresso neste terreno e como se passa, gradualmente, da fase imposição que constringe à obediência àquela de adesão convicta e espontânea. À **força** de fatigantes tentativas para se expandir um à custa do outro, autoridade e subordinados acabam reconhecendo os direitos da parte oposta, aprendendo a arte da convivência pacífica. Vivemos numa sociedade na qual, mesmo que se pregue o amor pelo próximo, o vizinho é quase sempre, pelo menos potencialmente, um inimigo, e àquele amor não se pode chegar senão quando cada um impõe amor ao semelhante, ou seja, com o o cumprimento dos próprios deveres e o respeito pelos próprios direitos.^{22 (p. 235-236)}

Por tudo isto se vê como é inexorável a lei que impõe obrigações de suportar as consequências das próprias ações. O que semeamos devemos recolher. Ficamos, assim, encadeados a este estado de guerra, mesmo que ele nos atormente. E são inúteis os nossos belos planos para fugir dele. Todos desejam o desarmamento, mas quem o fizer em primeiro lugar será morto. Quem não é **forte**, por não estar armado, não tem direito à vida, sendo, portanto, ridículo pensar que se renuncie a armar-se por um princípio de paz. Procura-se, portanto, esmagar o vizinho, de modo que ele não possa reagir. Esta é a paz que se alcança com tal sistema.^{22 (p. 238)}

Esta maturação de forma mental que conduz a um novo modo de conceber a vida e com isso as relações sociais, é o resultado da evolução acelerada, no momento decisivo de sua curva. É assim que as relações sociais são sempre mais disciplinadas com recíproca compreensão e **justiça**, em vez de

serem estabelecidas, como no passado, por imposição do mais **forte**, e como tal, usando todos os direitos contra o mais fraco que, só tem deveres. Hoje, a tendência é de regularizar aquelas relações sociais com uma definição dos recíprocos direitos e deveres, procurando-se completá-la por meio do diálogo representado com palavras e fatos, choques, abalos, adaptações e acordos que se estão desenrolando como fenômeno de grande importância na atualidade, com tendência a alcançar uma posição biológica mais evoluída: aquela que através da superação do atual estado de luta, realiza uma fecunda convivência pacífica.²² (p. 240)

Essa relação de domínio e dependência responde a uma natural graduação de poderes segundo as próprias capacidades e, numa sociedade de seres conscientes e honestos, pode constituir a base de uma hierarquia sã. Mas infelizmente vivemos num mundo de tipo oposto, isto é, baseado na rivalidade e na luta. Esta diferença de posições não gera coordenação, mas revolta e atrito. Dominando o tipo involuído egocêntrico, que detêm a autoridade, busca somente a vantagem própria contra a do rival a ele submetido; e ao contrário, quem lhe é submetido compreende a obediência como uma derrota, contra a qual é necessário defender-se para não permanecer vencido. Eis que quem vive neste nível evolutivo concebe as relações entre o homem e Deus, como as que existem entre dois impulsos opostos e interesses inimigos, isto é, entre quem quer impor-se e quem procura rebelar-se, entre quem exige obediência, porque é o mais **forte**, e quem não pretende submeter-se só pelo fato de ser mais fraco.²² (p. 241)

É assim que o homem, não podendo conceber seja o que for senão com a sua forma mental, entende as suas relações com Deus semelhantes às que existiam entre escravo e senhor. Explica-se, então, a comum atitude psicológica que se costuma ter de Deus: 1) temê-Lo, porque mais **forte** e armado de sanções punitivas; 2) como tal tendo Ele pleno direito ao comando e dependendo completamente do seu beneplácito, porque é poderoso, pode, por isso, cometer qualquer arbítrio, até, com o milagre, violar a lei estabelecida; 3) humilhar-se para melhor obter o favor do soberano que concede a “graça” a quem quer e como quer, por razões não censuráveis que só ele tem o direito de conhecê-las; 4) procurar as escapatórias para fugir ao domínio do patrão que o exercita no seu interesse pela sua grandeza, para se afirmar a si próprio; procurando enganá-lo, fingindo-se seu fiel súdito, obediente e servidor para conseguir, desse modo, evitar a pena e ganhar o prêmio. Eis a religião da hipocrisia. A ideia do amor pode até mudar esse sistema, mas ficam dele os defeitos básicos que tudo torcem, adaptando-o a si mesmo. Tal sistema, infelizmente, é o resultado da psicologia instintiva do homem comum, mesmo que tenha boa fé, produto do subconsciente coberto ingenuamente de hipocrisia pelo exterior. As nobres aspirações podem ser diversas, mas esta é a realidade. A natureza humana no fundo é ainda de tipo Anti-Sistema.²² (p. 241-242)

Cabe perguntar-nos quais foram as causas que produziram essa triste planta que é a hipocrisia. Ela é uma lógica consequência do método vigente no passado, o do absolutismo e do *egoístico* espírito de domínio. Assim se explica o fato de que antigamente se exaltava a obediência como grande virtude, somente porque ela servia a quem queria dominar. Infelizmente para o primitivo a autoridade serve se é entendida em sentido *egoísta*. Quais os meios de defesa que ficavam então nas mãos dos dependentes? Eles tinham a escolha: 1) a *força*, rebelando-se, mas esta significa guerra e o mais débil não pode fazê-la contra o mais *forte*, que possui a autoridade; 2) a aceitação submissa mas, dado o sistema, esta significava renúncia a própria vida em favor do patrão; 3) uma posição de acordo, dado o tipo de impulsos opostos em ação, era impossível, porque cada um olhava somente ao seu interesse e não estava disposto a reconhecer os direitos do outro; 4) não restava ao patrão, com o chicote na mão, senão ser mal servido e detestado; e ao servo, de joelhos, não restava outra coisa senão fugir aos seus deveres, fingir, suportar, talvez roubar e trair, enfim rebelar-se quando no lugar da *força* do comando, encontrasse fraqueza. Estes os resultados do velho regime, do qual hoje o mundo procura libertar-se.^{22 (p. 246)}

Hoje a posição é diferente, e a autoridade segue outros métodos. O pecado foi só haver errado num dado período de tempo, porque, se ele tivesse sido cometido em outra época, não teria sido considerado pecado. Logo, a salvação ou a perdição são relativas ao tempo e dependem das mudanças das vicissitudes humanas. O erro foi o de se ter antecipado aos tempos, porque hoje as teorias condenadas encontraram apoio em vários cientistas, como no Jesuíta paleontólogo Teilhard de Chardin. Entretanto, o mesmo tribunal que condenava se está abstendo de fazê-lo. Teremos, então, de nos perguntar como se resolve o caso de condenações que até ontem mandavam para o inferno os atingidos. Um belo dia a Igreja se atualiza e tudo se cancela. Mas poderá esse cancelamento ter efeito retroativo perante um inferno eterno? E, se é eterno, aqueles que nele se fizeram cair não podem de lá sair somente porque o seu pecado hoje não é mais considerado tal. Então, ou aquelas almas deveriam sofrer para sempre, o que não é *justo* perante os que hoje podem cometer o mesmo pecado sem punição, ou deveriam sair do inferno, que assim não seria mais eterno. É certo que a autoridade se salvou, adaptando-se aos novos tempos; mas de salvar os réus no passado não se fala. Será *justo* perante Deus que eles sofram dano tão imerecido, quando hoje quem pratica e mesmo pecado não é mais culpado? Conforme a *justiça*, quem golpeia por uma culpa que não existe deve indenizar os danos. Mas a autoridade não tem esses deveres, porque, sendo a mais *forte*, tem o direito de fazer o que lhe convém. Teremos, pois, uma multidão de condenados na Idade Média que entravam no inferno para sempre que hoje não são mais considerados tais, mas que devem permanecer ali, embora sejam julgados inocentes. Eis de que contradições nasce a descrença.^{22 (p. 252-253)}

No caso de nosso personagem, resta o fato de que quem em 1939 foi condenado, hoje dificilmente o seria. Qual é, portanto, a sua justa posição? Hoje, não é mais a de outrora. Antigamente, não se gozava da liberdade moderna. A proibição vinha da autoridade sem qualquer explicação. E, num indivíduo consciente e por sua natureza amante da ordem, podia surgir a dúvida de se encontrar em culpa e, portanto, a convicção de dever arrepender-se de ter querido pensar e compreender, empenhando-se em não cair mais em tal erro. Ora, não obstante isso, o autor não obedeceu. A voz da consciência foi mais **forte** do que a da autoridade. Chegamos a este ponto, podemos perguntar: fez ele bem ou mal? Só agora que terminou a Obra se pode fazer um juízo, porque, na época da condenação, não foi possível.^{22 (p. 253)}

Assim a espiritualidade transformou-se num instrumento de domínio terreno, num meio para adquirir direitos e poderes materiais. São utilizadas as origens sobrenaturais da instituição para exigir que o Estado as reconheça e faça de sua parte as respectivas concessões. Mas o Estado, por sua vez, sente-se lesado por esse pretense poder temporal, que, à custa dele, Estado, a Igreja alega para sua vantagem, deduzindo-o da sua posição com relação a Deus. O dissídio nasce, porque a Igreja utiliza o espírito para receber vantagens no plano da matéria, entrando, assim, no terreno do Estado, que, sentindo-se em sua casa, retém para si o pleno direito de cassar o intruso. O Estado não poderia sentir-se ofendido por a Igreja alegar origens sobrenaturais, se esta não fizesse delas pretexto para adquirir poderes terrenos. A resistência do Estado provém do fato de que ela, em nome do espírito, solicita privilégios temporais. À volta deste conflito, originado pelo pretense poder temporal em terreno de outrem, gira a história da Igreja na Idade Média. E a luta ainda continua. Faz parte da sua crise atual o domínio do Estado, que prevalece cada vez mais **forte**, porque ele está cada vez menos disposto a tolerar invasões.^{22 (p. 265)}

O Sistema das condenações não demonstra nada, não prova, nem convence; pode servir para um primitivo sugestionável, não para um ser racional. Não se demonstra um teorema com ameaças, ou por princípio de autoridade. Entretanto, até ontem, pretendia-se a adesão dos fiéis com tais meios. Aquele sistema prova, inversamente, que se teme a discussão. Esta não seria temida, se se estivesse seguro das verdades que se afirmam. Se possuíssem provas destas bastaria expô-las. A ciência que possui prova de sua verdade, não haveria necessidade de anátemas para defendê-la. Elas se apoiam sobre fatos e sobre raciocínio que cada um pode sempre controlar. São assim tão frágeis as verdades da religião? Por que esteve a Igreja sempre com medo de que as suas verdades não fossem reais, tanto que bastava discutir ou apresentar uma dúvida para ofendê-la? O uso do princípio da autoridade, o método das condenações, a declaração de infalibilidade, tudo isso revela falta de segurança, que a Igreja deveria demonstrar possuir, porque era sobre a segurança que se baseava a

posição terrena da instituição. Como é que as verdades absolutas, transmitidas por revelação, podem ter medo das teorias de qualquer mortal que as observe mais de perto? Ou o pensamento de um escritor é ultrapotente a ponto de provocar aquele medo, ou as verdades da fé são tão débeis que temem a mínima voz discordante. O que é **forte** não tem necessidade de ser tão protegido. O fato é que estamos perante verdades apresentadas de forma nebulosa que devem esperar, se lhes quisermos conhecer o verdadeiro significado, esclarecimento e confirmações por parte dos doutores da Igreja, teólogos e concílios, isto é, por aquelas mentes humanas que funcionam como tradutores e intérpretes, sujeitas no tempo às oscilações do pensamento humano em evolução. Então, não se sabe se, nesta colaboração, a verdade que dela resulta é produto humano ou divino, deriva de uma revelação ou de toda a elaboração que o homem depois dela fez com o seu pensamento.^{22 (p. 266-267)}

A gênese e o significado da obra

Tudo isso acontece sem que o executante seja consciente destes seus movimentos e lhes compreenda o significado. E não pode ser de outro modo, porque esta é a lei do fenómeno: fundir-se em um sistema rotatório, se os sinais são opostos; ou se repelirem, se os elementos são do mesmo sinal. Isto, de fato, foi o que se verificou com a Obra nos seus primeiros contatos com os outros centros de sistemas que ela encontrou no seu caminho. Com eles ocorreu logo o choque. Isto prova que a Obra é centro, que esta é a posição estabelecida pela sua natureza. Foi assim que o Catolicismo, porque mais **forte**, armado da sua autoridade, subitamente, liquidou a Obra, repelindo-a com a condenação do Índex. O Espiritismo brasileiro procurou introduzi-la na sua órbita, aceitando-a como satélite, absorvendo-a como uma contribuição. Depois, alguns tendo-se dado conta do perigo de assumir a posição de satélite, ou, pelo menos, que parte dos seus planetas abandonassem a velha órbita para entrar na nova, rejeitaram também toda a oferta de colaboração. É exatamente esta reação de repulsa, esta recusa de aproximação por parte de outros centros, a maior prova de que a Obra centraliza uma ideia, isto é, um termo que não pode, por natureza, assumir posição de complementaridade perante outras ideias.^{22 (p. 294)}

O calvário de um idealista

O ideal é um centro. Mas, para poder funcionar como tal em relação aos seus satélites, não pode deixar de levar em conta a natureza deles, que é a de um plano biológico inferior. Para que eles possam colocar-se na órbita daquele centro, é necessário um estímulo que os faça sentir-se no seu nível, impulso a eles adaptado e proporcionado. Aquilo que exige e mais apreciam é uma prova

de *força*, porque para eles isto é o que mais vale e merece respeito. Este é o tipo de superioridade que eles compreendem, ou seja, não a inteligência ou a bondade, mas a imposição do domador. Quem não possui, ou não usa estes meios, para eles não é *forte*, não vale, portanto não pode ser centro. Eis como nas religiões nasceu a ideia de um Deus armado de vingança contra os rebeldes. Não existe outro modo para fazer-se compreender por involuídos. Quem não usa tais expedientes é um indivíduo bom, isto é, um fraco, porque um tipo bom não é *forte*, não reage infligindo penas que fazem valer a sua vontade. Então, ele é escarnecido, como aconteceu com Cristo, que não quis reagir.²² (p. 301-302)

Meu caso parapsicológico

Quando se chega a esta maturação, o fenômeno da sublimação verifica-se espontâneo e fatal, enquanto, quando ela falta, o subconsciente resiste por inércia para ficar no seu nível, ou reage para não se deslocar em direção a um plano mais alto, que não é o seu. É assim que, em vez da sublimação, pode-se obter a contorção no sucedâneo, reduzindo-a a um ato de orgulho como convicção de superioridade perante os outros o que não é superação, mas substituição de um baixo impulso por outro equivalente. É necessário ter em conta que não é fácil educar o subconsciente, *forte* de resistência e hábil nas escapatórias, fixado em posições estratificadas num longo passado. Em suma, o fenômeno da sublimação não se improvisa e, muito menos por imposição de métodos e práticas exteriores, aplicadas a qualquer pessoa do exterior, como um remédio qualquer. Para o involuído pode tratar-se de um inconcebível. As qualidades da personalidade são lentamente construídas, trabalhando na profundidade para realizar o maior fenômeno da vida, que é a transformação evolutiva.²² (p. 319)

A grande sapiência a aprender é a arte da convivência, a que permite a coexistência pacífica. Muitas vezes a confraternização é, em grande parte, retórica. O impulso mais *forte* é o *egoísmo* que se torna um obstáculo à compreensão. Atualmente, não se chega à confraternização se não por motivo *egoísta* da defesa de um perigo comum. Assim, é o perigo comunista que faz unir os cristãos, só hoje intitulados de irmãos separados. De igual modo é o perigo chinês que avizinha os dois grandes inimigos: Comunismo e Capitalismo. Ainda, igualmente, é o perigo universal da bomba atômica que tende a unificar o mundo para a sua sobrevivência. Esta é uma confraternização baseada no *egoísmo*, não na compreensão recíproca. Por outro lado, é necessário compreender que é indispensável deixar a cada um, seja indivíduo, seja povo, um suficiente espaço vital sem oprimi-lo e, portanto, sem lhe excitar as inevitáveis reações. Estas, uma vez postas em movimento, transmitem-se em cadeia, provocando contrarreações, gerando revoltas à ordem, revoluções e

aquele permanente estado de guerra que delicia a nossa humanidade. Isto significa dar e receber golpes contínuos, um prejuízo coletivo constante, um peso enorme a arrastar. Que absurdo e contraproducente método é usar as próprias energias para fabricar sofrimentos! Isto é somente admissível nas humanidades primitivas. Isto só se explica para os involuídos que gravitam ainda em direção ao Anti-Sistema. Não são, portanto, senão seres destrutivos, feitos de negatividade, enquanto exaltam como vencedor quem se afirma sobre um cemitério de vencidos. Mas a vida evolui em direção ao Sistema, o que significa seres construtivos, feitos de positividade, para quem as energias são usadas utilmente, para criar o bem, não o mal. Eis que o maior problema da humanidade está em evoluir, para alcançar formas de vida mais elevadas.²² (p. 236-237)

Muitos já sentem que vivemos no limiar de uma nova era. Nesse mundo do futuro, em vez de se sufocar a vida de tais seres fora de série, procurar-se-á criá-los e deles se formará uma elite, reconhecendo a preciosa função biológica que lhes pertence cumprir para o progresso da humanidade. Quantos gênios hoje não deixam de produzir por falta de compreensão! No entanto, eles representam valores biológicos de grande utilidade coletiva que são desperdiçados, porque obrigados a se normalizarem, ao terem de enfrentar a vida no nível da luta de todos contra todos. Impedindo-os de se realizarem, tolhendo-lhes a criação, tornam-se indivíduos desajeitados, obrigados a se isolarem, improdutivos para a sociedade, o que significa riqueza perdida para todos. Mas isso é inevitável no atual estado de *egoísmo* e caos em que vive a humanidade. Enquanto não for alcançado um grau mais avançado de civilização, a tais elementos não restará outra coisa senão se adaptarem, reentrando nas filas da gente comum e desperdiçando a sua capacidade num regime de competição. A agressividade do normal involuído, sendo este o mais *forte*, poderá facilmente vencer o homem bondoso e genial.²² (p. 340-341)

Tudo isso significa a futura transferência a outro plano biológico, e agora a relativa adaptação ao diverso tipo de vida e de pensamento próprio daquele novo ambiente. Trata-se, portanto, de uma transformação justificada pela lei da evolução, segundo a qual, quanto mais se sobe, tanto mais se tende à espiritualização. Nesses mais altos níveis, o trabalho do ser já não consiste na luta para selecionar um tipo *forte*, o mais apto a sobreviver, porém baseia-se na conquista do conhecimento e expansão da consciência, fato que na Terra interessa só a uma minoria. Mas, neste nosso próprio mundo, para a sua evolução, o futuro da civilização está nesta interiorização de pensamento, nesta penetração introvertida, dirigida a descobrir realidades espirituais hoje desconhecidas, nas quais está a chave do mistério da vida. Como sucede com o indivíduo na velhice, assim também com a humanidade, a maturação levará à introversão, isto é, a uma sempre maior penetração do mundo interior. No fim de cada ciclo evolutivo, no seu caminho projetado para a frente, quanto mais

amadurece, tanto mais, na vida do indivíduo como na dos povos, se verifica este fenômeno: o impulso extrovertido, próprio da juventude e dirigido à experiência terrestre, no final desta é reabsorvido em sentido introvertido para arquivar os resultados nas zonas interiores da vida, onde está a substância da evolução e se processa o íntimo trabalho do seu desenvolvimento. É nestas camadas profundas que a vida se retrai para realizar as suas elaborações no período pós-morte.²² (p. 355-356)

O último ato. O homem perante a morte

Quanto mais o ser é involuído, tanto mais se sente vivo nos planos que se dirigem para o Anti-Sistema; e, quanto mais é evoluído, tanto mais se sente vivo nos estágios que caminham para o Sistema. Para o primeiro a posição de encarnado na matéria aparece positiva e a de desencarnado, negativa. Para o segundo a situação de encarnado é negativa e a de desencarnado, positiva. Assim para o encarnado é vivo quem existe no seu plano físico e morto quem vive só como espírito; enquanto para o desencarnado é vivo quem existe como espírito e morto quem vive no ambiente físico. Isto será tanto mais verdadeiro quanto mais o encarnado for involuído e quanto mais o desencarnado for evoluído. É por isso que a morte inspira tanto mais medo quanto mais se é involuído e tanto menos quanto mais se é evoluído. Isto também porque, quanto mais se é evoluído, tanto mais se é espiritualmente *forte* e, assim, tanto menos a morte é queda no inconsciente, o que significa perder consciência isto é, a sensação de viver. E, ao contrário, quanto mais se é involuído, tanto mais se é fraco espiritualmente. Consequentemente, tanto mais a morte é queda no inconsciente, constituindo perda de consciência, ou seja, da sensação de viver. É assim que potencializar-se espiritualmente, subindo em direção ao Sistema, implica uma progressiva vitória sobre a morte, no sentido de que ela perde o poder de nos mergulhar nas trevas do Anti-Sistema, tolhendo-nos a consciência e com isso a sensação de ficarmos vivos. Se a morte é potente ao máximo no polo negativo do ser, no Anti-Sistema, o é a zero no polo positivo, no Sistema.²² (p. 379)

A Obra foi escrita no meio dessa tempestade, aproveitando os momentos de trégua em que ela afrouxava para golpear noutra lugar, mas sempre vivendo em estado de tensão. Isto implicava um desperdício de energias, subtraído à produção. Que rendimento maior não teria sido, se tivesse trabalhado num ambiente de tranquilidade, como seria necessário para poder pensar! Talvez o fato mais prodigioso fosse que a composição da Obra pudesse ter sido levada a cabo em tais condições. Daí se pode ver em que dificuldades deve encontrar-se submergido na Terra quem luta pelas coisas do espírito, e como é justificada a sua alegria ao avizinhar-se a hora da libertação. É lógico e

biologicamente *justo* o sistema da luta pela vida, como sucede no plano humano, por um biótipo que deve realizar a seleção do mais *forte* ou *astuto*, porque esta, no seu nível, é a forma de evolução proporcionada que ele deve executar. Mas é absurdo tal sistema contraproducente, já que paralisa o trabalho de quem quer realizar uma tarefa de outro tipo, porque lhe é mais adaptada.²² (p. 383)

23. PENSAMENTOS

PRIMEIRA PARTE – Como orientar a própria vida

Introdução – Orientação

Aquilo que buscamos adquirir neste livro, é a consciência de nós mesmos, o conhecimento do significado, valor e consequências de cada ato nosso, de modo que tudo se desenvolva beneficentemente, de maneira satisfatória para o indivíduo. Desejamos ensiná-lo a ser **forte**, resistente, positivo, construtivo. Chegou a hora de dar um salto à frente, em direção a um novo tipo de seleção biológica, não mais aquela feroz do passado que exaltava como campeão o vencedor violento, assaltante, hoje tornado um perigo social. Trata-se de um tipo de seleção mais aperfeiçoado, que deseja produzir o homem inteligente, trabalhador, espiritualmente **forte**, coletivamente organizado. Trata-se de construir o homem consciente, que sabe pensar por si, independente do juízo alheio, um responsável porque conhece a Lei de Deus e, segundo ela, sabe viver.^{23 (p. 13)}

Quem compreendeu como tudo isso funciona sabe que estas não são apenas palavras. Ele sabe que a Lei não é uma abstração, mas uma **força** viva, operante, inflexível, positiva, saneadora, honesta; sabe que a sua **justiça** termina por vencer todas as injustiças humanas e que, portanto, o vencedor final é o **justo** e não o prepotente sobre a Terra. A Lei, imparcial e universal, paga a cada um o que for merecido.^{23 (p. 13)}

O princípio de retidão

No campo moral a positividade ou negatividade toma a forma adaptada a satisfazer os fins que a vida se propõe realizar, segundo o plano de evolução, onde ela se encontra e trabalha naquele momento. Assim, no plano animal é positivo e moral o guerreiro, o conquistador que lança o novo, vence e elimina o débil inepto, porque àquele nível o fim da vida é a seleção individual do mais **forte**. Mas, a um nível mais alto, tudo aquilo resulta negativo, porque a seleção toma outra forma para produzir outro tipo, intelectualmente **forte** segundo a retidão, dirigida à conquista da ordem, mais do que ao próprio domínio sobre os outros.^{23 (p. 18)}

A lei do retorno

Como esta técnica podemos conhecer qual será o nosso futuro, observando que **forças** pusemos em movimento, construindo o nosso destino. É necessário ter compreendido que a natureza dos efeitos é do mesmo tipo das causas que pusemos em movimento, como determinante delas. Estas conservam suas qualidades positivas ou negativas de que foram saturadas ao nascerem. Eis então que, quando as causas que lançamos, visando ao que nos é útil, eram contra a Lei, elas se voltam contra nós em posição invertida, em prejuízo nosso. E quando elas eram segundo a Lei, se voltam a nosso favor. Existe essa lei de retorno, em forma negativa, daquilo que lançamos negativamente, e em forma positiva, daquilo que lançamos positivamente. Eis a que resultados leva o querer ser **astuto** para fraudar a Lei em nossa vantagem.^{23 (p. 24)}

Estejamos atentos, portanto, para cada nossa ação, porque as nossas obras nos seguem e recaem sobre nós. É necessário compreender que o mundo em substância é regido por um princípio de ordem e que o segredo do verdadeiro sucesso não está em tentar modificá-lo em vantagem nossa, mas em segui-lo, enquadrando-se nele. O caos está somente no exterior, na superfície e, não obstante a nossa resistência, ele é sempre corrigido e recolocado na ordem da Lei, que é a **força** íntima que tudo dirige. Assim, o querer ser **forte** para impor-se não serve senão para lançar sobre nós a reação da Lei, que não admite ser violada.^{23 (p. 24)}

Um novo estilo de vida. O método do respeito recíproco

Segundo a sua forma mental, no passado cada indivíduo acreditava que seu modo de ver era a verdade. Então, ele assim pensava perante os outros: “Se eu tenho a verdade, e esta é uma só e eu a possuo, tu estás em erro, e, por isso, estou autorizado a corrigir-te”. Quando a verdade era de grupo, então, sendo **forte**, adquiria o direito de impor-se aos estranhos, e tornava-se um terreno a ser invadido. O resultado era a luta pela conquista de seguidores. Eis o proselitismo. Quem adería estava certo, quem não adería estava errado e, portanto, era combatido. E uma verdade tanto mais valia e podia impor-se como tal, quanto mais **forte** ela fosse, porque maior era o número de seus seguidores. Quando passavam à minoria, a sua verdade tornava-se erro e como tal era condenada. Isso até o ponto que então se invertiam as partes e eram perseguidos aqueles que antes eram os árbitros do juízo.^{23 (p. 32)}

Um novo tipo moral

Observemos sob outros aspectos o tema que estamos desenvolvendo, referente a diretivas que, segundo a nova moral, podem-se dar à orientação da própria vida. Vejamos agora quais são os direitos recíprocos dos indivíduos perante a aquisição e posse dos meios econômicos, sobre os quais se baseia a vida. O problema era simples nos baixos níveis evolutivos do passado, em que tudo pertencia, por direito, ao primeiro ocupante, bastando que ele fosse **forte** para saber defender sua posse. Com a vida do homem atingindo o nível social, o problema faz-se mais complexo na definição dos direitos e deveres recíprocos.²³
(p. 35)

As posições do indivíduo perante a lei

Falamos, no primeiro capítulo, do princípio de retidão sobre o qual se baseia a Lei. Ele corresponde a um princípio de equilíbrio e **justiça** que faz parte da ordem de que é feita a Lei. Vimos, então, que existe este outro método de conceber e conduzir a vida. Podemos agora perguntar-nos: para vencer, ter sucesso e resolver o problema da sobrevivência há somente o método em vigência em nosso mundo, o de ser o mais **forte** ou hábil para triunfar na vida, ou existe, na verdade, também outro método? Qual é a sua técnica, e a que resultados ela nos leva? Aquilo que dissemos até aqui sobre a Lei e a sua retidão pode levar-nos à dúvida de que o outro método possa ser mais lucrativo. Ele é o honesto, meritório, consiste na posse de um valor real, mais útil do que o de impor-se à **força**. Seria revolucionário admitir que o sistema da **justiça**, e conseqüente defesa automática do indivíduo por parte da Lei, possa substituir com vantagem o da **justiça** feita com os próprios meios, como é o método vigente no plano animal. Seria uma reviravolta, porque o **justo**, mesmo débil, tornar-se-ia um vencedor, porque é protegido pela Lei, e o homem **injusto**, que por ser **forte** faz-se a si mesmo de lei, tornar-se-ia um vencido, porque é um rebelde para a Lei, que é contra ele.²³ (p. 43)

Tal estranha afirmação da superioridade do método e da vitória segundo a **justiça**, como quer a Lei, não é infundada, mas baseia-se em vários fatos: 1) é evidente que o velho sistema não resolveu o problema da convivência social pacífica; 2) aquele sistema não é mais válido, pois se torna contraproducente e, portanto, deve ser eliminado, quando se passa do velho estado social caótico ao orgânico; 3) esta afirmação é confirmada pelo fato de que podemos controlar-lhe a veracidade, porque hoje se está iniciando passagem para o estado orgânico e com isso assistimos a um deslocamento na avaliação dos valores humanos. Hoje o vencedor **egoísta** e violento, antes honrado porque era **forte** e vencedor, começa a ser considerado um criminoso,

inimigo da coletividade. O herói de guerra, o amo prepotente dominador, o hipócrita **astuto** que sabe enganar, hoje, em vez de incutirem respeito, provocam revolta e, como elementos antissociais, são isolados para serem eliminados.^{23 (p. 43-44)}

Assim a luta não terminará na sua forma atual de seleção a baixo nível evolutivo, do mais **forte** ou ardiloso, mas continuará em forma mais aperfeiçoada, de luta inteligente, competindo na conquista do desconhecido. Continuará em grupos sempre maiores, em que se coordenam as funções sociais e se organiza a coletividade (A Grande Síntese: “Lei das unidades coletivas”). Deverá assim desaparecer a luta individual e violenta, relegada ao submundo social. Sobre ela prevalecerá um tipo de luta mais inteligente, em nível mental, que não se rebaixa às pueris rivalidades do orgulho humano.^{23 (p. 44)}

Já vemos o trabalho de equipe entre especialistas que unem seus esforços para um fim comum, vemos a coordenação das funções nas grandes organizações industriais, vemos a universalidade da ciência que não admite barreiras. Assim a seleção, como é lógico, realizar-se-á em outro sentido, isto é, para produzir não um indivíduo mais **forte** isolado, mas o inteligente indivíduo social mais apto a viver na coletividade, nela cumprindo a sua função específica. Isso não nos surpreende, porque o vemos já realizado na sociedade orgânica de células que é o corpo humano.^{23 (p. 44-45)}

Resolvido este problema, tratemos agora de conhecer mais a fundo a técnica deste novo método de vida para poder fazê-lo funcionar com nossas mãos. Falando de retidão, tínhamos dito que o homem **justo**, colocando-se na corrente da lei, é por ela protegido e auxiliado. Isso seria uma bela solução para resolver o problema da vida, isto é, sendo honestos, colocarmo-nos dentro da Lei e assim nos deixarmos levar por ela. Perguntamos então: é possível usar esse sistema para alcançar aquela finalidade? Para fazer funcionar a Lei em nossa vantagem basta a retidão, ou, por outro lado, precisamos também de outros fatores? Qual é a estrutura deste fenômeno? Dentro de que mecanismos se encontra o indivíduo para sua vantagem e não para seu prejuízo, como e em função de que elementos deve conduzir-se?^{23 (p. 45)}

Chegados a este ponto, para compreender o fenômeno é necessário levar em conta um outro elemento, isto é, que o princípio fundamental da Lei que deve ser influente não é só o da retidão e **justiça**, mas também de evolução e, portanto, de movimento com essa finalidade. Assim, a Lei exige o cumprimento, também deste outro dever por parte do indivíduo, além daquele da retidão e **justiça**. Vai contra a corrente da Lei não só aquele que não cumpre este dever, mas também quem não cumpre o outro igualmente importante, o da evolução e movimento para realizá-la. Em suma, o homem, embora **justo**, se não trabalha para evoluir, é um violador da Lei, como o é quem trabalha contra ela.^{23 (p. 46)}

Compreendido isso, vejamos quais são as outras posições, além dos dois casos extremos que acabamos de examinar, que o indivíduo pode assumir perante a Lei. Nos dois casos precedentes se ele move: 1) segundo a Lei e seguindo-lhe a corrente; 2) contra a Lei, movendo-se contra a sua corrente. Temos depois outros dois casos baseados, não sobre o movimento, mas sobre a inércia; 3) o homem **justo** que se recusa a trabalhar para evoluir; 4) o homem **injusto**, que igualmente se recusa àquele trabalho. Estes dois tipos são ambos culpados porque, dado que a Lei é movimento, o ficar parado é um atentado contra ela, é uma revolta contra o princípio de evolução, base da Lei. Quais são então as consequências deste erro, o de não trabalhar para avançar seguindo o movimento evolutivo?^{23 (p. 46)}

Examinemos agora os vários casos expostos acima. No primeiro caso o indivíduo encontra-se de pleno acordo com a Lei, porque é um **justo**, que se colocou e se move na corrente da evolução. Porque ele aplica os princípios fundamentais da Lei, progride em positividade, acumulando a seu favor sempre mais valores daquele tipo.^{23 (p. 46)}

No segundo caso o indivíduo encontra-se em plena oposição à Lei, porque **injusto**, colocou-se e move-se contra a corrente da evolução. Porque ele viola os princípios fundamentais da Lei, regride no sentido da negatividade, acumulando em seu prejuízo sempre mais valores deste tipo.^{23 (p. 47)}

No terceiro caso, o indivíduo está de acordo com a Lei, porquanto é um **justo**, mas está em oposição a ela, porque, recusando-se a avançar, isto é, a trabalhar para evoluir, senta-se à margem da estrada, fora da corrente que avança. Então, neste caso, temos duas **forças** opostas. Uma é dirigida em sentido positivo, porque funciona seguindo o princípio da retidão da Lei e tende, portanto, a acumular valores positivos a favor do indivíduo. A outra **força** é, ao contrário, dirigida em sentido negativo, porque funciona opondo-se ao princípio evolucionista da Lei e tende, portanto, a acumular valores negativos em prejuízo do indivíduo.^{23 (p. 47)}

Então, a posição de **justiça**, a favor desse homem, segundo a Lei, é neutralizada pela posição oposta de inércia antievolutiva, contra a Lei, em prejuízo dele. Assim a negatividade da inércia, que recusa a evolução, anula a positividade da retidão, e o indivíduo encontra-se em estase de morte, na qual a vida para. O resultado, permanecendo estacionário em um mundo de movimento, é superado pela massa em marcha e disso resulta um retrocesso, porque o movimento desloca tudo para diante, ao longo do caminho da evolução.^{23 (p. 47)}

Para admitir isso, é necessário compreender que o fluxo da corrente evolutiva que avança é contínuo, portanto ligado ao tempo, como uma sua

função. De fato, definimos o tempo como ritmo que regula e mede o desenvolver do transformismo fenomênico. Ora, isto verifica-se em sentido evolutivo, de modo que a passagem da corrente evolutiva é ligada à passagem da corrente do tempo, não podendo, como ele, parar. Quem se isola fora dessa corrente não a interrompe por isso, mas fica estacionado dentro dela, que continua a avançar. E assim, quem para é ultrapassado e deixado para trás, o que equivale a um retrocesso involutivo, semelhante àquele a que se submete o indivíduo do segundo caso que se move contra a Lei, retrocedendo. Eis como a inércia, pelo fato de que, também, no homem **justo** transforma-se em involução podendo constituir-se um grave prejuízo para ele.^{23 (p. 47)}

No quarto caso o indivíduo encontra-se, como no terceiro, em oposição à Lei, porque, recusando-se a trabalhar para evoluir, coloca-se fora da corrente que avança. Porém esse homem não compensa essa sua negatividade como o faz o tipo do terceiro caso, com a positividade do homem **justo**, mas, ao contrário, agrava-a com sua negatividade de homem **injusto**. Segue-se que os dois impulsos, não sendo opostos um ao outro como no terceiro caso, não se neutralizam, mas somam-se, e isso no negativo. Verifica-se, então, por falta de trabalho evolutivo, não só o retrocesso involutivo do terceiro caso, próprio do inerte que para, mas esse retrocesso é maior pelo fato de que seu ponto de partida está mais embaixo, por não ser o do **justo**, mas o do **injusto**.^{23 (p. 47-48)}

Análise das forças da personalidade e o conhecimento do futuro. O fim das guerras

Chegamos ao ponto de ruptura com a velha lei da luta, pelo que esta deve ser abolida, por não atingir o fim evolutivo da seleção do mais **forte**, mas, pelo contrário, por levar a uma destruição universal, fato contra o qual a vida se rebela. É assim que a Lei elimina a guerra que não serve mais a seus fins, porque não termina com o triunfo do vencedor selecionado (fato de utilidade biológica em sentido evolutivo), mas, ao contrário, é uma guerra que destrói todos. A revolução é profunda, porque leva a um estado de unificação mundial e à abolição do velho método de vida egocêntrica, separatista, para passar ao método coletivista e colaboracionista, isto é, do estado caótico ao orgânico. Trata-se de um grande salto avante em direção ao regime de ordem, para o qual tende a evolução.^{23 (p. 57)}

O futuro estado orgânico da humanidade

Queremos observar aqui como a vida passa do primeiro estado ao segundo, isto é, como do individualismo até agora vigente, baseado na luta pela seleção do mais **forte**, adepto do comando, passa-se ao colaboracionismo baseado no método de cooperação pacífica de interesse comum. Esta segunda posição está nos antípodas da primeira. Como, então, é possível, onde domina o regime de caos, transformar luta em colaboração? Como conseguir implantar um método de vida unificado e orgânico?^{23 (p. 59)}

Eis por que a estrutura das organizações humanas atuais é do tipo comando-obediência. Trata-se de uma razão psicológica, estrutural, ligada à realidade, proporcionada aos fins, segundo o comportamento normal da vida, que sabe tirar o melhor partido dos elementos disponíveis. Assim utiliza-se o individualismo para fazer executar a função de chefe; utiliza-se a seleção do mais **forte** para escolhê-lo; a prepotência de dominar para subjugar, enquadrando os rebeldes, na ordem; assim utilizam-se as mesmas qualidades do caos para construir o estado orgânico. Esse pode nascer, mas na dependência de um chefe, vencedor por eleição ou por revolução. Mas no fundo, trata-se sempre de um ato de conquista, em que, para satisfazer seu instinto de domínio, o chefe começa a organizar os seus dependentes. É natural que esse novo método de vida nasça do velho, levando consigo as qualidades dele, para depois libertar-se delas gradativamente. É assim em nossa sociedade: podemos encontrar casos de organicidade já distanciados daquela posição original agora descrita, que forma o esqueleto do fenômeno.^{23 (p. 61-62)}

O problema da delinquência

O criminoso é tanto mais notado, e expulso da coletividade, quanto mais esta atingiu um regime de ordem. No caos, em um regime de desordem, quanto mais este domina, menos se nota a presença do criminoso, porque ele, em um ambiente de criminosos no qual reina um sistema de luta, é regra e não exceção. O estado de fato é que, quanto mais involuída é uma sociedade, tanto mais ela se encontra afastada da **justiça** e o problema reduz-se à defesa própria, a uma luta pela sobrevivência, na qual o mais **forte** vence.^{23 (p. 70)}

É pela maturidade das massas que o indivíduo antiordem deve ficar como que estrangulado por uma reação psicológica coletiva, que lhe fecha o campo de ação. Este homem deve ser julgado pela opinião pública como criminoso, mesmo quando, enquanto prejudica o próximo, dá provas de saber vencer pelo valor da **força** ou da **astúcia**. No passado ele podia, se vencedor, tornar-se um herói admirado, porque era julgado com uma psicologia

individualista, pela qual só à parte lesada interessava reclamar, não à coletividade. Aos outros ilesos os danos não importavam, quando não lhes diziam respeito. A vitória, sendo às custas de um terceiro, dava-lhe um senso de valor e poder, inculcando, portanto, respeito. Até hoje o delinquente *astuto* bem sucedido provoca uma dose de admiração por parte dos que não foram lesados.²³
(p. 72)

Antigamente a ação punitiva dirigia-se contra o indivíduo que tinha agido mal. Mas ele não era senão o último efeito de uma cadeia de fatos que a *justiça* ignorava e que, todavia, tinham valor determinante. Mas aqueles fatos eram ignorados porque a penetração psicológica do homem não chegava a observá-los. Via-se o fenômeno com outra forma mental. A aplicação da *justiça* frequentemente tinha o sabor de uma luta entre criminosos. De fato, quem ditava a lei e a aplicava era quem, por ter vencido, havia se tornado senhor, cuja vontade o vencido devia suportar. Vencedoras eram as classes ricas e dominadoras, vencidas eram as pobres e subjugadas. As primeiras faziam a lei a seu favor, condenando aqueles que tinham interesses contrários, se não obedeciam. Assim o delito, para indivíduos da classe dominada, era um ato de legítima defesa. Porém, eles eram igualmente punidos porque, em um regime de *justiça* baseada na *força*, eles o mereciam por terem sido fracos e não terem sabido vencer. Ora, se estes homens se tornassem *fortes* e vencessem, não seriam mais criminosos, mas legisladores, admirados e obedecidos.²³ (p. 74)

Em tal mundo, o culpado, punido segundo a *justiça* (aquela de então), era quem perdia a batalha por não ter sido suficientemente *forte* ou *astuto* para saber vencê-la. A reação punitiva era do primeiro tipo de vida, o da luta. Hoje a *justiça* procura também os culpados laterais ou precedentes e longínquos, e a reação ao mal é a do segundo tipo de vida, o da compreensão. Hoje são chamados a debate elementos antes nunca vistos, que antigamente podiam fazer o mal impunemente porque ninguém os via. Culpava-se assim o culpado próximo, aquele apanhado em falta e não o remoto, que pode ser determinante.²³
(p. 74)

Conclusão

Eis que muda o modelo que a vida propõe como melhor. O clássico tipo do assaltante *forte* torna-se simplesmente um perigo social a ser isolado; e o homem honesto torna-se um elemento de ordem bem aceito porque enquadrado e útil à sociedade. No futuro a vida será baseada sempre mais no princípio coletivista e sempre menos no egocêntrico separatista. Assumirá, pois, suma importância a sadia estrutura moral do indivíduo, porque dela dependerão seu comportamento útil ou danoso para a sociedade da qual ele faz parte e,

portanto, a sua aceitação nela e o respectivo tratamento. O valor do indivíduo não consistirá mais no saber impor-se para dominar, mas no saber coordenar-se com os outros. Já dissemos, de fato, que a humanidade se encaminha em direção ao estado orgânico unitário.^{23 (p. 91)}

A trajetória da vida está agora tomando esta nova direção. Mudam agora as apreciações. O homem honesto não é mais um tolo, porque se torna pioneiro do novo mundo da *justiça*, embora no reino da prepotência seja um vencido. Não é mais um fraco a ser sobrepujado, como era no velho mundo, ainda involuído, mas é um *forte*, apto ao comando do novo já evoluído. É assim que o atual modo de viver deverá ser deixado de lado no submundo da evolução, para ser substituído pelo da retidão. Dada a nova unidade de medida para fins coletivistas, o que serve à vida não é a *força*, mas a positividade.^{23 (p. 92)}

Eis então que neste novo regime a arma de defesa da vida consistirá na própria positividade. Isso porque sermos positivos significa sermos sadios e *fortes*, portanto aptos para vencer. Ao contrário, sermos negativos significa sermos doentes e fracos portanto destinados a perder. Assim se vence, ou se perde, baseados nas qualidades íntimas, como a vida nos mostra na sua defesa contra o assalto das doenças. A defesa baseia-se sobre a saúde celular e consequente potência de resistência. Ninguém pensa em apanhar uma faca ou revólver para defender-se de uma doença.^{23 (p. 93-94)}

Em vista disso, vejamos então como o indivíduo deve comportar-se dentro desse mecanismo para evitar o mais possível a dor, e ao contrário. Eis como poderemos comportar-nos logicamente. O primeiro passo consiste em individualizar, com um severo exame de autopsicanálise, os pontos de negatividade da própria personalidade. Isso sem se deixar enganar pelo *astuto* subconsciente que procura escondê-los. Nessa operação é necessário procurar ver e julgar, não com a visão distorcida da negatividade, mas com a correta, da positividade. Infelizmente fazer esse exame não é coisa fácil, porque pressupõe qualidades introspectivas e uma certa maturidade psicológica. É assim que o movimento de correção e salvamento frequentemente não pode ter início. Então a vida, não podendo por imaturidade do indivíduo, usar o método inteligente da compreensão, nem podendo renunciar à salvação desse homem, é obrigada a usar, com esta finalidade, o método duro da provação. Esta a razão de sua existência.^{23 (p. 96)}

SEGUNDA PARTE – Análise de casos verídicos

Introdução – Orientação

Observemos o desenvolvimento do fenômeno. O mais **forte** impunha respeito porque soubera vencer tudo e todos – trabalho difícil. A vitória, então, autorizava-o a comandar porque, ainda que estivesse naquele nível, ela representava um valor. Naquele grau de evolução, isso era também **justo**, porque o mais **forte** representava o melhor, pois que era o mais apto para sobreviver, tendo portanto o direito de ser chefe, arrastando os outros menos **fortes** e capazes, que por isto mesmo deviam obedecer-lhe como se fossem seus escravos. Tal chefe certamente era **egoísta** e comandava por si só, mas ainda que de forma tão primitiva ele começava a fixar o conceito de autoridade, dependendo dele a manutenção de uma ordem necessária à convivência. Assim, embora à base do desfrute do escravismo, começou-se a trabalhar para a construção do edifício social, em todos os seus aspectos, até sua complexidade atual.^{23 (p. 102)}

Deixemos os pormenores. Por esta estrada chegamos até o presente. Hoje, porém, verificam-se fatos novos, que levam a um ponto de ruptura do velho ponto de equilíbrio. A organização coletiva está tomando proporções sempre mais gigantescas. A ciência e a técnica colocaram nas mãos do homem meios complexos e poderosos demais para que possam ser usados com sua velha forma mental. Desse modo, se não se quer terminar no caos e destruir-se, é necessário atingir um estado de consciência até agora desconhecido. Neste momento não há escolha: ou compreender e aprender a comportar-se, ou desorganizar-se e destruir-se. Para não atingir este ponto, urge então compreender. O chefe não pode mais ser do tipo antigo, um conquistador do poder, que ele detém para dominação de seus dependentes. Aparece a necessidade de um novo método de comando, de poder, de autoridade, não mais aquele de domínio por parte do mais **forte**, que foi o vencedor, mas daquele de funções sociais a serviço da coletividade. Eis porque os velhos conceitos vigentes no passado estão hoje em crise e os jovens estão processando rapidamente sua liquidação.^{23 (p. 102)}

Isso por que se trata de modificações biológicas fundamentais de natureza evolutiva, onde a crise atual não é uma crise de religião, mas de diretrizes éticas universais. É por isto que neste livro apresentamos um modelo biológico e tipo de vida diversos daqueles seguidos no passado, demonstrando que o homem reto e **justo** vale mais do que o homem **forte** e vencedor. Como se vê, a substância da velha moral não desaparece, mas adquire bases sólidas de tipo científico. Apela-se para a inteligência que sabe compreender e não para a

obediência e passividade do ignorante Utilizam-se as qualidades do homem novo, não mais entendido como súdito a ser dominado, mas como um interlocutor para dialogar. Deixamo-lo livre em sua consciência, mas convencemo-lo, porque hoje há argumentos para convencer e capacidade para ser convencido. Explicamos que a vida não se baseia na *força*, senão para os subdesenvolvidos incapazes de compreendê-la, e sobre o mérito que, segundo a *justiça*, é direito perante a Lei de Deus.^{23 (p. 105)}

Trata-se de um direito sagrado, garantido por Deus e que o homem novo conhece, porque, neste nível, ele adquire consciência do bem e do mal, dos seus deveres e de seus direitos. Finalmente o conceito do bem e de valores positivos destaca-se do conceito do mais *forte*, com direito a qualquer abuso, para tornar-se o de retidão e de *justiça*, baseado sobre a realidade em funcionamento das leis da vida, deixando de ser apenas uma afirmação teórica. E para apoiar nossas afirmações em bases positivas, que aqui nos baseamos sobre a observação objetiva do modo pelo qual age a Lei de Deus nos pontos que são passíveis de controle.^{23 (p. 105)}

A nova ética

De tudo isso pode-se concluir: o método que verdadeiramente leva à vitória, ao contrário do que se pode crer, não é o da *força* ou *astúcia*, mas o da *justiça*. Os que ousam violá-lo, porque são *fortes* ou *astutos*, na realidade trabalham pela sua própria ruína; não a seu próprio favor, mas em seu próprio prejuízo. Se obtêm algumas vantagens, estas são apenas imediatas e aparentes, a serem pagas depois, às próprias custas. A nova ética que propomos, explicando o mal que se pode fazer a si mesmo com tal conduta, poderia transformar nossa psicologia e com isso a diretriz do comportamento, evitando-nos danos imensos. É loucura pretender que com uma conduta feita de negatividade, se possam lançar trajetórias de tipo positivo para concluir em posição do mesmo sinal. Como se pode pretender que o efeito seja diverso da causa que o determinou?^{23 (p. 114-115)}

É incrível a que elevação evolutiva e suas consequências a aplicação de tais princípios pode levar. Quando se sobe até este plano, cai a lei da luta pela seleção do mais *forte*, porque o modelo do biologicamente melhor, o novo tipo que a evolução quer produzir, é, ao contrário, o mais inteligente, não fisicamente mas mentalmente poderoso. Então o maior problema, o da sobrevivência, será resolvido com estes meios, que muito melhor saberão ser bem sucedidos. Entramos assim no regime de ordem próprio de um nível evolutivo mais avançado, regime no qual a retidão atinge o valor de técnica aperfeiçoada para a defesa da vida. Tivemos que explicar estes princípios diretores, porque era necessário antepor esta orientação geral, antes de

passarmos à sua aplicação nos casos que examinaremos nos capítulos seguintes.^{23 (p. 119)}

A técnica do fenômeno

Na execução do exame de consciência, é necessário estar prevenido também pelo fato de que, sobre a função de julgar, pode influir o subconsciente, sempre pronto a fazer aflorar de seu imo seus próprios impulsos. Ele é **astuto**, pronto a fazer apreciações distorcidas a seu modo para satisfazer sua vontade. Também disto falaremos melhor mais adiante. (Cap. – IX). Ele quer sobreviver tal qual é, afirmando-se à sua maneira. Assim, luta para impor-se e, para consegui-lo, disfarça-se com argumentos que lhe dão razão, enverga uma auréola de virtude para esconder suas qualidades negativas. É a besta original que emerge não cancelada. Então por meio de um tal exame de consciência assim viciado de início, não podemos obter senão um resultado falsificado.^{23 (p. 123)}

Em uma hora de tantas reivindicações sociais devem-se fazer valer também os direitos do homem **justo** perante as leis da vida. Em um mundo onde ele é esmagado pelo mais **forte**, é necessário provar experimentalmente, que este homem é defendido pelas leis porque ele é útil à vida, que se mostra sua amiga e o defende, para seus fins. Para construir o futuro cada vez mais realizador de um estado orgânico unitário, a vida tem sempre menos necessidade do biótipo prepotente vencedor, válido em outras condições apropriadas a outras fases de evolução, e tem sempre mais necessidade, como modelo da massa, do homem **justo**, que saiba ordenadamente funcionar em seu posto na coletividade, segundo sua especialização de qualidade e trabalho.^{23 (p. 129)}

Primeiro caso

Se observarmos as obras executadas pela vida, não podemos deixar de admitir que ela é muito inteligente. Busquemos então compreender o seu pensamento. O nosso raciocínio é simples: se o mal e a dor não são obra da vida mas fruto de nosso fracasso, aprendendo a não errar, vamos eliminar o erro – causa da dor – e os seus tristes efeitos. O caminho **justo** é assinalado pelas leis da vida. Basta segui-lo. Por isto procuramos conhecer essas leis para depois segui-las, e assim livrarmo-nos do mal que nos aflige. Basta que funcionem disciplinadamente na ordem estabelecida, em vez de procurarmos violá-las. Neste caso verificam-se estas posições: ordem, violação, desordem, erro, dor. A liberdade é benéfica quando é compreendida como disciplina naquela ordem, não como revolta contra ela.^{23 (p. 131-132)}

Terceiro caso

É esta inexorabilidade e potência da lei, ao impor sua férrea disciplina, o que mais impressiona quem chega a compreender. Ele, porém, conforta-se, constatando que se trata de um poder segundo a **justiça**, de modo que, para o homem **justo**, ela não somente não representa uma ameaça, como ainda é o conforto de uma proteção. Em suma, a Lei é uma máquina cheia de engrenagens. Se nós nos colocamos no lugar devido, elas nos levam avante, para nossa vantagem, mas se nos colocamos em posição contrária a seu movimento, elas nos destroem.^{23 (p. 156)}

Aqui podemos acrescentar que a Lei, para obrigar a aprender, não só submete à prova o inocente, que o é por ser ignorante, como também quer que o bom seja bom, não por ser fraco, mas porque se impõe fazer bom uso de sua **força**. Então a virtude não consiste em não possuir armas, mas em tê-las e saber operá-las, visando o bem. Frequentemente se considera bom quem é somente inócuo, mas que assim o é por ser inepto. A Lei quer o homem **forte** que faz bom uso da sua **força**. Não vale a bondade dada pela impotência em ser mau, o pacifismo de quem não sabe lutar. Não é virtude não fazer o mal somente por falta de **força** necessária para fazê-lo.^{23 (p. 158)}

Conclusão

E o raciocínio continua. Vencer quando se é **forte** e **astuto**, indo contra a Lei, que por sua vez é **justiça**, não é vencer mas perder, porque é atrair sobre si as dificuldades inerentes à própria posição de violador da ordem. Vimos como isto acontece. Aquele sistema não é uma vantagem, mas um dano, isto é, um sistema de tolos, uma autolesão, uma fábrica de sofrimentos para cuja produção se trabalha, sem descanso. Mas que loucura é esta?^{23 (p. 203)}

Não mais **força** e **astúcia**, mas retidão. Muda-se tudo. A própria posição de segurança é encontrada, não no poder individual, mas na Lei. Eis o fato novo. Parece incrível que a retidão possa ser uma **força** defensiva que assegura a sobrevivência. É assim que o homem **justo**, se torna invulnerável aos ataques inimigos, porque não pode ser ferido se não o merece. Vive-se então uma vida baseada sobre outros princípios. Compreende-se quanto era errado o método do passado. Mas como poderia compreender isso quem estava naquele nível, e não tinha olhos para ver mais além? Arruinava-se, mas não via. Procedeu-se sempre assim e a dor permaneceu fiel companheira do homem, até que ele terminou por considerá-la um mal necessário e adaptou-se a ela, desenvolvendo a virtude da resignação, em vez de descobrir-lhe a causa para suprimi-la.^{23 (p. 205-206)}

24. CRISTO

A via crucis de Cristo

Dado isto, podemos afirmar que é injusto, isto é, anti-Lei e anti-Deus, que um inocente pague por culpas dos outros, enquanto é *justo*, conforme a Lei de Deus, que cada um pague as suas próprias culpas. E é ainda mais injusto que tais culpados aproveitem da bondade daquele inocente para fazer dele, perante a divina *justiça*, um bode expiatório eximindo-se assim do pagamento que os espera. Esta não poderia ser senão uma moral invertida, produto do Anti-Sistema de tipo anti-Deus. Ela perante a moral do Sistema, isto é, perante Deus, é um emborcamento e uma culpa.^{24 (p. 38)}

O choque entre Sistema e Anti-Sistema

Observemos mais de perto o comportamento de Cristo para melhor compreender o significado da Sua paixão. Parece que Ele queria expor-se a todo custo, porque enquanto provocava a ira dos seus inimigos, dizendo-lhes, sem rodeios as mais escaldantes verdades, depois de ter, dessa forma, desencadeado a guerra, não preparou nada para levá-la avante, ou pelo menos, defender-se. Com isto, Cristo nos fez ver quanto é perigoso na Terra dizer a verdade, quando, depois de termo-nos engajados na batalha, não permanecemos suficientemente armados para sustentá-la e vencê-la. Dizer a verdade, então, é um luxo reservado aos *fortes* e negado aos fracos. E Cristo, depois de ter-Se colocado em posição tão perigosa, abandonou-se nas mãos dos seus inimigos, que outra coisa não desejavam senão liquidá-Lo. Aparentemente, de duas uma: ou Cristo não conhecia as leis biológicas do nível evolutivo humano, que são de luta para um sobrepujamento recíproco, ou, então, queria dissuadir-nos de dizer a verdade, mostrando-nos com o seu exemplo que dizê-la em tal ambiente é perigoso e, portanto, mais aconselhável calar-se ou mentir. Sem dúvida, Cristo desafiou as leis da vida de nosso plano e estas O mataram.^{24 (p. 53-54)}

Então, se Cristo o quis, isto significa que aquele martírio tinha para Ele uma importância decisiva que o justifica, anulando assim a hipótese do suicídio. Ele não aceitou passivamente, mas escolheu aquele caminho. Por que? Não se pode dizer que Ele fosse um fraco e que os *fortes* e os malvados se tenham disso aproveitado para fazer Dele uma vítima. Ele os desafiou frontalmente com coragem, desmascarando-os abertamente. E, quando foi acusado não se pode dizer que Ele não teria sabido defender-se, desde que o quisesse. Ele teria podido ser Rei do seu povo, ou libertador político. Tudo

parecia conspirar em Seu apoio neste sentido, pois as multidões O seguiam e O aclamavam. Mas Ele escolheu, pelo contrário, uma coroa de espinhos, entrelaçada de insultos e de aflição. O que significa tal loucura? Ou melhor, como podia ser louco um homem que deu provas de tanta sapiência?^{24 (p. 54-55)}

Aquela paixão significa um choque entre Sistema e Anti-Sistema, entre a positividade do primeiro (Deus), que quer superar e vencer a negatividade do segundo (anti-Deus). Mas o choque se dá em pleno Anti-Sistema, isto é, a nível de negatividade, lá onde esta é **forte**, bem plantada em sua própria casa. Isto explica porque a paixão de Cristo no plano humano, isto é, a nível de Anti-Sistema, foi massacre bestial. E ainda se explica como, logo depois de termos saído do campo de negatividade do Anti-Sistema para ingressar no de positividade do Sistema, aquela mesma paixão se torna gloriosa apoteose. A paixão de Cristo é, então, devida a um último assalto do Anti-Sistema contra um elemento que lhe foge para reingressar no Sistema, ao mesmo tempo em que constitui a libertação deste ser em relação ao Anti-Sistema, assim como o seu triunfo no Sistema. É esta a razão da dilacerante crucificação, assim como da glória da ressurreição. A primeira representa o método próprio do Anti-Sistema, que se acirra contra o homem que está para retornar purificado ao seio de Deus. Mas a zona de domínio do Anti-Sistema está delimitada e logo que Cristo lhe ultrapasse os confins, aquele Anti-Sistema perde todo o poder sobre Ele. Neste momento Cristo volta a ser cidadão do Sistema, como ser de um Universo de outro tipo.^{24 (p. 57-58)}

Talvez a culpa que Cristo tinha de pagar, consistisse no fato de ter exercido um grande poder nessa outra humanidade, mas em sentido **egoísta**, de tal modo a ter de repelir, com terror, qualquer soberania de tipo Anti-Sistema para usar todas as suas **forças** em sentido **altruísta**. Assim se explicam as humilhações a que ele foi submetido quando de Sua paixão – Sua paciência em suportá-las e Seu espírito de sacrifício – oferecendo-Se como um cordeiro expiatório para pagar as culpas dos outros, o que Lhe conferiu a qualificação de Redentor. Ora, é evidente que a um indivíduo que se oferece como cordeiro, num mundo como o nosso baseado sobre um princípio de luta, não possa ter outra sorte senão a de ser liquidado. Num ambiente onde a lei é a do mais **forte** vencer o mais fraco, não pode ocorrer outra coisa.^{24 (p. 58-59)}

Poderia, porventura, imaginar-se mais cruel maltrato para um **justo**? Atraído com um beijo, vendido ao preço de um escravo, tratado como malfetor, abandonado pelos discípulos, insultado, torturado, morto, tudo isso por ter pregado bondade e **justiça** e não ter praticado senão o bem. Vê-se nisto a volúpia do Anti-Sistema, de destruir tudo o que é Sistema, sobretudo quando este ousa penetrar no seu Reino. O Anti-Sistema acirrou-se contra Cristo com pressa febril, porque sabia que os momentos, nos quais a vítima deveria ficar

prisioneira no seu campo, estavam contados; depois, a presa ter-lhe-ia escapado para sempre. Mas, Cristo o sabe e permite que as *forças* do mal desabafem e cumpram a sua função purificadora, para que em tudo se realize a vontade da Lei. Tudo é previsto, pré-ordenado, medido. Assim o Anti-Sistema permanece sempre servo do Sistema, encarregado de cumprir a função que o Sistema lhe faz executar e nada mais. A Lei sempre comanda os elementos do Anti-Sistema, que seguindo seus instintos, cegamente obedecem. A Lei é um instrumento de salvação do Anti-Sistema, contra a vontade deste, ainda rebelde. Então as *forças* negativas, destruidoras, transformam-se em *forças* positivas, construtoras. As *forças* do mal, mesmo ignorando, convertem-se em *forças* do bem. Pobre Anti-Sistema! Construído de cabeça para baixo, não pode funcionar senão para obter resultados opostos aos que desejaria. E o emborcamento de que ele nasceu o constringerá a agir em tal sentido, até ser destruído pelas suas próprias mãos para maior glória de Deus.^{24 (p. 60-61)}

Cristo quis permanecer fiel à sua ideia e repeliu, à guisa de uma tentação, a oferta de seu povo. Assim, Ele foi verdadeiramente Rei, mas de valores espirituais eternos, em vez de ser um dos tantos Reis da Terra erguidos sobre sangrentas vitórias e vacilantes poderes. Deste modo não teme Ele o decorrer do tempo e continua reinando. Poder-se-ia objetar que se a Sua doutrina era válida perante o mundo de então – bem longe de ser espiritualmente elevado e socialmente *justo* –, não é hoje totalmente aplicável dadas as diferentes condições sociais pelas quais os problemas da coletividade são colocados. Poder-se-ia, ainda objetar, ser esta a razão pela qual o Cristo não teria exposto verdades eternas, e Seu próprio reino espiritual teria se revelado efêmero como todos os reinos da Terra, aos quais Ele renunciara.^{24 (p. 67)}

O método da não violência

Cristo não era só um brando consolador, mas, sobretudo, um *forte* modelo de potência, um verdadeiro Super-homem em sentido espiritual. À confirmação destes nossos conceitos, citemos as seguintes palavras de Gibran Khalil Gibran, que reproduzimos de seu livro **Jesus o Filho do Homem**: “A humanidade vê Jesus, o Nazareno, nascendo e vivendo como um pobre, ofendido como um fraco, crucificado como um criminoso, e chora-O e lamenta-O (...). Jesus não viveu como um covarde e não morreu sofrendo e queixando-se. Viveu como um revolucionário, foi crucificado como um rebelde e morreu como um herói (...). Jesus não veio para tirar os homens vigorosos das suas ocupações e fazer deles padres e monges; mas para insuflar na atmosfera deste mundo uma alma nova e *forte*, capaz de destruir, desde seus alicerces, os tronos e os palácios erguidos sobre os túmulos, capaz de derrubar os ídolos impostos ao espírito fraco dos humildes”.^{24 (p. 87)}

O emborcamento próprio do Anti-Sistema, fez com que cada fragmento desejasse fazer-se centro do todo para dominá-lo, em vez de subordinar-se como parte desse centro. Ele é a causa da fraqueza do cidadão do Anti-Sistema, enquanto o comportamento contrário é a fonte da verdadeira *força* do cidadão do Sistema. Disto se vê a quão grande diferença e a quais trágicos efeitos conduz o método de vida do princípio separatista do Anti-Sistema, em contraste com o princípio orgânico próprio do Sistema. Assim, o primeiro é fraco e fica vencido, e o segundo é *forte* e vence. Eis, então, a *força* de Cristo em veste de cordeiro: Ele possuía a *força* da Lei e do Pai, que é mais poderosa do que todas as *forças* humanas. Eis como o Cristo, sem recorrer à *força* do mundo, indefeso segundo a lógica desta, ficou defendido pelas *forças* da vida e – inerme, mas poderoso – pôde vencer.^{24 (p. 90)}

A justiça social

Esta era a posição em que a humanidade se encontrava no passado. Então, o rico era um vencedor na luta, alguém que tinha sabido, com a *força* ou com a *astúcia*, apossar-se dos bens alheios. A riqueza, com seu poder, havia dado prova de saber conquistar e se transformava, pois, uma sua legítima posse, conforme a *justiça* daquele época. O pobre, anteriormente, era um vencido, um inepto que a vida não ajudava, porque tal biótipo devia ser eliminado pela seleção do mais *forte*. Esta era a moral daquele mundo que, naquele nível, a vida atingia. Tanto isto é verdade que, quem vivia no bem estar, alcançado por qualquer meio, era considerado um benquisto de Deus que expressava o seu consentimento, enchendo de bens o Seu servo de tudo aquilo que havia sabido merecer. Estamos ainda em baixo e até a religião não consegue expressar senão a lei que vigora naquele plano.^{24 (p. 107)}

A moral que se pode extrair de tais comprovações é que, se o Evangelho era e permanece *justo* nos seus princípios de base, todavia a forma em que estes se expressam e atuam muda com os tempos. E na prática, cada nível evolutivo tem o Evangelho a ele relativo, que a evolução não pode deixar de fazer superar, levando o ser a mais avançadas formas de vida.^{24 (p. 108)}

Foi devido a esta imaturidade dos tempos, tão longínquos dos nossos, e pela impossibilidade de realizar um plano social de reforma conforme a *justiça*, que Cristo teve de limitar-se a procurá-la em compensações celestes que, se deixam indiferente o homem realizador de hoje, foram, contudo, suficientes para lançar a ideia e fazer despertar nas mentes os primeiros elementos de um sentido de *justiça*, antes totalmente desconhecido. A separação entre patrão e servo correspondia perfeitamente à separação entre vencedor e vencido (os escravos eram tomados dos povos submetidos na guerra), conforme

a supracitada lei biológica da seleção do mais **forte** que se encontrava em pleno vigor no baixo plano biológico, em que vivia a humanidade. Naquela época a **justiça** encontrava-se no nível **força** e os direitos pertenciam ao mais **forte**. A moral é relativa e os juízes estão em relação ao nível moral alcançado. Desse modo, acreditava-se, que o rico fosse rico e o pobre fosse pobre, conforme à **justiça** de Deus. Hoje, o fato de nos encontrarmos em uma fase evolutiva mais avançada leva a uma moral mais alta. É assim que a injustiça social, no passado, era **justa** até para as religiões, e atualmente, ela é injusta para todos.^{24 (p. 109)}

O sermão da montanha

Vimos que as leis biológicas, vigentes na Terra, entendem a **justiça** noutro sentido, isto é, que o valor e o merecimento cabem ao vencedor na luta e não ao mais **justo**. Será, então, que o Evangelho nos engana e que o Sermão da Montanha não é verdadeiro? Não. Há dois tipos de **justiça**, um num baixo nível evolutivo, o vigente na Terra, e outro num mais alto nível, próprio de ambientes mais evoluídos. De um primeiro confronto entre o Evangelho e a realidade da vida em nosso planeta, pode parecer que o Evangelho não tenha razão e que não passe de um sonho irrealizável. Para compreender, é necessário colocar cada coisa no seu **justo** lugar. O Evangelho não expressa a nossa realidade atual, mas uma outra mais evoluída, ele é uma ponte lançada em direção a esta para alcançá-la, é um farol longínquo que orienta o caminho. Desse modo, o Evangelho é utópico e anacrônico, só em relação às involuídas leis biológicas de nosso mundo, mas não o é perante a Lei de Deus que sabe, todavia, funcionar perfeitamente na Terra, no baixo nível evolutivo desta.^{24 (p. 118-119)}

O ideal na Terra

Hoje tudo está mudando porque a vida se fundamenta sobre outros princípios. Outrora, as diretrizes sociais eram determinadas pelo indivíduo vencedor da luta, o qual as estabelecia em função do próprio interesse. O indivíduo que conseguira subir, vencendo seus rivais, exercia seu domínio sobre todos, que, por serem menos **fortes**, não tinham outra chance senão obedecer. Por isso, vigorava o princípio de autoridade que exprimia tal método de vida. Era o triunfo do individualismo. A sociedade era organizada, hierarquicamente, conforme o princípio do comando e da obediência.^{24 (p. 143-144)}

A origem da justiça social

No passado, o homem era tão seguro de si que no seu orgulho se julgava a única criatura de Deus, objetivo da Criação, Rei do Universo. Tal homem se julgava tão importante a ponto de imaginar que o único Filho de Deus teria assumido a sua forma corpórea para fazer-se matar por ele. Isto o homem concebeu para redimir-se por Ele, gratuitamente, das suas próprias culpas e assim ser salvo à custa de outrem. Tal homem julgava que tudo tivesse sido criado – plantas, animais e até as estrelas – somente a serviço dele; os primeiros para alimentá-lo e as segundas para alegrar-lhe a vista. Se as aves tivessem sido mais **fortes** a ponto de subjugar o homem, elas teriam acreditado que Deus tivesse criado o homem para servir-lhes de alimento.^{24 (p. 157)}

A economia do Evangelho

Ora não existe homem algum que, por pouco que conheça a realidade da vida, não veja imediatamente a inaplicabilidade de tais princípios em nosso mundo. É um fato positivo de cotidiana experiência que a vida na Terra se baseia na lei biológica da luta, isto é, na moral bem diversa do mais **forte**, para o qual quem mais vale é o vencedor. Então, ficamos estupefatos perante uma tão decidida proposta de absoluto emborcamento dos métodos seguidos pela vida no seu normal funcionamento. É um fato que os métodos aconselhados pelo Evangelho revelam-se desastrosos, para quem os adota na prática. Mas como então é possível, se eles são propostos por uma fonte tão prestigiosa, embora revele total ignorância daquilo que de fato é nosso ambiente terrestre? Que economia é essa do Evangelho? Como pode Cristo propor um tipo de conduta que está nos antípodas da realidade de nossa vida e das leis que a regulam, sendo estas também por Deus permitidas? Como pode Cristo ter cometido o erro de levar-nos à falência, por aconselhar-nos métodos inaplicáveis, em plena contradição com aquilo que caracteriza o mundo em que vivemos? Não há dúvida que, por esse aspecto, o Evangelho se nos apresenta como um absurdo. Pois, deste modo, o anseio que induz o Cristo a nos fazer ascender do Anti-Sistema para o Sistema, não difere de uma febre de superação que leva à renúncia. Mas assim, em vez de servir para a evolução, este ideal revela-se destrutivo e antivital; deveríamos, por isso, ter o dever de repeli-lo.^{24 (p. 164)}

Valores terrenos

A economia do Evangelho é a do evoluído, de alto nível biológico, e se poderia chamar a economia do **justo**. Ela é feita de ordem e retidão, pela qual

o indivíduo não contrai débitos para com a Lei, portanto, é livre da preocupação do dever de pagar. Contabilidade honesta, na qual as contas do dar e do haver redundam a favor do interessado. Sábio regime de paz, como ensina o Evangelho, isento de preocupações, oposto ao regime do mundo, que está cheio de lutas, fadigas e preocupações. Economia positiva, construtora de valores, o que eleva em direção a Deus. Avançamos, assim, ajudados pela corrente da Lei, leves e rápidos, em posição reta, de modo a aproximar-nos sempre mais da felicidade, como exige a nossa natureza. Esta é a economia do Evangelho.²⁴ (p. 180-181)

Valores espirituais

Também neste caso, para sair do labirinto das objeções e aparentes contradições, devemos, primeiro, procurar compreender. Perguntamos: a quem se dirigia Cristo, aos bons ou aos maus, aos fracos ou aos **fortes**, aos agredidos ou aos agressores? É certo que Cristo falou a estes últimos – os mais rebeldes – para corrigi-los, os quais são, todavia, os menos dispostos a obedecer-Lhe, enquanto mais dispostos a isso são os que, por serem bons e fracos, teriam, de preferência, necessidade do conselho oposto. Em geral quem dá a bofetada é o tipo **forte**, macho, ativo, de signo positivo, que não escuta o Evangelho; e quem está disposto a escutá-lo e recebe bofetadas na outra face é o tipo fraco, feminino, passivo, de signo negativo. Mas é paradoxal que – na prática – o Evangelho, que é a Lei do amor, esteja propondo uma ética tão feroz. Ainda mais cruel, quando a vida ensina ao fraco: luta, seja **forte** e sairá vencedor; enquanto o Evangelho, por princípio moral, ensina o contrário, prega o sacrifício e condena a luta. É, com efeito, impossível que a aplicação do Evangelho leve a resultados tão pouco evangélicos. Deve, por isso, haver um erro de interpretação pelo fato dos conceitos estarem fora do seu devido lugar. A solução não pode consistir em repelir o Evangelho como errado, mas em explicá-lo.²⁴ (p. 189-190)

A este expediente de utilizar o Evangelho para disfarçar seus próprios defeitos, mostrando-se virtuosos por não ter tais pecados, não somente recorrem os indivíduos, mas também os povos. Desse modo, os povos fracos, de tipo feminino, para esconder a própria inércia se fazem evangélicos, espiritualistas e pacifistas. Eles vangloriam-se dessas virtudes perante os povos de tipo masculino, vigorosos, laboriosos, acusados de serem anti-evangélicos, materialistas e guerreiros. Mas isto não impede que a Lei funcione, pela qual os **fortes** acabam destruindo-se a si próprios e os fracos afundando-se na lama. Dessa maneira, a Lei, como agora dizíamos, reage do mesmo modo com que é violada e tanto os indivíduos quanto os povos, todos pagam cada um a seu modo e na proporção de suas próprias culpas. Mas, entretanto, a Lei se realiza

também no sentido em que os povos femininos, propondo tenazmente, para sua defesa, o Evangelho aos povos másculos, os induzem a levá-lo em consideração e assim a emendar-se dos seus defeitos anti-evangélicos.^{24 (p. 196)}

Vimos neste capítulo como se comportam o tipo viril e o tipo feminino perante o Evangelho, para resolver o grande problema da sobrevivência na Terra, conforme as leis desta. O primeiro repudia o Evangelho e se defende com a sua *força*. O segundo procura com *astúcia* uma proteção, fazendo desse Evangelho um escudo contra os *fortes*, de maneira a corrigir-lhes a prepotência. É este o uso que as massas fizeram daquela doutrina. Às massas não se podia negar o direito de fazer da mesma o uso que mais agradasse às suas necessidades, porque a vida não pode aceitar o que não é utilizável para o seu desenvolvimento.^{24 (p. 197)}

Cristo era um *forte*. Lembro-me, a este propósito as palavras de Gibran Khalil Gibran no seu volume: **Jesus, o filho do homem**. “Dizem que Jesus de Nazaré era humilde e manso (...). Sinto-me mal e as minhas vísceras se agitam e se rebelam, quando ouço os débeis de coração chamar Jesus de humilde e manso para assim justificar suas próprias fraquezas (...). Sim, o meu coração se sente mal perto de tais homens” (...). Cristo era um *forte*. Mas é necessário entender em que sentido, Ele não o era no comum sentido de baixo nível animal, mas de alto nível espiritual. Cristo era um *forte*, mas de uma potência moral, de alma, muito diversa da humana *força* bruta tendente à violência.^{24 (p. 197-198)}

Cristo fala aos *fortes*, denuncia-lhes as culpas; é a eles que diz para oferecerem a outra face, para não desencadear uma luta. Dizer isto aos fracos não teria sentido, porque eles não têm a *força* para reagir e lutar. Trata-se do comando de um domador, comando que pode dirigir-se ao lobo e não ao cordeiro. Conselhos de brandura podem-se dar ao primeiro, não ao segundo. O freio pode servir para quem correr demais, não para quem não tem *força* para caminhar. Para este é necessário um impulso e não um freio, é necessário dizer-lhe: “Move-te”! e não “Paciência”!^{24 (p. 198)}

Finalidades da vida

O evoluído, portanto, adquire consciência da presença de tais leis amigas e *justas* e, agindo de acordo com elas, alcança bem outros resultados. Por isso, sua vida não se estriba mais – como no Anti-Sistema – pelo princípio da imposição, mas – como no Sistema – pelo princípio da *Justiça*. Acima nos havíamos perguntado o motivo pelo qual o Evangelho parecia querer-nos colocar numa posição absolutamente anti-vital de fracassados que se entregam,

em lugar de triunfadores que vencem. Agora podemos responder: o Evangelho faz isto porque sua lei nos coloca perante posições mais avançadas em relação às leis do homem primitivo. Nesta nova fase, a lei é feita de *justiça*, perante a qual se verifica o contrário daquilo que se verificava antes, perante a *força*. Se, no regime de injustiça, os assaltantes vencem e os assaltados e derrotados perdem, num regime de *justiça* os assaltantes e vencedores contraem um débito a pagar, enquanto os derrotados sabem que estão pagando suas dívidas. Num regime de *justiça* o jogo do vencedor e do vencido se inverte. Deste novo ângulo, o primeiro é um criminoso a castigar e o segundo uma vítima que se sacrifica. Então, como é natural porque se passa do Anti-Sistema ao Sistema, invertem-se as posições e quem vence perde e quem perde vence. Enquanto se está no reino da *força* vencem os *fortes* e perdem os débeis, mas quando se entra no reino da *justiça* perdem os prepotentes e vencem os *justos*.^{24 (p. 205-206)}

Ofendido e ofensor – seus destinos

Naturalmente, o Evangelho – como já vimos – fala aos *fortes*, levados a usar tal método e não aos fracos que não precisam receber conselhos de moderação porque não têm *força* para reagir. Porém, se estes forem *justos*, a Lei defenderá neles o próprio princípio da *justiça*. Quando o ofendido se encontra nestas condições, o ofensor não se acha mais apenas perante um homem, mas também perante a Lei que exige *justiça*. Isso implica uma grande disparidade de condições entre o ofensor e o ofendido, mesmo se o primeiro – quando *forte* e *astuto* – pode fugir da reação do ofendido; quando, porém este último perdoa e entrega sua proteção e defesa à Lei, para o ofensor não há mais escapatória. A primeira condição se verifica no Anti-Sistema e a segunda no Sistema, regime de ordem e disciplina em que todos estão enquadrados, porque a eles pertencem.^{24 (p. 221)}

Viver na organicidade do todo, tendo disso consciência, numa rede de intercâmbios sem atrito, compreendendo-se e fundindo-se em comunhão com todos ou outros elementos para com eles colaborar, significa tornarem-se grandes e *fortes* como todo o organismo que assim se ajuda a construir e do qual se faz parte. Então, a nossa vida se dilata e se torna imensa porque ela é a do Todo e a do Todo é a nossa. Todas as barreiras do separatismo egocêntrico caíram, todos os canais de comunicação estão abertos e neles flui triunfante a vida. Tudo é luminoso, livre, lógico, convincente. Tal abertura é dada pelo amor que conduz à unificante colaboração. Então nenhuma criatura está só, e sempre que haja necessidade, todas as outras, que com ela formam um só corpo acorrem para ajudá-la. Ninguém acorre para ajudar o involuído, um anti-Lei, que se isola – e devido ao seu egocentrismo – não tem Amor; os canais estão fechados e não há colaboração. A redenção é compreendida às avessas, em

posição invertida, numa contração sobre si mesma; as barreiras são levantadas e não há abertura nem expansão vital. O Evangelho inverte a posição emborcada, defendendo a vida com o diverso sistema de amor e de perdão, abatendo barreiras e abrindo canais.^{24 (p. 228)}

A nova técnica de relações sociais

O regime do passado era um regime de *força*, não de *justiça*. Mas a vida evolui do primeiro sistema ao segundo. No passado, cabiam todos os direitos, ao *forte*, justamente porque, enquanto tal, ele sabia fazê-los valer; ao débil cabiam, pelo contrario, todos os deveres, porque não sabia fazer valer seus direitos. Ao reconhecimento dos direitos e deveres de cada um, não se chega senão numa fase mais evoluída. Na fase antecedente, a honestidade era pregada só para paralisar e, dessa forma melhor sujeitar o mais fraco.^{24 (p. 237)}

Era justo então que este se defendesse com a hipocrisia, porque perante o *forte*, outro meio de defesa ele não tinha. A *astúcia*, então, se explica e se justifica como legítima defesa, pois quem a usava se encontrava perante uma injustiça que pretendia ser *justiça* porque estava legalizada. Desse modo, usava a mentira para sobreviver, quem devia ascender, segundo a Lei Divina. Por que a arma do engano, usada pelo fraco em sua defesa não deve ser admitida como o é a arma da *força*, usada do lado oposto? Aos *fortes*, a *força*; aos débeis, a *astúcia*. A vida dá, imparcialmente, a cada um os meios para de sobrevivência, tanto mais que ela, igualmente, para os fracos, alcança a sua finalidade de seleção, quando, além da superioridade física, faz vencer, também, a *força* mental da *astúcia*.^{24 (p. 237-238)}

Naquelas condições, quando não existiam direitos proporcionalmente à *força* imposta pelo patrão, o servo podia mentir e roubar. Enquanto o segundo era obrigado a conviver com o primeiro, este devia pagar pelo seu abuso contra a *justiça*. Assim, naquele nível, a Lei alcança o máximo grau de *justiça* possível. A convivência de ambos é forçada a concordar, reciprocamente, num mesmo espaço vital. Ainda no passado, não tendo sido alcançada uma consciência de recíprocos direitos e deveres, não se podia resolver o problema senão com esse equilíbrio entre os dois opostos *egoísmos*, o do *forte* e o do fraco, cada um lutando com os seus meios. Por este caminho, a solução do conflito não podia ser dada senão pelo fato de o fraco fazer-se *forte* até o ponto de conseguir que o *forte* reconhecesse seus direitos.^{24 (p. 238-239)}

Hoje, este jogo é evidente e, por isso, não vigora mais. A vida procede a um nivelamento de direitos e deveres, imparcialmente, porque pretende chegar a organizar toda a massa humana numa única sociedade em que cada

qual cumpra a sua função, seja de comando, seja de obediência, conforme as suas respectivas capacidades. Trata-se não de remendo, mas de uma nova orientação à vida, que busca evoluir para uma outra fase de desenvolvimento. Antigamente a vida queria fazer sobreviver o mais **forte**, eliminando o mais fraco. E naquele nível evolutivo isto era **justo**. Agora, porém, ela tende a deslocar-se para novas posições, e, além de procurar realizar tal seleção, tende à coletivização para alcançar a fase orgânica. Seque-se daí que o nivelamento, parecendo supressão dos valores individuais, leva, pelo contrário, ao alcance de um seu maior rendimento, enquanto faz realizar um passo para a frente em direção a unificação.^{24 (p. 240)}

Pois bem, nestes casos pudemos observar que os dirigidos recusaram tais ofertas, pacificamente, para eles realmente vantajosas, preferindo palmilhar o método da ofensiva e da sucessiva extorsão pela violência. Isto porque este é o seu instinto – fruto de longa experiência no passado – que os induziu a desconfiar da oferta interpretada à guisa de uma enganosa armadilha. Aquele instinto os leva, pois, a não aceitá-las, porque eles acreditam que é somente extorquindo com a **força** que conseguirão algo de verdade. Nem é possível se esperar uma atitude diferente de indivíduos habituados por milênios a desconfiar. Até ontem os servos não sabiam sequer quais eram os seus direitos. Sabiam apenas que o mais **forte** os tinha todos e o mais fraco nenhum, e que cada uma das suas reclamações era julgada e punida como uma revolta.^{24 (p. 242-243)}

Os modernos conceitos de **justiça** social são recentíssimos, para poderem vencer as resistências de todo um passado fixado no inconsciente coletivo. Vive-se ainda um regime de desconfiança contra todos, porque se está habituado a ser golpeado pelos **fortes** e enganado pelos mais **astutos**. Sabe-se pela longa experiência que sem a imposição da **força** não se conquista qualquer direito. Continua-se, assim, com o sistema da violência por puro desabafo de instinto, mesmo quando ela não é legitimada por nenhuma necessidade. Eis o que o passado ensinou ao homem: a **força** vale muito mais que a **justiça**. O vencedor tinha direito a tudo, somente porque era vencedor. Assim, o homem tinha qualificado Deus como Onipotente, para O colocar no lugar que lhe parecia de maior valor, o do poder, antes que da **justiça**. A velha natureza humana ainda sobrevive e impede a formação do espírito de compreensão e colaboração, necessário nas modernas e grandes organizações econômicas, políticas, sociais, industriais. Estas têm necessidade de resolver os conflitos com menor tempo e menor dispêndio de energias possível.^{24 (p. 243)}

Antigamente o mundo era impregnado de espírito de domínio. Grande virtude era ser **forte** e vitorioso. A educação visava acima de tudo a inculcar a obediência, tanto que também a moral era imbuída daquele espírito de domínio inerente ao princípio de autoridade. A classe dos dirigentes procurava exercitá-

la para ter todos submissos a ela. Agora todos estes sistemas de vida estão desaparecendo para dar lugar ao mais positivo e eficiente princípio evangélico da não resistência.^{24 (p. 250)}

Princípio de retidão

Como modelo, Cristo propõe o ideal; e a vida na Terra, propõe o animal **forte** e esmagador. O super-homem do Evangelho está nos antípodas do super-homem de Nietzsche. Ambos visam o seu próprio reino, para um é o Céu e para o outro, a Terra. E cada qual se propõe a alcançá-lo com o seu próprio sistema e na sua posição, para autorrealizar-se. Não há razão de escandalizar-se e condenar, pois cada um vive no seu próprio nível evolutivo, que constitui o fundamento, isto é, a máxima de seu comportamento moral. De fato, é daquele nível que decorre o critério de julgamento do indivíduo, acerca daquilo que há de considerar-se como bem ou como mal. Moral relativa à própria natureza, segundo a qual uma coisa é boa ou má. Então é natural que um involuído se recuse a viver um tipo de vida para o qual não está preparado. Neste caso, é uma posição de legítima defesa.^{24 (p. 254-255)}

Vimos, todavia, como em nosso plano de evolução, a vida tende ao contrário: selecionar o mais **forte**, fazendo dele um opressor do mais honesto. Qual é então a técnica que ela deve utilizar para fazer triunfar a retidão sobre a **força**? Como pode ser resolvido o problema da sobrevivência mediante um método tão alheio ao da **força**, como é o da retidão? A resposta está no fato de que cada um dos dois métodos é proporcionado às diversas condições de vida e aos diferentes níveis de evolução. O método da **força** é apropriado à defesa da vida no plano animal, que é de tipo individualista, separatista, num regime de caos; enquanto o método da retidão visa à defesa da vida no plano do evoluído, que é de tipo coletivo, orgânico, atuante num regime de ordem. Assim a vida é levada, por evolução, a passar do primeiro ao segundo método.^{24 (p. 268-269)}

Como funciona tal técnica de vida e como se realiza, na prática, essa transformação? O homem, dado o conhecimento limitado do seu nível de evolução e dadas as qualidades do mesmo, julga inicialmente, que baste tornar-se o mais **forte** para ter direito a vencer, impondo-se acima de todos. Todavia, vivendo em sociedade, quanto mais a vida se torna coletiva, tanto mais nocivo ele se torna para a comunidade, devido a seus impulsos **egoísticos**. E, por isso, a coletividade reage em sua própria defesa, procurando destruí-lo. Paralelamente e em proporção à **força** dele, cresce a capacidade de defesa dos outros. Eis que a vitória do **egoísta**, prepotente produz o efeito contrário e torna-se uma derrota, porque provoca e atrai uma reação em seu prejuízo.^{24 (p. 269)}

Ninguém se sente, naturalmente, impulsionado a matar um inocente passarinho, mas cada um pode ver-se induzido a matar uma perigosa serpente. Logo, a *força*, positiva em certo nível, torna-se negativa num nível superior, onde se anula. Dessa forma, a vida elimina essa *força* negativa, para transferir o ser a um plano mais elevado. A civilização tende, de fato, a tudo disciplinar na ordem, mediante a neutralização de *forças* negativas. Assim sendo, o melhor e o mais favorecido pela vida não é mais o homem *forte*, mas o homem honesto. Revelando-se mais elevado em relação aos outros, acaba sendo aceito por todos e sua posição torna-se mais segura que a do *forte*. Eis como a retidão se torna um valor positivo em favor da vida.²⁴ (p. 269-270)

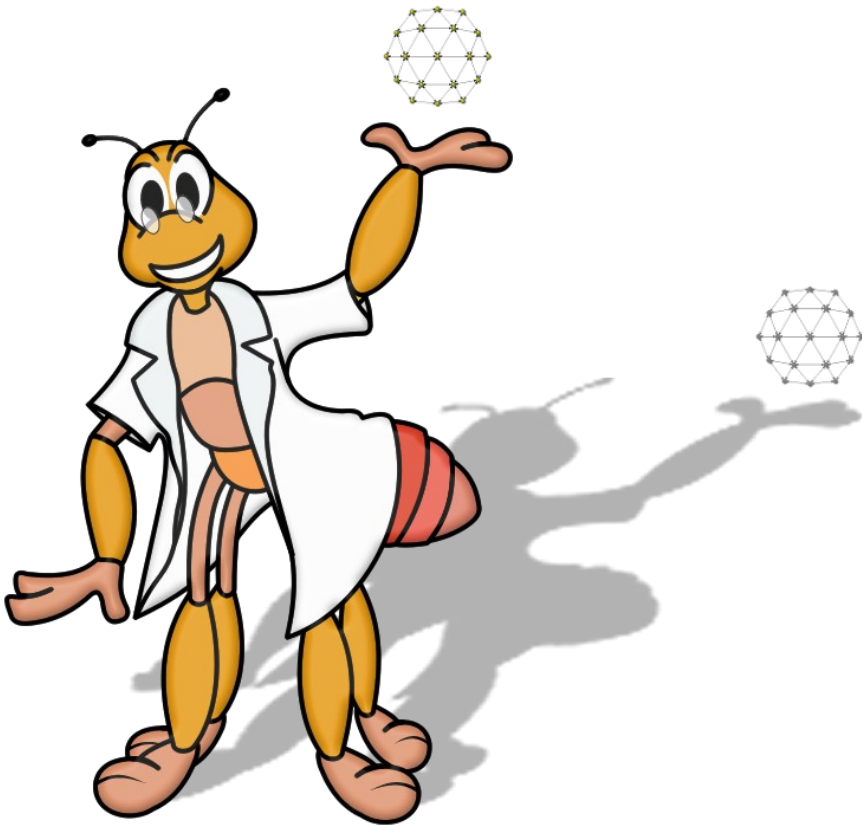
Conclusão

Assim, a visão é alegre, positiva, benéfica. O conhecer a Lei, o senti-la presente, o vivê-la, dá aquele sentido de segurança de quem se apoia sobre o solido, conhece as consequências de suas próprias ações e sabe que em cada ocorrência a última palavra pertence à *justiça* de Deus. Quem conhece a Lei sabe disso: quem a segue é por ela protegido e o resultado de sua reta ação é garantido; sabe que o bem é o mais *forte* e destinado a vencer, seja quem for que o pratique, mesmo se estiver vinculado ao mal do Anti-Sistema. Sabe que a dor, enquanto ensina, é um benéfico instrumento de evolução e assim o utiliza para a sua vantagem.²⁴ (p. 280-281)

REFERÊNCIAS

1. UBALDI, P. **Grandes Mensagens**. Tradução de Clóvis Tavares. Brasília, DF: Instituto Pietro Ubaldi, 2012. 384 p. (Obras completas de Pietro Ubaldi, 1).
2. _____. **A Grande Síntese: Síntese e solução dos problemas da ciência e do espírito**. Tradução de Carlos Torres Pastorino e Paulo Vieira da Silva. 23. ed. Campos de Goytacazes, RJ: Fraternidade Francisco de Assis, 2014. 528 p. (Obras completas de Pietro Ubaldi, 2).
3. _____. **As Noíres: Técnica e Recepção das Correntes de Pensamento**. Tradução de Clóvis Tavares. 4. ed. Rio de Janeiro: Fundação Pietro Ubaldi, 1988. 224 p. (Obras completas de Pietro Ubaldi, 3).
4. _____. **Ascese Mística**. Tradução de Rubens C. Romanelli, Clóvis Tavares e Jerônimo Monteiro. 4. ed. Rio de Janeiro: Fundação Pietro Ubaldi, 1988. 266 p. (Obras completas de Pietro Ubaldi, 4).
5. _____. **História de um Homem**. Tradução de J. Herculano Pires, Jerônimo Monteiro e Medeiros Corrêa Júnior. 3. ed. Rio de Janeiro: Fundação Pietro Ubaldi, 1986. 241 p. (Obras completas de Pietro Ubaldi, 5).
6. _____. **Fragments de Pensamento e de Paixão**. Tradução de Rinaldi Rondino e Clóvis Tavares. 4. ed. Rio de Janeiro: Fundação Pietro Ubaldi, 1987. 232 p. (Obras completas de Pietro Ubaldi, 6).
7. _____. **A Nova Civilização do Terceiro Milênio**. Tradução de Oscar Paes Leme. 4. ed. Rio de Janeiro: Fundação Pietro Ubaldi, 1992. 339 p. (Obras completas de Pietro Ubaldi, 7).
8. _____. **Problemas do Futuro**. Tradução de Mário Corbioli e Medeiros Corrêa Júnior. 4. ed. Rio de Janeiro: Fundação Pietro Ubaldi, 1988. 271 p. (Obras completas de Pietro Ubaldi, 8).
9. _____. **Ascensões humanas**. Tradução de Erlindo Salzano, Adauto Fernandes Andrade e Medeiros Corrêa Júnior. 4. ed. Campos de Goytacazes, RJ: Instituto Pietro Ubaldi, 2016. 256 p. (Obras completas de Pietro Ubaldi, 9).
10. _____. **Deus e Universo**. Tradução de Erlindo Salzano, Adauto Fernandes Andrade e Medeiros Corrêa Júnior. 3. ed. Campos de Goytacazes, RJ: Fundação Pietro Ubaldi, 1987. 240 p. (Obras completas de Pietro Ubaldi, 10).
11. _____. **Profecias: O futuro do mundo**. Tradução de Carlos Torres Pastorino e Clóvis Tavares. 5. ed. Rio de Janeiro: Fraternidade Francisco de Assis, 2000. 288 p. (Obras completas de Pietro Ubaldi, 11).
12. _____. **Comentários**. Tradução de Carlos Torres Pastorino. Campos de Goytacazes: Fundação Pietro Ubaldi, 1985. 265 p. (Obras completas de Pietro Ubaldi, 12).

13. _____. **Problemas Atuais.** Tradução de Carlos Torres Pastorino. 3. ed. Campos de Goytacazes, RJ: Instituto Pietro Ubaldi, 2016. 208 p. (Obras completas de Pietro Ubaldi, 13).
14. _____. **O Sistema:** Gênese e estrutura do Universo. Tradução de Carlos Torres Pastorino. Brasília, DF: Instituto Pietro Ubaldi, 2012. 320 p. (Obras completas de Pietro Ubaldi, 14).
15. _____. **A Grande Batalha.** Tradução de Carlos Torres Pastorino. 4. ed. Rio de Janeiro: Fraternidade Francisco de Assis, ????. 210 p. (Obras completas de Pietro Ubaldi, 15).
16. _____. **Evolução e Evangelho.** Tradução de Carlos Torres Pastorino. 3. ed. Rio de Janeiro: Fraternidade Francisco de Assis, ????. 235 p. (Obras completas de Pietro Ubaldi, 16).
17. _____. **A Lei de Deus.** 3. ed. Rio de Janeiro: Fundação Pietro Ubaldi, 1984. 257 p. (Obras completas de Pietro Ubaldi, 17).
18. _____. **A Técnica Funcional da Lei de Deus.** Tradução de Ruth Maria Chaves Martins e Marly de Oliveira. Brasília, DF: Instituto Pietro Ubaldi, 2014. 200 p. (Obras completas de Pietro Ubaldi, 18).
19. _____. **Queda e Salvação.** Tradução de Clóvis Tavares. 3. ed. Campos de Goytacazes, RJ: Instituto Pietro Ubaldi, 2016. 358 p. (Obras completas de Pietro Ubaldi, 19).
20. _____. **Princípios de uma Nova Ética.** Brasília, DF: Instituto Pietro Ubaldi, 2014. 308 p. (Obras completas de Pietro Ubaldi, 20).
21. _____. **A Descida dos Ideais.** Tradução de Manuel Emygdio da Silva. 2. ed. Campos de Goytacazes, RJ: Instituto Pietro Ubaldi, 2016. 368 p. (Obras completas de Pietro Ubaldi, 21).
22. _____. **Um Destino Seguindo Cristo.** Tradução de Manuel Emygdio da Silva. Campos de Goytacazes, RJ: Instituto Pietro Ubaldi, 2016. 408 p. (Obras completas de Pietro Ubaldi, 22).
23. _____. **Pensamentos:** Como orientar a própria vida. Tradução de Vasco de Castro Ferraz. 4. ed. Campos de Goytacazes, RJ: Instituto Pietro Ubaldi, 2015. 216 p. (Obras completas de Pietro Ubaldi, 23).
24. _____. **Cristo.** Tradução de Manuel Emygdio da Silva e Romano Galeffi. 3. ed. Campos de Goytacazes, RJ: Fundação Pietro Ubaldi, 1988. (Obras completas de Pietro Ubaldi, 24).



Todo mundo pode mudar o Mundo!